

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TRADICIONALISMO GAÚCHO E ITALIANIDADE:
construção de identidades em Caxias do Sul (1950 – 2010)

Bolívar Kieling Júnior

Orientador:

Prof. Dr. Alessander Mário Kerber

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TRADICIONALISMO GAÚCHO E ITALIANIDADE:
construção de identidades em Caxias do Sul (1950 – 2010)

Bolívar Kieling Júnior

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em História.

Orientador:

Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber

Maio de 2021

Porto Alegre

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Pranke

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Igor Teixeira

VICE-COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Arthur Lima de Avila

COORDENADORA DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Fabiana Hennies Brigidi

CIP - Catalogação na Publicação

Kieling Júnior, Bolívar
Tradicionalismo gaúcho e italianidade: construção
de identidades em Caxias do Sul (1950- 2010) / Bolívar
Kieling Júnior. -- 2021.
451 f.
Orientador: Alessandro Kerber.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Identidade regional. 2. Identidade étnica. 3.
Imaginário social. I. Kerber, Alessandro, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bolívar Kieling Júnior

TRADICIONALISMO GAÚCHO E ITALIANIDADE:
construção de identidades em Caxias do Sul (1950 – 2010)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Porto Alegre, 4 de junho de 2021.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Alessander Kerber
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carla Brandalise
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luciana Murari
Escola de Humanidades
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Luis Fernando Beneduzi
Dipartimento di Studi Linguistici e Culturali Comparati
Università Ca' Foscari Venezia

Mariluci Vargas
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Em uma das tantas teses e dissertações analisadas para a execução deste trabalho, percebi uma autora mencionar que a seção de agradecimentos era uma parte que sempre gostava de ler por “revelar o lado humano da pesquisa empírica”. Notei que também costumo direcionar minha atenção a este trecho, por motivo idêntico. Se a redação de uma tese é uma trajetória solitária e até marcada por algum grau de reclusão social, ler os agradecimentos escritos por alguém que já viveu situação similar traz certa sensação de cumplicidade, junto às reflexões sobre aqueles que nos ajudaram a trilhar este caminho.

Com tais reflexões, vem à lembrança muitas participações, sejam afetivas ou intelectuais. Listar todas incorreria em uma lista demasiadamente extensa, com o risco de não mencionar apoios decisivos, por vezes pontuais, mas igualmente importantes.

Se não é simples elencar todos que ajudaram a chegar neste momento, é mais difícil ainda construir textualizações que comuniquem a gratidão que gostaria de expressar àqueles que não posso deixar de citar neste espaço. Considerando a limitação da minha habilidade de construção textual frente à altura da tarefa, me atenho ao comedimento que cabe a qualquer espaço textual de uma tese. Serei breve.

Agradeço aos meus familiares. Ao meu pai, Bolívar, pelo carinho e apoio aos estudos desde a infância. À minha mãe, Anelice, pelo amor incondicional, pelo exemplo pessoal de força e luta e pelos incentivos constantes.

Agradeço à Camila, minha noiva, mãe do meu filho e companheira de todas as horas, pelo incentivo e carinho mesmo diante dos momentos mais exigentes desta pesquisa.

À minha tia Nádia, pelas conversas sobre o tema e sobre os meandros da vida acadêmica.

Ao Emílio, amigo de décadas, com o qual travei discussões sobre o assunto que trouxeram considerações importantes.

Às professoras e professores da graduação na Universidade de Caxias do Sul, em especial Loraine Slomp Giron (*in memoriam*) e Roberto Radünz, com os quais tive a oportunidade de participar de projeto de pesquisa através de bolsa de iniciação científica e desenvolver as primeiras noções sobre como proceder em uma pesquisa acadêmica.

À professora Natália Pietra, com quem pela primeira vez discuti em âmbito acadêmico sobre o objeto desta tese, ainda em 2011, no curso de especialização em História Regional

pela Universidade de Caxias do Sul. Seu incentivo inicial sobre a pertinência do tema foi fundamental para que começasse a olhar para ele de forma séria.

À professora Vânia Herédia, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso desta especialização, que viria a ser o bojo do projeto de pesquisa do mestrado, pelos apontamentos e apoio imprescindíveis.

À professora Regina Weber, com quem estabeleci o primeiro contato sobre a viabilidade do projeto de pesquisa do mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que teceu considerações fundamentais para que fosse aperfeiçoado.

Agradeço ao professor Alessandro Kerber, pela orientação dedicada, atenta e cuidadosa. A ele devo muito da minha trajetória na pós-graduação. Não posso deixar de agradecer pela confiança que depositou em mim quando me aceitou como orientando ainda no mestrado, em 2013, e por tê-la reiterado ao ser meu orientador do doutorado.

Também destaco seu suporte no recorte do objeto de pesquisa e suas leituras minuciosas e criteriosas, fundamentais para corrigir análises açodadas ou superficiais. Boa parte da qualidade que se encontra nesta tese se deve a ele. As deficiências que persistem são de minha responsabilidade.

Aos entrevistados e às lideranças dos CTG pesquisados, por terem aceitado compartilhar aspectos de suas trajetórias pessoais e por terem disponibilizado materiais que enriqueceram de forma decisiva o conjunto de fontes desta pesquisa, além da receptividade afável e prestativa.

Por fim, agradeço a oportunidade de ser aluno da “pública, gratuita e de qualidade” Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Devo a tais atributos desta instituição a minha vida acadêmica após a graduação.

“O controle do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças. [...] Uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e controle do tempo coletivo no plano simbólico. Esses imaginários intervêm ativamente na memória coletiva, para a qual, como dissemos, os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram. Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro.”

Bronislaw Baczko

RESUMO

Esta tese tem como eixo central a construção da identidade regional tradicionalista relacionada com a identidade étnica italiana no município de Caxias do Sul – RS, entre os anos de 1950 e 2010. Pretende-se analisar como as diferentes conjunturas históricas impactaram na construção de representações e narrativas destas duas identidades, gerando ressignificações, abandono de alguns sentidos e realces de outros visando à manutenção da legitimidade de ambas para seus portadores perante o imaginário da sociedade caxiense.

A identidade regional tradicionalista, ou o tradicionalismo, tem se estabelecido, nas últimas décadas, de forma bastante eficaz promovendo uma determinada versão acerca da identidade sul-rio-grandense. Surge na segunda metade do século XX entre jovens urbanizados egressos do interior pastoril do estado e recém-estabelecidos em Porto Alegre. Em poucas décadas, espalha-se por várias cidades do estado, através de clubes submetidos ao MTG, uma instituição hierarquizada com fins de controle e regulamentação das representações relativas a esta identidade. Na década de 1980, o movimento amplia sua penetração social e nesta e na próxima década se massifica.

O estabelecimento desta identidade regional não ocorreu de maneira uniforme nos diferentes grupos sociais que compunham a sociedade sul-rio-grandense, notadamente de caráter multiétnico devido às múltiplas correntes migratórias que a formaram e às diferentes dinâmicas sociais de estabelecimento de identidades étnicas destes grupos.

No caso de Caxias do Sul, a segunda maior cidade do estado e polo regional da Região de Colonização Italiana, o tradicionalismo teve seus primeiros grupos na década de 1950, mas com pouca capilaridade social e relativa visibilidade. Foi a partir da década de 1970 que passou a contar com uma quantidade significativa de adeptos e visibilidade, com grande crescimento nas décadas de 1980 e 1990. Nos anos 2000, a cidade tornou-se reconhecida como a capital mundial dos CTGs, por ser a que concentrava o maior número deste tipo de agremiação no mundo inteiro.

Dentro deste recorte temporal, também foi sendo continuamente configurada a italianidade, uma identidade étnica remissiva aos imigrantes italianos e seus descendentes, com atributos diacríticos bem demarcados e performatizada durante a principal festividade local, a Festa da Uva. Relativa à maior parte da população e à elite econômica local, tem por base um caráter contrastivo, o que exige sua análise quando se procura compreender qualquer processo de construção identitária na sociedade caxiense.

Nesta pesquisa, foram utilizados vários tipos de fontes históricas, como bibliografia sobre o tema, álbuns comemorativos, materiais documentais próprios de CTG pesquisados e da instância regional do MTG, periódicos e entrevistas com lideranças tradicionalistas, construídas através dos procedimentos e métodos da história oral. Nas análises, foram utilizadas as ferramentas teóricas e conceituais de autores como Pierre Bourdieu, Bronislaw Baczko, Stuart Hall, Roger Chartier, entre outros.

Palavras-chave: Identidade regional. Identidade étnica. Imaginário social.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to carry out the construction of the traditionalist regional identity related to the ethnic identity of “italianidade” in the city of Caxias do Sul - RS, between the years 1950 and 2010. It is intended to analyze how the different historical situations impacted on the construction of representations and narratives of these two identities, generating resignifications, abandoning some senses and enhancing others in order to maintain the legitimacy of both identities towards the imaginary of Caxias do Sul society.

The traditionalist regional identity, or “tradicionalismo”, has been established in the last decades in a very effective way, promoting an specific version of the Rio Grande do Sul identity. It appears in the second half of the 20th century among urbanized young people from the countryside of the state and recently established in Porto Alegre. In a few decades, it has spread to several cities in the state through clubs submitted to MTG, a hierarchical institution with the purpose of controlling and regulating representations related to this identity. In the 1980s the movement expanded its social penetration and in the next decade it became a massive cultural movement

The establishment of this regional identity did not occur uniformly within the different social groups that comprised the society of Rio Grande do Sul, notably with a multi-ethnic character due to the multiple migratory currents and also as a consequence of a differentiated social dynamics stablishment of the ethnic identities of these groups.

In the case of Caxias do Sul, the second largest city in the state and regional center of the Italian Colonization Region, the “tradicionalista” movement emerged in the 1950s, but with little social capillarity and some visibility. However in the seventies the movement began to grow with a significant number of supporters and visibility, and increased considerably in the eighties and nineties. In the years 2000, Caxias do Sul was recognized as the world capital of CTGs, since it was the city that had the largest numbers of this type of association in the whole world.

Within this time frame, italianidade was also continually being shaped, as an ethnic identity remissive to Italian immigrants and their descendants, with well-demarcated diacritical attributes and performed during the main local festival, the Grape Festival. Relative to the majority of the population and the local economic elite, it is based on a contrasting character, which requires its analysis in order to understand any process of identity construction in the society of Caxias do Sul.

In this research, several types of historical sources were used, such as bibliography on the theme, commemorative albums, documentary materials of the researched CTG and of the regional MTG, journals and interviews with traditionalist leaders, constructed through the procedures and methods of oral history. The analyzes used theoretical and conceptual tools from authors such as Pierre Bourdieu, Bronislaw Baczko, Stuart Hall, Roger Chartier, among others.

Keywords: Regional identity. Ethnic identity. Social imaginary.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses entre os anos de 1950 e 1968. P. 130

Tabela 2 – Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses entre os anos de 1964 e 1979. P. 173

Tabela 3 - Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses entre os anos de 1980 e 2000. P. 234

Tabela 4 – Visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo jornal Pioneiro por seção do jornal. P. 237

Gráfico 1 – Total de páginas pesquisadas e total de menções encontradas e analisadas no jornal Pioneiro. 238

Gráfico 2 - Porcentual de páginas com menções ao tradicionalismo perante o total de páginas pesquisadas entre os anos de 1980 e 2000. P. 238

Gráfico 3 – Menções ao tradicionalismo encontradas em capas e contracapas do jornal Pioneiro entre os anos de 1980 e 2000. P. 239

Tabela 5 - Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses de 2001 a 2010. P.361

Gráfico 4 - Menções ao tradicionalismo encontradas em capas e contracapas do jornal Pioneiro de 2001 a 2010. P. 362

Gráfico 5 – Total de páginas pesquisadas e total de menções encontradas e analisadas no jornal Pioneiro de 2001 a 2010. P. 363

Gráfico 6 – Porcentual de páginas com menções ao tradicionalismo perante o total de páginas pesquisadas do jornal Pioneiro de 2001 a 2010. P. 364

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Joaquim Pedro Lisboa com integrantes da comissão organizadora da Festa da Uva nos anos 30. (ERBES, 2012, p. 28) P. 109

Figura 2 - Adélia Eberle, a primeira rainha da Festa da Uva, eleita em 1933. (ERBES, 2012, p. 47) P. 110

Figura 3 - Manifestação, em 1942, defende a troca do nome da Praça Dante Alighieri para Praça Rui Barbosa. (ERBES, 2012, p. 64) P. 112

Figura 4 - Olívia Terezinha Morganti, Rainha da Festa da Uva de 1950. (ERBES, 2012, p. 80) P. 113

Figura 5 - Prédio central da Metalúrgica Abramo Eberle visto a partir da praça central de Caxias do Sul. Acima do prédio, a réplica. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=423535>) P. 115

Figura 6 - Inauguração do Monumento ao Imigrante em 1950. (ERBES, 2012, p. 74) P. 117

Figura 7 - Presidente Jânio Quadros cortou a fita inaugural em 1961, junto com o governador Leonel Brizola. (ERBES, 2012, p. 111) P. 126

Figura 8 - Painéis centrais do CTG Rincão da Lealdade, com representações da Revolução Farroupilha, gaúcho declamando poesia para uma prenda e Caxias do Sul, da esquerda para a direita. Foto de 1967. Em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2018/05/memoria-ctg-rincao-da-lealdade-em-1967-10354255.html>. Acessado em 21/06/2018. P. 139

Figura 1: Nota publicada no jornal Panorama, em 17 de setembro de 1960, assinada pelo prefeito municipal caxiense Armando Biazus. P 142.

Figura 10 - Publicação da Metalúrgica Abramo Eberle no jornal Pioneiro de 1969 no dia da visita de Costa e Silva à Festa da Uva. (O GOVERNO QUE.... 1969, p. 5) P. 163

Figura 11 - Nota patrocinada por empresas caxienses em homenagem a Ernesto Geisel em página inteira publicada no Jornal de Caxias no dia de sua visita à Festa da Uva em 1975. (NO ENSEJO... 1975, p. 5) P. 167

Figura 12 - Nota da CIC de Caxias do Sul publicada no jornal Pioneiro em 18 de fevereiro de 1978, com Raul Randon ao lado de Geisel. (SAUDAÇÃO... 1978, p. 7) P. 170

Figura 13 - Capa do jornal Pioneiro de 21 de fevereiro de 1986. (SARNEY ABRE... 1986, p.1) P. 201

Figura 14 - Confronto entre manifestantes e a Brigada Militar no primeiro desfile da Festa da Uva de 1989. (ERBES, 2012, p. 183) P. 203

Figura 15 - Charge publicada no jornal Pioneiro no dia 27 de fevereiro de 1994, ironizando a polêmica no Carnaval com Itamar Franco. (PIONEIRO. 27 fev. 1994, p. 6) P. 210

Figura 16 - Cartaz da Festa da Uva de 1996. (ERBES, 2012, p. 308) P. 213

Figura 17 - Capa do jornal Pioneiro de 25 de fevereiro de 1996. Ao centro, segurando um exemplar do jornal, o presidente Fernando Henrique Cardoso. À sua esquerda sorrindo, o diretor-presidente da RBS, Nelson Sirotsky e atrás deste, o governador Antônio Britto. (FH: CAXIAS... 1996, p. 1) P. 215

Figura 18 - Capa do jornal Pioneiro de 18 de fevereiro de 2000. (FESTA... 2000, p. 1) P. 222

Figura 19 - Charge publicada no jornal Folha de Hoje, no dia 21 de setembro de 1994. Ao centro um gaúcho empobrecido, carregando um saco furado que alusivo ao estado e no canto, um caminhão de dinheiro rumo ao estado de Alagoas, representando como o Rio Grande do Sul seria prejudicado por conta da suposta distribuição desigual dos recursos nacionais. (FOLHA DE HOJE, 1994, p. 7) P. 257

Figura 20 - Foto publicada na edição de 15 de setembro de 1994 do periódico Folha de Hoje, tendo ao centro o prefeito Mário Vanin e à direita Sadi Camargo Bortolon. (DE VOLTA... 1994, p. 4) P. 263

Figura 21 - Publicado no jornal Pioneiro junto à matéria anterior. (NEGAR A DANÇA... 2000, p. 38) P. 273

Figura 22 - Cartaz da edição de 2006 da Festa da Uva. (ERBES, 2012, p. 309) P. 352

Figura 23 - Charge publicada no jornal Pioneiro em 18 de setembro de 2008, ironizando a aproximação de Pepe e Sartori à identidade regional gaúcha, com os dois discutindo qual seria mais "gaúcho". (PIONEIRO, 2008, p. 3) P. 386

SUMÁRIO

PRELÚDIO.....	14
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1 - PALIMPSESTOS IDENTITÁRIOS: O ESTABELECIMENTO DO TRADICIONALISMO NO RIO GRANDE DO SUL E DA ITALIANIDADE EM CAXIAS DO SUL ATRAVÉS DAS PERSPECTIVAS ACADÊMICAS.....	44
1.1 O Rio Grande do Sul e a emergência de um regionalismo	44
1.2 O Tradicionalismo	48
1.3 Identidade regional, tradicionalismo e mídia.....	58
1.4 Efeitos de uma identidade regional tradicionalista estabelecida: o tradicionalismo fora do Rio Grande do Sul, circularidade, política, mercado publicitário, bens de consumo e casos específicos.....	65
1.5 Caxias do Sul e a italianidade	79
CAPÍTULO 2 – ITALIANIDADE E TRADICIONALISMO EM CAXIAS DO SUL ENTRE 1950 E 1963: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE VINCULAÇÕES AO BRASIL E A BUSCA POR LEGITIMIDADE HISTÓRICA.....	106
2.1 O destaque ao papel civilizatório e à operosidade dos imigrantes italianos na projeção da italianidade nas primeiras edições da Festa da Uva e pela ação do <i>fascio</i> local.....	107
2.2 Trabalho e “brasilidade” na reconfiguração da italianidade por meio da Festa da Uva durante a década de 1950.....	112
2.3 Rádio, Centros de Tradição Gaúcha e vinculações com a italianidade como primeiros vetores do regionalismo gaúcho e do tradicionalismo em Caxias do Sul.....	127
2.4 A busca por legitimação em associações históricas, ritualizações e vínculos com o campo político no tradicionalismo em Caxias do Sul entre 1950 e 1963.....	140
CAPÍTULO 3: A CENTRALIDADE DO PATRIOTISMO NOS SISTEMAS DE REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES SOCIAIS EM CAXIAS DO SUL DURANTE A DITADURA MILITAR.....	156
3.1 Trabalho e progresso voltados para o desenvolvimento da pátria nas edições Festa da Uva durante a ditadura militar	157
3.2 Tradicionalismo em Caxias do Sul durante a ditadura militar e vinculações com a imigração italiana.....	170
3.3 Um tradicionalismo “autêntico” na reorganização das festividades da Semana Farroupilha em meados de 1970.....	184
3.4 O tradicionalismo no campo político-eleitoral caxiense em fins da década de 1970 e o choque com a “desmistificação”.....	191
CAPÍTULO 4 – O CONTEXTO DE CRISE ECONÔMICA NA CONSTRUÇÃO DA ITALIANIDADE E DO TRADICIONALISMO: A SUPERAÇÃO DE ADVERSIDADES E A TENSÃO ENTRE O RIO GRANDE DO SUL E O BRASIL.....	196
4.1 Ressignificações sobre a “superação de adversidades” e a culpabilização alheia pela falta de progresso moldando a italianidade em tempos de crise econômica.....	197

4.2 Italianidade da Região de Colonização Italiana nos meios de comunicação de massa em nível nacional: A Festa da Uva embarca no sucesso de filmes e novelas entre 1996 e 2004.....	211
4.3 A cobertura da Semana Farroupilha em Caxias do Sul pelos periódicos locais entre 1980 e 2000: linhas editoriais e análise da visibilidade conferida pelo Pioneiro ...	230
4.4 A profusão de múltiplas narrativas durante a popularização do tradicionalismo em Caxias do Sul entre 1980 e 2000.....	240
CAPÍTULO 5 – OS CENTROS DE TRADIÇÃO GAÚCHA DE TRABALHADORES DE GRANDES EMPRESAS CAXIENSES: ANÁLISE DE MEMÓRIA E IDENTIDADE DE LÍDERES TRADICIONALISTAS.	276
5.1 Funcionamento e organização de um Centro de Tradição Gaúcha.....	279
5.2 – O CTG Os Carreiros, de funcionários da Randon	281
5.3 – O CTG Velha Carreta, de funcionários da Fras-le.....	297
5.4 – O CTG Marco da Tradição, de funcionários da Marcopolo	308
5.5 – O CTG Sinuelo, de funcionários da Mundial	319
5.6 Quem somos e como somos vistos: autocaracterização e posicionamento dos CTG e do tradicionalismo em Caxias do Sul em narrativas de participantes de Centros de Tradição Gaúcha de trabalhadores de grandes empresas.....	333
5.7 A ação da mídia e do Pioneiro frente ao tradicionalismo de acordo com tradicionalistas	344
CAPÍTULO 6 – NOVOS SENTIDOS PARA A ITALIANIDADE E O TRADICIONALISMO EM CAXIAS DO SUL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: BUSCA PELA MULTICULTURALIDADE, SINCRETISMO DE NARRATIVAS, PASTEURIZAÇÃO DE POLÊMICAS E CAMPO POLÍTICO.	350
6.1 A repaginação multiétnica nas edições da Festa da Uva entre 2006 e 2012: uma Caxias multicultural, mas nem tanto.....	351
6.2 Visibilidade e espaço publicitário no tradicionalismo através dos periódicos em Caxias do Sul entre 2001 e 2010.....	361
6.3 A Capital Mundial dos Centros de Tradição Gaúcha., esforço propagandístico e pedagógico da mídia sobre o tradicionalismo e sua inserção decisiva no campo político em Caxias do Sul entre os anos 2001 e 2010.....	366
CONCLUSÕES	389
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	407
FONTES PESQUISADAS	418
Arquivos e bibliotecas consultadas	418
Depoimentos	418
Documentos sem autoria.....	419
Informativos das empresas.....	419
Artigos e matérias de jornais.....	420
ANEXO A	429
ANEXO B	446

PRELÚDIO

O queijo, as bombachas e o objeto

Por volta dos primeiros anos do século XXI, na condição de adolescente amparado em uma pobre compreensão das premissas marxistas para conferir inteligibilidade aos fatos sociais e históricos, uma imagem mental, construída através de relatos orais provenientes de diferentes pessoas, intrigava-me de forma aguda.

Tal imagem relacionava-se à recorrência de um ato cercado de simbolismos. Nela, um notório empresário caxiense de idade avançada, carismático e com amplo reconhecimento social, pilchava-se e dirigia-se aos pavilhões da Festa da Uva, onde havia um acampamento tradicionalista alusivo às comemorações da Semana Farroupilha. Lá se encontrava com alguns dentre os seus milhares de funcionários, também trajados de acordo com a ritualística, reunidos em um galpão designado como da empresa, e dividia um queijo de proporções métricas, produzido por um empreendimento agropecuário também de sua propriedade.

Dentro desta imagem mental, acrescentam-se os relatos de satisfação destes funcionários, na medida em que o chefe, figura destacada na sociedade local, compartilhava com eles dos mesmos signos identitários e comemorava o mesmo ideário regionalista, com suas inerentes construções mitológicas.

Materializado de forma *sui generis* com o queijo presenteado, tal ritual ligava o empresário a seus funcionários. Ele positivava-se com a alcunha de humilde e altruísta, em muito devido à forma ostensiva como prestava reconhecimento e valorização aos seus funcionários, indo além dos discursos simples e atitudes politicamente corretas que tais gratulações solenes geralmente supunham. Além disso, despojava-se de seu “capital étnico”, vinculado ao êxito econômico da elite industrial, para compartilhar as representações identitárias ambigualmente homogeneizantes e hierárquicas do tradicionalismo. Por tais atos, os funcionários sentiam-se umbricalmente ligados ao patrão e valorizados, já que suas manifestações culturais exercitadas em seus esparsos momentos de lazer eram compartilhadas por uma figura heroicizada no imaginário local.

O evento era majoritariamente compreendido pela sociedade local também de forma positivada, como um momento de comunhão entre um empresário visto como magnânimo e humilde e funcionários dedicados e orgulhosos, com a chancela do culto às nobres tradições gauchescas, remissivas a um passado de bravura, valentia e intrepidez.

Diante deste cenário, é possível antecipar quais as interpretações que poderiam se efetuar por meio de uma leitura social baseada em simplificações da abordagem marxista. De fato, mesmo sem conhecer trabalhos já existentes sobre a temática e de abordagens aproximadas, como os de Gonzaga & Dacanal (1980), Tau Golin (1983), Ruben Oliven (1992), Sandra Pesavento (1993) e Nilda Jacks (1997), pensava a situação como a culminância concreta da incapacidade de elaboração de uma perspectiva crítica de mundo por parte dos trabalhadores. Esta imagem mental enfileirava-se a tantos outros processos sociais envoltos pela ideologia dominante, que tinha como função esmorecer qualquer possibilidade de emergência de uma consciência proletária entre a grande massa de trabalhadores assalariados.

Essa conclusão arrefecia ainda mais minhas ingênuas perspectivas de mudanças sociais em prol de uma sociedade justa e igualitária. Questionava-me como os funcionários poderiam aceitar a dura labuta diária e o baixo salário em contraste com a opulência e *glamour* de seus patrões, visíveis por meio da posse de bens que a sociedade de consumo oferta e instiga a todos, mas torna acessível somente aos abastados. Ou como poderiam admirá-los pela trajetória empreendedora, sem perceber que era através do pagamento reduzido às suas tarefas cotidianas que estes patrões angariavam os lucros fomentadores de seu enriquecimento contínuo? Ainda mais embasbacado, questionava como meros rituais saudosistas a um modo de vida distante e há muito inexistente e o presentear de um pedaço de queijo poderiam revestir com ares de sacralidade tal relação.

Rememorando tais questionamentos, percebo como demonstravam muito mais a distância entre meu ponto de observação e a realidade analisada do que minha indignação teórica. Demonstravam a falta de conhecimento aprofundado do objeto, de uma necessária sensibilidade acerca dos fenômenos sociais, mas acima de tudo, a desconsideração da distância entre minha inteligibilidade de mundo e a das pessoas envoltas naquela imagem mental, sem a preocupação em entender a construção destas diferentes inteligibilidades também como processos sociais e históricos. Imputar a estas celebrações a caracterização de uma mera manobra de arrefecimento da luta de classes implicava, como diria Max Weber, num juízo de valor ante um juízo de fato.

Anteriores ao meu ingresso no curso de graduação em História, tais perspectivas sobre a associação entre o tradicionalismo e as relações de trabalho em Caxias do Sul se engessaram. De fato, dispensei pouca atenção a essa temática em minha graduação. Os estudos ali desenvolvidos trouxeram ao meu alcance novas perspectivas interpretativas dos

fenômenos sociais, com maior capacidade de aproximação e explicação dos objetos. Os conceitos de ideologia e luta de classes demonstraram-se muito mais complexos do que supunha ao aplicá-los na análise da referida imagem mental. As relações de trabalho deixaram de ser o único ponto de partida plausível para a interpretação de uma realidade social

Quando passei a pensar novamente sobre o assunto, a partir da realização de um curso de Especialização em História Regional na Universidade de Caxias do Sul, pude perceber que a temática se desenhava muito mais complexa em relação à minha assertiva juvenil. Informado de uma ampla gama de pressupostos analíticos historiográficos e das ciências sociais, além de acessar trabalhos com temáticas próximas, percebi uma complexa tessitura de processos sócio-históricos: fenômenos identitários étnicos e regionalistas, migrações, disputas sobre o controle de bens simbólicos por grupos sociais, relações de trabalho, relações políticas.

Considerando o tema sob estas perspectivas novas e mais amplas, esbocei um objeto de estudo que permitiria a análise da ascensão do tradicionalismo em Caxias do Sul, centrado em instituições fulcrais para este processo: os Centros de Tradição Gaúcha (CTG) fundados por funcionários das empresas metal-mecânicas locais. Estes espaços de sociabilidade constituídos especificamente para a construção de uma identidade de caráter regionalista estão estreitamente relacionados ao mundo do trabalho no qual seus partícipes estão imersos - devido ao fato de suas relações interpessoais remeterem ao local de trabalho e estes CTG se situarem em espaços físicos disponibilizados pelas próprias empresas.

Tal temática foi o objeto de pesquisa de minha dissertação de mestrado, concluída em meados de 2015. Este estudo propiciou a produção de um conjunto significativo e inédito de explicações sobre esta ascensão do tradicionalismo na cidade: sua construção esteve em parte relacionada a elementos e figuras vinculadas à italianidade; foi marcada pela importância do fenômeno migratório interno que se intensificou a partir da década de 1970 e trouxe um grande contingente populacional dos Campos de Cima da Serra e de outras regiões para a cidade; e teve como vetor fundamental a ação da mídia na promoção e posituação desta identidade regional tradicionalista.

Estes três eixos explicativos demonstraram-se suficientes na compreensão da problemática erigida em torno do objeto de então. Entretanto, o estudo do tema com este recorte trouxe à tona um conjunto ainda maior de fenômenos sociais que careciam de análise sobre o tradicionalismo e a italianidade em Caxias do Sul, análises que poderiam trazer contribuições tanto ao campo de estudos da italianidade como da identidade regional

tradicionalista, sobre a relação das identidades sociais com as conjunturas históricas e com o campo político. E foi em torno destes fenômenos que se construiu o objeto desta tese, bem como seus recortes temporais e espaciais.

Trabalhadores em uma manhã de inverno

Após a conclusão de um curso de Mestrado e defesa de uma dissertação sobre um determinado tema, imagina-se que a elaboração de uma tese que avance na temática, ampliando o escopo a novas e importantes problemáticas que foram percebidas seja um caminho natural a seguir e, de certa forma, mais fácil do que iniciar uma pesquisa da estaca zero.

Entretanto, a amplitude do tema, junto à grande quantidade de processos históricos interconexos que aborda, revelava um desafio complexo para resultar em uma análise minimamente qualificada. Somavam-se a isto as pretensões deste pesquisador, que objetivava gerar uma tese que abordasse o tema de forma contundente, tendo por base o esforço investigativo sobre ampla quantidade de fontes e visando a apontamentos com incontroversa capacidade explicativa sobre o tema. Pretensões iniciais talvez exageradas, que foram pouco a pouco sendo confrontadas e moldadas ao objeto, que se demonstrava cada vez mais transpassado por processos históricos variados.

Acredito que tal inquietude é algo comum a quem pesquisa a história e a sociedade na intenção de construir propostas explicativas sobre a mesma, mas é também geradora de situações inusitadas. Lembro especificamente de uma manhã gélida e chuvosa como tantas outras do inverno caxiense, quando me dirigia a uma nova unidade de trabalho, a substituir uma professora em licença e pela primeira vez me deparei com a fila quilométrica dos ônibus que transportam funcionários para o turno diário de uma das grandes empresas locais. Em plena BR-116, tentando me imiscuir na fila de ônibus para acessar a pista da direita e adentrar na rua que necessitava percorrer para chegar ao destino, estava impressionado diante de uma cena digna de filmes distópicos. Escuro, frio, chuva fina, várias dezenas de ônibus ocupados de trabalhadores, fumaça de escapamento e luzes vermelhas de freios em destaque formavam um cenário artificial, maquinal, sombrio, pesado. Estaria no meio de uma cena de *Blade Runner*? Harrison Ford surgiria por detrás de algum ônibus, cruzando a via à caça de replicantes?

Mesmo àquela altura da manhã, a estranheza diante deste cenário não foi suficiente para me afastar das inquietudes centrais de um doutorando, e o pensamento sobre o objeto da tese emergiria de forma incontornável. Não estava em campos e rodeios observando cavaleiros laçando terneiros e reproduzindo materialmente a figura símbolo do imaginário social gaúcho, pesquisando jornais em arquivos ou em algum CTG entrevistando tradicionalistas e procurando fontes. Estava diante do mesmo cenário enfrentado pelos trabalhadores, aqueles mesmos pautados por sentidos que dão inteligibilidade ao mundo condensados em modelos identitários que foram o objeto central das minhas pesquisas. Da mesma forma que eu, estes trabalhadores estavam ali, muito provavelmente com sono, talvez alguns também levemente resfriados, dirigindo-se ao trabalho não por prazer ou por gozo, mas pela mesma necessidade material que me levava a sair de casa naquele horário em um dia pouco propício.

Quanto daqueles que estavam nos ônibus seriam tradicionalistas, próximos ao movimento ou portadores da italianidade, pouco importava. Quanto dos que ali estavam teriam suas identidades sociais analisadas de forma direta pela minha pesquisa também pouco importava. Bastava-me pensar que muitos dos que entrevistei, estes sim similares a tantos outros, provavelmente dirigiam-se ao trabalho desta forma. E naquele momento, talvez um segundo episódio epifânico que vivenciava em torno do objeto desta tese, imaginava conjugar instantaneamente das mesmas dores, necessidades e ímpetos que caracterizam a massa operária local. Aquela manhã fria e chuvosa expunha uma faceta industrial distante daquelas reiteradas construções imagéticas do perfil industrial de Caxias do Sul que remetem a operários sorridentes, ou mesmo soldadores mascarados focados, vestidos de jalecos e executando suas tarefas em empresas por vezes premiadas por revistas de negócios como “as melhores para se trabalhar no Brasil”.

Antes de qualquer possível interpretação acelerada, destaco que nunca me imaginei distante do proletariado local. Se não bastassem minhas próprias construções ideológicas, a vida laboral de professor é suficientemente rigorosa para nos enredar em uma teia de autorreconhecimento social enquanto parte da massa proletária, e sob um olhar amplo, separado da vida fabril do setor secundário por detalhes. As novas ponderações que o momento propiciou, e que tenham emergido provavelmente mais por conta do cenário futurístico e sombrio, realçaram a importância do compromisso em compreender a construção e apropriação de elementos representativos defendidos de forma tão tenaz pelas pessoas como sua identidade social, talvez acentuado por perceber que suas execuções performáticas

relacionam-se aos esparsos momentos de lazer e fruição de que dispõe, sendo muitos destes, trabalhadores com os quais imagino compartilhar os por vezes exaustivos compromissos da vida proletária.

Outra consequência importante desta reflexão inesperada, ao contrário do que parece supor, é que reforçou o afastamento de um possível compromisso explicativo sobre o tema revestido de ares messiânicos, no qual as pretensões iniciais antes referidas poderiam ter encontrado alguma impulsão. Se a formação enquanto historiador e sua intrínseca apropriação teórica, bem como a realização de uma dissertação a respeito do tema já sinalizavam para uma necessária humildade quando se procede na análise dos processos históricos, esta reflexão trouxe de forma ainda mais candente a percepção de que pretender explicar e dirimir a complexidade de parte das relações sociais historicamente construídas de forma cabal é algo inatingível.

Embora contenha uma natureza intimista que possa soar indevida a uma racionalização acadêmica, procuro com este registro explicativo relacionar o processo de elaboração do objeto às pretensões de análise deste estudo. Considero importante informar a trajetória de construção da problemática de pesquisa, na medida em que ela não emerge da realidade social para o escrutínio do pesquisador em um fugidio momento de inspiração, como tampouco desprovida de juízos de valor, favoráveis ou críticos. De fato, registro-a por considerar que a posição política do pesquisador está imbricada na própria idealização do objeto, e que a análise empreendida no seu estudo não deve estar pautada por uma sub-reptícia busca por neutralidade, retoricamente mascarada. A busca pelo rigor científico se caracteriza pela intensa aproximação ao objeto, pela auto vigilância em não lhe imputar preconceitos, pela atenção aos seus detalhes e, principalmente, pela humildade implícita na difícil tarefa de abstrair a realidade social, sempre absurdamente complexa, em textualizações interpretativas com um arremedo teórico potencialmente explicativo.

INTRODUÇÃO

O objeto central desta pesquisa é a construção de uma identidade regional tradicionalista relacionada com a construção da italianidade na cidade de Caxias do Sul, localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1950 e 2010. Sob uma perspectiva analítica diacrônica, qualificarei estes processos como um “jogo identitário” (HALL, 2006, p. 20), pautados por dinâmicas inter-relacionadas de avanços, recuos e posicionamentos dos modelos identitários e de seus portadores dentro do universo simbólico da sociedade local.

Há uma historiografia constituída a respeito da construção destas duas identidades. No que se refere à identidade regional tradicionalista, destacam-se Gonzaga & Dacanal (1980), Jacks (2003), Maciel (1984), Oliven (1992), Pesavento (1993) e Nedel (2005), e relativo à italianidade em Caxias do Sul, Beneduzi, (2004), Giron (1994), Santos (2004), Herédia (2005), Kanaan (2008) e Mocellin (2008). Tais estudos trazem importantes considerações, que serão aproveitadas e cotizadas com a análise de fontes no decorrer deste trabalho. Entretanto, não abordam as disputas e relações entre estes dois modelos identitários, que é onde repousa o ineditismo desta tese.

O recorte temporal proposto inclui a emergência e a consolidação destas identidades coletivas no imaginário social, em meio a disputas simbólicas marcadas pela elaboração e execução de estratégias de grupos e indivíduos por reconhecimento, valorização e posicionamento social. Embora a construção de elementos representativos de uma italianidade na cidade possa ser rastreada ainda em fins do século XIX, há uma série de novas nuances e ressignificações importantes com a expansão econômica local, intensificada a partir da década de 1950, quando a inauguração do Monumento ao Imigrante marcou a reaproximação da elite local com o governo central e estadual após a Campanha da Nacionalização que ocorreu na década anterior. É a partir desta mesma década que começou a formação dos primeiros grupos voltados às manifestações do então incipiente movimento tradicionalista, impingindo a estas construções identitárias narrativas e sentidos produzidos em um mesmo contexto e com interdependência.

Tal cenário, na década de 1950, justifica o início do recorte temporal do objeto. Quanto ao término deste recorte, decidiu-se pelo ano de 2010 pelo fato dele encerrar uma década que se caracterizou pelo incremento muito acentuado da popularidade do movimento

tradicionalista na cidade, além de demonstrar um crescente grau de complementaridade com a italianidade e impactos decisivos no campo político-eleitoral local.

O município de Caxias do Sul, lócus dos processos históricos visados para esta pesquisa, é o maior centro urbano da Região de Colonização Italiana¹ (RCI) e foi o principal destino no sul do país para os imigrantes da península itálica atraídos para o Brasil através de campanhas promovidas em sua terra de origem por empresas contratadas pelo governo imperial, que visava a colonizar territórios não ocupados por europeus e seus descendentes em fins do século XIX. Esta ocupação foi marcada pelo loteamento de pequenas propriedades familiares visando à produção agrícola de subsistência e de gêneros alimentícios diversos para o mercado interno.

Poucas décadas após seu estabelecimento, estas colônias tiveram sucesso em sua proposta inicial. A colônia que se tornaria o município de Caxias do Sul foi favorecida por alguns fatores particulares vinculados à sua posição espacial. A proximidade com os Campos de Cima da Serra, já ocupados por luso-brasileiros e caracterizados pela criação de gado, tornou a localidade um entreposto comercial entre esta região e o sul do estado². Já no início do século XX, o município concentrava casas comerciais responsáveis pelo intermédio entre os produtores e os atravessadores, possibilitando alguma acumulação de capital. Algumas destas casas comerciais dedicavam-se a atividades manufatureiras que, no contexto de fomento à indústria nacional a partir da década de 1930, rapidamente se expandiram em fábricas metalúrgicas com produção de itens razoavelmente diversificados.

No decorrer da segunda metade do século XX, a cidade de Caxias do Sul passou por desenvolvimento econômico intenso, tornando-se o segundo polo econômico do estado, atrás apenas da região metropolitana. Destacou-se o setor secundário (metal mecânico, moveleiro,

¹ A imigração italiana no território que compreende atualmente o estado do Rio Grande do Sul teve como destino espacial majoritário esta região. Entretanto, houve outros importantes espaços de colonização de imigrantes italianos, como a colônia de Silveira Martins, próximo à cidade de Santa Maria, na região central do estado e na cidade de São Lourenço do Sul, próximo a Pelotas, no sul do estado, que não serão abordados nesta pesquisa. A Região de Colonização Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul (ou da Serra Gaúcha) compreende o território de escarpas limitado a sul pela área de vales dos Rios Taquari e Caí, e a norte pelos Campos de Cima da Serra. Atualmente engloba 38 municípios, a grande maioria com poucos milhares de habitantes. Os principais municípios da região, cada qual com centenas ou dezenas de milhares de habitantes, que experienciaram de forma mais decisiva processos de industrialização em seus centros urbanos são os municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, São Marcos, Garibaldi, Carlos Barbosa, Guaporé, Flores da Cunha e Veranópolis.

² “Por sua localização geográfica, num centro de passagem para outras colônias, Caxias conhece um desenvolvimento econômico mais rápido que as demais. Além da forte produção agrícola dos seus moradores, servia de entreposto comercial entre os Campos de Cima da Serra, as colônias do Nordeste e Porto Alegre”. In: (COSTA, 1975, p. 169)

bens de produção, bens de capital, bens de consumo), que atraiu significativos contingentes populacionais de regiões próximas como mão de obra, gerando demanda em atividades dos ramos de serviços e comércio e a expansão do setor terciário³. E foi este desenvolvimento econômico o principal elemento arrolado para representar de forma positivada uma identidade coletiva dos descendentes de imigrantes durante o século XX: a italianidade.⁴

A historiografia aponta alguns processos de construção de elementos valorativos da italianidade na RCI nas primeiras décadas do século XX, concentrados na realização de algumas edições de festas comemorativas, como a Festa da Uva, e nas comemorações do cinquentenário da imigração, com a confecção de um álbum comemorativo. A partir da segunda metade do século XX, esta construção identitária passa a apresentar também um relativo caráter contrastivo, efetuada na oposição *nós versus outros*. Estes outros utilizados como base comparativa aos descendentes de imigrantes italianos foram em especial os luso-brasileiros, parte majoritária do contingente migratório de regiões do interior do Rio Grande do Sul para a cidade de Caxias do Sul. Desta forma, a construção da italianidade durante as primeiras décadas da segunda metade do século XX teve como uma de suas configurações centrais o atrelamento da pujança econômica à representação de que haveria um *ethos* do trabalho e de empreendedorismo singular dos imigrantes italianos e seus descendentes.

A necessidade por mão de obra das grandes indústrias caxienses foi o principal fator de atração destes migrantes internos. Este processo migratório se intensificou gradualmente a partir de 1950, sendo que após 1990 já se passa a questionar a predominância numérica de uma população de descendentes de imigrantes italianos. Entretanto, o discurso local que conferiu aos portadores da italianidade a responsabilidade do desenvolvimento econômico também efetuou as clivagens e diferenciações simbólicas entre os estabelecidos e os *outsiders*, reforçando estereótipos e legitimando diferentes papéis e posições sociais dos indivíduos e grupos na sociedade local. Durante o século XX, a italianidade assume um papel de

³ Herédia aponta cinco fases no desenvolvimento econômico de Caxias do Sul, destacando a quarta entre a década de 1950 e 1980. “Nessa etapa, Caxias do Sul expande sua economia, tendo como investimentos a modernização da sua indústria através da ampliação das plantas de suas unidades produtivas e da importação de equipamentos modernos em todos os ramos industriais. [...] Nesse momento, além da criação de fábricas de pequeno e médio porte, foram criadas empresas de grande porte, que se originaram de capital formado por outras empresas e por crédito obtido no mercado financeiro. A formação de grupos marcou definitivamente o diferenciamento de investimentos, bem como a consolidação da indústria caxiense, orientada por administração profissional, ao invés das simples administrações familiares”. (HERÉDIA, 2007, p. 53)

⁴ Em relação à construção de identidades de grupos sociais formados por migrantes, a bibliografia sobre o tema aponta de forma recorrente como fator causal de valorização destas identidades o desenvolvimento econômico do grupo.

centralidade enquanto vetor de representações sobre os descendentes de imigrantes italianos, tornando sua análise indispensável para uma pesquisa qualificada a respeito de processos de construção de identidades na cidade.

A consolidação do tradicionalismo, enquanto fiador simbólico das representações de uma identidade regionalista relativa aos habitantes do estado do Rio Grande do Sul, ocorreu de forma paulatina, no decorrer da segunda metade do século XX, quando passa a exercer controle sobre os elementos simbólicos próprios dos “valores gaúchos”. Entre 1950 e 1970, caracterizou-se pela gradual institucionalização do movimento, pela ocupação por parte de seus artífices em postos-chave na mídia e nas estruturas administrativas responsáveis pelas políticas culturais do estado do Rio Grande do Sul. Na década de 1970, as críticas à excessiva centralização e regulamentação do tradicionalismo pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho começam a ganhar fôlego, cristalizadas com o surgimento de festivais musicais populares regionalistas desvinculados deste, conhecidos como Califórnia da Música Nativista. Marca-se então uma nova fase de expansão do regionalismo gaúcho, com elementos simbólicos bastante aproximados daqueles difundidos pelo MTG, mas avessos à sua regulamentação estrita. A música nativista populariza-se e torna-se uma nova base de propagação dos elementos simbólicos desta identidade, com amplo alcance social. Próximo a este espaço temporal, no início da década de 1980, destaca-se também o papel da RBS, principal conglomerado midiático regional, na propagação intensa dos elementos simbólicos tradicionalistas e nativistas como representativos do gaúcho (JACKS, 2003, p.116).

A partir de então, tendo por base o MTG enquanto movimento institucionalizado, apoio de estruturas governamentais, manifestações artísticas com amplo alcance popular e importantes setores da mídia estadual atuando na promoção de suas representações, o tradicionalismo se expande como principal vetor das representações de uma identidade social gaúcha. Seu forte caráter homogeneizante balizou sua penetração mesmo em regiões do estado onde seus constructos do gaúcho, referentes a um passado idealizado das áreas pastoris do Rio Grande do Sul, não diziam respeito aos habitantes daquelas regiões, como a Região de Colonização Italiana.

Os primeiros grupos tradicionalistas em Caxias do Sul formaram-se ainda na década de 1950, porém com alcance social restrito. É no decorrer do recorte temporal proposto que se observa uma complexa complementaridade entre estes fluxos migratórios internos, italianidade e tradicionalismo, gerando movimentos estratégicos de distintos grupos na disputa por visibilidade e construção de um sentido coerente de representações que lhe

garantiriam espaço e legitimidade social por meio de identidades sociais. Em poucas palavras, é a diacronia destes jogos identitários no universo simbólico local o objeto central desta pesquisa.

A definição do objeto desta pesquisa parte de algumas premissas, construídas através das conclusões de dissertação de mestrado na qual analisei a ascensão do tradicionalismo em meio a trabalhadores industriais de Caxias do Sul entre 1980 e 2010. O perfil dos participantes do movimento, em sua maioria originária do meio rural e de cidades do interior do Rio Grande do Sul, bem como a constatação de contraposições e complementaridades operadas entre tradicionalismo e italianidade foram aspectos verificados com veemência.

Esta pesquisa predecessora também sinalizou para um conjunto de caminhos investigativos importantes para esta tese, que visa a uma análise mais abrangente do estabelecimento do tradicionalismo na cidade. Tais caminhos modulam os objetivos específicos deste trabalho.

Constatarei que entre 1950 e 1980, o tradicionalismo possuía alcance restrito em Caxias do Sul. Nessa época, os participantes por vezes eram tratados com deboches e xingamentos quando pilchados⁵, mesmo em datas comemorativas⁶. Em tal período, esta identidade social possuía um caráter muito mais explícito de portadora de uma narrativa que oferecia um mundo coerente e seguro de sentidos aos seus participantes, majoritariamente de origem rural recém migrados para centros urbanos. Neste contexto, pouco importava a vinculação concreta a um passado agropastoril, mas a positivação no contexto da disputa de representações entre rural e urbano.

A partir da década de 1980, observou-se um incremento na quantidade e no tamanho destes grupos tradicionalistas, algo que considero estreitamente relacionado aos elogios conferidos ao tradicionalismo na mídia estadual e à sua legitimação nas narrativas erigidas em torno da tensão entre o estado e o governo central, embora que enquanto identidade social, ainda adotada em grande parte por migrantes internos. Neste período, postulo que esta identidade continua assumindo a função de narrativa provedora de sentido e pertencimento, mas também gerou importantes espaços de socialização, convívio familiar e diversão aos seus adeptos. Para tratar destas dinâmicas, é necessária a análise das estratégias postas em

⁵ Pilchado refere-se àquele que veste a “pilcha”, indumentária característica do gaúcho segundo a regulamentação do MTG.

⁶ Esta informação, obtida através de entrevistas com tradicionalistas da época, serão analisadas com maior minúcia dentro de um processo de construção de narrativas e análise de memórias destes agentes no capítulo 5.

execução pelos líderes tradicionalistas para a formação e manutenção destes grupos, a projeção de narrativas que geravam legitimidade ao movimento e o papel de diferentes veículos midiáticos na conferência de publicidade a este modelo identitário, tensionado ao discurso local da italianidade.

Dos anos 2000 em diante, o tradicionalismo apresenta grande lastro social na cidade. Com amplo número de grupos tradicionalistas, Caxias do Sul torna-se a Capital Mundial dos CTG⁷. As comemorações da Semana Farroupilha ganham volume, reunindo centenas de milhares de participantes em cada edição. Há forte incremento no número de concursos de danças tradicionalistas. A mídia local apresenta uma plêiade de programas especializados em conteúdo tradicionalista. Vereadores, deputados e prefeitos vinculados ao movimento ascendem no cenário eleitoral local. Neste período, percebo o tradicionalismo como uma identidade estabelecida, com consequências decisivas na sociedade: é um modelo identitário que fornece um sentido de mundo aos seus participantes, gerou um campo próprio de atividades, concursos e espaços de socialização e possibilita intensa capitalização política.

Tal reposicionamento da identidade tradicionalista no universo simbólico demanda a análise da ascensão de personalidades vinculadas ao tradicionalismo no cenário político-eleitoral local, as relações de complementaridade entre o tradicionalismo e a italianidade e a inserção da figura do gaúcho numa narrativa que visa a apresentar uma Caxias do Sul multiétnica entre fins do século XX e início do século XXI.

Considerando tais processos históricos, justifica-se a análise mais ampla proposta nesta tese sobre a ascensão do tradicionalismo na cidade de Caxias do Sul em virtude de sua vasta relevância social por vários motivos: esta construção identitária é um importante elemento de configuração das relações sociais de um município que concentra atualmente mais de meio milhão de habitantes e o segundo maior polo metal mecânico do país; por abordar fenômenos sócio-históricos diretamente relacionados a uma identidade social que ganhou projeção suficiente a ponto de seus atributos diacríticos tornaram-se representativos aos habitantes de todo o estado do Rio Grande do Sul; pelo exame minucioso das estratégias de ação de variados sujeitos históricos na promoção desta construção identitária; e por tratar

⁷ A partir dos primeiros anos do século XXI, o elevado número de CTG na cidade de Caxias do Sul (aproximadamente 80) passa a ser posto em destaque pela Vigésima Quinta Região Tradicionalista e pela mídia local, e a cidade passa a ser intitulada como a Capital Mundial dos CTG, sendo que o editorial da principal mídia impressa local sugere no dia treze de setembro de 2007 que a cidade reivindique o título de “Capital Brasileira do Tradicionalismo Gaúcho”.

das múltiplas ressignificações que as conjunturas históricas imprimiram a representações fulcrais tanto do tradicionalismo como da italianidade.

Outro aspecto justificante desta pesquisa relaciona-se ao seu ineditismo⁸ em vários âmbitos. A relação entre a italianidade e este “outro” tem sido abordada na academia, porém com pouco destaque a quem são estes “outros”. Sem incorrer na grosseira generalização de todos estes não italianos como tradicionalistas, considero importante que esta pesquisa lance luz sobre a organização de grupos identitários de migrantes internos em Caxias do Sul, escrutinando as estratégias de sujeitos históricos até então anônimos ou pouco estudados e colaborando de forma consistente para a bibliografia sobre o tema.

Esta pesquisa também oferece contribuições acerca da temática do tradicionalismo gaúcho em um âmbito mais amplo. A bibliografia relacionada à análise da construção desta identidade regionalista despende pouca atenção a este processo nas regiões de colonização europeia recente, sendo que o estudo que aborda este processo encontra-se em *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*, uma coletânea de artigos e textos de Ruben Oliven que apontam o tradicionalismo como parte de um fenômeno regionalista de construção da identidade social gaúcha.

Esse trabalho, publicado em 1992, é reconhecido como uma das principais abordagens das ciências humanas sobre o tradicionalismo e interpreta seu avanço nas regiões de colonização italiana e alemã como um processo de ascensão simbólica por parte dos locais. Em meados do século XX, a expressão colono - desígnio dos imigrantes italianos construído no tencionamento com a oligarquia pecuária em posição privilegiada - passou a ser associada com grosseria, tolice e ingenuidade, ganhando caráter pejorativo. Desta forma, alguns dos signos diacríticos dos oligarcas, como o cavalo, a indumentária e os maneirismos teriam, de acordo com Oliven, passado a representar ascensão social para estes grupos sociais, culminando na aproximação aos elementos da identidade tradicionalista (OLIVEN, 1992, p.114).

Considero que se faz necessário um novo estudo do tema por dois motivos fulcrais: para incluir um recorte temporal mais recente, pós 1990, período em que se viu um forte

⁸ Realizei o levantamento das produções acadêmicas dos programas de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (nesta universidade foi pesquisado também no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, da Universidade de Caxias do Sul, da Universidade de Passo Fundo, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, da Universidade Federal de Santa Maria e da Universidade Católica de Pelotas sem que fossem encontrados estudos semelhantes a este proposto.

incremento de manifestações tradicionalistas na RCI, obviamente não abordado neste trabalho e, por pretender analisar este fenômeno de forma pormenorizada, com maior detalhamento, conjuntamente à análise da construção de outra identidade coletiva local. Isto se justifica na medida em que a abordagem de Oliven praticamente não conferiu espaço para análise desta relação com a italianidade (ressalto que esta especificidade não era o objeto do autor), o que considero que impossibilita interpretá-lo em sua complexidade e deixa de lado importantes dinâmicas sociais reveladoras desta construção identitária.

Embora as especificidades do objeto desta pesquisa quanto ao seu recorte espacial tornem-o singular, ressalto que tanto a italianidade na RCI quanto o tradicionalismo no Rio Grande do Sul já foram objeto de estudo em diferentes áreas das ciências humanas, conjugados a diferentes temas e sob diferentes perspectivas. O tradicionalismo tornou-se pauta candente da academia gaúcha a partir da década de 1980, quando o movimento ganha vulto no estado e assume papel central na definição do modelo ideal do gaúcho. As principais interpretações no campo acadêmico eram marcadas por uma acentuada postura crítica ao movimento, condenando-o como conservador e reacionário.

O marco inicial destas abordagens pode ser considerado a publicação do livro *RS: Cultura & Ideologia*, organizado por José Hildebrando Dacanal e Sérgio Gonzaga em 1980. Nele, variados autores ligados a diferentes áreas do conhecimento traçam análises críticas ao movimento, apontando-o como expressão da ideologia dominante no estado. Três anos depois, duas publicações do então jornalista Tau Golin, de cunho condenatório similar cristalizam um cenário de abordagens críticas ao tradicionalismo por parte da intelectualidade do estado.

Distanciando-se desta postura analítica denunciatória, destacam-se em fins da década de 1980 os textos de Ruben George Oliven, que resultaram na publicação em 1992 do supracitado *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Este trabalho incorporou as discussões teóricas recorrentes nas ciências sociais à sua época, como as abordagens acerca da identidade/alteridade em voga nos estudos étnicos e a atenção às questões relativas às representações simbólicas, neste caso de construção identitária, abordadas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Partindo destas premissas, o autor pauta sua análise sobre a emergência do tradicionalismo em cinco pontos principais: a relação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, que devido às particularidades da história do estado e intermitentes declarações de autonomia, isolamento e integração às conjunturas políticas e econômicas do país, criou um terreno fértil

para a construção de um regionalismo basilar à construção de representações identitárias; as circunstâncias que propiciaram a construção incipiente das representações regionalistas, circunscrevendo o pampa como espaço natural desta simbologia e as primeiras manifestações destas representações através de intelectuais e escritores nos fins do século XIX; o surgimento do movimento tradicionalista em meio às circunstâncias das décadas de 1940 e 1950, marcadas pela invasão da produção cultural norte-americana e dos processos migratórios da época; as diferenças e similaridades entre os tradicionalistas e os nativistas; e o estabelecimento de um conjunto representacional calcado no passado da região pastoril da Campanha, já em franca decadência econômica, e excludente em relação aos negros, índios e descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses e, mesmo assim, com ampla aceitação entre estes últimos.

Em 1993, com o ensaio *A invenção da sociedade gaúcha*, Sandra Pesavento aborda a temática apropriando-se das premissas da história cultural, na qual emerge perspectivas interpretativas pautadas pela atenção às representações simbólicas como construções coletivas. Tais representações não são mais postas como um falseamento da realidade social com fins de mera dominação de uma classe privilegiada. São vistas como “partes constituintes do real”, na medida em que “não se mede a representação do mundo social com a realidade” e não se pode “avaliar a eficácia do imaginário, mas sim, a capacidade de mobilização que os discursos e imagens podem trazer, produzindo práticas sociais efetivas” (PESAVENTO, 1993, p. 385).

Problematizando a penetração do imaginário idealizado da figura do gaúcho em grupos sociais e culturais diversos ao qual se reporta representacionalmente⁹, a autora mescla duas propostas interpretativas: associa a perspectiva de uma ideologia visando à dominação de classe e ao impacto positivo da aceitação destas representações para os dominados.

“(E)sta aceitação ou endosso de uma representação social seria fruto de manipulação de um grupo interessado na legitimação de seu prestígio e do seu poder ou a de que expressariam uma tentativa da classe dominante para subverter os interesses da classe operária. [...] mas há também, da parte dos indivíduos, a vontade de acreditar, de endossar símbolos e crenças, de obedecer aos ritos, de conhecer um passado e uma gênese que definam o seu lugar no mundo. A relação, portanto, não se dá na clássica via de dominação/subordinação, que reduz a multiplicidade das relações sociais e representações mentais. O endosso de uma representação idealizada pode ser

⁹ Neste âmbito, a autora refere-se especificamente às regiões de imigração europeia do século XIX encontradas na metade norte do estado.

também uma estratégia, consciente ou não, para pertencer a um mundo de respeito e conhecimento.”(PESAVENTO, 1993, p. 394)

Dentre os trabalhos mais recentes voltados ao tradicionalismo, destaco *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*, de Letícia Nedel, e *O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*, de Jocelito Zalla. Publicados respectivamente em 2005 e 2011, os dois trabalhos dialogam diretamente com a temática do tradicionalismo. Nedel objetiva analisar a atuação dos folcloristas “na formulação dos atributos simbólicos demarcadores do que é ser sul-rio-grandense” (NEDEL, 2005, p. 12) e Zalla aborda a trajetória de vida de Barbosa Lessa¹⁰ e sua ação enquanto figura basilar do projeto tradicionalista.

Considerando as perspectivas acadêmicas sobre determinadas realidades sociais também como um processo de elaboração de representações do social dentro de dinâmicas próprias da intelectualidade e permeáveis aos discursos de uma sociedade, creio que mesmo com diferentes graus de êxito, Oliven e Pesavento conseguiram abordar o objeto com relativo distanciamento, promovendo reflexão a respeito do tema em espaços além da academia. Penso que o estudo de caso proposto por esta pesquisa, mesmo dentro de sua delimitação espacial estrita, pode acrescentar subsídios à bibliografia já existente para análise das dinâmicas de construção do tradicionalismo enquanto vetor simbólico de uma identidade coletiva.

A bibliografia relativa à construção da italianidade em Caxias do Sul vem sendo recentemente debatida sob perspectivas profícuas em estudos do campo antropológico. Pretendo cotejar brevemente quatro trabalhos - três teses de doutorado e uma dissertação de mestrado - que trazem dados interessantes para tratar da construção identitária da italianidade dentro do recorte temporal proposto. São os trabalhos de Biase (2009), que aborda assimilações e complementaridades da veneticidade a elementos da cultura gaúcha e os de Mocellin (2008), Santos (2004) e Kanaan (2008), nos quais a italianidade é abordada frente aos fluxos migratórios mais recentes destinados à região.

Alessia de Biase em *Venetiens dans la pampa: antropologie d'une double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*, centraliza seu objeto no resgate memorialístico da veneticidade pelo Movimento Cultural Italiano (MCI), formado por um grupo de ideólogos da RCI que se

¹⁰ Um dos fundadores e principais ideólogos do MTG.

associaram a organizações da região do Vêneto italiano e operaram pela valorização e construção de uma identidade vêneto-lombarda com traços gauchescos. Este trabalho da autora tem importância por realçar a presença de traços de complementaridade com a cultura gaúcha na construção da italianidade, demonstrando como houve assimilações e apropriações contundentes mesmo que esta construção identitária da veneticidade tenha ocorrido pelo esforço de organizações em meio a um contexto de “revival” étnico.

Em *Trajetórias em Rede* (2008), Mocellin aponta os intelectuais e empresários da região como importantes agentes de promoção da italianidade. Refletindo sobre a configuração desta identidade, defende-a como eminentemente contrastiva, apropriando-se das premissas de Roberto Cardoso de Oliveira. Para a autora, a intensificação da chegada de migrantes de origem luso-brasileira foi fundamental para aguçar a configuração de representações dicotomizadas e reforçar as noções sobre um *ethos* do trabalho relativo aos portadores da italianidade.

Em *Bendito é o fruto* (2004), Santos inicia sua análise com uma ampla retomada histórica do processo imigratório e do desenvolvimento inicial da cidade para apontar a importância da Festa da Uva como espaço de promoção de representações que oferecem os aspectos diacríticos da italianidade, tratada pela autora como uma identidade *italo-brasileira* dos descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul. Para a autora, a italianidade opera como um reforço da posição social dos seus portadores dentro da sociedade de Caxias do Sul, na qual o imaginário social designa como valorativos os atributos de seus portadores.

Outro apontamento relevante da autora relaciona-se ao fato dos descendentes de imigrantes italianos não constituírem mais a maioria da sociedade caxiense, embora compusessem a maioria das classes mais altas (SANTOS, 2004, p. 6). Este “outro”, que para Mocellin e Kanaan estava migrando para a cidade, aparece para Santos como estabelecido, parte da sociedade local, ainda elemento antitético à italianidade.

O trabalho de Kanaan enfoca a temática da migração interna frente à italianidade, o que fica exposto pelo título *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS* (2008). Embora sua análise tenha como locus o município de Farroupilha, apresenta um processo de construção identitária relativamente similar ao de Caxias do Sul, na medida em que ali também a italianidade foi construída e respaldada frente à negatização dos outsiders, compostos majoritariamente por

migrantes de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul que se dirigiram à cidade em busca de emprego¹¹. Para Kanaan,

a identidade, além de ser construída na interação com o outro, carrega juntamente um componente ideológico. Ou seja, penso que, nas relações interétnicas que observei entre os “italianos” e os “brasileiros”, a interação acontece realçando a preponderância do grupo da italianidade, inerente à negação dos sujeitos vindos e tidos como “de fora”. (KANAAAN, 2008, p. 155)

A análise da autora em relação à caracterização da construção da italianidade em Farroupilha como uma identidade étnica contrastiva coincide com vários apontamentos de Santos e Mocellin. Entretanto, sua etnografia voltou-se com profundidade a um espaço de relações que ainda não havia sido abordado com maior fôlego por outros autores, que é o mundo do trabalho. Kanaan aponta como este jogo identitário entre estabelecidos e outsiders dominado pela narrativa da italianidade reforça as relações desiguais entre trabalhadores e patrões.

Nestes estudos sobre a configuração da italianidade, são recorrentes as menções aos outros utilizados como elementos para geração de dicotomizações sobre os quais descendentes de imigrantes italianos constroem suas representações. Estes “outros” chegam a Caxias do Sul através de fluxos migratórios que se intensificaram gradualmente no decorrer da segunda metade do século XX, geralmente oriundos de outras regiões do Rio Grande do Sul com cenários econômicos estagnados. A respeito deste tema destacam-se os apontamentos de Vânia Herédia, que aborda em *Migrações internas e suas dinâmicas: o caso de Caxias do Sul* (2011) como a cidade se torna um local de destino de deslocamentos contínuos e elabora uma periodização destes movimentos migratórios internos, dividindo-os em cinco fases nas quais “os diversos ciclos econômicos pelos quais a região passou delimitaram as características e as configurações de cada período” (HERÉDIA, 2011, p. 67). Nos três últimos conjuntos de deslocamentos, estabelecidos temporalmente entre 1950 e o fim da década de 1990, destacaram-se como principais pontos de procedência dos migrantes os municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Bom Jesus e São Francisco de Paula. A partir dos anos 2000, os municípios de Santana do Livramento, Dom Pedrito, São Gabriel e Alegrete

¹¹ Localizada a apenas 15 quilômetros de Caxias do Sul, e também colonizada inicialmente por imigrantes italianos, a cidade de Farroupilha possui em torno de 58.000 habitantes e seu processo de industrialização iniciou na década de 1970.

despontam como importantes pontos de origem dos migrantes, dando aos fluxos migratórios um forte caráter intraestadual (HERÉDIA, 2011, p. 71).

O destino ocupacional destes migrantes durante as duas últimas décadas do século XX concentrou-se majoritariamente nos postos menos valorizados das indústrias de transformação e nas vagas também pouco valorizadas do setor terciário. Justifica-se esta situação devido ao baixo nível de escolaridade e pouca experiência da maior parte destes trabalhadores¹², vindos em sua maior parte de cidades com cenários econômicos decadentes (HERÉDIA, 2011, p. 72).

Um dos aspectos centrais de análise da problemática desta pesquisa tem nos apontamentos de Herédia importante suporte, na medida em que considero a ascensão do tradicionalismo em Caxias do Sul um fenômeno intrínseco à chegada de migrantes de outras regiões do estado. Impossível desconsiderar este “outro” dicotomizado na construção da italianidade identificado por Kanaan, Mocellin e Santos como o migrante interno apontado por Herédia, o perfil dos adeptos ao tradicionalismo que identifiquei anteriormente.

A abordagem das questões relativas às identidades sociais pelos estudos históricos é de ocorrência recente, propiciada pelo progressivo intercâmbio de temáticas e ferramentas analíticas que caracterizaram as ciências humanas nas últimas décadas. Este fenômeno se acentuou a partir de 1970, inserido dentro do processo de renovação experimentada pela teoria social e pela historiografia, com a crítica ao economicismo, às perspectivas teleológicas e às pretensões de explicação global das teorias estruturalistas, características próprias das meganarrativas europeias.

Diante do cenário de valorização interdisciplinar sobre o qual repousa este trabalho, considero relevante defender a importância da pesquisa histórica acerca da temática da identidade em um recorte temporal amplo e aproximado ao tempo presente. Mesmo reconhecendo que outras áreas das humanidades possam se apropriar qualificadamente da diacronia, considero que o profissional da área da história, com sua atenção especialmente voltada à análise das conjunturas e processos históricos, bem como de suas contínuas transformações, pode trazer novas contribuições interpretativas à temática.

Em *Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações* (2006), Regina Weber aponta as perspectivas teóricas sobre o assunto desenvolvidas dentro dos

¹² A autora aponta que a partir da década de 1990, os migrantes buscaram emprego primeiramente no setor terciário e depois no secundário, à medida que os níveis de escolaridade são mais altos nessa área e podem, enquanto trabalham no setor terciário, buscar qualificação para este setor.

parâmetros da Antropologia e da Sociologia e suas aproximações das perspectivas de historiadores que já trabalham com a temática da identidade étnica e nacional, em especial com assuntos relativos à imigração. De início, a autora menciona a dificuldade dos historiadores em apropriarem-se do referencial teórico-conceitual relativo aos estudos sobre etnicidade, bastante desenvolvido na Antropologia, e demonstra como certas premissas analíticas da historiografia, como a noção de processo histórico, podem ser alinhadas com as perspectivas mais atuais da teoria social que apontam as identidades como construídas, citando postulados de Hobsbawn (1998) e Wallerstein (2001) neste sentido.

Stuart Hall, ao analisar diferentes abordagens teóricas sociológicas sobre as identidades coletivas, aponta que o sujeito na modernidade tardia deixa de ser visto como portador de uma identidade coerente e estável, mas sim de várias identidades fragmentadas, até contraditórias. A identidade torna-se uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente”, “definida historicamente e não biologicamente”, sendo que o sujeito “assume diferentes identidades em diferentes momentos, não unificadas em torno de um eu coerente” (HALL, 2006, p.13).

Para Hall (2006), a reconfiguração das identidades no cenário da modernidade tardia é um fenômeno completamente imbricado ao processo de globalização. Embora este processo abra caminho para a homogeneização global, fortalece uma “fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade” (HALL, 2006, p.77), agindo no fomento a um novo interesse pelo local. Concluindo, o autor aponta que a globalização gera

“um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2006, p. 87).

Tais perspectivas de Hall se alinham com os fenômenos de construção de identidades que se pretende analisar nesta pesquisa. Percebe-se a ascensão de uma identidade regional num contexto de globalização e mercantilização de determinados elementos definidores da portabilidade de uma identidade coletiva. O processo de globalização¹³ é considerado pelo

¹³ O autor aponta que o processo de globalização está relacionado a toda modernidade, porém sua intensificação no último século criou um cenário propício a novas dinâmicas sociais relativas à fragmentação da identidade. Sobre a globalização, Hall a percebe como “processos atuantes numa escala global, que atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações nas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” (MCGREW, David apud HALL, 2006, p. 67).

autor como fundamental para o fortalecimento de identidades locais, aponta que, nas últimas décadas, os grandes modelos fornecedores de representações identitárias, como a nação e a raça, vêm perdendo espaço para identidades de caráter étnico e regional.

Neste contexto de globalização pós 1950, no qual a construção de identidades locais foi um fenômeno reativo recorrente em várias sociedades, torna-se importante o suporte dos pressupostos de Manuel Castells que, por considerar que as identidades coletivas emergem e se estabelecem em meio a relações de poder, propõe categorizá-las em três tipos: *identidade legitimadora*, introduzida pelas instituições no intuito de expandir e racionalizar sua expansão em relação aos atores sociais; *identidade de resistência*, criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim trincheiras de resistência baseados em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade; e *identidade de projeto*, quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer material simbólico disponível, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p. 24).

Embora não tragam um modelo teórico aplicável aos fenômenos de construção identitária que observaremos nesta tese, as categorizações de Castells sobre as identidades coletivas apontam para caminhos interpretativos aproximados. Os jogos identitários que serão analisados marcam os diferentes contextos em que estas identidades serão acionadas e continuamente reelaboradas. Como aponta o autor:

Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. De fato, a dinâmica de identidades ao longo desta sequência, evidencia que do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra *per se*, valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico (CASTELLS, 1999, p. 24).

Partindo das considerações de tais autores, destaco a importância de não entendermos e definirmos as identidades sociais em questão como uma essência, mas como formas de representar um grupo, representações estas cujo estabelecimento se relaciona com *poder*. Ao representar um grupo de determinada forma, está definindo-se uma determinada ordem sobre o que deve ser valorizado ou não, sobre quem faz parte e quem não faz parte, estabelecendo uma hierarquia dentro do grupo. Tal concepção se reveste de importância diante do fato de

que a identidade regional tradicionalista é apenas uma versão sobre essa identidade regional, a promovida pelo MTG, e que este atingiu tamanha legitimidade por meio de relações de poder. Em relação à italianidade, o fato de suas principais representações serem buriladas e ressignificadas por uma rede de intelectuais e empresários, conforme apontado por Mocellin (2008), também sinaliza a importância de considerar tais relações de poder em sua construção de sentidos.

A interpretação das dinâmicas de definição dos grupos étnicos neste trabalho alinha-se à teorização da etnicidade proposta de Fredrik Barth. Para o autor, a análise sobre tais fenômenos deve ser deslocada para as fronteiras étnicas, de onde surgem os elementos definidores dos grupos, em detrimento de definições que focam o compartilhamento e a perpetuação de uma determinada cultura “essencial” como basilar.

Para Barth, as fronteiras étnicas são um espaço privilegiado de análise por concentrarem as dinâmicas sociais de autoatribuição e atribuição por outros de categorizações e de classificação de grupos empregados pelos próprios atores. Na medida em que os grupos étnicos são formas de organização social e os atores usam estas identidades para classificarem a si e aos outros, é neste espaço de interação que emergem as características apontadas como significativas, sendo que algumas serão enfatizadas como marcadores e diacríticos do pertencimento ao grupo¹⁴.

A apropriação das teorizações de Barth e de autores que o tomaram como base para refinar o *corpus* teórico acerca de fenômenos étnicos é constante nos estudos supracitados acerca da italianidade em Caxias do Sul. Quanto às perspectivas teóricas sobre a identidade regional ou o regionalismo, considero pertinentes as premissas de Pierre Bourdieu, na medida em que dirigem sua atenção não apenas para as dinâmicas sociais de disputas implícitas no estabelecimento das representações simbólicas legítimas, mas também sobre a “tábua de valores” que apontam determinadas características como valorativas ou estigmas.

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado

¹⁴ Os postulados de Barth foram o ponto de partida para o refinamento teórico de um grande conjunto de dinâmicas sociais relativas à formação dos grupos étnicos. Destacam-se nesta análise específica de fenômenos nas “fronteiras” dos grupos étnicos os trabalhos de Poutignat & Streiff-Fenart, Glazer & Moynihan, Cohen e Oliveira. Os estudos de Immanuel Wallerstein, também convergem nas suas propostas analíticas, apontando como os processos de etiquetagem e rotulação de grupos étnicos se insere dentro das dinâmicas do capitalismo histórico, que objetiva imputar papéis ocupacionais pouco valorizados a grupos de pessoas distinguíveis por meio de simbolização externa.

de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. (BOURDIEU, 2012, p. 124)

Além da identidade, outro conceito central na discussão do objeto de estudo deste trabalho é o de *representação*. Partirei da noção de representação referida por Bourdieu¹⁵ na qual o autor aponta como inócua a contraposição realidade/representação, criticando aqueles que visam à compreensão da “realidade” sem considerar que esta busca pela realidade e a sua construção, enquanto objeto de conhecimento, ocorre através de um processo de “*representação, dependente tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento*” (BOURDIEU, 2012, p. 108). Desta forma, as representações assumem a condição de classificações socialmente construídas que pautam a ação cotidiana, mas não opostas à realidade. São tão concretas quanto, e inseridas num contexto de disputas em que os agentes intervêm na busca pela sua legitimação e imposição.

Entender as disputas que envolvem a legitimação destas representações segundo a perspectiva de Bourdieu nos leva a analisar o aspecto simbólico destas disputas. Por simbólico, o autor designa o caráter *mágico* que este esforço de legitimação de determinadas representações assume, na medida em que são amplamente reconhecidas, mas ignoradas enquanto tal.

As teorizações de Bourdieu foram intensamente apropriadas pela corrente historiográfica da chamada Nova História Cultural. Roger Chartier, um de seus principais expoentes, tece considerações importantes a respeito da questão das representações, tendo por base uma tripla definição que abarca as expectativas de significado do conceito sob as quais será empregado às discussões deste trabalho.

“primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e ‘performances’ simbólicas [...]; finalmente, a ‘presentificação’ em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade.” (CHARTIER, 1990, p. 8).

¹⁵ Peter Burke (2005) considera Bourdieu como um dos quatro principais autores cujos pressupostos teóricos foram apropriados pela Nova História Cultural, junto a Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Norbert Elias.

Bronislaw Baczko é outro autor que traz ferramentas analíticas importantes junto ao objeto desta tese, envoltas na delimitação e conceituação do *imaginário social*. Para Baczko,

O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos “discursos” nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem. Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos. E assim que os imaginários assentam num simbolismo que é, simultaneamente, obra e instrumento. [...] Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo ao comportamento de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. (BACZKO, 1985, p. 311)

Considerando que parte significativa das fontes desta pesquisa se assenta nas narrativas e discursos publicados na mídia impressa caxiense, os postulados teóricos de Baczko tornam-se ainda mais relevantes, na medida em que o autor sublinha a importância dos meios de comunicação para a projeção dos sistemas de representações contidas no imaginário social:

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. É assim que qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar certo controle sobre os seus circuitos de difusão. As modalidades de emissão e controle eficazes alteram-se, entre outros motivos, segundo a evolução do suporte tecnológico e cultural que assegura a circulação das informações e imagens. Nesta evolução, há dois momentos que marcam rupturas significativas: a passagem da cultura oral à cultura escrita, que se efetua graças, sem dúvida, a tipografia, mas ainda mais decisivamente graças a alfabetização [...]; e a implantação duradoura dos meios de comunicação de massa (BACZKO, 1985, p. 313).

Importante parte da pesquisa de fontes deste trabalho está baseada em relatos de história oral. Estes relatos foram obtidos através de entrevistas com doze líderes de quatro grupos tradicionalistas de trabalhadores de grandes empresas (três de cada grupo), selecionados de acordo com uma pesquisa prévia com líderes atuais destes espaços, cujos critérios de escolha foram ter ocupado postos de liderança e que pudessem tratar de diferentes

recortes temporais dentro período de existência destes grupos. Estas entrevistas se pautaram por uma conversa aberta, guiadas por um roteiro de questões pré-estabelecidas comum a todos, embora obviamente tenham transcorrido de maneira diversa com os entrevistados.

Por conta deste uso da história oral, faz-se necessário apontar sobre quais perspectivas dentro deste campo de estudos este trabalho se baseará. Concordo com Ferreira e Amado quando a definem como uma metodologia:

“a história oral, como todas as outras metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática.” (1996, p. 170)

Propor o depoimento oral como apenas mais um tipo de fonte histórica incorre em desconsiderar a ampla interferência que o historiador possui na sua produção, o que deve também ser relevado e considerado na preparação destas entrevistas. Há também outros elementos importantes e específicos às pesquisas de história oral nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história (FERREIRA & AMADO, 1996, p. 171). A memória especificamente, por sua importância basilar para a formulação destes relatos orais, suscita importantes considerações na história oral.

A respeito deste tema, destaca-se a formulação teórica de Maurice Halbwachs. Sociólogo influenciado pelos princípios de Durkheim¹⁶, o autor aponta-a como um fenômeno de caráter plenamente social, uma construção de determinado coletivo sobre o passado que o impregna de significados. Não pode ser desvinculada do âmbito social ao qual se remete, impossibilitando sua redução a um fenômeno individual, bem como deve ser entendida em constante reelaboração na sua relação com o presente. Sendo assim,

¹⁶ As produções de Halbwachs remetem à década de 1920, sendo que o autor foi aluno de Henri Bergson, proeminente intelectual entre os séculos XIX e XX cuja principal obra refere-se à memória como algo que emerge com liberdade e espontaneidade no cérebro, em oposição a esquemas mecanicistas que a alojavam em um canto obscuro deste órgão. Aproximou-se da sociologia por influência de Durkheim, com o qual compartilhou o bojo teórico inicial desta ciência ainda jovem nas primeiras décadas do século XX, e dialogou também com Marc Bloch, figura fulcral na *episteme* da historiografia contemporânea. Seu principal estudo, *A memória coletiva* (1950) é uma publicação póstuma, tendo em vista que o autor faleceu em 1945. As premissas de Halbwachs foram “redescobertas” pelas ciências humanas nas últimas décadas do século XX.

Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os “quadros sociais da memória”. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas (...) perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (...) O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 2003, p. 54)

Seu amplo caráter social e sua vinculação às representações de diferentes grupos imprime à memória um elemento constitutivo das identidades sociais. Neste sentido, as perspectivas de Michael Pollak sobre esta relação também são pertinentes. Discípulo teórico de Pierre Bourdieu, Pollak percebe a identidade como uma manifestação do *habitus* de um grupo, dentro do qual a memória tem um papel central. Na análise desta relação entre memória e identidade, a contribuição teórica de Pollak está centrada na criação da noção de “memórias em disputa”, que trata dos embates entre diferentes grupos sociais para que determinada memória seja considerada legítima, por sua consolidação permitir a positivação das representações de alguns grupos perante outros. Também aponta para a importância de considerarmos as narrativas obtidas dos entrevistados como uma projeção identitária pessoal:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5)

Lucilia Delgado traz apontamentos relevantes nesse sentido, que se coadunam com a análise que esta pesquisa visa empreender sobre as narrativas trazidas pelos entrevistados através de seus relatos, remissivos às suas atuações enquanto líderes de grupos centralizados em atividades que tinham como base a promoção de uma identidade social.

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são palavras, as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso, integram a cultura de diferentes comunidades. (DELGADO, 2003, p. 21)

Além dos relatos orais, utilizou-se como fontes históricas para esta pesquisa álbuns comemorativos, documentação dos CTG, do MTG, da Vigésima Quinta Região Tradicionalista e periódicos locais.

Quanto à pesquisa em periódicos, foram analisadas as edições que abarcavam o período da Festa da Uva, para a pesquisa sobre a italianidade e da Semana Farroupilha, para a análise do tradicionalismo. Em ambos os casos, foram analisadas também as edições dos periódicos publicadas em dia predecessor e posterior a estes eventos, quando se tratava de periódico de circulação semanal, da semana anterior e posterior. Isto se justifica, respectivamente, pela pretensão de analisar como pretendiam apresentar previamente o evento ou informar a população para que participasse de suas atividades inaugurais e para analisar a repercussão de suas atividades finais, bem como de números sobre o público participante, entremeadas a narrativas sobre as identidades sociais marcantes de ambos. Neste sentido, é importante destacar que o direcionamento da análise dos periódicos sobre tais datas justificasse por tanto a Semana Farroupilha como a Festa Uva serem lugares privilegiados para a construção e teatralização dessas duas identidades enfocadas nesta pesquisa.

Dentro deste recorte proposto, foram analisados *todos* os periódicos impressos do município entre 1950 a 2010 disponibilizados no banco de dados do Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul até 2009, e entre 2002 e 2010, especificamente os periódicos Gazeta de Caxias, Correio Rio Grandense e Pioneiro na Seção de Periódicos da Biblioteca Pública Municipal Demétrio Niederauer.

Analisar as diferentes formas tipográficas, textuais e imagéticas através das quais estas duas identidades e seus momentos de culminância performática foram apresentadas pelos periódicos no decorrer do espaço temporal é uma tarefa imprescindível nesta pesquisa. Como aponta De Luca (2008. p. 144-145),

pode-se admitir, à luz do discurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra de uma determinada forma aquilo que se elegeu como digno de chegar a um público [...] ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de [...] um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas por sua vez, também são atravessadas por hierarquias.

Em relação à Festa da Uva, pesquisaram-se apenas os anos em que ocorreram festividades, com maior enfoque às seções do *editorial*, espaço do periódico em que os editores destacados do jornal tecem a “opinião institucional” sobre assuntos candentes no período; *seção especial*, referindo-se a seções extraordinárias do jornal, particularmente destinadas a assuntos que em determinadas épocas tornam-se abordados com maior frequência, neste caso encartes específicos sobre a Festa da Uva; e *notícias*, contendo reportagens gerais com vistas a informar eventos por ocorrer nos dias vindouros, a cobertura de eventos ocorridos no dia anterior ou poucos dias antes, a programação de festividades e comemorações, abordagens relativas a figuras importantes que participaram do evento.

Quanto à análise do tradicionalismo, pesquisou-se em todos os anos entre 1950 e 2010. Entre os anos de 1950 e 1979, constante nos capítulos 2 e 3, manteve-se a atenção sobre as seções de editorial, seções especiais e notícias. Na pesquisa do período entre 1980 e 2010, presente nos capítulos 4 e 6, com uma crescente quantidade de menções, foi possível estabelecer uma quantificação tipificada e anualmente seriada para analisar a evolução da publicidade conferida ao tradicionalismo quanto ao periódico Pioneiro, maior da cidade, com enfoque também em outras seções do jornal, que será melhor abordada na textualização dos próprios capítulos. Em relação aos outros periódicos tal linha de ação não traria possibilidades analíticas significativas, na medida em que o outro periódico que se manteve durante todo este recorte, o Correio Riograndense, conferiu visibilidade esparsa ao tradicionalismo¹⁷ e os outros jornais, por terem se mantido apenas por alguns poucos anos, em alguns casos até com interrupções, tal quantificação seria comparativamente inócua.

¹⁷ A causa principal desta visibilidade menos significativa conferida aos eventos tradicionalistas pelo periódico Correio Rio Grandense se deve ao fato deste dirigir-se a um público específico, das zonas rurais da RCI, com menor vinculação ao tradicionalismo e mais ligados à italianidade, como demonstrado pelo periódico com colunas e matérias em *talian* já nas décadas finais do século XX e início do XXI, período alheio aos efeitos da Campanha de Nacionalização, quando tal prática era proibida.

Embora os principais jornais caxienses durante todo o recorte temporal tenham sido o Pioneiro e o Correio Riograndense, ainda com ampla prevalência do primeiro, uma grande miríade de periódicos menores foram pesquisados, sendo que os anos em que funcionaram e as menções encontradas sobre o tradicionalismo em cada um foram tabuladas e expostas nos capítulos 2, 3, 4 e 6. Embora se deva considerar que possuíam menor alcance e uma mera fração da força de impor pautas e de projetar representações quando comparados ao Pioneiro, suas narrativas também foram analisadas, citadas e utilizadas para tencionar dados e variações de nuances nos discursos e imposições de sentidos comparáveis entre estes meios e outras fontes.

A análise dos diferentes tipos de fontes históricas será efetuada no decorrer dos capítulos 2, 3, 4, 5 e 6, nos quais será abordado o objeto central desta pesquisa. O primeiro capítulo dedica-se à análise das bibliografias acadêmicas relacionadas ao tradicionalismo em geral e à italianidade em Caxias do Sul, cotizando seus pontos de encontro e relacionando proximidades entre os objetos desta pesquisa e de outros fenômenos já pesquisados. O segundo capítulo trata sobre a construção da italianidade e do tradicionalismo na cidade na década de 1950 até início dos anos 1960, tomando como base de análise o Álbum Comemorativa de 75 Anos da Imigração Italiana e a cobertura das edições da Festa da Uva pelos periódicos, e do tradicionalismo, através da análise da Semana Farroupilha e de dados dos primeiros CTG da cidade.

Os capítulos 3 e 4 seguem na abordagem da construção da italianidade e do tradicionalismo com enfoque na Festa da Uva e na Semana Farroupilha respectivamente, respeitando limites temporais estabelecidos por conjunturas históricas que imprimiram determinadas nuances na construção destas identidades sociais. No capítulo 3, o recorte temporal se dá entre 1964, o ano inicial da ditadura militar, até 1979, período no qual se observou com contundência narrativas que promoviam representações “patrióticas” em ambas as identidades, enquanto que o capítulo 4, sobre o período de 1980 a 2000, percebe-se um arrefecimento desta representação tão comum no período anterior e a ascensão de uma ressignificação de narrativas sobre a tensão entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, no qual a crise econômica que atingiu com força o país, o estado e o município serviu como substrato factual para a retomada de interpretações históricas que apontavam a “espoliação” do estado pelo governo central. Este período também foi marcado pelo crescimento exponencial da popularidade do tradicionalismo, observável pelo grande número de CTG criados e pelo crescente público nas comemorações da Semana Farroupilha na cidade.

O capítulo 5 aborda a organização de grupos tradicionalistas de trabalhadores de grandes empresas locais, na condição de exemplos do fenômeno que marcou essa expansão do tradicionalismo na cidade. As fontes históricas que balizaram a análise deste capítulo foram os supracitados relatos obtidos através das entrevistas com líderes destes espaços, uma análise de memórias junto com algumas fontes documentais esparsas próprias destes CTG. Seu recorte temporal aborda o período entre fins da década de 1970 até os anos 2000. Na década de 1980, observaram-se os primeiros movimentos e estabelecimento destes grupos e, nas décadas de 1990 e 2000, a manutenção e expansão no número de participantes.

O capítulo 6 trata sobre estas duas identidades de forma similar ao observado nos capítulos 2, 3 e 4, através da análise da publicidade conferida aos dois pela mídia impressa local e as novas narrativas sobre ambos, bem como a crescente importância que o tradicionalismo passou a desempenhar no campo político caxiense. Da mesma maneira que nos capítulos 2, 3 e 4, esta crescente visibilidade conferida ao tradicionalismo pelos jornais foi quantificada por meio de tabelas e gráficos, permitindo analisá-la de forma mais minuciosa.

Tal segmentação não pretende designar um caráter monolítico de características a cada recorte temporal ou revelar um processo evolutivo de construção identitária. Tem uma finalidade explicativa, procurando demonstrar como dentro destes períodos, determinadas conjunturas históricas em nível regional, estadual e global interferiram neste processo, e marcaram a construção de narrativas sobre estas identidades sociais além das ideias-força centrais que verificaremos como operantes em cada uma por todo o recorte temporal. Além deste fluxo de narrativas e sentidos temporalmente marcado, analisaremos algumas estratégias de ação de lideranças e operadores ideológicos vinculados tanto ao tradicionalismo como à italianidade dentro do jogo identitário que caracterizou a construção da italianidade e do tradicionalismo na RCI.

CAPÍTULO 1 - PALIMPSESTOS IDENTITÁRIOS: O ESTABELECIMENTO DO TRADICIONALISMO NO RIO GRANDE DO SUL E DA ITALIANIDADE EM CAXIAS DO SUL ATRAVÉS DAS PERSPECTIVAS ACADÊMICAS

Este capítulo visa abordar os processos históricos que levaram à construção das duas identidades focais em seus lócus principais utilizando-se de uma revisão bibliográfica acadêmica. Desta forma, pretendo contextualizar as conjunturas históricas sobre as quais estas duas identidades sociais se estabeleceram para tratar com maior propriedade os jogos identitários centrais no tempo e espaço recortados como objeto desta pesquisa, bem como examinar caminhos analíticos percorridos em outros estudos que trazem elementos instrutivos e comparáveis aos processos de interação entre estas duas identidades em Caxias do Sul entre 1950 e 2010.

Institucionalizada em universidades desde a década de 1980, a pesquisa acadêmica profissional a respeito destas identidades tem apresentado análises qualificadas, destacando-se alguns estudos que se tornaram referenciais obrigatórios ainda no século passado e um grande conjunto de artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado após a instalação de programas de pós-graduação em várias áreas das humanidades em universidades do Rio Grande do Sul e no sul do país. Portanto, parto deste importante arcabouço analítico acadêmico para traçar a trajetória destas duas identidades coletivas e desenhar o cenário sobre o qual repousaram os processos históricos que pretendo analisar nesta tese.

1.1 O Rio Grande do Sul e a emergência de um regionalismo

Desde as últimas décadas do século XIX até a atualidade, os habitantes do estado do Rio Grande do Sul vivenciam um processo de construção identitária regionalista de êxito incontestável. Neste espaço de tempo, um conjunto de elementos vinculados à indumentária, à alimentação, a comportamentos, a sotaques, a datas comemorativas e a outros itens (que poderiam ser assinalados em um típico check-list identitário regionalista) tornaram-se símbolos definidores de um tipo social idealizado como gaúcho, reconhecidos tanto fora quanto dentro do estado. Associados a estes símbolos, estabeleceu-se um conjunto de narrativas heroizantes e que imputam valências enaltecidas aos gaúchos.

A partir de 1950, coube ao tradicionalismo boa parte do mérito por tal feito. Enquanto movimento organizado, conquistou grande capilaridade e alcance social. O movimento

tradicionalista atualmente contabiliza o número de CTG associados em milhares e de indivíduos associados além da centena de milhares. Há CTG espalhados por cidades em vários estados do Brasil e até em outros continentes. A adoção do gentílico dos habitantes do estado como gaúcho, somado ao poder de definição dos elementos diacríticos materiais e imateriais deste tipo social exercido pelo movimento praticamente lhe confere a condição de fiador simbólico do que é ou não ser gaúcho.

O sucesso do tradicionalismo enquanto vetor de uma identidade regionalista do Rio Grande do Sul é inquestionável, mas de ocorrência recente. Há sempre uma trajetória em um processo de construção identitária regionalista, por vezes interrompida, ressignificada e acionada sob diferentes contextos. Em relação à figura do gaúcho, o substrato básico para formação destas representações foram os cavaleiros de uma sociedade pastoril ligados à atividade pecuária na região do Pampa, território que abrange os atuais sudoeste do Rio Grande do Sul, Uruguai e centro da Argentina. Tal tipo social foi observado e descrito por inúmeros autores, inclusive Charles Darwin, quando de sua passagem pela América do Sul a bordo do Beagle, entre 1831 a 1836. Ondina Leal aponta essa descrição como um dos primeiros momentos em que o Sul passa a se constituir como uma “área cultural”, como um campo etnográfico específico, capaz de gerar semantizações de práticas culturais (LEAL, 1997, p. 202). A descrição de Darwin traz muitos dos elementos que serão aproveitados posteriormente na exaltação desta figura:

Os gaúchos são um conjunto de homens de singular aparência; geralmente altos, belos, com uma expressão de orgulho e desdém. Eles usam bigodes e cabelos longos, que cacheiam-se à altura do pescoço. Com suas vestes coloridas, grandes esporas batendo em seus calcanhares e uma faca enfiada (frequentemente usada) como uma adaga em suas cinturas, eles parecem uma raça de homens muito diferente de nosso homem do campo. [...] Há um grande prazer na independência da vida do gaúcho – em poder, em qualquer momento, parar seu cavalo e dizer: “Passarei a noite aqui”. A imobilidade mortal da planície, a vigia dos cães, o grupo cigano de gaúchos ajeitando-se para dormir ao redor do fogo, deixou em minha mente um imagem fortemente marcada desta primeira noite [no pampa] que não esquecerei tão cedo. (DARWIN, 1933, p. 148-160).

Darwin descreveu um tipo social vinculado às atividades pecuárias que exercia tarefas para grandes fazendeiros que dominavam o cenário econômico e político no século XIX em largas extensões do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Nem sempre vistos de forma favorável pela sociedade de então, foi apenas a partir de 1870, graças a transformações da área da Campanha como o cercamento dos campos, modernização dos transportes e

simplificação de atividades pecuárias, quando são praticamente extintos enquanto figura social concreta, que passam a ser vistos com bons olhos pelo *establishment* intelectual rio grandense.

No Rio Grande do Sul, foi a partir do Partenon Literário, uma sociedade de intelectuais e escritores fundada em 1868 em Porto Alegre, que surgiu a primeira forma organizada de exaltação da temática regional gaúcha, na qual este tipo social do gaúcho foi exaltado e impingido de valências. Os escritores e intelectuais que formaram o Partenon pertenciam uma camada média urbana despossuída de terras ou capitais, razoavelmente alheios à vida pastoril, mas que viam na exaltação desta atividade uma forma de aproximação dos detentores de poder político e econômico¹⁸. Nesta época, ainda não havia espaço para uma autonomia desta classe e o verniz laudatório conferido a estes tipos “representativos” do povo rio grandense seria aprazível à oligarquia local, garantindo a esses escritores prestígio e ascensão social. O pouco espaço para um olhar crítico deste êxodo rural forçado destas figuras idealizadas, fenômeno social ao qual eram contemporâneos, deu margem para as primeiras narrativas heroizantes do gaúcho.

Outro movimento importante e similar foi o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado por João Cezimbra Jacques em 1898. Também formado por membros de camadas médias urbanas, a associação voltada ao culto do “tradicional”, segundo alguns autores, deu início à primeira fase do tradicionalismo, sendo que visava a promover festas, desfiles e palestras referentes “às nossas grandiosas tradições e acontecimentos que tornaram o sul rio grandense um povo célebre” (JACQUES, 1979, p. 58). O positivismo, enquanto diretriz política dominante da passagem do século XIX para o XX no Rio Grande do Sul, foi um terreno razoavelmente fértil para que atividades promotoras destas representações valorativas de um regionalismo emergissem, sendo que o Partido Republicano Riograndense e Júlio de Castilhos trabalharam com a imagem do gaúcho de forma que pudesse ser utilizado como elemento na doutrina positivista (ALBECHE, 1995).

Um dos principais âmbitos de produção de representações fundamentais na criação da identidade regional gaúcha neste período foi a literatura. A emergência de uma literatura de caráter regionalista entre o fim do século XIX e início do XX foi um movimento que ocorreu em nível nacional, relevante em caracterizar a grande heterogeneidade do país. Em relação a

¹⁸ A respeito da construção da figura do gaúcho na literatura regional entre os séculos XIX e XX, ver GUAZZELLI, Cesar A. B. Matrero, guerreiro, peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002, p. 108-136.

um regionalismo gauchesco, a publicação de *O gaúcho*, de José de Alencar em 1870, pode ser apontada como marco inicial, porém o movimento ganha tração a partir do início do século XX, com produções de autores como Simões Lopes Neto, Roque Callage, Alcides Maia, João Fontoura entre outros.

O regionalismo estabeleceu-se no Rio Grande do Sul como um amplo espaço de pesquisa identitária e um alentado esforço coletivo de ressignificação do passado e de apropriação pela cultura escrita, buscando no processo de criação das identidades nacionais a inspiração para definir os elementos simbólicos capazes de tornar a região reconhecível como um conjunto cultural (MURARI, 2010, p. 160-161). A grande descentralização política alcançada no período deu margem para um federalismo literário e os autores regionalistas passaram a se empenhar na consolidação de elementos simbólicos típicos de um *check-list* identitário, tais como árvore, pássaro, rio, paisagem, comportamentos, bebidas e comidas típicas em suas obras. A Revolução Farroupilha também foi um importante evento acionado por estes autores, por prover grande conjunto de ícones da identidade gaúcha como hino, bandeira, heróis e data comemorativa. Mesmo que durante tal evento boa parte da província se manteve leal ao Império do Brasil e não aderiu aos revoltosos, esses autores esforçaram-se por passar pela literatura uma imagem de unidade dos gaúchos em torno dos ideais revolucionários e da exaltação da figura de Bento Gonçalves, principal herói dessa construção mítica.

Em suas tonalidades mais didáticas, a consagração dos heróis atua também como uma simbolização de virtudes coletivas, de maneira que os feitos dos homens excepcionais sejam mesclados à bravura dos guerreadores, proprietários e homens do povo, indiferentemente, que sustentaram a guerra em nome da defesa dos ideais farrapos. (MURARI, 2010, p.170-171).

Outro fator importante na identidade regional gaúcha formada no período por literatos e adotada com vigor pelo tradicionalismo décadas depois diz respeito à brasilidade do Rio Grande do Sul. Todo movimento regionalista pode servir de substrato para demandas de autodeterminação e emancipação política e, embora este não fosse o caso do regionalismo literário de então¹⁹, o histórico belicoso e separatista do estado e sua proximidade cultural com Uruguai e Argentina forçaram com maior contundência um viés nacionalista nessa construção do regionalismo gaúcho. Para este fim, a operação ideológica elaborada por esses

¹⁹ Cabe lembrar que a literatura regional era um fenômeno brasileiro e, portanto comum a outras regiões dentro de um projeto de integração nacional por meio do regional

autores transformou a belicosidade em nacionalismo. O “passado de guerras” se devia à luta pela proteção e manutenção do território nacional nesta região de fronteiras abertas. Por isso, a Revolução Farroupilha é tratada como uma revolta contra a tirania do governo central e a busca justa e antecipada do destino republicano do país, e os *gauchos* platinos são impingidos de características desabonadoras, como traiçoeiros, criando a alteridade necessária em uma construção de identidade.

A partir da Revolução de 1930 até o fim do Estado Novo, em 1945, o tema se torna candente da intelectualidade devido aos esforços de formação da nacionalidade e integração econômica e política do país. A brasilidade do gaúcho é reafirmada com contundência, mas se procura fechar espaços para exaltação de elementos diacríticos regionais. Não é sem motivo que a retomada do regionalismo gaúcho ocorrerá apenas após o fim deste período.

1.2 O Tradicionalismo

Antes de tratarmos de forma mais aprofundada sobre o tradicionalismo, faz-se necessário depurar alguns termos. Os movimentos organizados de valorização de elementos vinculados à figura do gaúcho, como o Partenon Literário, o Grêmio Gaúcho e o próprio tradicionalismo formam o gauchismo, algo difuso e temporalmente espalhado, com várias correntes até divergentes entre si em determinados aspectos. O tradicionalismo tornou-se o núcleo hegemônico do gauchismo logo após seu surgimento. Outro termo que veremos adiante, o nativismo, refere-se a uma dissidência do tradicionalismo, uma forma de gauchismo menos institucionalizada e hierarquizada que surge, a partir da década de 1970, com festivais musicais conhecidos como Califórnia da Canção Nativa.

O passo inicial daquilo que viria a ser o movimento tradicionalista ocorre em 1947, quando um grupo de jovens estudantes de Porto Alegre fundou o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Eles organizaram comemorações relativas ao período anterior ao dia 20 de setembro (à época chamaram de Ronda Gaúcha aquilo que atualmente é o período designado de Semana Farroupilha) e, neste mesmo ano, decidiram montar uma guarda de honra para acompanhar em Porto Alegre o traslado dos restos mortais de David Canabarro²⁰. Este momento é reconhecido pelos tradicionalistas como o marco zero do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

²⁰ Principal líder militar das forças revoltosas durante a Revolução Farroupilha (1835 – 1845).

Em 1948, este grupo de jovens, somado a mais alguns ex-escoteiros, criam o 35 CTG e decidem não mantê-lo restrito aos 35 membros fundantes, mas aberto a todos que dele quisessem participar. Tal característica diferenciava este espaço de algumas academias tradicionalistas fundadas décadas antes sob o molde do Grêmio Gaúcho. Outro aspecto importante desta agremiação estava o apoio à criação de núcleos regionalistas similares.

O relato dos fundadores do movimento torna perceptível como os anos iniciais do movimento foram marcados por um crescimento mais significativo nos núcleos urbanos do interior do estado do que na capital. Até a metade da década de 1950, mais de 30 CTG foram criados em outras regiões do estado, embora na região metropolitana apenas mais um tenha surgido. A partir de 1954, passou-se a realizar anualmente reuniões dos centros tradicionalistas, congressos em que se deliberavam as diretrizes do movimento. No XII Congresso Tradicionalista, realizado no ano de 1966, na cidade de Tramandaí, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho, que reúne a maior parte das entidades tradicionalistas e que “é o catalisador, disciplinador e orientador das atividades dos seus filiados, no que diz respeito ao preconizado na Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho” (OLIVEN, 1992, p. 86). O período entre 1948 e 1966 foi marcado pela pulverização de CTG em cidades do interior do estado, mas também pela aproximação dos próceres do tradicionalismo ao meio intelectual institucionalizado e pela sua penetração em estruturas burocráticas voltadas aos estudos do folclore, espaços que lhe permitiram uma ampla capacidade de projetar à sociedade gaúcha os elementos simbólicos demarcadores de uma identidade regional, conforme aponta Nedel (2005, p.7):

que, dentro de um código de conduta e de linguagem delimitado e reconhecido pelos pares, atua ao mesmo tempo como produtor e consumidor de classificações identitárias feitas para serem amplamente partilhadas, e que serão veiculadas pelos livros, pelas instituições de saber e de ensino, pelos rituais cívicos e pela máquina burocrática de gestão da memória e da cultura. Mas, apesar de nutrirem um interesse comum pelas “coisas do Rio Grande”, estarem engajados na divulgação do que pensavam ser a autêntica cultura regional e participarem de um mesmo movimento em prol da preservação e levantamento localizado do patrimônio folclórico brasileiro, os folcloristas tratados neste estudo estão longe de constituir uma parcela homogênea da comunidade intelectual sul-rio-grandense.

A partir de então, o tradicionalismo tem uma base institucionalizada e o seu crescimento será amparado pela crescente associação do movimento à estrutura governamental, em especial do estado do Rio Grande do Sul. Leis estaduais oficializam datas

comemorativas regionalistas e a indumentária torna-se “traje de honra e de uso preferencial no estado”, com sua caracterização ao cargo das “diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho”. (OLIVEN, 1992)

O vertiginoso crescimento do movimento na segunda metade do século XX foi alvo de escrutínio por parte da academia. Em 1980, alguns autores que viriam a se tornar figuras destacadas dentro da academia ou mesmo na política, como no caso do ex-governador do estado, Tarso Genro, publicaram textos no livro *RS: Cultura & Ideologia*, considerado um marco inicial das abordagens críticas da academia em relação ao movimento. Com um claro tom denunciatório, o livro aborda uma série de questões relativas aos “mitos impostos pela classe dominante no estado”, entre eles, a “anacrônica fábula gaudéria”. Em 1983, com dois trabalhos do jornalista e até então historiador diletante Tau Golin, forma-se no meio acadêmico um cenário de perspectivas críticas em relação ao tradicionalismo.

Tau Golin exerce sua análise do tradicionalismo apoiando-se em pressupostos marxistas, apontando-o como uma ideologia²¹. *Bento Gonçalves, o herói ladrão* e *A ideologia do gauchismo*, títulos destes dois livros do autor, possuem um claro objetivo desmistificador. O primeiro visa apontar como o general farroupilha, figura exaltada e heroicizada no ideário gaúcho, teria efetuado a prática então comum de abigeato e contrabando de gado, um tema que já havia sido proposto pela historiografia.

A análise de Golin sobre a ação (ilegal, embora comum à época) de Bento Gonçalves se direciona a apontá-lo como um membro de sua classe, a elite pecuarista, que em busca de ampliar suas riquezas, não hesitaria em recorrer a práticas ilegais. O autor considera que esta faceta do herói farroupilha não foi trazida à tona pelo gauchismo na medida em que é mitificada pela sua condição de símbolo maior do estado e figura fulcral da Revolução Farroupilha, um dos eventos mais louvados do movimento. Desta forma, Golin procura desconstruir a figura de Bento Gonçalves erigida pelo movimento como um líder ilibado e representante dos valores nobres do gauchismo.

Em *A ideologia do gauchismo* percebemos com mais veemência este compromisso denunciatório do autor em relação ao tradicionalismo. Golin aponta-o como a construção de uma visão de mundo elaborada pelos intelectuais a serviço das classes dominantes, que a transformam em expressão cultural de toda a sociedade, facilitando e legitimando o controle

²¹ A noção de ideologia trabalhada pelo autor apresenta forte semelhança com a proposta por Louis Althusser em *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1983). Segundo o autor, os aparelhos ideológicos do estado diferenciam-se dos aparelhos repressivos na medida em que exercem sua função através da ideologia (ALTHUSSER, 1983, p. 69).

político e dominação econômica das elites através do sufoco a possíveis descontentamentos dos baixos estratos sociais – o que resultaria em um acirramento de tensões na luta de classes. Segundo o autor,

“No Rio Grande do Sul, a fração da classe dominante, representada pelos latifundiários, e a sua correspondente fração de classe dominada, constituída pelos camponeses e trabalhadores rurais, informa uma cultura marcada pela ontologia ideológica tradicionalista. O que impressiona é que agora nos centros urbanos mobilizou-se uma massa considerável de “intelectuais e artistas” que a ampliam e a diversificam. Uma arte dominada pela ideologia de conteúdo latifundiário nasce com uma reprodução duplamente dominante: a dominação do camponês no “palco rural” apeia na cidade com uma explicação lógica e coerente, de um mundo hipoteticamente “maravilhoso”; e no centro urbano não possibilita o desenvolvimento de uma arte que seja o “reflexo crítico do real”, remetendo a massa para a Campanha, donde a verdade histórica já veio falseada. É por isso que o Movimento Tradicionalista Gaúcho, com seu aperfeiçoamento de mais de século, articula-se através de uma ideologia necessariamente unificadora. Exploradores e explorados defendem os mesmos princípios na compreensão de mundo.” (GOLIN, 1983, p. 12).

Estes dois trabalhos do autor fazem parte de um fértil período de análises críticas do tradicionalismo. Golin realizou importante levantamento de dados históricos e o impacto de seus pressupostos trouxe um acalorado debate sobre o tradicionalismo, justificando a pretensão desmistificadora de seu trabalho. Entretanto, podemos perceber uma abordagem relativamente simplista das premissas marxistas, características daquilo que Eric Hobsbawn aponta como “marxismo vulgar”²². Ao apontar o tradicionalismo apenas como um constructo configurado pelos intelectuais a serviço das classes dominantes, retira a importância da aceitação e das ressignificações contínuas impostas às representações simbólicas do gauchismo/tradicionalismo pelas camadas sociais mais pobres, desconsiderando sua condição de conjunto representacional identitário em disputa.

Outras propostas inadequadas do autor remetem ao anacronismo na análise das ilicitudes de Bento Gonçalves e por caracterizar como tradicionalismo as primeiras manifestações do gauchismo. O tradicionalismo emerge enquanto tal em fins da década de 1940, com objetivos e propostas claramente arrojadas dentro do contexto de valorização das

²² Termo cunhado por Eric Hobsbawn, proeminente neomarxista britânico, ao designar interpretações materialista-históricas pouco aprofundadas, que operam de forma mecanicista concepções como luta de classes, primazia das relações econômicas, modelo base-superestrutura e ideologia no estudo de seus objetos. Embora as considere importantes por terem abrigado “grandes quantidades de explosivo intelectual”, cometiam o erro fatal de partirem de respostas pré-determinadas para uma pesquisa que as confirmassem. (HOBSBAWN, 1998, p. 162 - 163)

representações das coisas gaúchas e com outros atores sociais à frente do movimento. Também cabe destacar como dentro do movimento tradicionalista e depois no nativismo, houve discussões a respeito da situação dos estratos mais humildes da população gaúcha, e do processo migratório das zonas rurais aos núcleos urbanos, mesmo que com pouca projeção.

Em 1987 e 1989, dois outros livros do autor com abordagens críticas sobre o tradicionalismo foram publicados, respectivamente, *Por baixo do poncho* e *A tradicionalidade na cultura e história do RS*. Embora apresentem a noção de cultura entremeada à de ideologia e perspectivas marxistas menos mecanicistas, o autor continua por desconsiderar importantes divergências entre o tradicionalismo e o nativismo, conjugando-os sob o conceito de *tradinativismo*.

Apesar destas limitações, a abordagem de Golin teve grande impacto, fundamentando perspectivas críticas do tradicionalismo além dos espaços acadêmicos. Inaugurou um longo período de debates e rugas entre os tradicionalistas e a academia e deve-se destacar que sua análise, mesmo que baseada em uma abordagem simplificada da teoria e dos conceitos marxistas, também oferece apontamentos que problematizam o caráter conservador do movimento.

A partir do início da década de 1990 encontramos as primeiras contribuições acadêmicas a respeito do regionalismo gaúcho sem o tom denunciatório. Considero a principal destas contribuições *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*, de Ruben George Oliven, que se apresenta no meio acadêmico atual como o principal estudo a respeito do regionalismo gaúcho²³. O livro incorporou textos publicados por Oliven em revistas acadêmicas nos últimos anos da década de 1980, transformados em capítulos. O autor vê a emergência do tradicionalismo como parte de um processo de longa duração nas relações

²³ Letícia Borges Nedel considera os estudos de Oliven como uma das primeiras contribuições a respeito do tema sem o compromisso denunciatório que pautava estudos anteriores. A respeito destes estudos anteriores, que visam desmistificar os discursos do tradicionalismo, a autora aponta: “essas primeiras revisões não passaram incólumes ao clima de dissensão ideológica reinante ao término de tantos anos de ditadura militar. Uma simples passada de olhos pelos artigos de *Cultura e Ideologia* é suficiente para confirmar a suspeita de que os autores clamavam, em plena campanha pela anistia, pelo rompimento ético com uma tradição literária ali descrita em sentido amplo, e referida como anacrônica e reacionária.” (2005, p. 4) Nedel faz referência aos textos “O Mito da Produção sem Trabalho”, de Décio Freitas, “As Mentiras sobre o Gaúcho, primeiras contribuições da literatura” de Sergius Gonzaga, “A Miscigenação que não houve” de José Hildebrando Dacanal, e “Historiografia e Ideologia” de Sandra Pesavento. In: (DACANAL & GONZAGA, 1980). Ao contrário da classificação de Nedel (2005, p.5, Op cit.), Zalla aponta que o trabalho de Oliven ainda possui um caráter denunciatório, problematizando o rompimento da dicotomia entre realidade e representação proposto pelo autor. Para Zalla, Oliven constrói sua análise acerca do tradicionalismo em alguns momentos tomando-o como uma ideologia e aproximando-se da abordagem dos autores de sua geração, permitindo a Zalla apontar incoerências no uso do conceito de representação por parte de Oliven. (ZALLA, 2011. p. 26)

entre o regional e o nacional no plano brasileiro e de reação à oferta de modelos culturais exógenos advindos com a globalização.

A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Esta redescoberta das diferenças e a atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político, econômico e cultural sugere que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional. (OLIVEN, 1992, p. 46)

Na abordagem do cenário de emergência do tradicionalismo, Oliven identifica-o como um movimento de resistência cultural frente ao processo de globalização, que ressignifica e se apropria de elementos simbólicos já constituídos pelo gauchismo ou inventa tradições em atividades que não encontraram manifestações culturais “genuínas”, como danças e músicas. Em relação a este último tipo de ação, Oliven cita Barbosa Lessa quando ele aponta como criações suas a dança do “Pezinho” e a composição “Negrinho do Pastoreio”. Tais tradições popularizaram-se a ponto de serem geralmente consideradas como parte do folclore do estado, o que surpreendeu o próprio Barbosa Lessa. O tradicionalista referencia Hobsbawn & Ranger²⁴ para justificar este ato. Oliven, identificando também um processo de invenção de tradições próximos daquilo que Hobsbawn apontou, referencia-o também, entretanto, considerando o aspecto crítico do autor britânico em relação a tais fenômenos sociais²⁵.

Outra discussão proposta pelo autor é problematizar como os elementos representacionais do tradicionalismo alcançaram tamanha projeção mesmo sendo referentes ao “passado que teria existido na região pastoril da Campanha, no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho”, ou seja, “deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais”. Elencando elementos que visam a combater a noção da democracia racial sulina, Oliven aponta como a imagem do negro é relegada a segundo plano e a do índio, grupo muito reduzido e enfraquecido do estado, é apropriada e enaltecida pelo tradicionalismo, “associada a uma imagem de bravura e altivez” (OLIVEN, 1992, p. 100).

Oliven também escrutina as circunstâncias e disputas que envolveram a emergência do nativismo e o grau de diferenciação que este atingiu em relação ao tradicionalismo. Para o

²⁴ Barbosa Lessa e Oliven referem-se à *A Invenção das Tradições* (1983).

²⁵ Oliven (1992) também discorre sobre a invenção das tradições relativa à indumentária, em específico à bombacha e aos vestidos das prendas.

autor, o momento inaugural do movimento se deu com a publicação do artigo “Aiatolás da Tradição” por Juarez Fonseca e Gilmar Eitelvein²⁶, com grande repercussão social e apoio da classe artística. O artigo direcionou suas críticas especialmente para o conservadorismo dogmático do Movimento Tradicionalista Gaúcho, apontando que as representações que este constitui sobre a figura do gaúcho estão completamente afastadas dos estratos sociais mais humildes da sociedade, estes envoltos no processo de migração do campo para a cidade²⁷.

Apontando o caráter mais “progressista e inovador do nativismo”, seu sinal distintivo frente ao conservadorismo dos tradicionalistas, Oliven se afasta das perspectivas de Golin e Dacanal & Gonzaga, que viam pouquíssima diferença prática entre os dois grupos. Para o autor, os dois movimentos apresentam propostas diferenciadas em relação à construção desta identidade social e o que os unia era simplesmente “o fato de disputarem o mesmo mercado de bens simbólicos e utilizarem instâncias medianas de consagração, como os festivais de música, o debate jornalístico, etc.” (OLIVEN, 1992, p. 123).

Em relação à forte penetração do tradicionalismo nos grupos sociais formados pelos descendentes de imigrantes alemães e italianos, Oliven sinaliza como um processo de ascensão simbólica, na medida em que o gauchismo torna-se hegemônico num estado com variadas influências culturais. O termo colono, que designava os imigrantes e seus descendentes, passou a ser associado no imaginário coletivo com a falta de habilidades e recursos, ganhando caráter pejorativo e construído no tencionamento com a oligarquia pecuária em posição privilegiada. Desta forma, alguns dos signos diacríticos desta última, como o cavalo, a indumentária e os maneirismos passaram a representar ascensão social para estes grupos, que se apropriaram intensamente da identidade tradicionalista (OLIVEN, 1992, p. 80).

Considero importante realizar um pequeno apontamento em relação a esta análise sobre a adoção do tradicionalismo nas regiões de colonização europeia mais recente, como é o caso de Caxias do Sul e da Região de Colonização Italiana, por ir ao encontro do tema central desta tese. Embora concorde que a adoção de símbolos relacionados à elite pecuarista estadual possa ter sido uma forma dos descendentes de imigrantes italianos integrarem-se à sociedade

²⁶ Jornalistas que cobriam os festivais nativistas e autores deste artigo-manifesto em 1986.

²⁷ “O mundo agropastoril enfraqueceu com a inevitável ascensão industrial. Incharam os centros urbanos com a avalanche descontrolada do êxodo rural. Enquanto isso, os aiatolás da tradição, todos bem postados nas cidades, querem reviver e manter a mística do campo, sob o argumento fugidio de que os peões tinham lá casa, comida e felicidade. Uma mística alimentada por fazendeiros, que perderam uma força de trabalho estável e disciplinada.” (FONSECA & EITELVEIN, 1986, p. 8)

gaúcha de forma positivada, penso que tal fenômeno deve ser relativizado quanto à sua importância como vetor do tradicionalismo em relação a Caxias do Sul por todo o século XX. Como será demonstrado nos capítulos seguintes, a ascensão do tradicionalismo nas primeiras décadas após 1950, ocorreu pela conjugação de um conjunto de fatores, mas considero que o mais relevante se deva à adesão dos migrantes oriundos de outras regiões do estado às representações identitárias do tradicionalismo, visando a sua valorização e legitimação social em um universo simbólico hegemônico pela italianidade, que abria pouca margem de ascensão àqueles que não tivessem sobrenomes de origem italiana, negando-lhes um reconhecimento quanto à sua função social mais elementar, o trabalho.

Apesar disso, a análise de Oliven lançou luz sobre fenômenos explicativos da ascensão do tradicionalismo que continuam operantes até a atualidade. Considero como um dos principais apontamentos do autor a constatação de que o tradicionalismo desde o seu início configura-se como um movimento urbano que procura recuperar os valores rurais. No caso do grupo inicial de tradicionalistas, o contraste enfrentado pelos jovens de um mundo rural, essencialmente migrantes frente a uma realidade nova, complexa, desafiadora e com sinais incompreensíveis gerou uma reação de apego àquilo que consideravam seguro e lhes fornecia uma sensação de pertencimento: o campo e o passado. O relato de um dos intelectuais tradicionalistas, Antonio Fagundes, trazido por Oliven, é revelador deste fenômeno:

“há, queiramos ou não, uma aura de saudade envolvendo o tradicionalismo e ninguém sente saudade de quem está perto. A saudade – e o tradicionalismo – exigem distanciamento, tanto que este é um fenômeno tipicamente citadino, não do campo, urbano e não rural” (OLIVEN, 1992, p. 76).

Permitir o pertencimento a uma ruralidade distante mas vivida, experienciada e portanto, fornecedora de sentido frente a um mundo urbano onde transbordam uma grande plêiade de identidades fornecidas pelo consumismo e pela modernidade é um dos grandes trunfos do tradicionalismo, e elemento explicativo de seu sucesso. Em *A Moderna Tradição Gaúcha* (2013), Celso Konflanz reforça esta propriedade do movimento como um dos principais elementos facilitadores de sua propagação.

A sua capacidade de representar as comunidades por meio da ruralidade[...] constituindo-se como representante não somente do homem do campo, pois esse mesmo atualmente já se encontra modernizado, mas sim, de todos aqueles que possuem influências rurais, que no caso, refere-se virtualmente a toda a população do Rio Grande do Sul. [...] sua rápida aceitação pela

comunidade gaúcha, se deve a características próprias dessa sociedade de forte formação rural e o papel que o tradicionalismo assumiu nesse contexto[...] Para uns era sinal de grossura, de antiquado, para outros era sinal de raiz. Mas de certa, ou ao menos no discurso de seus participantes, se tratava de uma espécie de resistência simbólica... (KONFLANZ, 2013, p. 120)

A guarida oferecida pelo tradicionalismo para os urbanos egressos das zonas rurais é um dos elementos explicativos de sua aceitação no estado e também em Caxias do Sul. Como veremos no capítulo 2, na década de 1950, o movimento na região era encabeçado principalmente por migrantes internos, um estrato populacional utilizado como elemento contrastivo e negativado dentro das narrativas fornecedoras de pertencimento aos estabelecidos, os descendentes de italianos, que dispunham de uma italianidade provedora de sentidos e valorização social. Sem desconsiderar que, na primeira metade do século XX, ocorreram aproximações entre elementos identitários da italianidade e uma identidade sul-riograndense, esta faceta de relativa contrastividade entre “italianos” e “brasileiros” fez com que para estes indivíduos que chegavam a Caxias do Sul durante a segunda metade do século XX, o tradicionalismo se apresentasse como um modelo identitário conferidor de reconhecimento social positivado, como será apontado através da análise de relatos orais das primeiras lideranças de CTG na cidade no capítulo 5 e de outros portadores desta identidade nos capítulos seguintes.

Temporalmente próximo à publicação de Oliven, um artigo produzido por Sandra Pesavento, publicado em 1993, assinala na historiografia local o aporte das ferramentas teóricas da história cultural na análise do tradicionalismo. Em *A invenção da sociedade gaúcha*, Pesavento propõe que as representações pertinentes à construção imaginária da sociedade gaúcha podem ser agrupadas dentro de quatro conjuntos focais: o mito das origens, a articulação personagem/paisagem, a opção política/ideológica e a identificação entre autor e público.

Em referência ao mito das origens, a autora aborda as representações construídas nos discursos da historiografia de gerações anteriores que imputaram características enaltecedoras à sociedade gaúcha, associando bravura e ideal cívico por meio de “reconstruções idealizadas” da história local. O segundo conjunto diz respeito à associação destas representações heroizantes do gaúcho à paisagem natural e às atividades econômicas e militares historicamente presentes no estado. Estes estereótipos dão margem para a elaboração dos ideais de uma sociedade sem classes e da democracia racial sulina, relacionando-se com o

terceiro grupo de representações, que analisa o apego à nacionalidade brasileira e o papel da sociedade local na defesa e manutenção do território nacional, procurando se desvincular da pecha de “separatistas” em virtude da Revolução Farroupilha.

Pensando o tradicionalismo não mais como uma ideologia dominante carregada de intencionalidade e focando a dinâmica que leva à sua aceitação pelos trabalhadores urbanos, a autora não projeta um movimento de imputação de ideários que ocorre apenas de “cima para baixo”, mas que também faz sentido para aqueles que a aceitam, como uma estratégia de pertencimento e obtenção de reconhecimento no mundo²⁸:

A evocação de imagem de um modo de vida antigo — "tradicional" — dá-se associada uma positividade que opera como "atenuante" das condições concretas da vida [...] onde o processo que levou à marginalização e ao empobrecimento do homem do campo, compelindo-o à cidade, é esquecido, para, em seu lugar, tomarem força as construções idealizadas de uma situação em tudo superior e mais digna do que a atual. Na periferia dos centros urbanos, os egressos do campo, proletarizados, encontram no endosso das tradições gaúchas e na legitimação de uma determinada visão do social uma forma de compensação para as duras condições de vida. Pobre, mas honrado e ativo, como o centauro dos pampas. (PESAVENTO, 1993, p. 392)

Entre os principais apontamentos de Pesavento neste ensaio, destaco a consideração de como a aceitação desta identidade regional, para os egressos do campo que ocupam os postos de trabalho pouco valorizados dos centros urbanos, é central para explicar o crescimento do número de adeptos desta identidade, por fornecer-lhes uma posição social “honrada”. Tal fenômeno, como será demonstrado através de entrevistas com participantes de espaços tradicionalistas nos capítulos 2 e 3, foi recorrente em Caxias do Sul, cidade que recebeu um grande número de migrantes internos após 1950 altamente suscetíveis ao endosso do tradicionalismo.

Outra observação importante de Pesavento está na demonstração de quão inócua é a busca por tentar demonstrar a falta de autenticidade e de ligação com o “real concreto” destas representações identitárias regionalistas. Ressalto que a autora realiza tais apontamentos de

²⁸ Entretanto, na medida em que avança no texto, percebe-se uma linha de argumentação da autora onde ela não descarta por completo um componente ideológico no tradicionalismo. Citando recorrentemente premissas de Bourdieu, apenas nega um caráter unidirecional deste fenômeno: “os dominados não têm escolha senão a aceitação da definição dominante de sua identidade ou a busca de assimilação desses valores, numa reelaboração que mediatiza estereótipos e estigmas com a sua identidade legítima. De qualquer forma, o engajamento, passivo ou não, consciente ou não à causa da identidade regional fornece aos autores da representação um capital cultural e simbólico” (BOURDIEU, Pierre apud PESAVENTO, Sandra J. Idem, p. 393).

anos após a publicação dos escritos desmistificatórios de Tau Golin e oito anos após a publicação do trabalho do tradicionalista Luiz Carlos Barbosa Lessa, *Nativismo: um fenômeno social gaúcho* (1985), no qual o autor, na condição de um dos preceptores do movimento, aponta que um significativo conjunto de danças, músicas e indumentárias foram de fato, elementos criados e regrados de acordo com diretivas próprias dos integrantes do MTG. Justificando-se, Barbosa Lessa argumentava que a satisfação dos espectadores perante algumas manifestações culturais claramente inventadas eram tão efusivamente favoráveis que demonstravam como atendiam a necessidade de contemplar e preencher um vácuo de elementos folclóricos representativos do povo gaúcho. (OLIVEN, 1992, p. 84)

Todas estas discussões demonstrando a falta de legitimidade histórica de um grande conjunto de representações assimiladas como próprias de um *ethos* do gaúcho, incluindo a *mea culpa* de um de seus principais representantes, não arrefeceram o progressivo alcance social que este ideário foi atingindo durante a década de 1980 na sociedade gaúcha. Penso que este cenário permitiu à autora perceber a pertinência de desvincular a discussão acerca destas representações sobre o seu caráter de legitimidade e direcionar seu foco para as dinâmicas que determinam sua ampla aceitação em variados grupos e estratos sociais, um processo marcado por forte postura homogeneizante:

“por que não endossar um pacote já pronto de discursos e imagens que dignificam e conferem autenticidade aos moradores da região? Trata-se de uma herança que só oferece bens culturais reconhecidos socialmente... Aliás, diga-se de passagem, a única forma de obter a socialização de uma construção imaginária do social é negando o social enquanto tal, ou seja, negando a diferença dos grupos em jogo e acentuando os fatores de identidade, míticos e idealizados ou recolhidos do concreto real, eliminando o conflito e/ou empurrando-o para fora do contexto regional. Em suma, a reconstrução do social, segundo a elaboração de discursos e imagens de representação coletiva, traduz-se numa ação simbólica para produzir uma unidade real ou a crença nessa unidade. Sua eficácia, contemporaneamente se valendo dos recursos da mídia, do charme da propaganda e dos novos veículos de comunicação social, mede-se pela difusão de hábitos, pela aceitação de ritos, pelo endosso de símbolos e pelo não-questionamento. (PESAVENTO, 1993, p. 394)

1.3 Identidade regional, tradicionalismo e mídia

Um dos elementos centrais que facilitaram a consolidação do movimento tradicionalista e a propagação dos elementos simbólicos de uma identidade regionalista foi a

adesão da mídia regional a este processo. No decorrer do século XX, o grande desenvolvimento tecnológico permitiu uma crescente abrangência e dispersão de redes midiáticas, gerando um intenso processo de mundialização da cultura. Estas redes midiáticas, por apresentarem modelos culturais globais vinculados ao consumismo, trouxeram o contraste com a alteridade, fomentaram o choque entre o global e o local e posicionaram a si próprios como importantes vetores na promoção de identidades coletivas, sejam nacionais ou regionais.

Responsáveis por apresentar a alteridade, as mídias de caráter regional também possuem a capacidade de dar visibilidade e fazer circular discursos que atendam demandas locais, como os regionalismos. Nesta ação dupla, diferentes meios midiáticos como a televisão, o rádio e o jornal encamparam estes movimentos emergentes visando audiência e operando representações destas diferenças na busca por gerar pertencimento e a reserva do mercado regional.

Tal fenômeno é claramente perceptível no estado do Rio Grande do Sul quando se observa a partir da segunda metade do século XX crescentes menções e programas voltados ao gauchismo em jornais e rádios de alcance de poucos municípios, quanto como no principal conglomerado midiático do estado, a Rede Brasil Sul (RBS)²⁹. Em relação a rádios e jornais locais, a valorização do tradicionalismo inicia-se quando este ainda é emergente, encontrando exemplos disto ainda na década de 1950. Um destes casos, no município de Passo Fundo, é abordado por Mateus Del Ré em *Jornalismo de Bombacha* (2008), uma dissertação de mestrado na qual se analisa a veiculação de elementos positivados do gauchismo pelo jornal *O Nacional* no município.

Este jornal era propriedade de Múcio Castro, jornalista com pretensões políticas e vínculos na capital que foi um dos fundadores do primeiro CTG passo fundense. A inauguração, as atividades do CTG e o tradicionalismo tornaram-se foco de reportagens e menções no jornal durante a década de 1950, constituindo o primeiro registro de valoração do movimento no município por meio de veículos midiáticos. Embora tal enredo demonstre uma ação estratégica pessoal por parte de Múcio Castro – a agência de um personagem social de

²⁹ Em 2009, após a aquisição de um jornal da cidade de Joinville, em Santa Catarina, o Grupo RBS tornou-se alvo de uma ação civil pública por parte do Ministério Público Federal de Santa Catarina, acusado de oligopólio, tendo em vista que por lei é permitido apenas o controle de duas emissoras por um único grupo. Entretanto, o grande conjunto de emissoras e jornais que utiliza o nome fantasia Grupo RBS estão registradas em nome de diferentes pessoas da mesma família. *Jornal o Estadão*, 12/01/2009. Acessado em 25 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mpf-de-sc-questiona-oligopolio-de-midia-do-grupo-rbs,305922,0.htm>.

posses e proprietário de um meio crucial para a projeção do tradicionalismo em sua localidade – também deixa nítido como a operação deste regionalismo numa localidade marcada por relativa pluralidade cultural à época trouxe dividendos, tendo em vista que o próprio conseguiu eleger-se deputado estadual em 1954. Ou seja, havia interlocução com os leitores, espaço para aceitação e avanço destes elementos identitários do tradicionalismo por meio da mídia na primeira metade da década de 1950.

Em relação à RBS, este movimento se intensifica na década de 1980, através de uma forte associação entre o conglomerado midiático e este regionalismo já razoavelmente estruturado. Três fatores foram determinantes para esta associação ocorrer nesta época. O primeiro deve-se ao fato de ser neste momento que o meio televisivo já possuía grande alcance. Este meio é, sem dúvida, o mais poderoso em propor positivamente de um imaginário gauchesco graças à força na construção de representações através do uso de imagens e sons. O segundo, a *débâcle* da ditadura militar no Brasil, que operava como importante vetor de uma identidade nacional, cujo fim abriu margem para o fortalecimento das identidades regionais. O terceiro elemento decisivo neste panorama foi o avanço da globalização, que traz com força a alteridade através da quebra de barreiras comerciais e intercâmbios culturais, propondo uma multiplicidade de possibilidades de associação com identidades consumíveis, e também levando muitos indivíduos a buscar segurança e pertencimento em uma identidade com elementos simbólicos reconhecidos e facilmente apropriáveis.

Neste sentido, Nilda Jacks³⁰ aponta em estudo relativo à inserção dos movimentos tradicionalista e nativista na indústria cultural, como o grupo midiático atuou com intensidade na disseminação do tradicionalismo e do nativismo no estado, capitalizando o momento:

“A adesão da indústria cultural ao movimento de resgate da identidade regional gaúcha, deve-se à pressão exercida de baixo para cima, da população para as estruturas formais de comunicação, compelindo-a a entrar no processo sob pena de perder uma oportunidade mercadológica e de afirmação da imagem perante o público consumidor, através da identificação com seus anseios. Mas há também outro fator que não pode ser relegado: a presença da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), empresa de comunicação, mesmo que tardiamente. Esse papel foi fundamental e caracteriza um “processo de regionalização pelo qual estão passando algumas redes de televisão, com produção e emissão de caráter regional, resultando em uma comunicação mais identificada com as populações localizadas fora do eixo da produção nacional.” (JACKS, 2003, p.106)

³⁰ Jacks menciona que “muitos publicitários entrevistados apontaram a RBS como a responsável por ‘impor’ a cultura que chamaram de gaudéria à população do Estado”. (JACKS, 2003, p. 93)

O jornal de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul, o *Zero Hora*, também controlado pela RBS, foi objeto de estudo acadêmico. Em *Jornalismo e identidade cultural: a construção da identidade gaúcha em Zero Hora* (2006), Ângela Cristina Trevisan Felippi, analisa como o jornal engendrou representações de uma identidade gaúcha baseado em elementos centrais das diretrizes do MTG especialmente a partir da década de 1980.

A maciça presença da ritualização folclórica no jornal, seja com a agenda do Movimento Tradicionalista Gaúcho ou nos festejos da Semana Farroupilha, cria efeitos de sentidos da onipresença da identidade gaúcha no Rio Grande do Sul, de sua extensão pelo mundo e de seu caráter vivo e pujante. O comportamento da cobertura do jornal se relaciona ao próprio movimento das demais instituições que sustentam essa identidade para mantê-la hegemônica, construindo a ideia da existência de uma comunidade étnica e cultural única no Rio Grande do Sul, unida pelas origens e tradições.” (FELIPPI, 2006, p. 150)

Outro exemplo revelador do encampamento do tradicionalismo pelo jornal é o uso de um “linguajar típico da região no processo de construção dos textos jornalísticos, visando causar efeitos de sentido de reconhecimento, identificação e aceitação por parte do leitor, além da vinculação a sentidos hegemônicos e positivos sobre a condição de gaúcho e sobre a região” (FELIPPI, 2006, p. 151). Embora a autora ressalte que não realizou estudos de recepção que permitiriam concluir com maior certeza a eficácia destas estratégias editoriais, o crescente número de leitores no espaço temporal em que realizou a pesquisa e outros dados que revelam aceitação do periódico são demonstrativos que tal linha editorial encontrou crescente aceitação no público.

Neste sentido, a atuação de *Zero Hora* quanto à identidade regional se baseia por interesses econômicos. Amplia e fideliza seu público consumidor, capitalizando sobre uma conjuntura na qual as identidades culturais são elementos constantemente acionados com fins mercadológicos. Neste processo, evitam-se questionamentos, problematizações ou discussões sobre esta identidade.

“ZH ergue a bandeira da reunião de interesses comuns, de construção de uma “comunidade gaúcha”, com sentimento de pertencimento. Porém o faz a partir do mercado, tornando a identidade local, conforme Martín-Barbero (2002, p. 15), a representação da diferença possível de ser comercializada, com seus exotismos ressaltados e seus conflitos neutralizados.” (FELIPPI, 2006, p. 152)

A RBS operou na promoção do tradicionalismo (ou mitificação da figura do gaúcho) em suas várias plataformas midiáticas, como jornais, rádios e televisão. Na televisão, mantém desde 1982 o *Galpão Crioulo*, que tinha como projeto inicial mesclar artistas musicais vinculados tanto ao tradicionalismo como ao nativismo. Além deste programa semanal, há também a produção esporádica de reportagens e programas especiais que tratam da cultura gaúcha de forma laudatória e estreitamente vinculadas aos ditames do Movimento Tradicionalista Gaúcho, como a série de documentários *A Conquista do Oeste*, produzida em 2004 que foi objeto de análise na dissertação de mestrado *A conquista do oeste/RBS TV: memória e identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira* (2012), de Priscila Ferreira.

O documentário tem como temática casos de migrantes gaúchos que se estabeleceram na Região Centro-Oeste do Brasil e no Paraguai, exemplos individuais de um fenômeno migratório de décadas. Utilizando depoimentos dos migrantes, compõe uma narrativa que estabelece claros sinais de alteridade positivada destes frente aos nativos. De acordo com Ferreira, esta alteridade é apresentada por meio de três representações centrais atribuídas aos gaúchos: *conquistador*, *desbravador* e *herói*. Para se incutir tais atributos, não são apresentados casos de migrantes gaúchos insatisfeitos, não se menciona aqueles que migraram e retornaram para o RS, muito menos há espaço para crítica social. Ferreira identifica nesta construção discursiva um evidente projeto de elaboração de uma identidade heroica, uma mitificação do gaúcho muito aproximada das representações propagadas pelo MTG, similar ao que outros autores já indicaram a respeito da postura da RBS frente ao tradicionalismo.

Entretanto, surpreende nesta série em relação a outros produtos midiáticos criados pela RBS no seu histórico alinhamento às perspectivas do tradicionalismo o *tom* utilizado para estabelecer os enaltecimentos e as negatividades visando a demarcar a alteridade do gaúcho. A análise de Ferreira em que apresenta a tríade de representações centrais que são construídas na narrativa é reveladora. São apresentados depoimentos de gaúchos que desbravaram uma região representada como inóspita e fundaram cidades por meio de atributos como coragem e resiliência. Em episódio sobre os gaúchos que migraram para o Paraguai, exibe-se depoimentos em que os nativos são retratados como pouco trabalhadores ou que não sabem utilizar a terra, junto com imagens aéreas de plantações e fazendas de gaúchos (FERREIRA, 2012, p. 114). Nesta construção de uma representação tão heroica, há a idealização do gaúcho praticamente como elemento civilizador frente a nativos preguiçosos e indolentes, algo que beira o esdrúxulo para uma produção midiática em pleno século XXI:

Os nativos das regiões onde se fixaram os migrantes gaúchos passam a assimilar o que foi eleito como cultura do gaúcho. E isso acontece de forma naturalizada dentro da série, como se os migrantes gaúchos fossem os verdadeiros nativos da região, enquanto que os nativos propriamente ditos, passam a ser e conotar a condição de estrangeiros em sua própria terra. Eles necessitam da aprovação ou da submissão de tais regras para serem aceitos e assim assumirem a condição de amigo ou inimigo, já que na ambivalência se pressupõe um posicionamento do lado daquele que detém o poder da classificação, neste caso o migrante gaúcho. (FERREIRA, 2012, p. 137)

Justifica-se a análise da ação dos veículos midiáticos da RBS como propagadores das representações do tradicionalismo devido ao fato destes materiais estarem disponibilizados em nível estadual em sua rede televisiva, atingindo obviamente telespectadores em Caxias do Sul. O jornal Zero Hora, de maior circulação no estado, também possui leitores na cidade, embora seja direcionado com maior ênfase a Porto Alegre e região metropolitana. Entretanto, destaque como o principal periódico de Caxias do Sul, o jornal Pioneiro, foi adquirido pelo Grupo RBS em 1993 e desde então passou a abordar de forma ainda mais apologética o tradicionalismo. A ação da mídia em Caxias do Sul, como importante vetor de promoção do tradicionalismo, será abordada nos próximos capítulos. Se observará como a ação da RBS, através do Pioneiro a partir de 1993, foi fundamental para o intenso crescimento do movimento na cidade.

Dentro dos trabalhos no campo da comunicação acerca da construção da identidade regional, cabe também mencionar *Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos* (2004), de Veneza Ronsini. A importância deste trabalho se deve ao fato de dirigir sua análise na recepção, permitindo identificar como determinados grupos sociais produzem usos, interpretações e se apropriam da cultura regional através dos meios de comunicação de massa, em especial a televisão. O foco da autora foram famílias formadas por migrantes internos de passado rural e de condição modesta, sendo metade famílias provenientes da Campanha e a outra metade da Colônia Italiana³¹.

Baseando sua análise em recortes por gênero e etnia, Ronsini procurou identificar o papel da televisão como meio de construção das identidades por parte destes grupos familiares e justifica sua escolha por indivíduos de passado rural por considerá-los mais suscetíveis à oferta de representações simbólicas midiáticas da cultura gaúcha, apontando que este grupo

³¹ Refere-se à supracitada colônia de Silveira Martins.

instalado no contexto urbano, mas com apego ao passado rural, vivencia de forma contundente a oposição *rural x urbano* por estar negativado simbolicamente no meio citadino e tem na cultura gaúcha uma forma de atualizar seu passado rural.

As entrevistas realizadas pela autora tiveram como finalidade principal analisar a recepção midiática, mas também se direcionou a comparações entre os grupos familiares de origem italiana e os da região da Campanha. A autora identificou a caracterização de representações que os grupos atribuem a si e aos outros, na demonstração de que as identidades sociais são construídas “nas fronteiras” com outras identidades, mas também apontou como esta construção é marcada por uma flexibilidade posicional, na medida em que diferentes identidades podem ser adotadas dentro de diferentes contextos.

O oportunismo que caracteriza a identidade cultural é evidente quando os gringos procuram se distinguir do "pêlo-duro": para valorizar o mundo rural, apela-se para a representação do gaúcho; quando o gaúcho se converte em um concorrente no mundo social ou quando os valores do grupo entram em choque com outros valores – no trabalho, no lazer, na família – valorizam-se os traços da cultura italiana.(RONSINI, 2004, p.114)

Assim, em resposta a uma inserção socioeconômica e cultural não realizada das famílias, devido ao desprestígio que significa ser colono (ter morado na colônia ou ser filho de pequenos agricultores da colônia), resta-lhes a adesão à cultura regional. Ela representa um modo de perpetuar o que gringos e gaúchos têm em comum: as distinções em relação ao mundo urbano e a uma suposta cultura nacional. A tevê, como espaço de tensão entre a supremacia do nacional e a vitalidade do regional (através da Rede Brasil Sul de Televisão), reforça os valores locais ao eleger como representativo do Rio Grande do Sul a imagem do gaúcho e, portanto, do rural. Rural tão necessário para quem não está suficientemente inserido no urbano, que exige um sotaque, um jeito de vestir e de agir que eles, os gringos, estão aprendendo na tevê. (RONSINI, 2004, p. 118)

A autora reforça como a oposição *rural x urbano* é um elemento chave para a disseminação dos elementos simbólicos da cultura gaúcha, dentro de um processo que foi encampado pelo tradicionalismo, e que atinge com mais força os recém-estabelecidos nas zonas urbanas egressos de campo ou de zonas rurais, argumento que vai ao encontro com as conclusões de vários pesquisadores previamente citados sobre o regionalismo. Sua contribuição reside, através deste estudo sobre recepção, em demonstrar como a televisão operou um importante papel propulsor nesta dinâmica, principalmente a partir da década de 1990, quando passou a fazer parte do cotidiano da maior parte da população do estado.

1.4 Efeitos de uma identidade regional tradicionalista estabelecida: o tradicionalismo fora do Rio Grande do Sul, circularidade, política, mercado publicitário, bens de consumo e casos específicos.

A expansão das fronteiras agrícolas no Brasil, durante o século XX, gerou um intenso fenômeno emigratório no estado do Rio Grande do Sul. Em 1950, era o estado que fornecia o maior contingente emigratório do Brasil, ao mesmo tempo em que era o que menos recebia migrantes (OLIVEN, 1993, p. 91- 92).

Essa emigração ocorreu principalmente de zonas rurais do interior do estado para zonas rurais em regiões com baixa densidade demográfica no interior de outros estados, como oeste de Santa Catarina e do Paraná. Estes foram os principais destinos até a década de 1980, quando a partir de então, os estados do Centro-Oeste e do Norte tornaram-se novos focos de expansão.

Este fenômeno levou a uma expansão do tradicionalismo para fora do Rio Grande do Sul. Como já foi apontado anteriormente, o movimento tem como forte elemento causal a “saudade daquilo que não se tem por perto”, o que torna razoavelmente previsível que sirva como molde para configurar as identidades de comunidades de gaúchos em outros estados brasileiros. Ao mesmo tempo, isto é demonstrativo de como seus elementos representacionais configuram uma identidade social presumivelmente definida, oferecendo um arcabouço simbólico coerente para estes migrantes definirem-se enquanto grupos e estabelecerem suas alteridades nos novos espaços sociais que circulam.

Em relação ao tradicionalismo como vetor identitário de comunidades de migrantes gaúchos em outros estados do Brasil, há também um conjunto de trabalhos acadêmicos. Em artigo publicado em 1987, Lélia Pereira da Silva Nunes, discorre sobre o crescimento do MTG em Santa Catarina, apontando a presença de CTG em metade dos municípios catarinenses de então, inclusive em regiões onde a migração de gaúchos não foi tão intensa. A autora destaca como o movimento foi apoiado pelo governo estadual catarinense, com espaço através de uma coordenadoria na Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo estadual e demonstra surpresa com a “adoção de hábitos gaúchos por parte da classe média, que está tomando chimarrão, comendo churrasco e carreteiro, “curtindo” música gaúcha e trajando bombachas” (NUNES, 1987, p. 8).

Agencia Hasselstrom, em *Tradicionalismo em CTG de Mato Grosso* (2011), identifica como estes espaços se tornaram importantes para a projeção destes elementos identitários, basilares para que emigrantes gaúchos que colonizaram algumas cidades do norte do Mato

Grosso formassem um grupo culturalmente coeso. A autora justifica seus apontamentos com base em entrevistas com filhos de migrantes gaúchos, que embora naturais de Mato Grosso, rotulam-se como gaúchos. Para a autora, tal fenômeno ocorre em virtude da influência dos familiares em relação a esta identidade e de sua ritualização por meio das atividades promovidas nos CTG, como festas, jantares e danças com indumentária e temática gauchesca, além de músicas e declamações que enfatizam elementos como o próprio sotaque dos habitantes do Rio Grande do Sul.

Portanto, conclui-se que os jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e participam do CTG Estância da Amizade constituíram suas identidades fundamentando-as através da cultura gaúcha, por estarem inseridos em um meio que apresenta aspectos da cultura gaúcha de forma acentuada. (HASSELSTROM, 2011, p. 104)

Ainda relativo ao tradicionalismo nas regiões da nova fronteira agrícola, neste caso no extremo norte do Brasil, *Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade* (2006), de Carla Monteiro Souza, reforça como o tradicionalismo, através das atividades ritualísticas dos CTG e de seus elementos simbólicos inerentes oferece um substrato sólido de representações para a configuração de uma identidade coletiva destas comunidades de migrantes gaúchos no norte do país. Nas entrevistas, reforça-se a constatação de que os gaúchos que aderiram a esta identidade o fizeram em vista da situação de alteridade em que se encontravam.

“em algumas das narrativas ficou claro que a vinculação à Tradição e/ou ao CTG se tornou mais importante a partir da migração. Com exceção de um dos entrevistados, todos os outros se encaixavam nesta situação: “aqui [Roraima] foi uma força tão grande que virei um gaúcho daqueles autênticos mesmo; lá [Rio Grande do Sul], a gente ia a baile e coisa e tal, mas não participava ativamente do movimento gaúcho”. (SOUZA, 2006, p. 205)

Tais constatações destes estudos reforçam apontamentos de autores previamente citados, como Oliven, Pesavento, Konflanz e Ronsini, que indicam como a situação de alteridade na oposição *rural x urbano* levou muitos migrantes que tinham tal modelo identitário acessível a adotarem-no como forma de se vincularem a um mundo de pertencimento e reconhecimento. Esta dinâmica se verificará em Caxias do Sul, porém aguçada pela operação de uma identidade entre os estabelecidos que negativa os migrantes. Ressalto também como esta migração de gaúchos para estados do norte e do oeste brasileiro

no movimento da expansão das fronteiras agrícolas brasileiras, foi um importante elemento arrolado para designar os gaúchos como “trabalhadores”, uma representação utilizada pelos tradicionalistas em Caxias do Sul para se contrapor à negatificação simbólica imposta pela italianidade. Tal menção foi trazida à tona por tradicionalistas entrevistados, como será analisado nos capítulos seguintes. Vejo no uso desta representação neste contexto uma *circularidade*, neste caso de uma representação, para estabelecer uma posição social favorável de um grupo frente a um imaginário social em que tal atributo já foi legitimado.

Entre as décadas de 1950 e 1980, o tradicionalismo emergiu e se consolidou como vetor principal de uma identidade regional gaúcha com força impressionante. A manutenção de um “núcleo duro” de elementos simbólicos institucionalmente regulados, a capacidade de oferecer a sensação de pertencimento a gaúchos migrantes frente a uma conjuntura global de profusão de identidades, sua organização em espaços de sociabilidade relativamente simples presentes em um grande número de cidades e sua narrativa homogeneizante são alguns dos fatores que explicam este sucesso. Adiciona-se a isto o apoio do aparato estatal por meio da ocupação de cargos de seus líderes, promulgação de leis que fixaram datas simbólicas e feriados, o apoio ao regionalismo tanto por parte de veículos midiáticos menores como de grandes conglomerados regionais e temos uma identidade regional bastante consolidada.

A consolidação tão eficaz dos elementos representacionais desta identidade regional no imaginário social abre margem para uma série de novos fenômenos sociais em que o tradicionalismo assume relevância central, que foram objeto de análises acadêmicas. A idealização da vida de campo do gaúcho por um movimento urbano passa a gerar influências nas regiões de atividade pecuária que sofreram significativas mudanças nas últimas décadas devido à automatização dos serviços. Nas disputas políticas, as campanhas eleitorais dirigidas por profissionais do ramo da publicidade passam a considerar esta identidade nas suas narrativas ao visar a conquista do eleitorado. O mercado publicitário regional passa a operar com estas representações de forma contínua, com especial intensidade nas datas próximas à Semana Farroupilha. Há também uma grande demanda por adereços que caracterizam as pessoas como tradicionalistas e um mercado de produtos regionalistas ganha corpo.

Ao afirmar que estes fenômenos foram recorrentes a partir da década de 1980, não descarto que tenham transcorrido com menor incidência em anos anteriores. Apenas sinalizo que ocorrem em um contexto em que esta identidade possui um grande contingente de adeptos e suas representações homogeneizantes são apontadas como próprias de todos os

gaúchos, pois são reconhecidas pela maioria da sociedade do estado, ou pelo menos, não problematizadas com força enquanto tal.

Em *De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo* (2009), Guilherme Howes Neto visa abordar a circularidade destes elementos identitários entre cidade e campo. Através de pesquisa etnográfica, o autor interpretou as representações dessas identidades gaúchas nos universos simbólicos compartilhados entre o tradicionalista urbano e o peão de estância. Segundo o autor, a idealização do mundo rural do pampa, efetuada nos diferentes conteúdos de cunho gauchesco, como músicas, livros, poesias e filmes, cria um imaginário social que vinculado ou não a uma realidade passada ou presente, é parte da realidade por agir sobre esta. O fluxo de representações nesta circularidade permitiria “romper com o modelo de via única de real e imaginário, verdadeiro e cópia, referentes aos estudos que verifiquei até então, sobre as identidades gaúchas, o tradicionalismo e o gauchismo de maneira geral” (HOWES NETO, 2009, p. 117).

Após a observação etnográfica realizada em meio a trabalhadores de fazendas de criação de cavalos na região central do estado e eventos tradicionalistas, o autor aponta como exemplo maior desta circularidade o tiro-de-laço³².

Dessa forma, ao correrem o laço, naquela tarde de domingo, Daca, Lencina, Osvaldo e Vicente, produziram muito mais uma representação do universo tradicionalista, do que de sua própria vivência como peão. A atividade realizada, “dentro das regras do MTG”, como afirmou Daca, me permite compreender que ao fazê-lo, os peões da Tarumã e da Descanso, agiram dentro da lógica de uma representação dos peões tradicionalistas, de uma prática do cenário urbano. A prática do atirar o laço, que parte de um modelo rural, dos peões, e é representada no mundo urbano nos rodeios de tiro-de-laço. Reinventou-se, reelaborou-se como uma nova prática e não mais somente como uma representação daquele modelo. Essa nova prática reelaborada e ressignificada foi devolvida ao campo, ao universo estancieiro, produzindo nele novas representações. (HOWES NETO, 2009, p. 60)

Esta circularidade opera de forma atrelada e contínua às outras representações que compõem estas identidades do gauchismo, dando suporte e sendo sustentada tanto do ponto de vista do imaginário social como dos indivíduos que a adotam.

As identidades gaúchas que pesquisei assentam-se e legitimam-se através da história (enquanto representação do passado) e da memória dos sujeitos e

³² Modalidade de competição gauchesca onde um cavaleiro em determinado espaço fechado por cercas tem como objetivo laçar terneiros.

dos grupos. Assim sendo, interpretei que esse fluxo circular que realimenta essa dinâmica das identidades gaúchas, proporcionando esse feedback contínuo e intermitente entre o rural e o urbano é subsidiado por um sentimento de pertença que se assenta, entre outros elementos, pela narrativa de uma história comum e mediado por uma memória comum e coletiva que é percebida pelo grupo mas revivida e ressignificada individualmente por cada um dos sujeitos. (HOWES NETO, 2009, p. 119)

A análise de Howes Neto foi efetuada na primeira década do século XXI. É importante ressaltar que suas conclusões identificaram trabalhadores rurais realizando algumas atividades nas quais procuravam seguir as regras do MTG que são possíveis devido à grande proeminência que o tradicionalismo assumiu, reconfigurando o *ethos* pastoril do qual foi idealizado.

Outra área das relações humanas reconfigurada pela forte ascensão desta identidade regionalista é o campo político. Em *Rio Grande do Sul, entre a crise e a grandeza* (2003), Ana Celina Figueira da Silva aborda como elementos identitários de cunho regionalista foram operados pela propaganda eleitoral na eleição de 1994 para governador do estado pelos candidatos Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores e Antônio Britto, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Para a pesquisa, foram utilizados como fontes de análise os programas televisivos do horário de propaganda eleitoral gratuito, constituídos de duas horas diárias (divididas entre sete e oito horas e entre as vinte horas e trinta minutos e vinte uma horas e trinta minutos) entre os dias 2 de agosto e 29 de outubro, sendo interrompido por alguns dias na data próxima ao primeiro turno da eleição.

A autora assinala que representações da identidade regional foram elementos fartamente utilizados pelas campanhas dos candidatos, os dois mais votados no primeiro turno e que por isso disputaram o segundo turno da eleição. Tal uso da identidade regional visou vincular os candidatos a representações positivadas, gerar novos significados aproveitáveis eleitoralmente e promover empatia entre os candidatos e os eleitores.

A construção da identidade regional configura-se numa disputa pela fixação de sentidos, a partir das especificidades locais, lembrando que os sentidos são sempre construídos socialmente através da prática discursiva. O discurso busca adeptos na sua construção de significados, ou seja, o discurso interpela, transformando indivíduos em sujeitos. A sociedade é composta por uma multiplicidade de discursos que lhe confere sentido, o que faz com que os indivíduos sejam interpelados por vários discursos. Assim, um sujeito pode se identificar como sul-rio-grandense, como gaúcho no discurso regionalista e como trabalhador num discurso classista, por exemplo. Entre os discursos que significam a sociedade contemporânea, o discurso político é aquele em que a construção do sujeito é central. Para obter êxito, o discurso

político não deve buscar apenas sujeitos já presentes no social, mas construir novos significados em seu interior, para interpelar novos sujeitos. (SILVA, 2003, p. 21)

Ainda no primeiro turno da eleição, a campanha de Olívio Dutra operou a imagem do candidato visando apontá-lo como alguém com o perfil necessário para promover mudanças no Rio Grande do Sul e cumpridor da palavra³³. A propaganda eleitoral reforçou traços que o vinculavam ao estado, tomando chimarrão, vestindo pilchas e declamando poesias. O próprio apresenta-se como portador de alguns dos elementos característicos do gaúcho: “Gosto da sinceridade e da franqueza, sou filho da Bossoroca³⁴, sou missioneiro” (SILVA, 2003, p. 120).

O fato das eleições para os governos estaduais serem concomitantes com a eleição para o governo federal gerou um novo espaço para a operação de representações simbólicas acerca da identidade regional. Nas eleições presidenciais de 1989, o candidato vencedor Fernando Collor de Mello perdeu no Rio Grande do Sul para Luiz Inácio Lula da Silva e após planos econômicos mal sucedidos, denúncias de corrupção, renúncia e um processo de impeachment, tornou-se uma figura política bastante impopular. Diante de tal situação, a campanha eleitoral de Olívio Dutra operou na formação de novas representações acerca do gaúcho, principalmente ressaltando-o como o povo mais politizado do país:

"Se fosse por ti eleitor gaúcho, Collor nunca seria presidente da república. Bem que tu desconfiaste. O Rio Grande do Sul derrotou Collor porque o gaúcho exige mais dos homens públicos que promessas vazias. Gaúcho preza a franqueza, ama sinceridade e valoriza o compromisso assumido no fio do bigode. Neste 3 de outubro os gaúchos vão votar outra vez em Lula e vão escolher um governador com a cara do Rio Grande, com a alma do seu povo”(SILVA, 2003, p. 135)

A eleição presidencial de 1994 foi marcada pela vitória em primeiro turno de Fernando Henrique Cardoso (FHC), do Partido da Social Democracia Brasileira. Ministro da Fazenda durante o governo de Itamar Franco (vice de Fernando Collor que assumiu a presidência após a renúncia que antecedeu o impeachment), FHC capitalizou politicamente o

³³ Em um contexto de campanha eleitoral tal atributo assume importância, em vista dos políticos eleitos serem apontados pela população em geral como um grupo que no período eleitoral realiza um grande conjunto de promessas que beneficiariam a população, mas que não seriam cumpridas ao assumirem os respectivos cargos.

³⁴ Distrito do município de São Luiz Gonzaga, região no nordeste do estado onde se instalaram as missões jesuítas. Este elemento histórico criou a adjetivação de “missioneiro” para os nascidos na região.

controle inflacionário advindo do Plano Real, responsável por arrefecer elevados índices de inflação desde a década de 1980.

Com a vitória de FHC no primeiro turno, a construção e disputa de significados sobre o Rio Grande do Sul ganha espaço entre as duas campanhas no segundo turno e dirige-se a outra temática: a relação entre o Rio Grande do Sul e o centro político nacional.

Antônio Britto, apontando a proximidade com FHC, promove um discurso de valorização do alinhamento com o governo federal, que traria ganhos econômicos ao estado. Rechaçando a oposição com o governo central, a campanha de Britto aponta que estes ganhos trariam pujança e grandiosidade ao estado na união com o governo federal, e o orgulho gaúcho estaria centrado no pertencimento ao melhor estado do Brasil.

A campanha de Olívio Dutra, sem o trunfo do alinhamento ao candidato eleito no governo federal, evoca representações históricas de oposição entre o Rio Grande do Sul e o centro do poder político nacional, trazendo a Revolução Farroupilha, a Revolução de 1930 e o Movimento da Legalidade em 1961 como exemplos da coragem dos gaúchos em enfrentar os mais poderosos na defesa de seus ideais de liberdade e justiça. Objetivava incutir a ideia de que a ligação com o governo central valorizada pelo outro candidato seria uma submissão, não condizente com a nossa identidade regional.

"Olhe bem os dois candidatos, veja qual dos dois acha que o Rio Grande deve ficar eternamente dependente de Brasília [foto de Britto ao lado de FHC] e qual deles sabe [foto de Olívio tomando chimarrão] que o Rio Grande tem dignidade para exigir o que é justo sem depender dos favores de ninguém.[...] Na identificação de Olívio como um gaúcho de verdade, diria que como o mais gaúcho dos candidatos, a Frente Popular em seus programas utiliza-se fartamente da indumentária e símbolos da cultura gaúcha, como o chimarrão, o churrasco, as paisagens de campo aberto com cavalos soltos, a música e poesia tradicionalista. Ressalta-se a origem humilde do candidato, a sua procedência do interior, como observa-se no programa do dia 29 de outubro, quando o próprio Olívio, de forma muito carismática e emotiva, fala de sua infância, de sua família, de sua origem missioneira. [...] Essa imagem também agiria no sentido de estabelecer um elo entre o candidato Olívio e o eleitor do interior do estado, que seria capaz de reconhecer-se, enquanto gaúcho, na candidatura Olívio Dutra. (SILVA, 2003, p. 154-155)

As identidades sociais não são construções monolíticas, simplesmente marcadas por um conjunto de elementos simbólicos dos quais quem se apropria ou opera com alguma habilidade consegue automaticamente obter ganhos, simpatia e adesão. No universo político eleitoral, percebe-se como o manejo eficiente destas representações é condicionado a uma

coerência junto às narrativas inerentes a estas identidades e ao fazê-lo, gerar novas representações dentro de um imaginário social. A criação da representação de que o gaúcho é o povo mais politizado do país, por exemplo, mesmo que tenha sido utilizada estrategicamente por apenas uma candidatura na medida em que era antitética ao outro candidato, fixou-se e tornou-se validada aos gaúchos em geral após o processo eleitoral, na medida em que positivou a todos e encaixou-se junto a outras representações como mais um dos elementos diacríticos desta identidade social.

De qualquer forma, é importante ressaltar que a centralidade que a identidade regional adquiriu nesta campanha eleitoral na década de 1990, identificado pela autora, é reveladora de como os elementos diacríticos do gaúcho, segundo o modelo do tradicionalismo, estavam à época consolidados no imaginário social regional, a ponto de proporcionar dividendos eleitorais.

Outro indicador importante da consolidação das representações de cunho regionalista ditadas pelo tradicionalismo no imaginário social gaúcho é o direcionamento e a operacionalização do mercado publicitário em relação a esta identidade. Os anúncios publicitários de veiculação regional se apropriam das representações vinculadas a determinada região objetivando gerar sentidos comuns e estabelecer uma relação assertiva com seus consumidores, empregando elementos comuns ao indivíduo e à sociedade, com a intenção de gerar novos significados para o consumidor, que são utilizados com fins mercadológicos (ZADINELLO, 2015)

Alessandro Luchini Zadinello aborda esta temática em *O discurso publicitário regional: uma análise das referências de gauchismo em anúncios veiculados do Rio Grande do Sul* (2015). A base de sua pesquisa foi a análise do conteúdo publicitário de redes regionais e nacionais dos setores farmacêutico, bancário, de telefonia, bebidas e varejo. O autor identificou o contínuo uso dos elementos identitários por parte destas marcas na operacionalização de uma estratégia para estabelecer vínculos com os consumidores.

a principal (estratégia) é o apelo a imagem do gaúcho como estratégia para criar um elo com o espectador. Todos os textos, em seu processo de construção discursiva, fazem uso de elementos identitários para gerar os efeitos de sentido necessários para transmitir sua mensagem. As marcas utilizam-se da identidade do gaúcho e, assim, criam uma forte relação de caráter emocional com o público local. Como se estes anunciantes fizessem parte da cultura do estado e desta forma se tornassem parte do cotidiano do consumidor. (ZADINELLO, 2015, p. 207)

Uma outra estratégia comum do mercado publicitário é a valorização destas características diacríticas dos gaúchos apontando que o que é bom, o que há de melhor e os melhores valores pertencem aos gaúchos. Considerando que há também uma operação de vincular suas marcas ao Rio Grande do Sul, dão espaço para um raciocínio rápido de convencimento dos consumidores de que seus produtos são mais qualificados e devem ser os escolhidos para consumo frente aos dos concorrentes.

É importante ressaltar como esta forma de promoção publicitária enaltecedora dos símbolos identitários, ao mesmo tempo em que se aproveita da identidade regionalista, alimenta suas narrativas, como aponta o autor:

Esta identidade, através de seus valores, também é de certa forma construída e organizada midiaticamente e sustentada pela publicidade. Os vínculos identitários também estão presentes e são parte fundamental nas condições de produção dos textos publicitários. (ZADINELLO, 2015, p. 208)

Estudo análogo com considerações relevantes sobre a relação entre o mercado publicitário e a identidade regionalista gaúcha é o de Aline Gambin, de título *O regional na comunicação publicitária: o posicionamento identitário da marca Polar* (2014). Com base em estudos da área, a autora aponta que diferentemente do restante do país, no Rio Grande do Sul até as classes sociais mais abastadas do estado possuem uma predileção maior pelo consumo de bens não duráveis locais, demonstrando que o “orgulho do gaúcho vai muito além do aspecto folclórico”. Traz como exemplo de insucesso de marcas nacionais no estado o caso de uma rede varejista que não vinculou sua estratégia publicitária a elementos simbólicos regionais.

Uma empresa que ignorou esse aspecto do mercado gaúcho e não obteve bons resultados foi a Casas Bahia, que, em 2004, inaugurou vinte e sete lojas no Rio Grande do Sul, utilizando o mesmo modelo de marketing com o qual conquistou a clientela do resto do Brasil. De acordo com Paulin (2009) “em meados de 2008, o presidente do grupo, Michael Klein, encomendou uma pesquisa para descobrir as razões do insucesso e alternativas para driblá-lo”. Os consultores sugeriram mudanças na roupa do bonequinho do seu logotipo – a troca do chapéu de cangaceiro por um de gaúcho e que ele envergasse também botas e bombachas. Porém, os números revelam que o resultado da pesquisa foi ignorado, provocando o fechamento de mais da metade das lojas. Atualmente, a rede não possui pontos de venda no estado.(GAMBIM, 2014, p. 71)

A autora foca sua análise na campanha publicitária da Polar, uma das marcas do portfólio da Ambev, uma cervejaria multinacional. A marca, distribuída no estado, passou a

adotar a partir de 2003 um direcionamento claro para o público gaúcho, utilizando como slogans “Nossa cerveja, nossa Polar” (2003), “Polar: A melhor é daqui” (2004) e “A melhor do mundo é daqui” (2011). As peças publicitárias de caráter imagético utilizavam elementos simbólicos regionais, como o chimarrão, churrasco, o quero-quero (pássaro símbolo do estado), a estátua do laçador e trechos do hino do Rio Grande do Sul.

As conclusões da autora a respeito das operações das representações dos elementos identitários regionais promovidos pela campanha publicitária em questão são aproximadas das do autor do estudo citado anteriormente. Entretanto, considero digno de nota uma operação singular nas campanhas desta marca: dentro do conjunto de peças publicitárias criado a partir de 2003, destaca-se um tratamento ufanístico ao regionalismo, marcado por hipérboles e superlativos na associação da Polar com outros itens típicos do estado, como “*Nó de pinho. O melhor climatizador do mundo é daqui*” ou “*Espeto corrido. O melhor fast food do mundo é daqui*”. O tom satírico com o qual a marca procurou reforçar sua vinculação com representações regionais é um indicador da força destes elementos identitários no estado, algo reconhecido na sabedoria popular pela máxima de que somente algo que está “muito seguro a seu próprio respeito pode rir de si mesmo”. Reforça-se este argumento pelo fato de o mercado de cervejas ser bastante competitivo, com um grande número de marcas que despendem amplos recursos em propagandas, uma das principais formas de promover vendas neste setor para o grande público. Caso este regionalismo tivesse suas representações pouco estabelecidas, ainda sendo disputadas por grupos organizados ou dispersos, esta sátira poderia se tornar um forte pretexto para retaliações, entraria num contexto de disputas e geraria antipatia ao produto por parte do público alvo.

Seria um movimento extremamente arriscado, não fosse a certeza dos publicitários de que estas representações já estariam ancoradas positivamente no imaginário social com tal força, que lhes permitia pôr em prática uma linha de ação visando despertar a atenção do público consumidor por meio do tom de galhofa.

No contexto urbano pós 1950, o pertencimento a uma identidade cultural presume a utilização de um conjunto de itens materiais diacríticos, que sinalizam o portador perante os outros. Para a grande maioria das identidades coletivas, um dos elementos mais básicos para promover esta sinalização é a indumentária.

Quanto à identidade regional tradicionalista não é diferente. A pilcha, nome da indumentária tradicionalista, é um definidor claro e amplamente utilizado por seus portadores, mesmo que para a maioria seja peça para utilização apenas em datas e eventos específicos.

Desta forma, é razoável supor que haverá demanda por tais, atendida por um comércio específico.

A pilcha é apenas um dos itens que compõem o universo de elementos materiais simbolicamente carregados da cultura gaúcha. Há um grande conjunto de adereços, muitos destes definidos e regradados pelo MTG, bem como discos musicais e outros produtos que formaram um mercado de produtos que orbita exclusivamente em torno da cultura gaúcha. Com o crescimento do número de adeptos do gauchismo e do tradicionalismo nas últimas décadas, este mercado se consolidou.

Em *Campereando mercados: práticas de resistência e cidadania mediadas pelo mercado na cultura gaúcha* (2013), Marlon Dalmoro assinala como o mercado da cultura gaúcha, por ter como base uma identidade regionalista que surge como contraposição à globalização, formou-se como uma espécie de mercado de resistência, com características singulares, frente à cultura global de consumo.

[...] os consumidores buscam na cultura gaúcha uma fonte de identificação. E o consumo é uma importante forma de construção da identidade. Valorizando produtos locais em detrimento daqueles globais, as ações de consumo alimentam o mercado de resistência, pois contribuem na preservação da cultura gaúcha como fonte de identidade e na formação de uma barreira de proteção ao núcleo sociocultural local. Aqui, os consumidores não alteram ou desafiam as práticas hegemônicas dos produtores, mas suportam um mercado que, de modo integrado, reforça aspectos da cultura local. (DALMORO, 2013, p. 277)

O autor aponta como o MTG destaca a importância dos produtores que sustentam um mercado para o tradicionalismo devido ao fato de seus líderes reconhecerem o caráter urbano deste regionalismo, porém na condição de regulador destes elementos identitários, também exerce vigilância em relação àquilo que consideram deturpação do movimento quando produtos fora das suas regulamentações são ofertados. Entretanto, Dalmoro assinala como práticas mercadológicas postas em execução por produtores e vendedores alheios ao MTG acabam por ampliar o leque de novos itens vinculados à cultura gaúcha, como é o caso das bombachas femininas.

O autor avança na sua argumentação assinalando que a configuração deste mercado de resistência voltado ao regionalismo com relativa institucionalização de elementos simbólicos é promotor de uma forma de cidadania, por oferecer possibilidades simbólicas de pertencimento local. Mas também aponta aspectos críticos neste fenômeno:

O modo como os agentes organizadores solidificam aspectos culturais e oferece-nos como opção identitária fechada em si mesma não reflete em nada o turbilhão de influências que formam esta cultura gaúcha. A começar pela própria cultura em si, ligada a um mito fundador passadista, mas que remete a um povo que nas suas dificuldades levava uma vida errante no campo. Hoje esse gaúcho ressignificado é um herói, que ao agregar elementos culturais distintos, pouco lembra o gaúcho histórico. O processo político articulado ao longo do século XX, que envolvendo agentes políticos (especialmente os governos e instituições locais), construiu uma cultura gaúcha assumida pela população como própria. Em adição, o excesso de regras que tentam definir o que é ser gaúcho, e uma tentativa de gerenciamento da cultura gaúcha por parte dos organizadores, ao mesmo tempo em que fortalece uma cultura gaúcha, transmite uma postura de imposição desta como a única alternativa correta na construção da identidade dos rio-grandenses. (DALMORO, 2013, p. 307)

Os apontamentos do autor em relação ao poder que o tradicionalismo exerce em projetar as representações da cultura gaúcha e da identidade dos rio-grandenses são importantes de nota. Vejo neste aspecto uma contradição com a caracterização do mercado tradicionalista como de “resistência” por parte do próprio autor em outros trechos de sua obra. Forjada enquanto identidade de resistência do regional frente ao global, não teria o tradicionalismo tornado-se também uma identidade homogeneizante estadual, a ponto de impor a um grande conjunto de indivíduos e grupos sociais alheios às suas representações uma única alternativa de identidade? Ao estabelecer-se como o representante institucionalizado de uma particularidade de caráter regional contra a força do global, regulando detalhes de itens materiais definidores do que é ser gaúcho, não operaria atualmente com a mesma lógica homogeneizante frente a grupos menores dentro do estado do Rio Grande do Sul?

Castells traz considerações importantes a este respeito ao apontar como é recorrente o fato de identidades que começam como resistência acabam tornando-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se em identidades legitimadoras com uma dominação racionalizada (Castells, 1999, p. 24). Considero inquestionável que o tradicionalismo não mais se caracterize apenas como uma identidade de resistência, e considerando sua capacidade de estabelecer os bens materiais e simbólicos distintivos do gaúcho, caracterizar seu mercado correlato como “de resistência” soa indevido. Entretanto, tal

discussão não deixa restar dúvidas da força deste regionalismo e de sua consolidação no imaginário social regional.³⁵

Em Caxias do Sul também ocorreu a formação de um significativo mercado voltado aos adereços que compõem o conjunto de elementos materiais do tradicionalismo. Perceberemos a presença deste mercado no escrutínio do papel dos periódicos na projeção do movimento nos capítulos 4 e 6, quando se tornará nítido um esforço pedagógico de parte da mídia impressa local sobre os meios para se adquirir e utilizar tais produtos próprios do tradicionalismo que operam como símbolos materiais diacríticos de seus portadores.

Um estudo acadêmico que possui interfaces mais próximas ao objeto de estudo desta tese é o de João Vicente Ribas, *A representação cultural gauchesca de Passo Fundo* (2008), por tratar sobre o a ascensão do tradicionalismo tendo como recorte espacial um município. Desta forma, apresenta um interessante conjunto de dinâmicas que podem ser cotejadas em Caxias do Sul.

Ribas problematiza essa construção representacional gauchesca de Passo Fundo ressaltando a não correspondência entre os processos e sujeitos históricos que basearam a constituição da cidade com o passado idealizado do gaúcho do pampa, apontando que o elemento utilizado localmente nesta construção identitária regional para estabelecer vínculos históricos - dos tropeiros que cruzavam a região em direção a São Paulo - não é o tipo social do pampa idealizado pelo gauchismo. O autor identifica três vetores de ação na promoção do gauchismo como definidor identitário de Passo Fundo: agentes sociais como memorialistas, intelectuais, professores e historiadores diletantes; veículos midiáticos em um primeiro momento locais e depois regionais, como a RBS; e agentes políticos dos poderes legislativo e executivo municipais.

Sobre o primeiro grupo, o autor aponta como a historiografia local antes do desenvolvimento do Curso de História na Universidade de Passo Fundo, em 1999, era dominada por agentes historiadores comprometidos com interesses institucionais de entidades como o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, pautado pela promoção do gauchismo e vinculado a líderes tradicionalistas. Ribas menciona entre estes historiadores diletantes alguns que foram ocupantes de cargos diretivos em órgãos públicos de educação na esfera municipal

³⁵ Em relação ao crescimento de um mercado tradicionalista, cabe citação à dissertação de mestrado de Laís Góis Soares, *Turismo de Galpão: uma etnografia sobre o acolhimento do fenômeno do turismo, nos festejos/festivais tradicionalistas, em Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul* (2013), relativo aos serviços de turismo em meio a festivais tradicionalistas. Tal fenômeno não foi observado em relação à Caxias do Sul dentro do recorte temporal desta tese.

e estadual, outros vinculados a CTG da cidade e também membros da Academia Passo-Fundense de Letras, demonstrando a formação de uma elite cultural com poder de projeção deste discurso regionalista.

O segundo vetor, a mídia, também tem destacada importância neste processo. Registram-se ainda em 1950 menções elogiosas ao tradicionalismo em jornais locais³⁶, que se tornarão mais comuns e visíveis a partir de então. A operação da RBS na região a partir da década de 1990 também é geradora de maior visibilidade positivada destas representações, uma dinâmica observada em quase todo o estado. Porém, é no meio radiofônico que emerge uma figura singular ao município de Passo Fundo em relação ao crescimento deste regionalismo.

Data de 1952 o primeiro programa radiofônico voltado à temática regionalista nesta cidade. Nos anos e décadas subsequentes, proliferaram-se as rádios locais e programas regionalistas. Foi neste meio, entre 1958 e 1959, através de um programa radiofônico que emergiu Vítor Mateus Teixeira, o Teixeirainha, personagem destacado que se tornou um dos principais responsáveis pela projeção de Passo Fundo como gauchesca.

Teixeirainha nasceu em 1927, em Rolante, e após a morte de seus pais durante sua infância, viveu por pouco tempo em várias cidades até os 18 anos, quando passou a trabalhar no DAER³⁷ e residir em Passo Fundo. Após profícua carreira artística, faleceu em 1985. Até adquirir fama local com seu programa radiofônico, era tratorista, dono de uma banca de tiro-ao-alvo e sem raízes campeiras. Após o programa, seguiu carreira como cantor, compositor e cineasta, e foi pioneiro em produzir bens culturais, ao captar verbas públicas para um empreendimento privado com fins lucrativos, que foi o filme “Gaúcho de Passo Fundo” (RIBAS, 2008, p. 141). O filme bem como música homônima do artista tornaram-se emblemáticas na construção identitária do gauchismo da cidade devido à grande projeção que alcançaram e foram elementos fundamentais para a execução das estratégias voltadas a criar uma representação gauchesca de Passo Fundo.

Tal operação foi realizada de forma mais eficaz pelo terceiro vetor listado por Ribas, o poder público municipal. O autor aponta como passo inicial deste processo um projeto de lei de 1980 promovido por um vereador proprietário de uma agência de publicidade que confeccionava brindes e que enfrentava a dificuldade de representar Passo Fundo através de

³⁶ Conforme anteriormente citado por Del Ré (2008).

³⁷ Sigla de Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens, órgão do governo estadual responsável pela manutenção e obras das rodovias estaduais.

um desenho, destacando que a cidade não tinha nada de especial, que lhe oferecesse algum destaque frente a outros municípios, nem mesmo em relação à paisagem. A solução encontrada foi criar um ambiente artificial (RIBAS, 2008, p. 67). Desta forma, gerou o projeto turístico “Passo Fundo, Tchê”, que orientava ações em espaços públicos voltadas à temática tradicionalista, incentivava a criação de lojas para adereços gauchescos e abriu margem para o apoio a rodeios e festivais musicais regionalistas.

O gauchismo foi a referência imagética que estava à disposição no final do século XX para se tornar componente determinante da identidade passo-fundense, como representação política cultural. O poder local e os indivíduos, frente ao processo histórico de globalização e emancipação política de municípios, necessitavam apegar-se a uma representação para se afirmar ao mundo como passo-fundenses. (RIBAS, 2008, p. 174)

Vejo no estudo de Ribas um conjunto importante de diferenças e semelhanças em relação à ascensão do gauchismo em Caxias do Sul como identidade regional. Como principal diferença, o fato de em Caxias do Sul haver a italianidade como uma identidade social de caráter étnico configurada, acionada constantemente e vinculada a boa parte da população da cidade. Isto gerou um conjunto de estratégias entre os agentes operadores simbólicos destas identidades na cidade que configurou um jogo identitário em diferentes espaços e contextos. Quanto às similaridades, destaco os três vetores promotores do gauchismo elencados pelo autor em Passo Fundo como atuantes também em Caxias do Sul, porém diferenciados devido às singularidades locais. Os atores sociais mais relevantes na promoção do gauchismo em Caxias do Sul foram majoritariamente as lideranças de CTG, sendo que alguns, com o passar das décadas, chegaram a galgar postos centrais no próprio MTG. A mídia também teve um peso importante, mas se tornou decisiva quando a RBS passou a controlar veículos midiáticos locais e impor sua linha editorial de promoção desta identidade estreitamente vinculada aos ditames do MTG. Já a relação com o poder público ganhou contornos decisivos no século XXI, quando um número significativo de políticos locais aproximados ao regionalismo conquistam cargos eletivos, agem no sentido de atender a demandas de grupos tradicionalistas e dão maior projeção e visibilidade ao movimento.

1.5 Caxias do Sul e a italianidade

O marco inicial do surgimento do núcleo urbano daquilo que originou o município de Caxias do Sul ocorreu em meados da década de 1870, com a chegada dos primeiros

imigrantes italianos à região. O processo imigratório de europeus pobres para o sul do Brasil foi parte da política do Império de ocupação das “terras devolutas” e do avanço no Brasil da época de um ideário radicalizado de darwinismo social e eugenia, gerando uma tentativa de promover o “branqueamento” da população brasileira.

A campanha promovida por empresas a serviço do Império do Brasil em solo europeu para estimular a migração concentrou-se no norte da península itálica, região marcada à época por intenso êxodo rural. Isso ocorria devido a mudanças na estrutura do trabalho rural e modernizações tecnológicas, gerando um significativo contingente populacional suscetível às propagandas que envolviam a saída da terra natal em busca de melhores perspectivas de vida.

O espaço destinado a estes migrantes na região nordeste do estado do RS é atualmente conhecido como Serra Gaúcha, uma região de escarpas localizada entre o limite norte das planícies e vales dos rios Taquari, dos Sinos e Caí e o limite sul dos Campos de Cima da Serra³⁸. A organização do processo de colonização deste território ocorreu por meio do loteamento dos terrenos, acessados através de estradas que partiriam de pequenas vilas, espaços planejados para formarem centros urbanos onde se instalariam estabelecimentos comerciais e órgãos governamentais (MACHADO, 2001, p. 41-46).

Devido à inexistência de recursos facilmente exploráveis, à presença de mata atlântica densa e à irregularidade do terreno, este território ainda não havia despertado o interesse de ocupação pelos portugueses e seus descendentes, seja no período do Brasil colonial ou mesmo após a independência em 1822. Estes imigrantes italianos que formaram os núcleos iniciais de colonização italiana na Serra Gaúcha depararam-se com um território praticamente selvagem, o qual impôs um conjunto de desafios para o estabelecimento de suas atividades agrícolas e instalação das benfeitorias necessárias.

Entre os estudos acadêmicos acerca da construção de representações sobre e pelos colonos italianos nas décadas iniciais de Caxias do Sul, destacam-se os efetuados por Beneduzi (2005), Giron (1994), Herédia (2005) e Pozenato (2007). Beneduzi aponta que entre as primeiras imagens que se formaram a respeito do colono italiano, uma das principais enaltecia seus feitos como produtor de civilidade nestas terras incultas do Rio Grande do Sul. O sofrimento e o trabalho árduo para transformar uma terra inóspita e virgem em um potente

³⁸ É importante ressaltar que a bibliografia acerca das populações nativas locais é exígua e, na historiografia local, percebe-se um relativo “silêncio” a respeito destas populações. As menções ao contato entre os imigrantes italianos e as populações nativas podem ser encontradas em Beneduzi (2005), Adami (1963), Giron (2007) e Machado (2001). Sobre os resquícios materiais das populações autóctones da região, ver Corteletti (2008).

centro produtivo ressaltava que a nobreza da raça italiana foi produtora de civilidade no coração da floresta (BENEDUZI, 2005, p. 278). Para se construir tal representação, foram fundamentais as primeiras literaturas com capacidade de projeção de narrativas heroicas uníssonas sobre a imigração, como jornais católicos de significativa circulação e o Álbum Comemorativo do Cinquentenário da Imigração.

A elaboração de narrativas sobre um determinado grupo elege algumas representações referenciais para sua caracterização, que serão basilares para que a comunidade se identifique positivamente e se distinga como coletividade. Estas representações construídas, que impõem uma relativa homogeneização, não são necessariamente afastadas do real, mas certamente marcadas por um processo de *escolha* de elementos do real, em que alguns serão lembrados e realçados enquanto outros serão diminuídos e abandonados. Neste sentido, Beneduzi aponta como que a caracterização valorativa do colono italiano na condição de civilizador pelos memorialistas, impressa tanto nos álbuns comemorativos quanto em jornais, não pontuava a presença dos imigrantes que não “deram certo”, enfrentaram dificuldades intransponíveis e que imploravam para retornar à Itália, como se percebe em cartas de diversas famílias (Beneduzi, 2005, p. 284)³⁹. Giron e Pozenato também apontam como a construção de tais representações ocultam os fracassos e vínculos com agremiações políticas na terra natal, criando um passado sem política destes imigrantes, embora também serviram aos próprios colonos para ocultar intencionalmente traços desabonadores, como a pobreza extrema e a humilhação pela expulsão da terra natal.

Nas décadas que compreendem o final do século XIX e o começo do XX, há uma prosperidade econômica facilmente observável nestas colônias, sendo a de Caxias do Sul mais

³⁹ O silêncio em relação aos indígenas da região obviamente acarreta ao silenciamento da relação entre os primeiros imigrantes italianos e os nativos. Beneduzi aponta como a representação construída acerca do “esforço civilizatório” do italiano na ocupação inicial da região oblitera este assunto, que poderia trazer à tona uma faceta violenta destes colonos iniciais. O autor exemplifica isto através da análise de uma foto de um pequeno grupo de imigrantes que retornaram de uma “caçada” na região com duas crianças indígenas com semblantes horrorizados. In: Beneduzi, 2005, p.273.

proeminente devido principalmente à sua posição geográfica⁴⁰. A proximidade da região com os Campos de Cima da Serra, já ocupado por luso-brasileiros e caracterizado pela criação de gado, tornou a localidade um entreposto comercial entre esta região e o sul do estado⁴¹.

Esta circunstância facilitou o surgimento de hospedarias e estabelecimentos comerciais no pequeno núcleo urbano colonial, que forneciam os materiais necessários às atividades agrícolas dos colonos e facilitavam a comercialização de seus produtos.⁴² Embora entre os séculos XIX e XX a colônia de Caxias do Sul tivesse na agricultura sua principal atividade econômica, já se formara em seu núcleo urbano uma associação de comerciantes, com pequenas atividades manufatureiras de funilaria (MACHADO, 2001, p. 162-169).

Em 1903, devido a divergências políticas com o intendente local, esta associação de comerciantes procura mediação com o então presidente da província, Júlio de Castilhos. Alinhados ao PRR, partido castilhista, o apelo dos associados aproxima-os do presidente provincial e depois do seu sucessor, Borges de Medeiros (MACHADO, 2001, p. 172), facilitando a execução de obras viárias que deram novo impulso ao comércio local, como pontes que ligavam as estradas locais⁴³ ao norte do estado e em 1910 a instalação da linha

⁴⁰ A respeito deste processo inicial de destaque econômico da cidade, o discurso local confere ao labor e ao empreendedorismo dos primeiros imigrantes italianos uma faceta praticamente heroica. Problematizando tais perspectivas, Herédia aponta: *“Por meio das representações coletivas se desenvolve uma luta pela identidade. As representações e os estereótipos que marcam essa cultura estão baseados em códigos de valores que expressam as oportunidades que teve essa população emigrante no Sul do Brasil. O acesso à terra, a possibilidade da propriedade privada, o valor ao trabalho, a família unida, a terra produtiva e o sentimento de religiosidade integrado ao sentimento de regozijo pela vitória foram sentimentos que permitiram às representações coletivas terem força cultural no meio e representar o resultado de uma definição coletiva. O empreendedorismo – como explicação de sucesso da cultura – expressa o símbolo da iniciativa privada, da capacidade de lidar com situações novas e de modificar o cenário encontrado, marcado por valores expressos no trabalho. Implica a consciência coletiva de que a região foi demarcada por traços culturais próprios e esse elemento foi fator de desenvolvimento regional. Os estereótipos criados são resultado de indicadores que apontam para o sucesso das ações promovidas pelo migrante e que são compartilhados pelo grupo social. Os mitos criados possuem um estatuto simbólico que foi utilizado pelos membros da comunidade para construir imagens concretas, com o fim de constituir a própria cultura”* (HERÉDIA, 2005, p. 249)

⁴¹ “Por sua localização geográfica, num centro de passagem para outras colônias, Caxias conhece um desenvolvimento econômico mais rápido que as demais. Além da forte produção agrícola dos seus moradores, servia de entreposto comercial entre os Campos de Cima da Serra, as colônias do Nordeste e Porto Alegre”. (COSTA, 1975, p. 169)

⁴² Em Machado (2001, p. 164), encontramos apontamentos sobre o processo de incremento da desigualdade de renda entre os comerciantes urbanos que enriqueceram e os colonos que empobreceram, venderam suas terras e migraram para o núcleo urbano.

⁴³ “A administração sábia do intendente Inocêncio de Matos Miller – que esteve à frente dos negócios da vila [de Antonio Prado] de 1899 a 1903 e de 1910 a 1923 – fê-lo projetar uma ponte no Passo do Zeferino, tendo sido adquirido material no exterior para a construção. Os interesses um tanto escusos dos comerciantes caxienses, unidos aos do vacariano Cel. Avelino Paim, acabaram levando o material para Criúva, onde, no Passo do Korf, em 1907, foi inaugurada a primeira ponte sobre o Rio das Antas. Com isso Caxias adquiria acesso direto ao comércio com os campos de Vacaria.” (POSENATO, 1989, p. 9)

férrea (MACHADO, 2001, p. 182), importante via de escoamento ao principal gênero ali produzido, o vinho.

A década de 1920 foi particularmente importante para a constituição desta narrativa heroizante sobre o colono italiano. Beneduzi aponta como o álbum comemorativo do cinquentenário da imigração italiana de 1925 é exemplar disto, na medida em que foi

“referendado tanto pelo Duce italiano Benito Mussolini como pelo presidente do estado do Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Borges de Medeiros, como sinal do crescimento gaúcho com a mão do industrioso colono italiano. O chefe do governo nacional, como assim se declara Benito Mussolini na carta de abertura do livro comemorativo, destaca a bravura do emigrante como marca da “inteligente operosidade da Pátria”, expressando sua solidariedade de trabalhador e italiano. Destaca a produtividade do emigrante em solo brasileiro e sua contribuição no estreitamento dos laços entre os dois países” (BENEDUZI, 2005, p. 286).

Destaco como a valorização da *operosidade* do imigrante perpetrada pelo governo italiano permite criar uma representação laudatória do processo imigratório, como uma exportação de civilidade conveniente para o governo fascista, que procurava vender a imagem de uma Itália pujante no contexto do período entreguerras. Através disto, visava obliterar o passado recente de uma nação politicamente fragmentada e economicamente claudicante, a ponto de ser praticamente inviável como lar para muitos de seus “filhos”.

Neste álbum comemorativo encontramos duas representações que serão centrais na configuração da italianidade enquanto representação identitária local: a de trabalho árduo dos imigrantes e seus descendentes, tratada à época como a operosidade, e a do empreendedorismo, naturalmente mais vinculada à elite econômica. Em relação a esta última, Beneduzi destaca as apresentações elogiosas de Aristides Germani e Abramo Eberle no álbum, representantes da incipiente burguesia local no ramo alimentício e metalúrgico. Na década de 1920, este grupo de imigrantes e seus descendentes são afetados pelo maior contato com a população brasileira em geral e com membros de outras etnias, devido às crescentes facilidades de transporte e crescimento da atividade econômica, que intrinsecamente gerou maiores trocas e circulação de bens concretos e simbólicos. Isto trará com maior intensidade a alteridade, propondo de forma mais frequente a reflexão de “pensar quem somos”. Sem dúvida, um fator importante que fomenta a construção identitária, tendo em vista que tanto Aristides quanto Abramo foram patrocinadores do álbum. Podemos concluir que este álbum

foi um dos marcos iniciais da relação entre burguesia e intelectualidade como grupos sociais atuantes na promoção da italianidade local.

A centralidade que a categoria *trabalho* assumiu enquanto representação constituinte da italianidade inicia-se junto às primeiras reflexões produzidas pelos memorialistas, já que se configura praticamente como uma derivação do *italiano como o elemento civilizatório deste espaço anteriormente virgem*. A possibilidade de se estabelecer em território inculto se dá apenas por meio de trabalho árduo e abnegação, que se manterão como valores característicos destes imigrantes e seus descendentes na medida em que resultaram em prosperidade. Entretanto, a manutenção do trabalho como valência central da italianidade será fruto de uma operação contínua ao longo do tempo, propalada por diferentes agentes e meios com capacidade de projeção de representações sobre a italianidade, como apontam Pozenato e Giron (2007, p. 148).

O mito do trabalho tem aumentado seu âmbito de ação no decorrer do tempo, pois mais nomes podem ser apontados como tendo enriquecido na região e, na medida em que esses nomes aumentam, o mito se renova e se reforça. Na terra do trabalho, ou na “Capital Brasileira do Trabalho” como Caxias já foi conhecida, só o trabalho traça o trilho entre o passado de lutas e o futuro de glórias econômicas. O trabalho é, portanto, o mito fundador regional sempre novo, sempre apontando para o horizonte, como a enxada que traz no ombro a figura masculina do Monumento ao Imigrante. Foi, portanto, o trabalho que povoou e enriqueceu a região colonial, é o trabalho o elemento que encaminha os outros elementos identitários e como ampliação de sentido determina o futuro da economia regional, apontando o sucesso passado baseado sempre no trabalho braçal e rude. A fala do imigrante e de seus descendentes, da mesma forma que é marcada pelo tempo é também marcada pela cultura do grupo nestes 130 anos de fundação do mito. A cultura regional, o conjunto de padrões de comportamento, de crenças, de instituições, de valores materiais e imateriais é atravessado pelo trabalho. Pode-se dizer, por fim, que tudo advém do trabalho e que tudo é feito para o trabalho. A arte do trabalho, a festa do trabalho e a própria cultura do trabalho.

Herédia aponta outros elementos importantes para a configuração da italianidade na região ainda nas décadas iniciais do século XX. A autora também identifica o culto ao trabalho e o empreendedorismo como elementos centrais na construção desta identidade (Herédia, 2005), mas ressalta a importância de alguns fatores para o êxito desta construção: a integração entre os colonos em associações que visavam interesses comuns e a influência da Igreja Católica.

O associativismo foi expresso através da formação de círculos operários, associações de mútuo socorro e outras instituições de caráter econômico, político e caritativo. A Associação dos Comerciantes é um exemplo disso, pois atuava perante o governo estadual na busca de recursos para a construção de estradas e por novos mercados. Em relação à Igreja Católica, a autora aponta como esta operava com êxito estratégias de integração:

A Igreja Católica influenciou a cultura e foi alimento para os emigrantes. Através de práticas religiosas, amenizou os conflitos e mostrou aspectos positivos da integração ao novo meio. A religião foi uma forma de minimizar o sofrimento e diluir a saudade que tinham dos familiares que haviam deixado no outro lado do oceano. O sentimento de religiosidade, a crença de que venceriam e a esperança de que a experiência seria exitosa foram alimentadas pela Igreja como uma estratégia de integração (HERÉDIA, 2005, p. 240).

Apesar destes processos locais serem determinantes para a configuração da italianidade, o referendo de Mussolini aos emigrantes de sua pátria assinalado no álbum do cinquentenário da imigração de 1925, é significativo em relação à força que possui em projetar uma representação, devido ao local de fala do enunciante. No contexto da década de 1920, consumismo e globalização eram fenômenos restritos a grandes centros urbanos e de pouco alcance quando comparados ao período após segunda metade do século XX. As identidades coletivas eram muito marcadas pelos elementos identitários configuradores dos estados nacionais. Desta forma, o reconhecimento a uma coletividade bem demarcada por parte de uma proeminente figura política em nível mundial é algo notável e que foi, sem dúvida, muito impactante em Caxias do Sul. Comprova-se isso com a formação por parte de imigrantes e seus descendentes de grupos associados ao governo fascista italiano, como mais uma forma de vinculação a representações positivadas, em especial aos atributos de um *ethos* do trabalho e da disciplina fornecido pelo modelo fascista⁴⁴.

De acordo com Giron, esta vinculação à Itália fascista permitiu a configuração de uma italianidade que vai operar de forma mais incisiva quanto aos contrastes dos colonos frente aos brasileiros. Para a autora,

⁴⁴ “O ufanismo era um sentimento novo e gratificante, os desvalidos imigrantes apátridas perceberam no seu trabalho um sentido maior e reconhecido pela pátria. Os imigrantes passam de colonos desconhecidos a símbolo do trabalho útil e produtivo. A Itália abria os braços para seus filhos de há muito esquecidos, e estes a reconheciam como pátria e se reconheciam como italianos.” (GIRON, 1994, p. 109)

“o ufanismo italiano na região não se limitava apenas ao reconhecimento da Itália fascista como sua pátria, levava também ao desprezo que os italianos passaram a revelar em relação aos brasileiros. O desprezo [...] evidenciava-se nas comparações entre a Itália e o Brasil, nos argumentos utilizados nas palestras e nos discursos. Os ‘italianos no exterior’ consideravam os brasileiros incompetentes, preguiçosos e ignorantes.” (GIRON, 1994, p. 111)

Ressalto que esta italianidade enaltecida, calcada no desenvolvimento econômico e associada a representações do modelo fascista italiano foi apropriada nas décadas de 1920 e 1930 pela burguesia local e compartilhada principalmente com as camadas urbanas de origem semelhante. Assim justificava seu recente sucesso econômico, ao mesmo tempo em que enquadrava os trabalhadores que migravam, oriundos da zona rural, num universo simbólico no qual o esforço e o bom comportamento⁴⁵ ligavam-se a outros valores que fomentavam o orgulho da coletividade, permitindo sua inserção social. A dimensão pejorativa da italianidade, associada ao colono continuou operante, acionada para marcar distinções entre o próprio grupo de imigrantes, na dicotomização entre os rurais e os urbanos ou nas lutas simbólicas dos urbanos frente a outros urbanos de variadas regiões do Rio Grande do Sul⁴⁶.

A adesão ao fascismo em Caxias do Sul foi mais contundente em meio a urbanos de classe média e empresários. Nas zonas rurais de Caxias do Sul e da RCI, o clero local desempenhou importante papel como vetor de promoção de adesão política dos imigrantes e seus descendentes ao integralismo, através do principal periódico que circulava nestes espaços na época, o *Staffeta Riograndense*, publicado em italiano e sob responsabilidade da Congregação dos Capuchinhos, e da própria atividade comunitária clerical. No início da década de 1930, influenciado decisivamente pela adesão do clero italiano ao regime de Mussolini, o clero local e seu braço midiático aderiram ao integralismo. De acordo com Brandalise (1997, p. 27)

O apoio dado ao integralismo pela Ordem dos Capuchinhos e, de resto, por membros de todo o clero brasileiro deveu-se não só à simpatia com o fascismo italiano, mas também a uma convergência de ideias. A análise da realidade brasileira e das possíveis soluções aos problemas nacionais eram

⁴⁵ Quanto a isto, Herédia assinala a falta de movimentos grevistas em Galópolis. (HERÉDIA, 1997, p. 165)

⁴⁶ “Na própria região, a palavra colono é usado como outro tipo de ofensa, significando grosso. Colono, é pois, usado como um palavrão, como tantos outros para expressar desprezo. Há toda uma humilhação centenária, uma noção de inferioridade introjetada nos próprios moradores da região, por assim serem considerados pelos moradores de cidades e campos de outras regiões, onde a cultura lusa é dominante e na qual a língua portuguesa é falada com correção até pelas camadas mais pobres da população. Não é incomum, nos dias atuais, um colega que tem ainda uma pronúncia carregada nos erres e despertar o riso dos colegas”. (POZENATO & GIRON, 2007, p. 52)

semelhantes. Da mesma forma que a AIB, a Igreja Católica considerava serem responsáveis pela situação crítica do país o enfraquecimento do princípio de autoridade, a carência de leis constitucionais, a fraqueza da hierarquia e da ordem e a infiltração comunista. Sobretudo este último fator, o suposto perigo iminente do comunismo, alterava a classe sacerdotal.

Em 1932 se instala o primeiro núcleo integralista em Porto Alegre, e sua expansão para o interior do Rio Grande do Sul foi marcada por disparidades. Em regiões onde as estruturas políticas autoritárias estavam tradicional e solidamente instituídas a repercussão do integralismo foi pequena. Nas zonas de colonização alemã e italiana, em processo de industrialização e urbanização, havia um público em disponibilidade, afastado dos partidos tradicionais, sem contar a identificação étnica que valorizava o nazi-fascismo, permitindo maior crescimento da AIB (BRANDALISE, 2004, p. 346). Em 1934, o integralismo na RCI tornava-se uma vertente política viável, ganhando bastante força no meio rural e em 1935, na eleição municipal, conseguiu eleger 3 vereadores, contra 4 do partido situacionista.

A tentativa de golpe dos integralistas em maio de 1938, quando Getúlio Vargas pessoalmente defendeu-se armado no Palácio do Catete, meses após a implantação do Estado Novo e não se apresentando publicamente mais como um partido político, representou o desaparecimento da AIB. Podemos avaliar que a rápida expansão do integralismo em Caxias do Sul se explica por, além dos motivos listados anteriormente, ter encontrado um terreno fértil, catalisando eleitoralmente um ideário fascista por alguns anos expressos pela elite local. A partir do momento em que foi adotado por uma instituição com estrutura capilarizada e projeção midiática, conseguiu atingir representação eleitoral de quase metade do poder legislativo local.

O integralismo enquanto vertente política e as associações com o fascismo de vários líderes locais foram bruscamente interrompidos com a intervenção do Estado Novo, a partir de novembro de 1937. A Campanha de Nacionalização no decorrer deste regime atingiu em cheio as regiões de imigração europeias recentes, sendo que na RCI, foi proibido falar italiano em público e nomes italianos de praças e ruas foram alterados, gerando ressentimentos da elite local com o governo central. Será apenas em 1950, com a Festa da Uva e as comemorações dos 75 anos da imigração italiana que veremos sinais de reaproximação entre o governo central e os líderes locais e sua solidificação simbólica material em 1954, com a inauguração do Monumento Nacional ao Imigrante e do busto de Vargas em espaços próximos. De qualquer forma, a apropriação de elementos simbólicos no ideário fascista

marcou o primeiro grande processo de formação de um conjunto representacional positivado de uma italianidade local.

O trabalho *Vénitiens dans la pampa: antropologie d'une Double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*, de Alessia de Biase, aborda o resgate memorialístico da veneticidade pelos descendentes de imigrantes na RCI, principalmente após 1975, ano de comemoração do centenário da imigração. A autora aborda de forma intrincada todo o processo da imigração, desde a conjuntura socioeconômica e política da região do Vêneto em fins do século XIX, a busca do governo imperial brasileiro por ocupantes europeus para as terras devolutas no sul do Brasil, a chegada e o estabelecimento destes imigrantes à região e suas construções identitárias na RCI, em específico após as comemorações do centenário da imigração.

Segundo Biase, o período entre o final do século XIX e o início do século XX é marcado na RCI por um “processo clássico de assimilação cultural espontânea” (BIASE, 2009, p. 79) da parte dos colonos de hábitos dos gaúchos, visíveis na culinária (comer churrasco em celebrações) e no uso do cavalo e adereços de montaria, indiscutível símbolo do modelo ideal de gaúcho. Para os colonos, tais assimilações foram demarcadores importantes de ascensão social, tanto por aproximá-los de símbolos da oligarquia estadual da nova pátria, como em relação ao fato do uso do cavalo na Itália ser premissa da aristocracia. Quanto ao consumo de carne de gado, profetizava-se o mito da *cocagne*⁴⁷.

O foco da pesquisa de Biase foi a construção identitária da veneticidade, promovida pelo Movimento Cultural Italiano (MCI) a partir da década de 1970. A autora identificou nesta construção identitária uma série de assimilações de elementos simbólicos gauchescos, tratando esta identidade como gaúcha-veneziana.

“a construção de uma identidade veneziana [...] nunca excluiu a manutenção da identidade gaúcha e a manutenção de suas práticas, embora raramente apareça em seus discursos. Uma dupla identidade que não é paradoxal e que não cria conflitos, sendo que na meticulosa construção da identidade vêneta, os ideólogos incorporaram e traduziram tradições e práticas gaúchas em um “lugar de identidade” vêneta para manifestar a singularidade desta no universo gaúcho do Rio Grande do Sul” (BIASE, 2009, p. 153)

⁴⁷ A *cocagne*, ou *cocanha*, seria um lugar mitológico, com alimentos abundantes providos pela natureza já preparados ou cozidos e sem necessidade de trabalho. As origens deste mito remetem ao medievo europeu.

Como exemplos desta dupla identidade, é reportado pela autora que grupos de descendentes de imigrantes italianos ligados ao Movimento Cultural Italiano (MCI) que se estabeleceram na região do Vêneto em 2001, após uma série de facilidades estabelecidas para a obtenção de cidadania italiana por meio da ligação do MCI com a Liga Norte⁴⁸, planejavam a abertura de um CTG e organizavam-se para celebrar a Revolução Farroupilha em 20 de setembro.

Mesmo que o trabalho de Biase tenha como foco a construção identitária da veneticidade por meio do MCI, um movimento de construção identitária mais circunscrito e específico dentro daquilo que trato como a noção de italianidade na RCI, a autora traz importantes contribuições em considerar o grande conjunto de assimilações com elementos representacionais da cultura gaúcha que marcaram a construção da italianidade. Embora esta tese tenha como objeto central os jogos identitários entre o tradicionalismo e a italianidade em Caxias do Sul, é importante destacar que a relação entre ambos modelos identitários é marcada muito menos pela contraposição e disputa por reconhecimento e muito mais pela convivência, complementaridade e simbiose, em diferentes graus e espaços.

A forte projeção de representações do culto ao trabalho⁴⁹ no imaginário social de Caxias do Sul trouxe ganhos para a elite econômica, tanto por granjear elementos simbólicos valorativos para si, quanto para impor um determinado perfil em seus empregados, o que reverteria em maior produtividade econômica e maiores ganhos no plano material. Na década de 1950, num momento histórico em que a cidade de Caxias do Sul já estava marcada por um perfil industrial, a burguesia local tomava como suporte esta representação para preconizar aos trabalhadores de suas empresas um modelo comportamental que garantisse maior eficiência laboral, como aponta Poegere (2016) na análise do Boletim Eberle, revista voltada aos empregados da maior fábrica da época na cidade.

⁴⁸ Partido regionalista, conservador e de direita, formado pela junção de vários partidos pequenos e regionalistas e anti-imigração que promoviam campanhas pela valorização das comunidades de descendentes de emigrantes italianos em vários lugares do mundo visando a maior exportação de produtos italianos para estes mercados, facilitação da obtenção de cidadania italiana para os descendentes como medida para obtenção de mais votos e, principalmente, incentivá-los para migrarem para a Itália com a finalidade de combater a imigração africana (BIASE, 2009, p. 134)

⁴⁹ Em artigo sobre a italianidade na Colônia Silveira Martins, pequeno núcleo de colonização italiana no centro do estado, Zanini (2014) reforça como o trabalho é apresentado como um elemento diacrítico dos descendentes de imigrantes italianos. Cabe destacar como em grupos de migrantes, é recorrente o elemento trabalho adquirir um peso importante como representação diacrítica do grupo, mas no caso dos descendentes de colonos italianos no Rio Grande do Sul a construção acerca desta categoria vem mantendo centralidade no arcabouço identitário do grupo há mais de um século, perpassando variadas gerações.

Em diferentes edições, o Boletim Eberle, além de reforçar a importância da qualificação da mão de obra, também procurava oferecer modelos de como deveriam se comportar os operários no ambiente de trabalho da empresa. Na edição de novembro de 1956, na matéria intitulada “Saber Trabalhar”, há a preocupação de apontar alguns ensinamentos de como deveria ser o bom operário. Nesse sentido, afirmou que o bom operário era aquele que amava sua profissão; cuidava de seus instrumentos e ferramentas de trabalho, bem como o de oferecer o sustento à sua família. Assim, no Boletim Eberle, o conceito de trabalho foi definido como sendo uma função santificada e, por isso, não bastava apenas trabalhar, era fundamentalmente preciso saber trabalhar bem. No entendimento do informativo, o operário deveria exercer sua função com segurança e consciência, pois somente por meio do trabalho seria possível garantir a verdadeira felicidade. (POEGERE, 2016, p. 64)

Conforme apontado por Herédia, a Igreja Católica foi uma instituição importante na mediação de conflitos entre os colonos e figuras da administração colonial, ou mesmo de querelas que surgiam entre os próprios colonos. Como uma instituição promotora de integração, é compreensível que alguns de seus componentes adotassem a defesa do culto ao trabalho quando esta representação já se encontrava estabelecida no imaginário social local. No próprio Boletim Eberle, padres locais também operaram neste sentido:

Na matéria intitulada “O Trabalho”, de fevereiro de 1957, para o Padre Leonel Franca o ato de trabalhar era tido como uma dádiva divina, quando afirmou: “O trabalho é o inimigo jurado do ócio, pai de todos os vícios [...]. O trabalho é o grande antídoto do pecado original.” Segundo o autor, o trabalho também era visto como um castigo divino: “Deus colocara o homem no paraíso não para gozar mas para trabalhar”, pois afirmou que a existência de cansaço, dor e sofrimento, provenientes do trabalho, representava a própria revolta do homem contra o criador. (POEGERE, 2016, p. 66)

Embora as duas citações acima não demonstrem uma vinculação expressa do trabalho com a italianidade, é plenamente cabível a suposição de que como esta era uma representação arraigada no imaginário social local e vinculada a festejados personagens da elite econômica, a italianidade reforçava no plano simbólico o culto ao trabalho promovido pela empresa, direcionando-o para a adoção de um comportamento modelo de seus funcionários que lhe fosse benéfico.

A década de 1950 marca um período de mudanças importantes na configuração da italianidade em Caxias do Sul. Como qualquer processo de construção de uma identidade coletiva, houve, nas décadas anteriores, o contraste *nós versus eles*, colonos *versus* brasileiros, em que a alteridade era estabelecida pela origem em outra terra, o que gerava um conjunto de

elementos diacríticos, como sotaque, costumes e tradições. Para positivar esta alteridade, utilizou-se o acelerado desenvolvimento econômico como elemento valorativo para compor uma narrativa necessariamente elogiosa aos locais. Entretanto, até este período os brasileiros que compunham este outro contrastivo estavam geograficamente distantes, sendo que os que se encontravam em Caxias do Sul compunham um grupo social reduzido. A partir de 1950 este panorama mudou, na medida em que Caxias do Sul passa a ser o destino de um significativo número de migrantes brasileiros. A demanda por mão de obra na crescente indústria local não consegue mais ser atendida apenas pelos imigrantes italianos e seus descendentes, gerando o crescimento do salário regional e a vinda de pessoas de regiões próximas à Região de Colonização Italiana.

Surge com mais intensidade este “outro”, que serve como base representacional comparativa, concretizado na figura dos brasileiros não descendentes de imigrantes europeus recentes, localmente designados como “pelo-duros”, “luso-brasileiros”, “morenos”, “pardos” e “negros”, sem que estas três últimas nomenclaturas fossem necessariamente correlatas ao fenótipo destes indivíduos.

Os contínuos fluxos migratórios que atingiram a cidade tinham como base pessoas oriundas de cidades do Rio Grande do Sul e do sul de Santa Catarina.⁵⁰ Esta migração interna forneceu a mão de obra necessária às linhas de produção das grandes empresas locais a baixo custo, possibilitando ao empresariado o lucro e a contínua acumulação de capital, ambos necessários para a expansão das instalações fabris. Na primeira metade do século, os trabalhadores eram em geral descendentes de italianos das zonas rurais da Região de Colonização Italiana que, por variados motivos de cunho econômico, se deslocaram para a urbe que oferecia empregos em abundância.

A modernização econômica local ocorrida durante as décadas de 1950 e 1960 incrementou a demanda por mão de obra, gerando um fluxo migratório que Herédia (2011, p.65) situa como o terceiro num conjunto de cinco fases distintas⁵¹. A maior parte deste contingente tinha como destino ocupacional as crescentes indústrias de transformação da cidade, caracterizando desta forma uma forte “associação entre o crescimento industrial e o crescimento das migrações” (HERÉDIA, 2011, p. 68). Durante a ditadura militar, marca-se a quarta etapa deste fluxo migratório quando as indústrias caxienses consolidam-se, expandem

⁵⁰ A respeito destas informações, ver Azevedo, (1957 p. 334); Herédia (2011, p.67-62); Soares (2007 – 2009 p. 291 a 311).

⁵¹ As duas fases predecessoras inserem-se dentro do processo de migração de imigrantes italianos e descendentes da zona rural para a urbana (HERÉDIA, 2011, p. 67).

seu parque fabril e forma-se na cidade uma infraestrutura e um setor terciário que oferecem suporte aos municípios vizinhos no que tange à educação, saúde e serviços em geral, criando grande número de postos de trabalho nos setores secundário e terciário. A quinta fase inicia-se na década de 1990⁵² quando o destino dos migrantes se dá como mão de obra para o desenvolvimento do setor terciário, paralelamente ao preenchimento de postos do setor secundário em contínua expansão.

Nestas três séries de deslocamentos, a procedência dos migrantes era a região dos Campos de Cima da Serra, com destaque aos municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Bom Jesus e São Francisco de Paula. A partir do início do século XXI a origem do êxodo se altera, despontando a região sudoeste do estado como origem dos migrantes. Em virtude destes processos migratórios, a população caxiense passa a assumir, a partir da década de 1960, um caráter cada vez mais heterogêneo e diminui progressivamente a predominância de uma população de ascendência italiana.

Os estudos etnográficos promovidos por Thales de Azevedo, na década de 1950, em Caxias do Sul, efetuados na esteira de um conjunto de pesquisas sociais do autor com temáticas relacionadas à mestiçagem e a estereótipos raciais⁵³, são importantes para analisarmos o processo de construção da italianidade, na medida em que identifica mesmo que de forma genérica, a inserção de luso-brasileiros na sociedade local, fenômeno que Herédia aponta como a terceira fase do processo migratório em Caxias do Sul. O autor entrevistou historiadores diletantes proeminentes, como João Spadari Adami, além de políticos locais. A pretensão etnográfica de seus estudos é perceptível também pelo acompanhamento contínuo de “informantes” locais.

Azevedo realizou suas análises com base nas premissas da teoria da aculturação. Neste âmbito, propõe que “persistem ali valores da zona rural que os ‘italos’ supõem europeus mas que são apenas ‘coloniais’, isto é, reelaborações da experiência européia no meio colonial” (AZEVEDO, 1994, p. 72). O autor aponta que embora os italianos procurassem exaltar sua distinção em relação aos brasileiros calcados em valores que remetem a um *ethos* de origem européia, estavam em meio a um lento e inexorável processo de aceitação da cultura

⁵² A delimitação cronológica do objeto de estudo desta dissertação, que abrange o período compreendido entre os anos de 1980 a 2010, coincide com a quarta e quinta fase dos fluxos migratórios conforme a proposição de Herédia.

⁵³ No início da década de 1950, Thales de Azevedo experienciava a efervescência acadêmica possibilitada pelo projeto da Unesco em estudar as relações raciais brasileiras, tendo aquilo que seria seu principal trabalho, *As elites de cor: um estudo de ascensão social*, publicado em Paris, em 1953.

brasileira, citando por exemplo, a “penetração, lenta mas segura, do espiritismo e da macumba” (AZEVEDO, 1994, p. 20) numa comunidade onde o catolicismo estava amplamente arraigado.

Exemplificando como a análise da italianidade por parte de Azevedo está impregnada de pressupostos da teoria da aculturação, cabe citar como o autor aponta que os italianos reelaboraram suas heranças européias portando uma espécie de ética protestante ligada ao espírito do capitalismo, ou como em momentos de rechaço a manifestações de austro-húngaros em fins da Primeira Guerra Mundial, uniram difusamente duas identidades nacionais.

A figura do luso-brasileiro na Caxias do Sul da década de 1950 também surge com regularidade nos escritos de Azevedo. Estas informações vislumbram o caráter contrastivo da italianidade, do mesmo modo que apontam certos traços das relações entre estes grupos. Em 1952, por exemplo, o autor relata em seus cadernos de estudos que a população lusa correspondia a cerca de um quinto do total da cidade, formada por burocratas, comerciantes, mas principalmente, por “morenos” e “marginais”, sem ocupação definida e condições de vida miseráveis (AZEVEDO, 1957, p. 295). Já em 1959, registra em seu caderno de pesquisa: “aumentam as malocas de Caxias com a vinda de gente de Bom Jesus, São Francisco de Paula e até de Santa Catarina; atração do alto salário regional” (AZEVEDO, 1975, p. 334).

De qualquer forma, é importante destacar que desde fins do século XIX, outros grupos étnicos foram importantes constituintes da sociedade local, com destaque para lusos e negros que ocupavam postos na administração colonial, comércio ou na construção da ferrovia no início do século XX, embora em menor número do que os imigrantes italianos e seus descendentes. Estes grupos presentes há várias décadas estavam integrados à sociedade, até em postos relevantes. A marginalização foi um fenômeno associado à intensificação da migração na década de 1950.⁵⁴

O contato destes luso-brasileiros com os descendentes de italianos ocorre num contexto em que os imigrantes e seus descendentes encontram-se valorizados perante estes *outsiders* e reforçam-se as clivagens entre grupos através do contraste das identidades atribuídas a um e outro. Azevedo relata:

⁵⁴ Em relação a grupos sociais de origem lusa em Caxias do Sul, ver Klein (1984). Também cabe destaque aos estudos sobre a população negra, que pode ser considerada como a minoria étnica caxiense que concentrou maior foco por parte de pesquisas acadêmicas nas últimas décadas. Destacam-se neste âmbito os trabalhos Giron (2009) e Gomes (2013).

“Parece evidente que a distância social entre o colono em começo de prosperidade e, de outro lado, o caboclo e o fazendeiro de Cima da Serra ajuda a acentuar o contraste de condições e modo de vida. O roceiro caboclo, o camponês brasileiro sem terra própria e dependente de patrões que não o estimulam, parece dar ao colono a impressão de uma cultura inferior, desprezível, que é assimilada depreciativamente à do negro, isto é do escravo; o fazendeiro é visto [...] que não faz lavouras, por preferir viver de seus enormes rebanhos, ao passo que o italiano do norte é trabalhador [...]” (AZEVEDO, 1975, p. 209)

Percebe-se a imputação de representações simbólicas negativas ao grupo que migra e se estabelecerá na condição de *outsider*, bem como o *ethos* do trabalho positivando o italiano. Implícitas nas identidades dos dois grupos, estas representações compõem parte do universo simbólico da sociedade caxiense de 1950, marcando e segmentando seus habitantes em relações identitárias contrastivas. O registro de Thales de Azevedo também aponta como o desenvolvimento econômico local foi basilar para a construção das representações acerca dos descendentes de imigrantes italianos, então representativos da maioria populacional da cidade.

Foi pelo contato com Thales de Azevedo em 1958, quando este realizava um levantamento bibliográfico sobre a imigração italiana, que Rovílio Costa passou a se interessar pela temática da imigração italiana no Rio Grande do Sul e a constituição de uma italianidade, lançando-se em um grande conjunto de pesquisas junto a outros estudiosos como Luís Alberto De Boni, Arlindo Battistel e Julio Posenato. Tais estudos gerariam na década de 1970 e início dos anos 80 um importante referencial historiográfico sobre a italianidade. A publicação de livros sobre o tema com estes autores ficou concentrado na EST Edições, da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, na qual Costa estudou e trabalhou. Esta editora publicou várias obras sobre a temática em parceria com a EDUCS, a Editora da Universidade de Caxias do Sul, da qual o coordenador era De Boni, como *Os italianos do Rio Grande do Sul (1984)* e *Assim vivem os italianos (1982)*.

Embora Rovílio e De Boni consituíram carreiras acadêmicas nas áreas de pedagogia e filosofia, suas pesquisas sobre a imigração e a italianidade foram recebidas com ressalvas no meio acadêmico pela falta de objetividade científica e de metodologia própria das pesquisas históricas. De qualquer forma, as publicações em torno da editora EST sobre o tema se tornaram referencial hegemônico sobre o tema no período referido e reuniram importante conjunto de fontes históricas, com destaque para os quatro volumes *de Assim vivem os italianos*, no qual os autores pesquisaram a produção escrita dos imigrantes através de “diários, memórias (...) depoimentos, entrevistas e relatos, e inventariaram aspectos da

religião, culinária, música, arquitetura, trabalho e lazer, resultando no que Giron (1999) chamou de uma enciclopédia da cultura dos imigrantes italianos da região nordeste do Rio Grande do Sul.” (MOCELLIN, 2008, p. 64)

Tratando da construção da italianidade na segunda metade do século XX, Maria Clara Mocellin em *Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul* (2008), identifica que a formação de representações positivadas acerca da italianidade em Caxias do Sul se intensifica a partir da década de 1960, quando “setores do empresariado local são beneficiados pelas conseqüências de uma política desenvolvimentista adotada no país, abrindo assim o chamado processo de modernização econômica desta região” e impressas pela *intelligentsia* local em parte por meio de uma “vasta literatura sobre o tema da imigração italiana, como também por um redimensionamento nas políticas culturais praticadas pelos produtores culturais” (MOCELLIN, 2008, p. 14).

Os empresários e os intelectuais são apontados como os grupos sociais de atuação mais destacada na valorização da cultura da imigração. Os empresários passam a ser representados como modelos exemplares, e suas “trajetórias eram narradas enfatizando o sofrimento e a coragem dos antepassados para superar as adversidades da imigração, abordando igualmente o ‘espírito empreendedor’ e a coragem dos empresários que se aventuravam na indústria”. Já os intelectuais atuaram na condição de “promotores culturais”, escrevendo sobre o processo migratório e agindo no sentido de “desfazer alguns estigmas associados ao colono” (MOCELLIN, 2008, p. 15).

Para a autora, a intensificação da chegada de migrantes de origem luso-brasileira foi fundamental para aguçar a configuração de representações dicotomizadas e reforçar as noções sobre um *ethos* do trabalho relativo aos portadores da italianidade.

Atraída pela modernização econômica, especialmente pelas alternativas de emprego nas indústrias do setor metalúrgico, boa parte desse contingente migratório irá compor a mão de obra da indústria local. Veremos então como, desse encontro interétnico entre descendentes de imigrantes italianos (já estabelecidos) com os “brasileiros” (recém-chegados), constrói-se uma autorrepresentação em que os descendentes de italianos se distinguem como “mais trabalhadores”, “mais qualificados”, “mais aptos ao trabalho” (MOCELLIN, 2008, p. 178).

A cidade de Caxias do Sul tem alguns de seus distritos com características físicas e históricas vinculadas à região dos Campos de Cima da Serra, caracterizada pelas pradarias, ocupação lusa e voltadas às atividades pastoris e de tropeiros. Isso se deveu à disparidade

entre o desenvolvimento econômico de Caxias e o de São Francisco de Paula, município que faz fronteira a leste de Caxias do Sul e de grande extensão territorial. Com o crescente desenvolvimento econômico de Caxias, ainda nas décadas iniciais do século XX, em pequenas localidades a poucos quilômetros a leste do núcleo urbano de Caxias, e até então pertencentes a São Francisco de Paula, mas muito mais distantes do núcleo urbano desta, ocorre uma previsível e crescente vinculação econômica com Caxias do Sul. Durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, muitos destes espaços foram anexados ao território do município de Caxias do Sul na condição de distritos.

Um destes distritos é Vila Seca. Geograficamente situada no limite sul dos Campos de Cima da Serra, é uma pequena comunidade com população associada à ocupação dos lusos da região, o que levou à formação de uma identidade coletiva diferenciada do núcleo urbano de Caxias do Sul. O trabalho de Ana Carine Cerva, *Construção, reconstrução e disputa pela memória coletiva e identidade étnica nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul – Distrito de Vila Seca* (2014) aborda esta construção identitária, objetivando analisar “como se manifestam os fenômenos da etnicidade, da etnogênese e da memória coletiva em uma comunidade que apresenta formas de organização étnica diversas do município no qual se insere” (CERVA, 2014, p. 142).

Entre os depoimentos coletados pela autora, destacam-se alguns em que ela questiona os entrevistados locais sobre quais seriam os elementos marcadores de alteridade entre os caxienses e os vila-sequenses. Por demonstrarem a forma como o “outro contrastivo” - bastante mencionado na historiografia local, mas pouco escutado - percebe as representações identitárias da italianidade, cabe citá-los:

A nossa identidade assim nos diz: é uma origem mais tropeira e o caxiense já é mais italiano, sabe daí mais da produção, porque o italiano é um povo muito invejoso. Ele, se o vizinho tiver um carro, digamos de um determinado modelo: - não, eu vou comprar um melhor. É por isso que Caxias tá essa potência que existe hoje. E foi assim, digamos, fruto duma, como é que eu vou lhe contar, de um sistema de inveja sabe: - eu faço, mas eu quero fazer melhor que o vizinho. Uma concorrência assim muito acirrada, porque isso é coisa do italiano, né. E tá aí a potência que a gente vê hoje, é a segunda cidade do estado (entrevista concedida por RODRIGUES, Raul, 2013)(CERVA, 2014, p. 124)

Ressalto como mesmo que apontando uma negatividade como elemento diacrítico do “italiano”, o entrevistado designa-o como responsável por tornar Caxias do Sul uma “potência econômica”. Tal representação carrega também de forma subjacente o reconhecimento de que

o trabalho do italiano, mesmo que motivado por “um sistema de inveja”, seria o responsável pela prosperidade da cidade.

As ponderações do entrevistado são reveladoras em demonstrar como as representações acerca do trabalho na italianidade estão estabelecidas no imaginário social local, a tal ponto que são reconhecidas mesmo por aqueles marcados como o contrastivo negativado. Na disputa por estabelecer representações entre um e outro, há também uma depreciação ao portador da italianidade, porém no jogo identitário, o elemento simbólico central desta identidade se mantém.

Outra informação relevante trazida pelo estudo de Cerva diz respeito ao gauchismo como um vetor de representações identitárias acionado pelos vila-sequenses. Embora a autora aborde a identidade coletiva dos locais como étnica e não regional do gaúcho, por autodenominarem-se como provenientes de processos de imigrações portuguesas nos Campos de Cima da Serra⁵⁵, (CERVA, 2014, p. 127), é razoável supor que a ascensão do tradicionalismo e sua intrínseca narrativa homogeneizante nas últimas décadas, foi responsável por fornecer-lhes um modelo identitário conveniente.

A comunidade de Vila Seca, bem como outras do meio rural, originárias de São Francisco de Paula, autodenominam sua identidade como campeira, tropeira e luso-açoriana. Nesse processo, cultua-se a figura do gaúcho, em detrimento da figura do italiano proveniente das áreas de origem da colônia do município. Dessa maneira, não somente o distrito de Vila Seca mantém sua fronteira étnica em relação a Caxias do Sul, dado que existem outros distritos do município que pertencem aos Campos de Cima da Serra. (CERVA, 2014, p. 143)

O trabalho que enfoca com maior intensidade as interseções entre os migrantes internos e a italianidade é o de Beatriz Kanaan, *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha – RS* (2008). Sua análise é espacialmente circunscrita à cidade de Farroupilha, que devido ao processo de industrialização impulsionado a partir da década de 1970, passou a receber um grande contingente migratório de cidades menores do Rio Grande do Sul, destinado a suprir a carência de mão de obra nas empresas.

Com foco dirigido à negatização simbólica dos *outsiders* em Farroupilha, a autora defende que tal relação desigual de forças nas disputas simbólicas é crucial para a manutenção

⁵⁵ A respeito das representações identitárias acerca dos habitantes dos Campos de Cima da Serra, ver “Meu avô era tropeiro!”: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS) (2009) de Adriana Fraga da Silva.

de representações que justificam a aceitação e a continuidade de relações sociais e econômicas de exploração.

“O trabalho de milhares de operários e operárias que sustenta os grandes empreendimentos encontra-se silenciado pelo discurso étnico difundido entre os moradores do lugar. A evocação de um ethos do trabalho, como inerente à italianidade, diante da falta desta característica entre os brasileiros, não estaria excluindo uma percepção aí presente que é a da relação patrões e operários? [...] evidencio a reapropriação, por parte dos operários recém chegados, da crença do mito do pioneiro que ascende a grande empresário. Para eles, as chances de vencerem e tornarem-se patrões é muito palpável. Afinal o grande empresário, também já foi pobre, colono. Esta é a ficção do lugar e a realidade de alguns” (KANNAAN, 2008. P. 156)

As conclusões da autora analisam os efeitos das construções identitárias dentro das relações de produção em Farroupilha como elemento reificador e justificante da exploração dos trabalhadores menos qualificados pelos patrões⁵⁶. Neste caso, àqueles representacionalmente negativados cabem as funções mal remuneradas, enquanto os outros, positivados, apropriam-se dos resultados desta força de trabalho.

Em *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS* (2004), Miriam Santos analisa a importância da Festa da Uva para as estratégias de elaboração dos elementos de distintividade da identidade ítalo-brasileira dos descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul. De acordo com a autora,

“O valor social da cultura italiana é reafirmado através de uma distintividade étnica e funciona como um reforço da posição social dos italianos dentro da sociedade de Caxias do Sul [...] funciona também como um “capital étnico”, isto é, como uma vantagem econômica em função da etnicidade. Em suma a construção de uma identidade contrastiva em relação à sociedade nacional surge quando o grupo se diferencia - separando colonos e cidadãos - mas, principalmente quando tal postura começa a se mostrar vantajosa, levando inclusive, nos últimos anos, a incorporação e reelaboração de valores e costumes camponeses por parte da população urbana” (SANTOS, 2004, p. 289).

Mocellin aplica sem reservas a conceituação de etnicidade ao fenômeno de elaboração da italianidade em Caxias do Sul. Santos, por sua vez, vê na autoidentificação dos portadores deste “capital étnico” como brasileiros um impeditivo para designá-los como grupo étnico,

⁵⁶ Alinho a este estudo de caso pressupostos do pensamento de Immanuel Wallerstein (2001), quando aponta que o capitalismo tende a criar etnicidades com a finalidade de imputar-lhes determinados papéis ocupacionais.

considerando a italianidade como um conjunto de distintividades acionadas para marcar uma posição social, atingindo no máximo o status de identidade diferenciada (SANTOS, 2004, p.6).

O trabalho de Miriam Santos foi fruto de pesquisa bibliográfica e de observação etnográfica sobre o desfile da Festa da Uva de 2002. O próximo trabalho que será cotejado, a respeito do desfile da Festa da Uva em 2014, já aponta o estabelecimento de uma narrativa de valorização da diversidade étnica da cidade, demonstrando como a hegemonia da italianidade enquanto identidade referencial da cidade perde força no decorrer do século XXI⁵⁷.

Em *A etnização em Caxias do Sul: a construção da narrativa da “diversidade” no desfile da Festa Nacional da Uva de 2014* (2015), Ana Lia Dal Pont Branchi aponta o desfile da Festa da Uva como palco das disputas por representações identitárias em Caxias do Sul, onde se deflagrou um jogo identitário aberto entre a italianidade e grupos minoritários da sociedade caxiense. A autora ressalta que o desfile da Festa da Uva de 2006 foi o primeiro a incluir no curso alegórico grupos representativos de outras etnias além dos italianos, com base em uma importante descrição de um informante, professor de capoeira, que participou dos desfiles:

O informante se disse emocionado em poder falar sobre o assunto, e contextualizou como era a sua situação antes da Festa da Uva de 2006, em que “acompanhava os rumores da Festa”. Posicionava-se na praça, com seus alunos de capoeira e que, frequentemente, segundo ele, eram mandados embora pela organização da Festa, ou seja, uma posição que ficava à margem do acontecimento. Porém, ao se posicionar neste local específico, parece que queria se fazer visto, marcar sua representação, ou seja, um reconhecimento. Porém, ele considerou a Festa de 2006 como o “marco de um novo tempo” para os afrodescendentes da cidade, principalmente pelo fato de que foram incluídos na Festa. Mas é relevante identificar o sentido dessa inclusão, pois é duplo. Além de terem sido convidados, houve a representação dos negros através dos escravos, que teriam vindo construir o barracão dos imigrantes, portanto antes da sua chegada. Especificando melhor o que se quer dizer: quando ele enunciou “era o início”, e que o desfile resgatou uma parte da

⁵⁷ É importante ressaltar que a construção da italianidade enquanto identidade social dos imigrantes italianos e seus descendentes na RCI, em outras regiões do Rio Grande do Sul e do Brasil é um processo histórico de longa duração, iniciado em alguns destes locais ainda em fins do século XIX. Sendo assim, estas construções identitárias geraram uma heterogeneidade, uma não unicidade destas italianidades por conta de dinâmicas sociais inescapáveis, como a relação com a sociedade circundante, migrações internas e sucessões geracionais. Friso que há esta multiplicidade de “italianidades” na RCI, marcadas por grupos de portadores com diferentes graus de adesão aos seus símbolos, representações e “fronteiras”, e que por não ser o foco desta pesquisa, tal temática não será abordada. Sobre este assunto, destaca-se a tese de doutorado de Maria Catarina Zanini, *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*, trabalho de cunho antropológico que aborda estas “italianidades” em meio aos descendentes de imigrantes da região de Santa Maria e de Silveira Martins.

história da cidade - na alegria de estarmos juntos, reportou-se ao tempo de origem, mas de uma maneira diferente de como vinha sendo representado até então, ou seja, em que apareciam somente os imigrantes italianos e os descendentes de italianos como participantes do mito e da construção de Caxias do Sul. Além disso, interpretou que essa Festa trouxe os escravos também como “personagens”, ou participantes dessa narrativa. E nos escravos estaria a representação dos negros (BRANCHI, 2015, p. 112).

A autora aponta como o planejamento do desfile é elaborado por uma comissão, da qual também participam intelectuais e professores da Universidade de Caxias do Sul, revelador de como valorização da diversidade étnica projetada na cidade através do desfile foi algo central nos jogos identitários locais, apresentando a atuação de um grupo identificado por Mocellin ainda no século passado como o dos intelectuais.

O desfile de 2014 apresentou um grande conjunto de grupos étnicos presentes na sociedade caxiense, inclusive os oriundos de fenômenos migratórios bastante recentes, como os haitianos e senegaleses. Contudo, Branchi aponta como estes grupos acabam sendo considerado como os “outros”, na medida em que a presença e a visibilidade conferida nos desfiles à italianidade ainda é predominante. As polêmicas que estas inclusões geram, aceitas por uns e rejeitadas por outros, demonstram uma cidade que quer manter suas raízes em um passado que foi mitificado ao mesmo tempo em que deseja ser cosmopolita (BRANCHI, 2014, p. 155).

De certa forma, o desfile da Festa da Uva apresenta-se como um pequeno microcosmo institucionalizado e representativo das disputas por espaço das identidades coletivas em Caxias do Sul. A presença de outros grupos sociais nos desfiles é um claro indicativo de como a italianidade perdeu uma certa hegemonia institucionalizada, que lhe permitia silenciar em importantes espaços de projeção e construção da memória coletiva local a presença de outros grupos sociais de forma que lhes fosse conferida importante legitimidade social. Mas isso não significa que não possua ainda grande relevância no cenário local.

A presença dos diferentes grupos sociais no desfile demonstrou o caráter contrastivo das identidades, em particular as étnicas, levando à classificação dos grupos presentes no roteiro do desfile e à cooptação das entidades a participar. Portanto, pode-se considerar um dos sentidos da inserção da diversidade o início de um processo de etnização no desfile da Festa da Uva, que se iniciou na edição de 2006 e se reafirmou e fortaleceu na de 2014. Por fim, a diversidade, no desfile estudado, também teve um significado de unidade. A palavra diversidade, embora tenha um sentido de multiplicidade, não carrega consigo, diretamente, as diferenças intrínsecas às identidades. Por isso, paradoxalmente, no desfile ou até mesmo no tema, pendeu para uma homogeneização. A diversidade parece querer significar uma

unificação, quase como uma forma de “colocar panos quentes” nas diferenças culturais, já que toda a identidade é uma diferença. Esse sentido reforçou ainda mais a ideia de categorizar os diferentes grupos sociais participantes como “os outros”, intensificando a dualidade italianidade x diversidade. Porém, atuou como uma forma de acomodar as lutas simbólicas das construções - manutenções das diferentes identidades, deixando, aparentemente, o jogo “empatado”: a italianidade garantiu sua vigência e teve sua continuação através do seu reivindicado mérito pelo passado, pela construção de Caxias do Sul. Já “os outros” passaram a ser incorporados, gradativamente, na história. (BRANCHI, 2014, p. 156)

Será analisado no decorrer dos capítulos 2, 3 e 4 como a Festa da Uva foi importante palco de promoção de italianidade, mas também trouxe em algumas de suas edições representações sobre estes migrantes que chegam em Caxias do Sul após os italianos. Embora mais recorrente nas edições após 2006, há a construção de representações positivadas de outros grupos, como os gaúchos, em espaços da Festa da Uva de edições de décadas anteriores, elementos que nos apontam como este espaço tem sido palco de um jogo identitário por décadas.

O trabalho de Silvana Teresinha Tomazzoni Gonçalves, *O gaúcho e o colono: variações de um discurso mítico nas eleições municipais* (2016) aborda como o marketing eleitoral das campanhas para disputa pela prefeitura por parte do candidato Pepe Vargas (PT) em 1996 e 2000 operou com as representações acerca do gauchismo e da italianidade visando à vitória nas eleições municipais. Considero este estudo o que dentro do âmbito acadêmico trata de forma mais incisiva os elementos simbólicos vinculados a estas duas identidades no município e é demonstrativo do vigor destas representações no universo simbólico local.

Identificar a presença dos mitos, desvelando um passado construído, significa revelar uma identidade regional e compreender como os valores impressos por ela são apropriados por um processo eleitoral com o intuito de conquistar o voto da população. Para tanto, os objetivos específicos deste trabalho ficaram em torno de analisar a formação da identidade regional relacionada ao gaúcho e ao colono italiano e na compreensão de como os valores impressos pela identidade regional são apropriados por um processo eleitoral com o intuito de conquistar o voto da população. (GONÇALVES, 2016, p. 15)

Os operadores de campanhas políticas de candidatos competitivos em eleições majoritárias devem ser habilidosos em perceber determinados elementos simbólicos presentes no imaginário social aproveitáveis para a composição de um discurso eleitoral coerente e

convincente para o eleitor. Como demonstra a citação abaixo, havia por parte destes marqueteiros políticos uma sensibilidade aguçada a respeito do imaginário social local.

Com foco na história da cidade e do estado, o PT traçou a estratégia rumo à vitória nas eleições de 1996. Buscou no imaginário coletivo os elementos persuasivos eficazes, provocando no eleitor a análise conjuntural. Nessa proposta, os mitos foram a expressão do imaginário captada pela candidatura. Um dos coordenadores de marketing político da campanha eleitoral da Frente Popular em 1996, Rodolfo Maggi, lembra que o candidato possuía a simpatia dos descendentes dos Campos de Cima da Serra, mas não dispunha da mesma simpatia em relação aos eleitores “gringos”, ou seja, da população de origem italiana, os quais têm forte representação no município e um patrimônio simbólico que atravessa décadas. (MAGGI, 1996) A proximidade do candidato com o eleitor originário das cidades dos Campos de Cima da Serra resultava da sua trajetória como médico do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Caxias do Sul. Nessa associação o candidato atendia um eleitorado que, em sua maioria, trabalhava nas metalúrgicas do município.[...]. Diante dessas constatações, o grupo responsável pelo marketing político da campanha da Frente Popular, respaldado apenas pela percepção do comportamento social, procurou traduzir na comunicação os valores impressos tanto pelo mito do colono quanto do gaúcho, pois identificaram que esses elementos, nos pleitos anteriores, fortaleceram a direita e ajudaram a vencer a maioria das eleições na cidade. Entre as estratégias estava a composição de uma chapa com a candidata à vice-prefeita, também do PT, Marisa Formolo Dalla Vecchia. Filha de agricultores e neta de italianos que se estabeleceram na Serra Gaúcha em 1892, Marisa constituía-se como o elemento necessário para a identificação e persuasão do eleitorado do meio rural, em sua maioria descendentes de imigrantes. Apesar de nunca ter concorrido a um mandato eletivo, Marisa como educadora poderia garantir maior visibilidade para a corrida eleitoral. Maggi (2016) explica que além de dialogar com o eleitorado de origem italiana localizado no meio rural, Marisa possuía relações com a classe média alta, formada por famílias tradicionais no município e, também, de origens italianas. (GONÇALVES, 2016, p. 111)

A citação é longa, mas importantíssima por demonstrar de forma objetiva como o marketing eleitoral da campanha de 1996 de Pepe Vargas fez uma leitura acurada da realidade social do eleitorado do município e das representações locais basilares na construção das duas identidades. Destaco que a presença de estudos acadêmicos a respeito da identidade regional tradicionalista no âmbito municipal que pudesse lançar luz sobre esta realidade era praticamente inexistente, o que é reforçado pela autora ao afirmar que o grupo responsável pelo marketing político operou “respaldado apenas pela percepção do comportamento social”.

A eleição municipal para a prefeitura de Caxias do Sul de 1996 foi vencida pelo candidato do PT, após disputar o segundo turno contra Germano Rigotto (PMDB). Durante o mandato de quatro anos, mais especificamente em 1997, foi aprovada pelo Congresso Nacional uma emenda constitucional que permitiu a possibilidade de reeleição para ocupantes

de cargos do poder executivo nas esferas municipal, estadual e federal⁵⁸. Após um mandato com avaliação significativamente positiva, Pepe Vargas foi novamente candidato pelo PT no ano de 2000.

Em 1996, a campanha do candidato procurou estabelecer vínculos com os eleitores através da operação de representações associadas tanto à italianidade quanto ao gauchismo. Entretanto, por identificarem uma maior relação pré-estabelecida do candidato com os estratos sociais mais aproximados ao tradicionalismo, a direção da campanha decidiu projetar com maior intensidade o vínculo do candidato com representações associadas da italianidade, vinculadas a estratos sociais do município mais conservadores e, conseqüentemente, mais avessos a uma candidatura de um partido de esquerda.

Na campanha do ano 2000, houve uma significativa alteração do panorama e a autora reforça como a direção da campanha estava atenta a este cenário. Entre 1996 e 2000, a cidade ganhou aproximadamente trinta e sete mil novos habitantes, aumentando em quase dez por cento sua população, sendo a grande maioria migrantes de outras cidades do RS em busca de emprego. Isso formou um grande contingente de eleitores muito possivelmente associáveis às representações dos gaúchos. O outro fator importante foi a simbologia fortemente associada ao candidato opositor mais competitivo, José Ivo Sartori, de “gringo”. Filho de descendentes de imigrantes italianos, marcado pelo forte sotaque, o candidato reforçou esta imagem em sua campanha visando maior proximidade com os portadores da italianidade.

Diferentemente de 1996, quando a campanha ficou atenta à vinculação de associações com representações de gringos e gaúchos, mas procurou vincular o candidato mais à italianidade, as novas circunstâncias apontavam que o número maior de eleitores possíveis de serem atraídos pela ação do marketing eleitoral encontrava-se naqueles vinculados ao gauchismo. Isto levou à intensificação da presença dessas representações na construção da narrativa de campanha, algo perceptível quando debates envolvendo a destinação de recursos para a construção de benfeitorias ligadas ao tradicionalismo foram tratados com destaque.

Destaca-se, entre as inúmeras cenas da campanha pelos bairros, a imagem do próprio candidato Pepe Vargas ao lado de um gaiteiro gaúcho. O candidato celebra o encontro com o homem que, vestido com traje típico do gaúcho, a pilcha, dedica sua música à campanha da Frente Popular. Vargas demonstra envolver-se pelo folclore gaúcho e, desse modo, evidencia a sua ligação com esse passado histórico, que forma a identidade do Rio Grande do Sul.[...] aciona o mito no uso das palavras “honestidade” e “tradição”. Os termos são

⁵⁸ Emenda Constitucional nº 16, de 04 de junho de 1997.

usados pelo coordenador da 25ª Região Tradicionalista, Sadi Bortolon, que reivindica a autoria da liberação de recursos para a construção da Casa do Gaúcho à Frente Popular, apresentada no Programa do PMDB como resultado do trabalho do vereador Ivan Vargas (PFL), aliado da campanha de Sartori. Bortolon fala sobre o tema, ao lado dos “patrões” dos CTG da 25ª Região Tradicionalista. O grupo, trajado com as roupas típicas, está reunido em torno de uma roda de chimarrão que simboliza a solidariedade dos tradicionalistas à campanha de Pepe Vargas. Portanto, para completar a mensagem o locutor, salienta que “tradição é coisa séria e exige respeito”, como um alerta à manutenção dos valores que integram a identidade cultural do gaúcho e que é “ameaçada” pela campanha de Sartori ao distorcer os fatos. Usando da simbologia das imagens para demonstrar que valoriza as tradições gaúchas, o programa eleitoral da Frente Popular exalta o mito com cenas de apresentação de danças e de competições de laço. Por fim, encerra a mensagem com o jingle “Vote 13, vamos lá. Vem com a Frente Popular”, e com uma vinheta gráfica em que o número 13 aparece carregando bandeiras nas cores da bandeira do Rio Grande do Sul. (GONÇALVES, 2016, p. 131)

A eleição para a prefeitura municipal de Caxias do Sul de 2000 foi vencida pelo candidato Pepe Vargas, com uma margem de apenas 824 votos sobre José Ivo Sartori, menos de um por cento do total de votos válidos. As eleições de 2004 e 2008 foram vencidas por Sartori, com ampla coligação partidária e tendo como candidato a vice Alceu Barbosa Velho, advogado e político local que emergiu com destaque no meio tradicionalista. Em 2012, com praticamente os mesmos partidos das coligações de 2004 e 2008, Alceu Barbosa Velho disputou a eleição municipal para prefeito e saiu vitorioso, não concorrendo à reeleição em 2016. José Ivo Sartori disputou em 2014 as eleições para governador do estado e saiu-se vitorioso, tendo como imagem central construída e significativamente reconhecida perante o estado do RS de “gringo” e trabalhador.

Tanto a vinculação de Sartori com a italianidade como a de Alceu Barbosa Velho com o tradicionalismo são notáveis. Tais associações e o impacto que possuem no imaginário social não podem ser tratadas como causas singulares de seus respectivos sucessos eleitorais, mas estão longe de serem desprezíveis neste contexto. O marketing eleitoral das campanhas majoritárias de candidatos com razoável estrutura partidária opera de forma eficiente e atento aos dividendos eleitorais que a vinculação com tais representações trazem. Analisando os estudos de Gonçalves e observando as trajetórias de José Ivo Sartori e Alceu Barbosa Velho, resta evidente como o gauchismo e a italianidade são identidades com forte lastro social, a ponto de gerarem efeitos significativos quando suas representações são acionadas em momentos de contundentes disputas de narrativas sobre o imaginário social, como é o caso das campanhas eleitorais.

As pesquisas de Gonçalves (2016) e Silva (2003) estabelecem relações entre as identidades coletivas focadas nesta tese e a política a partir dos anos 1990. Pela inexistência de abordagens acadêmicas e pela ausência de outras fontes históricas que tratem a respeito da relação entre estas identidades e a esfera política referentes a períodos anteriores a esta década, considero que é a partir de então que se forma uma conjuntura em que tais identidades estão consolidadas a ponto de serem acionadas com contundência pelas campanhas eleitorais para cargos majoritários, que visam construir um discurso que atinge a maioria da sociedade. Não pretendo com isso desconsiderar a possibilidade que entre 1950 e 1980 esta relação tivesse existido ou sido utilizada de forma menos enfática para candidaturas majoritárias, mas ressalto que abria margem para candidaturas a cargos legislativos, nos quais os candidatos atendem e vinculam-se a estratos populacionais de forma setorizada.

A historiografia aponta para este fenômeno já em 1950 em Passo Fundo, no caso supracitado na pesquisa de Del Ré (2008). Nos próximos capítulos, será analisado através de reportagens de periódicos e relatos orais como em Caxias do Sul surgiu, a partir de fins da década de 1970, um número significativo de candidatos aos cargos de vereador e deputado estadual vinculados ao movimento tradicionalista. Vários foram eleitos. Esse fenômeno se manteve na década de 1990 e acentuou-se nos anos 2000.

Mas foi a partir dos anos 2000 que esta relação entre as identidades do tradicionalismo e da italianidade com a política caxiense se tornou mais evidente, com candidatos eleitos a cargos majoritários centralizando seu capital político em representações vinculadas aos portadores destas identidades, como é o caso de José Ivo Sartori e de Alceu Barbosa Velho, e de um conjunto significativo de vereadores associando-se ao movimento na Semana Farroupilha, com a abertura de um galpão da Câmara de Vereadores no Acampamento Farroupilha. Considero esta forte associação dos ocupantes de cargos políticos com estas duas identidades coletivas um indicativo importante da representatividade que adquiriram com o decorrer do tempo na sociedade local. Estas relações serão dirimidas nos capítulos 4, 5 e 6.

CAPÍTULO 2 – ITALIANIDADE E TRADICIONALISMO EM CAXIAS DO SUL ENTRE 1950 E 1963: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE VINCULAÇÕES AO BRASIL E A BUSCA POR LEGITIMIDADE HISTÓRICA

Este capítulo analisará a construção da italianidade e do tradicionalismo em Caxias do Sul por meio das edições da Festa da Uva e da Semana Farroupilha no período que compreende o início da década de 1950 até a instalação da ditadura militar em 1964, que inaugurou uma nova conjuntura para a criação de representações de identidades sociais.

O ano de 1950 marca a volta da realização da Festa da Uva que, após quatro edições na década de 1930, perdeu força e espaço por conta do advento da Campanha de Nacionalização. Considerando a proximidade da elite urbana caxiense com o *fascio* italiano, bem como a atuação da Igreja Católica favorável ao movimento durante as décadas de 1920 e 1930, as ações dos representantes do governo federal na cidade visaram a suprimir traços de valorização de uma identidade nacional estrangeira. Neste período, nomes de praças e espaços públicos caxienses que remetessem a italianos foram alterados para nomes de personagens históricos da política brasileira, como foi o caso da praça central de Caxias do Sul, antes Dante Alighieri, que se transformou na praça Rui Barbosa e falar em talian⁵⁹, a única língua plenamente dominada para muitos até então, foi proibido. Com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, combatendo o governo fascista italiano, a situação dos locais tornava-se ainda mais incômoda.

Tais mudanças geraram um afastamento entre o governo federal e as elites locais. A Festa da Uva, que vinha se formatando antes da Campanha da Nacionalização como um importante evento culminante para a exaltação da italianidade e recebera autoridades em nível estadual, não tinha mais espaço nesta conjuntura.

Findada a guerra em 1945, mais cinco anos perpassaram até que novos movimentos de valorização da italianidade tomassem corpo, que resultariam em nova edição da Festa da Uva conjuntamente às comemorações de 75 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Estes dois eventos marcaram o ano de 1950 pela reaproximação do governo federal e desta elite local, dando ímpeto a uma reconfiguração de elementos da italianidade a partir de então, com o abandono de algumas representações que pudessem remeter de forma excessiva ao “*passado itálico*” dos imigrantes e seus descendentes e o destaque para a valorização de elementos que poderiam sinalizar para uma “*brasilidade*” destes, ou pelo menos, alguns

⁵⁹ Dialeto vêneto-lombardo dos imigrantes e seus descendentes na RCI.

elementos representacionais valorativos aos vínculos destes com o Brasil. Desta forma, a análise desta construção da “*brasilidade*” na década de 1950 não pode prescindir de uma breve contextualização destas primeiras edições da Festa, nas quais estão ressaltados alguns traços que as edições de 1950 e seguintes operaram para ocultar, ou se impossível, pois já haviam sido apresentadas, sinalizar que já pertenciam a um passado superado.

O tradicionalismo, enquanto movimento institucionalizado dá seus primeiros passos nesta década de 1950. Pode-se afirmar que surge em fins da década de 1940, em Porto Alegre com o grupo do “35 CTG”. Então, o que identificamos em Caxias do Sul, em fins da década de 1940, a respeito dos Irmãos Bertussi e sua atuação radiofônica remete a um gauchismo praticamente pré-tradicionalista. De fato, manifestações em torno da música campeira já existiam antes do tradicionalismo, e a atuação dos Bertussi, na primeira rádio da cidade, aponta indícios para tal. Ela continuará, no decorrer desta década, com importante popularidade. Nesta década serão formados três Centros de Tradição Gaúcha na cidade e perceberemos a criação de algumas narrativas que fizeram uso de sentidos anacrônicos e símbolos materiais históricos para as comemorações daquilo que hoje é denominado como Semana Farroupilha⁶⁰, visando a garantir legitimidade para as manifestações tradicionalistas na cidade em um período em que as representações ideais do movimento estavam plenamente ancoradas na vida pastoril do homem da Campanha, distante geográfica, simbólica e historicamente de Caxias do Sul.

2.1 O destaque ao papel civilizatório e à operosidade dos imigrantes italianos na projeção da italianidade nas primeiras edições da Festa da Uva e pela ação do *fascio* local

A análise sobre a construção da italianidade neste período tomará como base as edições da Festa da Uva, principal evento caxiense no qual se pode perscrutar a construção de representações e narrativas locais sobre a italianidade. Embora alguns autores e historiadores apontem a realização de eventos de mesma natureza da Festa da Uva, desde finais do século XIX na cidade, a maioria considera que sua primeira edição, em moldes de uma festa de produção e promotora de valorização da cultura local, tenha ocorrido em 1931⁶¹. Houve mais

⁶⁰ Naquela época, denominado Ronda Crioula.

⁶¹ Sobre esta discussão, ver Erbes (2012, p. 25-26).

três edições nesta década, sendo a última em 1937, e depois a festa foi retomada em 1950, continuando até a atualidade⁶².

A escolha por analisar a construção da italianidade a partir de 1950 através da Festa da Uva se dá pelo fato desta festividade ser a principal de Caxias do Sul e da RCI, na qual essa identidade foi construída e performatizada. A Festa da Uva é um espaço privilegiado que concentra, cria e propaga narrativas e representações sobre a italianidade de forma estratégica, devido à sua centralidade no calendário de festas locais, pela importância turística e por ser uma organização capitaneada por um conjunto de líderes políticos e empresariais, de agentes culturais e de intelectuais locais, uma segmentação social razoavelmente abrangente, que visa cumprir a tarefa de pautar de forma eficaz uma construção ideológica da italianidade, que crie um mundo de sentido e pertencimento aos seus portadores e vetor de narrativas positivadas de Caxias do Sul e da italianidade para os “outros”.

De acordo com a maioria dos autores, a primeira edição da Festa da Uva teve sua organização protagonizada por um luso-brasileiro, Joaquim Pedro Lisboa, à época fiscal do Instituto Rio Grandense do Vinho. Há discussões a respeito do protagonismo de Lisboa, sendo que Miriam Santos (2004), aponta Celeste Gobbato como mentor principal.

Celeste Gobbato foi intendente municipal de Caxias do Sul entre 1924 e 1928 e na sequência assumiu o cargo de diretor da Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caxias do Sul e de agente consular italiano, dirigindo a célula fascista local. Foi o orador oficial da primeira edição da Festa da Uva e centrou seus esforços em incentivar os agricultores a plantarem melhores castas de uva.

Joaquim Pedro Lisboa nasceu em Rio Pardo em 1887, morou em várias cidades em função das suas atividades profissionais e mudou-se para Caxias do Sul em busca de boas escolas para seus filhos, de acordo com Erbes (2012, p. 27). Esta explicação é contestada por Santos, que aponta como mais provável que tenha se dirigido para cidade em busca de trabalho, tendo em vista que a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul à época contratava secretários em Porto Alegre, pois tinha dificuldades de encontrar profissionais que redigissem documentos oficiais em português, segundo Giron (1994, p. 117). Primeiramente foi funcionário da coletoria Federal, depois chefe desta repartição, inspetor florestal e na

⁶² O início da década de 1930 na Itália é marcado pelo surgimento de festas de vindima, por parte da ação governamental. Considerando a proximidade ideológica da elite caxiense com o fascio italiano, pode-se supor que a promoção de tais festas pelo governo de Mussolini tenha sido um dos elementos causais da Festa da Uva em Caxias do Sul.

sequência, inspetor do Instituto do Vinho, cargo que ocupava quando participou da organização da primeira edição da Festa da Uva.

A discussão sobre a primazia de Lisboa ou Gobbato na organização da primeira edição foge ao escopo desta tese, mas é importante destacar que Lisboa assumiu papéis relevantes na organização de várias edições seguintes da festa, tanto nas edições da década de 1930, na de 1950 e nas posteriores a esta retomada. Ele também assumiu a dianteira na promoção do regionalismo na cidade nas décadas seguintes, sendo que dirigiu programas tradicionalistas na Rádio Caxias, da qual foi sócio-fundador em 1946 e fundou, junto com Clóvis Pinheiro, o CTG Rincão da Lealdade, o primeiro da cidade, em fins de 1953.

Tais informações apontam Joaquim Pedro Lisboa como um personagem central na organização de eventos e espaços propagadores das duas identidades sociais objetos desta tese e permitem inferir que a relação entre ambas não foi socialmente demarcada por um caráter excludente, demonstrando que aderir à italianidade ou ao regionalismo automaticamente não excluía ou inviabilizava a portabilidade de representações de uma ou outra.



FIGURA 2 - JOAQUIM PEDRO LISBOA COM INTEGRANTES DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA FESTA DA UVA NOS ANOS 30. (ERBES, 2012, P. 28)

Se a primeira edição da Festa, organizada por Lisboa e Gobbato, teve como finalidade central promover castas viníferas que produziriam vinhos de maior qualidade entre os agricultores, as edições de 1932 e 1933 foram organizadas pela Associação de Comerciantes de Caxias do Sul, que buscou abrir espaço para a exposição de itens agrícolas e industriais. Na festa de 1932, houve apresentações de carros alegóricos, que mostravam “os tempos da chegada dos imigrantes, as dificuldades encontradas, a conquista e o desenvolvimento da região” (ERBES, 2012, p. 42), constituindo o primeiro esforço significativo de narrar a

“epopeia da imigração”. A festa de 1933 foi a primeira que teve a escolha de uma rainha, Adélia Eberle, filha de Abramo Eberle, principal *role model* do imigrante trabalhador e empreendedor que enriqueceu na colônia através da atividade industrial.



FIGURA 3 - ADÉLIA EBERLE, A PRIMEIRA RAINHA DA FESTA DA UVA, ELEITA EM 1933. (ERBES, 2012, P. 47)

Houve mais uma edição da festa em 1934 e outra apenas em 1937 antes do intervalo até a edição de 1950. É importante destacar que as edições de 1933, 1934 e 1937, a exemplo da edição de 1932, passaram a apresentar narrativas sobre a cidade e a imigração, que impactaram na construção da italianidade do período. Os prospectos das festas eram redigidos em italiano e os moradores das ruas centrais da cidade, em especial os daquelas onde passava o desfile de carros alegóricos, eram instados a colocarem bandeiras da Itália nos peitoris de janelas e nas sacadas. Celebrações na festa aludiam à mitologia romana, numa inequívoca associação com a herança romana por parte dos itálicos, como assinala Ribeiro:

A vinculação e as analogias entre a Festa da Uva e as festas greco-latinas serão feitas ao longo de toda a década de 30. Nas Festas da Uva de 1932 e de 1933, a ritualidade da celebração festiva, em especial aquela das libações, desencadeia e promove referências à ‘alegria genuína de um Baco civilizador. (RIBEIRO, 2002, p. 99)

A construção de tais representações se explica pela aproximação da elite urbana local com o fascio italiano, que procurava “*unificar o povo e o país em torno da herança da “civiltà romana”*”, a civilização latina, apelando especialmente para a mitologia. Este apelo à herança romana e a estirpe latina, era o correspondente italiano do arianismo alemão. (SANTOS, 2004, p. 88). Os principais líderes da Associação de Comerciantes, entidade que dirigia a festa e prefeitos da época, faziam parte do movimento fascista local. Em

monumentos e praças construídos durante a comemoração dos 50 anos da imigração, em 1925, menções elogiosas aos pioneiros com “*stirpe latina*” foram gravadas em placas de bronze. Não é de se estranhar que nestas edições da década de 1930 da Festa da Uva, comemoração capitaneada pela mesma elite local vinculada ao fascismo italiano, estes elementos simbólicos apareçam, na medida em que compunham o sistema de representações da identidade social dos imigrantes e seus descendentes.

A associação com o fascismo era muito mais marcante na pequena elite urbana do que entre os imigrantes mais humildes ou das regiões rurais. Para a maioria da população da RCI, o *Duce* se tornaria conhecido elogiosamente pela ação dos membros da Igreja Católica, também vinculada ao movimento e importante fator de integração comunitária tanto nas regiões rurais quanto no meio urbano. Neste sentido, podemos pontuar que a elite local criava representações da italianidade mais voltadas a informar os “outros”, como figuras políticas de destaque do estado ou nacionais de menor relevância que vinham à Festa da Uva, enquanto a Igreja operava de forma mais endógena e comunitária estes signos (GIRON, 1994, p. 145).

O acirramento da nacionalização em 1937, com a implantação do Estado Novo, marcou um período de ocaso de manifestações pró-italianidade, atingindo diretamente a Festa da Uva. Em 1942, com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, a Itália torna-se inimiga e em nível local, o nome da principal praça de Caxias do Sul é alterado de Praça Dante Alighieri para Praça Rui Barbosa. Entre 1937 e 1950, Joaquim Pedro Lisboa organizou quatro pequenas exposições de uvas, em 1938, 1940, 1944 e 1948, mas com duração de apenas um dia e sem ampla divulgação, voltadas para os produtores de uvas.

Entretanto, a entrada do Brasil na guerra abriu margem para uma nova relação da elite local com o governo brasileiro. Entre 1942 e 1945, empresas metalúrgicas locais de porte significativo, como a Eberle e a Gazola, foram consideradas de interesse militar, com as quais o governo federal estabeleceu contratos para a produção de armas e munições para a participação do Brasil em conflitos na Segunda Guerra Mundial, que se concentraram, ironicamente, em solo italiano⁶³. O faturamento anual do setor industrial caxiense praticamente triplicou no período⁶⁴, impulsionando o setor secundário e empresários como Abramo Eberle, “*que havia defendido muito claramente o fascismo e tinha até carteira de sócio do Partido Fascista Italiano*” (ERBES, 2012, p. 66).

⁶³ A participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial se concentrou no norte da Itália, nas batalhas pelo controle de Monte Castello, na região da Emília-Romanha.

⁶⁴ Sobre tais dados, ver *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*, de Herédia (1997)



FIGURA 4 - MANIFESTAÇÃO, EM 1942, DEFENDE A TROCA DO NOME DA PRAÇA DANTE ALIGHIERI PARA PRAÇA RUI BARBOSA. (ERBES, 2012, P. 64)

O fim do conflito e do Estado Novo em 1945 não marcou uma imediata retomada das festividades, ou da italianidade nos moldes anteriores. A desarticulação do *fascio*, a Campanha de Nacionalização e a industrialização advinda com a Segunda Guerra abriram espaço para uma reconfiguração das representações sobre a italianidade, que foram demarcadas com ímpeto na festa de 1950, também notória por comemorar os 75 anos da imigração italiana na região.

2.2 Trabalho e “brasilidade” na reconfiguração da italianidade por meio da Festa da Uva durante a década de 1950.

Passada a Campanha de Nacionalização e a Segunda Guerra Mundial, a construção da italianidade experimentou uma reconfiguração. Percebe-se nas narrativas o afastamento de algumas representações, a manutenção de outras e a ascensão de novas.

A Festa da Uva de 1950 marca a retomada dos festejos após um hiato de treze anos e foi organizada por empresários, representantes da Associação Comercial, clérigos, políticos e funcionários públicos. Os esforços da comissão organizadora voltaram-se para executar uma festa mais grandiosa que as anteriores, pelo fato do ano marcar também os 75 anos do início da colonização italiana no estado do Rio Grande do Sul. Em virtude disso, formou-se uma comissão para construir um monumento alusivo à imigração, que viria a ser o Monumento ao

Imigrante. Isto não se concretizou em 1950, quando foi apenas lançada sua pedra fundamental⁶⁵.

Por estar associada aos festejos dos 75 anos da imigração, os organizadores da Festa procuraram gerar maior integração com municípios vizinhos da RCI, abrindo espaço para que candidatas destas cidades também participassem do concurso de Rainha da Festa da Uva . Foi eleita a candidata de Bento Gonçalves, Olívia Terezinha Simões Morganti, nascida na cidade de Vacaria e filha de um descendente de italiano e de uma nordestina. De acordo com Erbes (2012, p. 80), quando foi anunciada a vencedora, um grupo de defensores de outra candidata se revoltou, tentou se aproximar do clube no qual foi realizado o anúncio e um caxiense gritou: “*Aonde é que se viu elegerem para Rainha da Festa da Uva uma negra de Vacaria?*”



**FIGURA 5 - OLÍVIA TEREZINHA MORGANTI, RAINHA DA FESTA DA UVA DE 1950.
(ERBES, 2012, P. 80)**

A polícia dissolveu o grupo, e a rainha participou de toda a programação da festa sem o registro de novas intercorrências. Entretanto, o episódio demonstra como as relações étnicas no contexto caxiense podem camuflar atos de cunho racista, como o sofrido por Olívia. Embora não possuísse um fenótipo de negra e o uso da expressão dentro daquele contexto pudesse ser associado àqueles que poderiam ser minimamente distinguidos como “de fora”, “brasileiros”, não italianos ou não descendentes de italianos⁶⁶, resta evidente que esta categorização posta desta forma teve intuito injurioso, bem como de expor o obstáculo quanto

⁶⁵ A “Comissão Executiva do Monumento ao Imigrante”, que elaborou o concurso de escolha da escultura e maquete do projeto, tinha como presidente o deputado Luiz Compagnoli, 1º vice tenente Artemim Karan, 2º vice padre Ernesto Brandalise, secretário Elvo Janir Marcon e tesoureiro Reinaldo De Carli. In: Álbum Comemorativo, 1950, p. 26.

⁶⁶ Sobre as diferentes possibilidades de classificações e nuances embutidas nas categorias “brasileiros” e “luso-brasileiros” na sociedade caxiense, ver Santos (2004)

a alguém com tal descendência assumir o cargo de rainha da Festa da Uva, mesmo que Olívia tivesse ascendência italiana por parte de pai e ostentasse seu sobrenome desta origem. Tal episódio nos permite considerar que certa noção de “branquitude” foi também um elemento taciturno na construção desta italianidade.

A festa de 1950 revestiu-se de maior importância que as anteriores. Foi aberta com o discurso do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, o governador do estado, Valter Jobim e do cônsul geral da Itália em Porto Alegre, Attílio Bollatti. Várias outras autoridades do governo federal e estadual participaram das cerimônias e Dutra participou do lançamento da pedra inaugural do Monumento ao Imigrante.

Os discursos das autoridades foram marcados por narrativas heroizantes dos imigrantes, destacando representações já constituídas como a “operosidade” e o “papel civilizador”, como o de Daniel de Carvalho, Ministro da Agricultura:

Lançando-se um olhar para o passado, é fácil reconstituir o quadro emocionante da luta em que se empenharam os bravos agricultores emigrantes da Itália e conduzidos ao seio da floresta bruta, com seus mistérios, suas serpentes, suas feras, suas árvores gigantescas, para a construção de um novo lar e plantação de uma nova seara (ALBUM, 1950, p. 20)

A industrialização recente também foi destacada, com exortações que positivam novamente o ímpeto ao trabalho dos locais, mas também o empreendedorismo de líderes empresariais. O Procurador-Geral da República, Alceu Barbedo pontuou em discurso:

“Concomitantemente com as atividades agrícolas, que foram as primeiras, veio sendo preparado, através de pequenas tentativas, algumas quase ingênuas, o estupendo surto industrial do presente. Dessa evolução dá bem sinal aquela choupana encarapitada no arranha-céu da metalúrgica Eberle [...] Entre os árdegos pioneiros de 1875 e os lutadores de hoje, não vai diferença maior que nos métodos e meios de trabalho. A vontade de vencer, o ânimo na luta, a ambição de melhorar e ir adiante, a vibração, o entusiasmo, as virtudes e os defeitos são os mesmos. E tanta é a orgia de iniciativa, que nestas paragens amoráveis e dadas, cabe aos velhos a vigilância constante para abrandar os ímpetos dos novos.” (ALBUM, 1950, p. 24)

A “*choupana encarapitada no arranha-céu da metalúrgica Eberle*” é uma referência à réplica da edificação de madeira onde a metalúrgica de Abramo Eberle iniciou e que foi reconstruída no teto do prédio central da Metalúrgica, como demonstra a foto abaixo.



FIGURA 6 - PRÉDIO CENTRAL DA METALÚRGICA ABRAMO EBERLE VISTO A PARTIR DA PRAÇA CENTRAL DE CAXIAS DO SUL. ACIMA DO PRÉDIO, A RÉPLICA. (HTTPS://BIBLIOTECA.IBGE.GOV.BR/INDEX.PHP/BIBLIOTECA-CATALOGO?VIEW=DETALHES&ID=423535)

A colocação desta réplica em cima da edificação mais moderna e recente à época é um inequívoco monumento ao progresso da empresa. Na medida em que se localiza de forma transversal e visível da praça central da cidade, apresenta-se como um símbolo material representativo do progresso para a cidade em geral. Destaco como a Eberle era a principal empresa da cidade na época, o que impulsionava ainda mais a projeção de suas representações como neste caso, reconhecida e citada no discurso de Barbedo.

Este conjunto de discursos de autoridades foi também indicativo das primeiras menções acerca de uma “brasilidade” dos imigrantes e seus descendentes, como no discurso de Balbino Mascarenhas, então secretário da agricultura do governo do Rio Grande do Sul:

A origem racial comum, a semelhança de idioma, a identidade de sentimentos, fizeram com que aqueles compatriotas de José Garibaldi se adaptassem como filhos nativos da nossa terra. Soldados do trabalho, seriam também, se preciso fosse, soldados do Brasil (ÁLBUM, 1950, p. 23)

O discurso de Mascarenhas é o que apresenta maiores novidades sobre a construção de representações dos imigrantes e seus descendentes. Percebe-se o esforço em impingir-los de

uma “brasilidade”, ao tratá-los como “*soldados do Brasil*”, “*se preciso fosse*”, na mesma frase em que os vincula a outra representação já arraigada, do trabalho. Destaco também a menção à figura de Giuseppe Garibaldi, mercenário e revolucionário italiano que lutou ao lado dos farrapos em 1835 e pela unificação italiana décadas depois. Com isto, Mascarenhas procurou estabelecer vínculos históricos entre os italianos e a “*epopeia farroupilha*”, evento histórico do qual se erigiu os principais heróis e valores do regionalismo gaúcho, que brotava com algum ímpeto em 1950. Na condição de representante do governo estadual, fez uso de representações positivadas e socialmente reconhecidas com o objetivo de estabelecer uma narrativa que vinculava os imigrantes ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, ao mesmo tempo em que reforça valências estabelecidas, como a de “*soldados do trabalho*”. Manejar, e mais ainda, projetar representações não é tarefa simples e exige reconhecer quais os sentidos já estabelecidos e positivados devem ser aproveitados para compor os novos que se pretende inculcar, sendo ainda necessário considerar que não colidam com outras narrativas legitimadas, que sejam coerentes e gerem maiores ganhos simbólicos aos seus portadores.

Além do discurso de Mascarenhas, podemos perceber o esforço na produção da “brasilidade” dos caxienses e o estabelecimento de vínculos entre estes e o Brasil na construção do Monumento ao Imigrante. Embora apenas sua pedra fundamental tenha sido lançada na edição da Festa da Uva de 1950, seu projeto estava pronto, e as representações que se objetivava transmitir através dele. Uma fotografia de sua maquete foi exposta no Álbum Comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana do Rio Grande do Sul. Ali se apontava suas pretensões simbólicas:

Representa um casal de pioneiros, cheios de fé e esperança – ela numa atitude de prece; ele, como que perscrutando o futuro, confiante na própria tenacidade. O grande obelisco, com cerca de vinte e cinco metros de altura, contados do nível do solo, simboliza a fé, e possui três altos-relevos, intitulados: doação das terras, progresso e defesa da Pátria. (ÁLBUM, 1950, p. 26)

Deve-se considerar que o Monumento ao Imigrante apresentava-se como o maior monumento que viria a existir em Caxias do Sul. Além da sua figura principal e mais projetada - a escultura em bronze do casal de imigrantes - os três altos-relevos incrustados no obelisco são os elementos simbólicos de maior destaque e possuem um importante papel na construção de sentidos na obra. Contextualizada ao momento histórico, as intenções da narrativa são bastante evidentes, procurando informar uma troca estabelecida entre os

imigrantes e o Brasil. Estes receberam terras por meio de doações, simbolizando o “acolhimento” por parte da nova pátria, progrediram materialmente e lhes cabe então a defesa desta pátria.



FIGURA 7 - INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO IMIGRANTE EM 1954. (ERBES, 2012, P. 74)

Os monumentos são construídos com intenções de elaborar sentidos sobre algo, propondo por meio de sua grande visibilidade representações e narrativas sobre o mundo e a sociedade. Da mesma forma que as menções à “*civilita itálica*” predominavam nas inscrições de placas de espaços públicos criados na década de 1920, denotando a influência do fascismo entre a elite local, em 1950, uma nova conjuntura histórica gerou novas representações sobre a italianidade, que seriam incrustadas e monumentalizadas em um novo espaço. A Campanha de Nacionalização e a vinculação da indústria caxiense ao esforço de guerra que combateu o próprio fascismo italiano possibilitou a emergência destas novas representações, que tinham como finalidade definir no plano simbólico uma reconciliação entre o Brasil, os imigrantes e seus descendentes.

Publicado pouco mais de três meses após a Festa da Uva de 1950, o álbum comemorativo dos 75 anos da imigração italiana, no qual constam os discursos acima referenciados e as informações acerca do projeto do Monumento ao Imigrante, deve ser analisado como um espaço estratégico de produção de representações sobre a Caxias do Sul

da época, em especial daqueles que operaram pela sua organização, como diversas instituições públicas, a comissão organizadora da Festa da Uva de 1950, a diocese de Caxias do Sul e empresas locais que o patrocinaram, garantindo espaços para exibição valorativa de sua produção.

O álbum foi organizado em diversos trechos, compondo um atlas descritivo dos municípios da Região de Colonização Italiana, vários artigos assinados sobre a colonização com dados geográficos, demográficos e econômicos e biografias de empresários e personalidades públicas. Dentre estes artigos é possível perceber novos esforços de vinculação de italianos e seus descendentes ao Brasil, como o assinado por Dante de Laytano⁶⁷, que cita Leonardo Truda, apontando que o *“italiano se recomenda particularmente à nossa estima, demonstrando bem uma afinidade de índole e de costumes que facilita sua assimilação e adapta rapidamente ao ritmo da vida nacional e, no fim, o incorpora definitivamente na nossa existência.”* Como reforço de sua argumentação, Laytano aponta o número maior de casamentos entre italianos e brasileiros do que de somente entre italianos, *“dados bastante reveladores da capacidade de assimilação do italiano”* (ÁLBUM, 1950, p. 349).

Em outro artigo deste álbum voltado a listar profissionais liberais de ascendência italiana, assinado por Luiz Compagnoni, deputado estadual descendente de italianos e chefe da comissão executiva do Monumento ao Imigrante, percebemos novamente um esforço de estabelecer uma narrativa de integração dos italianos e seus descendentes ao Rio Grande do Sul e ao Brasil:

“Todos estes nomes representam um pedaço do Rio Grande do Sul vibrante, competindo patrioticamente na tarefa de bem servir à Pátria. Já hoje não é mais possível distinguir entre os brasileiros de várias origens e, mesmo, acreditamos, que muitos nomes dos que foram estudados e não aparecem neles as características itálicas são, no entanto oriundos da imigração de 1875, por se terem fundido com os da mais genuína tradição farroupilha e açoriana.” (ÁLBUM, 1950, p. 477)

O álbum finaliza com uma súmula do relatório da comissão organizadora da Festa da Uva. Fica mais uma vez nítida a importância que a festa teve em promover a reconciliação simbólica com o Brasil, quando menciona que após os discursos das autoridades, *“teve início*

⁶⁷ Intelectual gaúcho, foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde chegou a ocupar cargos diretos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Universidade de Caxias do Sul.

a grandiosa manifestação de apreço que o Brasil prestou aos pioneiros da colonização italiana” (ÁLBUM, 1950, p. 521). Esta edição da festa, reforçada junto às comemorações acerca dos 75 anos da imigração, operou para a elite local como um evento que visava reestabelecer decisivamente no plano simbólico a integração de Caxias do Sul e em menor extensão, a RCI, com o Brasil após a Campanha de Nacionalização. No plano material, tal integração já havia ocorrido com a forte impulsão que o setor industrial da cidade auferiu com o “esforço de guerra” de 1942 a 1945 e tornava-se necessário uma reorientação de narrativas e sentidos na exaltação desta italianidade. Representações de mais estreita vinculação com a Itália foram deixadas de lado, não são mais encontradas em discursos de autoridades em eventos ou na mídia impressa local, ao passo que ganharam projeção aquelas que pudessem denotar a integração do imigrante ao Brasil.

É importante ressaltar que esta “brasilidade” dos imigrantes é um elemento que receberá bastante atenção nas próximas edições da Festa da Uva, mas com menor foco em uma vinculação mais direta e porosa ao Brasil, como os sentidos construídos na edição de 1950 procuraram projetar. Nesta leve reconfiguração da “brasilidade” que ocorrerá nas edições posteriores, as narrativas se concentrarão no esforço de vincular as categorias “trabalho” e “progresso” aos portadores da italianidade, como elementos diacríticos e explicativos do desenvolvimento econômico local acentuado, e esses como elementos importantes para o desenvolvimento do Brasil. Percebe-se esta narrativa mais “integradora” mais pontualmente na edição de 1950 em virtude das necessidades do momento histórico. A manutenção de representações que remetam à integração com outros povos não é um fenômeno que se observa com frequência na construção de identidades sociais, justamente por enfraquecer a contrastividade necessária para manter a coesão e a vitalidade dos conjuntos de sentidos que as delimitam frente a outras.

A próxima edição da Festa da Uva ocorreu em 1954, em uma edificação nova que atualmente é o Centro Administrativo de Caxias do Sul⁶⁸. Foi marcada pela inauguração do Monumento ao Imigrante por Getúlio Vargas. No novo pavilhão da Festa, Aldo Locatelli pintou um painel de 31 metros de comprimento por 3 metros de altura, perpassado com as principais representações vigentes sobre a italianidade à época.⁶⁹ O painel pode ser segmentado visualmente em quatro conjuntos: o primeiro mostra um grupo de imigrantes chegando a uma região inóspita, sendo observado por indígenas abaixados e amedrontados;

⁶⁸ Ver Anexo A – Figura 23.

⁶⁹ Ver Anexo A – Figura 24.

um outro conjunto formado pela representação de agricultores colhendo trigo, uva e bebendo vinho; um terceiro conjunto representando atividades de manufatura e, por fim, o interior de uma metalúrgica.

Os dois primeiros conjuntos retratam as noções sobre o papel civilizatório dos imigrantes e os dois últimos, a intensa industrialização que atingiu a cidade nas décadas anteriores a 1954, findando em um potente setor metalúrgico. Pertinente a todo o mural, a glorificação do trabalho e do progresso; o segundo, resultado do primeiro. E embaixo do mural, o tom reconciliador marcante deste início da década de 1950, com os dizeres: “*do itálico berço à nova pátria brasileira*”.

A edição de 1954 marca também um crescente processo de majoração dos expositores industriais em detrimento de menor espaço aos itens centrais, uva e vinho. A contínua vinculação da festa com o setor industrial demonstrava como sua finalidade maior se articulava em torno de um espaço de projeção que atendia aos interesses da elite urbana e industrial da cidade, sendo que passa a se chamar Festa da Uva e 1ª Exposição Industrial do Rio Grande do Sul. A rainha desta edição foi Maria Elisa Eberle, sobrinha da primeira rainha, filha de Júlio Eberle e neta de Abramo Eberle. A Metalúrgica Eberle, neste período, era ainda a principal empresa da cidade, com maior número de empregados e faturamento. De acordo com Erbes (2012, 107),

O processo começou nos anos 50 e se intensificou a partir da edição de 1961. O papel de coadjuvante não foi tramado ou idealizado por algum vilão, foi fruto do próprio crescimento industrial caxiense. A uva e o vinho não sumiram dos pavilhões, continuaram lá, como nas edições anteriores, mas a ampliação dos estandes das indústrias, atendendo aos interesses dos empresários, reduzia seu espaço e dava a impressão de que a fruta era coadjuvante na festa à qual dera o nome 30 anos antes. A própria disposição nos pavilhões reforçava essa impressão. Os produtos industriais ocupavam a maior parte do prédio de alvenaria, pomposo, bonito e decorado com um grande painel do pintor Aldo Locateli. Quando o visitante entrava no pavilhão, deparava-se com os estandes das empresas. As uvas ocupavam um espaço considerado menor em um canto do prédio. Se alguém quisesse, poderia visitar os estandes industriais e ignorar a uva.”

A festa de 1958 foi marcada pela expectativa frustrada da vinda de Juscelino Kubistchek para a abertura da festa. JK veio no mesmo ano a Caxias do Sul apenas meses depois, após transcorrida a festa, para recepcionar comitiva liderada pelo presidente italiano em visita oficial ao Brasil, que incluiu no roteiro a Região de Colonização Italiana.

O cartaz da festa de 1958 traz também um importante conjunto de mensagens. Retrata uma família de imigrantes que tem atrás de si trevas, ao passo que o homem segura a enxada com um braço, apoia o outro na esposa que por sua vez apoia sua mão na cabeça da criança. A criança segura um cacho de uvas, tendo a frente da imagem principal um cesto virado repleto de uvas. A mensagem demonstra como os imigrantes criaram seu meio e espaço de produção e subsistência, reafirmando valores relativos ao “trabalho”, ao “papel civilizatório” do imigrante e de valorização da família.

Outro espaço importante de projeção das representações sobre a Festa da Uva foi na mídia impressa local⁷⁰. No principal periódico caxiense, o *Pioneiro*, percebemos a importância da Festa da Uva para a cidade na medida em que no dia de abertura da festa, em praticamente todas as suas edições, todo o espaço da capa do periódico é voltado para manchetes, imagens e notícias relativas ao evento. Na capa do dia primeiro de março de 1958, uma nota publicada pela comissão organizadora da Festa da Uva, reforça narrativas e representações identificadas no cartaz. Dirigida às “*autoridades e visitantes*”

que vem abrilhantar, com sua presença, mais esta parada da vindima símbolo vivo do trabalho profícuo do povo desta região; a todos recebe de braços abertos, desejando uma feliz permanência. E aspira que os frutos do trabalho das atuais gerações, descendentes daqueles saudosos pioneiros que plantaram o progresso desta “Pérola das Colônias”, sejam vistos como prova do amor e apreço ao Rio Grande e ao Brasil. (INICIA-SE HOJE..., 1958, p. 1)

Nesta nota, percebemos as representações sobre a cidade que os organizadores da festa procuravam reafirmar a cada edição do evento. Embora venha parecer redundante no decorrer desta leitura as contínuas repetições e menções positivadas às categorias “trabalho”, “progresso” e “apreço ao Brasil”, menciono a importância de destacá-los por cada edição para um exame qualificado da projeção de representações durante a festa, atentando para os intervalos de três ou quatro anos entre as edições. A repetição da projeção de determinadas representações faz parte do jogo estratégico de garantir legitimidade a determinados

⁷⁰ A partir desta análise da edição da Festa da Uva de 1958, o principal tipo de fonte histórica sobre italianidade no qual se debruçará serão os jornais caxienses no período em que cobriram a Festa da Uva. Há um grande conjunto de outros meios e espaços de projeção desta italianidade, como a literatura, programas radiofônicos, televisivos, meio acadêmico local, festividades de comunidades de distritos, entre outros. A opção por esta fonte histórica neste trabalho se deve à já mencionada centralidade da Festa da Uva na projeção de sentidos desta identidade, e quanto aos jornais, pela sua condição de meios midiáticos que centralizam parte importante das narrativas e sentidos produzidos na sociedade caxiense, em especial aqueles mais vinculados à elite política, econômica e de produtores culturais.

significados, identidades sociais e ideologias. Mas também perceberemos sutis mudanças de construção de sentidos nestas representações que, analisadas à luz das mudanças políticas e econômicas conjunturais, são o foco desta tese.

Fundado em 1948, o jornal *Pioneiro* caracterizava-se pela periodicidade semanal entre os anos de 1948 e 1975, com alguns meses de periodicidade diária entre fevereiro de 1950 e setembro de 1951. Até 1993, o jornal era propriedade da Gráfica Nordeste Ltda⁷¹. Foi o principal periódico caxiense durante todo o recorte temporal desta tese, o que já o justifica como importante espaço de análise de construção de representações. Por tal centralidade, era em suas páginas que várias entidades locais (ou estaduais e nacionais, mas com atuação e interesses comerciais em Caxias do Sul) emitiam notas a respeito da Festa da Uva, congratulando o evento, seus organizadores, a população local e, a partir de 1964, os presidentes do período da ditadura militar. Concentrando tais notas, tornou-se um dos mais importantes espaços de produção de representações sobre a Festa, a cidade e a italianidade e, evidentemente, foi utilizado como fonte histórica para esta análise.

Como qualquer fonte histórica, o periódico deve ser analisado sobre vários ângulos, e a ele, devemos retoricamente fazer alguns questionamentos clássicos do *métier* de historiador: O que esta fonte está querendo informar? Quais as intenções de quem a produziu? Qual o contexto no qual foi produzida?

O *Pioneiro* apresentava vinculação com as elites econômicas e políticas caxienses e um forte caráter conservador desde sua fundação. Durante as décadas de 1950 e 1960, manteve em praticamente todas as edições um espaço de poesias anticomunistas, assinada por Cyro Lavra Pinto, associando eventos e personalidades socialistas em diferentes partes do mundo e do Brasil com terror, vilania, privações, desordem e miséria. No recorte temporal deste capítulo, seus editoriais eram matizados, bem como nas notícias percebíamos pouco

⁷¹ Na primeira edição do jornal *Pioneiro*, de 04 de novembro de 1948, é mencionado em texto assinado por Luiz Compagnoni (deputado estadual que dirigiu a comissão do Monumento ao Imigrante) alusivo à sua criação sobre o fato de sua editora gráfica ter 54 cotistas, que seriam os proprietários do jornal (ver anexo I). A assinatura de Compagnoni nos sugere que era um destes cotistas. Nas figuras 3 e 4 do anexo 2, há menção à “Diretora Presidente Paulina Soldatelli Moretto”, que não serão encontradas nos anos seguintes até 1992. A família Moretto continha indivíduos em posições relevantes na sociedade caxiense, destacando-se o filho de Paulina, Paulo Moretto, bispo da diocese de Caxias do Sul entre 1976 e 2011. Reforço que Luiz e Paulina foram duas possíveis lideranças do jornal dentro do seu grupo de cotistas. Tais apontamentos são necessários na medida em que esta pesquisa não conseguiu encontrar nas fontes históricas dados suficientes para estabelecer um indivíduo ou grupo que pudesse ser apontado como alguém com poder decisório sobre este periódico. Ver Anexo A – imagem 25.

compromisso jornalístico em manter uma suposta “neutralidade” ao reportar fatos variados⁷². Percebe-se um forte engajamento do periódico em dar azo a valores tradicionais⁷³, cristãos, familiares e capitalistas, muito aproximados das intenções da elite local. Este compromisso ideológico do periódico não o distancia das representações que a Festa da Uva procurava promover sobre a cidade, pelo contrário, estavam coadunados. Mas explica seu repertório de narrativas, que utiliza este arcabouço de sentidos já estabelecidos sobre a cidade e sobre a Festa da Uva para pautar suas ideologias e propor representações sobre a cidade ainda mais audaciosas. O editorial do dia primeiro de março de 1958 é marcante neste sentido, ao apontar que a Festa da Uva “é uma festa nacional, porque vem repleta de ensinamentos e lições, que desejaríamos se engrandecessem e projetassem sua luz sobre o resto do território nacional”, que a cidade de Caxias do Sul é uma “sazonada floração de livre empreendimento”, que se desenvolveu “por nossa iniciativa e contando apenas com nossos meios” e que “saúda efusivamente a ação governamental no sentido de impulsionar as grandes inversões de capitais”, pois “acredita na colaboração do capital estrangeiro” (FESTA DA UVA... 1958, p. 3).

É importante destacar que os editoriais do periódico nos dias de inauguração das edições da Festa da Uva operavam praticamente como uma carta aos presidentes da República, que participavam de uma cerimônia inaugural da festividade junto a autoridades, proferiam os discursos de abertura e em seguida visitavam os expositores antes da abertura ao público em geral. Considero que o fato de Juscelino ter cancelado sua viagem poucos dias antes da abertura do evento como algo possivelmente explicativo do tom mais ácido do periódico em projetar Caxias do Sul como portadora de valores superiores aos do restante do Brasil, ao ponto de servir-lhe de exemplo, bem como a menção de ter se desenvolvido à revelia deste, argumento historicamente insustentável: o desenvolvimento econômico local

⁷² Embora o discurso jornalístico tente se apontar como neutro e factual, sabemos que é impossível não reproduzir interpretações conjuntamente à elaboração de reportagens e notícias. O que chama a atenção na análise do Pioneiro deste período é que seus tons matizantes demonstravam despreocupação em tentar se apresentar como objetivo, factual ou “neutro”.

⁷³ O jornal Pioneiro ratifica o caráter conservador da maioria dos grandes veículos midiáticos da época. Em 1975, por conta da transcorrência de um show superlotado da cantora Cidinha Campos em Caxias do Sul em 17 de setembro de 1975, o periódico reproduz em seu texto apenas um relato elogioso de uma espectadora e cinco relatos de contrariedade, alguns até com pedidos de prisão por “sabotar a família brasileira”. Com a manchete “Senhores e moças repudiaram show de Cidinha Campos” A matéria finaliza apontando: “De uma maneira geral, a apresentação do badalado show em Caxias do Sul trouxe mais sentimento de revolta do que de satisfação. A mulher caxiense ainda mostrou com seu repúdio, o ascendrado amor que devota ao lar.” (SHOW DE..., 1975, pg. 15) Destaco que a matéria não foi assinada, reforçando o fato deste ser o posicionamento do periódico.

ocorreu por meio do comércio de seus excedentes e de sua produção com o restante do estado e do país desde fins do século XIX, os investimentos em infraestrutura viária como a linha férrea e a BR-116, com seus traçados trazidos para a cidade ocorreram por meio dos vínculos da Associação dos Comerciantes com figuras políticas estaduais e nacionais, sem contar o salto industrial angariado durante o esforço de guerra por meio de vantajosos contratos com o governo federal.

Em comparação com a nota da comissão organizadora da festa publicada no mesmo jornal neste mesmo dia, o editorial do Pioneiro demonstra um tom de etnocentrismo quase xenofóbico. Quanto aos seus compromissos ideológicos, cabe citar outro trecho deste editorial, no qual defende que “*a ação governamental, aqui, tem-se feito sentir apenas como criadora de dificuldades*”. Alinhando esta narrativa com a defesa da “*entrada de capital estrangeiro*” citada anteriormente, percebemos um claro alinhamento ideológico do jornal com o liberalismo econômico. Com mais este elemento identificado como pertinente ao jornal, completa-se o “*check-list*” de uma espécie de arcabouço ideológico típico da elite brasileira e dos principais espaços midiáticos de então. Sabedores deste viés do jornal, reafirmado vivazmente nas décadas seguintes, podemos avançar com a devida precisão analítica para o exame das outras edições da Festa da Uva através de suas páginas.

Ao final da edição de 1958, a comissão organizadora da Festa da Uva decidiu por um intervalo de apenas três anos em relação à próxima festa, que ocorreu em 1961. A festa foi inaugurada pelo presidente recém-empossado no cargo, Jânio Quadros, e pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola. É importante destacar que as eleições para o governo estadual e federal não eram concomitantes como atualmente, e Brizola e Jânio Quadros eram opositores políticos. Como veremos adiante, embora na região da Serra houvesse preponderância de apoio e votos a candidatos conservadores, Brizola mantinha interessante capital político em meio à elite local. Sua campanha em 1958 foi marcada pela

recusa ao apoio do PCB, com declarações públicas de contrariedade ao comunismo⁷⁴ e uma aliança inusitada com o PRP, partido com significativa base de apoio nas regiões de colonização alemã e italiana e formado por antigos integralistas, muitos acusados de manter ligações com a Alemanha nazista antes de 1945. A aliança foi selada com a indicação de Guido Mondim, integrante do PRP e ex-vice-prefeito de Caxias do Sul, na chapa de Brizola ao cargo de senador, que foi eleito.

O significativo capital político de Brizola na Caxias do Sul da época pode ser atestado pela importância que o Pioneiro conferiu à sua vinda junto com Jânio. Dentre as aberturas da Festa da Uva pesquisadas no decorrer das três décadas deste capítulo, foi o governador que recebeu maior destaque e ênfase nas notícias e nas capas do jornal, recebendo praticamente o mesmo espaço que o presidente da república. Considero que isto se deva a dois fatores: sua aliança com um importante político local, fazendo com que pela primeira vez, Caxias do Sul conseguisse eleger como senador alguém que havia construído sua trajetória política na cidade e, principalmente, sua habilidade de comunicação política no exercício do cargo que já ocupava havia dois anos. No dia da abertura da festa de 1961, foi publicada uma nota na capa do Pioneiro assinada por Brizola, saudando o evento e reiterando representações positivadas da italianidade.

Na feliz oportunidade em que se realiza mais uma tradicional Festa da Uva, quero levar à comunidade de Caxias do Sul e de todos da região vitivinícola gaúcha, as melhores saudações do Governo do Estado. É no esforço positivo, é no espírito dos homens da indústria e da agricultura desta região que o Rio Grande colhe grandes exemplos de desenvolvimento. Cabendo-me a responsabilidade de dirigir os destinos riograndenses numa hora difícil da vida brasileira, louvo e saúdo aos colonizadores e a todos os conterrâneos, que direta ou indiretamente colaboraram e colaboram para a grandeza de sua prodigiosa região, na oportunidade em que se comemora a festa de seu

⁷⁴ “Outro texto de campanha, assinado por Brizola, dizia respeito ao apoio dos comunistas à sua candidatura, anunciado por dirigentes do Partido Comunista Brasileiro no Rio Grande do Sul. Ele recusou o apoio dos comunistas, para não perder os votos católicos na região serrana, e tratou de marcar as diferenças e explicar suas razões: *‘Entre outras coisas cumpre dizer que o trabalhismo é nacionalista, o comunismo é internacional; o comunismo é materialista, o trabalhismo se inspira na doutrina social cristã; o comunismo é a abolição da propriedade, o trabalhismo defende a propriedade dentro de um fim social; o comunismo escraviza o homem ao Estado e prescreve o regime de garantia do trabalho, o trabalhismo é a dignificação do trabalho e não tolera a exploração do homem pelo Estado nem do homem pelo homem; o comunismo educa para formar uma sociedade de formigas, o trabalhismo educa para o progresso, para a liberdade, para a elevação da pessoa humana. O comunismo existe onde pontifica o capitalismo reacionário e explorador e desaparece nas comunidades e países bem organizados sob o ponto de vista social e humano’*. O manifesto em repúdio ao apoio dos comunistas mereceu elogios de Dom Vicente Scherer e Brizola, de olho no eleitorado católico, aproveitou a oportunidade para fazer uma visita ao arcebispo metropolitano”. In: BRAGA; SOUZA; DIONE; BONES, 2004, p. 50.

trabalho, trabalho fecundo que merece apoio, amparo e reconhecimento de todos aqueles a quem cabe dirigir a economia do país e os destinos da Pátria. (BRIZOLA ... 1961, p. 1 .)

Além da destacada sensibilidade política de Brizola, perceptível numa narrativa elogiosa direcionada a estratos sociais mais amplos que apenas os descendentes de imigrantes ao mesmo tempo em que assume fardos pesados para si, percebemos como “trabalho” e “progresso” são representações amplamente reconhecidas como valências dos locais e da região, neste caso, reafirmadas pela nota do governador. A manchete na capa do jornal no dia 28 de fevereiro⁷⁵, quando noticiou a abertura da Festa da Uva por Jânio e Brizola, faz novamente menção a tais categorias ao destacar que “*Jânio e Brizola esquecem a política e vibram com a demonstração de trabalho dos caxienses*” (CARINHOSAMENTE RECEBIDO... 1958, p. 1).



FIGURA 8 - PRESIDENTE JÂNIO QUADROS CORTOU A FITA INAUGURAL EM 1961, JUNTO AO GOVERNADOR LEONEL BRIZOLA. (ERBES, 2012, P. 111)

A falta de menções específicas ao produto principal da festa nas notas e nas manchetes dos jornais é outro indicador de como a Festa da Uva transformou-se num espaço de projeção da cidade, pensado pela elite de alguns setores que se agrupava em torno da comissão organizadora do evento. A elite econômica, agora majoritariamente industrial e principal segmento representado nesta comissão, tinha como interesse central usar este espaço para dar visibilidade para sua produção, ao mesmo tempo em que informa representações sobre os locais que lhe interessam, tendo o trabalho como valor maior. Não afirmo que esta

⁷⁵ Nesta época o jornal Pioneiro tinha circulação bissemanal, por isso o salto de três dias em relação à edição anterior.

característica da população seja falsa ou artificial, mas valorizá-la é uma escolha estratégica da elite, que positiva a todos e reforça uma aura de denodo nos trabalhadores. Ressalto que é nas mesmas empresas que pertencem à elite que estes trabalhadores demonstrarão este ímpeto pelo trabalho com maior afinco, por conta da pressão que as representações sociais lhe conferem e, assim o fazendo, garantirão maiores ganhos materiais à elite industrial.

2.3 Rádio, Centros de Tradição Gaúcha e vinculações com a italianidade como primeiros vetores do regionalismo gaúcho e do tradicionalismo em Caxias do Sul

O marco inicial do movimento tradicionalista é a fundação do 35 CTG, em Porto Alegre, em 1948, a partir do qual seguiu a incipiente capilarização e interiorização do movimento nos anos subsequentes. A primeira menção ao movimento encontrada na mídia impressa caxiense ocorreu no ano de 1952, em uma pequena nota no jornal Pioneiro assinada por um “peão” do 35 CTG⁷⁶, em texto que operou praticamente como uma “carta de intenções” do movimento.

Embora a quantidade de menções ao regionalismo gaúcho nas edições de periódicos caxienses em datas próximas à Semana Farroupilha tenham sido reduzidas e intermitentes no decorrer da década de 1950, já é possível identificar um esforço na produção de determinados sentidos que visam sua legitimação local e tentativas de criar vinculações com a italianidade, além da crescente aproximação do movimento com intelectuais, políticos e empresários locais. Do ponto de vista organizacional, também foi na década de 1950 que foram fundados os principais CTG da cidade, como o Rincão da Lealdade, Paixão Côrtes e Rodeio Minuano, que se mantiveram como principais espaços estratégicos de promoção do tradicionalismo nestas décadas subsequentes.

A demarcação temporal conclusiva deste período se deve ao advento da ditadura militar, durante o qual se percebe a emergência de esforços em projetar sentidos “patrióticos” tanto no tradicionalismo como na italianidade. Em termos de popularidade do tradicionalismo em Caxias do Sul, as transformações foram lentas no decurso do período deste subcapítulo e permanecerão assim até a década de 1980, sendo que até finais dos anos de 1970 havia ainda apenas cinco CTG em Caxias do Sul.

⁷⁶ Conforme veremos nas páginas posteriores, tratava-se de Vasco Mello Leiria, que não fazia parte da listagem inicial do 35 CTG em 1948 e deve ter se associado ao grupo em anos posteriores.

A análise sobre uma identidade regionalista gaúcha e o tradicionalismo em Caxias do Sul entre os anos finais da década de 1940 e início da década de 1960 foi pautada pelo exame de produção historiográfica, materiais dos próprios CTG e dos periódicos locais. O estudo sobre os periódicos teve relativa centralidade por apresentar um significativo conjunto de dados, pelo alcance de suas manifestações e pela importância que a mídia impressa possuía no período em questão, enquanto vetor de narrativas e representações simbólicas.

Anteriormente já foi abordado o caráter conservador do principal periódico local, o *Pioneiro*, e seu compromisso ideológico com representações favoráveis à italianidade. Por estar integrado aos anseios da elite local, podemos indagar sobre sua disposição em apresentar manifestações com sentidos favoráveis ou negativos de uma identidade social diversa àquela que carregava as representações da italianidade, mais caras à elite caxiense.

Tal questionamento é pertinente, mas antecipo que, conjuntamente à análise da projeção destas representações pelo *Pioneiro*, também serão observados outros jornais locais, possibilitando coligir estas manifestações. Cabe destacar que o tradicionalismo ganha espaço na cidade ainda antes da formação e organização do movimento do 35 CTG, sob um estereótipo muito mais aproximado do gauchismo, e ainda antes da fundação do *Pioneiro*, pela ação de figuras socialmente proeminentes, próximas à elite local e especialmente vinculadas aos espaços de produção de sentidos da italianidade. É o caso de Joaquim Pedro Lisboa, figura localmente reconhecida como o criador da Festa da Uva, que circulava na elite local e fundou em 1946 junto com Arnaldo Balvé e Nestor Rizzo a Rádio Caxias, a primeira do interior do estado.

A programação da Rádio Caxias nesta época era marcada por programas musicais, noticiosos, religiosos e rádio novelas. Em 1948, ano em que o jornal *Pioneiro* foi fundado, a Rádio Caxias passa a ter um programa tradicionalista que rapidamente ganha popularidade, apresentado pelo músico Honeyde Bertussi, natural do distrito de Criúva, chamado “*O Cancioneiro das Coxilhas*” (KIRST, 2017, p. 36).

Honeyde Bertussi e o irmão Adelar Bertussi passaram a cantar juntos no programa e formaram uma dupla - *Os Irmãos Bertussi* - que se manteve atuante no cenário musical tradicionalista entre 1955 e 1965. A vinculação dos Bertussi com a Rádio Caxias foi tamanha que Honeyde era reconhecido por vezes pelo nome do programa e ambos foram a principal atração na apresentação inaugural realizada pela rádio quando se transferiu para um novo espaço físico em 1950 (KIRST, 2017, p. 43-44).

Posteriormente, novos programas tradicionalistas foram incorporados, como o “*Canhadas das Coxilhas*” e “*Venha pra Cancha, Amigo*”, apresentados por Joaquim Lisboa, contando com a presença de músicos, trovadores e cantores. Além de Lisboa, o programa era apresentado por Clóvis Pradel Pinheiro, dentista, poeta e admirador da cultura gauchesca. Alguns anos depois, em novembro de 1953, ambos fundariam o primeiro CTG da cidade, o Rincão da Lealdade.

Tais informações apontam que havia um espaço para projeção e demanda de audiência para representações de um regionalismo gaúcho em Caxias do Sul ainda em fins da década de 1940, articulado por membros da elite local através da música e do rádio. Podemos classificar Lisboa como pertencente a esta elite, devido à circulação neste meio, e Pinheiro, se não desta elite, pelo menos como próximo a ela. Embora o surgimento destes programas em 1948 não seja um indício de que o movimento do 35 CTG havia influenciado a emergência deste tipo de programa, pelo menos nos abre a possibilidade de inferir que manifestações culturais marcadas pelo gauchismo tinham apelo popular.

A análise dos jornais locais foi realizada através da pesquisa de todos os periódicos caxienses disponibilizados pelo Centro de Memória da Câmara de Vereadores da Caxias do Sul no espaço temporal de 1950 a 1963, contemplando as edições que antecederam, foram concomitantes e sucederam as comemorações da Semana Farroupilha. Toda e qualquer notícia, reportagem, imagem, manchete e propaganda veiculada que fizesse qualquer tipo de menção ao regionalismo gaúcho e ao tradicionalismo foi analisada, visando não apenas a interpretá-la, enquanto projeção das representações desta identidade, mas também quantificar a visibilidade que estes periódicos conferiam ao regionalismo. Foram pesquisadas todas as seções dos jornais, inclusive as de *esportes* e a *seção policial*, com exceção dos classificados. Este aspecto da quantificação é importante para analisarmos como diferentes periódicos, no decorrer do tempo, trataram o gauchismo em sua data máxima e lhe conferiram espaço, demonstrando a relevância do movimento frente aos leitores e a disposição ou não dos editores em projetar os elementos desta identidade social nestas mídias.

Foram consideradas como “menções” qualquer referência em textos, colunas, artigos, notícias, notas, legendas de fotos e manchetes às palavras-chave “tradicionalista”, “gaúcho” e “regional”. Como as páginas de maior parte dos periódicos pesquisados entre os anos de 1950 e 2002 estavam digitalizados sob a forma de arquivos de imagem em um acervo eletrônico sem uma ferramenta que identificasse palavras neste tipo de arquivo, a pesquisa destas menções nos periódicos ocorreu através de leitura individual, página por página, o que abre

espaço para a possibilidade de que algumas menções possam ter passado despercebidas e não tenham sido contabilizadas nas tabelas. Os periódicos que não se encontravam neste acervo eletrônico foram pesquisados em meio físico e sua quantificação também está sujeita a possíveis erros humanos. Entretanto, ressalto como tais verificações foram checadas pelo pesquisador ao menos uma vez, diminuindo a possibilidade de erros significativos de contagem.

A tabela abaixo traz uma quantificação desta visibilidade⁷⁷. Como podemos perceber, a primeira metade da década de 1950 foi marcada pelas poucas menções ao regionalismo gaúcho na mídia impressa local, mesmo em sua data máxima. Alguns periódicos não fizeram qualquer menção às comemorações da Semana Farroupilha em suas páginas por anos, com destaque ao Correio Rio Grandense, jornal de propriedade de congregação católica estabelecida na Região de Colonização Italiana e historicamente vinculado à italianidade. Entre 1909 e 1941, este jornal era publicado em italiano, sendo que passou a ser publicado em português apenas a partir de 1941, por conta da Campanha de Nacionalização.

Tabela 1 - Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses entre os anos de 1950 e 1968

JORNAL	ÉPOCA DE TIRAGEM	Quantidade de menções encontradas por ano																	Circulação		
		1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966		1967	1968
Caxias Magazine	1958 a 1970									3	1	2		1					1	1	semanal
Correio Riograndense	1941 a 2013	1					1													1	semanal
Diário do Nordeste	1951 a 1954				1																diária
Ecos do Mundo	1962 a 1964													1	1	3					quinzenal
Época	1938 a 1958	1	1			1															bisemanal
Panorama	1958 a 1962											2	1	1							semanal
Pioneiro	1948 a 2010			1	1		1	5	5	3	6	5	4	4	2	2	4	2	7	5	semanal
Vanguarda	1964															2					quinzenal

KIELING JÚNIOR (2021)

Destaco como a partir de 1955 o jornal Pioneiro passou a publicar notícias sobre a Semana Farroupilha de forma ininterrupta. Por ser o periódico local de maior tiragem, considero que suas notícias relativas à data tinham maior repercussão e audiência. Infiro também que esta atenção do periódico ao movimento, que se inicia após o estabelecimento do

⁷⁷ Em cada subcapítulo que trata sobre a análise do tradicionalismo utilizando-se de jornais como fontes haverá tal tabela, respectiva ao recorte temporal abordado naquele capítulo. Em subcapítulos nos quais a análise se realizou frente a uma quantidade de menções muito significativas, como nos subcapítulos 4.3 e 6.2, foram produzidas mais tabelas e alguns gráficos visando a facilitar a visualização da crescente publicidade conferida ao tema pelos jornais locais.

CTG Rincão da Lealdade por Joaquim Pedro Lisboa e Clóvis Pinheiro, demonstra como a ação destes dois personagens em estabelecer este espaço conseguiu pautar o tradicionalismo na mídia impressa local, sendo que já o haviam estabelecido no meio radiofônico.

Ressalto que estes periódicos apontados na tabela são aqueles em que foram encontradas menções sobre o tradicionalismo nas edições próximas à Semana Farroupilha. Há um grande número de periódicos pesquisados dentro do recorte temporal nos quais não foram encontradas menções relativas ao regionalismo gaúcho próximo à sua data festiva, como o *Alvorada* (1959), *Assessor* (1965 a 1970), *Aurora* (1965), *Brasilino* (1963 a 1964), *Jornal da Mocidade* (1957), *Jornal do Progresso* (1970), *Nosso Mundo* (1968) e *O Estudante* (1954 a 1955). Em geral, eram periódicos menores, de curta tiragem e duração.

Também foi objeto de análise no espaço temporal recortado o Boletim Eberle, uma espécie de jornal mensal da empresa voltado para seus funcionários e que existiu de 1956 a 1965. Embora a Metalúrgica Abramo Eberle tivesse milhares de funcionários e o Boletim chegasse aos lares de muitos habitantes urbanos de Caxias do Sul, por sua vinculação orgânica a uma empresa e suas diretrizes, não foi contabilizado como parte da imprensa local.

É importante destacar que, embora a tabela acima considere todas as textualizações envolvendo a temática do regionalismo no período da Semana Farroupilha, observadas nos periódicos caxienses entre 1950 e 1968, tais dados nos servem para uma análise da evolução histórica quanto à visibilidade conferida ao movimento pela mídia impressa local. Para a análise qualitativa destas publicações, que incidirá sobre as representações construídas e os discursos ensejados a respeito do tradicionalismo e do regionalismo gaúcho, será utilizada uma amostragem destas publicações, tanto neste capítulo como nos próximos.

Durante a primeira metade da década de 1950, as representações mais projetadas nos jornais a respeito do regionalismo gaúcho demonstravam como o movimento tradicionalista era incipiente, sendo que há apenas duas menções a ele. Em 1950, no periódico *Época*, é publicado um pequeno conto escrito por um “peão do 35 CTG”, com uma narrativa focada no amor à “querência”. Em 1951, no *Correio Rio Grandense*, uma notícia sobre gaúchos que enriqueceram, mas sem nenhuma menção ao 20 de setembro. No periódico *Época* novamente, em 1952, este mesmo “peão do 35 CTG”, Benito José Fatteri, publicou uma nota elogiando as carreiras de cancha reta e apontando-as como “diversão da gauchada”. Em página deste jornal sobre diversos bailes e festas em várias cidades da região, não há menção a nenhum baile gauchesco ou algo do tipo.

A falta de menções ao 20 de setembro, data magna do estado e de seus principais heróis e mitos na mídia local, neste início de década de 1950, causa estranheza. Lembro que a esta época o regionalismo gaúcho já tinha erigido um grande conjunto de sentidos valorativos e heroizantes sobre a data por meio da literatura, com significativo reconhecimento social. Apenas na edição do dia 20 de setembro de 1951, do Diário do Nordeste, encontramos uma pequena nota sobre o 20 de setembro, focada nos feitos do “*decênio de 1835*”. Nela percebemos a reprodução de um conjunto de representações sobre a Revolução Farroupilha que já haviam sido construídos no início do século, ao apontar que a “*Revolução foi fruto do espírito nacionalista de brasileiros abnegados e desprendidos de ego ou volúpia contra o “partido português” deixado como resto por Dom Pedro I*” e em nota menor e assinada, realces ao “*valor daqueles que deram tudo em holocausto pela pátria*”, referindo-se aos farroupilhas.

Percebemos nestas notas o reforço do sentido da “*brasilidade*” dos farroupilhas, ao vinculá-los ao “*holocausto pela Pátria*” um esforço simbólico que se perceberá com muita contundência nas publicações nestes jornais nos anos vindouros desta década. A palavra “*separatista*” simplesmente não foi encontrada nestas menções, demonstrando uma forte aversão ou até temor em gerar tal sentido sobre os eventos de 1835.

Em 20 de setembro de 1952, foi publicado um texto no Pioneiro com o título “*O que é o 35 centro de Tradições Gaúchas*” (sic), assinado por Vasco Mello Leiria, também outro autointitulado “*Peão do 35 CTG*”, que podemos considerar como uma apresentação deste espaço e sua função social para a sociedade por parte de um de seus membros. Vasco inicia sua argumentação apontando que são muitas vezes questionados sobre o que pretendem os tradicionalistas com “*suas fanfarronadas que nada resolvem neste século da bomba atômica*”. Na sequência, aponta que a população rio grandense conhece heróis e figuras históricas “*além das fronteiras pátrias*”, citando nominalmente “*Leônidas, Aníbal, Nelson, Napoleão e Lincoln*” e “*pouco conhece o que há de majestoso dentro delas*”, citando “*Sepé, Osório*”, entre outros. Defende a exaltação da vida e cultura campeira que é efetuada no 35 CTG e que

assim como o homem traz de berço, a tradição de sua raça, de sua família, do seu lar, que o norteiam e inspiram pela vida em fora, antes de se lançar no mundo da cultura universal, deve saber algo do que é seu – da sua Pátria - para sentir e analisar, num pedestal de auto suficiência nativa-gaúcha e de brasilidade, porque o gaúcho, antes de ser gaúcho é brasileiro, ideal da Gloriosa Revolução Farroupilha. (O QUE É O “35 CENTRO... 1952, p. 9).

Percebemos nestes trechos as intenções ideológicas centrais do incipiente movimento tradicionalista. Valorização da cultura regional, do tipo campeira e gauchesca, primazia desta frente a uma homogeneidade cultural globalizada e um forte caráter de “brasilidade”. A “*Gloriosa Revolução Farroupilha*”, na qual os revoltosos declararam independência do Brasil e engalfinharam-se em conflitos contra o exército imperial por quase dez anos na tentativa de lograr êxito nesta intenção, é apontada pelos tradicionalistas como uma revolução que tinha como ideal máximo a “brasilidade”.

Embora possa parecer estranho o esforço de impingir um sentido de estreita vinculação com o corpo político contra o qual um movimento de insurreição separatista lutou, devemos nos lembrar que tal sentido já vinha sendo realçado desde fins do século XIX e cristalizado por literatos regionais nas primeiras décadas do século XX, conforme apontado no capítulo 1. O movimento tradicionalista apenas reforçou sentidos e narrativas que já vinham sendo estabelecidos no universo simbólico gaúcho, e que convergiam com o esforço de construção de sentidos mais substancial que ocorreu em todo o Brasil há poucos anos, que foi a Campanha de Nacionalização. A construção de determinados sentidos é muito mais eficaz quando parte de um arcabouço de representações plenamente aceitas e valorizadas no universo simbólico. Esta “brasilidade” dos farroupilhas será uma representação constante nas publicações e menções sobre o tradicionalismo nos periódicos até fins do século XX.

Durante a década de 1950, foram encontradas na pesquisa dos periódicos caxienses apenas 32 menções que pudessem ser minimamente associadas ao regionalismo gaúcho e ao tradicionalismo. A maior parte relativa à “epopeia Farroupilha”, um segundo conjunto menor apontando dados sobre folclore, congregando colunas de poemas e contos e uma menção a um esforço narrativo que se manterá e intensificará pelas décadas seguintes, de vinculação entre farrapos e a italianidade.

Em relação às menções relativas à “epopeia Farroupilha”, percebe-se uma construção de sentidos voltadas à *heroicização dos líderes* através do uso intensivo de hipérboles; à *brasilidade*, sendo que neste âmbito percebemos associações a um caráter republicano, democrático e nacionalista do evento, além de uma *luta contra injustiças* e a *tiranía* do poder central.

Em texto publicado no Pioneiro em 19 de setembro de 1953, de título “Os Bravos da Revolução de 1835”, de Alfredo Lavra Pinto, aponta-se que o “*Rio Grande era escudo contra os espanhóis*”, mas não reconhecido devidamente pelo Império, e que em 20 de setembro de 1835, “*com seu patriotismo nunca desmentido, proclamou a célebre República dos Farrapos,*

sustentada durante um decênio de lutas titânicas, por um pugilo de heróis que não hesitavam em derramar até a última gota de sangue em prol de seu ideal justo, elevado e nobre". O texto segue com o ufanismo sobre os farroupilhas, ao celebrá-los como figuras centrais na manutenção da *"integridade nacional"* quando os congratula pela *"resistência hercúlea que opôs ao tirano argentino, o Attila dos tempos modernos, Manoel Ortiz Rosas"* (PINTO... 1953, p. 3.).

Em coluna publicada no dia 22 de setembro de 1956 no jornal Pioneiro, assinada por Arno Domingues, outro conjunto de representações neste sentido. Inicia apontando que a *"província do Rio Grande era cada vez mais pobre e injustiçada"* pela administração imperial, marcada pelo *"absolutismo, injustiça, violência como normas"* e que *"ao primeiro grito de unidade, caboclos, estancieiros e gaúchos de todos os recantos da província unificaram-se numa potência destemerosa para reagir às injustiças perpetradas contra o rincão rio grandense"* (MANO, 1956, p. 11).

No ano seguinte, em coluna assinada por Jorge Pereira Alves e publicada no dia 21 de setembro, mais hipérboles, ressaltando o *"pugilo heroico de cidadãos"* que *"lançaram-se contra o colosso imperial na mais gloriosa revolução libertadora da América"* e que *"jamais titubearam da integridade da Pátria"*, mesmo quando receberam *"proposta de ajuda estrangeira"* (ALVES, 1957, p. 2). Nesta edição do Pioneiro do mesmo dia, em outra página focada em notícias sobre eventos tradicionalistas, percebemos como a posição do jornal frente ao movimento era favorável, quando aponta em texto prévio às notícias que *"na defesa dos ideais democráticos foram os nossos gaúchos de antanho para a guerra, com o fim de integrar o Rio Grande nos princípios da fundamentalidade humana, resumidos na trilogia de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, princípios esses que foram sonogados pelas cortes que dominavam o Brasil"* (A SEMANA DO 1957, p. 28.)

Percebemos que os textos assinados são marcados por um tom ufanista mais acentuado, devido à maior liberdade de seus autores em relação aos jornalistas e editores. Algumas hipérboles sobre a Revolta dos Farrapos chama a atenção, como a menção a *"lutas titânicas"* e a resistência ao *"Átila dos tempos modernos"*, o prócer argentino Rosas. Recordo que os conflitos entre os revoltosos e os imperiais entre 1835 e 1845 nunca envolveram grandes batalhas campais, sendo que em raros momentos os combatentes farroupilhas excediam mil soldados, evidenciando como a qualificação de *"titânicos"* aos seus combates denotava um esforço elogioso ao movimento. Cabe comparar que neste mesmo século XIX as batalhas napoleônicas chegaram a envolver centenas de milhares de combatentes. Também

causa estranheza a caracterização de Rosas como um “Átila” moderno, comparando-o com o rei huno que derrotou praticamente todas as forças militares romanas aliadas a outros povos bárbaros já estabelecidos na Europa Ocidental no século V. Rosas expandiu o controle do recém-independente governo argentino ao sul, na Patagônia, enfrentando povos autóctones que não tinham a menor condição de fazer frente a um exército com superioridade tecnológica e numérica. De qualquer forma, é importante lembrar que em se tratando de construções simbólicas pertinentes ao arcabouço do imaginário de uma sociedade em uma data ufanista, as hipérboles são comuns, mesmo em espaços midiáticos que se pretendam objetivos.

A menção à unidade de gaúchos de todos os recantos também incorre em uma construção de narrativas muito distantes da realidade. A historiografia disponível na década de 1950, mesmo que apresentasse certo caráter laudatório ao movimento, apontava uma série de batalhas e eventos reveladores de que os farroupilhas nunca ficaram sequer próximos de controlar a Província de São Pedro, expondo exatamente o contrário, que os imperiais controlaram a maior parte do território provincial durante praticamente todo o período entre 1835 e 1845.

Se nas notas assinadas a licença poética permitia aos autores matizarem com muita força as representações heroicas dos farrapos, os espaços de textos próprios do jornal demonstravam uma postura elogiosa mais comedida, aproximada dos sentidos projetados pelos literatos regionais da primeira metade do século. Nestes espaços, tratava-se a Revolução Farroupilha como uma consequência do elevado ideário político iluminista de seus líderes, fruto da defesa da democracia e de um humanismo que ainda não encontrava espaço no Brasil oitocentista, marcado pelo absolutismo imperial.

Os textos sobre folclore geralmente procuravam demonstrar aspectos do cotidiano da vida campeira, bem como pequenos contos, poemas e histórias de comportamentos típicos e característicos da labuta diária, razoavelmente exóticos ao público urbano leitor destes jornais ao ponto de poder lhe chamar a atenção, ao mesmo passo que pudessem ser reconhecíveis para indivíduos originários destas regiões. No jornal *Época*, na edição do dia 23 de outubro de 1955, há a reprodução de um diálogo entre gaúchos campeiros típicos, com o título de “Charla” (CHARLA. 1955, p. 6). Em 1957, é publicada no jornal *Pioneiro* uma coluna destinada apenas a assuntos tradicionalistas por algumas edições, chamada “Reculutando”, também com poemas, causos e pequenas notícias sobre concursos, homenagens e visitantes ilustres no CTG Rincão da Lealdade, principal da cidade neste período. Em 1959, uma página inteira, com o título “Página Tradicionalista” e assinada por Clóvis Pinheiro e João Luiz

Maineri concentra todas as notícias e informações sobre o tradicionalismo, além de pequenos poemas e causos⁷⁸. Estas representações do caráter folclórico do movimento operaram através de menções relacionadas a práticas populares e comportamentais gauchescas, direcionadas em construir uma aura de autenticidade e de lastro social do movimento, abrindo margem para elencá-lo como defensor de valores morais desgastados pela sociedade de então.

Outra narrativa, iniciada na década de 1950 e que será recorrente nas décadas seguintes, é relativa a uma vinculação entre os Farrapos e a italianidade. O mesmo artigo assinado por Alfredo Lavra Pinto marcado pelo tom elogioso eivado de hipérboles sobre os farroupilhas contém uma tentativa de vinculação deste movimento com a italianidade que já havia sido efetuado de forma similar na edição de Festa da Uva em 1950, em um dos discursos proferidos em sua abertura protagonizado pelo secretário estadual da Agricultura, que aponta Giuseppe Garibaldi como um elo entre o Rio Grande do Sul e os italianos. Na edição de 19 de setembro de 1953 do Pioneiro, Lavra Pinto pontuou:

É uma data que alcançou foros de imortalidade e duplamente festiva em nossas colônias, como data rio grandense e como data italiana, internamente ligadas entre si pelo herói dos dois mundos, que se chamou José Garibaldi [...] Foi também, ao mesmo dia 20 de setembro, que foi proclamada a grandiosa unificação italiana, talvez o acontecimento mais importante do século XVIII(sic) e para o qual tiveram de concorrer as mentalidades superiores de Cavour e Mazzini, a coroa do rei do Piemonte e a espada flamejante do intrépido Garibaldi, temperada pelo sol rio grandense (PINTO, 1953, p. 3).

Neste artigo marcado pelos exageros, dos quais os trechos a respeito desta vinculação entre representações heroicas do regionalismo gaúcho e italianidade não escapam, percebemos novamente este esforço de conectar elementos simbólicos de uma identidade regional gaúcha com a italianidade, que serão recorrentes nas décadas seguintes. Isso nos indica que tal busca era algo central para os líderes estratégicos desta identidade, demonstrando que reconheciam uma ampla legitimidade que a italianidade já dispunha no imaginário social caxiense e que a positivação de um gauchismo nesta sociedade passava necessariamente pela aproximação simbólica com a italianidade.

No decorrer da década de 1950, há uma crescente visibilidade do tradicionalismo no Pioneiro, perceptível quando identificamos que não houve sequer uma menção ao 20 de setembro nas edições próximas a este dia nos anos de 1950, 1951 e 1954, ao passo que nos

⁷⁸ “Causo” refere-se a um pequeno conto, uma crônica com temática gauchesca.

anos finais da década, já há chamadas sobre a Semana Farroupilha na capa, editoriais, colunas e uma página dedicada inteiramente ao movimento, em especial voltada aos seus aspectos folclóricos e visando a noticiar eventos locais relacionados como bailes e homenagens.

A década de 1950 marca também a fundação dos primeiros CTG na cidade. O primeiro de todos, CTG Rincão da Lealdade, foi fundado por um grupo de amigos no final de novembro de 1953, mas sem nome definido ainda. Constavam deste grupo inicial de fundadores Joaquim Pedro Lisboa, Clóvis Pradel Pinheiro, Ary Cachoeira, Máximo da Luz, Oswaldo Eilert, Ary Cavalcanti e Armando Cardoso Alves, que se tornou o primeiro patrão. Cito os nomes dos membros deste grupo inicial que se movimentou pela criação do CTG pelo fato de nenhum ser de origem italiana. Isto indica como os esforços para a montagem de espaços de culto ao tradicionalismo e às representações do regionalismo gaúcho não partiu de imigrantes italianos e seus descendentes. Suponho que se deva ao fato dos “italianos” já estarem vinculados a um mundo de sentidos e com posituação social possibilitados pela valorização da italianidade no meio local. Este grupo de fundadores dos CTG tem entre seus participantes figuras de destaque na cidade, como Joaquim Pedro Lisboa, um dos próceres da Festa da Uva e presente na comissão organizadora da maioria delas até então.

Um raciocínio óbvio nos faz inferir que Joaquim Pedro Lisboa gozava de prestígio social na sociedade caxiense. Mesmo não sendo descendente de italianos e por isso não portar as representações valorativas da italianidade, Lisboa circulava entre a elite local, era reconhecido como criador da Festa da Uva e sócio da empresa que controlava a única estação de rádio caxiense, além de ocupar cargos públicos diretivos relevantes.

Tal informação nos leva a deduzir que Lisboa não participou da criação do primeiro CTG da cidade por buscar prestígio ou inserção social. Já possuía ambos, mais até do que muitos descendentes de italianos com algum destaque. A participação de Joaquim em um CTG, neste caso na sua fundação no início da década de 1950, nos demonstra como esta era uma oportunidade de migrantes internos do estado Rio Grande do Sul fazerem parte de um espaço que promovesse representações identitárias positivadas que lhes pudessem ser pertinentes, e como este pertencimento era algo relevante e necessário para este grupo social. Revela como havia um vácuo a ser preenchido neste quesito e uma demanda por uma reorientação do conjunto de sentidos e representações minimamente coerentes associável aos habitantes nascidos no estado em torno de uma identidade social.

No caso de Caxias do Sul, já identificamos que a italianidade enquanto uma identidade social de tipo étnica e contrastiva vinha sendo construída há décadas e produzia efeitos

tangíveis na sociedade local. Entretanto, por ter como base a hereditariedade, erigia-se como uma identidade excludente, associável apenas aos imigrantes e seus descendentes. Indivíduos de outras origens e etnias estavam automaticamente impossibilitados de se positivarem das valências desta identidade, de serem reconhecidos como “mais trabalhadores” e “mais empreendedores” como a maioria dos caxienses. Estavam forçosamente excluídos deste mundo de sentidos e provedor de pertencimento.

Já o tradicionalismo caracterizava-se e caracteriza-se por um caráter homogeneizante e agregador. Embora projetasse representações sobre a totalidade dos gaúchos que historicamente estavam associadas ao estilo de vida circunscrito à zona rural do sudoeste do estado anterior ao século XX, tinha como exigência básica apenas a natividade no estado e adotar em alguns espaços sociais determinados maneirismos. Por conta disto, deu guarida em especial a migrantes gaúchos, estabelecidos em espaços urbanos nos quais não havia possibilidade de se associarem com as identidades sociais mais positivadas ou coerentes com a tábua de valores que determinavam valências enaltecidas nestas respectivas sociedades.

Este raciocínio é reforçado quando observamos a nominata do segundo CTG que foi criado em Caxias do Sul, o CTG Paixão Côrtes, também sem a presença de imigrantes italianos ou de seus descendentes. A primeira diretoria foi formada por João Batista Machado Vieira (patrão), Altyr Fischer de Moura (capataz), João Luiz Maineri (primeiro sota capataz), Oscar Finger (segundo sota capataz), João Guilardi (primeiro agregado das pilchas) e Lothair Reis (segundo agregado das pilchas). Este CTG surgiu em 1956, numa dissidência do CTG Rincão da Lealdade, após uma briga com troca de ameaças em um “fandango”.⁷⁹

Segundo seus próprios dados, O CTG Rincão da Lealdade foi a terceira agremiação do tipo a ser fundada no estado⁸⁰. Localiza-se às margens da BR-116, menos de um quilômetro de distância ao norte do Monumento ao Imigrante. Em 1958, sediou o 5º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul e, entre as décadas de 1950 e 1980, foi um dos principais espaços caxienses para eventos, incluindo a recepção de autoridades nacionais. Todos os presidentes do período da ditadura militar, além de José Sarney, foram

⁷⁹ In: <https://ctgpaixaocortes.blogspot.com/2011/04/historico-do-ctg-paixao-cortes.html>. Acessado em 15/05/2018

⁸⁰ Tal dado é discutível. Oliven aponta que entre “1948 e 1954 surgiram trinta e cinco novos centros de tradição distribuídos em praticamente todas as regiões do estado” (OLIVEN, 1992, p. 81), o que torna pouco provável que o Rincão da Lealdade fosse o terceiro dentre estes trinta e cinco no período, considerando sua criação em fins de 1953.

recepcionados com churrascos no espaço quando visitavam a cidade na ocorrência da Festa da Uva.

Em um painel em seu salão principal, observamos como este CTG também operou sentidos na busca de vinculações entre o tradicionalismo e a cidade de Caxias do Sul. Em uma de suas paredes, próxima da qual ficava a mesa das autoridades homenageadas, há três painéis pintados por um de seus fundadores, Ary Cavalcanti, representando a Revolução Farroupilha, um gaúcho pilchado oferecendo uma cuia de chimarrão a uma prenda (pintura na qual Ary se representou junto à filha de Clóvis Pinheiro) e uma Caxias do Sul industrial, com Abramo Eberle e sua filha Maria Elisa Eberle.



FIGURA 9 - PAINÉIS CENTRAIS DO CTG RINCÃO DA LEALDADE, COM REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA, GAÚCHO DECLAMANDO POESIA PARA UMA PRENDA E CAXIAS DO SUL, DA ESQUERDA PARA A DIREITA. FOTO DE 1967. EM: [HTTPS://GAUCHAZH.CLICRBS.COM.BR/PIONEIRO/CULTURA-E-LAZER/MEMORIA/NOTICIA/2018/05/MEMORIA-CTG-RINCAO-DA-LEALDADE-EM-1967-10354255.HTML](https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2018/05/memoria-ctg-rincao-da-lealdade-em-1967-10354255.html). ACESSADO EM 21/06/2018.

O terceiro CTG caxiense formou-se em 1959, o Rodeio Minuano, também com perfil de fundadores com origens étnicas similares aos dos outros dois CTG. Com tais considerações, não se pretende fechar questão em torno da discussão de que estes espaços eram frequentados apenas por migrantes de outras descendências que não italianos, mas que estes grupos iniciais de fundadores destes CTG, nesta década em que o movimento ainda era bastante incipiente, resolveram empreender esforços em montar e organizar estes espaços, pois tinham ali a possibilidade de estabelecerem uma sociabilidade reconhecida com as projeções positivadas de uma identidade social que lhes era acessível. Tal esforço

provavelmente era visto como insólito pelos imigrantes e seus descendentes, automaticamente positivados no cenário local pelo simples fato de possuírem sobrenomes itálicos.

Como veremos mais adiante, descendentes de italianos ocuparam postos de destaques nestes CTG, que foram durante as décadas de 1960 e 1970 as instituições que organizaram a Semana Farroupilha na cidade junto às personalidades políticas. Também será identificado um grande conjunto de associações destes espaços com representações da italianidade, como a participação de carros alegóricos dos CTG na Festa da Uva e a criação de bibliotecas e museus internos nomeados em homenagem a imigrantes italianos que se tornaram empresários proeminentes, como Aristide Germani e Abramo Eberle, portadores de valores da italianidade localmente valorizados⁸¹.

2.4 A busca por legitimação em associações históricas, ritualizações e vínculos com o campo político no tradicionalismo em Caxias do Sul entre 1950 e 1963.

Entre o final da década de 1950 e durante toda a década de 1960, percebemos um grande conjunto de produções de sentidos no tradicionalismo na cidade, levados a cabo por alguns líderes locais com significativo capital social.

Uma destas produções de sentidos mais impactante na ritualização da Semana Farroupilha na cidade, por muitos anos a partir de 1960, foi a busca por uma associação histórica entre Caxias do Sul e elementos regionalistas, como no caso do padre Cristovão de Mendonza. Nascido em Santa Cruz de La Sierra por volta de 1590, Cristobal de Mendonza Orellana foi ordenado jesuíta em 1630 e passou a trabalhar na introdução do gado nas regiões das missões. Considerado pioneiro nesta empreitada, fundou a missão de São Miguel Arcanjo junto com o padre Pablo Benevidez em 1632. Em 1635, foi morto em confronto com indígenas em local aproximado ao distrito de Santa Lúcia do Piaí, pertencente a Caxias do Sul. Segundo a tradição local, seu corpo foi jogado dentro de uma fonte cuja água se tornou azul, em localidade que se tornou conhecida como Água Azul.

⁸¹ Sobre o museu do CTG Paixão Côrtes: “Em 1961, no aniversário do CTG, foi inaugurado com cerimônia religiosa o museu ítalo-brasileiro que leva o nome do imigrante italiano Abramo Eberle. Conta com aproximadamente 150 peças” In: <https://ctgpaixaocortes.blogspot.com/2011/04/historico-do-ctg-paixao-cortes.html>. Acessado em 15/05/2018. O CTG Rincão da Lealdade também possui um museu próprio, chamado Museu Tradicionalista Cavaleiro Aristide Germani, outro imigrante italiano que se tornou empresário destacado em Caxias do Sul. É importante destacar que a nomeação destes espaços dos CTG foram homenagens póstumas, sendo que Aristide faleceu em 1941 e Abramo em 1945. Suas empresas continuaram funcionando, administradas por herdeiros.

O distrito de Santa Lúcia do Piaí localiza-se a leste de Caxias do Sul, um espaço geográfico marcado pela presença de campos e com escarpas ocupadas por Mata Atlântica, limitado ao sul pelo Rio Caí. Junto a outros distritos caxienses vizinhos como Vila Oliva, Fazenda Souza e Vila Seca, é um dos limites meridionais dos Campos de Cima da Serra, que mais ao seu centro, caracterizou-se pela ocupação lusa anterior à chegada dos imigrantes italianos. Nesse local, desenvolveu-se a criação de gado e o tropeirismo. Foi também uma das rotas para o transporte de gado vivo para o sudeste do país no período colonial e imperial.

Conforme se observa na tabela a respeito das publicações de jornais caxienses sobre a Semana Farroupilha, no ano de 1960, três dos quatro jornais publicaram notícias a respeito do movimento tradicionalista e das comemorações que foram realizadas. Na edição de 17 de setembro do periódico Panorama, foi publicada nota pelo prefeito municipal:

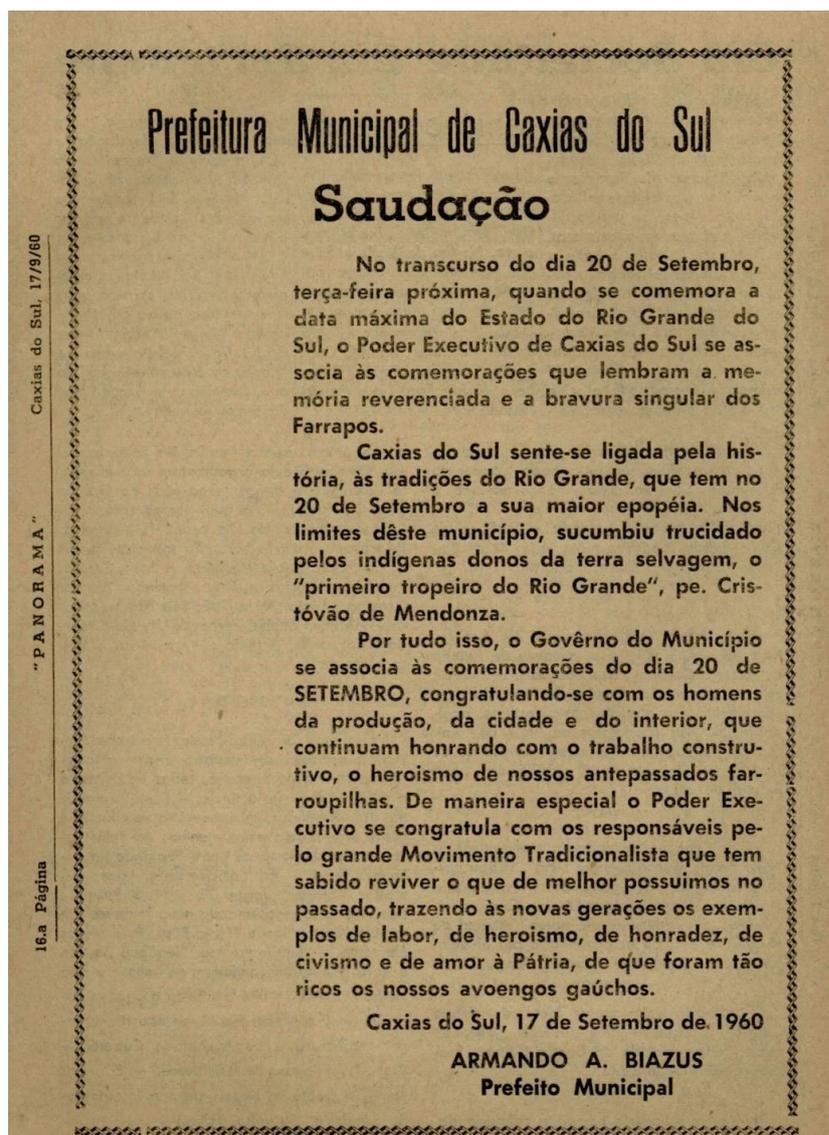


FIGURA 10: NOTA PUBLICADA NO JORNAL PANORAMA, EM 17 DE SETEMBRO DE 1960, ASSINADA PELO PREFEITO MUNICIPAL CAXIENSE ARMANDO BIAZUS.

A nota assinada pelo prefeito demonstra o cuidado em projetar representações já constituídas sobre os locais, como o caráter trabalhador, reforçada por três menções, como “*homens de produção*”, “*honrando com o trabalho*” e “*exemplo de labor*”, que não eram comuns ao regionalismo gaúcho. Embora tal representação não seja pertinente apenas à RCI e comum em muitas sociedades, a recorrência em três oportunidades na nota demonstra uma manifesta intenção de reforçar este sentido aos locais.

Em outro periódico, o Caxias Magazine, foi publicada em 17 de setembro de 1960 uma coluna de meia página com a manchete “*Semana Tradicionalista*” assinada por Mário Gardelin, tratando sobre a formação histórica do RS, desde as primeiras incursões dos europeus até a Revolução Farroupilha.

No Pioneiro, na edição de 17 de setembro, há menção na capa ao ritual de acendimento da tocha simbólica, com a presença do prefeito municipal, que ocorreria na localidade de Água Azul e depois seria transportada por cavaleiros até a cidade, recebida primeiramente no CTG Rincão da Lealdade e, no dia 18, uma concentração de CTG e seus grupos de danças na praça central caxiense. Nesta mesma edição, na página 12, mantém-se a publicação da “*Página Tradicionalista*”, assinada por Clovis Pinheiro e Joaquim Pedro Lisboa, com poemas de temática gauchesca de outros autores, a programação dos eventos relativos à data minuciosamente descritos e texto elogioso à Semana Farroupilha, como uma “*efeméride que reaviva em nossa alma maior admiração pelo Rio Grande, pois vem reacender de uma maneira verdadeiramente psicológica a aprovação completa do nosso passado e a aceitação de um período histórico cheio de glórias*”.

Na edição do Pioneiro da semana seguinte, do dia 24 de setembro de 1960, no espaço desta “*Página Tradicionalista*”, encontramos as narrativas utilizadas na busca por estabelecer este vínculo histórico entre a cidade e o tradicionalismo através do padre Cristovão de Mendonza. O texto de Clóvis Pinheiro e Joaquim Lisboa, cuja manchete em negrito e com letras maiúsculas era “**EM ÁGUA AZUL, NO LOCAL ONDE FOI TRUCIDADO O PRIMEIRO TROPEIRO DO R.G.S., FOI ACESA A CHAMA FARROUPILHA**” descreveu o evento e transcreveu por inteiro o discurso que Mário Gardelin proferiu lá, apresentado como “*jornalista*”, “*diretor da inverno cultural do Rincão da Lealdade e Secretário do Município*”.

A tocha simbólica, inflamada pela operosa mão do Chefe do Poder Executivo Caxiense, constitui-se em parte integrante e fundamental das solenidades comemorativas da Semana Farroupilha, que o Rio Grande está celebrando.

Quiseram as ilustres direções de nossos altivos Centros de Tradições Gaúchas que, neste ano, a solenidade se fizesse ao lado desta histórica fonte, onde há 325 anos atrás, perecia, em missão de paz e solidariedade cristã, um dos homens a cujos atos ascendemos as fontes de nosso movimento tradicionalista.

Brilhante e emotiva decisão!

Gesto dos mais belos e poéticos!

E, enquanto, embalada pelas brisas indomáveis das coxilhas, esta chama põe-se profeticamente a tremular, levada pelas formações de cavaleiros, que nos recordam o estrépido e o estridor libertário de nossos maiores, empenhados na gigantesca messe de semeadores da liberdade e da auto-determinação do nosso Estado, a mente, em silêncio comovido ajoelha-se ao lado do corpo martirizado e santo, que aqui, na solidão braviosa do Rio Grande nascituro, agonizou por uma longa noite de inverno.

Cristovão de Mendonza, tropeiro de Cristo e tropeiro do Rio Grande!

É ele bem a imagem de nossa província. É esse apóstolo da dignidade humana, que pereceu numa tentativa gloriosa de salvar o gentio da preação e do aviltamento escravagista, uma figura do que seria esta recuada gleba, tardiamente chamada ao seio brasileiro mas que, sentinela indormida, haveria de encher, com o rumor de seus atos, dois séculos de história e ditar a senda que a Pátria seguiria.

Como Cristovão de Mendonza sangrou sua vida em defesa de um ideal, nossos pais há 125 anos, quando com 200 homens iniciaram o decênio histórico, no entrechoque da Azenha, defendiam a liberdade e a dignidade humana.

Como Cristovão de Mendonza, expedicionário morto em missão de reconhecimento, nossos antepassados, nas lutas de Oribe e Rosas deixaram os campos e os lares e responderam presente ao país. Como Cristovão de Mendonza, dez por cento dos homens válidos de nosso estado, nos sanguinolentos episódios da Tríplice Aliança, rumaram para os campos de luta.

O Rio Grande agonizou, sofreu e viu a flor de sua população imolada nos altares da guerra, sem jamais ponderar o alto custo do sacrifício, sem jamais negar-se a aceitar mais um sorvo do amargo cálice do sofrimento.

Esta chama que está a arder com singelo brilho, simboliza ela o fogo que ardeu nos acampamentos, nos pousos, nas fazendas, nos passos dos rios, e nos lares, nestes duzentos anos de vigilância e de lutas (EM ÁGUA AZUL ... 1960, p. 12).

O trecho do discurso⁸² reproduzido acima aponta uma série de construções de sentidos que visam vincular um lugar de memória presente no município de Caxias do Sul à história do Rio Grande do Sul e a valores dos símbolos máximos da Semana Farroupilha. Percebemos que Gardelin reconhece os limites que esta associação poderia gerar, quando aponta “*esta recuada gleba, chamada tardiamente ao seio brasileiro*”, referindo-se ao fato de que no início do século XVII, o atual Rio Grande do Sul não fazia parte do território colonial brasileiro, mas sim da Espanha. Destaco que o fato de Cristovão de Mendonza ser de origem espanhola não é citado pelo orador, pois geraria maiores dificuldades de estabelecer com eficácia estes vínculos através deste esforço inicial de construção de sentidos.

Também merece atenção as associações de Cristovão de Mendonza a episódios históricos que são basilares para a formação do arcabouço de valores positivados dos gaúchos, como a Revolução Farroupilha, quando compara seu sacrifício aos “*200 homens que iniciaram o decênio histórico*”, à luta pela manutenção territorial contra a Argentina quando cita as “*lutas de Oribe e Rosas*” e à participação de gaúchos na Guerra do Paraguai ao mencionar os “*sanguinolentos episódios da Tríplice Aliança*”.

⁸² O texto foi reproduzido exatamente conforme publicado no jornal, por isso a quantidade de vírgulas e manutenção dos parágrafos, prováveis indicadores de ênfases e pausas no discurso.

Destaco também os trechos inicial e final da transcrição. Neles, o orador busca justificar um elemento central do ritual de abertura da Semana Farroupilha, o acendimento da tocha, a estes fatos históricos, procurando estabelecer sentidos na ritualização que estava sendo efetuada. O acendimento da chama simbólica por meio da principal autoridade local, o prefeito municipal, citando os CTG e o movimento tradicionalista, junto a um discurso com narrativas repletas de vínculos aos principais eventos históricos mitificados no regionalismo gaúcho demonstra um grande esforço na operação de símbolos visando a estabelecer sentidos e representações no imaginário coletivo local.

Este evento ritualístico na Semana Farroupilha de 1960 recebeu grande atenção por parte dos periódicos caxienses, como atesta a publicação integral do discurso proferido por Gardelin, em Água Azul, na “Página Tradicionalista”, pelo Pioneiro na edição do jornal seguinte ao evento, na menção deste evento e breve descrição a seu respeito na nota do prefeito municipal publicada no jornal Panorama e reproduzida anteriormente, além da capa da edição de 17 de setembro do periódico Caxias Magazine. Tamanha publicidade demonstra como o ritual se revestia de importância, por procurar estabelecer pela primeira vez estes vínculos entre a cidade e a data máxima do estado.

Os esforços de Mário Gardelin em estabelecer esta vinculação podem ser explicados pela completa ausência deste sentido à época, conjugado ao fato do tradicionalismo ser baseado em torno de uma busca pela “autenticidade”. Por Caxias do Sul ter surgido em espaço geográfico praticamente desabitado por descendentes de europeus, no final do século XIX, quando o próprio estereótipo idealizado do gaúcho deixava de existir no sul do estado e décadas após o “decênio histórico” do qual foram extraídos seus principais heróis e valores, a associação da cidade com a ideologia tradicionalista apresentava-se como uma tarefa quase impossível. Restou como opção a vinculação com um missionário jesuíta *criollo*⁸³ do Vice-Reinado do Peru do início do século XVII, através de um amplo conjunto de anacronismos e grande licença poética.

Além de 1960, a Chama Crioula foi acesa em Água Azul por mais seis edições, até o ano de 1966. Mesmo que com um pouco de rigor consigamos facilmente identificar os limites nesta vinculação histórica da cidade com o tradicionalismo, é inegável que este esforço foi possível devido a uma operação simbólica sofisticada. E neste âmbito, todos os indícios apontam que Gardelin foi o responsável intelectual por promover esta associação.

⁸³ Denominação dos descendentes de espanhóis nascidos na América no período colonial.

Identifica-se nitidamente uma operação simbólica estratégica por parte deste agente, que viria a se tornar nos próximos anos um importante personagem no cenário cultural local. Mário Gardelin era natural de Ana Rech, bairro afastado de Caxias do Sul, onde nasceu em 1928. Entre 1952 e 1955 foi vereador suplente pelo PRP e vereador titular nas legislaturas de 1973 a 1976 e de 1977 a 1982, estas duas últimas pela Arena⁸⁴. Durante as décadas de 1960 e 1970, foi por diversas vezes Secretário Municipal de Turismo. Em 1964 concluiu a graduação em História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, precursora da Universidade de Caxias do Sul, na qual trabalhou por mais de 40 anos como professor, com produção acadêmica voltada à pesquisa da imigração italiana⁸⁵. Ocupou cargos administrativos na Universidade de Caxias do Sul, como o de vice-reitor entre 1982 e 1986. Além da vida política e acadêmica, Gardelin também foi radialista, jornalista e editor no jornal Pioneiro⁸⁶.

Ressalto que a primeira menção de Gardelin, encontrada na pesquisa dos periódicos, refere-se ao ano de 1960, já na condição de Secretário Municipal de Turismo e diretor cultural do CTG Rincão da Lealdade. Não descarto a possibilidade de que ocupasse estes cargos em anos anteriores, mas foi na edição da Semana Farroupilha deste ano que percebemos esta sua ação mais contundente em relação à promoção do tradicionalismo na cidade. De qualquer forma, o fato de ocupar estes cargos, ter se graduado enquanto historiador alguns anos depois e proferir o discurso oficial no acendimento da Chama Crioula com a narrativa associativa entre Cristovão de Mendonza e o tradicionalismo aponta que este esforço intelectual provavelmente foi dele. E é também mais um indicativo de como a projeção do tradicionalismo na cidade ocorreu por meio de lideranças que faziam parte da elite caxiense ou, no mínimo, gravitavam em torno desta.

⁸⁴ Em: <http://www.camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/17818> acessado em 01/03/21

⁸⁵ Em: <https://www.ucs.br/site/noticias/mario-gardelin-vice-reitor-da-ucs-entre-1982-e-1986-faleceu-em-caxias-do-sul/>. Acessado em 01/03/21.

⁸⁶ A presença de Gardelin no corpo diretivo do principal CTG da cidade durante o período deste recorte temporal, inclusive tendo destaque na promoção de representações deste movimento, é um indicativo do forte caráter conservador deste espaço. Gardelin iniciou sua carreira política no PRP, que era, conforme assinala anteriormente, o herdeiro político do integralismo. Sua vida política como vereador eleito durante o período bipartidário foi por meio do partido de sustentação do regime militar, a Arena. Em coluna própria no jornal Pioneiro, publicada em 24 de setembro de 1975, relata diálogo com empresário italiano em churrasco seguido de baile gauchesco no CTG Rincão da Lealdade onde este lhe afirma que os “brasileiros têm alegria de viver” e que na Europa isto não seria possível devido ao difícil relacionamento entre diversas classes sociais. Na edição de 24 de setembro de 1977 do Jornal de Caxias, uma pequena nota aponta que “*Mário Gardelin acha que no momento atual os atos de exceção (AI-5, 477) devem continuar a ser acionados*”. A primeira menção indica um discurso conservador típico, de contrariedade ao fortalecimento e disputas políticas com base em movimentos sindicais, que não ganhavam corpo no Brasil de 1975 devido à repressão do regime militar. A segunda, defende o recrudescimento do decreto mais duro do regime militar no período em que este abrandava, demonstrando uma provável simpatia de Gardelin ao grupo “linha-dura” do regime militar.

Este evento também aponta como a participação no movimento tradicionalista em espaços que existiam na cidade não era circunscrita apenas aos descendentes de luso brasileiros. Destaquei anteriormente que estes foram amplamente majoritários nos esforços para a fundação destes grupos, mas a presença de Gardelin numa função diretiva do principal CTG caxiense demonstra que houve a participação de descendentes de italianos nestas agremiações ainda em seu primeiro decênio, mesmo que provavelmente em proporção minoritária em relação aos lusos.

Este período próximo ao início da década de 1960 também é marcado pela criação e impingência de novos significados ao tradicionalismo na cidade, através do uso de um artefato material, o *candieiro*. Um candieiro é uma espécie de lamparina, um artefato metálico similar a uma caneca com tampa, porém com um cone nesta tampa, cuja extremidade mais fina fica posicionada para cima e é furada nesta ponta. Perpassada internamente por um pano ou pavio que sai para fora do furo do cone e contendo dentro de si um líquido inflamável, operava como um instrumento de iluminação de ambientes internos antes do advento da eletricidade. A Metalúrgica Abramo Eberle, entre fins do século XIX e início do século XX, produzia uma série de itens de funilaria para o mercado gaúcho, dentre os quais, candieiros.

Nas comemorações da Semana Farroupilha de 1959, o CTG Rincão da Lealdade organizou um conjunto de homenagens a Abramo Eberle, tendo como elemento central o acendimento de um candieiro pelo filho de Abramo, Júlio Eberle, que dirigia a empresa após o falecimento do pai. O evento foi noticiado na edição de setembro de 1959 do Boletim Eberle, que conforme foi apontado anteriormente, mesmo que não possa ser considerado um periódico midiático independente, é uma fonte histórica relevante. De acordo com o relato contido no Boletim, no *“dia 19, à tarde, os Centros de Tradições, desejando homenagear a Metalúrgica Abramo Eberle S.A., acenderam o facho simbólico junto ao Monumento do Negrinho do Pastoreio, no Parque da Exposição, transportando-o para o Candieiro colocado sobre um pedestal defronte àquele tradicional estabelecimento caxiense”*, sendo este “estabelecimento” o prédio central e administrativo da Metalúrgica. Na sequência, aponta que o motivo da homenagem se deveu ao *“fato de ter sido Abramo Eberle quem, nos primórdios da metalúrgica Abramo Eberle S.A., confeccionou com suas próprias mãos um candieiro, do qual posteriormente foram tiradas numerosas cópias, que distribuídas pelo Rio Grande do Sul afora, foram iluminar os galpões e os ranchos das Coxilhas e as rústicas casas coloniais”* (OS CONSTRUTORES... 1959, p. 7)

Nesta mesma edição consta o discurso de Júlio Eberle durante a homenagem:

O CTG Rincão da Lealdade, desde a sua fundação, vem dando a Caxias do Sul, o melhor dos seus esforços, difundindo entre nós as belas e gloriosas tradições do Rio grande do Sul.

Tem hoje como Patrão, a figura de Joaquim Pedro Lisboa, gaúcho da velha estirpe, que mostrando seu amor a esse pago, tem dado a Caxias do Sul, em diversos setores, o seu trabalho desprendido, sua sincera e valorosa colaboração. Quiseram hoje, tendo como símbolo esta cópia de candieiro, prestar também uma homenagem a Abramo Eberle, fundador da Abramo Eberle S.A.

Para nós, que trabalhamos nesta casa e que em nosso museu histórico guardamos,entre outros objetos, o original deste “Candieiro”, feito com as próprias mãos de Abramo Eberle e que representa as bases e símbolo de nossa organização, essa lembrança do CTG Rincão da Lealdade nos fala tão profundamente aos sentimentos que são poucas as palavras para externar nosso reconhecimento. O nosso muito obrigado o damos do fundo do coração.[...]

E creio que nada poderemos fazer de melhor do que continuarmos a obra encetada por Abramo Eberle, continuando a trabalhar cada vez mais, pelo engrandecimento do Rio Grande do Sul e do Brasil. (OS CONSTRUTORES... 1959, p. 7)

Entendo que possa parecer inusitado analisar simbolismos através de homenagens em torno de uma lamparina produzida por uma empresa de artigos de funilaria. Entretanto, devemos identificar as intenções e, portanto, o visível esforço do CTG de se aproximar do mais proeminente empresário caxiense da época, buscando associar-se a um personagem público que era o principal símbolo da italianidade, portador máximo das valências do trabalho e do empreendedorismo no imaginário local. Neste sentido, fosse um candieiro⁸⁷ ou outro material qualquer de funilaria produzido na Eberle pouco importava. Vinha a calhar o fato de poder ser aceso e integrado ao ritual da Semana Farroupilha. Mas de fato, não passava de um bem material impregnado de significados por personagens sociais portadores de amplo capital simbólico, visando a operar no plano ritualístico uma aliança que geraria prestígio social a todos envolvidos.

Destaco que a homenagem partiu do CTG e foi noticiada positivamente pelo editorial do Pioneiro de 26 de setembro de 1959, apontando-a como uma *“agradável e significativa surpresa, seus organizadores demonstraram uma acentuada sensibilidade e oportunidade.*

⁸⁷ Há menções sobre o uso de candieiros na ritualística que envolve a chama da Semana Farroupilha em outras localidades além da RCI em décadas posteriores a 1960. Considero pouco provável que se deva a uma influência do ritual empreendido em Caxias do Sul em torno do “Candieiro Eberle”, mas sim a soluções encontradas nestas outras regiões para performatizar um ritual que exige a manutenção de uma chama utilizando-se de um artefato que remeta a um modo de vida antigo, um simbolismo de autenticidade, pois utilizado em período anterior à presença de energia elétrica.

Nosso único desejo é que no ano vindouro tenham elas um maior cenário e se repitam, no decurso dos anos, tornando-se uma instituição permanente em nossa cidade” (20 DE SETEMBRO. 1959, p.3).

O tom premonitório do editorial do jornal Pioneiro surtiu efeito, e o acendimento do candieiro, bem como a participação de Júlio Eberle na Semana Farroupilha, tornou-se constante até 1968, apenas interrompida em 1967. Inclusive no ano seguinte, 1960, no qual se iniciou também o acendimento da tocha na localidade de Água Azul e toda a nova carga simbólica e vinculações que se procurava estabelecer. A chama foi transportada por cavalarianos para a praça central de Caxias do Sul e foi aceso o “Candieiro Eberle” ao lado do busto de Duque de Caxias. Durante os dias da Semana Farroupilha, revezaram-se as “guardas de honras” em torno da chama do candieiro, que segundo a liturgia do tradicionalismo, deve ficar acesa durante toda a semana comemorativa e ser precedida de outro conjunto de rituais e homenagens ao ser apagada.

Percebe-se agora como a homenagem protagonizada pelo CTG Rincão da Lealdade a Júlio Eberle foi frutífera, levando por muitos anos a uma associação do tradicionalismo com o principal expoente simbólico local personificado. Recordo que a Metalúrgica Abramo Eberle era a principal empresa da cidade na época. Era a que empregava maior número de funcionários e fortemente arraigada no imaginário como sinônimo de progresso e pujança econômica. Também lembro que a irmã e a filha de Júlio Eberle foram rainhas da Festa da Uva em diferentes décadas, dando aos membros da família ares de uma aristocracia industrial.

Sabendo que Joaquim Pedro Lisboa era o patrão do CTG em 1959, quando ocorreu a primeira homenagem, é possível inferir que tal associação foi ideia sua. E reconhecendo que por atuar, desde a década de 1930, na promoção de eventos em meio à elite local, na direção de órgãos públicos e na mídia radiofônica, conhecia como poucos os caminhos para positividade social na sociedade caxiense. A ideia de Joaquim, iniciada por meio de homenagens através de uma simples lamparina metálica, buscava legitimidade, positividade simbólica e maior visibilidade ao tradicionalismo na cidade.

É importante destacar que para Júlio Eberle, tal associação podia não lhe trazer tantos ganhos simbólicos como para os tradicionalistas, mas de forma alguma significava perdas. Maior ícone do empresariado local, diretor da principal empresa caxiense, filho de imigrante italiano, não deixaria de portar os significados valorativos da italianidade associando-se às comemorações tradicionalistas. Na verdade, passava a participar de mais um compromisso anual com autoridades e reforçava seus laços em meio à elite local.

Neste sentido, é importante analisarmos a participação de Júlio Eberle nas comemorações da Semana Farroupilha no ano de 1961, por nos dar indícios de como um membro da elite caxiense poderia manejar estas representações identitárias visando a posicionar-se favoravelmente com figuras políticas de maior projeção, neste caso, do governador do estado.

Já mencionamos anteriormente os motivos que faziam Leonel Brizola, trabalhista e de esquerda, gozar de considerável capital político numa cidade que geralmente pendia para o apoio a candidatos conservadores. Em fevereiro de 1961, quando Brizola mencionou sua “*responsabilidade de dirigir os destinos riograndenses numa hora difícil da vida brasileira*” em nota publicada no jornal Pioneiro saudando o início da Festa da Uva, não imaginava as dificuldades que viriam alguns meses depois, com a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto e a tentativa de militares e políticos conservadores evitarem que o vice-presidente João Goulart, que se encontrava em missão diplomática oficial na China, assumisse a presidência da República.

Enquanto João Goulart realizava a viagem de volta, que durou intencionalmente alguns dias a mais visando criar comoção internacional junto aos jornalistas e governantes nos países onde fazia as escalas, era informado por Leonel Brizola sobre o andamento da situação política no Brasil. Este, por sua vez, encampou os aparelhos da Rádio Guaíba e formou a *Cadeia da Legalidade*, que transmitia no Brasil e no exterior com discursos que visavam a angariar apoio popular em torno do respeito à legalidade constitucional, que previa que o vice assumiria o cargo em caso de vacância do presidente da República por meio de renúncia. Brizola também conseguiu firmar a adesão ao seu movimento do III Exército, sediado em Porto Alegre.

Com fortes ameaças de que o avião de João Goulart seria derrubado caso sobrevoasse o território brasileiro e temendo que isto acontecesse, mesmo no espaço aéreo de países próximos, Brizola negocia a ida de Goulart de Buenos Aires para Montevideu e envia para ali um avião com jornalistas nacionais e internacionais para que a possibilidade da repercussão de tal ato afastasse sua concretização. No primeiro dia de setembro, uma comitiva de deputados liderados por Tancredo Neves foi para Montevideu discutir com Goulart a possibilidade de seu retorno caso aceitasse um sistema parlamentarista. Proposta aceita por João Goulart. No mesmo dia pousou em Porto Alegre em um avião da VARIG e, em 5 de setembro, em Brasília para assumir como presidente no dia 7.

A situação apresentou fortes contornos de dramaticidade, com vários registros de insubordinação de soldados de baixa patente da Aeronáutica sabotando ordens suspeitas de bombardeio ao Palácio Piratini e de ataques ao avião de João Goulart. Este movimento político ficou conhecido como a Campanha da Legalidade e impulsionou ainda mais a popularidade de Leonel Brizola no estado e no país.

As comemorações da Semana Farroupilha de 1961 iniciaram-se poucos dias após todos estes eventos e as representações sobre os gaúchos projetadas nesta data não passaram incólumes em relação a tudo isto. E um dos seus principais vetores em Caxias do Sul foi Júlio Eberle. Enquanto nos principais jornais da cidade não encontramos menções que relacionem a Semana Farroupilha deste ano com a Campanha da Legalidade, a edição de setembro deste ano do Boletim Eberle confere um espaço bastante significativo às comemorações, entremeada a menções sobre a Campanha da Legalidade, nas quais são apresentados relatos de que grupos de cavaleiros dos CTG desfilaram “*homenageando os defensores da legalidade*” (pg. 3) e reproduz o discurso de Júlio Eberle no evento, também muito efusivo à Campanha da Legalidade, enaltecendo-a como exemplar da “*bravura*” e do “*heroísmo*” dos gaúchos. Em trechos deste discurso, podemos perceber estas vinculações operando na positivação de valores do tradicionalismo:

Quis a generosidade desses centros associar a essas comemorações o nome do meu saudoso pai, num evidente desejo de homenagear também a memória daquele que, em meio século de trabalho incessante, tanto procurou fazer pela industrialização do nosso estado, anseio tanto mais sentido e de necessária realização nos dias de hoje, inclusive pelas constantes proclamações e pela benéfica atividade desenvolvida neste sentido pelo nosso ilustre Governador, Eng. Leonel Brizola.

Da pequena oficina de Abramo Eberle, como primeiro artefato saído de suas mãos, - e que haveria de ser o produto pioneiro de uma grande fábrica - aparece o modesto candieiro de uso nos Galpões Gaúchos, e essa afinidade certamente contribuiu para que fosse homenageado Abramo Eberle, na reprodução desse velho candieiro que ele fez e serve de chama votiva nas solenidades que estamos assistindo. [...]

Se há pouco mencionava a épica jornada dos farrapos e se esta é a própria consagração de seus heróis, bem se pode assinalar que o heroísmo do Rio Grande não se faz sentir apenas nessa oportunidade, mas pelo contrário, sempre esteve presente nas horas de perigo para a Pátria, como também em todas as lutas pelo progresso do país, em todos os seus aspectos. E quando o fez, foi de maneira magnífica e coesa, reunindo todos os homens sob o mesmo impulso de liberdade, justiça e ordem.

Os próprios Centros de Tradições Gaúchas de todo o Estado, nos dias inseguros que há pouco atravessamos, deram mais uma vez exemplo de civismo, quando interpretando os sentimentos da gente sul-rio-grandense, hipotecaram ao benemérito Governador do Estado, integral solidariedade na

sua intemerata e desassombrada luta pela legalidade e constituição, único caminho que pode conduzir a um destino de trabalho, progresso e paz. Como também justo é, destacar que nesses mesmos dias não faltou a decisiva e patriótica atuação do glorioso 3º Exército, aqui representado pelo nosso 3º Grupo de Canhões Automáticos Anti-Aéreos, para manter a ordem e a constituição, a quem hipoteco a minha solidariedade e rendo a minha homenagem (CONDIGNAMENTE COMEMORADA... 1961, p. 2 – 7)

O discurso de Júlio Eberle realiza diversos reforços de sentidos e vinculações: enaltece a industrialização como benéfica ao desenvolvimento do estado, ao mesmo tempo em que a consagra ao “*trabalho incessante*” de seu pai; reforça a simbologia do candieiro, que assumiu centralidade nos rituais comemorativos do tradicionalismo em Caxias do Sul; associa a “*épica jornada dos farrapos*” e o “*heroísmo do Rio Grande do Sul*” a narrativas de coesão e homogeneidade no estado sobre a Revolução Farroupilha, inserindo o movimento tradicionalista nesta construção histórica; clama pela “*integral solidariedade*” ao governador do estado “*na sua intemerata e desassombrada luta pela legalidade e Constituição*”. Fica evidente neste discurso também a busca por aproximação com Brizola, ao elogiar sua “*luta pela legalidade e constituição, único caminho que pode conduzir a um destino de trabalho, progresso e paz*”, estas três últimas, representações especialmente caras à elite da sociedade caxiense. Além disso, elogia a atuação do III Exército que o apoiou.

Em outro trecho do texto sobre a Semana Farroupilha nesta edição, o Boletim Eberle teceu elogios ao discurso do comandante do núcleo do exército sediado em Caxias do Sul, o 3º GAAe⁸⁸, pontuando que “*proferiu brilhante discurso alusivo à epopeia farroupilha, agradecendo inclusive, a homenagem prestada à unidade federal sob o seu comando, afirmando que ela havia apenas cumprido o seu dever para com a Pátria*” (CONDIGNAMENTE COMEMORADA... 1961, p. 2 – 7).

Na medida em que o Boletim Eberle era um periódico publicado pela empresa, devemos considerá-lo como um informativo que atende aos interesses da empresa e, neste caso, do próprio Júlio Eberle, seu diretor e acionista majoritário. Podemos considerar que as narrativas que tece e as informações que projetam partem de suas intenções.

Analisando este discurso, percebemos que além de expor uma intrincada capacidade de projetar sentidos e narrativas convenientes, integrando valências positivadas da italianidade a este momento comemorativo do tradicionalismo e cristalizando-as através de símbolos

⁸⁸ Sigla de 3º Grupo de Artilharia Anti-Aérea, agrupamento do exército localizado no centro urbano de Caxias do Sul.

materiais, Júlio esforça-se na busca por ligações com o governador estadual que, mesmo que fosse de viés trabalhista e de esquerda, projetou-se com força no cenário político nacional com a Campanha da Legalidade. Não podemos desconsiderar a grande proximidade entre Leonel Brizola e o então recém-empossado Presidente da República João Goulart que, além de aliados políticos, eram familiares⁸⁹. Vejo neste discurso elogioso um esforço contundente de Júlio Eberle de aproximação com figuras políticas nacionais de destaque, algo que o caracterizava, independente do espectro político de quem estivesse no governo. Ressalto também a presença em seu discurso de elogios ao III Exército, talvez o principal lastro para a resistência promovida por Brizola, e ao comandante do agrupamento local. Tais acenos são mais um demonstrativo de seu pragmatismo aguçado, identificando e acenando para aqueles que detinham peso político num momento de intensa polarização e risco de ruptura institucional.

A proximidade da Campanha da Legalidade com as comemorações da Semana Farroupilha permitiu uma fluidez na construção de representações do regionalismo gaúcho com eventos políticos. Observa-se que Leonel Brizola soube se aproveitar destas representações regionalistas a seu favor, sendo que em nota publicada no periódico Panorama, em 25 de julho de 1962, provavelmente paga por um apoiador político local, os elogios à Brizola são pautados em meio a expressões gauchescas⁹⁰: “*Se houver algum peitudo que queira fazer esse passeio comigo, e conseguir somar metade das obras do atual governo, terei prazer em recebê-lo no meu rancho. Vou fazer o que todo gaúcho faz: matar a cobra e mostrar o pau*” (NICHELE, 1962, p. 9.)

Durante os primeiros anos da década de 1960, percebemos uma crescente projeção e visibilidade do tradicionalismo nos periódicos locais. Considero que a nova ritualística do evento, visando vinculá-lo com mais força a Caxias do Sul por meio do acendimento da Chama Crioula em Água Azul associado a Cristovão de Mendonza e à manutenção desta chama com o “Candieiro Eberle” foram fatores importantes para maior projeção do evento, não apenas pela eficácia das narrativas e simbolismos que procuraram impingir, mas por conta da relevância dos atores sociais envolvidos, como Mário Gardelin, Joaquim Lisboa e Júlio Eberle. Eram respectivamente o Secretário Municipal do Turismo, o criador da Festa da

⁸⁹ João Goulart e Leonel de Moura Brizola eram cunhados.

⁹⁰ Em 1961, ano final à frente do governo estadual, Leonel Brizola mudou de domicílio eleitoral e candidatou-se a deputado federal pela Guanabara. Se fizesse tal movimentação visando se eleger deputado federal pelo Rio Grande do Sul, deveria se afastar do cargo seis meses antes do término do mandato pela lei eleitoral da época. Brizola foi eleito deputado federal pela Guanabara com votação massiva.

Uva e o principal empresário local, sendo os dois últimos, especificamente, portadores de importante capital simbólico na sociedade caxiense.

Isso reflete não apenas em maior número de menções, mas também na conquista de novos espaços nestes veículos midiáticos. Cito como exemplo o fato de na edição de 14 de setembro de 1963 surgirem as primeiras menções a bailes de CTG na coluna social do jornal Pioneiro, um espaço até então circunscrito a pequenas notas sobre festas, casamentos e “fofocas” sobre eventos de clubes frequentados pela elite local, vinculados a indivíduos de sobrenome italiano.

Um periódico local de menor expressão, o Ecos do Mundo, que foi publicado entre 1962 e 1964, reforça a percepção de como estes novos sentidos vinculantes estavam ganhando espaço. Na capa de sua edição de 21 de setembro de 1963, em texto abaixo da manchete central *“Caxias do Sul comemora expressivamente a passagem da data Farroupilha”*, apresenta praticamente todas as narrativas vinculantes entre a cidade e o regionalismo gaúcho efetuadas até então, apontando que apesar da cidade ter sido fundada por imigrantes italianos em 1875, é *“intimamente ligada à formação etnográfica, econômica e histórica do nosso estado, pois que os homens de além mar, pouco depois de se estabelecerem aqui, foram se familiarizando com os costumes da terra e hoje, raros são os descendentes da estirpe itálica que não apreciam o churrasco e chimarrão, hábitos tipicamente gaúchos”*. Menciona também *“Giuseppe Garibaldi, que casado com a catarinense Anita Garibaldi, constitui-se em símbolo da união afetiva e sentimental entre italianos e brasileiros”*. Por fim, destaca as vinculações simbólicas mais recentes, afirmando que *“o município de Caxias do Sul está intimamente ligado à história do Rio Grande do Sul, através de um episódio lamentável, porém que deve ser lembrado: foi em terras caxienses, na localidade de Água Azul, atual distrito de Santa Lúcia do Piaí, que os indígenas sacrificaram o padre Cristovão de Mendonza, missionário que introduziu o gado nos campos sulinos. Aliás, foi de Água Azul que partiu o fogo Simbólico que durante a Semana Farroupilha, está ardendo no Candieiro Abramo Eberle, na praça Ruy Barbosa”* (CAXIAS COMEMORA... 1963, p. 1).

As narrativas e simbolismos criadas em torno de Cristovão de Mendonza e do candieiro direcionaram as liturgias da Semana Farroupilha até 1966, sendo que em 1968 a chama foi acesa em Criúva, *“evocando as figuras do tropeiro e do carreteiro”* (PROGRAMA COMEMORATIVO.... 1968, p. 5), foi transportada por cavalarianos até o Monumento ao Imigrante, dias depois levada à praça central, onde acendeu o candieiro de Abramo Eberle e extinguida por um representante da empresa.

Embora a edição de 1968 traga um novo simbolismo - a Chama Crioula ficou por vários dias no Monumento ao Imigrante, neste caso mais um simbolismo vinculando o regionalismo à italianidade - é importante destacar que as comemorações desta data em 1969 e durante a década de 1970 tiveram rituais diversos, indicando uma descentralização e rotatividade dos envolvidos na tomada de decisões sobre estes rituais, intencional ou não. De qualquer forma, a permanência por quase toda a década de 1960 da liturgia em torno do acendimento do fogo simbólico em Água Azul e sua manutenção durante a semana por meio do candieiro vinculado a uma “italianidade industrial” revelam a manutenção de um grupo coeso na idealização das representações e a intenção de reforçar estes sentidos. A edição de 1968, na qual a chama foi acesa em Criúva e trazida para a cidade, onde foi aceso o candieiro, permite-nos inferir em outro sentido subjacente a este ritual, no que possui de similaridade com os anteriores de 1960 a 1966: o trânsito da chama do interior de Caxias do Sul para o centro urbano.

Vejo neste deslocamento um sentido que remete a uma passagem do rural para o urbano, sendo este rural de características campeiras. Reforço que os distritos de Santa Lúcia do Piaí e Criúva são limítrofes aos Campos de Cima da Serra e possuem paisagens de campos. O fato da chama ser acesa em locais com esta característica e transportada para o centro urbano industrializado, onde acende um objeto relacionado à principal indústria local da época, remete de modo figurado a uma passagem que provavelmente marcou a vida de boa parte dos envolvidos nesta liturgia, a migração campo-cidade, meio rural ao meio urbano, na medida em que eram em sua maioria de descendência lusa e provavelmente não naturais de Caxias do Sul. Lembro dos painéis do CTG Rincão da Lealdade, com paisagens rural e urbana, posicionados da esquerda para a direita, CTG do qual o diretor cultural idealizou este trânsito da chama simbólica.

Este significado do trânsito da chama crioula, na década de 1960, não foi mencionado em nenhum discurso, notícia, ou qualquer das fontes pesquisadas. As narrativas desta época se concentravam na heroização de figuras de destaque da Revolução Farroupilha, de valores elevados do povo gaúcho advindos deste período e na busca por vinculação com símbolos e elementos históricos locais. Não havia menções às origens destes tradicionalistas em uma vida campeira visando ares de autenticidade, algo mais perceptível a partir de 1990. É, portanto, uma dedução de minha parte sobre sentidos e significados subjacentes em rituais, que considero possíveis, mas não indiscutíveis.

CAPÍTULO 3: A CENTRALIDADE DO PATRIOTISMO NOS SISTEMAS DE REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES SOCIAIS EM CAXIAS DO SUL DURANTE A DITADURA MILITAR

O golpe cívico-militar de 31 de março de 1964 marcou o início do período de ditadura militar⁹¹ e interrompeu uma breve experiência democrática no sistema político nacional que se iniciara em 1945 com a eleição de Eurico Gaspar Dutra. Entretanto, esta breve experiência democrática foi marcada por turbulências significativas, como o suicídio de Vargas em 1954, as polêmicas que atingiram a posse de Juscelino Kubistchek e a tumultuada investidura de João Goulart na Presidência da República, com a imposição do parlamentarismo e um plebiscito no meio de seu mandato que determinou o retorno ao presidencialismo. Tal sucessão de eventos evidencia como o Brasil era palco de conturbações políticas consequentes da polarização da Guerra Fria, que atingia com força praticamente todos os países do globo e exacerbava as regras do jogo do campo político de países capitalistas periféricos, em especial na América Latina.

Partir deste panorama global para a análise de construções identitárias em uma cidade industrial interiorana pode parecer um passo longo a ser dado. Entretanto, considerando que esta análise se efetua por meio de celebrações que se pautavam pela intensa aproximação com o campo político, como a Festa da Uva utilizada pela elite local para se aproximar de presidentes da República e o tradicionalismo que tinha seu sistema de representações central erigido na tensão do Rio Grande do Sul com o Brasil, podemos antecipar que este novo período da vida política nacional impactaria a construção das representações identitárias focadas nesta tese. Quando levamos em consideração a importância das vicissitudes da política nacional na construção de representações da italianidade como percebido no capítulo anterior, já podemos adiantar que estes impactos serão contundentes.

O patriotismo enquanto valência simbólica será o elemento mais destacado nas novas narrativas sobre estas duas identidades. É importante destacar que não é uma categorização inédita aplicada a estes dois modelos identitários, se considerarmos as tentativas de vincular a

⁹¹ Em *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar (2004)*, Carlos Fico assinala como o golpe ocorrido entre 31 de março e 1º de abril de 1964 pode ser considerado como cívico-militar devido à ação ideológica e orgânica prévia de grupos civis em espaços importantes ter sido fundamental para a instabilidade política do período, além da fatídica iniciativa de militares naquela madrugada, formando uma conspiração golpista civil-militar. Quanto ao governo militar que se constituiu em uma ditadura, considera que não pode ser denominado como cívico-militar mas apenas como militar devido ao fato do núcleo político decisório governamental durante todo o período de duração do regime ter sido composto por militares de alta patente.

italianidade ao Brasil na década de 1950 e o fato do movimento tradicionalista ser profusamente conservador, reforçado no plano ritualístico por retirar seu fogo simbólico da pira da comemoração da independência do Brasil no qual informa a primazia de seu caráter “patriótico”. O que se observa novamente, neste período da ditadura, é um realce mais contundente desta valência, que assume uma centralidade dentro do arcabouço de representações passíveis de escolha dentro destes modelos identitários devido ao contexto histórico.

Como qualquer operação na qual observamos um novo direcionamento de significados sendo projetado dentro de um sistema de representações coerentes, será percebido um esforço na promoção de discursos nos quais as representações centrais já consolidadas não serão atingidas, visando a manter a legitimidade destas identidades sociais em seus universos simbólicos. Em relação à italianidade, perceberemos o impacto deste “viés patriótico” na edição de 1965 da Festa da Uva, com a visita de Castelo Branco na abertura da celebração. Quanto ao tradicionalismo, tal impacto será decisivo após a edição de 1969 da Semana Farroupilha em Caxias do Sul.

3.1 Trabalho e progresso voltados para o desenvolvimento da pátria nas edições Festa da Uva durante a ditadura militar

A edição da Festa da Uva de 1965 ocorreu menos de um ano após a instalação da ditadura militar. Humberto de Alencar Castelo Branco, presidente no cargo após o golpe de 1964, cancelou a vinda para a abertura da festa, mas marcou sua visita em data próxima aos últimos dias do evento. A abertura da festa contou com a presença do governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, do governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, e dos embaixadores da Itália e dos Estados Unidos.

Três anos e meio depois de fartamente elogiar Leonel Brizola pela condução da Campanha da Legalidade e onze meses depois do Brasil sofrer um golpe militar com a deposição de João Goulart, Júlio Eberle hospedou em sua residência o presidente do regime político que forçou Brizola ao exílio. Foram convidados para a Festa da Uva figuras centrais deste novo momento do país, como o conservador Carlos Lacerda e o embaixador dos EUA (país que apoiou o golpe cívico-militar em 1964), única vez que um ocupante do cargo veio ao evento. As intenções subjacentes dos convites a estes dois personagens e da hospedagem de Castelo Branco pelo principal empresário caxiense da época não podiam ser mais

evidentes: demonstram a contundente disposição da elite local em se aproximar dos donos do poder, sem medo de parecerem contraditórios com relações e posições tomadas junto a figuras políticas de outro espectro político em um curto espaço de tempo.

A adesão efusiva do principal empresário caxiense a um governo ilegítimo apenas poucos anos após elogiar com contundência uma movimentação política opositora de conterrâneos riograndenses é fruto da convergência de dois fatores principais: o primeiro, o alinhamento das elites e do empresariado em geral e a nível nacional ao golpe e à ditadura militar, dentro de um processo construído a partir de 1961 e que teve como protagonistas centrais o IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), que operaram como núcleos conspiratórios com alcance em grupos sociais variados, vinculando-se a associações empresariais, jornalistas, políticos, militares de alta patente, líderes religiosos, etc; o segundo fator, a força de uma “ideologia da conveniência” no empresariado caxiense, procurando sempre se manter próximo aos ocupantes do poder, sem questionamentos, algo perceptível desde suas primeiras relações com o governo estadual no início do século XX, passando pelo período varguista e que se manterá até o recorte final da pesquisa. Sobre a proximidade do empresariado com a ditadura militar e o golpe, Dreifuss (2006) aponta:

O envolvimento político dos empresários multinacionais e associados foi exemplificado por seu êxito em obter o apoio de frações economicamente subalternas que eram parte do bloco populista oligárquico-industrial. A necessidade de os interesses multinacionais e associados abarcarem o bloco oligárquico-industrial era premente sobre dois aspectos básicos. Em primeiro lugar, o bloco oligárquico-industrial ainda era politicamente predominante, através de sua influência sobre os partidos nacionais e regionais, a mídia e os governos de Estado. (...) Entretanto, a forma de ação política mais importante exercida pelos empresários e tecnoempresários e que sempre foi pouco enfatizada em estudos anteriores da conjuntura política do início da década de sessenta foi a campanha dirigida pelo IPES contra o Executivo, a esquerda e o trabalhismo. A elite orgânica, sob a cobertura do IPES, enfrentava o Executivo em constantes batalhas políticas, hostilizando-o e conseguindo reduzir o espaço político do governo para manobras, enquanto preparava um golpe estratégico militar dirigido ao centro de equilíbrio do regime. Tanto o Estado quanto a sociedade foram transformados em campo de batalha. (DREIFUSS, 2006, p. 503 – 504)

A chegada de Castelo Branco quase um mês após o início da Festa foi noticiada pelo jornal local de forma efusiva. Na capa da edição de vinte de março de 1965 do periódico,

várias fotos compostas do presidente em diferentes espaços de comemoração da cidade continha abaixo a seguinte legenda:

“Sua atitude de dirigir-se à pé, à Exposição e ao desfile de carros alegóricos e tradicionalista⁹², numa demonstração de apreço e carinho ao povo que o aguardava nas ruas, deram-lhe o aplauso sincero e vibrante deste mesmo povo, aplausos que o Presidente transferiu de si à revolução renovadora do Brasil.” (POVO TRIBUTOU... 1965, p. 1 – 4.)

Dentre todas as edições da Festa, as de 1965 e 1972 foram aquelas nas quais a cobertura do jornal Pioneiro a respeito dos presidentes que visitaram o evento foram mais exaltantes. O caráter conservador do periódico e o clima político repressor explicam isto. O uso da palavra “revolução” para se referir ao golpe de 31 de março de 1964 e a uma “renovação” do país demonstra como o periódico praticamente adotou o discurso oficial do novo regime. Além disso, há no periódico a recorrência da narrativa na qual a “revolução de 1964” foi responsável por manter a democracia no Brasil⁹³.

Castelo Branco visitou vários espaços locais, inclusive o CTG Rincão da Lealdade, onde ocorreu um churrasco com autoridades. De lá proferiu discurso no qual se percebe pela primeira vez um esforço de vincular a categoria “trabalho” ao “Duque de Caxias”:

Caxias, também meus senhores, agora muito bem nos lembramos, nasceu sob o signo do Duque de Caxias. Ele representa para o Brasil a integração territorial de nosso país e hoje, a cidade de Caxias, é um grande fator de integração do trabalho no Brasil (POVO TRIBUTOU... 1965, p. 1 – 4.).

De fato, é uma construção de sentidos um pouco confusa. Difícil imaginar como coerente uma cidade interiorana com pouco mais de cem mil habitantes, perfil industrial e marcada pela distintividade étnica enquanto “*fator de integração do trabalho*” de um país de proporções continentais. Este sentido poderia ser atribuído a uma metrópole com atividades

⁹² De acordo com as fontes analisadas, não foi possível precisar se a adjetivação “tradicionalista” ao desfile se refere ao tradicionalismo gaúcho ou a tradições dos imigrantes italianos. Como veremos adiante, a primeira referência nítida sobre performances de tradicionalistas gaúchos dentre as diversas atividades na programação da Festa da Uva serão observadas na edição de 1969, e a presença de carros alegóricos vinculados a esta identidade nos desfiles a partir de 1972.

⁹³ Na interpretação dos periódicos durante o período da ditadura militar, principalmente entre os anos de 1964 e 1980, encontramos basicamente os discursos das forças políticas vitoriosas de então, que passaram pelo crivo da ditadura, no que implica nos limites de interpretação que podemos fazer a partir deles. Neste sentido, estas fontes apresentam narrativas sobre estas identidades que estavam sendo construídas por aqueles que estavam no poder.

econômicas diversas nos três setores e que fosse destino migratório de trabalhadores de várias regiões do país, o que definitivamente não era o caso da Caxias do Sul da época.

Embora o discurso de Castelo Branco seja estranho sob uma ótica racional e de coerência histórica, devemos atentar para suas intenções. Há um esforço de vincular representações acerca do patrono do exército brasileiro, do qual derivou o nome da cidade (embora sem vinculação histórica específica com este) e responsável por combater revoltas separatistas no período imperial, inclusive no próprio Rio Grande do Sul, com a categoria “trabalho”. Símbolo da manutenção da integridade territorial nacional, a busca em promover uma relação entre Duque de Caxias com o elemento “trabalho” faz sentido se considerarmos a preocupação da elite conservadora brasileira, na qual se inclui os militares, com a integração de imigrantes de variadas nacionalidades ao país sob o predomínio de uma brasilidade lusa. Sob esta ótica, pode-se afirmar que Caxias do Sul, marcada pela imigração, desenvolvimento econômico e integrada ao Brasil estava sendo alçada à condição de exemplo desta “integração” almejada pelos militares. De qualquer forma, tal discurso revela a estreiteza dos temas e preocupações nacionalistas recorrentes na elite brasileira atrelada aos setores mais conservadores.

A Festa da Uva de 1965 coincidiu com os 90 anos da imigração italiana. Foi considerado o maior evento do gênero na América do Sul, sendo que o parque de exposição da época foi visitado por mais de 350 mil pessoas (ERBES, 2012, p. 115). As edições seguintes passam a ser continuamente marcadas pelas referências à grandeza da Festa. Na edição de 1969⁹⁴, a qual contou com a presença do presidente general Arthur da Costa e Silva no encerramento, a capa do Pioneiro de 22 de fevereiro de 1969 designa-a como “*aquela que está sendo apontada como a maior promoção do Brasil, excluído, evidentemente, o Carnaval*”. No editorial deste mesmo dia, o periódico concentrou-se na promoção da representação do trabalho, ao mesmo passo em que evidencia um distanciamento do item principal da Festa, a uva.

“A XI Festa da Uva e a V Exposição Agro-Industrial que hoje se iniciam, têm um significado muito mais profundo do que aquele que, superficialmente, se lhes pode atribuir. Não são apenas uma promoção

⁹⁴ Em 13 de dezembro de 1968, foi publicado o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que abriu a fase mais repressiva da ditadura militar. Apesar de ter sido revogado completamente em 1978, alguns de seus efeitos já haviam sido abrandados em 1975. É importante destacar que um dos efeitos do AI-5 foi o estabelecimento da censura, sendo que todas as publicações de jornais passaram a ser averiguadas por órgão governamental previamente à publicação.

destinada a atrair visitantes, a tornar mais conhecido o nome da cidade, a estimular vendas e incentivar o movimento comercial, a mostrar a centenas de milhares de forasteiros aquilo que fazemos nos mais diversos setores de atividade. A Festa da Uva e a Exposição Agro-Industrial são, principalmente, uma apoteose ao trabalho, uma homenagem aos homens anônimos que lavram a terra, aos trabalhadores anônimos das fábricas, que constroem o progresso e a riqueza, aos homens de todas as profissões que constantemente, dia após dia, ano após ano, nas oficinas, nos escritórios, nas escolas, nos laboratórios, em toda parte onde haja labor produtivo e útil, forjaram a grandeza de um município que, antes de completar cem anos de existência, orgulha-se de ombrear-se com os mais desenvolvidos do país, onde a renda per capita não está longe da obtida pelos povos mais adiantados do mundo.” (O CENÁRIO ESTÁ... 1969, p.1)

No decorrer deste editorial, além da contínua pauta elogiosa ao trabalho e ao desenvolvimento econômico local, há apenas uma menção aos cachos de parreirais. Como vemos acima na sua chamada inicial, quando aponta que a Festa da Uva não é apenas uma forma de “*tornar mais conhecido o nome da cidade*” utilizando um recurso discursivo, está deixando evidente que esta *é de fato* a função primordial da festa, concomitante à produção de representações positivadas sobre o caráter trabalhador dos locais e o progresso propiciado por tal valência.

O ano de 1969 marca também a primeira vez que se encontra menções à participação de CTG na programação das festividades. Entre as várias atividades no quase um mês de festa, aparece no dia 2 de março a previsão de uma “doma de potros” na mangueira do CTG Rincão da Lealdade, no dia 7 de março um churrasco no mesmo CTG com apresentação de danças artísticas e uma “corrida de cancha reta” no CTG Paixão Cortes, no dia 21 do mesmo mês.

Destaco que estas atividades provavelmente não foram as primeiras demonstrações de manifestações tradicionalistas nas edições da Festa da Uva. Lembro que Joaquim Pedro Lisboa, amplamente reconhecido no meio local como “pai” da Festa da Uva e membro dos comitês organizadores de várias edições, foi o fundador do CTG Rincão da Lealdade e provavelmente as edições após 1950 contaram com alguns eventos relacionados a este espaço tradicionalista gaúcho. Entretanto, é em 1969 que estas manifestações ganham visibilidade mais significativa dentro da agenda de atividades da festa. Isso se percebe pelo fato destes eventos serem noticiados nas edições do jornal próximas ao dia em que ocorreram, ocupando espaço de quase meia página e com fotos, além de neste ano haver uma “Subcomissão de Tradicionalismo” na comissão executiva da festa, presidida pelo patrão do CTG Rincão da Lealdade, Clóvis Pradel Pinheiro. Embora a presença de entidades tradicionalistas na

programação da festa seja mais constante a partir da década de 1980, isto merece destaque na medida em que reforça a crescente proximidade e integração entre os líderes estratégicos destas duas identidades. Na reportagem relativa ao “domo de potros”, a reportagem do jornal assinala que “*o tradicionalismo gaúcho, cultuado com tanto carinho em Caxias do Sul, também tem presença destacada na Festa da Uva*” (TRADICIONALISMO GAÚCHO... 1969, p. 3).

Outra projeção de representações perceptível nesta edição do Pioneiro é a respeito do “espírito empreendedor” dos empresários locais. Narrativas a este respeito estão presentes em notas patrocinadas por entidades empresariais saudando as autoridades que viriam ao município na abertura do evento, como é o caso da publicada pelo Centro da Indústria Fabril de Caxias do Sul, “*entidade que congrega os industriais deste município, os quais, pelo seu espírito empreendedor, vêm contribuindo, desde há muito, para o progresso e o desenvolvimento desta magnífica cidade*” (CENTRO DA INDÚSTRIA FABRIL DE CAXIAS DO SUL. 1969, p. 3). Por meio destas notas percebe-se também um esforço da elite econômica local em apresentar para as autoridades uma narrativa em que o trabalho e o progresso local se revestem de interesses em prol do estado e do país, como demonstra a nota da Associação Comercial e Industrial de Caxias do Sul.

“Quando a laboriosa população caxiense vibra de entusiasmo com a inauguração da XI Festa da Uva e V exposição Agro-Industrial, a Associação Comercial e Industrial de Caxias do Sul, congratula-se com o comércio e indústria desta cidade e, em nome do empresariado caxiense transmite às autoridades e aos visitantes as suas saudações, com a certeza de que Caxias do Sul mais uma vez confirmará sua tradição de hospitalidade e cortesia. E que mais este magno certame seja o testemunho do que aqui se faz em prol do desenvolvimento do Rio Grande do Sul e do Brasil. (CENTRO DA INDÚSTRIA FABRIL DE CAXIAS DO SUL. 1969, p. 3)

Percebe-se a reificação de uma “brasilidade”, elemento representacional marcante projetado pela elite dirigente local após a retomada da festa em 1950, mas com uma suave diferença em relação àquela proposta há 19 anos, quando se tentava projetar elementos comuns entre os portadores da italianidade e o Brasil. O esforço ideológico mais recente se concentra em produzir um sentido de que o trabalho e o conseqüente progresso dos locais ajudam e desenvolvem a pátria, evitando vinculações que atenuem a contrastividade étnica da italianidade, como fica evidente na nota da comissão organizadora da festa:

“Caxias do Sul a todos recebe com seu amplexo fraternal e com certeza de estar, através dos festejos que se iniciam, exaltando o espírito empreendedor de todos quantos têm contribuído para o desenvolvimento e para o progresso da Pátria.” (COMISSÃO EXECUTIVA DA FESTA DA UVA DE 1969, 1969, p. 5)

A construção deste novo tom de “brasilidade”, evitando vinculações e projeção de sentidos que pudessem pasteurizar o conjunto de elementos simbólicos da italianidade, manteve-se nas edições seguintes até o final do século XX. Com esta narrativa, a elite local atingia vários objetivos: granjeava para si os louros do progresso por conta do espírito empreendedor entremeada à valorização do trabalho, este último que dividiam com a população local em geral e projetavam-se para importantes personagens políticos nacionais, angariando um capital simbólico necessário para se cacifar quando fosse necessário fazerem demandas diversas perante o governo, como financiamentos, obras de infraestrutura, mudanças legislativas, entre outros.

Neste sentido, manteve-se o tom elogioso a estas figuras, com muito maior ênfase desde 1965, como fica demonstrado nesta nota de uma página inteira do jornal patrocinada pela Metalúrgica Abramo Eberle e direcionada a Costa e Silva, tratado como o “*multiplicador do Brasil*”. É importante destacar que estas notas ufanistas com fotos dos presidentes eram publicadas no jornal no dia da visita dos presidentes, o que leva a um raciocínio óbvio de que estes empresários patrocinavam as mensagens na expectativa de que fossem lidas pessoalmente pelo presidente ou, no mínimo, de que fossem informados de tais gracejos por meio de seus assessores.



FIGURA 11 - PUBLICAÇÃO DA METALÚRGICA ABRAMO EBERLE NO JORNAL PIONEIRO DE 1969 NO DIA DA VISITA DE COSTA E SILVA À FESTA DA UVA. (O GOVERNO QUE.... 1969, P. 5)

Em 1972, o presidente de então, general Emílio Garrastazu Médici, participou da abertura da festa junto ao governador do estado, Euclides Triches, ex-prefeito de Caxias do Sul. Esta edição foi marcada pelo fato da Festa da Uva ser objeto da primeira transmissão em cores da televisão brasileira. Segundo Erbes (2012, p. 315), houve uma interferência decisiva do Ministro das Comunicações, o caxiense Higino Corsetti, para que a Festa da Uva fosse o cenário desta primeira transmissão em detrimento do carnaval carioca, que ocorrera semanas antes.

Além de ser cenário para este pioneirismo na televisão nacional, a produção de narrativas sobre a cidade e a italianidade, bem como o esforço de aproximação com autoridades nacionais mantiveram tom similar às duas edições anteriores. Na capa do Pioneiro, no dia inaugural da festa, 19 de fevereiro de 1972, percebem-se projeções de grandeza junto à valorização do trabalho, do progresso e vinculação ao Brasil em frase destacada abaixo de foto aérea da cidade: *“Nossa cidade tem hoje foros de cidade grande, capital industrial do Rio Grande do Sul, glória e orgulho de um povo que trabalha e produz, engajado na luta comum em busca do Brasil Grande”* (PÁRA O TRABALHO... 1972, p. 1). Na sequência, no corpo do texto, mais um reforço desta pujança industrial:

“A uva e o vinho estão em evidência na Festa, mas a Metrópole do Nordeste é, ainda, o maior parque industrial do Estado e seu crescimento de produtividade industrial é maior do que o da própria nação” (PÁRA O TRABALHO... 1972, p. 1)

Esta festa é marcada pela presença de um carro alegórico do CTG Rincão da Lealdade, o quadragésimo primeiro de 42 veículos programados para o curso, com o lema *“É tempo de Rio Grande”*, cuja descrição na programação oficial do evento constava como para *“mostrar a evolução progressista do Rio Grande do Sul”*. Esta frase é também uma canção de Teixeira, gravada neste ano de 1972, exultante do progresso econômico do estado e com ritmo de marcha carnavalesca, similar às músicas estudantis do período militar.

Também na edição deste dia do jornal Pioneiro encontramos uma nota de praticamente uma página dirigida ao *“Excelentíssimo Senhor Presidente General Emílio Garrastazu Médici”* com a mesma temática, mencionando em sua mensagem final *“é tempo de Rio Grande. Tempo de confiança. É tempo de Brasil”*.

A nota não tem assinatura ou emblema que identifique seu autor. Considero pouco provável que seja de autoria do próprio jornal, na medida em que tece elogios apenas ao

estado, sem mencionar o município ou a RCI. Pela mensagem como um todo e pelo trecho final, é muito provável que seja vinculado ao carro alegórico do CTG Rincão da Lealdade, demonstrando como esta entidade adotou uma tática similar do empresariado local para chamar a atenção do Presidente da República na já tradicional visita à Festa da Uva no dia de abertura. Em pequeno texto junto à página da nota, expõe notas elogiosas ao governo e de vinculação ao Brasil, neste caso, do Rio Grande do Sul:

Senhor Presidente, temos um novo Rio Grande para lhe mostrar. Neste Estado, graças às diretrizes que norteiam todo o Brasil, os homens pensam e agem em termos de futuro. A fé e a confiança foram restauradas. O otimismo e o entusiasmo moram no coração de nossa gente. Somos 7 milhões de gaúchos com as aspirações revigoradas e que sabem que aqui no Rio Grande, nosso berço, está também o nosso presente e o nosso futuro (EXCELENTÍSSIMO SENHOR... 1972, p. 2).

É o primeiro caso que verifico de uma nota publicada neste periódico no dia de abertura da Festa da Uva visando a elogiar autoridades sem fazer menção aos valores típicos da italianidade, da região ou da cidade em geral. Provavelmente perpetrado pelo CTG Rincão da Lealdade, vejo nisto um movimento estratégico que visa ao crescimento da projeção do tradicionalismo por parte das lideranças do movimento no cenário local, fazendo uso de forma pública de um procedimento que a elite econômica e política costumava lançar mão. Uma cartada ousada no jogo identitário local e também demonstrativa do caráter conservador do movimento, dado o tom elogioso destinado ao governo central .

A edição de 1975 da Festa da Uva coincidiu com a comemoração do centenário da imigração italiana. O que marcou de forma decisiva esta edição foi o fato de ter ocorrido em um novo espaço físico, os pavilhões da Festa da Uva, onde ocorrem as exposições da festa até a atualidade. A busca por verbas para construir o novo espaço por parte da prefeitura junto ao governo do estado e ao governo federal levou a negociações das quais resultaram a criação de uma empresa, a Festa Nacional da Uva, Turismo e Empreendimentos S/A, naquele momento com ações majoritariamente distribuídas entre Embratur e CRTur (Companhia Riograndese de Turismo), que representavam respectivamente o governo federal e estadual. A prefeitura de Caxias do Sul ficou com parte minoritária das ações, ao lado da Mitra Diocesana e mais um pequeno número de cotistas, sendo que só assumiria o controle acionário da empresa anos depois.

Um novo espaço para a festa se fazia necessário já há algumas edições, na medida em que o antigo edifício não comportava todos os expositores e exigia a montagem de um pavilhão metálico precário dentro do antigo parque. A festa desta edição teve como mote central celebrar imigrantes ainda vivos, homenageados no seu cartaz e que desfilaram à frente do curso alegórico de abertura com a faixa: “*Sr. Presidente, há 100 anos plantamos a riqueza do Brasil*”.

Quanto às representações valorizadas, não se percebe novidades nesta edição de 1975 em relação às três anteriores (1972, 1969, 1965). O incensamento do presidente por parte da elite econômica local também se manteve, Ernesto Geisel veio à cidade na abertura e notas em jornais patrocinadas por empresas foram publicadas. A nota de agradecimento da Festa da Uva, agora enquanto empresa e não mais como comissão organizadora, direciona levemente sua narrativa para valorizar os “sacrifícios” desta “dura jornada” da epopeia da imigração, numa retomada do sentido do “esforço civilizatório” levado a cabo pelos imigrantes ao se depararem com esta “terra selvagem”. Tal sentido havia ficado menos aparente nas últimas edições, muito provavelmente devido à crescente distância temporal entre as sucessivas edições da Festa e os anos iniciais da colonização, como também em virtude do direcionamento das produções de narrativas focadas na valorização dos elementos “trabalho”, “progresso”, “desenvolvimento” e “contribuição à pátria”. Este direcionamento na edição do centenário é compreensível, na medida em que se propõe a comemorar a imigração italiana desde o seu início, o que lhe impõe a construção de sentidos sobre isso, ou melhor, de repaginar narrativas antigas, como esta do “papel civilizatório” dos imigrantes.

Ao povo de Caxias do Sul, às autoridades, aos milhares de turistas que vieram e virão à Caxias para a Festa do Século, o nosso comovido muito obrigado. Aos sacrifícios e desafios de toda ordem, sentidos e enfrentados ao longo desta dura jornada, só encontraram paralelo no espírito empreendedor e na fé inabalável do povo caxiense. Caxias não dorme sobre os louros de seus primeiros cem anos. Enfrenta corajosamente o segundo século, com o mesmo inquebrantável espírito de pioneirismo, trabalho e amor (OBRIGADO... 1975, p. 3).

É importante destacar como estas reiteradas representações do trabalho e do progresso imputadas à sociedade caxiense, que se encontram dentro do mesmo sistema de representações, são performatizadas nos desfiles alegóricos, além dos sacrifícios e dificuldades encontrados pelos imigrantes nas décadas iniciais da colonização. Reproduzidas em praticamente todas as edições da Festa da Uva, coadunam-se com pautas da propaganda

do regime militar, aproximando elementos importantes no imaginário social caxiense ao repertório do governo.

A prática da exigência de sacrifícios tido como indispensáveis ao crescimento econômico e à transformação do Brasil em “grande potência” – miragem que desvairou boa parcela da sociedade brasileira durante parte do regime militar pós-64. [...] A justificação do pedido de sacrifício sempre se fundou numa articulação temporal simplista: sacrifício no presente, pois se tem confiança no futuro; logo, são transitórios os sacrifícios, porque é inexorável o destino de grandeza do país.” (FICO, 1997, pg. 30-31)

Percebemos como a lógica desta narrativa propagandeada pelo governo federal tinha capacidade de atingir seus fins de forma mágica, porque não reconhecida enquanto tal. Isso se torna nítido quando observamos editoriais do Pioneiro nos quais se apontam os sacrifícios e o progresso que marcaram os caxienses e dessa forma contribuiriam com o país, como é o caso dos editoriais de 1975. Uma lógica simples, de fácil compreensão e coerente no imaginário coletivo da sociedade local. Este alinhamento nos permite inferir como a construção da postura elogiosa da mídia local ao governo federal, na ditadura entre 1964 e 1980, possivelmente não se devia apenas ao medo da repressão, mas também a um significativo alinhamento ideológico.



FIGURA 12 - NOTA PATROCINADA POR EMPRESAS CAXIENSES EM HOMENAGEM A ERNESTO GEISEL EM PÁGINA INTEIRA PUBLICADA NO JORNAL DE CAXIAS NO DIA DE SUA VISITA À FESTA DA UVA EM 1975. (NO ENSEJO... 1975, P. 5)

Demonstrando um estabelecimento do movimento tradicionalista na Festa da Uva, o curso alegórico de 1975 contou com três carros vinculados à temática gauchesca. O “Cortejo do Rincão da Lealdade”, que representava a chegada do imigrante, o “Chimarrão”, que simbolizava a cordialidade e hospitalidade do gaúcho e o Piquete de Cavalaria Máximo da Luz. O desfile teve no total apenas quatro carros a mais que na edição anterior. Isso demonstrava como, proporcionalmente, o tradicionalismo estava ganhando visibilidade no evento.

Ernesto Geisel ainda era Presidente da República quando ocorreu a edição seguinte da festa, em 1978, e se dirigiu novamente à cidade para a abertura do evento. As tradicionais notas publicadas em jornais efusivas ao presidente no dia de abertura da festividade foram sensivelmente mais “patrióticas” que de costume. A nota assinada pelo presidente da Festa da Uva S/A, José Ioppi, por exemplo, retomou a figura do Duque de Caxias:

A Festa da Uva é a exaltação do trabalho, voltado para a grandeza da Pátria. A terra, que venera a figura solar do Duque de Caxias, mantém-se fiel ao espírito daqueles que a fundaram no já longínquo 1875. Dos pioneiros esperou-se progresso, dinamismo e confiança no país. As Festas da Uva, inspiradas no vigor da terra, comprovam fidelidade a uma tradição voltada para a Agricultura, o Comércio e a Indústria. (IOPPI, 1978, p. 3)

Ioppi assumiu o cargo pois fora indicado pelo governo estadual, acionista majoritário da Festa da Uva S/A. O governador era Sinval Guazzeli, da ARENA. Isto talvez explique a efusividade da nota e a hipérbole a respeito da “veneração do Duque de Caxias”, que provavelmente ocorria apenas dentro do quartel local. A nota da Prefeitura Municipal, assinada por Mansueto Serafini, do MDB, traz um leve tom crítico, que dentro do contexto ufanista que se percebia nestes espaços discursivos desde o início da ditadura militar, parece estarmos diante de uma enorme quebra de protocolo:

“Num chamamento natural às autoridades nacionais, a Metrópole do Nordeste, por ocasião de cada Festa da Uva, propicia um monumental desfile de beleza, diverso dos demais. Na passarela de suas avenidas, a labuta diária, exemplo dos denodados imigrantes itálicos de 1875, é demonstrada aos nossos visitantes, através de milhares de trabalhadores desta terra dadivosa, criadores do progresso e da constante produtividade regional, propiciando uma participação sempre crescente no desenvolvimento do Rio Grande e do Brasil. Saudando o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, General Ernesto Geisel, a maior autoridade presente nesta Festa de Fé e Trabalho – sem jamais esquecermos os graves problemas que atingem as cidades de médio porte e seus trabalhadores – estendemos os nossos cumprimentos de

boas vindas a todas as autoridades que aqui comparecerem, prestigiando este evento nacional: a Festa da Uva” (SERAFINI FILHO, 1978, p. 5).

A nota de Mansueto vincula o caráter trabalhador dos caxienses ao “exemplo” dos imigrantes itálicos, exalta o progresso e os recursos da festa, menciona a participação que este progresso tem no desenvolvimento do Brasil, mas sem o tom ufanista e patriótico e lembra “*os graves problemas que atingem as cidades de médio porte e seus trabalhadores*”. Contextualizando historicamente, podemos conjecturar que Mansueto se permitiu tal posicionamento crítico por conta do relaxamento da repressão do regime militar, no paulatino processo de abertura política que marcou o governo Geisel. É necessário destacar que o período anterior, do governo Médici, foi o mais violento na repressão e o momento mais tenso da ditadura. É possível que o afastamento ideológico que perceberemos nos jornais nos anos seguintes se deva também em boa parte a este fim do período mais repressivo do regime.

Tendo iniciado sua carreira política no PTB, Mansueto era considerado no meio local como “brizolista” e, obviamente, opositor do regime militar. Também devemos considerar que, no final da década de 1970, o “milagre econômico” já havia passado, o que impactou muitas empresas caxienses que começaram a encontrar dificuldades financeiras e atingiu também a classe trabalhadora local, gerando descontentamentos. Provavelmente Mansueto não arriscaria seu capital político por conta de uma nota de jornal, se esta contrariedade sutilmente expressa a Geisel não lhe granjeasse dividendos entre seus eleitores ou, no máximo, não lhe representasse perdas.

A nota do prefeito municipal que expressava insatisfação frente ao governo federal, em pleno regime militar, quando da visita do presidente, pode ser metaforicamente associada à abertura de uma pequena rachadura em uma edificação ainda firme. O regime militar perduraria no país por mais sete anos após 1978 e, neste mesmo ano, empresários e suas associações de classe mantiveram o esforço de saudar a figura presidencial por meio de notas. Destaco uma de Raul Randon, presidente da Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul na época, na qual além das recorrentes representações já vistas em outras notas, aparece em uma foto ao lado de Geisel, provavelmente tirada na edição anterior da festa. Como veremos no próximo capítulo, Raul Randon se firmaria como maior *role model* de empresário de sucesso caxiense a partir da década de 1980, quando a Metalúrgica Abramo Eberle entra em decadência. O setor metal mecânico passou por um grande crescimento entre fins de 1960 e, na década de 1970, assume a dianteira. Neste âmbito, será interessante analisarmos como Raul Randon assume o papel que foi, em décadas anteriores, de Júlio Eberle e como incidiria

em uma série de atitudes similares dentro do jogo identitário entre italianidade e tradicionalismo no universo simbólico local.



FIGURA 13 - NOTA DA CIC DE CAXIAS DO SUL PUBLICADA NO JORNAL PIONEIRO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1978, COM RAUL RANDON AO LADO DE GEISEL. (SAUDAÇÃO... 1978, P. 7)

3.2 Tradicionalismo em Caxias do Sul durante a ditadura militar e vinculações com a imigração italiana

A construção das identidades sociais é um fenômeno bastante permeável a diferentes campos das relações humanas. No caso de uma identidade regionalista como o tradicionalismo gaúcho, percebe-se uma significativa suscetibilidade frente ao campo político, um espaço de disputas que aciona constantemente a produção de representações e símbolos que são vinculados a estas identidades. Isso se deve ao fato de permitirem operar e alinhar sentidos reconhecidos por ampla porcentagem de uma determinada população desta região, alcançando diversos estratos sociais independentemente de recortes como renda, religião, idade, sexo e outros.

Percebemos isso com as representações salientadas sobre os gaúchos no discurso de Júlio Eberle, na Semana Farroupilha de 1961, quando reforçou o heroísmo, a bravura, o compromisso com a justiça, e outras valências dos gaúchos visando a incutir um sentido positivo à Campanha da Legalidade.

Conforme vimos anteriormente, no ano de 1964 se instala um regime político ditatorial no Brasil, que perduraria até 1985. Marcado por diferentes fases no que tange à censura de críticos e à perseguição de opositores, pode-se afirmar que apenas em fins da década de 1970 o regime abrandou, quando os militares já preparavam um lento desembarque do comando do governo, em virtude do desgaste de popularidade por conta das crises econômicas e inflacionárias que se sucederam a partir de 1975. Durante este período, a propaganda do governo federal operou de forma exitosa a promoção do patriotismo, procurando evitar a demonstração de um caráter oficial em suas manifestações e direcionar um sistema de representações já constituído sobre a “brasilidade” visando a atingir seus fins. Concentrando sua linha de ação propagandística com tal ideia-força, pautava importantes espaços do debate público, como publicidade em geral e a mídia. De acordo com Fico (1997, p. 146)

Os “temas decorosos”, a defesa dos “sentimentos nobres” e as campanhas de cunho educativo ou cívico não expressavam, portanto, uma inocência ou desimportância. Esta era a única forma de fazer propaganda política naquele momento. Por isso não seria possível analisá-la segundo modelos clássicos de interpretação histórica sobre o tema. A propaganda da Aerp/ARP não foi doutrinária. Amparou-se num material histórico preexistente – com o que se assemelhou a tantas outras (Domenach, 1963:68) –, fundou-se em mitos e estereótipos clássicos da “brasilidade”, mas, diferindo dos tipos clássicos, não referiu tal material a um partido ou a um ditador: pretendeu dirigir-se diretamente à “alma nacional”, sem recorrer a esses “intermediários”, transparecendo assim um caráter não oficial. Pelas mesmas razões, procurou-se imiscuir na publicidade, derramando-se, alastrando-se como algo dado, corriqueiro, natural, o que infelizmente, em muitos momentos, parece ter conseguido.

Considerando a eficácia dessa promoção da “brasilidade”, levando-a a se espalhar em outros meios, a ideia-força do patriotismo gerou efeitos significativos na construção de representações de identidades sociais. Em relação ao tradicionalismo em Caxias do Sul, isso fica mais evidente a partir de 1965.

É importante ressaltar que a associação do tradicionalismo ao patriotismo não era algo novo, na medida em que o movimento havia sido patriótico e conservador desde sua ritualística inicial. Distante de qualquer tipo de característica contestadora ou subversiva, já empreendia o reforço de uma narrativa de brasilidade do Rio Grande do Sul e dos gaúchos desde sua fundação em fins da década de 1940, antes da ditadura militar, um discurso herdado do regionalismo dos literatos prévio à própria Campanha de Nacionalização. Como aponta

Nedel (2005, p. 89), pode-se afirmar que o tradicionalismo – enquanto expressão mais forte do regionalismo gaúcho – erigia-se como a execução regional de um projeto nacional:

O processo sistêmico pelo qual a formulação do autêntico regional colabora para a própria singularização da Nação, tanto reproduz a centralização dos espaços de produção cultural quanto dela resulta. Pela sua própria natureza, o regional descrito pelas ciências e pelas artes só pode ser compreendido em sua integralidade de um ponto de vista relacional, ou seja, inscrito no quadro federativo das práticas de sociabilidade, circulação e consagração de títulos e autores, com seus foros de enunciação, redes de reconhecimento, círculos de identificação interligados e lugares de convergência.

Além da complementaridade ideológica com o regime militar, outro fator importante em promover este caráter patriótico do movimento em Caxias do Sul foi a linha editorial do principal periódico, o *Pioneiro*, indubitavelmente conservador e elogioso ao regime de forma indiscreta em seus anos iniciais. Tal tendência é perceptível quando analisamos o editorial da edição de 21 de setembro de 1963, quando o país vivia intensa polarização política. O discurso em prol da “ordem” era praxe na maioria dos periódicos brasileiros, quase todos de viés conservador e que apoiariam o golpe cívico-militar em 31 de março de 1964 como um movimento que “restauraria” a democracia.

A comemoração do dia 20 de setembro torna-se imperiosa quanto mais a desordem e a anarquia parecem tomar conta desta terra. Embora o dia 20 de setembro seja um ato de revolta, antes de tudo ele é um ato de afirmação e de respeito à pessoa humana. (COMEMORAÇÕES TRADICIONALISTAS. 1963, p. 2.)

Da mesma forma que no capítulo anterior, faz-se necessário mensurar a visibilidade que os periódicos concederam ao tradicionalismo no recorte temporal. A tabela abaixo reforça a importância do *Pioneiro* entre as mídias impressas caxienses, único periódico que manteve publicações em todos os anos sobre o tradicionalismo durante a Semana Farroupilha no recorte temporal já aludido.

Tabela 2 – Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses entre os anos de 1964 e 1979

JORNAL	ÉPOCA DE TIRAGEM	Quantidade de menções encontradas por ano														Circulação		
		1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977		1978	1979
Caxias Magazine	1958 a 1970			1		1												semanal
Correio Riograndense	1941 a 2013					1		4	2	1		2		1			2	semanal
Ecoss do Mundo	1962 a 1964	3																quinzenal
Jornal de Caxias	1973 a 1989														2		2	semanal
Pioneiro	1948 a 2010	2	4	2	7	5	7	5	2	6	4	2	5	7	6	4	8	semanal até 76, depois bissemanal
Vanguarda	1964	2																quinzenal

KIELING JUNIOR (2021)

Nos primeiros anos do regime militar, as comemorações tradicionalistas próximas ao 20 de setembro não sofreram grandes modificações em termos de formato e popularidade. Houve uma importante institucionalização no ano de 1964, quando a Assembleia Legislativa aprovou uma lei que oficializava a data entre 14 e 20 de setembro de todo ano como “Semana Farroupilha” aquilo que anteriormente era designada como “Ronda Crioula”, sendo que a partir de então, o ritual criado pelos estudantes em 1947 passa a ser realizado com todas as honras oficiais dentro do palácio do governo. Conforme aponta Nedel (2005, p. 147), embora este passo tenha sido um dos primeiros e mais importantes dentro do processo de institucionalização do tradicionalismo, principalmente por abrir espaços e postos nas estruturas governamentais estaduais para estes folcloristas, a curto prazo não ensejou transformações significativas nos rituais tradicionalistas.

Em Caxias do Sul, entre 1964 e 1965, manteve-se parte da liturgia dos anos anteriores, na medida em que a chama simbólica não foi acesa em Água Azul, mas no Monumento ao Imigrante e depois foi aceso o candieiro Eberle, com a participação de Júlio Eberle ainda nas comemorações. Em 1964, o tom do editorial do Pioneiro de 19 de setembro apresenta pela primeira vez, uma busca de compreensão social do tradicionalismo.

Embora seu nome possa significar a evocação dos eventos ligados à epopeia do decênio heroico (1835-1845), na verdade, o que mais tem sido ressaltado e sentido, é o tradicionalismo. A Semana Farroupilha, poderia merecer, com a devida honra, o nome de Semana Tradicionalista.

E não deixa de ser estranho que neste século de abruptas mudanças, o movimento tradicionalista gaúcho tenha tanta receptividade e passe a exercer tanta influência em numerosos estados da união.

É que o tradicionalismo revela um fato cultural e sociológico dos mais profundos. A velha estrutura gaúcha foi atingida pelo impacto econômico, mas o povo não quer deixar morrer sua herança cultural. (TRADICIONALISMO... 1964, p. 2.)

Por ser uma nota editorial, desconhecemos o autor do texto acima. Percebe-se como a exaltação do “decênio heroico” do 20 de setembro ainda era vista por alguns como algo que poderia ser desassociado do tradicionalismo, como uma data cívica, e não parte do mesmo conjunto de representações regionalistas. Neste sentido, é importante lembrar que a data foi um dos motivos de reunião do grupo inicial do 35 CTG, e que é a respeito dela que realiza suas maiores celebrações e ergue seus principais símbolos. O que chama a atenção é o fato de ser a primeira menção em um periódico que aponta uma tentativa de compreensão dos aspectos sociológicos do fenômeno, mesmo que sua explicação se dê de forma vaga e inócua. Só veremos novamente nos periódicos esta tentativa de análise social do tradicionalismo no final da década de 1970, quando surgiram as primeiras menções às opiniões de intelectuais acadêmicos.

Em 1965, na edição de maio do Boletim Eberle, encontramos nova menção à relação entre Júlio Eberle e elementos simbólicos tradicionalistas. Neste ano, Júlio recebeu do governo federal a Medalha de Honra ao Mérito no Trabalho e Produção e o Boletim Eberle aponta que as homenagens no contexto municipal pelo recebimento desta medalha ocorreram no CTG Rincão da Lealdade que, conjuntamente a esta celebração, agraciou-lhe com uma estátua que representava “o Gaúcho” (CAXIAS DO SUL... 1965, p. 8-11). Esta homenagem local partida do CTG demonstra a repetição do esforço deste grupo em se vincular com a personificação central da italianidade de então e sinaliza como conseguiu se posicionar em poucos anos como um espaço de eventos oficiais da elite política e econômica caxiense.

Tal evento reforça a percepção de que o CTG Rincão da Lealdade era um espaço tradicionalista muito vinculado à elite local, indicando que a popularidade do tradicionalismo entre os estratos mais humildes da sociedade não pode ser averiguado ou inferido por conta das ações que ali ocorriam. Os outros poucos CTG da cidade nestas décadas, Paixão Côrtes e Rodeio Minuano também eram mencionados na programação da Semana Farroupilha pela participação dos rituais e em relação a bailes e festas que realizavam, mas não eram palco destas homenagens oficiais como foi o Rincão da Lealdade. Considero que a associação do Rincão da Lealdade com a elite se deve ao fato de seus fundadores operarem como agentes culturais promotores de ações que os projetavam positivamente no cenário caxiense e para além desde décadas antes da fundação deste CTG.

Com laços bem estabelecidos com esta elite, estes agentes culturais conseguiram propor ações que eram simbolicamente cristalizadas em rituais que projetavam novas representações valorativas sobre esta identidade regional gaúcha em meio a uma cidade

pautada pela italianidade, por vezes gerando narrativas e sentidos de vinculação de símbolos regionalistas gaúchas com símbolos da italianidade, por outras criando vínculos de elementos históricos da cidade com representações tradicionalistas.

Percebe-se a importância deste papel do CTG pelo fato de nas comemorações da Semana Farroupilha, em 1965, a prefeitura homenagear os CTG locais pelos “*relevantes serviços que os mesmos vêm prestando, especialmente quando da recepção de visitantes ilustres*” (SERÁ COMEMORADA... 1965, p. 1), e que tal homenagem foi por meio de um churrasco na sede do CTG Rincão da Lealdade. Na edição do Pioneiro de 25 de setembro, com foto na capa do jornal, em texto negrito, consta que o prefeito “*Hermes João Webber reafirmou a admiração do governo municipal pelo trabalho patriótico e dedicado dos centros de tradições*”. O uso do termo “patriótico” neste ano marca o início de um período em que tais representações acerca dos CTG serão cada vez mais comuns pelos próximos anos.

O viés patriótico às comemorações da Semana Farroupilha são mais nítidos nas comemorações dos anos de 1967 e 1969. Embora a presença de comandantes da guarnição do Exército sediada em Caxias do Sul, tenha possivelmente ocorrido pela primeira vez em 1961, ainda sob efeito da Campanha da Legalidade (quando o III Exército ao qual o grupo é subordinado se alinhou com Leonel Brizola na defesa da posse de João Goulart), entre esta primeira participação e 1966, os comandantes militares locais eram apenas mais uma das personalidades públicas nas celebrações, proferindo um discurso em algum momento do acendimento ou no encerramento da Semana Farroupilha em meio a outras autoridades e líderes tradicionalistas que detinham maior protagonismo e visibilidade quando o evento era reportado na mídia.

Uma guinada significativa marcou a liturgia das comemorações em 1967. De acordo com a descrição da programação do evento publicada na edição de 16 de setembro de 1967 pelo Pioneiro, a chama foi acesa pelo comandante do 3º GAAAE na sede do quartel. Lá este comandante proferiu discurso, e a chama foi transferida até a praça central por Joaquim Pedro Lisboa, onde ocorreu hasteamento das bandeiras nacional e do Rio Grande do Sul, nesta ordem. Em seguida, o prefeito municipal acendeu com esta chama o “Candieiro da Tradição” e proferiu discurso.

Percebemos uma grande reconfiguração simbólica em relação aos anos anteriores. O fato da chama ser acesa na sede local do exército brasileiro e depois transferida para a praça

central da cidade e a menção da ordem de hasteamento das bandeiras nacional e do estado⁹⁵, demonstra uma construção de significados de primazia do “nacional” perante o “regional”, ou utilizando o termo mais em voga no período, da “pátria” perante a região. Estabelecendo comparação com anos anteriores, quando se utilizou um local com significados que amparava narrativas associativas aos mitos de origem do Rio Grande do Sul, desta vez o sentido que o ritual procurou estabelecer foi contundente em apontar que a “pátria” vinha em primeiro lugar.

Esta nova construção, levada a efeito de forma a atender a ideologia patriótica predominante no regime militar, não parece ter gerado insatisfações no meio tradicionalista local, na medida em que um de seus principais agentes, Joaquim Pedro Lisboa, participou dela. Percebemos também como se procurou manter no novo ritual um símbolo anterior, o acendimento do Candieiro, embora não mais mencionado como Candieiro Eberle. Isto reforça a percepção de que o sentido que a ritualística desta edição tentou promover foi desta primazia do Brasil frente ao Rio Grande do Sul, na medida em que não se procurou alterar outras simbologias que já vinham atuando em anos anteriores.

O ano de 1968 foi marcado pelo acendimento da chama em Criúva e depois de transportado para a praça central, onde se acendeu o candieiro. Tal fato não demonstra um enfraquecimento desta nova “ideologia patriótica” na construção de representações do tradicionalismo local, na medida em que percebemos nas seções tradicionalistas dos periódicos um contínuo esforço neste sentido:

Mais do que em outras épocas urge em nossos dias, traduzir na vida as virtudes que os nossos maiores nos deixaram. Quando, pois, vemos hoje, a derrocada daqueles que querem voar sem asas, dos nefelibatas tontos e vazios, dos alucados desprezadores da história, da Tradição e do passado, mais e mais, com a alma aliviada e a esperança renovada, encaramos o futuro, o qual pertence àqueles que caminham com os pés firmes no chão batido e constroem o futuro da Sociedade, da Pátria e da Religião, guardando no coração, com amor e ufania, a chama viva da Tradição. Viva a Tradição (VERONESE, 1968, p. 5).

⁹⁵ A ordem de hasteamento das duas bandeiras não era mencionada nos jornais caxienses pesquisados antes de 1967. De acordo com a ritualística, a sequência de hasteamento das bandeiras sempre respeitou a primazia da bandeira nacional. O que merece destaque neste trecho é a visibilidade que passa a ser dada a este ordenamento a partir de 1967, sinalizando sobre a intenção em publicar tal primazia do nacional perante o regional/estadual a partir de então.

Embora o trecho acima faça parte de uma coluna assinada, devemos considerar que se coaduna com as intenções ideológicas do periódico e não podemos deixar de mencionar que há outros apontamentos salientes e elogiosos ao patriotismo como característica das abordagens sobre o tradicionalismo pelo Pioneiro neste período. Esta inferência se reforça pelo fato de não haver dentro do recorte temporal de pesquisa, mesmo em anos anteriores a 1964, menções negativas, questionadoras ou minimamente críticas ao conjunto de representações propalado pelos ideólogos do tradicionalismo.

A notícia em texto não assinado na página 3, da edição de 20 de setembro de 1969, do jornal, corrobora com este entendimento. Em texto que ocupa praticamente meia página e com título em letras grifadas “*Revolução Farroupilha Será Comemorada*”, encontramos algumas das narrativas mais contundentes desta vinculação de representações do tradicionalismo com o patriotismo predominante no universo simbólico do período.

“Transcorre hoje 134º aniversário da gloriosa Revolução Farroupilha. O povo brasileiro, desde os seus primórdios, sempre foi norteado por um espírito indomável de liberdade e espírito, que desde épocas imemoriais tem se revelado, podendo ser considerado como fator decisivo para o clima de liberdade e de democracia de que desfrutamos hoje.[...]”

A Revolução Farroupilha durou dez anos, tendo finalmente em 1845, sido assinado a paz, tendo Caxias como representante do Governo Imperial e David Canabarro como representante da República de Piratini. Nesta luta, não houve vencedores, pois Caxias com seu espírito altamente patriótico e imparcial, conseguiu uma paz honrosa, fazendo com que os revolucionários conseguissem seu ingresso no Exército Imperial; concedeu liberdade aos escravos que como soldados, participaram do movimento. Nesse episódio histórico, prevaleceu mais uma vez o sentimento de unidade do povo brasileiro, que vendo a iminente possibilidade de uma guerra entre Brasil e Paraguai, pôs de lado os sentimentos fracionários, para num todo, fortalecer-se e assim defender o solo pátrio, ante uma tormenta que ameaçava não apenas a Província do Rio Grande do Sul, mas todo o Império.

E é rememorando fatos como este, que tantos e belos exemplos de amor à Pátria e à liberdade, que nós, todos nós, fortalecemos a nossa fé, a nossa esperança e a nossa certeza nos destinos gloriosos de nossa Pátria Brasileira. Salve o 20 de setembro. Salve os bravos farrapos.” (REVOLUÇÃO FARROUPILHA...1969, p. 5)

A edição de 1969 da Semana Farroupilha foi a primeira que ocorreu após a publicação do Ato Institucional Número Cinco, o AI-5. Este inaugurou o período mais duro do regime militar, resultando na perda de mandatos por parlamentares contrários aos militares, intervenções em estados e municípios e suspensão de quaisquer garantias

constitucionais, o que abriu margem para o regime praticar a tortura contra adversários políticos ou suspeitos de o serem. O AI-5 viria a ser revogado apenas em 1978.

Percebemos nesta notícia um recurso discursivo comum dos veículos midiáticos apoiadores do regime, que era apontar o período como caracterizado pela “*liberdade*” e pela “*democracia*”, apesar da censura imposta a críticos, da cassação de parlamentares, intervenções do governo federal em outros entes federativos e perseguição a opositores. Embora não seja parte do editorial desta edição, pelo fato de ser uma notícia e não estar assinada, possibilita inferir novamente sobre as causas de seu tom tão favorável ao regime ocorrer por conta da proximidade ideológica com o regime, por receio ao clima repressor do período ou mais provavelmente, por ambos.

Destaco o contundente esforço de positivar a figura do Duque de Caxias, patrono do exército brasileiro, ao listar suas ações nos acordos de paz que seriam demonstrativas do “*sentimento de unidade do povo brasileiro*”. Também merece destaque as recorrentes menções à categoria “*pátria*”, quando elogia o “*espírito altamente patriótico*” do Duque de Caxias, a disposição do povo em “*defender o solo pátrio*”, a alusão destes eventos como “*belos exemplos de amor à Pátria*” e próximo ao fechamento do texto, a ufanista citação da “*certeza nos destinos gloriosos de nossa Pátria*”.

Considero esta notícia aquela entre as pesquisadas a que melhor exemplifica a construção e o alinhamento de representações que visaram esta “*guinada patriótica*” do tradicionalismo. É também a mais saliente, sendo que perceberemos nos próximos anos um arrefecimento destes sentidos. Não pretendo entrar na discussão a respeito dos grosseiros erros históricos ali contidos e na supressão de fatos que marcaram os acordos de paz entre o império e os farrapos que desabonariam a aura de idolatria que se tenta construir em torno das lideranças gaúchas e de Caxias, por obviamente fugir do escopo desta tese. De fato, é exatamente a construção desta aura de idolatria em torno de uma figura do império, que derrotou os farrapos exaltados durante a Semana Farroupilha, o elemento a ser ressaltado nesta análise, por evidenciar como a construção de representações identitárias, neste caso da identidade regional tradicionalista, responde a necessidades temporalmente marcadas, apresentando um caráter oportunista quando observada por longo espaço temporal, por conta de sua maleabilidade para manter-se prestigiada frente às oscilações da “*tábua de valores*” que as sociedades estabelecem em seus universos simbólicos.

Os rituais que marcaram as comemorações do ano de 1969 da Semana Farroupilha em Caxias do Sul reforçam a ideia de que a publicação do AI-5 marcou sobremaneira a busca por

sentidos patrióticos no tradicionalismo, levando autoridades e líderes locais do movimento a um lugar inusitado para a celebração. A Chama da Tradição foi acesa pelo comandante do 3º GAAe no Cemitério Público Municipal, onde se homenageou veteranos da Guerra do Paraguai ali sepultados, conforme demonstra a capa da edição de 20 de setembro de 1969 do jornal *Pioneiro* com foto e texto. Na sequência, a chama foi transferida para a praça central, com hasteamento das bandeiras nacional e estadual, e foi aceso o Candieiro da Tradição, com discurso do prefeito, da mesma forma que no ano anterior (RIO GRANDE... 1969, p. 1).

A homenagem a veteranos da Guerra do Paraguai demonstra que em 1969, diferentemente do ano anterior, que apenas acendeu a chama no quartel, o comandante do 3º GAAe procurou sofisticar a ritualística do evento, carregando-o com novos sentidos. As fontes não permitem inferir se tal esforço intelectual foi protagonizado pelo próprio ou se este recebeu sugestões dos líderes tradicionalistas, mas fica evidente que nesta edição se manejou representações disponíveis no universo simbólico, como a de “brasilidade” dos gaúchos por participarem dos esforços de guerra no Brasil, na época imperial e colonial construídas pelos literatos regionais do início do século XX. Desta forma, manteve-se a primazia de sentidos vinculadores à “pátria”, mas com relativo aprimoramento litúrgico.

Outra possibilidade de interpretação desta homenagem aos mortos na Guerra do Paraguai se deve à tensão política do início de setembro de 1969. Entre os dias quatro e seis desse mês, ocorreu o sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick, no Rio de Janeiro, por membros de grupos de luta armada contra o regime militar, da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8). O sucesso dos sequestradores por não terem sido capturados e terem atendidas suas exigências, que levou à libertação de 13 presos políticos do regime militar em troca do embaixador, gerou um ar de tensão no período que justificava para os militares a sensação de estarem em “guerra contra os comunistas”. Tal teatralização no cemitério, homenageando combatentes de uma guerra nacional em uma data comemorativa estadual (esta erigida em torno de um conflito separatista ao governo central) sinaliza para uma espécie de “recrutamento das consciências” por meio do rito de homenagens aos mortos naquele momento tão tenso.

O foco no patriotismo foi mais atuante nos anos de 1967, 1968 e 1969. Entretanto, encontramos menções que demonstram como o tradicionalismo estabelecia vínculos com ações do governo militar com menor ênfase desta produção de sentidos patrióticos atravessando um espaço temporal maior. Em 1966, a notícia da fundação do Centro de Tradições Mirins do Grupo Escolar da Zona Michelin atesta que o grupo foi criado dentro do

“programa de atividades do Ano de Educação Cívica e Democrática” (FUNDADO... 1966, p. 17). Em 1975, é mencionado que “do desfile escolar-militar, deverão participar na tarde de hoje, todos os Centros de Tradições Gaúchas da cidade” (TRANSCORRE HOJE... 1975, p. 6).

O período do regime militar e a impingência dos sentidos patrióticos ao tradicionalismo não significaram a interrupção da construção de representações vinculadoras do tradicionalismo a Caxias do Sul e, em menor grau, à italianidade. Neste espaço temporal, encontramos esforços reiterados de se estabelecer estes vínculos, por diferentes agentes sociais, em diferentes periódicos e também nas ritualizações da Semana Farroupilha.

Na edição de 16 de setembro de 1967, do jornal *Pioneiro*, a coluna “*Coisas e fatos do Rio Grande*”, do jornalista Jimmy Rodrigues tratava sobre a lenda do “Negrinho do Pastoreio”. Para ele, o fato de haver velas acesas à noite em dois monumentos do Negrinho do Pastoreio na cidade, esculturas do artista plástico Vasco Prado, uma no CTG Rincão da Lealdade e outra no Parque de Exposição, é um atestado da “*integração havida entre descendentes dos colonizadores italianos e tirolezes e descendentes de luso-brasileiros*” (RODRIGUES, 1967, p. 24).

O elemento probatório que Jimmy Rodrigues faz uso para concluir peremptoriamente sobre a “*integração*” entre descendentes de italianos e lusos é questionável. As velas acesas nos monumentos ao Negrinho do Pastoreio poderiam ter majoritariamente partido de descendentes de não italianos, que já compunham considerável parcela da população caxiense em 1967. De qualquer forma, o relevante é a intenção do autor da mensagem e os elementos de representação que ele manipula para atingi-la. Atemo-nos ao fato de ser um texto publicado durante a Semana Farroupilha, tratando sobre monumentos locais baseados em uma lenda de origem sulina e apontando integração entre os portadores da italianidade e os luso-brasileiros. Novamente, mais uma manifestação dos esforços da elite ideológica local dando visibilidade à integração entre elementos gauchescos e a italianidade.

Esta intenção fica ainda mais evidente na edição de 1970 da Semana Farroupilha. Neste ano, a chama foi acesa na localidade de Nova Milano, em Farroupilha, que abrigou os primeiros imigrantes da Região de Colonização Italiana em 1875. O editorial do jornal *Pioneiro* de 19 de setembro deste ano foi bastante elucidativo sobre os significados do ritual:

Dando início às solenidades da Semana Farroupilha, o Conselho de Patrões de Caxias do Sul programou a inflamação da Chama da Tradição em Nova Milano, distrito de Farroupilha.

Naquela localidade, junto ao obelisco que assinala os 50 anos da colonização italiana, foi ateadada a chama que, conduzida até a periferia da cidade, foi depositada no Monumento Nacional ao Imigrante, para depois, ser transferida ao centro da cidade.[...]

Com a solenidade, os Patrões dos Centros de Tradições de Caxias do Sul quiseram, evocando a epopeia farroupilha, evidenciar, na homenagem prestada aos imigrantes, a profunda integração que há na história rio-grandense. O Rio Grande do Sul contou com o concurso de numerosos povos. Todos, em todos os momentos, encontraram abertas as portas da mais bela e profunda hospitalidade.

Em 1875, chegaram à região os primeiros imigrantes. Vinham da Itália. No caminho, entre Feliz e o local de destino, encontraram o concurso e a compreensão dos descendentes de imigrantes alemães. Em vista da amizade que daí resultou, lembram as crônicas do cinquentenário da colonização, numerosos casamentos resultaram, como prova de boa vizinhança. Da outra parte, logo nos primeiros anos, o imigrante fundiu-se com os primitivos povoadores do solo gaúcho. E os nomes dos lares, assim constituídos, estão registrados na história local.

Mas, talvez o objeto maior da solenidade, haja sido o sentido mais amplo da imigração: braços destinados a criar condições para o trabalho livre. E liberdade é o sentido profundo da epopeia farroupilha. Por tudo isso, consideramos magnífica a ideia dos Patrões dos CTG locais (CHAMA DA TRADIÇÃO. 1970, p. 6.).

Chama a atenção o tom pedagógico do editorial. Embora os significados que o ritual procure explorar pareçam bastante nítidos no universo simbólico local, o esforço em explicá-lo textualmente demonstra a intenção de que tais significados não escapem a nenhum leitor. Ao qualificar como “*magnífica a ideia*”, o periódico transpareceu sua satisfação com a narrativa que os rituais desta edição propuseram. E comparando este ritual com os dos anos anteriores, foi de fato o mais vinculativo entre tradicionalismo e italianidade. Como se não bastasse acender a chama simbólica no marco inicial da colonização italiana na RCI, ela foi transportada até o Monumento ao Imigrante e depois foi à praça central. Incluir outro símbolo material da italianidade neste trânsito provavelmente não se devia a mero capricho ou tentativa de reforçar a mensagem valorativa, mas manter uma prática que já havia ocorrido em outras edições, incluir um símbolo caxiense, evitando desvincular por demais o ritual dos locais.

Neste mesmo ano, na edição 26 de setembro de 1970 do periódico Correio Rio Grandense, nota publicada pelo prefeito caxiense em exercício à época, Mansueto Serafini Filho, também direciona sua narrativa para estes vínculos:

Quando o Rio Grande do Sul comemora o Dia do Gaúcho, exaltando a memória dos heróis da Epopeia Farroupilha, a administração municipal de Caxias do Sul saúda a população desta comuna, em que as tradições dos

colonizadores e as tradições gaúchas fundiram-se num magnífico exemplo de integração, com o churrasco e o chimarrão presentes na mesa do galetto e do vinho.

Ao imigrante italiano, que desbravou as florestas desta região e aqui plantou as sementes de uma nova civilização e, ao gaúcho, que lhe serviu de guia e com ele ombreou-se na extraordinária tarefa de construir esta cidade estuante de vida e trabalho, a administração municipal presta a sua reverência, agradecendo a sua laboriosidade e conclamando os descendentes daqueles bravos para que continuem, com sua férrea têmpera e sua tenacidade, modelando o perfil do nosso progresso e do nosso desenvolvimento.

Integrando-se às comemorações do Dia do Gaúcho, o governo municipal está presente, também, nas homenagens à memória dos que sonharam com a república e com a liberdade. (SERAFINI FILHO, 1970, p. 6).

O ano de 1970 foi aquele cujas edições do Correio Riograndense mais apresentaram menções relativas à Semana Farroupilha. Como apontado anteriormente, por ser um jornal de propriedade da Ordem dos Capuchinhos em Caxias do Sul e de alcance na RCI, era muito mais vinculado à italianidade e à zona rural. Devido a isto, deduzo que o maior número de menções sobre o tradicionalismo ter sido neste ano, deve-se ao fato do estreito vínculo que procuraram projetar com os imigrantes italianos, ascendentes da ampla maioria do seu público leitor.

Quanto à nota do prefeito caxiense, percebe-se um importante ineditismo no manejo destas representações identitárias: pela primeira vez entre as fontes pesquisadas é encontrada em uma narrativa a valência “trabalho” compartilhada e associada a outro grupo social além dos descendentes de italianos. E a mensagem do prefeito em exercício é inequívoca em associar os gaúchos ao trabalho, pois o faz duas vezes, quando menciona que este grupo “*ombreou-se na tarefa de construir esta cidade estuante de vida e trabalho*” e agradece “*a sua laboriosidade*”. De fato, a primeira frase destacada é até mais ousada, pois propõe que Caxias do Sul não foi construída apenas pelos imigrantes italianos e seus descendentes.

Embora os conhecedores da história local saibam que os lusos brasileiros sempre estiveram em meio à colônia desempenhando funções administrativas, na distribuição e medição de terras ou no comércio, as narrativas constituídas mencionavam apenas os imigrantes e seus descendentes. O discurso de Mansueto muito provavelmente não se dirigia a esse grupo diminuto de funcionários governamentais lusos, falecidos há tempos, ou seus descendentes. Dirigia-se aos habitantes de Caxias do Sul que não eram descendentes de italianos, mas sim migrantes ou filhos de migrantes internos que se identificavam como gaúchos e talvez pela primeira vez, liam uma manifestação oficial de uma autoridade em que

eram apontados como promotores do progresso local. De acordo com Herédia (2011), este grupo em 1970 já possuía relevância numérica significativa.

Mansueto era vice-prefeito de Victorio Trez. Foi eleito prefeito em 1977 e novamente em 1989. Impossível mensurar o impacto e a aceitação da nota, mas é um indicativo que parte de uma figura política de que acenos a este estrato populacional de não descendentes de imigrantes poderia gerar dividendos eleitorais.

Em 1971, acendeu-se a Chama Crioula no Parque da Exposição, mesmo local da Festa da Uva, em frente a estatua do Negrinho do Pastoreio, depois se dirigiu ao Monumento ao Imigrante e na sequência para a praça central, onde foi erguido um barraco no qual ocorreram churrascos. Foi o primeiro ano no qual não se mencionou o acendimento do candieiro desde 1959. De qualquer forma, manteve-se uma vinculação com locais simbólicos da italianidade. Importante mencionar que Joaquim Lisboa agiu neste ano como o vínculo entre estas duas identidades, ao proferir o discurso. No Pioneiro deste ano, isto não passou incólume, na medida em que o identifica como pertencente a esses dois mundos: “*na oportunidade falou o senhor Joaquim Pedro Lisboa, pessoa realmente indicada pelas suas vinculações com o tradicionalismo e ainda com a própria Festa da Uva, de que é apontado como PAI (sic).*” (EVOCANDO OS... 1971, p. 4.)

Percebe-se uma concentração destes esforços de vincular o tradicionalismo com a imigração italiana e alguns valores da italianidade em fins da década de 1960 e início dos anos 70. Apenas uma menção esparsa em 1977 aponta neste sentido, em publicação do Pioneiro de 21 de setembro, que trata de três italianos, além de Giuseppe Garibaldi, que lutaram ao lado dos farroupilhas durante a Guerra dos Farrapos. Em texto de meia página junto a imagens pictóricas de seus rostos, apresenta a vida pregressa dos três aos combates, suas contribuições militares nos conflitos e seus destinos. No parágrafo final, sugere que “*bem faria nossa Universidade emprestar todo seu apoio ao estudo da história dos italianos na Guerra dos Farrapos.*” (ZAMBECCARI, ROSSETI... 1977, p. 7.) Embora não se perceba a mesma volúpia narrativa que em edições de anos anteriores, quando se mencionava “*a espada flamejante do intrépido Garibaldi*”, resta nítida uma intenção do Pioneiro de estabelecer ligações históricas entre os italianos e os farrapos, basilares do arcabouço de representações fundantes do tradicionalismo e da italianidade.

3.3 Um tradicionalismo “autêntico” na reorganização das festividades da Semana Farroupilha em meados de 1970

A nova formatação das comemorações da Semana Farroupilha, em Caxias do Sul, a partir de 1972, demonstram um desprendimento da ritualística de anos anteriores, cuja construção de sentidos foi marcada pela busca de associações com a história local, de vínculos com elementos da italianidade, do progresso e do patriotismo. Esta mudança nos aponta indícios de que as lideranças intelectuais que pautaram o movimento, suas liturgias e construção de representações nas comemorações durante a década de 1960 até 1971 estavam paulatinamente perdendo o controle do movimento, num processo de substituição de lideranças provavelmente natural. Joaquim Pedro Lisboa possuía 84 anos em 1971, na última menção à sua participação nos eventos e, provavelmente por conta da idade avançada, deixou de desempenhar funções na organização do movimento.

No ano de 1972, as comemorações foram organizadas pela Secretaria Municipal do Turismo e pelo Conselho de Patrões dos CTG, sendo que a Chama Crioula veio de Bento Gonçalves. Não consta nas menções a participação do comandante da unidade local do exército, indício significativo do abrandamento da índole “patriótica” das ritualizações de anos prévios. O churrasco oferecido neste ano ocorreu no CTG Rodeio Minuano, num indício que pode ser assinalado como uma pontual perda de centralidade por parte do CTG Rincão da Lealdade ou um revezamento programado. De qualquer forma, indica a crescente importância de outros espaços tradicionalistas no cenário local. Este ano também marcou a primeira menção ao recém-fundado CTG Negrinho do Pastoreio, formado por funcionários da Malharia Sehbe.

Nos periódicos locais, encontramos indícios de que as manifestações de 1972 e 1973 foram menos impactantes que o habitual. Em coluna assinada na edição de 23 de setembro de 1972, no jornal Pioneiro, de título “A Odisseia Farroupilha”, José Machado lança mão de hipérboles para qualificar as comemorações da data ao mesmo tempo em que demonstra contrariedade com o fato de “muita gente” ainda não compreender a importância da Semana Farroupilha.

“Mais uma vez o Rio Grande para por alguns instantes para comemorar a Semana Farroupilha, que a cada ano, rememora a história da Guerra dos Farrapos, a mais linda página até agora escrita por qualquer dos Estados da Federação, no que tange ao amor à terra, à lei e à ordem e ao mais acendrado espírito de luta de um povo por ideais que abraçou. Muita gente não conseguiu compreender, até agora, a finalidade por que é realizada a Semana

Farroupilha em todo pago gaúcho. A maior parte das pessoas com quem eu tenho falado simplesmente diz que isso é coisa de CTG.[...] A tradição farroupilha, ligada a toda a grande e ímpar tradição do Rio Grande do Sul, deveria ser coisa de todos nós. Minha, de você, dos alunos das escolas primárias, de todo o povo rio grandense, por que como já dizia alguém, não me lembro quem, “povo sem tradição é um povo sem alma”. Pensem bem nisso, até a próxima.” (MACHADO, 1972, p. 10.)

A coluna retrata o esforço de uma liderança tradicionalista em demonstrar a importância do evento para o público leitor do jornal e o lamento de que ainda não contava com a popularidade que considerava adequada, inclusive indicando meios que achava que poderiam sanar isto, sugerindo sua abordagem nas escolas primárias. Embora não seja por si um dado de que o evento apresentasse um arrefecimento no período, a edição de 22 de setembro de 1973 do Jornal de Caxias traz essa informação de forma bastante nítida, em texto na capa de manchete “*Tradição está em decadência*”:

Ao menos, aparentemente, o culto à tradição gaúcha está em decadência. É a dedução que se pode tirar das comemorações da Semana Farroupilha. Apesar da participação das autoridades, os festejos não tiveram o mesmo brilho e o entusiasmo que seria lícito esperar. Em Porto Alegre chegou-se a afirmar que a abertura da Semana, diante do monumento a Bento Gonçalves, beirou o fracasso. De certo modo, guardadas as devidas proporções, foi o que aconteceu também em Caxias do Sul. Com o desfile do dia 20 na Capital, a presença do público melhorou. A data farroupilha não é feriado, mas apenas ponto facultativo em repartições do Estado e de alguns municípios. Os fatos permitem perguntas: estaria a neurótica vida moderna liquidando com a reverência ao passado histórico dos povos? (TRADIÇÃO ESTÁ... 1973, p. 1).

A informação de “decadência” nos cultos tradicionalistas é a única encontrada nos periódicos caxienses nestes sessenta anos analisados sobre suas edições próximas à Semana Farroupilha. Poderia ser fruto da intenção de menosprezar o movimento por parte de um jornalista antipático a ele, porém a pergunta retórica ao final do texto contraria esta possibilidade. Colidindo a informação deste periódico com o Pioneiro, infiro que as chances de que de fato houve um arrefecimento são significativas, na medida em que nas menções do Pioneiro não encontramos as costumeiras hipérboles sobre a programação da comemoração da data. Suas notícias deste ano focaram no acendimento da chama, na publicidade dos resultados de concursos tradicionalistas cujas premiações foram entregues em evento no CTG Paixão Côrtes – do qual um representante do Pioneiro foi jurado – e sobre a necessidade de mudança na organização do acampamento na Praça Rui Barbosa devido aos problemas de trânsito que gera em virtude do “*progresso da cidade*.” (SEMANA FARROUPILHA... 1973,

p. 10). Destaco também que este periódico vinha até então adotando uma postura motivadora aos movimentos culturais locais, numa nítida intenção de evitar contrariedades e retaliações que poderiam diminuir seu público de leitores.

Em 1974 encontramos mais um dado sugestivo de um encolhimento das manifestações da Semana Farroupilha, ou pelo menos de sua projeção local na mídia. Neste ano, apenas duas notícias foram publicadas nos periódicos caxienses sobre a data, sendo uma no Pioneiro com a programação dos eventos e outra no Correio Rio Grandense sobre a visita de líderes tradicionalistas à sede do periódico também para divulgar esta programação. Outras duas menções relativas ao tradicionalismo neste ano foi sobre um churrasco promovido pela empresa Randon no CTG Rincão da Lealdade para divulgar um novo caminhão que estava produzindo e uma matéria de página inteira no Correio Rio Grandense sobre turismo no Rio Grande do Sul sem divulgar a Semana Farroupilha.

Considerando todas estas informações produzidas nos periódicos locais sobre a Semana Farroupilha entre 1972 e 1974, fica mais nítido um cenário de queda na projeção do tradicionalismo na cidade. Embora pudesse ser devido a uma escolha editorial, ressalto que seria pouco provável devido ao ufanismo ao movimento que caracteriza a postura da maioria deles. É também um forte indicativo de que as representações e sentidos que as lideranças tradicionalistas da década de 1960 procuraram associar ao movimento obtiveram sucesso em aumentar a visibilidade do movimento naquele período, em quantidade e qualidade, abrindo margem para sua positivação pela mídia local.

Isto não significa automaticamente que o tradicionalismo estivesse perdendo popularidade em meio aos caxienses ou adeptos de seus espaços. Apenas aponta na direção de que a associação com representações da cidade e a ritualização para estabelecer vínculos históricos era valorizada na mídia local, que veiculava sentidos e representações mais agradáveis à elite caxiense. Evitando conclusões precipitadas, aponto que este cenário pode indicar alguns anos de arrefecimento do movimento tradicionalista em geral, com menor impacto local, algo completamente compreensível nas dinâmicas de construções identitárias, como também uma crescente capilaridade social e afastamento da elite tradicional caxiense, com a qual observamos relativa proximidade na década anterior.

A programação da Semana Farroupilha de 1975 sinaliza neste último sentido. Suas atividades foram projetadas em torno da apresentação das danças dos CTG em diversos salões paroquiais de bairros mais afastados do centro da cidade:

Está se desenvolvendo com pleno sucesso a programação da Semana Farroupilha 1975, coordenada pelo Serviço Municipal de Turismo. Os cinco Centros de Tradições Gaúchas de nossa cidade, todas as noites estão se apresentando em diversos bairros da cidade, com suas invernadas artísticas. A programação prevê para hoje à noite, quarta-feira a apresentação do CTG Rodeio Minuano no Salão Paroquial do bairro Bela Vista. Também hoje se apresentará no Bairro de Fátima, salão do Grupo Escolar Municipal Castelo Branco o CTG Rincão da Lealdade. Amanhã a noite serão brindados os bairros Santa Fé, São Ciro e Rio Branco, no Salão dos Capuchinhos. Sexta-feira, encerrando a série de apresentações, será visitado o bairro São José (Gethal). Desta maneira, a população das zonas periféricas da cidade estão tendo a oportunidade de entrar em contato direto com o tradicionalismo gaúcho, nesta semana que reverencia a epopeia Farroupilha (SEMANA FARROUPILHA, 1975, p. 9).

Fica evidente pela programação das atividades deste ano a intenção de “popularizar” o tradicionalismo na cidade, principalmente, quando se aponta que “as zonas periféricas estão tendo a oportunidade de entrar em contato direto com o tradicionalismo gaúcho”. Ressalto que os bairros citados não eram “periféricos” (com exceção do Santa Fé) como o significado atual da expressão supõe. Localizavam-se a três ou quatro quilômetros do centro da cidade, mas eram urbanizados e habitados por famílias de classe média e trabalhadores em geral. Bairros caxienses caracterizados pela presença proporcional significativa de população mais carente e marginalizada à época, alguns mais distantes e outros até mais próximos do centro urbano, não constavam da programação. Tal informação nos sugere que o tradicionalismo até então, pelo menos na visão do jornal Pioneiro e dos próprios CTG, caracterizava-se por gravitar em torno de setores da elite local e que seus líderes supunham haver espaço para conquistar um maior número de participantes entre caxienses de classe média e proletários moradores destes bairros.

Em 1976, o Acampamento Farroupilha pela primeira vez ocorreu no Parque Cinquentenário. Chama atenção o fato de não ter sido publicada no jornal Pioneiro a programação do evento, apenas uma foto do prefeito caxiense, Mário Vanin, em conversas com tradicionalistas. Recordo que este periódico, nas edições passadas, destinava amplos espaços para informar as atividades da Semana Farroupilha, constando propagandas de lojas de eletrodomésticos, colunas sobre costumes gauchescos e pequenos textos biográficos sobre personagens da Guerra dos Farrapos. Entretanto, as principais informações sobre os festejos da edição deste ano constam no Correio Rio Grandense, através de reportagem com entrevistas dos patrões dos CTG caxienses, fartamente elogiosas à edição que organizaram:

Manoel Tropeiro, um dos mais velhos tradicionalistas de Caxias afirma que “não poderia haver coisa melhor. Eu que sou o fundador de quase todos estes CTG, peão de honra de todos eles, que sei da importância do tradicionalismo, posso dizer que esse acampamento é a melhor coisa que poderia ter sido feita”. Jovedino da Silva, do CTG Sinuelo dos Pampas, afirma que “este patrão velho está muito satisfeito, principalmente com o apoio que o prefeito tem dado para a gente. É uma atenção muito grande que nos entusiasma. Só temos que agradecer. Já estamos fazendo rodeios. Acho que a nossa tradição só vai pra frente com isso”. João Mendes, do Rodeio Minuano, afirma que “nem parece que estamos em Caxias, com uma beleza de acampamento desses na Semana Farroupilha”. [...] Para os patrões dos Centros de Tradições Gaúchas instalados no Acampamento Gaúcho, no Parque Cinquentenário é a maior promoção que já poderia ter sido realizada em Caxias, dentro da Semana Farroupilha. Quem fala é Almiro Pereira, do CTG Paixão Côrtes. “Aqui – ele prossegue – estamos tendo a oportunidade de mostrar à população o que é realmente o nosso tradicionalismo. Sua importância. A maneira como ele é. (TRADICIONALISTAS DESTACA... 1976, p. 6).

A grande diferença na cobertura do evento de 1976 entre os dois periódicos locais é significativa, como também a mudança de postura repentina de ambos. No caso do Pioneiro por não mencioná-lo e do Correio Rio Grandense por fazê-lo, algo bastante incomum até então.

Silêncios e realces também são importantes elementos reveladores das disputas sociais em torno da construção de narrativas sobre algo. Considero que o silêncio anômalo do Pioneiro indique um novo conjunto de protagonistas na organização dos eventos tradicionalistas neste ano, distantes de seu corpo editorial (do qual Mário Gardelin fazia parte) que era vinculado aos líderes anteriores. Reforça esta impressão os efusivos elogios dos patrões ao novo acampamento, como “*a melhor coisa que poderia ter sido feita*”, realçando a qualidade deste frente aos anteriores e, quando apontam “*estamos tendo a oportunidade de mostrar à população o que é realmente o nosso tradicionalismo*”, repetindo na sequência “*a maneira como ele é*”.

Penso que o destaque e a recorrência na fala do líder tradicionalista ao fato de que agora está sendo mostrado o que “*realmente é*” o tradicionalismo, dentro deste contexto, traz subjacente a sinalização de que anteriormente ele não era apresentado na Semana Farroupilha desta forma. Observando a imagem da foto do Pioneiro do acampamento, percebendo que os nomes destes tradicionalistas destacados são novos no cenário local e não eram citados em notícias ou programações de anos anteriores, bem como a falta de menções a discursos de autoridades e outros rituais mais pomposos, concluo que este ano marcou a ascensão de novas lideranças ao protagonismo das comemorações, sem ligações com a elite local, logo,

desprovidos do capital social dos líderes anteriores. A intenção e a narrativa de formarem um acampamento que mostre o tradicionalismo “*como ele é*”, autêntico, visa posicioná-los frente às inevitáveis comparações com seus predecessores. Não dispondo do capital social destes, que era exibido através das amplas liturgias em meio à presença de diversas autoridades, os novos dirigentes tradicionalistas projetam um capital simbólico que a representação de “autenticidade” em um culto à tradição lhes confere, visando o reconhecimento social como dignos ocupantes da função que assumiam.

No ano de 1977, o acampamento ocorreu nos Pavilhões da Festa da Uva, que haviam sido inaugurados na Festa da Uva de 1975. Houve uma maior ritualização, com elementos que remontavam a anos anteriores, como o acendimento do Candieiro da Tradição na praça. Diferentemente do ano anterior, neste o Pioneiro publicou página inteira apontando como foram as festividades, com grande quantidade de imagens e até manchete com ampla foto na sua capa na edição de 21 de setembro de 1977⁹⁶.

Na edição deste ano, há destaque também neste periódico para o espaço que o evento recebeu em homenagens da Câmara de Vereadores, através de discursos de parlamentares dos dois partidos da época, a Arena e o MDB. Cabe destacar que havia dois vereadores que provavelmente, haviam convertido o capital social que conquistaram no tradicionalismo em capital político e angariaram posições na casa. Aldo Alves Mendes, pela Arena, que foi o fundador da 25ª Região Tradicionalista e Adelar Bertussi, do MDB, que há praticamente três décadas iniciara sua carreira musical na radiofonia caxiense com seu irmão, constituindo-se no primeiro espaço de mídia local que projetou o tradicionalismo.

Aldo Alves Mendes foi o primeiro coordenador da 25ª Região Tradicionalista, cuja criação foi oficializada no Congresso Tradicionalista em Santo Antônio da Patrulha ocorrido nos primeiros dias de janeiro de 1978. Segundo texto no *site* da 25ª RT, a criação de uma “região” passou a ser considerada pelos líderes de CTG caxienses a partir de 1975 pelo fato da 11ª RT à qual estavam vinculados localizar-se em Bento Gonçalves, a uma distância razoável de Caxias.⁹⁷

⁹⁶ Ver Anexo A – figura 26.

⁹⁷ Um dado importante sobre este momento de criação da 25ª RT refere-se à quantidade de CTG filiados neste seu momento inicial: dez, sendo dois de municípios vizinhos e três de distritos distantes do centro urbano caxiense. Eram à época os CTG Ronda Charrua, CTG Rincão da Lealdade, CTG Paixão Cortês, CTG Tropeiros do Rio Grande, CTG Rodeio Minuano, CTG Sinuelo dos Pampas, CTG Negrinho do Pastoreio, CTG Pousada dos Tropeiros, CTG Porteira da Serra, CTG Raposo Tavares e o piquete de Cavalarianos Máximo da Luz. In: <http://25rt.com.br/25a-rt/>. Acessado em 21/05/2018

Em 1978, o Acampamento Farroupilha retornou para o Parque Cinquentenário. Embora tenha recebido poucas menções neste ano e que estas foram feitas apenas pelo Pioneiro, a descrição da programação da Semana Farroupilha relata um intenso conjunto de rituais, desfile em área central, participação dos cinco CTG caxienses na organização e presença de autoridades. Neste ano, o acendimento da tocha simbólica ocorreu nos Pavilhões da Festa da Uva em homenagem a Joaquim Pedro Lisboa, que havia falecido em oito de novembro de 1974, com a colocação de coroa de flores em um monumento com seu busto ali recém-construído.

Em 1979, a Semana Farroupilha organizada no Parque Cinquentenário recebeu notícias bastante elogiosas no Pioneiro. Este ano foi marcado por uma grande publicidade conferida ao movimento neste periódico, com o maior número de menções que o jornal já publicou sobre o tradicionalismo nas edições próximas à data nos anos pesquisados. A comemoração é alvo de ufanismo em editorial, há colunas de página inteira de cunho tradicionalista e propagandas de página inteira com temática gauchesca. Em relação ao acampamento, outra página inteira com fotos noticiando favoravelmente o evento.

Chama atenção neste ano as recorrentes menções à “autenticidade” do evento. Aponta que foram “*servidos pratos dentro da mais autêntica gastronomia gaúcha*”, bem como “*apresentações folclóricas o mais próximo possível do autêntico*” e também que “*essas comilanças tinham como sobremesa números de danças e declamações, tudo obedecendo às mais rígidas normas ditadas pelo homem gaúcho, aquele rude que fez a História do Rio Grande do Sul*”. Ao final do texto, reforça que “*as fotos de Edson Correa, exclusivas do Jornal Pioneiro, mostram alguns aspectos bastante autênticos do que foi a Semana Farroupilha de 1979, em Caxias do Sul. São pessoas, gaúchos autênticos, reproduzindo uma época, um período da história, talvez o mais rico do Rio Grande do Sul.*” (E A NOSSA TRADIÇÃO... 1979, p. 52)

O esforço em impingir a categoria “autêntico” ao tradicionalismo é muito marcante, sendo o termo acionado tantas vezes que beira à redundância. Considero que esta intenção possa estar vinculada a dois fatores: uma diretriz dos novos líderes tradicionalistas locais, algo que já percebemos em seus depoimentos ao Correio Riograndense em 1976 e aos incipientes debates sobre a “desmistificação” do tradicionalismo, que já saíam do âmbito acadêmico e começavam a ganhar algum espaço na mídia.

3.4 O tradicionalismo no campo político-eleitoral caxiense em fins da década de 1970 e o choque com a “desmistificação”

Pudemos perceber anteriormente como Leonel Brizola granjeou simpatia com o eleitorado por meio de associações com maneirismos, sotaque e expressões gauchescas, numa bem sucedida estratégia de comunicação política que lhe garantiu ampla popularidade no exercício do seu mandato, enquanto governador do Rio Grande do Sul, entre 1958 e 1961. O momento político que o país viveu após 1964, de intenso patriotismo propalado pelo regime militar agregado à repressão, não abriu margem para que os processos eleitorais que ainda perduraram em alguns locais fizessem uso amplo destas estratégias menos formais de comunicação política, sendo que só após o início da reabertura do regime, no final da década de 1970, é que encontraremos alguns exemplos de debates e discussões pautados pelo regionalismo.

Neste período pós 1964, a primeira menção que encontramos ao uso de gauchismos por parte de figuras políticas é uma menção no Jornal Correio Riograndense sobre o então deputado estadual Pedro Simon, que iniciou sua carreira política como vereador na cidade pelo PTB em 1958 e em 1966 mudou para o MDB. Na edição de 26 de setembro de 1970, a coluna política chamada “Comenta-se” aborda com tom satírico “*que não tem passado despercebido, nos pronunciamentos do deputado Pedro Simon, o seu novo sotaque gauchesco*” e “*que o aludido sotaque fronteirista ou é uma espécie de ‘ligação subliminar’ com alguém que se tornou famoso através de tal sotaque ou, apenas, uma homenagem à ‘Semana Farroupilha’*”. (COMENTA-SE. 1970, p. 5.)

Provavelmente o “*alguém que se tornou famoso através de tal sotaque*” seja Leonel Brizola, que era um exilado político à época. De qualquer forma, chama atenção o fato de Simon lançar mão deste recurso, demonstrando que haveria espaço de ganhos políticos com isto, tanto pela associação com Brizola, quanto por gerar identificação com eleitores.

Em 1977, a edição do Jornal de Caxias de 24 de setembro dá amplo espaço sobre os discursos de Mário Gardelin e Adelar Bertussi sobre a Semana Farroupilha. Aponta que Gardelin “*limitou-se a narrar detalhes interessantes dos dias farrapos*” e que Bertussi “*não apenas falou na história farroupilha, mas ligou-a aos dias atuais e comparando-a com as aspirações dos gaúchos de hoje*”. Na sequência, o periódico reproduziu trecho final do discurso de Bertussi, garantindo-lhe espaço muito maior que Gardelin e colocando uma foto sua ao lado do texto da reportagem, sem fazer o mesmo com o outro vereador: “*Se os farrapos lutaram pela harmonia nacional, através de um governo democrático e popular,*

estes mesmos ideais unem os democratas do Brasil por uma constituinte livre e soberana”
(NA DATA... 1977, p. 6).

A forma como a notícia foi apresentada demonstra uma clara posição favorável do periódico em relação ao posicionamento de Bertussi. É possível inferir que isso se deva a algumas possibilidades, como o fato do Jornal de Caxias ser concorrente do Pioneiro, no qual Gardelin trabalhava, por uma possível proximidade com o próprio Bertussi ou por concordar com sua narrativa. Destaca-se como Bertussi buscou criar sentidos sobre a Revolução Farroupilha como “democrática”, representação até então incomum, para que coadunasse com seus posicionamentos favoráveis à redemocratização, lançando mão do habitual uso político da história.

Seguindo esta linha, em 1979 o jornal Pioneiro deu grande espaço para um discurso de um vereador do MDB que se utilizou de representações sobre a Revolução Farroupilha para traçar comparações históricas e elencar culpados pelas dificuldades econômicas do Rio Grande do Sul:

Ocupando o grande expediente na sessão da última quinta feira, na Câmara Municipal de Vereadores, o líder do MDB, Adílcio Cadorin, pronunciou um discurso de três laudas e meia, homenageando os revolucionários de 1835, que souberam se levantar em armas contra a opressão que sobre eles era desencadeada pelo Poder Central. Após fazer uma breve exposição das causas que originaram a Revolução Farroupilha, Cadorin traçou um paralelo com a precária situação econômica e institucional que vive o Estado do Rio Grande do Sul. Segundo o líder da bancada do MDB, os Estados brasileiros hoje não dispõem de nenhuma autonomia, explicando que “todos os impostos e tributos a que estamos submetidos deixam nosso Estado em constante dependência de favores do governo federal. Para lá vão todos os recursos. Somos, diz Cadorin, como uma fábrica, cujo papel é produzir bens para o patrão, que, neste caso, está confortavelmente alojado em Brasília.
(CADORIN, 1977, p. 6)

O Pioneiro publicou na sequência todo o discurso de Cadorin junto à sua foto, utilizando praticamente uma página inteira, algo incomum. Quanto à narrativa do vereador, percebe-se como na menção de 1977 de Bertussi, uma utilização da história para estabelecer

lastro, coesão e sentido às suas pautas políticas. Cabe apontar que nos anos seguintes, Cadorin radicalizará suas posições, fundando em 1992 o movimento *O Sul é meu país*⁹⁸.

Embora as menções que caracterizam a relação entre o tradicionalismo e o mundo político tenham sido esparsas, deve-se levar em consideração que eram as encontradas nas datas próximas à Semana Farroupilha, junto a outras reportagens, fotos, colunas e matérias sobre o assunto. Desta forma, ampliava-se a impressão de que o tema se revestia de importância. Também demonstra que já havia relativo espaço para posicionamentos críticos ao governo federal, que foi o caso da menção de 1979 com mais vigor que o de 1977, que defendeu o reestabelecimento da democracia e uma Assembleia Constituinte. Este uso histórico da Revolução Farroupilha para dar sentidos à crise econômica no Rio Grande do Sul será marcante na próxima década.

O final da década de 1970 marca também uma nova disputa de narrativas que vai atingir o tradicionalismo gaúcho como um todo, na medida em que começam as críticas aos “mitos” que o movimento erigiu, partidas da academia e marcados por um tom denunciatório. Se no jornal *Pioneiro* não encontramos uma menção sequer a estas discussões, devido provavelmente à sua posição favorável frente a movimentos identitários de viés conservador, outros periódicos caxienses trarão este debate ao público.

No ano de 1970, muito antes desta discussão surgir com força na academia, o periódico *Correio Rio Grandense* já aponta uma pequena rachadura na unanimidade elogiosa que o tradicionalismo desfrutava na mídia local. Na capa da edição de 26 de setembro de 1970, embaixo da manchete “*Ainda permanece viva a lenda farroupilha*”, um pequeno texto destaca que “*mais uma vez o Rio Grande do Sul lembra a epopeia Farroupilha. Se a interpretação dos fatos nem sempre é pacífica, a lenda que se originou da luta de 35 é uma lenda de honra, glória, brasilidade e independência.*” (AINDA PERMANECE... 1970, p. 1)

Pode parecer muito tênue, mas o apontamento “*a interpretação dos fatos nem sempre é pacífica*” é a primeira demonstração de que poderia haver questionamentos sobre os eventos

⁹⁸ Adílzio Cadorin foi eleito vereador caxiense na legislatura entre 1977 e 1982 e depois foi prefeito de Laguna em 2001. Apesar de ser fundador de um movimento que tem como justificativa central de seu viés separatista a busca por se afastar de um corpo político que caracterizam como corrupto e ineficaz na distribuição de recursos públicos, Adílzio sofreu duas condenações em primeira instância por diferentes atos de improbidade administrativa no seu mandato como prefeito em Laguna. In: https://www.trf4.jus.br/trf4/controlador.php?acao=noticia_visualizar&id_noticia=12287. Acessado em 06/06/2018. In: <https://www.mpsc.mp.br/noticias/ex-prefeito-de-laguna--tera-de-devolver-mais-de-r--80-mil-e-nao-podera-exercer-cargos-publicos>. Acessado em 06/06/2018.

da Revolução Farroupilha dentro de todas as edições do recorte temporal de todos os jornais pesquisados de 1950 até então. Isso torna nítido como as narrativas elogiosas prevaleciam de forma absoluta na mídia local, considerando que esta primeira que abre algum espaço para dúvidas ainda apresenta forte tom laudatório.

É apenas no ano de 1979 que surgirão menções sobre autores com este caráter desmistificador do tradicionalismo. Na edição de 22 de setembro de 1979, do Jornal de Caxias, em nota de título “*Cyro Martins Desmistifica o Gaúcho*” assinada por Renato Henrichs, é anunciada uma palestra em que se afirma que o autor tem “*uma visão sobre o assunto bem diferente da tradicional. Não mitifica o gaúcho, como um herói, muito antes pelo contrário. Coloca-o na situação de dominado, na condição de operário do campo. Muito bom para uns debates, portanto.*” (CYRO MARTINS... 1979, p. 12)

Já a edição do Correio Rio Grandense de 19 de setembro deste mesmo ano entrevista o coordenador de pesquisa do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e publica em negrito seus apontamentos. Na capa, com imagem de um rodeio, o título de uma das manchetes: “*Farrapos e o mito da liberdade*”. Em meio à página em que consta a publicação dos apontamentos do antropólogo, uma grande quantidade de textos com referências a outros historiadores sobre eventos diversos da Revolução Farroupilha. Entretanto, o texto negrito já aponta um tom de questionamento ao tradicionalismo que se verá em alguns meios midiáticos apenas décadas depois:

O Rio Grande do Sul comemora amanhã a Revolução Farroupilha, também conhecida como Guerra dos Farrapos. Alguns municípios gaúchos participam das comemorações desta data histórica relembrando fatos ocorridos no período compreendido entre os anos de 1835 a 1845, quando todo o estado foi sacudido por movimentos de tropas de combates, com poucos momentos de tranquilidade. Histórias sobre os fatos ocorridos nesta época, em alguns casos passaram a lendas, outras ficaram registradas, principalmente no jornal O Povo, órgão dos farrapos, que acompanhava a tropa e o ministério do Piratini em suas trocas de sede da capital da República do Piratini. Apesar de não ter sido um movimento popular e nem uma guerra vitoriosa a Revolução Farroupilha transformou-se em culto venerado pelos gaúchos e seus líderes em heróis libertários, guerreiros na luta contra tirania, por que devolve ao rio-grandense sua identidade de indivíduo no grupo, transformando-o no gaúcho a cavalo, no gaúcho do mito, segundo Alexis Acauan Borloz, coordenador de pesquisa do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul. (FARRAPOS E O MITO... 1979, p. 10.)

É sintomático que o jornal Correio Rio Grandense seja o primeiro periódico a publicar a visão de um acadêmico no qual emerge os primeiros sinais do tom denunciatório sobre o

tradicionalismo que setores da academia começavam a projetar. O periódico sempre manteve uma quantidade reduzida de publicações sobre a Semana Farroupilha e passou vários anos consecutivos sem fazer qualquer menção ao tradicionalismo. Comparando-o com o jornal Pioneiro, também de publicação com periodicidade semanal durante quase todo o recorte temporal, percebemos que entre 1950 e 1979 o Correio Riograndense publicou apenas quinze notícias alusivas ao movimento enquanto o Pioneiro o fez em cento e treze oportunidades neste período. Pode-se deduzir que há uma intenção em dar pouca publicidade ao movimento, por motivos dos mais diversos, mas provavelmente, tal postura se deve ao fato de ser direcionado a um público ainda bastante vinculado com elementos de uma italianidade rural.

Quanto ao texto, traz informações que colidem com representações construídas em torno da Revolução Farroupilha que percebemos reproduzidas pelos periódicos locais durante estas três décadas, como o fato de não ter sido um movimento popular e nem vitorioso. Importante lembrar como anteriormente, nas análises das construções de representações das décadas anteriores, havia menções à “*unidade do Rio Grande em torno do Farrapos*” e de uma “*guerra sem vencedores*”. Fica-se com a impressão de que outros apontamentos que este coordenador do Museu Antropológico pode ter citado tenham sido deixados de lado, quando se lê uma simplificação sobre a noção do gaúcho do “mito”.

A notícia da vinda de Cyro Martins para a cidade e o fato desta entrevista “desmistificatória” ganhar espaço na mídia demonstrava mais uma alteração no panorama de construção de representações do tradicionalismo. Inaugurava-se um período de ruzgas entre o movimento e a academia que se mantém até a atualidade em alguns aspectos, abrindo espaço para o fim de uma quase unanimidade positivada que o regionalismo desfrutava no debate público. Isto não vai atrapalhar na popularização do tradicionalismo, que ao contrário, passará por um crescimento exponencial de popularidade nas décadas seguintes. Mas abrirá uma nova conjuntura, com novos atores e fatores nestas operações ideológicas.

CAPÍTULO 4 – O CONTEXTO DE CRISE ECONÔMICA NA CONSTRUÇÃO DA ITALIANIDADE E DO TRADICIONALISMO: A SUPERAÇÃO DE ADVERSIDADES E A TENSÃO ENTRE O RIO GRANDE DO SUL E O BRASIL

Se na manifestação do prefeito caxiense durante a Festa da Uva de 1978 ficou evidente que a crise econômica havia chegado a Caxias do Sul, as manifestações de personagens políticos, dos periódicos e o uso de eventos da Festa da Uva como palco de protestos de diferentes segmentos sociais, nas edições de 1981 até 2000, demonstraram como esse panorama perdurou por quase duas décadas.

A década de 1970 marcou a economia brasileira pela abrupta transformação do cenário macroeconômico. Registrou em sua primeira metade índices de crescimento do PIB anuais próximos a dois dígitos, o chamado “milagre econômico”. A partir de meados da década, teve início uma conjuntura de problemas econômicos que se amenizaria apenas em meados da década de 1990. A crise do petróleo elevou o endividamento externo, provocou um forte processo inflacionário e de estagnação econômica que marcaram o Brasil por um período de aproximadamente vinte anos.

Estes impactos foram sentidos em todo o país e não foram menores no Rio Grande do Sul. Devemos lembrar que estamos tratando de um estado cuja sociedade vinha a quase um século burilando uma intrincada rede de representações geradoras de um autorreconhecimento social que, nas últimas décadas, havia resultado na construção de uma identidade regional praticamente institucionalizada. Em um plano geral, esta sociedade vinculava seus índices socioeconômicos comparavelmente superiores à maioria das outras unidades da federação em narrativas que enalteciam caracterizações próprias à sua identidade, gerando uma contrastividade em que sempre estava positivada frente aos “outros” das demais regiões do restante do país. Partindo destas ponderações, quais as possíveis explicações e sentidos seriam construídos no momento em que os gaúchos deparariam-se com as agruras de uma crise econômica que atinge todo o país com contundência, inclusive o próspero “*celeiro do Brasil*”?

Se observarmos com atenção os elementos formadores mais marcantes do sistema de representações desta identidade regional gaúcha, bem como as narrativas que dão coerência e garantem sentidos no imaginário coletivo da população do estado, perceberemos que havia apenas uma saída: a culpabilização do governo federal pela crise, que se tornaria uma narrativa que marcou a sociedade gaúcha por praticamente todo o restante do século XX e

impactou com muita intensidade o tradicionalismo, na medida em que evocava reiteradamente o exemplo da Revolução Farroupilha, mesmo substrato do qual o movimento retirou suas representações, a fim de conferir legitimação histórica a este sentido.

Em Caxias do Sul, o impacto da crise também foi sentido com contundência no setor industrial, levando muitas empresas tradicionais à falência ou ao lento encolhimento de suas atividades. E em se tratando de uma cidade cuja principal identidade social até então, a italianidade, tinha como ideia-força central o “progresso”, a falta deste levou os operadores ideológicos locais a copiarem a narrativa que ganhava tração em nível estadual, muito eficaz ao contexto de então, de culpar o governo federal. Do arcabouço de representações históricas da italianidade disponíveis, cabia também ao momento resgatar o sentido de “superação de adversidades”, que viria a ser bastante utilizado no período.

4.1 Resignificações sobre a “superação de adversidades” e a culpabilização alheia pela falta de progresso moldando a italianidade em tempos de crise econômica

Durante as décadas de 1980 e 1990, ocorreu em Caxias do Sul uma importante troca de liderança no setor industrial, tornando-se a indústria metal mecânica a mais proeminente. As maiores empresas metalúrgicas das décadas anteriores, como a Gazola e Metalúrgica Abramo Eberle perderam importância, foram paulatinamente diminuindo seus quadros de funcionários e atividades enquanto as empresas Randon e Marcopolo, respectivamente fabricantes de reboques rodoviários e de carrocerias de ônibus, tornaram-se centrais na economia local, empregando ambas praticamente duas dezenas de milhares de funcionários em seus próprios parques industriais e demandando serviços e atividades de um grande número de empresas de menor porte que, quando analisadas em conjunto, também empregavam dezenas de milhares de trabalhadores.

Tal mudança no campo econômico trouxe impactos no campo simbólico. Se nas décadas anteriores percebíamos que as representações da italianidade tinham em Júlio Eberle seu símbolo máximo personificado, a emergência de novos conglomerados levou essa personificação mítica dos valores da italianidade a outro personagem no qual as valências do trabalho e do empreendedorismo poderiam ser associadas com o progresso e o desenvolvimento econômico. O novo personagem que irá operar pelos próximos trinta anos como símbolo maior local da italianidade foi Raul Anselmo Randon.

Dar-se-á maior destaque a este personagem mais adiante, quando na análise cronológica das conjunturas se perceberá como estará mais estabelecido enquanto *role model* identitário no imaginário local. O contexto de crise da década de 1980 atingiu inclusive a própria Randon, que entrou em concordata no início da década de 1980 e a Marcopolo, que não participou do curso alegórico do desfile da Festa da Uva de 1981 com carro próprio, algo que vinha fazendo em edições anteriores. Entretanto, nesta edição da festa, a empresa cuja falta no curso alegórico foi mais sintomática foi a Eberle, cristalizando esta mudança de liderança no campo econômico local.

A Festa da Uva de 1981 foi aberta por João Figueiredo, último presidente militar. Além das representações transversais a todas as edições da Festa da Uva relativas às valências do “trabalho” e do “progresso”, o contexto de crise econômica é percebido pela menção no Pioneiro de insatisfações dos produtores de uva, que entregaram documento com pedidos sobre alteração no preço mínimo da fruta, apontando em texto que “*as reivindicações apresentadas ao Presidente da República pelos produtores de uva de Caxias do Sul refletem a onda de descontentamento, principalmente em face do baixo preço mínimo do produto estabelecido pelo documento*” (DOCUMENTO DOS VITICULTORES... 1981, p. 18). O uso da expressão “*onda de descontentamento*” é um sinalizador importante de como a percepção acerca do governo federal havia se alterado em relação à década anterior.

Outro sinal relevante da crescente insatisfação com o governo federal se encontra no editorial do jornal do dia 17 de março, deste mesmo ano, ao apontar o memorando enviado pela Câmara de Indústria e Comércio, entidade que congrega os sindicatos patronais e a elite econômica caxiense, ao vice-presidente Aureliano Chaves, expressando insatisfação com os rumos da economia brasileira ditados pelo governo.

os empresários caxienses mostraram mais uma vez, que não concordam com tudo o que está acontecendo neste país. Eles reafirmaram suas posições diante de um quadro cada vez mais sombrio e que tantas preocupações tem causado para aqueles que têm a responsabilidade de produzir [...] criticando a atuação do senhor Delfim Neto no Ministério do Planejamento e nele destacou que o responsável pela economia brasileira, ‘além de não encher a panela do povo como havia prometido, ainda tirou a panela’.[...] As preocupações dos nossos empresários, semelhantes em proporção às de todos os brasileiros, certamente foram transmitidas ao Presidente da República. Agora resta esperar. Esperar como todo povo brasileiro vem fazendo há muitos anos. Esperar por medidas que possam ao menos tornar mais suportáveis as condições atualmente tão precárias de vida do nosso povo. (OS EMPRESÁRIOS... 1981, p. 4)

O tom deste editorial do Pioneiro publicado no dia posterior ao final da Festa da Uva é um sinalizador importante do tamanho do descontentamento da elite local em relação à crise econômica. Quando comparado às manifestações direcionadas aos presidentes das décadas anteriores, inclusive os anteriores ao regime militar, fica evidenciada que se trata da primeira grande crise econômica que se abateu sobre a economia local.

Este cenário, que se arrastava desde fins dos anos setenta, se manterá por mais de uma década. Na edição da Festa da Uva de 1984, quando já havia transcorrido tempo suficiente de crise econômica cujo fim não se vislumbrava, surge pela primeira vez a menção a uma ideia-força sobre a italianidade que foi pinçada e realçada dentro do seu conjunto de representações, e se tornaria recorrente até o início do século XXI: a noção de que os imigrantes e seus descendentes têm de “*superar adversidades*”. O editorial do Pioneiro da abertura da Festa da Uva de 1984, intitulado “Carta aberta ao presidente João” (sic), traz esta primeira menção em suas edições próximas à Festa da Uva:

Senhor Presidente. Por certo haverão de dizer as pessoas responsáveis dos agradecimentos pela sua presença na abertura da Festa da Uva. Outros dirão aquelas palavras necessárias de valorização da Festa, que a comunidade espera que seja a maior de todas, não se esquecendo de ressaltar a garra e a força de vontade dos imigrantes que colonizaram esta região e que nos acostumaram a fazer vencedores de crises e desafios. Tudo isso é necessário que se diga, Senhor Presidente e, com certeza, o Senhor ouvirá, nesta estada em Caxias do Sul, mesmo que por poucas horas. [...] Com toda a franqueza, Senhor Presidente, mesmo que ninguém vá lhe solicitar nada, pois a visita é de cortesia, gostaríamos de nos permitir um devaneio: dia desses, antes de o Senhor dar o passeio matinal, fique brabo, Presidente. Fique brabo, diga não a tudo aquilo que o FMI provoca de recessão neste país, declare guerra à corrupção, fim do arrocho salarial, adote uma política de pleno emprego e produtividade e Senhor Presidente, se não for pedir demais, mande brasa na direta, mesmo que seja em 86. E uma boa estada nesta terra, Senhor Presidente. E pode dizer que foi aqui em Caxias que pediram para o Senhor ficar brabo... (CARTA ABERTA...1984, p. 4.)

O editorial traz luz sobre o momento de dissensão política dos últimos anos do regime militar. Um periódico conservador, com posturas amplamente favoráveis ao regime antes mesmo da instalação do AI-5, quando a censura passou a tolher contrariedades ao governo, adotou um tom sarcástico contra Figueiredo, já notado no título quando se refere a ele como simplesmente como “*presidente João*”. Quando lembramos que presidentes militares anteriores eram tratados como “*Excelentíssimo Senhor Presidente General*”, fica evidente como o declínio do regime foi acompanhado de uma crescente perda de legitimidade simbólica dos militares. As críticas ao alinhamento com o FMI, à corrupção e ao desemprego

também eram traços importantes e recorrentes nas manifestações dos periódicos no período, percebidos no excerto acima.

Outro fato que coaduna esse sentimento de derrocada do regime militar foi a quase manifestação pelas eleições diretas, promovida pela União das Associações de Bairros (UAB), no curso alegórico inaugural da Festa da Uva. Órgão formado por lideranças comunitárias, a UAB tinha montado um carro para o desfile, que foi impedido pela organização da festa de participar de última hora, muito provavelmente por ter vazado a informação de que pretendiam abrir uma faixa com a inscrição “*Diretas Já*”, quando passariam pela arquibancada central onde se localizava Figueiredo. Tal “quase acontecimento” é um indicador significativo da centralidade nevrálgica que a Festa da Uva e seus espaços possuem enquanto campo de disputas simbólicas no imaginário local, na medida em que o evento era escolhido para demonstrações de desagravo político.

A edição de 1986 da Festa da Uva foi aberta por José Sarney, o primeiro presidente civil desde 1964. Vice de Tancredo Neves, que havia sido eleito indiretamente pelo Colégio Eleitoral e que faleceu antes de tomar posse. José Sarney era ex-filiado da Arena e do PDS, partidos de sustentação do regime militar, mas em virtude de costuras políticas, filiou-se ao PMDB, partido de Tancredo, que era minoritário no Colégio Eleitoral e necessitava de votos do próprio PDS para garantir a maioria. A movimentação executada com Sarney na posição de vice granjeou a Tancredo os votos necessários para a vitória.

Mesmo com presidente civil, a crise econômica manteve-se. O governo de Sarney foi marcado pela forte inflação e elevado custo de vida. Na abertura da Festa da Uva em fevereiro, Sarney não havia completado ainda um ano de governo. Não houve relatos de protestos a ele direcionados por meio dos periódicos. Ao contrário, encontra-se a menção de que ele teve de “*ser protegido das pessoas que queriam lhe homenagear*” (SARNEY ABRE... 1986, p. 1) e relativa euforia, incluindo manchete favorável na capa e nota paga pela Prefeitura Municipal com foto de Sarney sorrindo e a frase “*Sr. Presidente. Prove a hospitalidade caxiense*”, contrastando com o tratamento dispensado a Figueiredo há dois anos.



**FIGURA 14 - CAPA DO JORNAL PIONEIRO DE 21 DE FEVEREIRO DE 1986.
(SARNEY ABRE... 1986, P.1)**

Em relação às principais representações propulsionadas sobre a italianidade, percebemos os reiterados elogios à italianidade por meio da impingência da categoria trabalho, como a assinada pelo bispo local na qual aponta que a “*Festa da Uva como a que está se realizando é uma dignificação do trabalho honesto, inteligente e sério*” (ZORZI, 1986, p. 4). Porém, é nesse ano que se percebe pela primeira vez uma nova ideia-força que ganhará propulsão nas manifestações durante as próximas edições da Festa da Uva, relativa à desvalorização do papel do Rio Grande do Sul frente ao governo federal. Embora possa parecer uma noção estranha à italianidade, lembro que tal informação é apontada dentro de discursos que designam o impacto que isso causaria à região e à economia local e que emerge como mais um dado explicativo da crise econômica, retirando a responsabilidade das dificuldades dos empresários locais, principais vetores simbólicos da italianidade. Aponto-o como um discurso empregado para garantir a coerência de sentidos de um sistema de representações que os legitima enquanto responsáveis pelo progresso. Quando não há progresso, percebido pela sociedade por conta do elevado custo de vida, desemprego e fechamento de empresas sob seu comando outrora prósperas, a culpa deve ser externalizada, aproveitando uma narrativa disponível no cenário regional. O editorial do Pioneiro de 21 de fevereiro de 1986 traz esta construção:

As críticas dos gaúchos não se devem ao gosto ou ao desprezo por nomes ou tendências deste ou daquele ministro da equipe montada pelo Presidente, e sim, à condição a que foi relegado o Rio Grande do Sul, de pedinte, e ainda

por cima, apontado como beneficiário dos desmazelos dos últimos anos, o que é no mínimo um absurdo. Justiça e bom senso é só que se pede. Só isso. (RESPEITO E HOSPITALIDADE... 1986, p. 4)

Na edição seguinte da festa, tal sentido é novamente referendado, em editorial que aponta a perda da relevância do Rio Grande do Sul no cenário industrial do país nas últimas décadas e logo deslinda para um elogio ao progresso local descolado do apoio governamental:

Hoje alcança a condição de principal polo metal mecânico do Sul do país, perdendo justamente para São Paulo e de segundo polo econômico do Rio Grande do Sul, ficando atrás apenas de Porto Alegre. Os símbolos desse dinamismo estão dispostos agora em forma de festa, marcando a comemoração da vitória do trabalho de várias gerações que nunca esperaram do governo uma solução para suas aspirações e necessidades. (UMA FESTA... 1989, p. 2.)

Como previamente apontado, a representação de que o desenvolvimento local se deu sem articulação com forças governamentais é historicamente falsa. A reiteração desse discurso demonstra um esforço de enaltecer e heroicizar o “caráter empreendedor” da italianidade da elite econômica, legitimando-a socialmente e cristalizando continuamente seu sistema de representações. Isto é feito pelo periódico desconsiderando a historiografia e, até mesmo, outras matérias veiculadas pelo próprio jornal, nas quais se observa com recorrência, durante as edições da Festa da Uva, a entrega de cartas e requisições de associações e de viticultores pela majoração do preço do quilo da uva estabelecida pelo governo federal.

Isto é particularmente perceptível nesta edição do Pioneiro de 18 de fevereiro de 1989, quando o editorial supracitado na página 4 do periódico enaltece o “*trabalho de várias gerações que nunca esperaram do governo uma solução para suas necessidades*”, ao mesmo passo que em parte da capa estampa foto do protesto de viticultores e que o “*resultado do protesto foi conflito com a BM*”. Erbes (2012, p. 181) aponta que o tumulto se iniciou quando viticultores tentaram jogar uvas podres no chão próximo ao palco das autoridades, protestando contra o baixo preço da uva.

O esforço do periódico em procurar perpetuar representações positivadas da elite econômica, mesmo em uma edição do jornal em que um observador mais atento perceba contradições em suas narrativas, pode ser explicado por dois fatores: primeiro, porque em épocas de crise, com falências de empresas, inflação e desemprego, é necessário operar com maior contundência discursos que projetem representações a fim de manter o *status quo* da

elite, que vinha sendo apontada no imaginário como responsável pelo progresso - como este não está ocorrendo, necessita-se responsabilizar fatores e agentes externos; segundo, porque considerando a ampla miríade de leitores do periódico e os diferentes níveis de atenção que conferem às suas diferentes seções, muitos desconsiderando o editorial, somado à eficácia destas representações já ancoradas no imaginário social que apontam os locais como trabalhadores e empreendedores frente a um governo disfuncional e responsável por uma crise econômica que perdura há praticamente uma década, a possibilidade de que muitos leitores percebam tais inconsistências lógicas no periódico é praticamente nula.

Outro fator que distancia os leitores da possível percepção de uma inconsistência é o reconhecimento implícito do distanciamento social entre aquelas “*várias gerações que nunca esperaram nada do governo*”, um sentido normalmente expresso ao empresariado, portanto da elite, e os perpetradores do protesto, os viticultores, que não são membros desta e entram em conflitos com a Brigada Militar (por “*conflito com a BM*”, entenda-se que os viticultores provavelmente foram atacados por despejarem uvas podres no chão). Embora tanto os empresários como os viticultores sejam grupos sociais amplamente reconhecidos como portadores da italianidade, a manutenção por décadas desta narrativa na qual percebemos a conferência aos empresários do protagonismo pelo progresso local, permite uma interpretação de que os protestos contra uma política federal por parte de portadores da italianidade e a narrativa “*nunca esperaram do governo*” mantenha-se coerente.



FIGURA 15 - CONFRONTO ENTRE MANIFESTANTES E A BRIGADA MILITAR NO PRIMEIRO DESFILE DA FESTA DA UVA DE 1989. (ERBES, 2012, P. 183)

Os discursos das autoridades na abertura desta edição da festa procuraram reforçar os sentidos de superação das adversidades e culpabilização externa pela crise econômica. O presidente da Festa da Uva, Luiz Zamboni Neto, em tom menos laudatório do que o proposto

pelo jornal e que permite uma interpretação de estar mais vinculado às demandas dos viticultores, apontou que:

Esta Festa da Uva há de ser mais um clamor de uma cidade, uma região e de um estado. Há de ser um depoimento objetivo de que, muito embora solitários e marginalizados pelo poder central da República, temos mantido a garra e a solidariedade que sempre marcaram nossa história nestes montes, vales e planícies que nos cercam. (GOVERNADOR ABRE... 1989, p. 28)

O governador do estado, Pedro Simon, foi a principal autoridade do evento. Sarney não veio à festa nem enviou ministros, provavelmente informado de que haveria protestos contundentes⁹⁹. As vaias recaíram sobre Simon quando se dirigiu ao palco das autoridades para observar o desfile do curso alegórico pouco antes da tentativa de protesto dos viticultores. Em seu discurso de abertura, ainda nos pavilhões, fez uso das narrativas heroizantes sobre os sacrifícios dos primeiros imigrantes para compor seu discurso de superação de adversidades:

A hora é de dificuldades, mas também de mostrarmos nossa capacidade de vencer. Retornemos ao passado para que possamos entender melhor os problemas de hoje. Nossos colonizadores, sem dúvida, passaram por momentos mais difíceis. (GOVERNADOR ABRE... 1989, p. 28)

A Festa da Uva de 1991 ocorreu durante o governo de Fernando Collor de Mello, que não veio para a abertura e enviou seu ministro da Agricultura, Antonio Cabrera. A edição teve o tema “Repensando a Festa” (ERBES, p. 193, 2012), que visava aproximá-la mais da população. A comissão organizadora da empresa Festa da Uva S.A. estabeleceu um seminário na metade de 1990 com representantes de sindicatos patronais, de trabalhadores, profissionais da comunicação e políticos para discutir o evento, e tomaram medidas que repercutissem em maior número de visitantes. O processo de escolha da rainha da festa tornou-se mais amplo e festivo. Foi realizado no parque dos pavilhões com a presença de torcidas de cada candidata.

99 Segundo o então vereador Pepe Vargas, “a suspensão da visita de Sarney a Caxias do Sul deve ter sido orientada pelo SNI’. A afirmação foi feita pelo vereador e presidente do PT caxiense, Gilberto Pepe Vargas. Ele argumentou que o órgão do governo deve ter tomado essa decisão para evitar que o presidente da República visse o protesto de trabalhadores e produtores rurais programado para ser realizado durante os desfiles dos carros alegóricos’. Pepe Vargas também denunciou os organizadores, destacando o caráter burguês que está sendo dado ao evento. É preciso – segundo o petista – resgatar o caráter popular da Festa da Uva” (AUSÊNCIA DE SARNEY... 1989, p. 11)

Com um conjunto de shows com artistas nacionais, o número de visitantes nos pavilhões cresceu bastante em relação aos anos anteriores.

A intenção dos organizadores desta edição procurou promover uma “retomada às origens”, centralizando a Festa da Uva “na uva”. Em entrevista, o presidente da comissão organizadora apontava a intenção de “*resgatar o espírito, o clima, a pureza, a força e o valor da gente que planta a semente, cuida do broto, acalenta os renovos e protege com carinho o nascimento do fruto*” (A ORDEM... 1991, p. 13).

O direcionamento temático desta edição foi elogiado nos meios impressos locais e pelas autoridades, porém a grande quantidade de público visitante nos pavilhões se deveu muito mais aos shows do que a uma popularização maior junto aos locais ou a maior apelo turístico (ERBES, 2012, p. 194). Com enfoque sobre o próprio fruto, o espaço para a construção de representações sobre a italianidade perante a população em geral foi mais circunscrito, observado no curso alegórico que procurou da mesma forma que em outras edições do passado e do futuro, retratar a história local. Entretanto, esse enfoque contundente de volta às raízes exibiu uma possível contradição que acompanha as edições da Festa da Uva desde 1950 e que se verá em outras edições.

Tal contradição deve-se ao fato da Festa da Uva ter se iniciado numa época em que a vitivinicultura era uma importante atividade econômica, ponto central de sua exposição, mas que também abarcou as atividades industriais como forma de uma “feira da produção” local. Organizada pela elite urbana, ainda em suas primeiras edições na década de 1930, o setor industrial da cidade rapidamente suplantou em importância a atividade vitivinicultora e tomou o controle da festa como um espaço de exposição majoritariamente industrial e de promoção de seus símbolos materiais, remissivos a um sistema de representações sobre a italianidade que poderia melhor posicioná-los frente ao estado e ao Brasil, como após 1950. Ainda dirigida por uma elite política e econômica de características urbana e industrial, a Festa da Uva, enquanto evento culminante de reprodução e teatralização de narrativas sobre a sociedade caxiense, conservou um conjunto de valores e símbolos fixos e os repetiu em consecutivas edições para mantê-los operantes no plano simbólico local, como seu próprio nome vinculado a uma fruta, garantindo-lhe a legitimidade como principal festa local. Se imaginarmos que um observador externo desconhecedor do imaginário e do universo simbólico da cidade a percebesse em 1991, na condição de segundo maior polo metal mecânico do país, observasse a condição significativamente marginal que a produção vitivinícola possuía no cenário econômico local, com baixo impacto social e se defrontasse

com sua maior e mais esperada celebração como uma Festa da Uva, podemos rapidamente conjecturar que não veria o menor sentido nisso.

Este exercício de estranhamento se faz necessário para percebermos como o fato de a Festa da Uva ter assumido uma pecha demasiadamente industrial abriu margem para problematizações vocalizadas pelos seus organizadores ou pela mídia em algumas edições. Devemos levar em consideração que Caxias do Sul recebeu continuamente significativos contingentes de migrantes que, embora informados pelos sistemas de representações locais sobre as narrativas que explicam sua história e que justificam esta festa tal como ela é, para muitos de seus habitantes, uma Festa da Uva com maciça presença de expositores industriais a tornam incoerente.

Nas edições das décadas de 1960 e 1970, esta questão do caráter industrial de uma festa baseada em um produto agrícola já surgia em algumas edições, porém emergiu com bastante vigor nesta edição de 1991. Considero que o fato da edição de 1989 ter provavelmente apresentado resultados mais fracos em virtude do contexto de crise econômica, dos protestos que a marcaram e da falta da pujança industrial passível de exibição de outrora foram determinantes para este retorno temático à fruta. De qualquer forma, a criatividade das sociedades em manejar seus sistemas de representações visando a produzir narrativas explicativas para si e para os outros não nos permite considerar esta suposta “incoerência” de uma festa de colheita com caráter demasiado urbano e industrial como uma contradição excessivamente problemática. Em praticamente todas as edições após 1950, a constante estruturação dos desfiles de cursos alegóricos como uma narrativa histórica nos aponta como esta foi a solução buscada por tentar propor uma explicação de origens desta festa, das transformações que a sociedade sofreu até atingir esta configuração e exaltando todos os elementos, do passado e do presente, para qualificar os locais com sentidos positivos. É neste âmbito que reside a importância das festas de colheita, como um ritual de renovação que opera com o imaginário social no reforço e ressignificações de representações desta sociedade.

As edições da Festa da Uva ocorridas entre 1978 e 1991 foram realizadas sob gestores da empresa Festa Nacional da Uva, Turismo e Empreendimentos S.A., cujo acionista majoritário era o governo do estado. Durante todas estas edições, os membros dos governos estadual e municipal eram de partidos políticos opostos, o que gerou por muitas vezes rugas entre os promotores da festa e a prefeitura. É importante destacar que em nenhuma destas edições o governo do estado escolheu organizadores que não tivessem fortes ligações com a

elite local caxiense para realizar a festa, conhecedor da importância de que tais organizadores circulassem neste meio para angariar patrocínios e atender aos anseios daqueles que eram os principais interessados em sua realização.

Nos anos de 1991 e 1992, o alinhamento partidário entre o governador Alceu Collares e o prefeito Mansueto Serafini abriu espaço para uma negociação na qual a prefeitura tornou-se acionista majoritária da Festuva S.A. e passou a ter o direito de organizar o evento por meio de seus indicados. De 1994 em diante, a organização das edições da festa passou a ficar centralizada em uma “*comissão comunitária, com integrantes de entidades empresariais e sindicais, Prefeitura e da Universidade de Caxias do Sul*” (ERBES, 2012, p. 199). A nota publicada por Alceu Collares em jornal local, na abertura da edição da Festa da Uva de 1994, traz sua narrativa sobre isto:

Manter viva por 63 anos a tradição de uma das festas mais importantes do calendário brasileiro, demonstra a força da mobilização comunitária do povo de Caxias do Sul e de toda a região da Serra, e sublinha a importância desse evento na sua formação sócio-cultural e econômica.

O Governo do Estado teve, com a participação do então prefeito Mansueto Serafini, do deputado Luiz Festugatto, vereadores e empresários desta cidade, a grata oportunidade de devolver a Caxias e região o comando e controle da Festa Nacional da Uva, num lógico reconhecimento do que ela representa para uma comunidade responsável por 70% da produção nacional de uvas. Municipalizar a festa foi, portanto, um ato de respeito à singularidade e ao carinho com que o povo da região tem preservado essa tradição ao longo dos anos. (COLLARES, 1994, p. 41)

Faço um destaque sobre a utilização da expressão “comunitária” para designar a comissão organizadora da Festa da Uva a partir de então, visto que tanto Erbes (2012), como a própria Festa da Uva S.A. e a mídia passarão a adotar esta expressão para qualificar a nova forma de organização da festa. Aponto que embora a partir de 1994 esta comissão tenha se tornado o principal colegiado decisório planejador e organizador da Festa da Uva, seus membros eram os representantes de setores da sociedade caxiense que sempre estiveram à frente da operação das outras edições, como a elite econômica, política e intelectual. Podemos afirmar que destes três grupos, o que estava mais sujeito a alterações em seus quadros de representantes era o grupo político, devido às eleições municipais quadrienais.

Quando Erbes se refere a “entidades empresariais e sindicais”, entende-se a Câmara de Indústria e Comércio (CIC) e os sindicatos patronais que gravitam ao seu redor, principais organizações representativas do empresariado local. A adição da Universidade de Caxias do Sul abriu maior espaço institucional para a participação de intelectuais locais na proposição de

representações e narrativas na execução da festa, algo que corrobora os apontamentos de Mocellin (2008) quando indica a UCS como o elo que une empresários e intelectuais na formação de representações positivadas sobre a italianidade. Percebemos que quando os intelectuais são adicionados à comissão organizadora da Festa da Uva, ganham maior espaço para projetar estas representações, agora no evento culminante da cidade. De qualquer forma, é importante apontar que a colaboração de intelectuais locais para a Festa da Uva já ocorria nas edições anteriores de forma decisiva. A nova configuração apenas institucionalizou e abriu canais mais diretos para tal contribuição.

Em 1994, percebemos a reiteração do discurso sobre a superação de adversidades como valência da italianidade que vinha pautando a Festa da Uva desde a década passada. No editorial predecessor à abertura da festa, do dia 25 de fevereiro de 1994, o Pioneiro foi bastante claro em utilizar este sentido e em explicá-lo:

Esta 20ª edição da Festa Nacional da Uva oferece um motivo a mais para justificar o orgulho da cidade em promovê-la: a grande quantidade de dificuldades vencidas, entre as quais se destaca a escassez de recursos de uma época que recém dá os primeiros sinais de superar um quadro econômico simultaneamente recessivo e inflacionário, que se arrasta há mais de dez anos. Mas a luz no fim do túnel, que precariamente surgiu em 1993, foi o bastante para reanimar a garra tradicional da comunidade caxiense, que decidiu transformar a festa de 1994 num exemplo de resgate do otimismo e da alegria que marcaram outras épocas. (HOSPITALIDADE CAXIENSE... 1994, p. 6)

É importante destacar que, nesta época, Caxias do Sul já apresentava um grande contingente populacional de não descendentes de italianos, o que não impediu a narrativa do periódico em conferir as valências do desenvolvimento local aos imigrantes e seus descendentes, ao citar na sequência do trecho acima que “*as mãos do imigrante italiano que construíram a civilização serrana [...] tiveram igualmente o reconhecimento à sua capacidade através do evento*” e que esta festa seja “*uma síntese da vida caxiense e de toda a região de colonização italiana*” (HOSPITALIDADE CAXIENSE... 1994, p. 6). O silêncio sobre os não descendentes de italianos que já compunham grande parte da sociedade caxiense é algo expressivo, tendo em vista que esses grupos já tinham alguma visibilidade desde a década de 1970, nas próprias performances culminantes da Festa da Uva, como o curso alegórico com menções a outros povos e “raças” que tiveram importância no desenvolvimento

de Caxias do Sul¹⁰⁰. O silenciamento nos espaços midiáticos se manteve até as edições que ocorreram a partir do ano 2000, quando uma repaginação com o intuito de impingir um caráter “multicultural” da Festa da Uva tomará corpo, levada a cabo pela comissão organizadora “comunitária” e forçosamente imporá a pauta para a mídia local.

A edição de 1994 teve sua abertura marcada pela presença do presidente Itamar Franco, dias depois de um incidente em que o mesmo se envolveu em um camarote no Carnaval do Rio de Janeiro e que pautava o noticiário da época¹⁰¹. Considerando a cobertura do jornal, é possível supor que Itamar Franco gozava de popularidade maior em relação aos presidentes que vieram à abertura da Festa na década anterior, muito em virtude do arrefecimento da crise econômica:

Desde a manhã do ato de abertura no Parque Centenário, o senhor Itamar Franco foi aplaudido por todas as pessoas presentes, ritual que se repetiu nas demais aparições do chefe da nação. O presidente pagou na mesma moeda: sem mostrar cansaço, experimentou uvas e queijos caxienses e esteve sempre bem-humorado. Uma performance digna de um descendente de italianos, que o senhor Itamar Franco confessou ser. [...] Sem mostrar-se incomodado com alusões a pouca atenção que o governo federal tem dado ao Rio Grande do Sul na distribuição de verbas ‘os recursos é que são escassos’, o presidente passou a destacar os aspectos positivos de seu governo, como a coragem de enfrentar o déficit público através de um orçamento equilibrado, o combate à inflação “sem planos milagrosos nem choques econômicos” e a busca por caminhos para manter a fome. Outro resultado obtido no pouco mais de um ano em que está na Presidência também foi lembrado: a aceleração da produção industrial e de outros setores da atividade econômica, com o conseqüente aumento do PIB.

O balanço do primeiro dia da Festa da Uva e da visita presidencial pode ser resumido no fato auspicioso que Caxias do Sul soube dar, ao chefe da nação, uma recepção digna de seu cargo, a ponto de fazê-lo esquecer rapidamente, os temores de que viesse a ter que enfrentar comportamentos inspirados pelas ocorrências na Marquês da Sapucaí, durante os desfiles das escolas de samba.[...] Caxias do Sul confirma, assim, a hospitalidade e o comportamento digno que pertencem à tradição gaúcha. (HOSPITALIDADE CAXIENSE... 1994, p. 6)

Vários apontamentos devem ser observados neste editorial. Primeiramente, resalto o reforço em positivar a italianidade, expressado na “*performance digna de um descendente de*

¹⁰⁰ Em relação a esta edição da Festa da Uva de 1994, Erbes aponta como dentro da programação havia “apresentações diárias de grupos de dança italiana e gauchesca” (2012, p. 204).

¹⁰¹ No carnaval deste ano, Itamar Franco esteve presente em um camarote no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro na Marquês do Sapucaí, onde foi fotografado de baixo para cima ao lado da modelo Lilian Ramos, sendo que devido ao ângulo da foto, se pode perceber que ela não utilizava roupas íntimas. Mesmo que Itamar estivesse divorciado à época, o episódio causou repercussão.

italianos” e a tônica de seu caráter de exclusividade hereditária. O comportamento adequado de Itamar é vinculado a tal valência numa festa promotora da italianidade. Uma segunda informação relevante é a reiteração à menção ao tratamento marginal conferido ao Rio Grande do Sul pelo governo federal, já apontado anteriormente em outras narrativas de edições anteriores da festa como um sentido arrolado para externalizar as causas da crise econômica e procurar manter intacta a pecha do progresso aos portadores da italianidade.

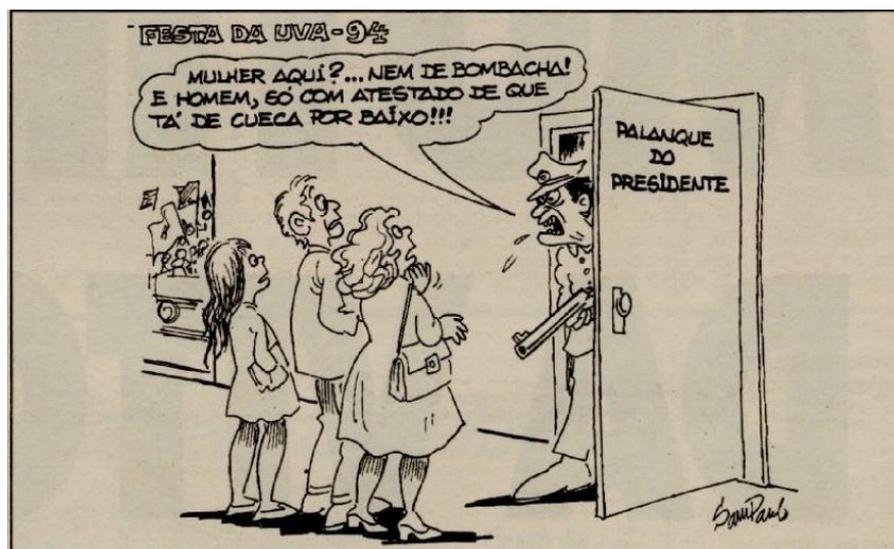


FIGURA 16 - CHARGE PUBLICADA NO JORNAL PIONEIRO NO DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1994, IRONIZANDO A POLÊMICA NO CARNAVAL COM ITAMAR FRANCO. (PIONEIRO. 27 FEV. 1994, P. 6)

Um terceiro elemento importante neste editorial refere-se aos eventos ocorridos com Itamar no carnaval carioca e o esforço em procurar demonstrar como localmente tal fato não ocorreria. Quando qualifica por duas vezes a recepção local como “*digna*” e contraposta ao ocorrido, o periódico automaticamente designa aquele evento como *indigno* ao cargo do chefe da nação e associa esta dignidade à “*hospitalidade gaúcha*” de Caxias do Sul.

Considero importante ressaltar a existência de um substrato por trás das representações elencadas neste terceiro elemento. Em 1993, o Pioneiro passou ao controle da RBS, um conglomerado midiático estadual. Vejo a possibilidade concreta de que a vinculação positivada da italianidade com “*hospitalidade*” e “*comportamento digno que pertencem à tradição gaúcha*”, seja uma promoção de sentidos alinhada por este periódico ao seu caráter híbrido de promotor da italianidade, como foi a atuação histórica do Pioneiro, e de um regionalismo com forte lastro no estado, que já vinha pautando a ação dos veículos da RBS. A associação de todos esses elementos por meio da cobertura editorial da vinda de Itamar

Franco na abertura da festa torna nítido como o Pioneiro, agora sob o comando da RBS, passou ao controle de um agente promotor de representações mais perspicaz, que através de uma narrativa com maiores pretensões de neutralidade jornalística, operaria de maneira mais “mágica” a construção de representações identitárias, fomentando aspectos de complementaridade entre as duas.

4.2 Italianidade da Região de Colonização Italiana nos meios de comunicação de massa em nível nacional: A Festa da Uva embarca no sucesso de filmes e novelas entre 1996 e 2004.

O período que compreende os anos finais da década de 1990 e os iniciais do século XXI foi marcado por edições da Festa da Uva com projeção de representações sobre a italianidade pouco distintas em relação àquelas percebidas nas edições anteriores. As representações que atravessaram todas as festas, elogiosas ao labor dos locais, mantiveram sua centralidade e foram constantes as representações sobre a superação de adversidades por parte dos italianos e seus descendentes, porém com um pequeno deslocamento de sentido em relação às edições anteriores, não se efetuando mais a associação deste “passado de dificuldades” com a crise econômica síncrona que marcaram tais edições.

Este novo momento econômico de relativo crescimento levou à associação do progresso local com as maiores empresas caxienses, Marcopolo e Randon, expoentes do setor metal mecânico. Percebe-se também a continuidade de uma temática voltada à “autenticidade” da festa, do “retorno às origens” vinculada à preocupação de ampliar a participação comunitária (no sentido de popularizar), discussão que já havia emergido com força na edição de 1991.

Outro fator fundamental na promoção da italianidade que marca este final do século XX e início do XXI foi o “revival étnico” promovido pela terceira geração de descendentes de imigrantes, que levou ao incremento das festas étnicas, de família ou mesmo dos estabelecimentos das cidades-irmãs¹⁰². Houve também uma crescente exploração econômica da etnicidade por meio do turismo na RCI, o que junto com a maior projeção midiática da

¹⁰² O “gemellagio” ou geminação de cidades é a designação de uma série de mecanismos protocolares que visam estabelecer intercâmbios em variadas áreas entre cidades geralmente pertencentes a países distintos, mas que compartilham elementos históricos comuns, em geral propiciado por correntes migratórias. O estabelecimento de acordos de cidades irmãs em relação às cidades da RCI ocorreu com profusão neste período com pequenas cidades italianas.

italianidade em meios de comunicação de massa em nível nacional, resultou em novas performances e novas representações sobre essa identidade.¹⁰³

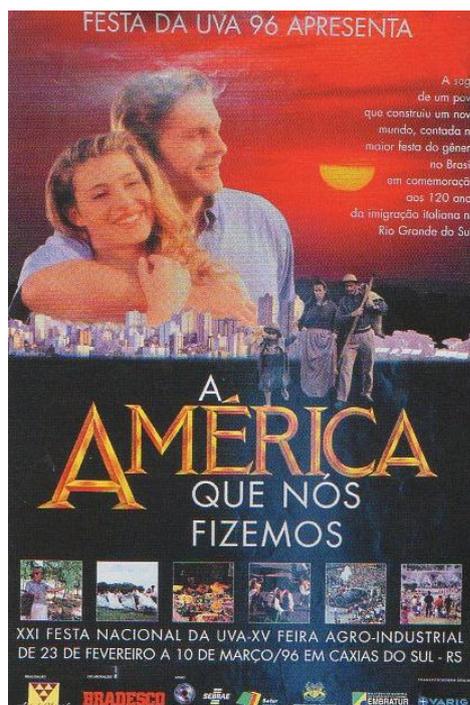
A edição de 1996 da Festa da Uva apresentou algumas destas nuances. Ocorrida no início do ano, foi impactada de forma decisiva pelo lançamento no final do ano anterior do filme “O Quatrilho”, baseado em um romance homônimo do escritor caxiense José Clemente Pozenato¹⁰⁴ e filmado no interior de Caxias do Sul, com a participação de vários figurantes locais¹⁰⁵.

O filme foi um dos maiores sucessos do cinema brasileiro dos anos 90, chegando a concorrer ao prêmio do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1996. Como a cerimônia de escolha do prêmio ocorreria no final de março, a expectativa sobre sua premiação atravessou o período de ocorrência da Festa da Uva, que ganhou maior projeção nacional e foi performatizada por meio de um carro alegórico no desfile relativo ao filme. De acordo com Erbes (2012, pg. 208-209), as filmagens divulgaram a Serra Gaúcha de tal modo que “*os hotéis de Caxias do Sul ficaram lotados nos três finais de semana da Festa, enquanto os leitos das cidades vizinhas tiveram uma procura maior em comparação com outras edições. Esses turistas vinham conhecer as paisagens bucólicas, traços remanescentes do passado e da Festa da Uva.*” O impacto do filme nas representações da festa pode ser percebido também no cartaz da edição, cuja diagramação de imagens faz alusão a um cartaz de divulgação cinematográfico, utilizando-se de elementos corriqueiros deste tipo e um pequeno texto similar a um “script”, mencionando “*a saga de um povo*”.

¹⁰³ Sobre este contexto de exploração econômica da italianidade na RCI na década de 1990, ver Quando o passado dá lucro (BENEDUZI, 2013), e Ficções arquitetônicas para a construção da realidade (BIASE, 2001).

¹⁰⁴ Mocellin (2008) o aponta como um dos intelectuais do campo de promotores da italianidade. Foi professor da UCS, escritor e Secretário Municipal da Cultura no primeiro mandato de José Ivo Sartori (2005 – 2008).

¹⁰⁵ Cinema, literatura, programas e reportagens televisivas também são importantes espaços de construção destas identidades, mas não serão enfocados nesta tese.



**FIGURA 17 - CARTAZ DA FESTA DA UVA DE 1996.
(ERBES, 2012, P. 308)**

Aberta com a participação de Fernando Henrique Cardoso, a edição de 1996 sinaliza para uma reclusão nos meios midiáticos de narrativas anteriormente comuns sobre a discriminação do governo central perante o Rio Grande do Sul. Se o editorial do Pioneiro de 23 de fevereiro desse ano já traçou narrativas neste sentido, agradecendo a FHC pela “*ampliação de produção de nafta pela Refinaria Alberto Pasqualini*”, pela duplicação do polo petroquímico de Triunfo e resoluções sobre a dívida mobiliária do estado (SENHOR PRESIDENTE... 1996, p. 6.), o do dia seguinte foi ainda mais explícito:

Considerando-se a série de pleitos estaduais atendidos recentemente pelo governo federal, oportunamente destacados pelo governador Antônio Britto na sua saudação pelo visitante, pode-se concluir que a administração Fernando Henrique está acabando com a discriminação histórica do poder central para com o Rio Grande. (O PRESIDENTE EM CAXIAS... 1996, p. 6.)

É interessante apontar como tal posicionamento praticamente enterra, por parte deste conglomerado midiático, a possibilidade de lançar mão dessa narrativa, que era continuamente utilizada e poderia novamente, caso necessário, ser impelida para escudar a elite local e gaúcha da responsabilidade de crises e dificuldades econômicas que se abatessem por aqui. Considero que a chave para compreender o fato da RBS lançar mão desta narrativa e

seus efeitos se deva a um cálculo político mais amplo, que incluía a positivação do governador do estado, Antônio Britto, pela sua associação com o governo federal. Conforme exposto no capítulo 1, no trabalho *Rio Grande do Sul, entre a crise e a grandeza* (2003), de Ana Celina Figueira da Silva, a narrativa política de aproximação ao governo federal foi marca da campanha de Antônio Britto enquanto candidato ao governo do estado em fins de 1994, matizada pela contraposição a esta narrativa pelo seu candidato opositor, Olívio Dutra, em uma eleição bastante disputada e vencida por Britto¹⁰⁶ apenas no segundo turno. Reforçar que esta proximidade de Britto com o governo federal estava auferindo ganhos para o estado mantinha-o positivado no imaginário social, legitimando-o frente a um discurso político amplamente reconhecido há alguns anos. Nesse sentido, encontramos na edição de 24 de fevereiro de 1996 do *Pioneiro* em suas diversas matérias, menção ao fato de Britto ter sido “o mais festejado depois do presidente” (UMA INSTITUIÇÃO... 1996, p. 8), além de lhe conferir a visibilidade mais saliente a um governador do estado na abertura da festa desde a vinda de Leonel Brizola em 1961.

Embora tais apontamentos pareçam escapar ao poroso limite que demarca o objeto desta tese, é importante reforçar como a construção de representações sobre as identidades sociais é atravessada pelas disputas que ocorrem em diferentes campos das relações humanas, como o campo político. Soma-se a isto a relevância de se imiscuir na análise das ações da RBS em projetar e descartar determinadas narrativas identitárias de acordo com seus interesses, devido à elevada importância que assumiu a partir de 1993 frente aos objetos desta pesquisa: a empresa era controladora dos principais meios midiáticos com ação no estado e em Caxias do Sul, administrando não somente seu principal periódico, mas também a principal retransmissora televisiva e rádios AM e FM, voltadas a públicos de diferentes classes sociais. Sem sombra de dúvidas, a partir de 1993, através de seus múltiplos tentáculos midiáticos, foi o principal polo de projeções e manejo de representações da italianidade e do tradicionalismo para a sociedade caxiense.

¹⁰⁶ Em 1994, Olívio candidatou-se pela segunda vez ao governo do estado, conseguindo 35% dos votos no primeiro turno e 47,79% dos votos no segundo turno, sendo derrotado por Antônio Britto, que obteve 52,21% dos votos. Em 1998, Britto concorre à reeleição e enfrenta Olívio nas urnas pela terceira vez. Numa eleição em que o PT atacou atos do governo de Britto, como a privatização da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), Olívio sagrou-se vencedor, conquistando 50,9% dos votos no segundo turno, com uma vantagem de 97 mil votos sobre Britto.

Destaca-se também a notória e histórica predileção editorial da RBS por candidatos de direita e centro-direita¹⁰⁷, embora autoimpute seus veículos midiáticos como “neutros, objetivos e qualificados operadores de transmissão de informação”, discurso continuamente lançado quando questionada acerca de seus vieses nas contendas eleitorais do estado. Aliando a reiterada autopromoção de neutralidade ao quase monopólio que exercia na mídia estadual, estabelecia-se a constituição do caráter “mágico” do poder de promoção de projeções simbólicas que este meio assumia no Rio Grande do Sul.



FIGURA 18 - CAPA DO JORNAL PIONEIRO DE 25 DE FEVEREIRO DE 1996. AO CENTRO, SEGURANDO UM EXEMPLAR DO JORNAL, O PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO. À SUA ESQUERDA SORRIDENTE, O DIRETOR-PRESIDENTE DA RBS, NELSON SIROTSKY E ATRÁS DESTES, O GOVERNADOR ANTÔNIO BRITTO. (FH: CAXIAS... 1996, P. 1)

Outro fato ocorrido durante a passagem de Fernando Henrique Cardoso em Caxias do Sul também aponta para um novo alinhamento que se perceberá nas narrativas em relação à sociedade caxiense promovidas durante a Festa da Uva. A coluna sobre assuntos políticos do Pioneiro do dia 23 de fevereiro, destaca, utilizando foto do ônibus, que “o trajeto de FHC na cidade será percorrido em novo ônibus da Marcopolo, um dos melhores exemplos da ‘América que nós fizemos’, tema central desta Festa da Uva”. Na sequência, quando trata sobre a notícia veiculada pela agência estatal do governo federal que apontou que a visita de FHC à cidade seria marcada por anúncios de sua parte visando contemplar produtores do setor vitivinícola, aponta que “é impossível que o presidente fique apenas no tema vinho. A

¹⁰⁷ A postura de contrariedade ao governo Olívio na cobertura jornalística da RBS foi notória nos seus jornais impressos, programas radiofônicos e canal de televisão. Sobre isto, ver: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2021/01/caso-ford-alimentou-guerra-diarria-contra-governo-olivio-dutra-foi-um-moedor-de-carne/>

América que nós fizemos' vai muito além deste setor. E os demais estão ávidos por boas notícias". (HENRICHS, 1996, p. 8)

Tal centralidade conferida a uma das duas grandes empresas do setor metal mecânico como nesta em 1996, marca o início de um conjunto de menções relativas a estas empresas que se tornará comum nas edições vindouras. A exemplo do simbolismo que havia se erigido em torno da Metalúrgica Abramo Eberle como ícone do progresso e desenvolvimento local, Marcopolo e Randon tornar-se-ão em fins do século XX e no século XXI os dois grandes expoentes simbólicos da pujança econômica local, associadas a narrativas que visam a manter as representações de exultação do progresso econômico..

A supracitada referência à lotação dos hotéis caxienses na edição de 1996 sinaliza para a importância da Festa da Uva no cenário turístico caxiense. Embora desde suas primeiras edições o evento tenha sido marcado pela recepção de visitantes de outras cidades do estado e do país, por vezes até com menções de turistas internacionais, a partir da década de 1990 se percebe com maior intensidade a pretensão dos organizadores em fomentar um apelo turístico à Festa da Uva. Sobre isso, Erbes traz importante ponderação do perfil de turistas que se enfocou na edição de 1998 e os mais constantes em edições anteriores:

Além de voltar o olhar para os moradores de Caxias do Sul, em 1998 houve uma mudança de foco. Diferentemente de outras edições, as soberanas viajaram apenas três vezes para fora do Estado, quando divulgaram a Festa para agências de turismo, agentes de viagem e convidaram o presidente Fernando Henrique Cardoso para a inauguração. A divulgação concentrou-se no Estado, onde convidaram os gaúchos à Festa. Visitaram os principais municípios das Serra, como São Marcos, Flores da Cunha, Antônio Prado, Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa, Canela, Gramado e Nova Petrópolis. Foram também a Pelotas, Santa Maria e até a distante Santana do Livramento, na Fronteira. Pisaram em mais de 40 cidades gaúchas. Foi uma espécie de retorno ao passado e um reconhecimento à importância do turista gaúcho para a própria história da Festa da Uva. No começo, na década de 1930, foram os visitantes de Porto Alegre, do Vale dos Sinos e até da região Sul, na época um das mais desenvolvidas e ricas do Estado, que deram dimensão estadual ao evento. Além disso, o número de turistas gaúchos sempre foi superior ao de outros estados, embora a placa de um ônibus do Rio de Janeiro chamasse mais atenção do que vários veículos de Santa Maria. (ERBES, 2012, p. 213)

Sobre tais informações, é importante ressaltar que a grande maioria dos visitantes da Festa da Uva contabilizados como público do evento após o final de suas edições tenha quase sempre sido formados majoritariamente por caxienses. Não há nas fontes uma estimativa numérica nem porcentual aproximada de quanto desses visitantes seriam caxienses ou turistas,

mas um conjunto de informações nos permite chegar a esta conclusão. O cálculo de público que assiste aos desfiles sempre designa um número muito superior àquele presente nas arquibancadas pagas no ponto central do desfile, que são o principal ponto onde se concentram os turistas. Este número superior se deve à maciça presença de caxienses que o assistem em outros pontos desta rua central. Quanto aos números observados de visitantes nos Pavilhões da Festa da Uva, percebe-se que cresceram de forma significativa após a inclusão de uma agenda de shows musicais que passou a ser constante após as edições da festa na década de 1990, o que novamente nos sugere que tal número foi inflado pela presença de locais. Também merece destaque a distribuição de ingressos para entrada nos pavilhões por parte de empresas locais patrocinadoras do evento aos seus funcionários. Desta forma, o número de público do evento divulgado após a conclusão da festa, quase sempre superior à população da cidade de Caxias do Sul não tem, na diferença entre público visitante e população total da cidade, um saldo que possa ser intuitivamente referido à quantidade de turistas, mas sim à contabilização de pessoas que presenciaram seus eventos mais de uma ou até várias vezes, seja nos shows, desfiles ou visitas aos pavilhões.

Outro sinal que nos leva a relevar esta importância numérica dos turistas sobre o público total das edições da Festa da Uva em geral é o fato de Erbes ter trazido esta informação sobre a ocupação total dos hotéis caxienses nos três finais de semana da festa apenas ao mencionar a edição de 1996, o que aponta o caráter extraordinário deste fato nesta edição. Destaco que diferentemente de Bento Gonçalves, uma cidade da RCI com um setor turístico mais desenvolvido, Caxias do Sul não possui uma rede hoteleira com número muito significativo de leitos e que, se a lotação desta rede não ocorre em seu evento turístico central (considerando a excepcionalidade conferida ao ocorrido em 1996), isto indica que o número de turistas na Festa da Uva corresponde a uma fração menor dentro do total de visitantes.

De qualquer forma, tal constatação não diminui a importância do fato dos organizadores da Festa da Uva tratarem o evento com apelo turístico, como observamos no excerto supracitado em que se menciona o novo foco de divulgação dirigido aos turistas gaúchos. Nesse sentido, é importante ressaltar que o evento máximo da italianidade é utilizado para tais fins em Caxias do Sul, enquanto que o mesmo não ocorre quanto aos eventos máximos referentes ao tradicionalismo. Embora esta diferença possa ser explicada pelo fato da Semana Farroupilha ser comemorada em outras cidades gaúchas, é reveladora de como a italianidade manteve uma posição de centralidade no imaginário local, tendo em vista que os usos turísticos do patrimônio e de performatização de identidades demonstram uma

prioridade conferida a determinadas identidades em relação a outras, bem como altera a correlação de forças entre elas em uma determinada sociedade, na medida em que expõe as representações prioritárias para este nicho de mercado, como aponta Pratz (1997, p. 46):

Estamos a falar de ativações patrimoniais, promovidas pelo turismo, mas de ativações com fins patrimoniais e, portanto, queira ou não – seja de nós ou de outrem - de representações de identidade. Isso pode provocar, e de fato provoca, confrontos entre a lógica turístico-comercial e a lógica identitária. Essas ativações, como vimos, estão incorporadas a um mercado turístico, mas não está claro que sua origem seja justamente essa. [...] O que não é um obstáculo para que se adaptem a imagens externas de uma mesma identidade, por um lado porque, do contrário, não conseguiriam atrair visitantes (como falharam tantos museus locais), mas, por outro lado, porque essa mesma imagem, reproduzida pelos discursos hegemônicos da mídia e até mesmo do sistema educacional, vão sendo adotadas pela própria população como uma visão de si, como “memória coletiva”.

A edição de 1998 teve como tema a “*Festa das Festas*”, com o curso alegórico formado por carros que representavam as diferentes edições da Festa da Uva desde seu começo. De acordo com Erbes (2012, p. 212), houve também um significativo direcionamento de esforços para popularizar a festa entre os caxienses, com “*carreata por 10 bairros da cidade*” e uma nova atividade promovida que viria a se repetir nos próximos anos, uma espécie de gincana com disputas entre equipes através de tarefas estereotipadas como próprias de “colonos”, chamada Olimpíada Cultural nesta edição de 1998 e de Olimpíada Colonial nas seguintes:

Promoções como a Olimpíada Cultural, com ampla repercussão por criar cenas pouco comuns, auxiliaram neste trabalho de envolvimento. A direção da comissão comunitária e as soberanas participaram de uma exibição de corrida de carriola e se exercitaram na prova de arremesso de queijo. O prefeito caxiense, Pepe Vargas, e o presidente da empresa Festa da Uva, José Carlos Monteiro, competiram, por sua vez, na prova de “biguli” (fazer massa). (ERBES, 2012, p. 212)

A realização de tal evento torna nítida a intenção de propor esta “volta às origens”, em busca de uma “autenticidade” da festa. Entretanto, ocorre por meio da exibição de ações diacríticas dos descendentes de italianos de caráter mais rural, os “colonos”, aproveitando a repercussão que gerariam devido ao inevitável tom de galhofa dos urbanos, ampla maioria da população em fins do século XX, frente a estas performances estereotipadas da italianidade rural. No limbo entre a performatização de atividades que reforçam representações

ridicularizadas da italianidade e sua tentativa de positivação, levando o prefeito e rainhas a participarem das atividades (e emprestando seus capitais simbólicos para positivar os “colonos”), houve uma grande e positiva repercussão na sociedade, demonstrando outra hábil operação de representações e rituais simbólicos frente ao imaginário coletivo local na busca por manter a legitimidade da Festa da Uva enquanto espaço de projeção da italianidade.

Também reencontramos menções sobre a nova liderança simbólica das empresas metal mecânicas na economia local. Na edição de 28 de fevereiro de 1998, ao tratar sobre a vinda de autoridades para a abertura da Festa, a coluna de política do jornal Pioneiro apresentou uma foto de Raul Randon caminhando ao lado do governador Antônio Britto e do vice-presidente Marco Maciel, apontando ao lado da foto que *“os grandes grupos econômicos estão muito bem representados na feira agroindustrial. O vice-presidente gostou do que viu”*.

É importante destacar que embora a Marcopolo também seja uma empresa de grande porte e mencionada quando se discute o “progresso” local, percebemos uma maior exposição da figura de Raul Randon, acionista majoritário e símbolo maior da Randon. Considero que esta maior visibilidade conferida a Raul Randon e sua maior projeção como personificação mais aguda e qualificada da italianidade em relação a outros empresários de outra empresa do mesmo ramo e também de grande porte se deva ao fato de que a Marcopolo não ofereça um substrato tão aproveitável de narrativas que possam positivar a italianidade quanto a Randon. A Marcopolo tinha seu controle acionário dividido em três sócios majoritários e apenas um deles tinha sobrenome italiano, Paulo Bellini. Os outros dois eram Valter Gomes Pinto e José Antonio Fernandes Martins. Valter era reconhecido no CTG dos funcionários da Marcopolo como alguém que contribuía com este e inclusive era amigo pessoal da esposa do tradicionalista Paixão Côrtes, como veremos posteriormente no capítulo 5 desta tese.

Reitero que a Marcopolo era também muito valorizada no imaginário social caxiense e continuamente citada e apontada como uma empresa fundamental na economia local pelos periódicos, par a par com as empresas Randon, como foi apontado na edição supracitada de 1996. Apenas ressalto que nestas últimas décadas, Raul Randon portava características que permitiam um encaixe mais adequado ao papel de arquétipo da italianidade, e os operadores ideológicos da italianidade escolheram-no como personagem por conta desta facilidade. Como ato consequente, demonstrado pela pesquisa das fontes históricas, a mídia local veio desempenhar seu papel de projetar continuamente perante o grande público de forma aparentemente desinteressada – num esforço “mágico”, e assim duplicando a eficácia de suas representações - esta nova personificação da italianidade.

A Festa da Uva do ano 2000 foi marcada por um conjunto de polêmicas envolvendo a rainha da edição, Fabiana Koch, que acabou por trazer mais repercussão para a festa e, também pelo fato de ter sido concomitante a uma novela com temática sobre a imigração italiana, que era transmitida diariamente na principal faixa de horário da emissora de televisão nacional com maior audiência, a Rede Globo, da qual a RBS era retransmissora estadual e local. De acordo com Santos, tal alinhamento foi positivo em trazer maior visibilidade à Festa da Uva:

A visita do ator Thiago Lacerda e da atriz Maria Fernanda Cândido, o Matteo e a Paola da novela “Terra Nostra”, da rede Globo, no dia 27 de fevereiro, um domingo, ajudou a aumentar os números finais de visitantes da Festa da Uva, considerados positivos pelos organizadores. A telenovela “Terra Nostra”, escrita por Benedito Ruy Barbosa, foi transmitida pela Rede Globo em 1999-2000. O enredo principal da novela se refere à saga de imigrantes italianos que vieram para São Paulo no final do século XIX. [...] Como o pano de fundo da novela incluía as dificuldades da travessia, solidariedade entre imigrantes, ajuda mútua e ao final “Fazer a América”, a obra de ficção torna-se “auxiliar” de configuração identitária. Apesar do referencial da novela ser a imigração para São Paulo, a influência que ela exerce é decisiva chegando inclusive a levar os corais e grupos de dança da região italiana da serra gaúcha a incluir a “Tarantela”, música napolitana comum apenas no sul da Itália, no seu repertório. (SANTOS, 2004, p. 118 – 119)

Além da projeção que o alinhamento temático com principal novela do país trazia para a Festa da Uva, dois incidentes envolvendo a rainha Fabiana Koch também conseguiram impelir a festa com maior contundência na mídia nacional. O primeiro foi ainda em fins de 1999, quando já eleita rainha, mas ainda meses antes do início da festa, foi fotografada no bar Quinta Estação Cervejaria ao lado do jogador de futebol Romário, foto que ganhou visibilidade como a confirmação de mais uma das folclóricas escapadas de concentração do jogador.

O segundo, mais impactante, refere-se à troca que efetuou com sua irmã gêmea em um dia de desfile de curso alegórico, que devido à semelhança física entre as duas, não foi percebido pelos espectadores. Segundo Erbes (2012, p. 225-226):

O episódio ocorreu logo no segundo desfile, no dia 20 de fevereiro, o primeiro domingo da Festa e, portanto, um dos cursos mais esperados pela população caxiense. Antes da apresentação, a rainha Fabiana Bressaneli Koch e as princesas Vanessa Slaviero e Henriete Vaccari visitaram os pavilhões, uma atividade rotineira. Um pouco antes do começo do desfile,

retornaram ao Centro. No caminho, Fabiana pediu para passar em casa, sob a desculpa de ter de pegar alguma coisa.

Fabiana subiu para o apartamento e, minutos depois, quem desceu foi a irmã gêmea, Daniele, vestida como rainha da Festa da Uva. Apesar da semelhança física entre as irmãs, Vanessa percebeu a troca, mas optou por ficar em silêncio para não criar polêmica e “atrapalhar a festa”. Henriete, mais tarde, disse não se lembrar do episódio. Como ninguém se opôs a troca, Daniele teve o seu dia de rainha. Deu autógrafos a várias pessoas e acenou constantemente para as 40 mil pessoas que assistiram ao curso, segundo cálculos oficiais. A pé, Fabiana acompanhou o desempenho da irmã no desfile.

Tal fato ocorreu em 20 de fevereiro, no segundo dos seis desfiles que ocorreram. Ninguém da organização da festa percebeu a diferença entre as irmãs gêmeas e apenas no dia 11 de abril, semanas após o final da festa, a mãe das gêmeas confirmou em entrevista a uma rádio local que houve a troca, o que logo gerou repercussão na mídia local e estadual. O presidente da Comissão Comunitária, Ricardo Golin, em entrevista ao Pioneiro, teceu pesadas críticas à rainha e convocou uma reunião da comissão para pedir a destituição dela. O prefeito Pepe Vargas, membro de maior envergadura simbólica da comissão, tinha posição divergente e mais branda, apontando que “*não houve má-fé*” e que tinha sido “*a expressão do sentimento de amor mútuo que só irmãs gêmeas podem explicar*”. (ERBES, 2012, p. 229)

No dia seguinte, pesquisas interativas em rádios questionando se a rainha deveria ser absolvida apontavam ampla maioria pelo perdão. No dia 13 de abril, ocorreu a reunião convocada por Golin para discutir sobre o futuro da rainha.

O encontro, realizado no dia 13 de abril, no Sindilojas, foi tenso e durou 2h30min. Fabiana não acabou castigada com a destituição, recebeu apenas uma repreensão e foi obrigada a fazer uma retratação pública. Foi uma espécie de vitória, que teve como prêmio uma aparição no Fantástico, da Rede Globo. Na maior rede nacional, Fabiana explicou ao repórter Zeca Camargo toda a história, com a sua versão dos fatos. Mais mídia para a rainha que, como poucas, soube ganhar destaque nacional. (ERBES, 2012, p. 231)

Considerando a vinculação temática com a novela e os incidentes com a rainha Fabiana, que estenderam a Festa da Uva como pauta no noticiário antes e para além de sua data de realização, podemos afirmar que a festa de 2000 foi a edição que ganhou maior espaço na mídia nacional.

Outras representações que já vinham ocupando significativo espaço nas edições anteriores foram reiteradas nesta, como o apego pela “autenticidade” da festa, conforme

apontado na capa do Pioneiro de 18 de fevereiro de 2000, com foto que ocupa a página inteira com a rainha colhendo uva em um parreiral e a frase “*Festa exalta vindima e apego às tradições*”.



FIGURA 19 - CAPA DO JORNAL PIONEIRO DE 18 DE FEVEREIRO DE 2000. (FESTA... 2000, P. 1)

Deve-se destacar que foi nesta edição que pela primeira vez na abertura de uma edição da Festa da Uva, uma das autoridades citou de forma clara e objetiva sobre a importância de “*todas etnias*” para Caxias do Sul. Também chama a atenção o fato de na pesquisa de fontes sobre as repercussões na mídia impressa local dos discursos de autoridades, não terem sido encontrados apontamentos das autoridades sobre valências positivadas apenas da italianidade. Houve os costumeiros elogios ao trabalho dos locais, mas sem a vinculação expressa com os imigrantes italianos.

A análise da cobertura da mídia local sobre os discursos das autoridades se justifica na medida em que ela tem um alcance maior em projetar as representações em disputa no jogo simbólico local por conta de dois motivos: pelo fato de no dia de inauguração da festa ocorrerem discursos e ser um momento exclusivo para as autoridades, expositores e repórteres, sem que um grande contingente de pessoas escutem tais discursos e por demonstrar como a mídia local opera e maneja tais representações em outros momentos quando não há Festa da Uva, filtra e seleciona dos discursos das autoridades narrativas que são de seu interesse.

Neste sentido, é importante apontar que o discurso de valorização de todas as etnias partiu do prefeito municipal, Pepe Vargas. Ele apontou em seu pronunciamento que “*esta festa é um marco na história dos 125 anos da imigração italiana e dos 500 anos da chegada dos portugueses no Brasil. É uma alusão a todas as etnias.*” (DUAS SEMANAS... 2000, p. 3)

Para entendermos o porquê desta primeira quebra de hegemonia da italianidade nos discursos de autoridades, deve-se contextualizar o discurso ao seu momento histórico. A partir de meados do ano de 2000, Pepe participaria novamente da eleição municipal buscando a reeleição, após uma vitória apertada em 1996 contra Germano Rigotto. Embora bem avaliado pelas pesquisas de opinião pública, Pepe provavelmente sabia que a nova campanha também seria acirrada, considerando a histórica predileção da cidade por candidatos conservadores e pelo fato dele ter sido o primeiro (e até então único) prefeito eleito na cidade por um partido de esquerda, o Partido dos Trabalhadores. Relembrando o trabalho citado no capítulo 1 de Silvana Teresinha Tomazzoni Gonçalves, *O gaúcho e o colono: variações de um discurso mítico nas eleições municipais* (2016), infiro que provavelmente Pepe já modulava seu discurso antecipando-se ao fato de que sua força eleitoral estava mais consolidada nos bairros periféricos e humildes que foram o foco de sua gestão, majoritariamente habitados por migrantes que haviam chegado a Caxias do Sul em anos recentes. Apontar de forma objetiva em seu discurso sobre a importância de “*todas as etnias*” denota um posicionamento decisivo do prefeito frente ao seu eleitorado. Pela primeira vez neste âmbito, promove a valorização simbólica de um largo estrato social que até então havia apenas alcançado espaços acessórios de projeção na Festa da Uva.

Considero importante realçar que a valorização da italianidade também não foi destacada dentro dos discursos das outras principais autoridades destacados pela mídia local. Pratini de Moraes, ministro da Agricultura que representava FHC, apontou que a “*solenidade comprova a materialização do trabalho e tenacidade desse povo*”, enquanto Olívio Dutra, governador do Rio Grande do Sul, afirmou que “*a Festa da Uva representa a valorização do trabalho*”. O próprio presidente da Comissão Comunitária, Ricardo Golin, discursou neste sentido, afirmando que “*a festa é de todos os caxienses que souberam transformar a cidade nessa potência que é hoje*”. (DUAS SEMANAS... 2000, p. 3)

Destaco como muito pouco provável que de forma espontânea e sem articulação, autoridades representantes das três instâncias governamentais que geralmente participam da abertura da festa, tenham acidentalmente deixado de lado a costumeira posituação da italianidade e referiram-se ao povo caxiense de forma mais ampla por terem repentinamente

adquirido consciência da importância de outras etnias na cidade, ou que o jornal Pioneiro e outros tenham apenas nesta edição da Festa da Uva, sonegado na cobertura dos discursos destas autoridades menções sobre a italianidade. Considero muito mais provável que as equipes de assessorias de comunicação das autoridades em nível estadual e federal foram previamente informadas a respeito desta nova nuance por parte dos organizadores da festa, com o intuito de projetar em seus espaços discursivos a valorização de todos os caxienses e não apenas dos descendentes de italianos.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, reeleito em 1998, veio apenas na primeira edição da Festa da Uva que ocorreu sob seu governo, não participando das edições de 1998, 2000 e 2002. Nesta última, enviou novamente o ministro da agricultura Pratini de Moraes.

O tema da edição de 2002 da Festa da Uva foi “*Mulher Imigrante – Graça, Força e Inspiração*”. Pela primeira vez tendo como foco central a figura da mulher, Erbes aponta que foi montado um parque temático próximo à entrada nos pavilhões sobre o tema:

A mostra contava com painéis com imagens, móveis e utensílios de diferentes épocas, mostrando o trabalho das mulheres desde o início da colonização italiana, em 1875, até os dias atuais. O espaço contava ainda com diferentes perfis de mulheres, como a agricultora, a artesã, a professora, a parteira, a comerciária, a vindimeira, entre outras, com depoimentos sobre as atividades desenvolvidas. (ERBES, 2012, p. 237)

Destaco como os diferentes “perfis” apontados por Erbes referem-se a diferentes atividades laborais que as mulheres desempenharam no decorrer da história da RCI. Elencadas como elemento de homenagem pela Festa da Uva, vejo nesse ato de classificá-las pelas atividades laborais que desempenhavam mais um reforço da centralidade que a ideia-força do trabalho possui no sistema de representações da italianidade. Tal ato torna evidente como esta é a principal forma de reconhecimento social no imaginário social caxiense, na medida em que até as homenagens que se prestam a um grupo social são feitas por meio da impingência da categoria trabalho.

Cabe destacar que até as edições anteriores da Festa da Uva, que transcorreram por um período de 70 anos, o lugar de existência das mulheres concentrava-se no papel da rainha. Apenas no início do século XXI tornaram-se temática central da comemoração e fortemente associadas ao *ethos* do trabalho, elemento central neste imaginário e que operou também como justificante de tal escolha. Evidencia-se assim como até então houve uma preponderância destinada aos homens quanto à construção das importâncias dos papéis

masculinos e femininos em meio a esta identidade social, revelador da força do caráter conservador e patriarcal da sociedade sobre a qual esta festa cria representações.

É importante considerar que esta homenagem à mulher imigrante poderia ser facilmente associável à pauta do movimento feminista e, a partir disso, gerar contendas políticas por conta do descontentamento de conservadores. Deve-se lembrar que em 2002 a administração municipal ainda estava sob o comando de um partido de esquerda, numa soma de fatores que poderia vir a cristalizar uma relativa aversão à Festa da Uva desta edição por grupos sociais de caráter reacionário.

Em virtude deste possível horizonte de disputas ideológicas que poderia se instalar sobre a Festa da Uva, considero provável que a vinculação primária das mulheres à categoria “trabalho” realizada pela exibição foi também uma forma de conferir legitimação social à escolha da comissão comunitária pela homenagem às mulheres. Associando-as primariamente a esta categoria inexorável do repertório simbólico da italianidade, seus organizadores justificavam-na como tema da festa. É possível que o fato da organização ter posicionado esta exibição ainda na entrada nos pavilhões denote um alinhamento com tal esforço, objetivando rapidamente informar aos visitantes a legitimidade da homenagem.

Reforço também a importância de analisarmos como nas edições da festa que procuraram trazer novas representações sobre a italianidade, com a finalidade de valorizar novos grupos sociais ou criar novos vínculos e realinhamento de sentidos, os operadores ideológicos tiveram diante de si um grande conjunto de “pontas soltas” e possibilidades de conflitos que foram necessariamente minimizados através de um conjunto de ações estratégicas. Trazer uma nova construção de sentidos em um determinado sistema de representações exige a capacidade de organizar uma narrativa eficaz e ancorada em símbolos e representações já amplamente reconhecidos dentro do imaginário social, necessariamente antecipando nesta narrativa elementos discursivos que solapem possíveis reações contrárias. Se podemos considerar que o trabalho dos operadores ideológicos ao longo das dezenas de edições Festa da Uva consistiu muito mais em repetir representações já legitimadas socialmente através de diferentes materializações e performances, devemos também ressaltar como os operadores ideológicos que propuseram realinhamentos e pequenas incorporações de novos discursos tiveram diante de si uma tarefa muito mais difícil, na medida em que precisavam manter acima de qualquer elemento novo que projetavam a legitimidade da própria Festa da Uva enquanto vetor principal e culminante de representações positivadas da italianidade como um todo. Neste conjunto de ações ideológicas difíceis e necessariamente

ambíguas, nas quais se modifica representações ao mesmo tempo em que se necessita reforçar seus arcabouços correlatos, impingir novos sentidos e transformar certos valores de um sistema de representações sem deslegitimá-lo, é tarefa complexa, na qual identificamos quais agentes sociais são hábeis e eficazes nas operações ideológicas.

Na edição de 2002, percebemos ainda a reminiscência de um discurso acerca da constante superação de dificuldades que marcaram os portadores da italianidade. No editorial de 16 de fevereiro de 2002, o Pioneiro resgata esse sentido quando trata acerca das boas expectativas para a vindima do ano, tanto em quantidade quanto em qualidade, devido às condições climáticas favoráveis e, logo em seguida, encaixa uma narrativa de valorização da italianidade:

Embora a colheita ainda esteja na metade, já é possível assegurar que a safra deste ano será uma das melhores para a produção de vinhos de qualidade. Choveu pouco e houve muitos dias de sol nos meses de dezembro e janeiro, assegurando a maturação correta das uvas viníferas. Certamente não poderia haver cenário mais adequado para assegurar o brilho da presente edição da Festa da Uva, aberta ontem oficialmente [...] Outro aspecto positivo que não pode deixar de ser lembrado quando as coisas estão dando certo é a capacidade de uma boa parcela dos produtores de somar esforços para vencer adversidades. [...] A Serra colhe hoje, portanto, os frutos de quem nunca se deixou abater pelo desânimo e seguiu trabalhando em meio a todas as dificuldades. (PREMIAÇÃO DA PERSISTÊNCIA... 2002, p. 2)

Fica nítido como o sentido da superação de adversidades da italianidade é direcionado de forma mais específica para os viticultores do que para a sociedade caxiense em geral, como era perceptível nas edições da Festa da Uva da década de 1980. É um demonstrativo de como as narrativas promotoras de determinados sentidos sobre a italianidade podem ser acionadas a depender do contexto, expandindo ou diminuindo seu enfoque, em relação a diferentes grupos específicos que a compartilham.

Outro fato que chama a atenção na edição de 2002 foi a reação de diferentes membros da sociedade caxiense às críticas efetuadas pelo renomado carnavalesco carioca Joãozinho Trinta ao desfile alegórico da Festa da Uva. Convidado pela Secretaria do Turismo, Joãozinho assistiu ao último desfile e, em entrevista ao Pioneiro, dois dias depois, foi contundente em sua opinião. O relato de Erbes nos traz um panorama interessante do ocorrido:

Tudo deveria mudar”, disparou: “Os temas nas mãos de uma pessoa criativa tornam-se amplamente viáveis, principalmente num desfile como o da Festa da Uva. Mas é preciso uma remodelação completa no visual, na

indumentária, na movimentação das luzes e também na parte musical. Faltam movimentação, novidade, beleza plástica, coreografia, impacto e sobretudo, participação da plateia.”

As críticas ao desfile deixaram os organizadores indignados. “Ele está sendo injusto com todos os que trabalharam de forma voluntária. Podemos crescer, mas mantendo o perfil comunitário”, disse Edson Néspolo, integrante da Comissão Comunitária. “Estamos bem servidos com o pessoal de Caxias, o pessoal do Rio de Janeiro adorou (o desfile)”. A Câmara de Vereadores, por sua vez, fez uma sessão marcada por críticas a Joãozinho Trinta.

Apesar da revolta, as críticas, encontraram eco na cidade. ‘temos que repensar o que queremos com o curso, há um esvaziamento’, disse a pesquisadora Vera Zattera, ao Pioneiro. Cleodes Piazza, também estudiosa da Festa da Uva e da cultura italiana, admitiu que uma evolução é possível. ‘Os artistas locais têm condições de fazer melhor, desde que haja respaldo financeiro’, declarou.

É difícil afirmar se a discussão contribuiu para melhorar os desfiles seguintes, mas o certo é que o curso vem evoluindo edição após edição. (ERBES, 2012, p. 240)

O relato de Erbes é importante por demonstrar como uma crítica contundente (partindo de um dos maiores especialistas em desfiles temáticos do país) à qualidade do desfile alegórico, que é o principal espaço para performances de narrativas na Festa da Uva, foi interpretado por diferentes agentes sociais. De parte de um dos integrantes da comissão organizadora da Festa e, portanto também responsável pelo desfile, percebe-se talvez a maior projeção de desgosto e contrariedade, acompanhado pelos vereadores locais. Considero que a linha de ação destes agentes sociais do campo político em imediatamente projetarem-se na defesa da Festa da Uva e criticarem Joãozinho se deva ao fato de procurarem valorizar o principal evento representativo dos caxienses, um símbolo da cidade frente ao estado e ao país. Esta defesa assume tanto o caráter simbólico de defender a cidade, através de um símbolo dela, como de defender a própria legitimidade da Festa da Uva enquanto representativa dos locais.

Em relação a membros da intelectualidade local, percebemos uma reação bastante diferente. Vera Zattera e Cleodes Piazza chegam a apontar a necessidade de se “*repensar*” o curso alegórico, condicionado a maior “*respaldo financeiro*”. Ambas operadoras ideológicas da Festa da Uva, participantes e convidadas em várias edições pela comissão organizadora para assessorar quanto ao desenvolvimento das temáticas, possuem uma opinião mais alinhada a de Joãozinho justamente por perceberem, por conta de sua própria vivência, como esta performance de narrativas embutida em um desfile temático é resultado de uma construção intelectual ideológica e, portanto, passível de ser feita das mais variadas formas.

A diferença da posição delas frente aos vereadores e a membros do campo político na comissão organizadora, como o supracitado Edson Néspolo, deve-se ao fato destes desconhecerem como se dá esta construção intelectual do desfile em comparação com os operadores ideológicos. Para boa parte da população caxiense e seus representantes políticos, o desfile sempre se erigiu como uma forma espetacularizada de narrar a história da cidade e a importância da viticultura, mantendo um núcleo de performances praticamente intocáveis. Para os políticos, um espaço seguro, representativo e, portanto, sagrado da coletividade que eles representam. Para os intelectuais que o projetam, que pouco conseguem alterar de aspectos que possam desejar devido à necessidade de se reiterar certas performances e sentidos, uma crítica possivelmente bem-vinda.

Em 2004 ocorreu a 25ª edição da Festa da Uva, que depois de um hiato de três edições, foi aberta com a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, primeiro presidente brasileiro originário da classe operária. Lula venceu as eleições de 2002 e foi empossado no início de 2003. Quando ocorre a Festa da Uva de 2004, Lula entrava no segundo ano de seu mandato.

Reforçando uma tendência de construção de sentidos já apontada em edições anteriores, na qual se percebe a emergência das empresas Randon e Marcopolo como principais expoentes da indústria local, antes de chegar aos pavilhões, Lula visitou as instalações das duas empresas e foi homenageado pelas direções e funcionários de ambas. Com os afagos em Lula, percebemos a continuidade de uma estratégia de longa duração da elite industrial local de utilizar a Festa da Uva como forma de estabelecer vínculos com autoridades do poder central, demonstrando a configuração de uma estratégia de ação do grupo. Cristaliza-se com mais esse exemplo a utilidade que esta classe social obtém da Festa da Uva, além da projeção de representações que lhe positivam e da pressão comportamental sobre a classe operária em virtude da reiteração da pecha de trabalhador aos locais.

No discurso de abertura da festa, Lula reproduziu representações e narrativas sobre a cidade comuns há duas décadas, apontando Caxias do Sul como “*exemplo para o país*” e em referência ao tema da edição da Festa, “Terra, pão e vinho – de grão em grão a história da nossa gente”, mencionou: “*esta 25ª Festa da Uva poderia simbolizar mais que pão e vinho. Esta festa poderia simbolizar a vitória de um povo frente às adversidades enfrentadas tantos anos atrás.*” (ERBES, 2014, p. 244)

Embora Lula seja reconhecidamente o presidente da República com melhor capacidade oratória e de improvisação desde a redemocratização – o que lhe confere mais do

que a qualquer outro chefe do executivo federal que já tenha aberto a Festa da Uva a possibilidade de ter improvisado um discurso satisfatório e assertivo quanto às representações sociais mais pertinentes do imaginário local – considero provável que seu enunciado tenha sido preparado pela sua assessoria, que elenca o tema da “superação das adversidades” pelos portadores da italianidade provavelmente guiada por dois referenciais: as manifestações de presidentes anteriores, tendo em vista que Lula ainda estava no começo do mandato¹⁰⁸ e reforçar narrativas já aceitas nestes festins é sempre uma opção segura de alguém que ainda não estava com capital político plenamente consolidado e não quer abrir margem para erros; e também pelo fato de nos anos finais do mandato de Fernando Henrique Cardoso, uma nova crise econômica ter atingido o país e a região. Mais branda em comparação com as dificuldades econômicas dos anos 80 e começo dos anos 90, teve seus impactos locais e poderia justificar a permanência do sentido de “superação das adversidades”.

O editorial da Gazeta de Caxias do dia 20 de fevereiro de 2004 aponta nesse sentido, com as costumeiras positivamente da italianidade, como o caráter civilizatório da imigração inicial, a ufanização do trabalho e do progresso locais. Entremeada a isto propõe uma narrativa de valorização da vinda dos presidentes na abertura das festas, no que menciono neste íterim, como a ausência por três edições consecutivas de FHC foi vista como um sinal de desprestígio. Tais ausências para Erbes demonstraram que FHC “*esnobou o evento*” (2012, p. 245). Por fim, aponta algumas das expectativas com o governo Lula, principalmente, no que se refere ao combate à fome.

Desde 1950 com a presença de Eurico Gaspar Dutra, o primeiro presidente a vir numa Festiva, outros presidentes passaram por Caxias, dando sua contribuição para manutenção e impulso do evento. Cada qual em seu momento histórico-político, deixou para os caxienses a certeza de que há algo mais que a expressão simplesmente cultural da imigração italiana e de um povo que desbravou terras selvagens, fazendo da região um dos maiores polos de desenvolvimentistas do Brasil. O espírito de trabalho que uma Festa da Uva através de suas mostras, das manifestações culturais artísticas, da própria Feira Agro Industrial que passou a acompanhar o evento a partir de sua sétima edição, traduz para o público que passa pela cidade, o reflexo da autoridade natural que nasce do trabalho e do pioneirismo.

¹⁰⁸ Embora tenha ganhado a eleição de 2002 com vantagem significativa sobre o segundo colocado, ter sido reeleito com relativa facilidade, terminado seu mandato com os maiores níveis de aprovação já registrados por um presidente da República em final de mandato pelos institutos de pesquisa e ter reeleito sua sucessora, Lula foi o primeiro presidente brasileiro de origem popular, o que lhe abria pouca margem de erro nestes anos iniciais do mandato. Herdando um cenário de dificuldades econômicas que marcaram o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, a melhora do cenário econômico ganhou tração nos anos finais de seu primeiro mandato, quando a partir de então, veria sua popularidade consolidada.

Pela primeira vez depois de eleito, Luiz Inácio Lula da Silva volta a Caxias do Sul. Lula em Caxias do Sul, como presidente da República na abertura da Festa da Uva é sem dúvida uma honra para os caxienses. É o primeiro presidente realmente popular da história do Brasil, um homem marcado pelo sofrimento e pelas lutas sindicais e pessoais. Mas é também alguém que se comprometeu a mudar a história do país. Um homem que pousou junto ao eleitorado como salvador da pátria com programas populistas bem ao estilo de Getúlio Vargas, como o Fome Zero, por exemplo. Como Presidente da República, Lula tem se destacado como homem prudente e observador. Pouco mais de um ano de governo é insuficiente para qualquer tipo de julgamento, certamente. A presença de Lula na Festa da Uva faz renascer a grandeza de um evento que espera receber mais de um milhão de visitantes ao longo de sua realização. Demonstra aos caxienses que há uma afinidade certamente positiva do Governo Municipal com o Governo Federal. A repercussão da ida da comitiva caxiense a Brasília em 2003, foi um sinal. A cidade deve estar preparada, porque os olhos da mídia nacional e internacional estarão voltados para Caxias na sexta-feira. Lula está se tornando uma liderança importante na América Latina com seu discurso contra a fome e a miséria. Mesmo que as ações estejam ainda privadas de atender às reais expectativas dos cidadãos, ainda se espera muito deste governo. (PODER E PRESTÍGIO... 2004, p. 2)

A edição de 2004 se assemelha em relação às últimas edições pela projeção midiática em nível nacional mais saliente, ganhando espaço no Fantástico por conta das olimpíadas coloniais. Depois das edições de 1996 e de 2000, que também ganharam maior projeção por conta da simultaneidade com o filme “Quatrilho”, da novela “Terra Nostra” e da troca da rainha em 2000, esta de 2004 foi a última edição com maior visibilidade. Sobre isto, Erbes aponta:

Além de acompanhar a visita do presidente Lula, na inauguração, a Festa ganhou espaço por suas atividades paralelas. A Rede Globo, por exemplo, fez uma matéria especial sobre as olimpíadas culturais. Mostrou as soberanas, o prefeito Pepe Vargas e moradores do interior disputando algumas provas, como a de “bíguli” (fazer massa), debulhar milho e amassar uvas com os pés. A reportagem, bem humorada, foi ao ar no Fantástico, num domingo à noite. (ERBES, 2012, p. 247)

4.3 A cobertura da Semana Farroupilha em Caxias do Sul pelos periódicos locais entre 1980 e 2000: linhas editoriais e análise da visibilidade conferida pelo Pioneiro

Na análise de periódicos sobre a Semana Farroupilha relativa ao período entre os anos 1980 e 2000, foram selecionadas e analisadas todas as notícias, notas, manchetes, fotos, propagandas institucionais, governamentais ou comerciais, charges, colunas e editoriais com

qualquer tipo de alusão aos elementos de uma identidade regional tradicionalista dos dezenove periódicos caxienses que constam no Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul e na Seção de periódicos da Biblioteca Pública Municipal com tiragem neste espaço temporal. Dos dezenove periódicos pesquisados, em três não foi encontrada nenhuma menção ao tradicionalismo. Na tabela 3, é possível observar os nomes destes periódicos, época em que funcionaram, frequência de circulação e quantidade de menções totais sobre o tradicionalismo encontrada em cada um por ano.

Destes periódicos, já tratamos anteriormente sobre a linha editorial de dois deles, o Correio Rio Grandense e o Pioneiro. Em relação aos outros dezesseis que mencionaram o tradicionalismo, cabe apontar que cinco deles – Atlântico Notícias, Caxias Notícias, Folha de Caxias, Folha do Sul e Folha Regional perduraram por poucos anos e não se conseguiu encontrar subsídios suficientes para estabelecer traços gerais sobre suas linhas editoriais. Não por isso deixarão de ser mencionados nos subcapítulos seguintes, mas é importante destacar que eram jornais pequenos, suas edições contavam com poucas páginas e eram distribuídos gratuitamente, o que significa que eram mantidos pelas propagandas. A baixa tiragem e circulação destes periódicos apontam para a pequena importância do impacto da construção de representações em suas narrativas sobre o tradicionalismo no imaginário local.

O periódico Correio dos Bairros tinha como editor Paulo Rodrigues, filho do jornalista caxiense Jimmy Rodrigues, que passou por vários veículos de comunicação locais e foi professor da Universidade de Caxias do Sul. Jimmy era diretor de pesquisa do jornal e detinha significativo capital social dentro do meio jornalístico local. Sem posicionamento laudatório sobre o tradicionalismo e seus eventos máximos como a Semana Farroupilha, foi um jornal de curta duração e que destinou uma visibilidade sobre o movimento dentro da média dos jornais de pequeno porte locais. Era distribuído gratuitamente.

O Correio Riograndense, publicado pela Editora São Miguel, de propriedade da Ordem dos Capuchinhos, manteve seu perfil já apontado de maior vínculo com um público das zonas rurais e com instituições vinculadas ao clero local. Como perceberemos adiante, por estar mais distante do público de características urbanas na RCI onde o tradicionalismo ganhou maiores adeptos, as publicações deste periódico foram as que apresentaram maior exposição de narrativas com tons críticos ao movimento, balizada pelas análises desmistificadoras de acadêmicos em artigos e seções publicadas sobre a Semana Farroupilha. Isto não foi, entretanto a tônica do jornal, que em alguns anos pautou sua análise sobre o movimento com narrativas mais laudatórias e em outros anos, com um tom nem tão elogioso

nem tão crítico, dentro de uma linha de sentidos que permitiu expor uma abordagem sintética entre estas duas linhas.

O periódico Folha de Hoje, de propriedade da Empresa Jornalística STC, perdurou por cinco anos com circulação diária e era vendido. O fato de ter sido publicado diariamente e de ter granjeado significativa visibilidade aos eventos propalados pelos tradicionalistas que organizaram a Semana Farroupilha na cidade entre 1989 e 1994 trouxe à tona uma série de informações que foram coligidas com aquelas trazidas por outros periódicos locais sobre os eventos. Não se percebeu um esforço elogioso ao movimento por parte deste periódico. Tinha como editor Paulo Cancian, jornalista caxiense com trajetória em vários veículos midiáticos locais e editor do Pioneiro do início da década de 1980 até 1988. Publicava colunas de jornalistas de maior renome, como Jânio de Freitas, nas páginas que abordavam temáticas nacionais. Após o fim do Folha de Hoje, Cancian tornou-se diretor de outro periódico local, Tempo Todo, que passou a circular a partir de 2001 e será analisado no capítulo 6, com linha similar ao Folha de Hoje.

O Gazeta de Caxias tinha como editor Odir Frizzo, eleito vereador caxiense por duas legislaturas consecutivas, entre 1989 e 1996. Frizzo foi também proprietário e editor do jornal o Pellegrino, de circulação mensal, mais voltado às notícias do bairro São Pelegrino, onde se situa o Parque Cinquentenário e que foi o local central dos festejos da Semana Farroupilha e do Acampamento Farroupilha entre os anos de 1989 e 1996, período idêntico à sua legislatura. O periódico Pellegrino existiu entre 1986 e 1996. Parou de ser publicado em 1997, quando Frizzo assumiu a editoria da Gazeta de Caxias, periódico que fundou em sociedade com outro jornalista local, João Cláudio Garavaglia. Em relação a estes dois periódicos, perceberemos diferentes narrativas sobre a realização da Semana Farroupilha no Parque Cinquentenário, evento que provavelmente gerou contrariedade para moradores do bairro no qual Frizzo tinha significativa base eleitoral (contrariedade a qual ele encampou), gerando rugas com os organizadores do evento e depois uma relativa pacificação. Deste evento, perceberemos também mudanças no tom sobre o movimento com o decorrer dos anos.

O Jornal dos Bairros foi um periódico mensal autodesignado como “órgão de divulgação da União das Associações de Bairros (UAB) de Caxias do Sul”. A União das Associações de Bairros é uma instituição formada por líderes comunitários, com maior destaque em bairros e comunidades mais humildes, nos quais a necessidade por maior infraestrutura gera maior mobilização e permite maiores ganhos de capital social e político de

seus representantes. A análise do periódico ganhou maior importância a partir dos anos 2000, quando passou a tratar sobre a presença da UAB nos eventos da Semana Farroupilha.

O Uno Fato tinha baixa circulação, de caráter comunitário, com pouco impacto na construção de representações no imaginário local. Suas edições possuíam um número reduzido de páginas, geralmente menos de dez, e era voltado ao público leitor específico de seu bairro, o Desvio Rizzo, considerando que tinha como eixo central temas desta comunidade.

Na Tabela 3, estão expostas as menções sobre o tradicionalismo nos periódicos pesquisados por segmentação anual. Quando observamos sua última coluna, relativa à quantidade de menções totais encontradas em cada periódico, emerge outro dado importante, que denota a visibilidade que cada um conferiu ao tradicionalismo. Neste sentido, vemos mais um reforço da importância e centralidade do Pioneiro na mídia local, pelo número exponencialmente maior de menções conferidas ao movimento em relação aos outros. Sozinho, mencionou o movimento praticamente três vezes mais que todos os outros periódicos juntos. Entretanto, embora isto não signifique automaticamente uma predisposição maior em relação aos outros veículos para conferir maior visibilidade ao movimento, na medida em que devemos analisar conjuntamente o fato de sua publicação ser diária e ter perdurado por todo o espaço temporal analisado, o Pioneiro é o periódico que a partir de meados da década de 1990 tratará com maior contundência em suas páginas uma abordagem pedagógica em relação aos sentidos e símbolos materiais do tradicionalismo e com apelo

propagandístico tentando popularizar esta identidade regional tradicionalista.

Tabela 3 - Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses entre os anos de 1980 e 2000

JORNAL	ÉPOCA DE TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	Páginas com menções por ano																		TOTAL DE MENÇÕES			
			1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997		1998	1999	2000
Atlântico Notícias	1998 a 2003	semanal																			2	2	2	6
Caxias Notícias	1998 a 2000	semanal																			2	2	0	4
Correio dos Bairros	1995 a 1999	mensal															4	3	0	2	0		9	
Correio Riograndense	1941 a 2013	semanal	1	1	2	1	3	4	0	0	3	0	1	0	0	4	1	3	1	0	0	1	0	26
Folha de Caxias	1988 a 1989	semanal									0	10												10
Folha de Hoje	1989 a 1994	diária										0	4	5	7	5	9							30
Folha do Sul	2000 a 2001	diária																				10		10
Folha Regional	1982 a 1983	semanal			1	0																		1
Gazeta de Caxias	1997 a 2009	semanal																		1	3	8	8	20
Jornal dos Bairros	1993 a 2009	mensal													0	0	2	0	0	0	0	0	1	3
O Pellegrino	1987 a 1997	mensal								0	1	0	0	2	1	0	2	3	4	0				13
Pioneiro	1948 a 2010	diária	13	9	10	14	13	27	12	11	11	9	2	11	10	27	23	21	36	35	46	22	36	398
Uno Fato	1997 a 2009	quinzenal																		0	0	0	1	1

KIELING JUNIOR (2021)

O jornal Pioneiro caracteriza-se pelo protagonismo que assume entre a mídia impressa e a mídia em geral¹⁰⁹ no que tange à cidade de Caxias do Sul. Até 1993 era propriedade da Gráfica Nordeste Ltda. e foi incorporado ao Grupo RBS a partir de então. O processo de aquisição permitiu ao jornal acessar a ampla plataforma do grupo RBS, o maior grupo de mídia da região sul do Brasil, com dezenas de emissoras de televisão aberta, de rádio, jornais e portais da internet. A partir de 2008, o Pioneiro passou a fazer parte do portal de internet do Grupo RBS, disponibilizado desde então com uma versão na internet¹¹⁰.

A aquisição pelo Grupo RBS trouxe ao jornal maior destaque dentro dos outros veículos de comunicação do grupo também presentes em Caxias do Sul, como emissoras de rádio e de televisão. Também evitou a concorrência com o principal jornal do estado, de propriedade do grupo, mas com foco maior ao público de Porto Alegre, o Zero Hora¹¹¹. Isto permitiu ao Pioneiro manter-se como a principal mídia relativa aos fenômenos políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos de Caxias do Sul.

¹⁰⁹ Analisa-se o periódico não como mero espaço de transmissão de informações ou de projeção para os “formadores de opiniões” (como se arrogam alguns jornalistas), mas como um instrumento de construção e difusão de representações, muitas vezes coadunado com os discursos dos setores hegemônicos no campo econômico.

¹¹⁰ Disponível através do site <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/>. Acessado em 12/05/2018.

¹¹¹ Jornal de maior publicação no Rio Grande do Sul, o Zero Hora também pauta suas notícias por um pretensa abrangência estadual, mas tem como foco maior de público leitor os habitantes da capital e em menor grau, da região metropolitana.

O fato de ser o único jornal local com circulação diária, ter persistido ininterruptamente pelos sessenta anos de análise do recorte temporal e ter uma posição nevrálgica no meio midiático local, durante o período, permite-nos realizar um importante exercício de quantificação sobre a visibilidade conferida ao tradicionalismo por meio deste periódico. A Tabela 3 permite visualizar com maior acuidade como o *Pioneiro* é o único do qual pode se extrair tais dados sobre uma evolução da visibilidade do tradicionalismo quando comparados aos outros periódicos menores, pois ali percebemos como estas distintas épocas de tiragem impossibilitam um acompanhamento desta evolução. Quanto ao *Correio Riograndense*, único jornal além do *Pioneiro* com tiragem durante todo o período, percebemos uma relativa irregularidade na publicidade conferida ao tradicionalismo, à qual deduzo que se deva a uma linha editorial voltada aos anseios do perfil específico de leitores que atende, como explicado anteriormente.

O primeiro passo para esta análise quantitativa da publicidade conferida pelo *Pioneiro* ao tradicionalismo passa pela tipificação das menções encontradas de acordo com a sua natureza e o espaço que ocuparam na estrutura do periódico: como *notícias*, foram designadas reportagens gerais com vistas a informar eventos por ocorrer nos dias vindouros, a cobertura de eventos ocorridos no dia anterior ou poucos dias antes, a programação de festividades e comemorações, abordagens relativas a figuras importantes dos eventos, como músicos gauchescos prestigiados e políticos que se apropriaram de elementos gauchescos, encontradas majoritariamente nas seções *Cidades*¹¹², *Serviços*¹¹³, *Política*¹¹⁴ e *Economia*¹¹⁵; por *capa*, relativo às manchetes e imagens relacionadas à *Semana Farroupilha*¹¹⁶ expostas na capa e contracapa; *coluna* compreendeu os apontamentos relativos ao tradicionalismo em espaços diários ou semanais reservados a autores específicos, alguns sobre assuntos

¹¹² Seção do jornal *Pioneiro* com vistas a informar notícias gerais sobre as diferentes cidades da Serra Gaúcha.

¹¹³ Seção do jornal que visa apontar informações gerais a respeito do horário de funcionamento de bancos, órgãos públicos e supermercados, bem como datas e horários de festividades locais e espaços de entretenimento.

¹¹⁴ Menciono que a partir de metade da década de 1980, se observa abordagens do periódico sobre o tradicionalismo na seção de política, demonstrando a relação entre políticos locais e o tradicionalismo, na medida em que o primeiro turno das eleições para postos nas diferentes instâncias dos poderes executivo e legislativo ocorrem em data aproximada da *Semana Farroupilha* e os candidatos aproveitavam constantemente os festejos para efetuar campanha corpo-a-corpo.

¹¹⁵ As menções acerca do tradicionalismo na seção de economia iniciaram-se a partir dos anos 2001 e tornaram-se recorrentes, tratando especificamente do crescente comércio de produtos ligados à indumentária gaúcha na cidade e da indústria fonográfica gauchesca num plano geral.

¹¹⁶ Nesta seção foram introduzidas manchetes e imagens também presentes na contracapa do jornal, também compreendido como um espaço que confere maior destaque aos elementos que apresenta.

predeterminados¹¹⁷, outros com temática livre; *anúncio comercial*, que compreende variadas formas de propaganda de produtos e serviços, alguns relacionados a um mercado específico de apropriação de bens e comportamentos de um “gauchismo”, cuja demanda é intensificada no período, outros de bens diversos que se apropriam de discursos regionalistas com fins comerciais ou mesmo institucionais¹¹⁸ (comuns a partir de 1993, quando o jornal passa a fazer parte do Grupo RBS e incorpora nas suas páginas as campanhas institucionais promovidas por esta empresa); como *editorial*, que compreende as referências ao tradicionalismo efetuadas nos espaços nos quais os editores destacados do jornal tecem a “opinião institucional” sobre assuntos candentes no período; *charges* e, por fim, *seção especial*, referindo-se a seções extraordinárias do jornal, particularmente destinadas a assuntos que em determinadas épocas tornam-se abordados com maior frequência, ou ao caderno “Sete Dias”, destinado a eventos, manifestações e produções culturais locais.

A tabela abaixo classifica anualmente a quantidade de menções encontradas, todas tipificadas, bem como o número total de páginas encontradas e pesquisadas dentro do recorte temporal anual e uma média aproximada de quantas páginas a cada 100 conteriam menções aos eventos da Semana Farroupilha.

¹¹⁷ Destacam-se pela longa duração durante o recorte temporal as colunas diárias Mirante e Caixa-Forte, respectivamente reservadas à política e economia locais.

¹¹⁸ Os anúncios comerciais encontrados durante esta pesquisa apresentam variados tamanhos e recursos imagéticos, tornando imprescindível associar à abordagem da evolução quantitativa deste tipo de menção sua evolução qualitativa.

Tabela 4 – Visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo jornal Pioneiro por seção do jornal.

Visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo Pioneiro por seção do jornal										
Período	Notícias	Capa	Coluna	Anúncio comercial	Editorial	Charge	Seção Especial	TOTAL	Total de páginas	%
1980	5		3	3	2			13	191	6,8
1981	8		1					9	228	4,2
1982	7	1	2					10	219	4,6
1983	10	1	1	2				14	288	4,9
1984	8	1		1	2	1		13	250	5,2
1985	11	3	11	1	1			27	272	9,9
1986	12							12	390	3,1
1987	11							11	326	3,4
1988	10	1						11	344	3,2
1989	9							9	378	2,4
1990	2							2	398	0,6
1991	8	1	1				1	11	418	2,6
1992	7	2	1					10	330	3,0
1993	18	4	2		1	1	1	27	338	7,0
1994	19	3		1				23	440	5,2
1995	16	3				1	1	21	484	3,9
1996	18	7	1	1	2		7	36	520	6,3
1997	9	8	4		1	1	12	35	498	6,4
1998	18	5		10	1	2	10	46	502	8,4
1999	8	6	5	1	1	1		22	558	3,4
2000	9	8	3	2	8	1	5	36	484	6,9
Total	223	54	35	22	19	8	37	398	7856	xxxxx

KIELING JÚNIOR (2021)

Antes de partir para a análise destes dados, faz-se necessário realizar alguns apontamentos. A periodicidade do ano de 1980 era variável, ano no qual o recorte temporal contemplou a pesquisa de quatro exemplares. Entre 1981 e 2000, o jornal apresenta periodicidade diária, porém com apenas um exemplar para os sábados e domingos. Deste modo, o número de exemplares pesquisados em cada ano foi variável, entre oito e dez.

Por essa oscilação acarretar também na variação de espaço para as menções ao tradicionalismo, os dados quantitativos podem ser minimamente relativizados. Destaca-se então a importância da média de menções por página, calculada na última linha. Ela possibilita analisar a evolução do tema dentro do espaço oferecido pelo jornal de forma proporcional.

A evolução da quantidade de páginas disponíveis para pesquisa e o número de menções encontradas são dados que devem ser complementarizados, na medida em que não podemos dissociar a evolução da quantidade de publicações do universo de páginas pesquisadas, número que também evoluiu no decorrer do recorte temporal. Os dados devem ser compreendidos como inter-relacionados, visualizados nos gráficos 1 e 2. Através do

primeiro podemos comparar a evolução da quantidade de menções tendo por base a evolução da quantidade de espaço publicável e, no Gráfico 2, uma proporção percentual generalizante¹¹⁹ da quantidade de menções encontradas por páginas pesquisadas.

Gráfico 1 - Total de páginas pesquisadas e total de menções encontradas e analisadas no jornal Pioneiro

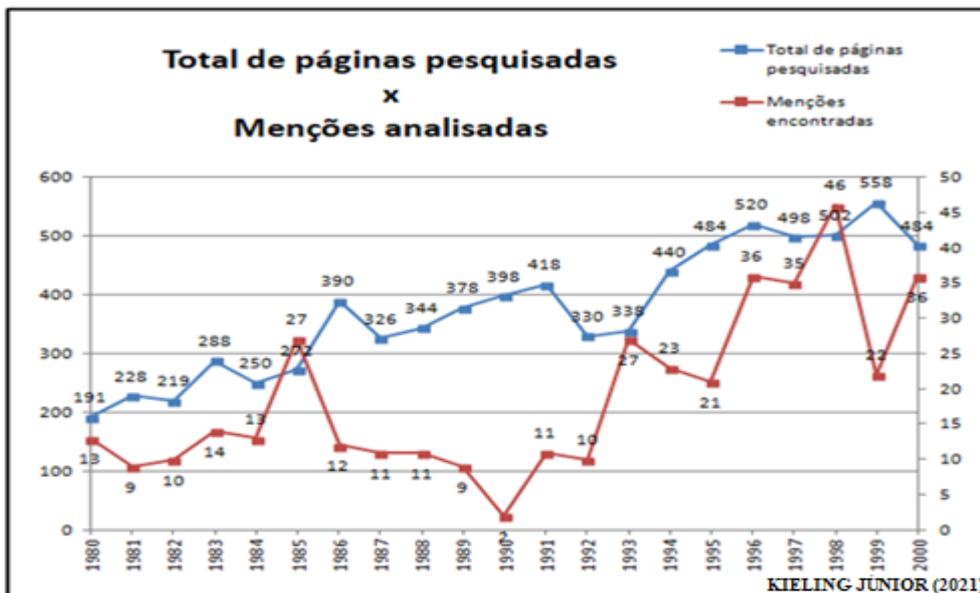


Gráfico 2 - Porcentual de páginas com menções ao tradicionalismo perante o total de páginas pesquisadas entre os anos de 1980 e 2000



¹¹⁹ Destaco a artificialidade deste dado, tendo em vista que foram encontrados por diversas vezes duas ou três notícias/reportagens relativas a Semana Farroupilha na mesma página.

Percebe-se entre 1980 e 1992 um quadro de lento declínio de menções à Semana Farroupilha e ao tradicionalismo, mais agudo em 1990 e excetuando-se o ano de 1985, em virtude da comemoração do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Analisando a tabela 4, percebe-se que o incremento neste ano não ocorre por meio da confecção de encartes especiais ou de um maior número de reportagens, mas em virtude de sua abordagem por diversos colunistas.

A partir de 1993, quando o jornal torna-se parte do conglomerado de empresas midiáticas do Grupo RBS, percebe-se um crescente destaque para o tradicionalismo por meio das páginas do jornal. Durante o resto da década de 1990, com exceção ao ano de 1999, a proporção de menções praticamente dobra e, na década seguinte, como observaremos no capítulo 6, chega por vezes a quintuplicar na comparação com os dois primeiros anos da década de 1990.

Em virtude desta análise por meio de gráficos poder gerar um distanciamento ao objeto analisado, considero importante apontar a relevância destas variações. Deve-se considerar que o periódico analisado, por gozar de centralidade na mídia impressa regional, aborda cotidianamente um grande conjunto de assuntos que exigem textualização extensa e sem relação a esta data comemorativa, como esportes, política e economia nacional e internacional, segurança, serviços gerais, entre outros. Desta forma, o aumento da exposição de determinado assunto não decorre de forma acidental ou involuntária, sugerindo sua problematização. Analisando conjuntamente o Gráfico 3, no qual torna-se perceptível que estas menções passaram a ser constantes também nas capas e contracapas. Conclui-se que a partir de 1993, a Semana Farroupilha passa a ser apresentada pelo jornal com destaque crescente.

Gráfico 3 - Menções ao tradicionalismo encontradas em capas e contracapas do jornal Pioneiro entre os anos de 1980 e 2000



Voltando à Tabela 4, percebemos como a partir da metade da década de 1990, tornou-se comum o periódico dedicar amplos espaços para o tradicionalismo e a Semana Farroupilha local através de seções especiais. Como será analisado posteriormente, estes espaços tiveram papel central na difusão de determinadas representações da identidade gaúcha, adotando inclusive, forte tom pedagógico em relação a um *ethos* gauchesco.

Os dados da quinta coluna da Tabela 4 fornecem indícios sobre o crescimento de um mercado vinculado a produtos e serviços destinados à apropriação de bens simbólicos gauchescos, especialmente quanto à indumentária para danças, bem como a progressiva apropriação por parte do mercado publicitário impresso da simbologia regionalista, utilizando-se de elementos remissivos a um *ethos* do gaúcho idealizado e frases laudatórias a seu respeito.

Os anúncios comerciais publicados no periódico no espaço de tempo analisado também demonstraram uma evolução interessante. Entre os primeiros anos da década de 1980 até 1994, os exíguos anúncios encontrados constituíam-se em pequenas propagandas de bailes tradicionalistas em alguns estabelecimentos noturnos de caráter popular de Caxias do Sul. A partir de 1997, começam a ser publicados anúncios de grandes empresas de telefonia móvel e redes de supermercados e de eletroeletrônicos. Percebe-se que aquelas sediadas no estado do Rio Grande do Sul aproveitavam o momento de celebração tradicionalista para reforçar um vínculo com o estado e com os consumidores da sua região de origem, ao passo que as empresas nacionais procuravam criar laços com o público alvo¹²⁰.

A partir de 2001, a presença dos anúncios será muito mais contundente, ocupando um grande número de páginas e demonstrando que o mercado publicitário acreditava que tais chamadas possuíam crescente apelo comercial. A análise deste recorte temporal se dará no capítulo 6.

4.4 A profusão de múltiplas narrativas durante a popularização do tradicionalismo em Caxias do Sul entre 1980 e 2000.

A análise que será efetuada neste subcapítulo sobre a construção de sentidos sobre o tradicionalismo, a ritualização, seus impactos sociais, popularização, institucionalização e contextualização à conjuntura histórica faz-se sobre um conjunto mais amplo de fontes e

¹²⁰ Ver Anexo A – figura 27.

diante de uma profusão maior de narrativas do que comparadas ao capítulo anterior. Como se pode observar na comparação das tabelas do subcapítulo anterior sobre as menções ao tradicionalismo encontradas nos jornais neste recorte temporal com as tabelas dos capítulos 2 e 3, há neste período um número praticamente nove vezes maior de menções pesquisadas. Frente a isto, foram analisadas com maior acuidade as menções que continham construções de representações bem elaboradas e passíveis de análise, descartando-se assim pequenas notícias que foram contabilizadas nas quantificações, consideradas na medida em que de alguma forma traziam visibilidade ao movimento. Por conta disto, percebe-se que alguns jornais que constam tabulados com publicações em alguns anos não terão suas publicações analisadas, havendo até casos de anos em que publicaram várias menções, mas todas formadas por pequenas notas das quais não se puderam inferir uma construção de sentidos mais aprofundada.

A separação temporal que remete a este capítulo e ao anterior não se deve a uma abrupta mudança de cenário no que tange ao tradicionalismo em Caxias do Sul entre os anos de 1979 e 1980, mas à necessidade de se estabelecer um marco entre dois períodos com características diferentes quando analisados sob uma perspectiva temporal mais ampla. As discussões e narrativas que pautavam o tradicionalismo localmente em fins da década de 70 se mantinham no início da década de 1980, tais como as discussões acerca das críticas desmistificadoras ao movimento. Junto a isto, há uma profusão de narrativas, algumas paralelas e que não impõe prejuízo a outras, algumas por vezes conflitivas e em disputa por espaço. Percebemos a manutenção de um tom laudatório aos mitos e símbolos máximos da Revolução Farroupilha, reiterações sobre a importância da “autenticidade” do movimento, uma visibilidade um pouco menor, mas não menos impactante, de narrativas baseadas nos apontamentos “desmistificatórios” acadêmicos, realces sobre a tensão entre o Rio Grande do Sul e o Brasil focado num suposto contraste entre alta contribuição tributária do estado e parco recebimento de recursos, além da emergência de narrativas que procuravam explicar a crescente popularização do tradicionalismo. A partir da década de 1990, somaram-se ao repertório de narrativas algumas ressignificações nesta tensão entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, demarcadas de forma decisiva pelo Pioneiro após duas eleições para governador, conforme já percebemos no subcapítulo anterior, além de um importante esforço propagandístico sobre o tradicionalismo em geral pelo jornal, adotando um tom pedagógico frente aos sentidos, símbolos e performances próprias de uma identidade regional tradicionalista. É também a partir desta mesma década que começamos a perceber uma

crescente presença do tradicionalismo no campo político local, que se confirmará de forma mais decisiva a partir de 2001.

Nos anos de 1980 e 1981, as referências ao tradicionalismo por parte dos periódicos foi reduzida. Destaco dois editoriais do Pioneiro do ano de 1980, nos quais se observam dois esforços centrais: conferir importância e legitimidade às comemorações e ao movimento tradicionalista, designando-o como um fenômeno popular espontâneo e que responde “às necessidades afetivas dos riograndenses” e entremeado a isso, o possível reconhecimento a postulados das críticas acadêmicas:

O Rio Grande do Sul prepara-se para festejar mais uma Semana Farroupilha, promoção que encontrou a mais ampla receptividade popular. [...] Embora contando com a adesão governamental e comunitária, ela representa, antes de mais nada, uma afirmação do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Realmente, são os Centros de tradição, que se movimentam e buscam assinalar festivamente a data.[...]

Neste panorama, surge a Semana Farroupilha, que mais de 500 mil riograndenses cultuam diretamente. Ela evoca um passado mitizado em parte, mas onde as grandes virtudes humanas, como a lealdade, a honra, o cumprimento da palavra empenhada, etc., são realidades que merecem todo o acatamento.

Na imensa confusão que o país se encontra, nessa passagem difícil para um novo sistema de vida, valores como as comemorações vinculadas a Semana Farroupilha são meritórios e consequentes. Ela responde a uma necessidade afetiva e direta da nossa população. (SEMANA FARROUPILHA... 1980, p. 4)

Percebe-se neste editorial a destacada importância conferida ao MTG e aos CTG como seus múltiplos braços institucionais na manutenção das comemorações do tradicionalismo, bem como a qualificação destas comemorações como “*meritórias*” e parte de uma “*necessidade afetiva e direta da nossa população*”. Vejo neste esforço uma construção de sentidos que visa a apontar a legitimidade do movimento perante as necessidades ideológicas da população, o que fica evidente no último parágrafo citado. Também se nota um reconhecimento das discussões desmistificadoras que emergiam no período, ao apontar que tais celebrações evocam “*um passado mitizado em parte*”, mas minimizando tal aspecto frente aos importantes valores que seriam reavivados e dignos de “*todo o acatamento*”.

O editorial da edição do Pioneiro, publicado três dias após este, traz uma série de sentidos similares. Reforça-se que o MTG possui uma ampla legitimidade e um caráter espontâneo, ao apontá-lo como “*uma ocorrência que merece apreço e análise*” e que se deve tratar o tradicionalismo como “*um movimento espontâneo*”, no qual “*todos os esforços,*

visando orientá-lo ou discipliná-lo, têm resultado inúteis” (TRADICIONALISMO... 1980, p. 4). Tal apontamento deve ser problematizado, já que nessa época as discussões acerca da centralidade que o MTG possuía em designar os elementos simbólicos próprios desta identidade regional gaúcha já eram candentes por conta da irrupção do nativismo, conforme apontada por Oliven e citado no capítulo 1. Percebo nesta narrativa uma tentativa mais aguda do periódico no esforço de granjear legitimidade ao movimento, apontando-o como agente único desta identidade e dentro do qual se encontra tal “espontaneidade popular” (que pode ser entendida como uma conferência de sua legitimidade social), valor que seus críticos apontavam como atacado pelo MTG devido à burocratização e à centralização na determinação das representações do que era ou não ser gaúcho. Vejo como uma narrativa que visa a suprimir as dissidências que se apresentavam no debate público em relação a esta construção identitária.

Outro trecho importante deste editorial contribui com a percepção de que os debates acadêmicos desmistificatórios já haviam se inserido na editoria do periódico:

As populações, que foram transferidas dos campos para as cidades e continuam tendo uma grande ligação com o solo de origem, têm encontrado no tradicionalismo um lenitivo à sua saudade e ao seu desenraizamento. Afinal, toda vida urbana é dura em seus começos e demanda um período de adaptação. (TRADICIONALISMO... 1980, p. 4)

Percebemos neste trecho a caracterização de um determinado perfil demográfico aos propulsores do tradicionalismo tal qual o apontado pelos autores críticos ao movimento. Embora esta caracterização também já houvesse sido apontada pelos próceres do movimento, narrativas sobre tal perfil ganharam força nestes anos com esta corrente “desmistificatória”, o que somado à menção no editorial anterior de um passado “mitizado”, sugere que o autor dos textos acompanhava tal discussão. Nota-se ali uma dialética entre estas narrativas conflitivas, na qual há um reconhecimento parcial dos postulados críticos ao movimento sem, no entanto, colocar em xeque a importância da instituição central que projeta e organiza suas representações. Uma dialética em que a construção de novas narrativas, ou uma síntese, é projetada de forma a conferir maior legitimidade ao MTG.

No ano de 1982, encontramos narrativas de tom laudatório aos símbolos da identidade regional gaúcha, em coluna assinada por um operador ideológico significativo no cenário local já perfilado no capítulo 2: Mário Gardelin, que em texto sobre a vinda da bisneta de Anita Garibaldi a Caxias do Sul, explora sentidos de valorização do tradicionalismo e sua

ligação com elementos remissivos à italianidade, em mais um esforço de características similares ao que já havia efetuado décadas atrás, de vinculação e legitimidade histórica, quando propôs a importância do padre Cristovão de Mendonza para as celebrações locais da Semana Farroupilha. Observamos Gardelin agora incensando outro personagem que já havia sido realçado anteriormente por diversas vezes como um elemento representativo de associação entre narrativas sobre os símbolos máximos gauchescos e da italianidade. Seguindo o traço já assinalado nas suas operações ideológicas, após uma narrativa efusivamente laudatória, o autor busca construir um apelo sentimental com vistas a maximizar o tom elogioso a estes símbolos:

Anita volta hoje. Estará em Caxias do Sul numa rápida visita. Na Escola de 1º Grau ‘Giuseppe Garibaldi’, ela ouvirá o Hino da República Rio grandense e receberá, como recordação, uma bandeira, com as mesmas cores daquela sob a qual seu bisavô correu o Atlântico e a Lagoa dos Patos. Tudo há de ser muito simples. E emotivo.

Há 146 anos o Rio Grande do Sul se preparava para a revolução que marcaria com sangue um decênio. A presença de Anita Garibaldi nos acorda distantes ecos... (GARDELIN, 1982, p. 4).

Observamos neste trecho também a ação de uma escola local visando gerar homenagens a figuras relacionadas às comemorações tradicionalistas. Embora provavelmente não seja o primeiro evento do tipo, denota no que tange às informações obtidas com as fontes históricas uma primeira menção a eventos de caráter pedagógico voltado a crianças, adolescentes e adultos sobre os símbolos e narrativas desta identidade regional gaúcha, que passarão a ser comuns nos anos vindouros em vários espaços, com mais ênfase nos tradicionalistas. No mesmo ano, foi noticiado nos três periódicos locais que circulavam o *”I Encontro da Cultura Nativa da Região Serrana”*, organizado pelo CTG Negrinho do Pastoreio e dividido em vários módulos, tendo entre seus palestrantes o músico Honeyde Bertussi, Mário Gardelin e Zanildo Nascimento, patrão de honra em vários CTG locais, entrevistado nesta pesquisa e personagem sob o qual nos debruçaremos com maior atenção no capítulo seguinte. De acordo com os organizadores, o principal objetivo do evento era *“despertar a conscientização da importância da cultura nativa na formação do povo gaúcho e o interesse pela história, tradição e folclore do Rio Grande do Sul como fatores de integração do povo.”* (NATIVISMO DE HOJE... 1982, p. 12).

A emergência de tais eventos neste ano e nos próximos sinaliza como os organizadores do tradicionalismo em nível local percebiam uma demanda por esta

“pedagogia”, uma forma de garantir por meio de exposições e palestras sobre o folclore e a tradição gaúcha um ar de legitimidade ao tradicionalismo. Percebe-se assim que há uma disputa em jogo no imaginário social caxiense, no qual tais grupos procuram conferir validade ao movimento por meio do uso social do passado. Sem desconsiderar que tais eventos ocorressem em anos anteriores, problematizo que a sua publicidade nos três jornais locais de então dão indícios de um maior esforço em angariar público, cujas causas para tal linha de ação reputo que podem ser justificadas tanto pela busca por maior projeção frente ao debate “desmistificador” que vinha ganhando espaço, como por uma maior popularização e força do movimento em nível local, resultando em novas estratégias na disputa por espaço de impor suas narrativas.

A coluna publicada no Pioneiro em 14 de setembro de 1983 por Marilena Moschen, com título “*Importância do Folclore*” também age nesse sentido, reiterando o folclore como “*ciência sócio cultural que estuda a cultura espontânea do homem do campo e da cidade*” e defendendo a validade de se aprofundar sobre seus estudos em nosso estado nesta data remissiva às suas comemorações máximas, apontando que “*abandonar o folclore é cometer o mesmo crime que desflorestar nossas terras. Como as árvores protegem o solo, a tradição protege a alma de um povo*” (MOSCHEN, 1983, p. 4).

A partir de 1984, perceberemos nos jornais locais a recorrência de pequenas notícias, por vezes acompanhadas de imagens, sobre as comemorações da Semana Farroupilha em bancos, com funcionários indo trabalhar pilchados e pequenas festividades internas nesses espaços com danças e comidas típicas, principalmente carreteiro, em pleno horário de trabalho. Marcadas pela textualização curta, por vezes são mencionadas entrevistas com gerentes dos estabelecimentos, que são os principais promotores dos eventos, que geralmente apontam a “importância de se cultivar as tradições de nosso estado”. Os eventos eram mais comuns em agências de bancos públicos, como Banrisul, Caixa Econômica Estadual e Banco do Brasil e foram noticiados até meados da década de 1990. Embora não se possa extrair uma construção de sentidos mais apurada devido ao pouco espaço que tais notícias ocupavam, é mais um elemento demonstrativo do crescente apelo que a Semana Farroupilha angariava na sociedade local, mas não completamente alheio às instituições ligadas aos MTG, na medida em que grupos de danças destas instituições eram convidados a apresentarem-se nestas celebrações. Isto fica bem exposto no editorial de 21 de setembro de 1984 do Pioneiro:

A data farroupilha, ontem evocada no Rio Grande do Sul, teve alguns lances de encher os olhos. O principal deles: o culto à tradição já não provoca reações de desagrado de parte da juventude. A atitude de estabelecimentos bancários, especialmente, em pilchar seus funcionários e em receber delegações de internadas artísticas de centros de tradições gaúchas, constituiu-se em extrema contribuição para lembrar aquilo que foi uma das maiores demonstrações de coragem e de espírito de participação da gente gaúcha.

Decorridos 149 anos daquela epopeia, o Rio Grande do Sul vê-se a braços com uma profunda retração econômica, resultado de uma política recessiva adotada em nível nacional, com reflexos especialmente padastos em relação às atividades primárias, esteio da economia do Rio Grande desde os trinta povos Guaranis. É evidente que a crise grassa em outros estados com maior ou menor intensidade, mas estamos falando do nosso Rio Grande. (DE BOMBACHA... 1984, p. 4)

Vários apontamentos deste trecho do editorial são relevantes, além do destaque conferido às ações dos bancos. Primeiro, quando aponta que o tradicionalismo “*já não provoca reações de desagrado de parte da juventude*”. Percebe-se que provavelmente o tradicionalismo vinha num lento processo de conquista de positividade social, ainda não completo, pois não gerava desagrado apenas à “*parte da juventude*”, denotando haver outros tantos jovens que não o bendiziam. Tal apontamento confere com a narrativa de vários entrevistados, presentes no capítulo seguinte, que relataram que a década de 1980 foi o ponto de virada de um momento em que os tradicionalistas em Caxias do Sul eram alvos de deboches quando andavam pilchados em espaços públicos mesmo durante a Semana Farroupilha.

Também é importante destacar a presença de grupos de danças de CTG nestes bancos, demonstrando uma provável ligação da gerência dos estabelecimentos com os CTG. Como percebemos no capítulo anterior, os poucos CTG caxienses das décadas anteriores eram espaços de sociabilidade com participantes que não podiam ser caracterizados como humildes ou proletários de baixa renda, mas sim com um perfil de classe média, no qual caberia com facilidade gerentes de agências bancárias.

O segundo parágrafo aponta uma construção de sentidos que será bastante perceptível em anos vindouros, e que já percebemos acoplado às narrativas sobre o período de crise nas edições da Festa da Uva. Diz respeito à tensão na relação federativa entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, que emerge nesse período ancorado no contexto de crise econômica que perpassava o país e o estado e evidencia-se a responsabilização do governo federal pela crise, tal como apontado no subcapítulo anterior.

Não faz parte do escopo desta pesquisa apontar se a responsabilidade por tal crise recaía apenas ao governo federal ou se poderia ter sido minimizada pela ação da elite política e econômica gaúcha. Interessa a construção de narrativas sobre ela, que impactou de forma decisiva o rol de representações e suas ressignificações sobre estas duas identidades no imaginário local. O editorial acima torna claro tal intento, até de certa forma enfraquecendo a potência simbólica deste discurso, ao apontar que “*a crise grassa em outros estados com maior ou menor intensidade, mas é do nosso Rio Grande que estamos falando*”. Tal lapso, entretanto, não será perceptível nas reiteraões desta narrativa nas edições dos próximos anos da Semana Farroupilha e ganhará bastante força até começo dos anos 2000, quando um novo período de crescimento econômico mais duradouro em nível nacional e a manutenção de uma crise fiscal quanto ao governo do estado esvaziará os substratos fáticos que serviam a esta construção de sentidos.

Neste ano, encontramos significativas construções de narrativas pelo periódico Correio Riograndense referentes à temática da tensão entre o Rio Grande do Sul e o Brasil¹²¹, porém com tons diversos. O periódico apresenta em dois textos uma leve síntese entre os apontamentos das críticas desmistificadoras ao movimento com o já conhecido tom elogioso e ufanístico, abordando em um deles a transformação do significado da expressão “gaúcho”,

¹²¹ Em *A parte e o todo* (1992), Oliven identifica no ano de 1985 o ápice da projeção desta narrativa. Entretanto, o autor traz dados consistentes para demonstrar o descolamento do “real concreto” desta narrativa, considerando ainda que foram obtidos em período próximo ao analisado: “*Isso nos leva ao segundo fator que é a chamada crise do Rio Grande do Sul, que, por ocasião de 1985, parecia alcançar seu ápice. Sob o rótulo de crise agrupam na verdade diferentes coisas. A história recente do estado tem mostrado um forte sentimento de marginalização baseado na suposta perda de sua importância econômica e política no que diz respeito ao resto do país. Em certo sentido, esse discurso é a reedição, por parte das elites econômicas e políticas, das queixas farroupilhas formuladas há cento e cinquenta anos. O discurso da crise e da marginalização que é constantemente reatualizado na história do Rio Grande do Sul, aparece hoje em dia, por exemplo, no nível político com a queixa de que com o fim do ciclo militar, o Rio Grande do Sul foi aquinhado com poucos ministérios, quando nos governos anteriores costumava ter vários. Essa é uma afirmação que obviamente precisa ser matizada, já que a presença de vários ministros no governo federal, de 1964 a 1985, não significou que eles tenham adotado políticas que favorecessem seu estado. No nível econômico, a queixa centra-se em torno da perda da vitalidade econômica. O que aconteceu, na verdade, é diferente. Apesar de ter ocorrido, desde a década de 1930, uma crescente centralização de recursos e poderes por parte do governo federal e a concentração da indústria em São Paulo, o Rio Grande do Sul não tem se saído tão mal. Além da influência política que sempre exerceu, economicamente ele continua a ser um estado rico e produtivo. Nos últimos trinta anos, a indústria adquiriu uma importância central na economia do estado, representando 7,2 % da produção industrial do país. O estado é responsável por 12% das exportações brasileiras e detém 10% do produto nacional bruto. Além disto, o Rio Grande do Sul tem os melhores índices nacionais de saúde (a mais baixa taxa de mortalidade e a mais alta expectativa de vida) e os mais baixos índices de analfabetismo (13,5%). Sua taxa de crescimento econômico tem seguido a do país como um todo e refletido as flutuações nacionais. Assim, a forma mais correta de se caracterizar a atual situação da economia gaúcha consiste em afirmar que seus problemas não são manifestações de uma crise regional, mas sim consequências regionais de uma severa crise de abrangência nacional.*” (1992, p. 61-62)

que significava “*fora da lei e até ladrão*”, mas adquire “*o sentido hoje heroico quando o sulino, ao incorporar-se a novos tipos de relações econômicas, revela-se capaz de lutar por sua terra*” (UM ANO... 1984, p. 7). Em outro, assinado pelo jornalista e historiador Décio Freitas, aponta a necessidade de se entender a Revolução Farroupilha dentro de um contexto de revoltas em todo o império no período contra o “*escorchante centralismo das elites do Sudeste*” e, ao final de sua textualização, passa a apontar paralelos daquela situação com o momento então vivido, visando a conferir maior grau de legitimidade histórica à narrativa de então:

E todos são chamados a pagar a conta do crescimento econômico do Sudeste nestes últimos vinte anos, sobretudo o crescimento de São Paulo, pois o Rio e Minas estão crescentemente subalternizados. Na verdade, precisamos pagar a conta, como condição para nos autopreservarmos, já que, como em 1930, São Paulo ameaça arruinar o país.
‘Federação ou Morte’ clamou um dos chefes farroupilhas. Mais ainda: no Brasil, hoje, democracia e federação são inseparáveis. (FREITAS, 1984, p. 6)

Na edição do ano de 1985, a Semana Farroupilha comemorava o sesquicentenário da Guerra dos Farrapos. Os eventos oficiais relativos à data, conduzidos por órgãos estatais e representantes locais do MTG ganharam algum destaque maior do que nos anos anteriores, mas se caracterizaram pelo caráter protocolar e baixa participação popular, como já vinha ocorrendo com poucas exceções apontadas previamente desde fins da década de 1970. A chama crioula foi levada do CTG Rincão da Lealdade ao 12º Batalhão da Polícia Militar por um grupo de trinta cavalarianos, similar ao que ocorria nos anos anteriores desta década: acesa ou em CTG por tradicionalistas ou em espaços públicos por autoridades e transportada pelas ruas da cidade por um grupo de cavalarianos em direção a um espaço público onde se acendia um candieiro ou outro fogo simbólico ou a partir daí aos CTG, sempre respeitando a presença de espaços públicos na partida ou no fim do trajeto com cavalarianos. O traslado era a principal performance ritualística visível à sociedade em geral, já que o acendimento do fogo simbólico e sua chegada nos CTG eram acompanhados, respectivamente, por autoridades e líderes tradicionalistas locais.

Como percebemos na tabela 1 do subcapítulo anterior, o Pioneiro dedicou maior destaque à Semana Farroupilha neste ano devido ao marco temporal, sendo que apenas em 1993 se perceberá uma quantidade similar de menções. Isto não se deveu a uma maior visibilidade por meio de notícias relativas a estas comemorações, mas a um grande número de colunas assinadas sobre o tradicionalismo, onze no total, o maior verificado dentro dos

sessenta anos de análise. Destas colunas, sete eram relativas a questões do folclore gauchesco, com caráter descritivo, marcadas mais por um esforço pedagógico do periódico em explicar e marcar a legitimidade popular de elementos simbólicos do tradicionalismo do que construir sentidos laudatórios ao movimento. Outras três colunas destinaram-se de forma efetiva ao esforço laudatório, voltadas à reiterada construção de uma aura mítica sobre os heróis farroupilhas, e apenas uma das colunas tinha um tom relativamente crítico. Esta, assinada pelo jornalista Jimmy Rodrigues, inicia problematizando o uso do termo “*revolução*” para designar o “*movimento que eclodiu em 1835*”, apontando que uma revolução impõe uma significativa alteração nas “*relações entre as classes que formam a sociedade*”. Apesar do início promissor – em se considerando a busca pela precisão conceitual do termo – deslinda rapidamente para uma nuance sintética similar às apontadas anteriormente, na qual propõe uma interpretação utilitarista contra o “*centralismo político*” e induzindo uma narrativa favorável às representações então preponderantes na tensão entre o estado e o Brasil.

O movimento que eclodiu em 1835, no Rio Grande do Sul, não se identifica com esta definição de revolução. Foi, mais propriamente, uma guerra contra o centralismo. Seus objetivos básicos eram de ordem econômica. Visavam a defesa dos interesses dos estancieiros, dos charqueadores, e, de certo modo, dos homens de negócios. [...] As classes subalternas da sociedade – agricultores, peões, artífices, operários, pequenos comerciantes, serviçais e escravos – continuaram na mesma situação. Os que seguiram os chefes farroupilhas para os campos de batalha, o fizeram, como de praxe, porque “eram gente” dos coronéis estancieiros e dos donos das charqueadas. Muitos dos “soldados rasos” – os autênticos farrapos, pela indigência de suas vestes – lutaram ora neste, ora naquele lado, dependendo das circunstâncias e das conveniências... Contudo, a Guerra dos Farrapos deixou lições que ainda podem ser aproveitadas 150 anos depois de seu início. (RODRIGUES, 1985, p. 4)

Em outros trechos desta coluna acima, que não foi transcrita por inteiro devido à sua extensão, fica sutilmente subentendido que estas “*lições*” mencionadas por Rodrigues referem-se à luta pelos interesses do estado frente ao centralismo político nacional que marcariam tanto o cenário federativo de 1889 quanto em 1835. De qualquer forma, esta coluna é a primeira construção textual com uma narrativa mais alinhada aos apontamentos sobre a Revolução Farroupilha que contestavam o tom laudatório contundente no periódico em décadas anteriores, quando não se apontavam dissonâncias na sociedade gaúcha no período entre 1835 e 1845, mas uma mítica unidade de todos os gaúchos e de todas as regiões do território da Província de São Pedro ao lado dos farroupilhas contra o Império.

Considerando o jornal como espaço de projeção de narrativas em que a diagramação e a disposição dos textos também devem ser levadas em consideração quando analisamos os sentidos que propõem ao leitor, é importante destacar que o texto desta coluna de Rodrigues estava disposto na mesma página do editorial desta edição, e este foi bastante incisivo sobre a importância de não analisar esta data por meio das perspectivas desmistificadoras que, aparentemente, pareciam ganhar espaço no debate público.

Das batalhas, dos heróis farroupilhas, muito já se ouviu falar, especialmente este ano, quando maior foi a divulgação pela imprensa, trazendo com maior clareza o que foi a Guerra dos Farrapos. Ficarão ainda alguns questionando a inspiração do movimento, suas concepções políticas e ideológicas, tentando embasá-lo como um exemplo da manipulação do povo pelas classes dominantes mais fortes.

Apesar do respeito que merecem os estudiosos, os teóricos, os pesquisadores, nesta data consagrada ao Sesquicentenário da Revolução Farroupilha parece mais importante, mais produtivo, mais compensador buscarmos na mobilização a defesa dos interesses do Rio Grande que os farroupilhas representaram, mais do que qualquer outra coisa. E é justamente desse tipo de exemplo que os gaúchos estão precisando. (A INSPIRAÇÃO... 1985, p. 4)

Percebe-se a reiteração desta síntese formada pela junção de partes das ponderações de um discurso acadêmico crítico às mitificações do tradicionalismo com um relativo “*exemplo*” deixado pelos farroupilhas nos discursos laudatórios com mais longo enraizamento, gerando uma nova narrativa direcionada à resolução de uma celeuma de então. O mais interessante é que, sob a luz de uma perspectiva temporal mais ampla, perceberemos também esta celeuma do “*centralismo*” como uma narrativa bastante artificial, praticamente ressignificada e erigida no contexto de crise da década de 1980 e que ganha corpo por ter atizado de forma contundente este regionalismo, numa ação de mão dupla em que ambos se impulsionaram. Desta forma, a extensa crise estava explicada no imaginário social gaúcho, com um vilão bem delineado e ancorada com exemplos históricos legitimadores de tal sentido. O modo de produção econômico vigente e suas intrínsecas e rotineiras crises, bem como o aprofundamento das desigualdades sociais e agudização da concentração de renda típicos destes períodos passariam, sob uma perspectiva ampla, praticamente incólumes do escrutínio social.

Tal editorial pode ser apontado como até então o mais incisivo em trazer este debate ao público, ao dar visibilidade à pauta “desmistificatória” e reconhecimento da legitimidade “*aos estudiosos, aos teóricos e aos pesquisadores*”, mesmo que para logo depois negar a

conveniência de tais perspectivas em detrimento de uma narrativa mais mobilizadora e aceitável. No mesmo ano, o Correio Riograndense publicou editorial com forte crítica social, também aproveitando o “heroísmo” dos farroupilhas como exemplar para que o povo lute por uma vida melhor, mas dentro de uma forma de luta que se coaduna a um periódico que era propriedade de uma ordem católica.

O Rio Grande, merecidamente, comemora as festividades de sua mais autêntica revolução – a Revolução dos Farrapos.[...] Os esfarrapados, hoje, são os “sem-terra” com real e comprovada vontade de trabalhar. São os agricultores desalojados por barragens e obras públicas e, ainda, não reassentados. São os agricultores que não têm o preço garantido para seus produtos e que, na prática, desconhecem um atendimento conveniente e merecido para sua saúde. Entre os esfarrapados estão os que margeiam as cidades em habitações precárias e desempregados porque uma política mal conduzida os obrigou a emigrar do campo.

Por muito menos os farroupilhas esgotaram a paciência e foram à luta. Temos a impressão que o povo cansou de esperar e, agora, sobra-lhe a luta pacífica da reivindicação organizada, ordeira e intransigente em favor de uma política agrária humana e cristã. (OS NOVOS... 1985, p. 8)

O editorial evidencia a aproximação dos diretores do periódico com a Teologia da Libertação, corrente na Igreja Católica latino-americana marcada pela ação pastoral e com forte tom crítico à desigualdade social. De um jornal alinhado ao integralismo na década de 1940, percebemos em 1980 o Correio Riograndense se aproximando de uma das linhas mais progressistas do catolicismo e, nos anos 2000, já passa a contar com colunas de Leonardo Boff e imprimir em suas seções de frases famosas aleatórias algumas de Karl Marx. Tal rearranjo ideológico do periódico deve ser apontado na medida em que interfere em sua produção de representações identitárias, como percebemos no editorial acima. Mesmo que pautado pela crítica social, permanece ainda laudatório ao tradicionalismo e remissivo ao seu caráter exemplar. É um exemplo nítido da variedade de traços díspares encontrada na projeção de narrativas sobre o tradicionalismo que marcou o período entre 1980 e 2000.

Os anos de 1986 e 1987 são marcados por um significativo refluxo na produção de representações sobre o tradicionalismo pelos periódicos locais. Apenas o jornal Pioneiro publicou pequenas notícias descritivas sobre eventos do tipo no período da Semana Farroupilha. Destaco no ano de 1986 a menção à “*III Roda de Chimarrão*,” promovida pela Associação Atlética Randon (PARALELAS... 1986, p. 9). Como veremos no capítulo adiante, a partir de 1984 se tornou o principal evento anual tradicionalista entre parte dos funcionários do grupo de empresas Randon, que passaram a se organizar e estabeleceram um CTG de seus

funcionários. No ano seguinte, o Pioneiro mencionou a inauguração do “*galpão crioulo Velha Carreta da empresa Randon*” (PARALELAS... 1987, p. 3), em nota curta na seção de *Variedades*, na mesma em que constava uma rápida programação sobre a abertura da Semana Farroupilha na cidade, com o acendimento da Chama Crioula no 12º BPM e seu traslado por cavalarianos para a prefeitura e depois para os CTG. O galpão Velha Carreta seria o espaço físico no qual transcorreriam as atividades do CTG Os Carreiros, inicialmente formado por funcionários desta empresa e seus familiares.

Em 1987, encontramos o mais contundente texto com tom desmistificador sobre os símbolos tradicionalistas publicado pelo Pioneiro dentro do recorte temporal deste capítulo. É importante ressaltar que foi publicado dentro da seção Sete Dias, voltada à agenda de atividades culturais da cidade, assinado por Paulo Mendes e distante das páginas iniciais - mais próximas ao editorial ou a notícias locais. De título “*Revolução Farroupilha e a mitologia rio-grandense*”, aponta inicialmente como as perspectivas ufanistas e a heroicização de seus personagens “*reúne todos os ingredientes necessários para que a escola e outras instituições a transmitam recheadas de detalhes aos incautos alunos*” e parte em seguida para uma forte contestação destas narrativas:

Em todas as manifestações fala-se nos ideais de 35. Quais eram esses ideais? Na verdade, o projeto de constituição dos Farrapos mantinha a escravidão e por isso o movimento é considerado por historiadores o mais conservador. O povo não votava, negava-se a cidadania aos negros forrós e o recrutamento foi feito nas classes baixas, sendo que os homens pobres eram alistados à força por “vadiagem”. Quais eram as mudanças sociais e os ideais libertadores da Revolução Farroupilha? No máximo, livrar-se dos impostos e leis imperiais, para que a oligarquia rural gaúcha se mantivesse no poder. Não resta dúvida de que o retorno ao passado de um povo, às suas raízes culturais e a valorização da cultura regional são importantes dentro de uma sociedade. No entanto, não podemos ficar afirmando que a luta hoje é pelos mesmos ideais de 35. A princípio a História não se repete. Além disso, esses ideais – o fortalecimento do sistema social dos fazendeiros, único programa político – não são tão gloriosos assim. Episódios como o massacre de porongos, quando uma tropa inteira foi dizimada num acordo prestabelecido ente Canabarro e Caxias, são muito pouco heroicos. É preciso uma postura crítica em relação ao passado, evitando que as festividades sirvam como escapismo para encobrir a impotência política, reacender sonhos e reviver velhas lutas (in) gloriosas. (MENDES, 1987, p. 4)

Em 1988, o periódico Correio Riograndense volta a publicar sobre os elementos próprios de um *ethos* gauchesco, em ampla matéria redigida pelo historiador Moacyr Flores. Afastada de um tom laudatório e com caráter descritivo sobre costumes próprios dos gaúchos

campeiros e seus aspectos históricos, opera de forma a conferir uma legitimidade junto a determinados maneirismos, valores e comportamentos sociais típicos tratando-os como espontâneos, mas com tom bastante sutil. (FLORES, 1988, p. 10)

No mesmo ano, encontramos a primeira menção nos periódicos sobre um novo grupo de pessoas à frente da organização das celebrações da Semana Farroupilha em Caxias do Sul, informalmente conhecido como “Grupo São Pelegrino”. Este grupo era formado por empresários deste bairro da cidade, de classe média e próximo ao centro. Em 1984, insatisfeitos com a baixa popularidade e excesso de formalismo das comemorações referentes à Semana Farroupilha que vinham ocorrendo na Praça Dante Alighieri, protagonizada pelo poder público municipal, Brigada Militar e alguns CTG locais, em especial o Rincão da Lealdade, começou a organizar festejos durante a Semana Farroupilha em uma praça do bairro, a Praça João Pessoa. Tinham como intenção principal fazer com que a população em geral participasse das atividades, bem como demonstrar para crianças e estudantes aspectos culturais da cultura gauchesca e tradicionalista, segundo entrevista de seus membros ao periódico *Pellegrino* publicada em setembro de 1988. Foi então que esta comemoração até então “paralela” da Semana Farroupilha passou a receber a chancela oficial da Prefeitura Municipal e ali foram concentrados todos os eventos comemorativos que já vinham organizando, bem como a ritualística envolvendo o acendimento e manutenção da Chama Crioula. O periódico *O Pellegrino*, de circulação mensal e relativo ao bairro reportou o evento, bem como o *Pioneiro*, que em dois dias durante as edições pesquisadas neste ano relatou a programação de atividades da Semana Farroupilha no novo local. Ali se concentravam as atividades durante o dia, enquanto nos CTG ocorriam atividades noturnas, como bailes e concursos. (PRAÇA JOÃO... 1988, p. 1)

Se em 1988 ocorreu a chancela oficial a este novo grupo como organizador central da Semana Farroupilha em Caxias do Sul, foi a partir de 1989 que passaram a ocupar no mesmo bairro o Parque Cinquentenário, o que rendeu uma grande popularização à Semana Farroupilha e uma série de polêmicas ao longo de quase uma década. Percebe-se nesta primeira edição que a organização do evento conciliou o MTG, o Grupo São Pelegrino, Prefeitura e Brigada Militar, formando o primeiro Acampamento Farroupilha com relativo sucesso de público quando comparado às edições anteriores. Na notícia sobre o evento publicada em 13 de setembro de 1989 pelo *Pioneiro*, percebe-se também que o novo formato da Semana Farroupilha na cidade incluía um esforço pedagógico sobre o tradicionalismo, conforme o Secretário Municipal de Educação e Cultura, Odir Ferronato: “*Alunos das escolas*

municipais serão levados para visitar os acampamentos do Parque, conforme Ferronato, “para incentivar na criança o gosto pela cultura gaúcha”. Ferronato acha que a cultura gaúcha é a mais viva do Brasil e está em fase de recuperação de um tempo em que esteve um pouco apagada.” (COMEMORAÇÕES DA... 1989, p. 21)

É importante assinalar que neste ano, a Chama Crioula foi acesa em “*Água Azul, no distrito de Santa Lúcia do Piaí, onde foi martirizado o padre Cristovão de Mendonza*” (INICIA PROGRAMAMAÇÃO... 1989, p. 41). O retorno da ritualística concernente às comemorações da Semana Farroupilha caxiense ao mesmo local de décadas passadas denota um esforço de granjear legitimidade a esta nova configuração da celebração, agora reorganizada em outro espaço com este grupo emergente encabeçando a organização. Embora não se observe a publicação de narrativas contundentes como a de Gardelin, que na década de 1960 pontuava Cristovão de Mendonza como o “*primeiro tropeiro*” procurando conferir autenticidade à performance ritualística, percebe-se que tal representação sobre a importância da localidade de Água Azul já estava razoavelmente cristalizada no imaginário, ao ponto de ser novamente incorporada nas celebrações em um momento em que necessitavam de legitimação.

Na publicação do periódico Folha de Caxias de 16 de setembro de 1989, em coluna assinada por Xiru Pereira, encontra-se um importante texto sobre a repercussão do evento. Após reclamar em sua coluna na edição da semana anterior sobre a parca participação dos CTG locais nas atividades da Semana Farroupilha, o título “*Semana Farroupilha foi um sucesso*” já aponta que a nova formatação do evento provavelmente angariou apoio entre líderes tradicionalistas locais:

Caxias do Sul realizou no Parque Cinquentenário, durante uma semana, as comemorações da Semana Farroupilha, evento que embora com suas falhas, granjeou grande sucesso e, com apoio do povo caxiense entreverado com os colégios, e sem esquecer das empresas que deram total apoio no sentido de mandar seus grupos, ou conjuntos como queiram, para fazerem parte desta integração de cunho cultural reverenciando o herói do pampa que tombou na coxilha em defesa desta terra tão buenacha que é o Rio Grande do Sul.[...] Falando com o Secretário de Turismo, Dr. Vivaldo Vargas, analisamos os erros que aconteceram, porém foram todos involuntários porque a intenção é sempre acertar, mas que em breve, este peão, Xiru Pereira, em conjunto com a Brigada Militar, Prefeitura de Caxias do Sul e contando com o apoio das empresas da cidade, pretendemos realizar um acampamento de marca grande no Parque Cinquentenário, pois é o lugar ideal para este tipo de encontro. E se este parque não for ocupado por nós que cultuamos o nosso folclore e a nossa tradição ao natural, ele terá de volta a marginalidade e o abandono. (PEREIRA, 1989, p. 2)

O relato de Xiru Pereira nos traz apontamentos interessantes. Destaco que apesar da alta relevância autoimputada, quando ombreia com a “*Prefeitura Municipal, Brigada Militar e empresas*” na defesa da intenção de realizar outro acampamento no local no próximo ano, não encontraremos menções a Xiru Pereira nos próximos anos em outros periódicos, visto que o Folha de Caxias fechou em 1990. Destaca-se que, além de se demonstrar favorável ao novo espaço e defender sua manutenção para as próximas edições da Semana Farroupilha, cita por duas vezes a importância das empresas “*que deram total apoio no sentido de mandar seus grupos*”. Refere-se aos grupos tradicionalistas, que foram liberados para apresentarem seus grupos de danças, formados por funcionários que provavelmente encontravam-se em horário de trabalho. É mais um indicativo da crescente importância destes grupos no cenário tradicionalista local.

No ano de 1990, encontramos apenas duas menções menores sobre a identidade regional gaúcha nas edições publicadas durante a Semana Farroupilha no Pioneiro, uma referente às comemorações do evento na cidade de Canela e outra sobre um show de Neto Fagundes em um clube local. O silenciamento por parte do jornal em específico neste ano chama a atenção, na medida em que outros periódicos conferiram uma visibilidade dentro dos padrões normais. Não foi possível identificar alguma vicissitude que sugerisse tal comportamento anômalo. De parte do Correio Riograndense, há apenas uma pequena nota sobre o acendimento da Chama Crioula em Água Azul em homenagem ao “*padre Cristovão de Mendonza, patrono dos tropeiros e introdutor do pecuária no Rio Grande do Sul, que foi trucidado pelos índios da região em 1635*” (SEMANA FARROUPILHA... 1990, p. 7). Relaciono o destaque a apenas tal aspecto da Semana Farroupilha, novamente, devido ao fato de ser um jornal católico.

O periódico Folha de Hoje foi o que dedicou maior espaço à Semana Farroupilha neste ano. Na sua edição de 17 de setembro, abordou o plantio de mudas de erva-mate no Parque Cinquentenário por tradicionalistas e crianças com apoio da Brigada Militar e do IBAMA, bem como do “*passeio de pilchas*” que ocorreu no dia anterior, uma caminhada que “*reuniu cerca de 100 pessoas que saíram da Praça Dante Alighieri percorreram a Avenida Júlio de Castilhos até o Parque Cinquentenário*”. Outro apontamento significativo nesta mesma notícia se refere à aceitação do público do novo local e mais um exemplo do novo perfil demográfico dos participantes das festividades tradicionalistas em trecho em que pede a opinião sobre o Acampamento a um transeunte: “*O lugar é bom e serve para distrair as*

crianças e ouvir boas músicas”, disse o metalúrgico André de Paula Campos, 28. Natural de São Francisco de Paula, o operário disse que sempre que pode acompanha a programação do evento.” (TRADIÇÃO E ECOLOGIA... 1990, p. 4)

Os dois trechos destacados na notícia nos trazem informações importantes. O “*passeio de pilchas*” foi uma caminhada de um grupo grande de tradicionalistas com a devida indumentária gauchesca pelas ruas centrais da cidade em meio à Semana Farroupilha, que operou enquanto performance de um desfile informal, no que considero como uma forma de exporem para a sociedade um “orgulho” de serem tradicionalistas ao caminharem pilchados pelas ruas mais movimentadas da cidade em grande número, uma espécie de resposta aos deboches que vários informavam receber ainda nesta década¹²². No segundo trecho, a respeito do entrevistado pelo jornal que aponta gostar do evento, destaco seu perfil social: trabalhador do segundo setor e migrante interno da região dos Campos de Cima da Serra. Embora singularmente este exemplo não sirva como indício de um perfil geral dos participantes do movimento, coaduna-se com outro grande conjunto de informações que apontam nesta direção.

A Semana Farroupilha de 1991 também teve entre sua ritualística de abertura o acendimento da Chama Crioula em Água Azul e a vinda de cavalarianos de lá até o Parque Cinquentenário. Chama atenção o fato de neste ano já haver 14 CTG acampados no parque, demonstrando um crescimento significativo no número destas agremiações na cidade, bem como sua adesão à centralização da Semana Farroupilha em um espaço, o que não se percebia nas décadas anteriores. Na edição de 14 de setembro do Pioneiro, percebemos a adesão do jornal a uma ação pedagógica a favor do tradicionalismo, com a publicação de duas páginas com explicações sobre a Semana Farroupilha em tom infantil, com desenhos e textos curtos e didáticos. Devemos considerar que tal linha de ação era adotada pelos organizadores da Semana Farroupilha, com uma grande importância destinada à visita de alunos de escolas durante o período do dia no Acampamento Farroupilha, demonstrando um alinhamento do periódico com as diretrizes do MTG.

O periódico Folha de Hoje também dedicou importantes espaços ao tradicionalismo, com manchetes sobre o evento na capa e fotos de pessoas pilchadas no Acampamento, utilizando-se de dizeres como “*Atrações em penca na data Farroupilha*” (ATRAÇÕES E... 1991, p. 1). Na edição do dia 14 de setembro, reportou como no domingo, os tradicionalistas

¹²² Conforme perceberemos no capítulo seguinte, através das narrativas de líderes de CTG de funcionários das grandes empresas.

planejavam servir o “*camargo*” às autoridades (leite tirado do ubre da vaca na hora, servido junto com café), o que reitera o esforço performático de “autenticidade” ao evento. Na edição do dia 21 de setembro, foi publicado uma charge do cartunista local Iotti, que reforça sentidos da narrativa sobre a espoliação do Rio Grande do Sul pelo Brasil.



FIGURA 20 - CHARGE PUBLICADA NO JORNAL FOLHA DE HOJE, NO DIA 21 DE SETEMBRO DE 1994. AO CENTRO UM GAÚCHO EMPOBRECIDO, CARREGANDO UM SACO FURADO ALUSIVO AO ESTADO E NO CANTO, UM CAMINHÃO DE DINHEIRO RUMO AO ESTADO DE ALAGOAS, REPRESENTANDO COMO O RIO GRANDE DO SUL SERIA PREJUDICADO POR CONTA DA SUPOSTA DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL DOS RECURSOS NACIONAIS. (FOLHA DE HOJE, 1994, P. 7)

A edição de novembro de 1991 do periódico Pellegrino traz uma série de entrevistas com membros do “Grupo São Pelegrino”. Nestas, observamos a constituição de uma narrativa uníssona na qual apontam que entre suas intenções iniciais não estava a “*formação de uma entidade, mas fazer tradicionalismo com o povo, e aberto para todos os que cultivam o folclore gaúcho*” (PARQUE CINQUENTENÁRIO... 1991, p. 2), embora neste mesmo ano estivessem pressionando o prefeito municipal pela construção de um galpão no Parque Cinquentenário e já tivessem formado um CTG, o Campo dos Bugres.

Esta atenção conferida pelo jornal do bairro ao movimento já denota um período de crescimento das manifestações tradicionalistas na cidade e uma tentativa destas mídias impressas locais de explicar o fenômeno. É compreensível que este primeiro “esforço explicativo” por parte da mídia tenha começado com um jornal próprio ao bairro no qual o

movimento realiza suas festividades, que já demonstravam um vigor inédito e logo gerariam polêmicas sobre a conveniência do local.

No ano de 1992, a Chama Crioula foi acesa e trazida por cavalarianos do distrito de Vila Oliva, que se localiza a leste de Santa Lúcia do Piaí e também limítrofe aos Campos de Cima da Serra. O entrevistado pelo Pioneiro sobre a justificativa da escolha do local foi Manoelito Savaris, personagem que futuramente galgará postos crescentes na estrutura do MTG.

Há três anos, o desfile e as comemorações da Semana Farroupilha acontecem no Parque Cinquentenário e a cada edição é escolhido um ponto histórico de Caxias para trazer a Chama Crioula. Segundo o capitão da Brigada Militar e patrão do CTG Heróis Farroupilha, Manuelito Savaris, “Vila Oliva foi escolhida por registrar a passagem do bandeirante Raposo Tavares, em 1610, que deu origem ao CTG do distrito que leva seu nome”, explica. (CAVALGADA ABRE... 1992, p. 23)

Além da imprecisão quanto à informação de que a cada “*edição é escolhido um ponto histórico*” veiculada pelo Pioneiro no trecho acima, percebemos uma nova ação frente a esta ritualística na busca por legitimidade nas performances dos tradicionalistas. Também neste ano, em entrevista do coordenador do Acampamento Farroupilha, na edição de 21 de setembro do jornal, podemos perceber dados importantes que já apontam o fenômeno do crescimento do tradicionalismo na cidade e narrativas explicativas sobre isto por parte de seus líderes.

Segundo o coordenador do evento, Sadi Camargo Bortolon, do Centro de Tradições Gaúchas Campo dos Bugres a 25ª Região Tradicionalista, que envolve os municípios de Caxias do Sul, Farroupilha, Nova Roma, Antônio Prado, Flores da Cunha, São Marcos e nova Petrópolis, “é a região mais rica em tradição. Os tradicionalistas do campo vieram para Caxias, em busca de emprego, e trouxeram os hábitos do gaúcho, criando piquetes, invernadas de firmas e CTG na cidade, o que veio a reforçar a cultura tradicionalista na cidade”, argumenta ele. Hoje, a 25ª região abriga 60 CTG, todos presentes com suas barracas no Parque Cinquentenário. (SEMANA FARROUPILHA... 1992, p. 19)

As afirmações de Sadi sobre a explicação do crescimento do tradicionalismo na cidade merecem destaque. Coadunam-se com algumas perspectivas já apontadas pelos periódicos nos anos anteriores, destacando a importância do fenômeno migratório campo-cidade na determinação de um perfil demográfico bem demarcado sobre os adeptos ao movimento. Nos

anos vindouros, em novas entrevistas aos periódicos, perceberemos novamente Sadi tratando sobre o tema, demonstrando como o crescimento do tradicionalismo chamava atenção da mídia local e exigia a construção de um sentido a respeito. Ademais, percebo na narrativa explicativa uma significativa objetividade em relação ao que observava enquanto promotor da Semana Farroupilha. É importante afirmar que em 1991, foi publicado *A parte e o todo*, de Ruben Oliven, até hoje uma das mais importantes obras sobre a ascensão do regionalismo gaúcho no século XX, na qual o crescimento do tradicionalismo na RCI é designado como fruto do esforço por parte dos imigrantes italianos e seus descendentes de se apropriarem dos bens simbólicos da elite gaúcha, como utilizar o cavalo e comer churrasco visando a positivação social.

Não pretendo comparar a qualidade dos apontamentos de Oliven com a percepção mais espontânea de Sadi, mas reitero que tal conclusão do antropólogo se refere a uma apropriação simbólica por parte dos imigrantes ainda no começo do século XX, marcada pelo baixo impacto social quando comparada com a popularidade que o tradicionalismo atinge na cidade após a década de 1980. Vejo com reservas o fato desta explicação acadêmica sobre o tradicionalismo na RCI apontada por Oliven ser utilizada ainda com contundência pela academia durante a década de 1990 para explicar o crescimento do tradicionalismo em Caxias do Sul, quando seus próprios líderes já apresentavam uma narrativa explicativa sobre o fenômeno mais acurada.

No Pioneiro do dia 16 de setembro de 1992, em coluna assinada por Ana Mery Sehbe de Carli, percebemos novamente uma narrativa baseada na tensão entre o estado e Brasil. Em trecho, aponta que “*O federalismo aportou em 1889. Os 157 anos que nos distanciam da Revolução Farroupilha e os 103 anos da proclamação da República parecem ter rodopiado em torno do mesmo problema: taxas insuportáveis para sustentar um governo insaciável*” (CHAMA FARROUPILHA... 1992, p. 12). Sinalizando que tal narrativa continha bastante projeção à época, destaco que o periódico Folha de Hoje deste ano, da edição de 21 de setembro, apresenta editorial com a mesma temática.

Em relação a esta mesma edição do Folha de Hoje, há também um grande espaço para a cobertura sobre a Semana Farroupilha e nova entrevista com Sadi Bortolon, nas quais há algumas informações relevantes além das observadas no Pioneiro. Aponta na sua capa sobre o sucesso da Semana Farroupilha, com uma estimativa de que 50 mil pessoas participaram do acampamento, mas menciona também que “*houve lugar para os separatistas apresentarem sua propaganda*” (TEMPOS MODERNOS... 1992, p. 2) e que chegaram a montar uma

barraca no acampamento. Na página 6, encontramos uma sutil novidade na narrativa de Sadi sobre a explicação sobre o crescimento do tradicionalismo que encontramos no Pioneiro no mesmo ano, na qual confere mais autenticidade ao gaúcho serrano em comparação com o originário da região da Campanha, que embora não seja citada dentro de sua manifestação, o texto da notícia aponta como “*tese de Bortolon*”.

O Cinquentenário esteve colorido durante todo o dia de ontem, num dos melhores dias de público. O chimarrão, o churrasco, a indumentária e a conversa na linguagem gauchesca dos Campos de Cima da Serra não faltaram. O que de certa forma comprova a tese de Bortolon, de que o gaúcho serrano é o mais autêntico por não ter sofrido influências da cultura castelhana. “Os tradicionalistas vieram de Vacaria, Cambará, Sananduva, Esmeralda e de outros municípios próximos, à procura de trabalho. A saudade do campo fez com que mantivessem forte a tradição. O resultado é um grande número de CTG, internadas e piquetes, cujos hábitos são cultivados sem qualquer influência”, comenta. Na 25ª Região Tradicionalista estão filiados cerca de 60 CTG. (TRADICIONALISTAS LOTAM... 1992, p. 6)

Perceberemos na análise sobre a Semana Farroupilha dos próximos anos que esta explicação sobre o tradicionalismo proposta por Sadi apresentará mudanças. De qualquer forma, demonstra como a “autenticidade”, no sentido de certa “pureza cultural”, é uma valência que vez por outra emerge, como um diacrítico valorativo de seus portadores dentro do próprio tradicionalismo.

No ano de 1993, percebemos o próprio jornal Pioneiro retratando a Semana Farroupilha de forma efusiva. Na contracapa da edição de 21 de setembro deste ano, com foto de um grande número de pessoas na entrada do Parque Cinquentenário e sob a manchete “*O colorido das tradições*”, apontou em seu texto que foi “*uma festa contagiante e emocionante no espírito gaúcho, com a participação de milhares de tradicionalistas de todos os centros de tradição de Caxias do Sul*” e, na sequência, que “*Caxias mostrou para todo o Estado que é um dos municípios que mais cultua as tradições gauchescas, numa época em que a cultura é deixada de lado*” (O COLORIDO... 1993, contracapa).

Tal descrição foi a mais elogiosa sobre a Semana Farroupilha publicada pelo jornal até então. Destaco também, conforme a Tabela 1 do subcapítulo anterior, que este foi até então o ano com mais menções sobre o tradicionalismo durante o período da Semana Farroupilha já registrado, igual ao ano das comemorações do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Considero provável que o fato do Pioneiro ter passado para o comando da RBS, grupo midiático alinhado com o MTG, seja um dos fatores para tamanha exaltação do movimento.

É importante destacar que este esforço propagandístico das comemorações da Semana Farroupilha passarão a ser percebidos cada vez com mais força nos anos seguintes nesta mídia impressa e em espaços nos quais os periódicos projetam como jornalisticamente “objetivos”, como seções de notícias gerais, capas e contracapas, algo já percebido no ano de 1993.

Alinhado ao esforço propagandístico, há novamente neste ano um esforço pedagógico voltado ao público infantil, com páginas contendo desenhos, frases curtas e até atividades didáticas com temática gauchesca laudatória. É também visível uma reiteração das narrativas que exploram a tensão entre o estado e o Brasil em seu editorial do dia 20 de setembro, ao mesmo tempo em que reforça um sentido histórico de brasilidade:

A Guerra dos Farrapos, iniciada há exatos 158 anos, não foi um movimento essencialmente separatista, nem era a intenção dos revolucionários de 1835 formar uma República independente – embora tal tenha ocorrido durante oito anos e meio. Os rio-grandenses, na verdade, se insurgiram contra os desmandos do poder central, contra o desprezo da Corte e contra as arbitrariedades do governo títere imposto pela Monarquia. Jamais contra o Brasil. [...] não é impróprio concluir que o mesmo sentimento de revolta que mobilizou os revolucionários farrapos ainda emerge do coração de nossa gente sempre que o estado recebe tratamento desrespeitoso ou injusto. (FARRAPOS E BRASILEIROS... 1993, p. 6)

Quando lembramos que na década de 1990 já havia ampla historiografia qualificada sobre a Guerra dos Farrapos que refutava esta elevada “brasilidade” dos farroupilhas em 1835, e que no próprio texto do editorial se reconhece que os revoltosos estabeleceram uma república independente por oito anos e meio – talvez um pequeno acidente de percurso em uma guerra por independência? – percebemos o compromisso ideológico da RBS com o MTG, instituição na qual esta temática da brasilidade dos farroupilhas sempre foi candente. É possível que tal esforço esdrúxulo por parte do maior conglomerado midiático do Rio Grande do Sul de retomar uma narrativa tão esgarçada à época se deva também ao fato do período ser marcado pela crescente visibilidade de grupos separatistas, que chegaram a participar do Acampamento Farroupilha caxiense ano passado, conforme relatado anteriormente. Em 1993, a única notícia referente aos separatistas no Acampamento Farroupilha foi publicada na edição de 13 de setembro, de um ambulante que vendia a bandeira do Movimento Separatista e que “foi intimado pela BM a recolher o material, pois segundo o capitão Savaris, a exposição foi considerada uma ofensa à bandeira e poderia acarretar na sua expulsão do local” (CHAMA CHEGA... 1993, p. 3). Manoelito Savaris, da mesma forma que Sadi Bortolon, é uma figura importante do tradicionalismo local que emerge nesse período. Será

coordenador da 25ª RT e posteriormente, presidente do MTG. Veremos, nos próximos anos, como também manejou com habilidade algumas ressignificações de narrativas sobre o tradicionalismo.

No periódico Folha de Hoje deste ano, são mencionadas um conjunto de discussões entre os organizadores da Semana Farroupilha e a Prefeitura sobre a definição do Parque Cinquentenário como espaço destas celebrações. Já havia reclamações contundentes dos moradores do bairro, que acionaram a promotoria pública alegando danos ambientais à vegetação nativa que se localiza dentro do parque por conta das instalações do acampamento. Neste debate, a prefeitura demorou em liberar o espaço para os tradicionalistas e só o fez próximo à Semana Farroupilha, gerando cobranças de Savaris frente à hesitação do prefeito. Savaris era o representante da Brigada Militar na comissão organizadora da Semana Farroupilha.

É revelador o fato de o Pioneiro não apresentar em suas páginas tal polêmica. Considero que se deve a um esforço que visava a evitar publicidade negativa ao tradicionalismo, visto que esta polêmica poderia associá-lo às reclamações contra o uso do seu espaço comemorativo. Simplesmente apresentar tal polêmica em suas páginas defendendo e elogiando os tradicionalistas quanto à celeuma traria contrariedade em um bairro de classe média que provavelmente tinha grande número de assinantes. Para o jornal, o silêncio frente ao assunto provavelmente era a decisão que traria consequências menos problemáticas.

No ano de 1994 tal polêmica atinge seu ponto mais alto, com rugas públicas entre Sadi Bortolon e Odir Frizzo. Dentre as 23 menções sobre o tradicionalismo encontradas no Pioneiro no ano, apenas uma se refere a esta polêmica, demonstrando uma linha de atuação similar à do ano passado. Foi no periódico Folha de Hoje que encontramos tais rugas com maior detalhamento, com reportagens que conduzem à percepção de que Frizzo estava praticamente isolado nesta contrariedade. O representante da Brigada Militar na comissão organizadora da Semana Farroupilha, quando questionado pelo periódico sobre as pessoas que não queriam a festa no parque, afirmou que “*Elas estão contra o povo*” (DE VOLTA... 1994, p. 4). O prefeito também apoiava a realização do evento no local:

O prefeito Mário Vanin rebateu as acusações do vereador no seu discurso de abertura da Semana, e disse que o local, “como já foi comprovado, é adequado para a comemoração”. Frizzo, que participou da abertura oficial, alega não ser contra o tradicionalismo, como vem sendo acusado, mas só quer o cumprimento de um acordo realizado no mês de agosto do ano passado. “Ficou estabelecido que seria o último ano de realização da Semana

Farroupilha no parque e que haveria outras possibilidades, mas nada foi cumprido. “Apenas solicitei ao promotor uma averiguação dos fatos”, argumenta.

Taxado pelo coordenador da Semana Farroupilha, Sadi Camargo Bortolon, como antitradicionalista, Frizzo foi orientado a “fazer balé em vez de criticar o que tem sido feito de bom aqui no parque”. Também em defesa da realização da semana no local, Vanin falou que há “50 mil pessoas que defendem a realização neste espaço e meia dúzia que querem o fechamento do parque”. O prefeito se apoiou também na “grande presença de crianças. (DE VOLTA... 1994, p. 4)

É interessante apontar que, enquanto Frizzo se apega a um acordo estabelecido no ano anterior, quando o parque teria sido liberado com o compromisso de que neste ano ocorresse em outro lugar, Sadi, Vanin e o representante da BM silenciam a respeito, dando a entender que tal acordo foi de fato desrespeitado. Na fala de Vanin, percebemos o provável cálculo político que o guiou na tomada de decisão por manter a festa no Cinquentenário, raciocinando que agradaria um número maior de pessoas se ali o mantivesse. Quanto à ojeriza de Sadi para com Frizzo, provavelmente se baseia em sentidos machistas comuns no imaginário social, no qual relaciona àquele que é contrário ao tradicionalismo – um movimento pautado por um conjunto de representações enraizadas num *ethos* de virilidade masculina e rispidez – a uma dança associada à delicadeza, uma representação de caráter feminino neste mesmo imaginário.



FIGURA 21 - FOTO PUBLICADA NA EDIÇÃO DE 15 DE SETEMBRO DE 1994 DO PERIÓDICO FOLHA DE HOJE, TENDO AO CENTRO O PREFEITO MÁRIO VANIN E À DIREITA SADI CAMARGO BORTOLON. (DE VOLTA... 1994, p. 4)

No periódico O Pellegrino, de propriedade de Frizzo, encontramos sua versão sobre tais rusgas. Em texto que ocupou uma página inteira da edição de setembro de 1994, ressalta

sua constante luta pela necessária atenção do poder público municipal aos parques urbanos e da importância de revitalizá-los para que os habitantes da cidade possam aproveitá-los. Em seguida, defende-se de acusações:

No caso presente, fui mal interpretado por maus líderes do tradicionalismo. Muitos tradicionalistas chegaram até a concordar comigo, argumentando que pensar a Semana Farroupilha no Parque Cinquentenário é pensar pequeno e que os líderes da Semana Farroupilha deveriam fazer como os líderes do Rodeio Campo dos Bugres, que pensaram e realizaram o evento nos Pavilhões da Festa da Uva. [...] Por outro lado, não resiste à análise lógica o argumento de que a concentração de tão grande número de pessoas e de barracas e parafernalias afins não comprometa a preservação do verde do parque.

Não quero usar o baixo nível dos que desvirtuam minhas intenções para acusar-me de ser contra o tradicionalismo, o que aliás, é uma grande inverdade. Quero pensar grande e é por assim pensar que quero as comemorações da Semana Farroupilha na Festa da Uva, um ponto bem localizado, na região mais populosa de Caxias. [...] tenho enfrentado, às vezes com o silêncio, ataques histéricos e irracionais de pessoas que deturpam e tentam sem sucesso a promoção e a representação que conquistei com a ajuda de muitos. Os ataques partem de um radialista da São Francisco no programa noturno (seu nome aqui não é digno de ser levantado – apenas na Justiça, que julga meliantes e criminosos) e outras pretensas autoridades, que se julgam acima da Lei e, será provado, não o são. (A POLÊMICA... 1994, p. 12)

Considerando que esta edição do periódico é de setembro de 1994, percebemos que a polêmica vinha se arrastando e ganhando contornos mais decisivos ainda em agosto, com radialistas também se posicionando contra Frizzo. O vereador já sinalizava um novo local para a realização das atividades concernentes à Semana Farroupilha, os pavilhões da Festa da Uva, que viria a ser definitivo após 1997, devido a um número cada vez maior de participantes do evento cujo espaço físico do Parque Cinquentenário não comportaria mais. Na última edição da comemoração no Cinquentenário, este número chegou a cem mil visitantes, o dobro do que registrava neste período da polêmica.

As hostilidades entre Sadi e Frizzo concentraram-se neste ano. Após 1997, quando Frizzo se torna editor de outro periódico local com maior envergadura, passa a publicar quase que anualmente entrevistas com Sadi, sinalizando para um apaziguamento entre ambos. De qualquer forma, em 1995, é possível que a situação ainda não estivesse atenuada, considerando que na edição do Pellegrino do ano foram publicadas três colunas com tom desmistificador e crítico sobre o tradicionalismo.

Ainda referente ao ano de 1994, a cobertura do Pioneiro sobre o evento realçou um esforço pedagógico sobre o tradicionalismo tanto por parte dos tradicionalistas como por parte do periódico. Em notícia sobre a Semana Farroupilha publicada no dia 12 de setembro, aponta que sua intenção é “*conscientizar os gaúchos da importância da preservação e valorização dos costumes nativistas*” (COMEÇA A SEMANA... 1994, p. 3). Na edição do dia 15, aponta entrevista com Sadi na qual reitera que o movimento tradicionalista “*está cada vez mais forte, como demonstraram os estudantes*” (CHAMA CRIOLA ...1994, p. 2) e no dia 21, é destacada a importância da presença de “*cinco mil estudantes*” que “*realizaram shows no Parque*”. (FESTA ENCERRA... 1994, p. 3)

Também encontramos significativa menção textual de como as campanhas políticas passaram a adentrar nas comemorações da Semana Farroupilha, apontando um grande conjunto de candidatos e partidos que abordaram pessoas que assistiam ao desfile do evento, com a manchete “*Candidatos fazem corpo-a-corpo na Semana Farroupilha para atrair indecisos*” (DESFILE É PALCO... 1994, p. 24). Tal linha de ação dos políticos tornou-se mais comum nos anos seguintes, tendo em vista a proximidade do calendário eleitoral com a Semana Farroupilha e o fato desta concentrar um número cada vez maior de pessoas disponíveis para serem abordadas.

No ano de 1995, percebemos uma demonstração mais nítida da crescente importância das manifestações tradicionalistas no campo político. Na página 8 da edição de 20 de setembro do Pioneiro, é apontada em nota com foto que “*a sessão solene da Câmara comemorativa à Semana Farroupilha, realizada ontem, teve cinco vereadores devidamente pilchados*”. Deve se levar em consideração que não se tratava de um ano eleitoral, o que diminuía a visibilidade e os ganhos políticos que tal uso de indumentária poderia significar no período.

Outro pequeno periódico surge no cenário midiático caxiense neste ano, o Correio dos Bairros, e confere importante visibilidade ao tradicionalismo na cobertura das datas da Semana Farroupilha. Destaco sua narrativa de explicação social sobre o crescimento do tradicionalismo na cidade, evidenciada pelo crescimento de visitantes dos últimos anos no Acampamento do Parque Cinquentenário:

As comemorações da Semana Farroupilha no Parque Cinquentenário influenciaram muito o movimento tradicionalista em Caxias do Sul, que além de mostrar às autoridades e à comunidade o poder de organização dos gaúchos, mostrou que a sociedade caxiense é muito mais tradicionalista do que muitos imaginam. Se buscarmos as causas deste sucesso em uma região

de cultura italiana, podemos verificar que atualmente, graças à migração de outros municípios de cultura campeira como Vacaria, Bom Jesus, São Francisco de Paula, Cambará do Sul, Esmeralda, Lagoa vermelha, Passo Fundo e outros, houve o fortalecimento da cultura e tradição gaúcha no meio. O ítalo-gaúcho constitui hoje uma realidade, onde as etnias europeias se integraram com a cultura do homem campeiro.

Hoje, após a realização da 7ª edição da Semana Farroupilha de Caxias do Sul, segundo o coordenador Drauto Vieira, “podemos afirmar com tranquilidade que o município serrano é o mais tradicionalista do Estado, onde existem legalmente funcionando 70 CTG, 21 piquetes independentes e ainda as escolas municipais e estaduais, cada vez mais voltadas à valorização de nossa história e nossas tradições, daí o grande sucesso do evento”, finaliza. (O CRESCIMENTO... 1995, p. 18)

No trecho da notícia, percebemos pela primeira vez a caracterização de Caxias do Sul como o “município mais tradicionalista” devido ao fato de conter um número de CTG superior a qualquer outra cidade. Destaco que os dados apresentados por Drauto referiam-se a todos os CTG e piquetes da 25ª Região Tradicionalista, que abarca outros municípios além de Caxias do Sul. Entretanto, a maioria dos CTG sob o alcance da 25ª estavam em Caxias do Sul e tal número já era suficiente para que ela assumisse o posto. Esta informação será ainda trazida em narrativas de líderes tradicionalistas durante a década de 1990 para abordar e dar sentidos ao crescimento do movimento na cidade, com mais contundência em outra entrevista de Sadi Bortolon em 1999. Entretanto, é apenas na década de 2000 que veremos tal qualificativo melhor incorporado ao conjunto de representações sobre a cidade, maximizado em hipérboles como “Capital Mundial dos CTG” e “Capital Mundial do Tradicionalismo”.

Destaco também como entre os líderes tradicionalistas começava a se perceber uma mesma comunhão de sentidos explicativos para tratar do crescimento do tradicionalismo na cidade, revelando tanto uma demanda por esta explicação - o que denota uma percepção geral da sociedade sobre a popularização do movimento - como a interpretação da causa deste crescimento ao fenômeno migratório que atingiu a cidade. É importante assinalar que nessa construção de sentidos dos líderes há a reiteração de uma “legitimidade” ou “autenticidade”, associando a importância da “*cultura campeira*” ou do “*homem campeiro*” como vetor legitimado do tradicionalismo no espaço urbano.

Entre o início da década de 1980 e até meados da década de 1990, pode-se afirmar que ocorreu um processo criativo de representações importantes sobre esta identidade regional tradicionalista, marcado pela profusão de narrativas e de novos esforços visando a assegurar e expandir sua popularidade, por parte tanto dos líderes tradicionalistas como da mídia. A partir de então, perceberemos como tais narrativas e esforços serão utilizados com maior ou menor

vigor em diferentes anos, mas não haverá uma nova construção de representações significativa a ponto de levar à emergência de novas narrativas amplamente utilizadas e que confirmem sentidos ao movimento muito diversos desses que já percebemos. Haverá apenas pequenos realinhamentos e modificações de sentidos dentro destas que já foram destacadas.

Isto nos permite partir para uma análise menos centrada no avanço cronológico dos anos restantes desta década e mais direcionada à evolução destas narrativas e esforços. No que tange às narrativas referentes à tensão entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, perceberemos um significativo realinhamento de sentidos por parte do Pioneiro e a manutenção dos mesmos eixos de sentidos desta narrativa já vistos anteriormente em outros periódicos, como o Gazeta de Caxias.

Na edição de 20 de setembro de 1996, o editorial do Pioneiro dedicou-se a manter o mesmo tom já percebido em anos anteriores sobre o injusto tratamento que o Rio Grande do Sul receberia do governo central, com um misto de sublevação de uma brasilidade não reconhecida devido à “*conotação separatista que acabou ficando como injusto estigma da Guerra dos Farrapos*”.

O Rio Grande do Sul ainda pleiteia o seu lugar de direito no contexto nacional, nem sempre reconhecido pelos governantes federais. Agora mesmo, o estado acaba de vencer uma duríssima batalha para alcançar o tratamento mais digno ao setor agrícola, a base de sua economia. [...] Os riograndenses de hoje, tradicionalistas ou não, devem se inspirar no 20 de setembro para empreender uma nova guerra, igualmente justa, pelo desenvolvimento econômico e social do estado. (TRADIÇÕES NA... 1996, p. 6)

O tom da manifestação segue a linha já percebida no periódico na abordagem do assunto há pelo menos uma década, sem grandes alterações mesmo após a sua aquisição pela RBS. Chama a atenção o uso do termo “Guerra dos Farrapos” ao invés de “Revolução Farroupilha”, como uma tentativa por parte do jornal de reforçar a pecha de não separatistas dos farroupilhas, aqueles que durante praticamente 10 anos lutaram contra forças militares superiores, promulgaram uma constituição, criaram cargos, símbolos e hino visando a formar um novo governo e país, o que não parece ser suficiente para que fossem reiteradamente designados como não separatistas pelo periódico. Em outro editorial no ano de 1998, ressalta o “*gaúcho que luta em situações adversas*” e que “*se orgulha de seus símbolos sem deixar de ser brasileiro*” (O RIO GRANDE... 1998, p. 14).

Em editorial de 1999, percebemos uma mudança importante neste tom. Aponta que a “*origem de insatisfações que preponderam hoje no estado não pode mais ser atribuídas apenas ao governo central, como no Império*”. Na sequência é ainda mais explícito, passando a tratar tais “problemas” como “*internos*”:

Seja no campo, seja na cidade, portanto, abrem-se novas frentes simultâneas de batalhas como as que transformaram rebeldes em farrapos durante 10 anos de luta. A diferença, mais uma vez, é que não é mais o poder central quem está na mira. São, agora alvos múltiplos, a maioria emergindo do pano de fundo caracterizado por uma crise que reduz as receitas, pune investimentos, barra o crescimento. E num plano mais amplo, fomenta frentes de conflito como as que envolvem distorções no pacto federativo, alimenta confronto entre poderes constituídos e adversários políticos, ameaça até mesmo vantagens que o Estado conseguiu amealhar a muito custo no âmbito do Mercosul. (IDEAIS RENOVADOS... 1999, p. 6)

Como já foi apontado no capítulo 2, percebemos esta reconfiguração do “alvo” da crise sobre a tensão entre o estado e o Brasil pela RBS logo após o ano de 1998, quando o comando do governo estadual passa para uma força política de esquerda, antagônica à qual a RBS mostrava predileção. Ressalto a importância de abordar esta narrativa aqui, pois está mais vinculada às comemorações da Semana Farroupilha, ganhando maior publicidade e possibilidade de análise com sua mudança de sentidos tão demarcada no período, tornando ainda mais evidente sua causa. Reforço que tal resignificação que a RBS tenta impor leva-a a abrir mão de uma construção de sentidos central nas décadas de 1980 e 1990 no estado, construção a qual considero como fundamental no crescimento que a identidade regional gaúcha conheceu no período, por operar sob uma lógica dicotômica simples e reiteradamente legitimada pela mídia e até por intelectuais sob o ponto de vista histórico, com ampla aceitação social. Mais um demonstrativo da ferrenha oposição que a RBS efetuava a forças políticas que contrariava, levando-a a se desfazer de uma narrativa tão cara à promoção da identidade regional que encampava com ardor junto ao MTG.

A RBS, entretanto, não possuía o monopólio midiático da projeção de narrativas. Narrativas e representações que se encontram nos imaginários sociais estão à mercê de diferentes operadores ideológicos, com diferentes graus de poder em projetá-las, resignificá-las ou simplesmente reproduzi-las. Nos anos seguintes, outros periódicos, em especial o Gazeta de Caxias, vai ocupar seus editoriais quase que anualmente em manter o mesmo tom sobre o tema, reforçando a “*pouca valorização do Rio Grande do Sul pelo governo central*” e a “*opção pelo Brasil*” efetuada pelos farroupilhas. No ano 2000, com editorial de título

“*Brasileiros por opção*”, manteve estes sentidos, ainda com espaço para construir representações laudatórias sobre a importância dos gaúchos no cenário nacional:

Durante muitos anos os gaúchos tiveram sua imagem distorcida, de que fomos brasileiros por imposição, sem convicções. Sempre nos associam com movimentos separatistas e de estarmos mais ligados pelas tradições e pela cultura com os países do Prata. Nos tutelam sempre de criadores de caso, encrenqueiros, de estarmos sempre reivindicando. Um grande equívoco: a Guerra dos Farrapos foi um movimento contra as injustiças e a discriminação do governo central.[...] Lideramos os movimentos mais significativos do século passado, a começar pela Revolução de 30 e a Legalidade em 1961. E foram também gaúchos os presidentes que mais contribuíram para a criação de leis trabalhistas, leis sociais, que provocaram, pela única vez, uma tentativa de distribuir a renda neste país, ao longo de 500 anos. (BRASILEIROS POR OPÇÃO... 2000, p. 2)

Outra construção de sentidos que se amalgamou entre 1980 e 1995 e que passa por algumas ressignificações a partir deste último ano refere-se às explicações sobre o crescimento do tradicionalismo em Caxias do Sul, projetadas pela mídia principalmente através de entrevistas, destacando novamente Sadi Bortolon, que já figurava como maior líder tradicionalista caxiense no período. Na edição de 20 de setembro de 1996 do Pioneiro, ao entrevistar o músico gauchesco local Xiruzinho, aborda de forma enfática essa vinda de migrantes internos para a cidade como explicativa do crescimento do tradicionalismo local no subtítulo da reportagem, apontando que “*Xiruzinho, como tantos dos Campos de Vacaria, veio para a cidade em busca de um grande sonho*” (PROSA CAMPEIRA... 1996, p. 16). No corpo da notícia, exalta como o músico sofreu ainda em sua adolescência quando chegou à cidade com dificuldades de ambientação e “recuperou a autoestima” através de poemas de Jayme Caetano Braun e da música, também apontada como “*a maneira encontrada por Xiruzinho para não perder de vista o atavismo com as raízes gauchescas dos Campos de Vacaria.*”

Deve-se levar em consideração que, quando abordo um determinado perfil de pessoas que vieram para a cidade e que fomentaram o tradicionalismo, dentro das explicações sobre o crescimento do movimento da cidade também como uma *construção de narrativas e de sentidos*, não pretendo apontá-las como falsas ou verdadeiras. Uma construção de sentidos pode fazer uso de informações falsas e gerar interpretações tendenciosas, mas também pautar-se pelo enaltecimento e escolha de determinadas informações concretas e, a partir dali, ganhar visibilidade no debate público para *dar sentido* a algo, gerar uma explicação socialmente reconhecida e válida. Desta forma, visa-se a analisar seus efeitos no imaginário coletivo, na

sua disputa por espaço e legitimidade no sistema de representações e sua operação como um discurso explicativo de uma sociedade, de grupos e de sujeitos históricos sobre si, para si e para os outros.

Portanto, reconhece-se que há representações mais verdadeiras, mais próximas de um real concreto e outras mais afastadas. Se compararmos as narrativas escritas por jornalistas profissionais contidas nos editoriais do principal periódico local, fortemente institucionalizado e parte de um grande conglomerado midiático com as narrativas dos líderes tradicionalistas, perceberemos um maior compromisso com o “real concreto” a partir destes últimos, meros cidadãos comuns procurando dar sentidos a sua identidade social. Entretanto, ressalto novamente que tal verificação de veracidade sobre as narrativas não é o escopo desta pesquisa, mas sim os seus efeitos sociais.

Nos anos de 1999 e 2000, Sadi Bortolon foi novamente entrevistado pelos periódicos locais sobre a Semana Farroupilha e percebemos em seu relato nos anos 2000 importantes mudanças de sentido na sua explicação sobre as causas da crescente popularidade do tradicionalismo na cidade. Sua entrevista em 1999 foi ao jornal Gazeta de Caxias, que tinha como sócio-proprietário e editor Odir Frizzo. Como o periódico passou a entrevistar Sadi com recorrência nos anos vindouros, supõe-se que as rugas ente ambos de 1994 tenham ficado para trás. Em 1999, Sadi reforçava alguns sentidos percebidos na entrevista com Drauto Vieira em 1995, sobre a grandeza das comemorações tradicionalistas em Caxias do Sul. Aponta que apenas em Caxias do Sul já havia 79 CTG, o que era o “*maior número de entidades numa só cidade em todo o Rio Grande do Sul, nem em Porto Alegre há um número tão grande*”. Quando questionado sobre o começo das comemorações da Semana Farroupilha em Caxias do Sul, afirma que foi difícil, mas que “*hoje é considerada a mais organizada e movimentada festa que acontece em todo o Estado*”. (ENTREVISTA SADI... 1999, contracapa). Na entrevista do ano 2000 ao mesmo periódico, questionado sobre como se explica tal fenômeno numa cidade de colonização italiana, Sadi aponta a importância dos “italianos” para o tradicionalismo,

“Foi um trabalho que cresceu a partir dos anos 50. Deve-se muito a Clóvis Pradel Pinheiro e Joaquim Pedro Lisboa, entre outros, que criaram o CTG Rincão da Lealdade, o início de tudo, o embrião do movimento tradicionalista em Caxias. Houve também uma participação cada vez maior de descendentes de italianos, o que muito contribuiu para o fortalecimento do movimento, tirando-se definitivamente a imagem equivocada de que o tradicionalismo era só comer churrasco e beber cachaça.[...] Com a chegada de um número cada vez maior de migrantes, vindos dos Campos de Cima da

Serra, descendentes de lusos brasileiros, para trabalharem em Caxias, o movimento se expandiu. Mas ao chegarem, conviveram com uma outra cultura e ficaram saudosos com as lides do campo e com as tradições deixadas para trás. Começaram as reuniões, os encontros, a roda de chimarrão, a sanfona, a prosa.” (CAXIAS TEM... 2000, p. 8)

Diferentemente de sua entrevista ao Folha de Hoje em 1992, quando apontou que o tradicionalismo de Caxias era mais “autêntico”, pois trazido pelos gaúchos de Cima da Serra que não sofriam influência platina como os da Campanha, Sadi reconhece a importância da participação de italianos no movimento, o que automaticamente o tornaria menos “autêntico” para seus padrões anteriores. Creio que tal mudança de opinião se deva ao fato de desde 1999 ser o coordenador da 25ª Região Tradicionalista, posto no qual necessariamente entrou em contato com um número maior de líderes tradicionalistas locais e percebeu um perfil etnográfico mais “misto” destas lideranças. Cabe também destaque ao fato de agora reconhecer a importância dos fundadores do primeiro CTG da cidade, o que nos sugere como em 1992 havia uma significativa distância entre ele e os organizadores de décadas anteriores da Semana Farroupilha, reforçando a tese de que o Rincão era então um espaço mais fechado e elitizado quando comparado aos organizadores das festividades no bairro São Pelegrino. Destaco como Sadi ainda reforça a importância da vinda de migrantes da região dos Campos de Cima da Serra para o crescimento do movimento em um período histórico mais recente.

No jornal Pioneiro do mesmo ano, encontramos menção a um discurso de Sadi no qual positiva uma “*mescla de raças que se formou em Caxias do Sul que deu origem aos muitos CTG, representa a ânsia do italiano, que gosta das coisas certas, aliado à ânsia do gaúcho, que gosta de ter o que é seu.*” (HENRICHS... 2000, p. 31). Qualificando esta mescla como explicativa do fenômeno tradicionalista na cidade, percebe-se com esta reiteração que Sadi havia abandonado de vez a valorização da “autenticidade” do gaúcho serrano.

A Semana Farroupilha em Caxias do Sul permaneceu no Parque Cinquentenário até 1996, quando as estimativas de público em suas atividades já se aproximavam de cem mil pessoas. Se considerarmos que a segunda edição no local, no ano de 1990, concentrou um número próximo a vinte mil, o público do evento quintuplicou em um período de apenas seis anos. Tamanho crescimento revela que havia uma demanda social por um espaço mais popular de manifestações tradicionalistas na cidade. Também destaco o crescimento no número de CTG no período, de 60 para 101 entidades. Para efeitos de comparação, é importante lembrar o dado citado no subcapítulo 3.3, de que em 1978, quando se formou a 25ª Região Tradicionalista, ela contava com apenas dez entidades, sendo sete CTG de Caxias do

Sul, o que aponta decisivamente para o aumento exponencial da popularidade e capilaridade do tradicionalismo em Caxias do Sul nas décadas de 1980 e 1990.

A partir de 1997, a Semana Farroupilha passou a ser comemorada nos Pavilhões da Festa da Uva, devido ao maior espaço disponível e infraestrutura básica, como a disponibilidade de banheiros para os visitantes e acampados. Na medida em que os organizadores do evento já percebiam as dificuldades com o insuficiente espaço do Parque Cinquentenário para o crescente número de barracas, a transição para os Pavilhões da Festa da Uva foi mais tranquila e sem a ocorrência de polêmicas a exemplo do que ocorreu em 1994. Além disso, para não se manter tão distante do centro da cidade, a partir de 1997 passou a ocorrer um desfile alusivo à Semana Farroupilha na Rua Sinimbu, mesma do curso alegórico da Festa da Uva e de outras comemorações.

Com o desfile, os líderes tradicionalistas ganharam maior capacidade performativa, bem como visibilidade para suas manifestações. Entretanto, é apenas a partir dos anos 2000 que os desfiles serão assistidos por um público significativo, e ganharão maior importância como espaço culminante de performances e disputas simbólicas locais.

A partir de 1996, também percebemos um paulatino crescimento de esforços propagandísticos e pedagógicos do Pioneiro sobre o tradicionalismo, voltados a promover e ensinar a sociedade como se vincular a uma identidade regional gaúcha nos moldes do movimento tradicionalista. Tais esforços ficaram centrados em encartes e seções especiais do periódico, mas também se percebe um crescente apelo propagandístico nos editoriais e colunas, convidando as pessoas a participarem das edições da Semana Farroupilha. Nas capas e contracapas do jornal, reitera-se ano após ano o uso de manchetes com fotos de crianças junto a símbolos materiais gauchescos ou pilchadas.

Em 1997, através de uma Seção Especial que perpassou todas as edições publicadas durante a Semana Farroupilha, o jornal reproduziu em suas páginas dicas e instruções de como fazer chimarrão, junto com curiosidades a respeito da bebida (CHIMARRÃO É RITUAL... 1997, p. 12). Em outros dois dias tratou sobre as pilchas de “*peões e prendas*” (TRADIÇÃO E... 1997, p. 31), novamente apontando curiosidades, dicas e origens de seus diferentes aspectos.

Tal linha de ação se repetirá nos anos seguintes, como em 2000, com fartas fotos apelativas na capa e novamente abordando formas de se preparar o chimarrão com extensa quantidade de dicas e uso de imagens como suporte explicativo. Neste ano, além de tais sugestões, há também uma matéria voltada a adolescentes sobre o comportamento

“adequado” de jovens nos bailes tradicionalistas, e uma lista de instruções para que as adolescentes consigam evitar dançar com rapazes que não lhe agradam, já que, segundo a própria manchete da matéria, “*negar a dança foge à tradição*” (NEGAR A DANÇA... 2000, p. 38).¹²³

Para as jovens prendas do CTG Campo dos Bugres, em Caxias, não há coisa mais chata do que ir a um baile e ficar sentada a noite inteira, sem dançar... Mas, pensando bem, sempre pinta, não se pode negar, um convite para estar na pista. Que o diga Janaína Seims Martins, 13 anos. Uma vez, ela teve que ficar um bom tempo trancada no banheiro para fugir das garras de um tio gaudério, que insistia em convidar todas as garotinhas para dançar. Você deve estar se perguntando por que ela não disse simplesmente que não queria e pronto. Então, saiba que “dar carão”, ou seja, recusar o convite feito por um peão, é terminantemente proibido nos bailes dos Centros de Tradições Gaúchas. Existem exceções, é claro. Se o cara estiver exaltado, bêbado, se comportando mal, ou se a garota estiver comprometida, está liberada para negar uma dança. (NEGAR A DANÇA... 2000, p. 38)

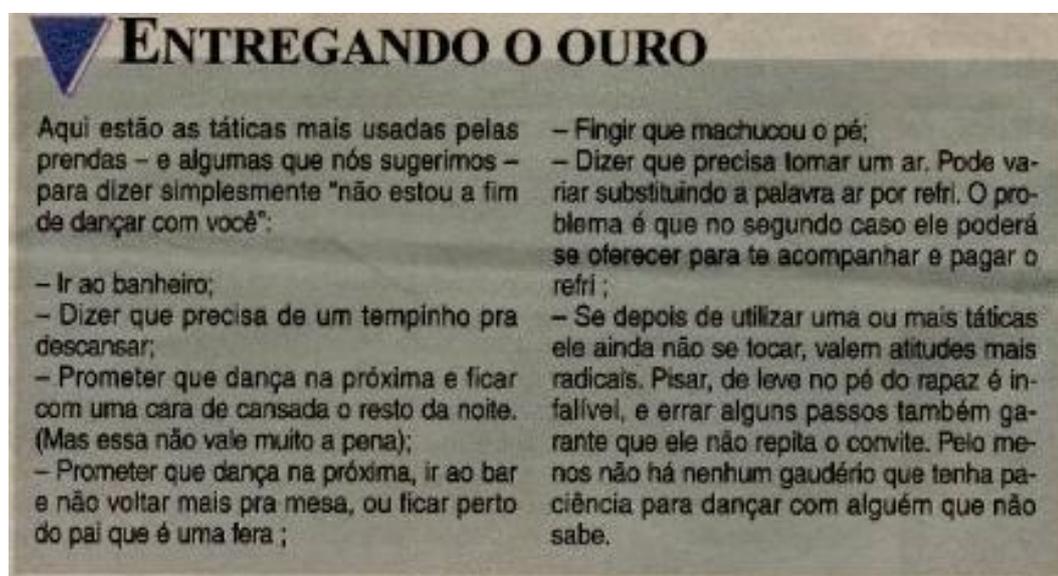


FIGURA 22 - PUBLICADO NO JORNAL PIONEIRO JUNTO À MATÉRIA ANTERIOR.
(NEGAR A DANÇA... 2000, P. 38)

Considerando que apenas o peão pode fazer o pedido pela dança, esta matéria nos ajuda a compreender o tamanho da discrepância de poder entre mulheres e homens nos

¹²³ Embora não seja parte do escopo desta tese abordar questões de gênero no regionalismo e no tradicionalismo gaúcho, cabe citar os trabalhos de José Ourique *A visão patriarcal na cultura regionalista gaúcha: “morocha” e “morocha não”* (2014), que analisa como uma produção musical em tom de galhofa e exagero sobre o machismo presente na cultura regional gerou uma resposta de um músico famoso em contrariedade onde tais sentidos ficaram ainda mais explícitos e de Ondina Leal *Identidade cultural e identidade de gênero em uma narrativa mítica: quando ser gaúcho é ser homem*, (2012) que aborda este tema através de uma lenda da região da Campanha.

espaços tradicionalistas às vésperas do início do século XXI. O fato de relatar sobre as táticas de uma adolescente de apenas 13 anos para fugir das imposições de uma regra que a força a aceitar dançar com alguém que não queria nos leva a questionar se a publicação de tal matéria por parte do periódico visou operar como uma denúncia velada sobre a dominação dos corpos femininos nestes espaços ou como uma normalização de tal assimetria, considerando sua publicação em um jornal que pertence ao principal grupo midiático do estado e o tom “descolado” da textualização. De qualquer forma, destaco certas atitudes por parte das figuras masculinas descritas na matéria para com as adolescentes, como a hostilidade do “*pai que é uma fera*”, ou a impertinência do “*tio gaudério que insistia*”. Conjuntas à informação de que apenas as garotas “comprometidas” podiam negar a dança, fica demonstrado como tais regramentos institucionalizam o domínio masculino e a baixa autonomia feminina em bailes e festas nestes espaços.

O período do recorte temporal deste subcapítulo também marca uma crescente importância do tradicionalismo no campo político-eleitoral de Caxias do Sul, que se agudiza a partir de 1996 e se torna bastante candente a partir dos anos 2000. Conforme o trabalho de Gonçalves (2016) citado no capítulo 1, os estrategistas da campanha eleitoral de Pepe Vargas, candidato vitorioso na disputa dos dois certames ao executivo municipal nestes anos, perceberam um potencial de conquista de votos ao associar o candidato com esta identidade regional e, considerando o fato de que tiveram sucesso nas duas eleições, podemos perceber que havia um segmento do eleitorado local propício a ser atingido por meio da associação dos candidatos com a temática tradicionalista.

A campanha de Pepe Vargas agiu frente a esse cenário antes que candidatos ao executivo de outras forças políticas locais. Entretanto, como num contexto de disputas políticas há sempre uma grande vigilância entre as campanhas sobre as estratégias alheias na busca por eleitorado, observaremos que o tradicionalismo entra de forma decisiva no campo político local e suas disputas eleitorais às majoritárias a partir de 2004, num panorama que será analisado no capítulo 6.

Durante a década de 1990, além da eleição ao executivo de 1996, abordada por Gonçalves, há movimentações no campo político pautadas pelo tradicionalismo perceptíveis pelos periódicos locais durante a Semana Farroupilha. Na edição de setembro de 1996 do Correio dos Bairros, em seção de notas curtas intitulada “*Rapidinhas*”, há pela primeira vez uma delimitação dos tradicionalistas como grupo relevante no cenário eleitoral, pelo fato de

apontarem que “os ‘gaudérios’ de Caxias, que participam ativamente do Movimento Tradicionalista, já sabem em quem NÃO votar”.

Em 22 de setembro de 1997, a coluna de política do Pioneiro destacou e teceu comentários sobre uma foto do prefeito Pepe Vargas tomando chimarrão com vereadores oposicionistas enquanto assistiam ao desfile tradicionalista. Na edição de 20 de setembro de 1999, é dado amplo destaque para a vinda do governador do estado, Olívio Dutra, para o Acampamento Farroupilha e para o desfile na cidade. O periódico aponta que Olívio “*não respondeu ou respondeu com rispidez e evasivas à maioria das questões formuladas*” por uma repórter do jornal que o acompanhou durante o acampamento.

“Em relação a outros assuntos, apenas o silêncio ou o discurso pronto. Menos mal que o governador, devidamente pilchado, não deixou transparecer sua irritação aos populares envolvidos nas comemorações da Semana Farroupilha. Onde quer que Olívio andasse, nos pavilhões e no desfile realizado na Rua Sinimbu, eles só lhe manifestaram carinho, devidamente correspondido. O problema deve ser com as cobranças da imprensa em momentos de descontração tradicionalista.” (DESCONTRAÇÃO TRADICIONALISTA... 1999, p. 10)

Conforme apontado no estudo de Silva (2003) no capítulo 1, Olívio Dutra era reconhecido socialmente como portador de uma identidade social gauchesca. Fartamente criticado pela RBS, tinha na visita ao Acampamento Farroupilha uma forma de conquistar um pouco mais de capital político, na medida em que havia identificação entre ele e o público de tais eventos. O fato de vir para Caxias do Sul no último domingo da Semana Farroupilha sinaliza que a celebração local à época detinha relevância no cenário estadual.

No ano de 2000, em matéria sobre perfil de três diferentes candidatos a vereador, o cantor Xiruzinho, anteriormente mencionado foi perfilado. Aponta-se que “*Xiruzinho resolveu utilizar o nome artístico na campanha. As propostas, obviamente, seguem a mesma linha, investindo em um segmento expressivo na cidade – Caxias tem o maior número de CTG do estado. O cantor ataca, principalmente, a área da preservação da cultura regional, além do ‘resgate e recuperação dos artistas locais’*” (ATENÇÃO SEGMENTADA... 2000, p. 8)

Destaco o reconhecimento pelo periódico dos tradicionalistas como um “*segmento expressivo na cidade*”, baseado no grande número de CTG locais. Como veremos no capítulo 6, até 2010 haverá um amplo crescimento da importância em termos políticos deste segmento social, identitariamente demarcado e alvo cada vez mais central de ações de propaganda nas disputas eleitorais.

CAPÍTULO 5 – OS CENTROS DE TRADIÇÃO GAÚCHA DE TRABALHADORES DE GRANDES EMPRESAS CAXIENSES: ANÁLISE DE MEMÓRIA E IDENTIDADE DE LÍDERES TRADICIONALISTAS.

Se, no período entre 1950 e 1979, a análise da mídia impressa local e de dados dos poucos CTG do período que existiam foram suficientes para traçarmos as principais conjunturas sociais, bem como as transformações e permanências de sentidos, narrativas e representações sobre o tradicionalismo na cidade, o crescimento, a múltipla institucionalização do movimento e a profusão de narrativas e sentidos que o marcaram a partir da década de 1980, exigiram uma abordagem sobre um conjunto mais amplo de fenômenos sociais, bem como de fontes históricas.

Portanto, este capítulo terá como foco principal as trajetórias de CTG e sua relação com identidades e memórias envolvidas no estabelecimento e manutenção dos grupos nativistas e Centros de Tradição Gaúcha formados por funcionários das grandes empresas metal mecânicas de Caxias do Sul. São os CTG Os Carreiros, formado por funcionários do grupo Randon em 1992; Sinuelo, formado por funcionários da Eberle/ Mundial em 2003; Marco da Tradição, formado por funcionários da empresa Marcopolo em 1986; e o Grupo Tradicionalista de Cultura Nativista Velha Carreta, formado por funcionários da empresa Fras-le em 1984.

A escolha destes CTG, como objetos de pesquisa, deve-se à presença de algumas características que os tornam significativos dentro do cenário de manifestações tradicionalistas da cidade, como a continuidade de suas atividades dentro de um espaço temporal significativo, evidenciando a manutenção e renovação de um grupo de participantes fixos; a criação de eventos próprios com grande público, indicando crescente alcance e penetração social das atividades que desempenharam; contínua participação em concursos de danças e outros eventos dentro do calendário de manifestações tradicionalistas da cidade, indício de que assumiram relevância e até protagonismo neste cenário; a realização de atividades e encontros entre os grupos, demonstrando o reconhecimento dentre os próprios CTG de um perfil similar de público que comportavam e de atividades que desempenhavam.

Neste sentido, cabe informar que não foram os únicos grupos tradicionalistas locais criados por funcionários de grandes empresas específicas, vinculados às suas associações recreativas de funcionários. O primeiro CTG do tipo, o Negrinho do Pastoreio, surgiu ainda em 1972, formado por trabalhadores das empresas têxteis Sehbe. Entretanto, antes da década

de 1980, o grupo se desvinculou da empresa e continuou por conta própria, assumindo um perfil diferenciado dos CTG pesquisados. Outros casos de grupos tradicionalistas formados por funcionários de empresas remetem a um de funcionários da empresa Agrale, que não chegou a formar um CTG e o CTG Ângelo Francisco Guerra, de funcionários da empresa Guerra, cujas principais atividades estão vinculadas a um piquete de laçadores¹²⁴.

O recorte temporal da análise destes grupos compreende de fins dos anos 1970 até 2010. Por estar em um espaço temporal que abarca as conjunturas analisadas nos capítulos 4 e 6, foi posicionado entre ambos dentro da estrutura desta tese na medida em que muitos dos processos históricos que ocorreram em nível local e que também são explicativos da formação, manutenção e crescimento destes espaços já foram abordados no capítulo 4, bem como aponta para alguns fenômenos que nos ajudarão a compreender com maior acuidade o cenário abordado no recorte temporal do capítulo 6.

Antes do registro dos grupos como entidades tradicionalistas junto ao MTG, todos passaram por certo período, alguns até vários anos, como independentes ao movimento e como departamentos tradicionalistas dos núcleos recreativos e atléticos dos funcionários destas empresas. Embora em seus momentos iniciais ainda não estivessem vinculados ao movimento tradicionalista institucionalizado, as dinâmicas concernentes a tal período também serão abordadas.

Para a realização do levantamento de fontes históricas sobre os grupos, foi estabelecido um diálogo com as diretorias atuais dos CTG, que foram visitadas em dias da semana em que estavam promovendo ensaios. Os responsáveis pelas instituições, que são os patrões, vice-patrões e secretários¹²⁵, foram questionados sobre a existência de um acervo documental ou de fotografias do CTG e, diante de respostas afirmativas, solicitada a disponibilização do material para pesquisa. Também foi solicitado a indicação de três indivíduos para a entrevista que poderiam oferecer narrativas detalhadas sobre a história do CTG, cada um preferencialmente ligado a uma década (1980, 1990, 2000), na medida em que se poderia obter um panorama de informações mais completo sobre a formação do CTG, seu estabelecimento e manutenção.

Todas as lideranças dos CTG contatados demonstraram-se receptíveis, alguns até empolgados e disponibilizaram os materiais que poderiam ser utilizados como fonte para essa

¹²⁴ Um piquete de laçadores é um grupo pequeno e com pouco contato entre seus membros, formado para que estes possam participar de torneios tradicionalistas como atividades de laço.

¹²⁵ Secretário é denominado como “capataz” dentro da terminologia de cargos própria a estes espaços.

pesquisa. Pude perceber a manutenção de pequenos arquivos históricos por parte dos CTG, mesmo que simples. Entre os quatro grupos pesquisados, apenas dois tinham de antemão cronologias do CTG formatadas, que continham informações majoritariamente relativas à sucessão dos dirigentes, participações em concursos e premiações recebidas por membros do mesmo. Para a realização de entrevistas de história oral, utilizou-se, primeiramente, o critério de solicitar às lideranças dos CTG sugestões de possíveis depoentes. Nesse sentido, leva-se em consideração para a análise dessas fontes, que provavelmente apresentam uma versão favorável aos CTG e à sua estrutura de poder.

Dentre os entrevistados sugeridos¹²⁶ pelas diretorias dos CTG, há um conjunto de traços em comum que compõem dados relevantes: todos eram do sexo masculino, não naturais de Caxias do Sul (com exceção de dois nascidos em distritos do interior da cidade), foram ou são funcionários das empresas às quais estes CTG estão vinculados¹²⁷ e nove entre os doze foram patrões dos CTG. Outro traço comum em todos os entrevistados foi a participação ativa como liderança do CTG, mesmo que alguns não ocupassem efetivamente postos nas diretorias. Alguns participaram dos CTG por vários anos e até décadas, outros ficaram envolvidos por curto espaço de tempo. Em relação a isso, é importante apontar que a condição de participante das internadas, coordenador de internadas ou patrão pressupõe uma presença contínua no CTG, no mínimo de uma vez por semana no período da noite em dias úteis e em vários finais de semana, consumindo importante espaço do tempo livre do qual dispunham. Desta forma, percebe-se que a adesão efetiva a um CTG, mesmo que não tenha sido por muitos anos por parte de alguns entrevistados, não os desautoriza como fontes de narrativas com informações relevantes destes espaços.

As entrevistas basearam-se em um roteiro previamente estabelecido que orientava a conversa que era estabelecida com o entrevistado. O roteiro tinha cinco eixos de questões principais, previamente apresentadas aos entrevistados, visando a abordá-los a partir de uma linha comum. Inicialmente coletaram-se dados do entrevistado relativos à idade, naturalidade, trajetória profissional, inserção no tradicionalismo e nos grupos e posições pelas quais passou

¹²⁶ Dos entrevistados sugeridos pelo CTG, se deixou de entrevistar apenas um, devido à impossibilidade de contatá-lo. Em seu lugar, decidi entrevistar alguém com perfil diferenciado, do sexo feminino e jovem, mas também bastante envolvido com o objeto de pesquisa.

¹²⁷ Embora a maioria dos participantes das diretorias dos CTG sejam do sexo masculino, enquanto contatei os CTG, pude perceber a participação de duas mulheres na diretoria, - as duas na condição de secretária - entre os quatro CTG pesquisados. De fato, nos CTG pesquisados, pude perceber que entre os membros, a participação de homens e mulheres é praticamente equitativa, na medida em que a participação em suas atividades exige números aproximados para que sejam formados casais para os pares de dança.

nos grupos. Em seguida, os questionamentos dirigiam-se à história do CTG (Conte a história do CTG), a evolução de suas atividades, a criação e participação em eventos diversos, a relação com a empresa e o número de participantes. O terceiro eixo de questionamentos referia-se ao perfil dos participantes destes CTG (Quem participava aqui do CTG?), com questionamento em relação a um perfil geral ou vários perfis do público destes espaços. O quarto relacionava-se à inserção dos tradicionalistas na sociedade caxiense e as mudanças deste processo no decorrer do tempo (Os CTG são valorizados aqui em Caxias?). Por fim, questionava-se a influência dos meios de comunicação na ascensão do tradicionalismo na cidade, com o objetivo de coligar os depoimentos com a discussão empreendida no quarto e sexto capítulo deste trabalho (Qual foi a importância do jornal Pioneiro e da mídia para o tradicionalismo em Caxias do Sul?).

É importante destacar que em virtude da intrínseca espontaneidade que marca um diálogo entre desconhecidos, das diferentes narrativas construídas pelos entrevistados e dos diferentes caminhos que uma entrevista pode tomar na tentativa de se obter informações em maior quantidade e qualidade, os questionamentos se desdobraram de forma diferenciada com os entrevistados, por vezes alterando a ordem da proposição inicial.

5.1 Funcionamento e organização de um Centro de Tradição Gaúcha

Um Centro de Tradição Gaúcha é uma espécie de clube em que os integrantes pagam uma mensalidade de valor relativamente baixo em comparação com outros clubes para participar de suas atividades. Se nos anos iniciais do tradicionalismo funcionavam como espaços de vivência nos quais se imitavam os hábitos do interior, após proliferarem-se pelo estado do Rio Grande do Sul e até pelo Brasil e passaram por um intenso processo de regulamentação e submissão hierárquica ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. Por volta de 1980, os CTG já haviam se tornado um espaço de lazer institucionalizado, familiar, tendo nas danças coletivas sua principal atividade.

Os CTG possuem dois setores cujas atividades se voltam a fins completamente diferentes e exigem uma organização interna e dos seus participantes também completamente distinta. É a parte “cultural” ou “artística” e a parte “campeira”. A parte cultural ou artística

envolve as atividades de danças, de grupos (invernadas) ou individuais¹²⁸ e exige encontros semanais de seus membros para os ensaios. A parte artística concentra também as atividades de declamações e trovas e alguns materiais para leitura. Exige um espaço físico para estas atividades de ensaio e para a realização de bailes, geralmente um galpão com características arquitetônicas específicas.

A parte campeira envolve as atividades relacionadas à lida com animais, com atividades comuns em rodeios, como tiro de laço e outros. Tal setor, via de regra, não cria um grupo homogêneo, que se encontra costumeiramente e cria laços sociais importantes, apenas abre espaço para que competidores destas atividades possam se inscrever nos torneios. Em virtude destas características que dificultam a identificação de um amplo e coeso grupo tradicionalista dentro da parte campeira, a pesquisa empreendida neste trabalho sobre os CTG listados focou os departamentos culturais.

Dentre as principais atividades do departamento cultural estão as invernadas de danças, que se dividem em cinco categorias: infantil, mirim, juvenil, adulta e veterana. As invernadas de dança são grupos de dança formados por casais de dançarinos, dentro da faixa etária de cada categoria. Os ensaios dos grupos geralmente são semanais e quando se aproximam de eventos e rodeios, porque irão disputar prêmios com grupos de dança de outros CTG, os ensaios podem ocorrer de duas a três vezes por semana.

Segundo dados obtidos com os entrevistados, os CTG pesquisados têm mantido, desde fins da década de 1990, um número mínimo de 120 associados¹²⁹ (ou dançarinos, como alguns CTG preferem chamar), sendo que alguns chegam a 200. O número de indivíduos associados a um CTG inclui além dos dançarinos das invernadas, os dançarinos individuais, os declamadores e os membros da diretoria (ou patronagem).

É importante apontar que o número de pessoas diretamente envolvidas com o CTG, inclusive presente semanalmente em seus espaços físicos, é obrigatoriamente superior ao número de associados, na medida em que comparece a família dos participantes que são crianças e adolescentes ou de adultos cujo outro membro do casal não participe das invernadas. Em virtude disso, o número de indivíduos que circulam pelo CTG durante a semana envolvido em ensaios é geralmente o dobro do número de associados.

¹²⁸ As danças individuais que envolvem participantes do CTG são restritas a participantes do gênero masculino: são as danças “biriva”, nas quais se inclui as modalidades Sapateado, Chico do Porrete, Chula e Danças dos Facões. Tal como nas danças das invernadas, também é necessário ser membro do CTG para poder participar dos concursos destas modalidades de dança.

¹²⁹ O CTG Sinuelo atingiu um número de participantes próximo a este em meados do ano 2000.

Outro dado que demonstra o tamanho do público vinculado a um CTG é o de participantes de bailes e fandangos promovidos por estas entidades. Os CTG promovem de dois a três grandes bailes por ano, e alguns menores de cada internada. Nos bailes de maior porte, é comum o número de participantes chegar a seiscentas pessoas, lotando os espaços físicos de que disponibilizam.

A participação como dançarino de um CTG gera um compromisso relevante com os outros participantes da internada, tendo em vista que a falta de um participante inviabiliza a participação do outro membro do par no ensaio e compromete o treino da coreografia do grupo inteiro. Desta forma, a associação de alguém a um CTG como dançarino ou dançarina implica um compromisso pessoal ao qual se destina interessante parcela do tempo livre de que um trabalhador comum disponibiliza.

5.2 – O CTG Os Carreiros, de funcionários da Randon

Em relação aos CTG, iniciarei pela abordagem do Centro de Tradições Gaúchas Os Carreiros, que foi fundado em 16 de julho de 1992 por um grupo de funcionários das empresas Randon. Entretanto, é importante ressaltar que formalmente, tal data refere-se ao recebimento oficial da carta de aceite enquanto entidade do MTG pelo grupo nativista que existia até então. De fato, o surgimento de um grupo de trabalhadores deste conglomerado empresarial desejosos de formar um núcleo de culto às tradições gaúchas remete ainda ao final da década de 1970, quando começa a articulação de alguns trabalhadores da empresa em torno deste objetivo.

Uma das figuras principais desse processo é Adão da Silva, um dos entrevistados sobre os processos históricos relativos à formação e estabelecimento do CTG. Adão é natural de Criúva, distrito de Caxias do Sul cujas características geográficas campeiras já foram assinaladas. Nascido em 1951, fixou residência em Caxias em 1971, cursou estudos técnicos na área da enfermagem, trabalhou por dois anos no Hospital Pompéia e, em 1975, iniciou suas atividades no Grupo Randon, no qual trabalhou até sua aposentadoria, em 2007. No período, desempenhou suas atividades profissionais como auxiliar de enfermagem. Após a aposentadoria, trabalhou por mais três anos contratado junto ao plano de saúde desenvolvido pela empresa e dirigido aos funcionários, em atividades voltadas à orientação dos funcionários sobre como proceder no seu uso.

“Seu Adão”, como foi costumeiramente referido pela diretoria atual do CTG, foi apresentado como alguém imprescindível de ser entrevistado em se tratando de uma pesquisa cuja temática envolvesse a história do CTG, apontado como aquele que deu o “pontapé inicial”, um pioneiro do tradicionalismo entre os funcionários da empresa, portador de uma memória invejável sobre estes eventos e predisposto a compartilhar dessas informações com satisfação¹³⁰.

O relato produzido através da conversa que envolvia, de minha parte como entrevistador, os questionamentos sobre a história do CTG, especialmente os processos vinculados aos seus momentos iniciais e sua consolidação e, da parte de Adão, suas devidas respostas, demonstrou que o entrevistado já possuía uma narrativa configurada a respeito da formação do CTG – complexa, com grande quantidade de informações e temporalmente estruturada – que abordava diferentes linhas de ação dos participantes da entidade e que tiveram sucesso na proposta de ampliar o grupo tradicionalista, sua visibilidade e importância através da criação e participação em eventos tradicionalistas, sempre pautado por um tom gregário entre os envolvidos, como os próprios tradicionalistas, os setores da empresa relacionados às atividades de lazer dos funcionários e o proprietário da empresa.

Após elencar seus dados pessoais e sua trajetória profissional, Adão foi questionado acerca dos movimentos iniciais e dos contatos estabelecidos com as pessoas que objetivavam montar um núcleo tradicionalista. Questionado sobre como o tradicionalismo iniciou na empresa através de sua ação, apontou que:

Adão: Surgiu na verdade, porque a gente que sai do interior sai com uma característica, principalmente a característica da cultura gaúcha. E aí quando ali cheguei em 75, em 1975 já fui verificando o que é que tinha nessa área e não tinha nada. [...] Então fui me unindo junto aos adeptos e aos que gostavam do tradicionalismo e foi surgindo a ideia ali de nós formarmos quem sabe um núcleo do tradicionalismo, algo que desencadeasse um processo de a gente quem sabe formar até um CTG. Foram feitas essas primeiras conexões e quando surgiu mais ou menos a vontade de um número maior, aí eu encabecei. Aí fomos até a direção da empresa para que fosse manifestada essa vontade. A empresa na verdade estava sendo representada

¹³⁰ Adão da Silva, apontado como o fundador do CTG Os Carreiros, era à época, enfermeiro, e tinha acesso a praticamente todos os funcionários da empresa. Considero que este aspecto teve ampla relevância junto ao corpo de funcionários da empresa no momento em que se pensa em iniciar um movimento ancorado em trabalhadores que podem estar em diferentes setores, numa empresa que contava com alguns milhares de funcionários no período em questão. Esta ampla rede de relações estabelecida pelo entrevistado, pode ser encarada como um importante capital social que o leva automaticamente a assumir a liderança do movimento tradicionalista em meio a estes trabalhadores.

pela Associação Atlética da Randon que aí ela coordenava toda a área de esportes e me foi direcionado ali pra ter o primeiro contato. Como houve o respaldo por parte destes, nós fomos ampliando os horizontes, vamos dizer assim, pela abrangência do número de pessoas interessadas e chegamos até a direção da empresa.

De acordo com o relato de Adão, aproximadamente 15 pessoas participavam do grupo inicial de danças tradicionalistas. Frente ao número aproximado de três mil funcionários da empresa à época, pode se concluir que houve uma participação diminuta. É importante ressaltar que Adão atendia a todos os setores na condição de auxiliar de enfermagem, acessando um amplo espectro entre o total de funcionários da empresa.

Dentro da narrativa de Adão, há menção a um revés significativo para o estabelecimento do grupo tradicionalista. No início da década de 1980, a empresa passa por um período de concordata¹³¹ e reduz gastos em algumas áreas não prioritárias, como a Associação Atlética a qual estava subordinado hierarquicamente o grupo tradicionalista. Segundo Adão:

Adão: [...] em 1980, nós começamos então, e oficializamos o tradicionalismo ali na empresa formando o quê? Um grupo e naquela oportunidade nós já tínhamos um nome, em que foi dado Velha Carreta. Bom, como veio a crise em 1981, a empresa pediu que a Associação Atlética Randon reduzisse ao máximo os gastos e não foi mais possível, a partir daquela época não foi possível nós contarmos com o auxílio financeiro da Associação Atlética porque estávamos em crise e a Randon entrou em concordata. Bom, quando entrou em concordata nós tínhamos mais era que compreender. Continuamos fazendo os nossos encontros, os nossos ensaios, mas sem aquela perspectiva de formarmos um CTG porque não tínhamos a certeza mais de como a Randon iria se portar perante o mercado, perante... as suas finanças, enfim, estávamos em concordata. Passou 1981, a Randon conseguiu sair daquela fase ruim, pagou-se a concordata, eliminou-se a concordata antes do prazo pré-estabelecido e aí nós voltamos a nos reorganizar – porque muita gente naquela época durante a concordata teve que sair, foi dispensado e dentre esses alguns que faziam parte do grupo tradicionalista e aí nós então nós nos reorganizamos, a partir dali. Em 1985 é que nós podemos dizer assim, que ressurgiu a vontade do tradicionalismo com certa intensidade, porque até ali nós não paramos. Mas aí surgiu a ideia de nós formarmos um evento pra que a gente consolidasse o gosto pelo tradicionalismo e reunisse o maior número de pessoas, envolvendo toda empresa. E aí o que aconteceu, surgiu a ideia e nós formamos então um evento em nível de empresa que é a Roda de Chimarrão. Em maio de 1985 nós fizemos a primeira Roda de Chimarrão. Bom, foi um sucesso, inclusive transmitido pela Rádio Difusora na íntegra, desde o princípio, desde a abertura até o final da programação.

¹³¹ O que corresponderia atualmente ao processo de recuperação judicial.

O relato construído pelo entrevistado sobre os eventos do período analisado e a abordagem que faz sobre a posição tomada pelos participantes do CTG é marcada por um tom conciliatório que encontraremos com reincidência em outros trechos de sua narrativa. No excerto, este viés é especialmente perceptível quando menciona que “*a partir daquela época não foi possível nós contarmos com o auxílio financeiro*”, pois “*estávamos em crise e a Randon entrou em concordata. Bom, quando entrou em concordata nós tínhamos mais era que compreender*”.

Os apontamentos encontrados na narrativa do entrevistado visam informar uma clara consonância destes trabalhadores com os objetivos da empresa e a compreensão e aceite de decisões que venham a prejudicar momentaneamente sua situação, inclusive com a demissão de alguns de seus pares.

De acordo com os relatos de Adão, tais fatos foram geradores de uma dificuldade que permeou todo o início da década de 1980 em formar um grupo com um número suficiente de pessoas para a criação de um CTG, com internadas e uma estrutura interessante. A realização de um evento novo em 1985, em um período do ano estranho às comemorações da Semana Farroupilha para que se “*consolidasse o gosto pelo tradicionalismo e reunisse o maior número de pessoas*” revela uma mudança de estratégia por parte dos tradicionalistas mais engajados. O evento durou dois dias.

Adão: [...] na sexta feira nós solicitamos para a empresa liberar o pátio da empresa, que naquela oportunidade tinha um pátio grande, com uma área verde muito grande. E ali nós deixamos à vontade o pessoal acampar, e reuniu na sexta feira uma quantidade grande de funcionários que faziam a sua comida campeira ali. No sábado, bom, no sábado era um evento cultural, na sexta-feira era um evento social entre os convidados das pessoas que envolviam-se para o jantar. Então eu vou te dizer que dessas três mil pessoas que eram da empresa, eu tenho a impressão que no início foi... principalmente na sexta feira, porque envolvia os familiares, tenho a impressão que deu umas 600, 700 pessoas.

A primeira Roda de Chimarrão organizada pelos tradicionalistas da empresa e pela Associação Atlética Randon é considerada pelo entrevistado como um evento seminal para a promoção do tradicionalismo entre os funcionários. A grande importância conferida ao episódio por Adão pode ser percebida também em um informativo especial da gestão 2002/2003 da S.E.R. Randon,¹³² no qual Adão é o entrevistado principal sobre “O

¹³² Ver Anexo B - Figura 28.

Tradicionalismo na Randon” e reforça a importância do evento. No documento, novamente se evidencia um caráter agregador na narrativa de Adão ao relacionar o tradicionalismo, a empresa e seu proprietário, Raul Randon, quando aponta que “*num pedido de Peão para Patrão, nos foi concedida a oportunidade, pelo Sr. Raul Anselmo Randon, de organizarmos um evento que pudesse ser compartilhado por todos que assim o desejassem*”.

A expressão “*num pedido de Peão para Patrão*”, subjaz associações importantes, reforçando a posição hegemônica do empresário nas relações de trabalho e no universo simbólico do tradicionalismo, associado ao principal dirigente de um CTG. Realiza também uma relativa positividade dos funcionários como “*peão*”. Embora o termo esteja carregado de certo menosprezo à figura do operário no meio urbano, no imaginário tradicionalista faz menção a representações de um passado mitificado do trabalhador campeiro no qual a relação entre peões e patrões é apontada como próxima e democrática. Ao mesmo tempo em que cristaliza o posicionamento dos operários e do empresário nas relações de trabalho fabris, imputa de representações positivadas esta relação e valoriza simbolicamente o operário. Aliada a um contexto local em que a retenção de mão de obra qualificada nas indústrias se fazia necessária, a cristalização e positividade desta relação de trabalho conciliou interesses tanto dos operários quanto do empresário.

Questionei Adão se essas pessoas compareceram pilchadas ao evento, para investigar se já eram participantes de eventos do tipo, se já vivenciavam espaços de culto às manifestações tradicionalistas e viram neste evento uma possibilidade de realizarem tais manifestações num espaço condizente às suas relações de trabalho e no qual já naturalmente teriam desenvolvido relações sociais. De acordo com o entrevistado:

Adão: nem todos estavam pilchados sem dúvida nenhuma porque nós é que estávamos implantando o tradicionalismo ali, a cultura ali dentro da empresa. [...] O sucesso foi grande e aí veio a solicitação por parte dos funcionários, até um abaixo-assinado, para que nós realizássemos a Roda de Chimarrão no mês de setembro. Esse pedido foi direcionado à Associação Atlética e eles nos convocaram: [...] Além de aplaudir nós aceitamos e realizamos a segunda Roda do Chimarrão em 1985 durante a Semana Farroupilha e o sucesso foi aumentando, o gosto das pessoas foi aumentando. Então todo mês de setembro, todos os anos, nós realizamos as Rodas de Chimarrão. Hoje é o evento que reúne, congrega o maior número de funcionários e é o segundo maior evento da empresa porque o primeiro evento é a Festa das Crianças onde reúne todos os funcionários de todas as empresas do grupo e mais os familiares. Além de todos os familiares reúne as crianças com idade para serem presenteadas – então esse é o maior evento, fim do ano. Mas o segundo maior evento da Randon, de todo o

grupo, é a Roda de Chimarrão, que agora neste último ano que nós fizemos em setembro, reuniu cerca de quase 10 mil pessoas.

A narrativa de Adão, de forma similar às narrativas de outros entrevistados, direciona-se à menção de fatos e fenômenos que proporcionam uma versão valorativa da história CTG e das ações organizadas pelos seus líderes, geralmente apontando os eventos de maior sucesso e visibilidade entre os funcionários da empresa e o contínuo crescimento do número de participantes em suas atividades. A construção deste tipo de relato é decorrente de uma escolha óbvia, que busca valorizar e engrandecer as atividades relacionadas à identidade social do grupo no qual se insere a experiência pessoal do entrevistado, de um grande número de indivíduos que compõem seu círculo de relacionamentos e dos próprios portadores dos atributos simbólicos da identidade regional em questão.

A exigência da problematização das narrativas dos entrevistados se justificaria por motivos intrínsecos à ação mnemônica, com suas limitações tão bem conhecidas. Neste estudo proposto, cabe adicionar outras problematizações pertinentes à natureza dos processos históricos abordados, relacionados à ação de grupos que tiveram sucesso em obter reconhecimento social na adoção de uma identidade regional, frente a uma situação histórica em que tal ato configurou-se como um importante posicionamento dentro da disputa social por positividade simbólica. Considerando a memória como algo em contínua reelaboração com o presente e fazendo referência a eventos e processos históricos que perfazem mais de trinta anos, deve-se ponderar até que ponto as narrativas dos entrevistados baseiam-se em constructos coletivos que impregnam o passado de seus grupos de significados específicos. Desta forma, esta problematização não se baseia na mera desconfiança da acurácia dos apontamentos das narrativas, mas quais interesses subjacentes podem ser deduzidos quanto aos rumos que as narrativas tomam, das versões sobre a história destes CTG que visam imprimir.

Partindo deste âmbito podemos interpretar as contínuas menções às Rodas de Chimarrão. Pelo grande número de participantes em relação às outras atividades tradicionalistas desenvolvidas dentro do grupo de funcionários da empresa, é possível deduzir que o evento teve importância significativa em popularizar tais manifestações neste espaço de convivência, na medida em que a participação nos grupos de dança exigia uma vinculação mais estreita e contínua, mas também estava atrelado aos fatores explicativos da crescente popularidade do tradicionalismo entre as décadas de 1980 e 2000, como a ação midiática aos quais estes sujeitos estavam expostos. De qualquer forma, considero esta busca por parte de

trabalhadores da empresa em vincular as manifestações tradicionalistas com as comemorações da Semana Farroupilha um elemento revelador de como os tradicionalistas projetavam um período específico para o incremento das atividades relacionadas à identidade, demonstrando o caráter sazonal que este fenômeno identitário já havia assumido. Vejo ta caracterização desta identidade, mesmo que justificada dentro do seu conjunto de representações por referir-se à celebração de eventos simbolicamente valorativos, uma aproximação da conceituação promovida por Stuart Hall (2006), de apontar as identidades como uma “celebração móvel”.

O crescimento do número de participantes da Roda de Chimarrão entre 1985 e 2010, de 700 participantes a dez mil, tornando-se o segundo maior evento dos funcionários da empresa, demonstra uma adesão bastante significativa. Se levarmos em consideração que o número de funcionários da empresa chegou a doze mil em 2010, quadruplicando em relação a 1985, e que o número de participantes do principal evento tradicionalista aumentou em 16 vezes no mesmo período, pode-se deduzir que o “*gosto pelo tradicionalismo*”, como apontado pelo entrevistado, cresceu entre os trabalhadores da empresa nesses vinte e cinco anos de forma exponencial.

De acordo com a narrativa de Adão, a partir da segunda metade da década de 1980, quando as Rodas de Chimarrão já passam a ocorrer anualmente, começa a se articular novamente um grupo de pessoas em torno das atividades tradicionalistas. O ano de 1987 é marcado pela construção de um galpão¹³³, cuja finalidade não é unicamente para encontros e festas tradicionalistas, mas cuja arquitetura remete a isso e a criação de um grupo de danças, o Grupo Nativista Os Carreiros. É importante ressaltar que as movimentações em prol da formação do grupo e da construção do galpão continuam sob a liderança de Adão. Segundo ele,

Adão: em 1988 nós já estávamos sentindo a necessidade de formarmos aquilo que em 1980 nós iniciamos, que era um grupo de dança. Em 1988 nós, daí sim, além de idealizarmos, formamos um grupo de dança que se chamou Grupo Nativista Os Carreiros. Antes disso, em 1987, nós fizemos um trabalho e inauguramos o galpão que ainda se encontra ali, nos pátios da empresa. [...] Como em 1981 nós não tivemos a continuidade e não podemos levar adiante nosso pensamento de formar o CTG Velha Carreta, a Fras-le naquela oportunidade absorveu esse nome e transformou então o grupo deles com o nome Velha Carreta. Como nós perdemos junto ao MTG esse nome nós... em conversa com as pessoas que construíram o galpão, que deram apoio para a construção do galpão, me disseram: Quem sabe Adão nós

¹³³ Na figura 29 e 44 do Anexo B, imagens da placa de inauguração do Galpão e dos padrões do CTG OS Carreiros.

possamos colocar o nome do galpão Velha Carreta [...] Pelo resquício de 1980 que nós tivemos a ideia de fazer um CTG com o nome Velha Carreta. Bom, [...] fizemos o questionamento junto aos funcionários de qual é o nome mais sugestivo que poderíamos colocar para o novo grupo que nós iríamos formar. Vieram vários nomes, mas o nome mais forte era Os Carreiros. Foi levado para o seu Raul o nome, de qual que ele gostaria que fosse colocado como nome do CTG e ele me disse: Olha Adão, eu acho que seria um bom nome Velha Estância. Bom, mas como já estava arraigado em nós aquele nome Velha Carreta e tinha que ter uma correlação com o produto que a empresa formava [...], nós pensamos no condutor, daí eu disse: Olha, quem sabe seu Raul, ao invés de Velha Estância, que é um nome muito bonito e sugestivo, nós colocássemos alguma coisa correlacionada com o produto e aí ele perguntou: Mas o que que tu sugere? Disse: Olha, quem sabe, numa pesquisa aí, as pessoas acharam melhor o nome Os Carreiros. E ele aprovou, e aí nós formamos o CTG Os Carreiros. Mas antes, nós formamos o Grupo Nativista Os Carreiros que não tinha ainda a denominação oficial como CTG.

Percebe-se no trecho da narrativa construída por Adão novamente o tom agregador entre as pretensões dos tradicionalistas e do empresário, além da busca por demonstrar como os tradicionalistas insistiram em vincular seu grupo à produção da empresa. Penso que o apontamento sobre esta linha de ação por parte dos tradicionalistas vise a um movimento de gratidão, um retorno aos investimentos que a empresa realizou para que fosse possível a construção de um espaço para as manifestações identitárias destes trabalhadores e sobre o apoio financeiro para as atividades dos grupos de dança, sem que tenha deixado de prever vantagens na vinculação nominal a um grupo industrial de destaque numa sociedade cujo universo simbólico possuía várias de suas representações positivadas fortemente vinculadas a um *ethos* fabril.

Na narrativa de Adão e de outros partícipes e lideranças do CTG Os Carreiros, é conferida grande importância ao apoio oferecido por Raul Randon à entidade. No informativo citado anteriormente, entre as poucas fotos sobre as atividades do CTG em meio ao texto, há o destaque a uma premiação conferida aos grupos infantis pelo próprio empresário. Percebe-se em relação a esta ação comum dos participantes do CTG um esforço em demonstrar uma associação entre o empresário e o grupo tradicionalista, que no plano das representações, acarreta ao grupo a valorização do aceite e prestígio de uma figura amplamente reconhecida na sociedade local como portadora de valores positivados. Ao mesmo passo, tais informações também demonstram um interesse por parte do empresário no andamento destas atividades, traço que não é comum a todas as empresas cujos CTG foram objetos desta pesquisa. Também não é comum às outras empresas o apoio esporádico a compras, além da verba anual, como apontou Adão, quando questionado sobre o apoio de Raul Randon.

Adão: O seu Raul, quando nós formamos a internada artística nós tínhamos os dançarinos, o peão e a prenda, nós tínhamos o conjunto todo, a internada de dança e nós dependíamos do gaitero. O gaitero trazia a gaita dele a cordeona dele. Então o CTG não tinha uma cordeona. Daí eu e mais algumas pessoas fomos na sala do seu Raul e falamos: Olha seu Raul, nós temos o CTG, nós temos a internada de dança, nós temos o gaitero, mas nós não temos a cordeona. Daí ele disse: - Vai lá ver o quanto custa que eu pago. Ganhamos a cordeona. Daí nós... quando nós formamos o piquete, nós tínhamos alguns que tinham os seus animais, mas com precariedade, um pedia emprestado pro outro... aí chegamos no seu Raul e dissemos: Nós temos a internada de dança, nós temos agora o piquete de laço, está faltando animais... Aí ele disse: - Adão, fala com o Jorge da RASIP Vacaria, conversa com ele, escolhe um animal lá, o animal é de vocês. Ganhamos um animal.

A menção contínua à estreita relação entre o empresário e os tradicionalistas, tanto nas narrativas construídas na entrevista quanto nos informativos produzidos pela SER Randon, demonstra a permanência por décadas de um discurso uníssono acerca da proficuidade da relação entre o empresário e os tradicionalistas, procurando vincular o sucesso do CTG a partir desta relação. Em 2007, a criação de uma cavalgada em homenagem a Raul Randon, no dia de seu aniversário, por sugestão do próprio Adão, é um indício claro desse processo.

Adão: Bom, e aí eu retornei, eu saí da empresa – com tudo funcionando normal – aí eu retornei em 2007 para implantar o plano de saúde da empresa. Quando eu cheguei, o presidente, senhor Craco, presidente da SER Randon naquela oportunidade, me disse: - Bom, agora que tu voltou nós precisamos de mais um evento aí, [...]. Pensei quem sabe nós formamos um grupo de cavalgada [...] quem sabe homenagearmos o Seu Raul, mas homenagear devido a quê? Bom, daí claro que nós tínhamos várias razões, mas colocamos três razões bem pontuais: o que representa para nós ali como tradicionalistas [...], desde o princípio que foi procurado ele deu sempre o apoio – então, pelo apoio ao tradicionalismo. Por uma outra razão, o que que poderia ser? Pelo empreendedorismo, por tudo que ele representa, não apenas para empresa, não apenas para Caxias, mas a nível nacional, empreendedor a nível internacional, então o que ele representa para a sociedade no todo como empreendedor. Uma terceira razão, o aniversário dele. O aniversário dele é em 6 de agosto. Disse: - Olha, vamos homenageá-lo por essas três razões. E aí ficou como sendo as três razões aceitas e temos o grupo de cavalgadas. Bom, aí essa é a ideia nossa, agora vamos ter que falar com seu Raul se ele aceita, mas grupo de cavalgada... só grupo de cavalgada? Aí eu disse: - Quem sabe nós formamos uma cavalgada em homenagem a seu Raul com essas três características e fomos até a sala dele e conversamos com ele. Ele aceitou, gostou muito, e aí colocamos uma ideia principal de um Grupo de Cavalgadas Raul Anselmo Randon em homenagem pela data natalícia, pelo que ele representa para o tradicionalismo e pelo que representa para a sociedade em geral como empreendedor.

Os três motivos apresentados como significativos para se criar uma cavalgada em homenagem ao empresário reforçam os apontamentos interpretativos anteriormente mencionados. O segundo motivo em específico, pelo “*o que ele representa para a sociedade no todo como empreendedor*” “*não apenas para Caxias, mas a nível nacional e internacional*” revela o reconhecimento por parte dos tradicionalistas de valências simbólicas importantíssimas no empresário. Na medida em que o empresário vinha há muitos anos demonstrando abertura em apoiar e participar das atividades dos tradicionalistas, associar-se a ele e às suas intrínsecas representações positivadas apresenta-se como uma escolha inevitável para os líderes do CTG.

Além da narrativa construída na entrevista de Adão, encontramos indícios importantes para a análise desta relação entre o empresário e o grupo de tradicionalistas da empresa no informativo da cavalgada de 2014 que, embora extrapole o recorte temporal de pesquisa deste trabalho, possibilita analisar com maior detalhamento os discursos relativos ao ato. Cabe destacar que o informativo foi encontrado na sede da 25ª Região Tradicionalista, patrocinado pela mesma e pelo Grupo Randon, demonstrando o alinhamento de todas na veiculação dos discursos que carrega¹³⁴.

A capa do informativo traz uma fotografia do empresário parcialmente trajado com vestes gauchescas. Nas outras cinco fotos do evento retratadas no informativo, três destacam o empresário, conduzido numa charrete pelo próprio Adão. Ele é o autor de um pequeno poema elogioso impresso no verso do informativo, que contempla os três aspectos mencionados como justificantes de se criar uma cavalgada e um grupo de cavalgada que homenageiem Raul Randon, como a data de aniversário (*marco da existência*), as valências simbólicas ligadas ao empreendedorismo do empresário (*aprendemos com o senhor ter coragem e persistência*) e seu apoio ao tradicionalismo. O último item, ao mencionar “*obrigado pelo legado, deste amor pela Querência*” confere ao empresário um papel de extrema importância dentro do tradicionalismo, apontando-o como gerador de um legado neste sentido.

Tal documento vai em direção àqueles anteriormente mencionados, pois se aponta a associação dos tradicionalistas ao capital simbólico do empresário como forma de conferir ao grupo representações positivadas no universo simbólico local. Deve-se destacar que o empresário, de forma menos intensa, também se positiva participando e se associando a diferentes grupos com diferentes identidades coletivas. Por meio de tal linha de ação, seu

¹³⁴ Figura 30 do Anexo B.

capital simbólico avança para além do conjunto de representações positivadas da italianidade, alcançando importante reconhecimento em outros espaços e grupos. O apoio conferido aos grupos lhe é retribuído no reconhecimento e valorização no meio tradicionalista relacionado não apenas ao grupo de trabalhadores de sua empresa, mas local, percebido através da ligação da instância regional do MTG com o evento.

A aproximação de tradicionalistas e Raul Randon, principal figura da italianidade em Caxias do Sul a partir da década de 1980, nos faz rapidamente lembrar da aproximação de tradicionalistas com Júlio Eberle ainda em fins da década de 1950, pelas várias similaridades: o passo inicial na relação foi dado pelos tradicionalistas, a aproximação gerou dividendos simbólicos não apenas aos tradicionalistas, mas também ao empresário e foram cristalizadas através de rituais ou símbolos materiais, no caso de Júlio Eberle pelo candieiro e de Raul Randon pela cavalgada com seu nome.

Observando tamanha similaridade entre os dois casos, seja pela posição dos agentes sociais, seja pelas formas de executá-la ritualisticamente visando a obter reconhecimento social, ou ainda pelos resultados simbólicos para os envolvidos, vejo a possibilidade de estarmos diante de uma estratégia de ação coletiva quanto à construção da identidade tradicionalista na sociedade caxiense. Não acredito que Adão tenha conhecimento da ação de Joaquim Lisboa em relação a Júlio Eberle em 1959 e deve-se ponderar que Lisboa circulava com desenvoltura em meio à elite caxiense, diferentemente de Adão. De fato, a conceituação de um *habitus* enquanto estratégia executada por agentes sociais de um determinado campo não exige que tal estratégia de ação ocorra de forma intencional e pré-determinada, baseada no conhecimento de casos predecessores os quais os agentes copiam e executam visando a obter os mesmos efeitos. Ele se reitera também pela repetição de circunstâncias e conjunturas específicas, como neste caso.

Adão da Silva foi apontado como a principal liderança do grupo durante as décadas de 1980 e 1990 e foi o primeiro patrão oficial do CTG, permanecendo nesta função até fins da década de 1990. Nos seus anos iniciais, o CTG tinha uma única invernada de dança, com 12 pares de dançarinos¹³⁵. Porém, para começar a participar de rodeios e concursos de dança,

¹³⁵ O número de participantes de cada invernada entre os CTG pesquisados variou bastante no decorrer do recorte temporal, mas geralmente se situou entre 15 e 25 dançarinos. Cada uma possui um coordenador, responsável pela organização do grupo, definição de quais casais participam dos concursos, e junto com o patrão e coordenadores de outras invernadas, por selecionar e contratar os músicos, coreógrafos e professores de dança.

tornava-se premente ampliar o espectro de participantes, sendo que até então, a participação no CTG era restrita aos funcionários da empresa.

Adão: Ali nós chegamos a ter em torno de 12 pares, todos funcionários. Aí com o passar do tempo vai surgindo outras necessidades, vai se ampliando os participantes, não mais só como uma internada de danças, mas temos que ter os individuais e nos individuais aí são chula, são poesia, declamação, que seja, gaita, essas coisas todas pra participar de um rodeio. Nós também estávamos contando com pessoas externas que se filiassem a nós e entraram como peões e prendas nos representando também, e a partir daí nós não paramos mais e não ficou restrito apenas aos funcionários. Nós abrimos também para pessoas ligadas de uma maneira ou outra com funcionários, mas não familiares apenas, pessoas com correlação com alguém ali.

Em torno de metade da década de 1990, em data que não pude precisar através das fontes, o CTG possibilitou a participação de pessoas que não fossem funcionárias do Grupo Randon, mas próximas ou indicadas por participantes. O ato revela a intenção dos principais líderes e participantes do CTG em aumentar o alcance social do grupo e de participar de eventos tradicionalistas conceituados dentro de um campo próprio das manifestações tradicionalistas, os rodeios, que promoviam diversos concursos de danças de acordo com o tipo de dança e a faixa etária dos disputantes. Esta medida pode ser compreendida como uma forma de buscar maior disseminação desta identidade regional, e considero que tenha sido uma motivação relevante. Entretanto, vejo como intento mais significativo nesta incursão a atividades tradicionalistas razoavelmente institucionalizadas o fortalecimento do grupo, o incremento de sua relevância dentro da estrutura da SER Randon, tornando-o reconhecido dentro de um subcampo de relações sociais e justificando os subsídios oferecidos pela empresa às suas atividades.

É durante a década de 1990 que os outros dois entrevistados vinculados ao CTG passam a participar de suas atividades. São eles Realino José Bertoldi e Gilmar Bristot. A análise das narrativas dos dois entrevistados sobre os processos históricos do CTG e de suas experiências pessoais na associação a uma identidade tradicionalista, promovida nestes espaços, leva-nos a considerar o perfil diferenciado dos dois depoentes em relação a Adão, que por estar vinculado a estas atividades desde os seus primeiros passos e pelo amplo acesso junto às instâncias superiores da empresa, torna-se uma liderança eminente do grupo. Realino e Gilmar começaram a participar do CTG anos após iniciarem suas atividades na empresa, foram funcionários durante décadas, participaram do CTG por muitos anos e ali foram galgando postos superiores.

Gilmar Bristot, nato em 1959 na localidade de São João, em Forqueta, distrito de Caxias do Sul, veio a residir no núcleo urbano próximo aos 18 anos, quando começou a trabalhar. Até 1993, trabalhou em algumas empresas do setor metal mecânico como soldador e montador, quando passou a trabalhar na Randon Implementos.

Antes de iniciar suas atividades profissionais nesta empresa, Gilmar participava do CTG Velha Carreta, dos funcionários da empresa Fras-le, devido à influência do sogro, que participava do CTG¹³⁶. Quando já trabalhava na Randon, mas ainda se encontrava vinculado ao Velha Carreta, o CTG Os Carreiros criou uma invernada mirim, estimulando os funcionários a inscreverem seus filhos nesta modalidade. Gilmar inscreveu seu filho e, a partir de então, passou a participar deste CTG.

Gilmar: A gente começou a se entrosar, sabe como que é. Estando lá se fecha mais com esse ou com aquele, e aí começou conversa aqui, conversa ali, e aquela coisa, e o CTG se formando e eles procurando pessoas pra integrar, que fizessem parte né, já que estava iniciando, e aí como tinha os filhos, vieram me perguntar. Eu participava na Fras-le, a família não tava muito a fim de ir para ali, porque estavam entrosados lá, com as pessoas de lá, mas daí insistindo eles vieram para ali.

A narrativa construída por Gilmar durante a entrevista aponta indícios de como a adesão ao CTG e à temática tradicionalista ocorreu também por meio de relações interpessoais, de participação em um espaço de convivência com parentes, amigos e colegas de trabalho, sem que de fato as pessoas partam de uma vivência campesina anterior, ou de locais que as definam como originárias do “campo”. De início, a participação de Gilmar no CTG ocorria por levar os filhos para participar dos ensaios.

Gilmar: A princípio foram eles que dançavam, aí depois com o tempo a gente foi mais se entrosando, eu comecei a participar no vocal, eu cantava, por um período, depois eu comecei a participar da dança, dançava.[...] Quando tem a invernada, os filhos participando, em aula, os pais estão sempre entrosados, conversando, tomando chimarrão, aquela coisa de jogar conversa fora, é mais ou menos dessa maneira.

Gilmar e a esposa participaram de alguns postos relacionados à diretoria do CTG: ela foi secretária e os dois foram coordenadores de invernada. Seus dois filhos participaram por

¹³⁶ O sogro de Gilmar Bristot é Alcidino Xavier, outro entrevistado nesta pesquisa. É importante apontar que não houve indicação de um sobre outro, sendo que a proposição para contatá-los partiu das lideranças dos CTG dos quais participavam.

vários anos dos grupos de dança e um tornou-se instrutor de dança em outro CTG. Gilmar participou do CTG entre 1995 até o momento da entrevista.

Realino Bertoldi, nascido em 1964 em Nova Petrópolis, veio para Caxias do Sul com três anos de idade, onde estudou e começou a trabalhar com 15 anos, numa empresa de móveis. Em 1984, passou a trabalhar na Frás-Te e em 1987, iniciou na Randon como auxiliar de eletricitista e se profissionalizou como eletricitista de manutenção de veículos na Randon Veículos, onde trabalhava até o momento da entrevista.

Realino iniciou sua participação no CTG, através do convite por meio de parentes e amigos também funcionários da empresa que já participavam do CTG, no início da década de 1990.

Realino: Foi em 93 para 94. 94 para 95 foi. A empresa sempre fez a Roda de Chimarrão, começou entre 91 e 92, nos já estamos na trigésima primeira, não me recordo bem¹³⁷, daí eu vim participar com um pessoal em 94 para 95. Minha esposa tinha uma prima, cujo esposo fazia parte do CTG, era o vice-patrão na época. Então ela conheceu, viu esta prima dançando num grupo, fazendo uma apresentação nesta Roda de Chimarrão, esta prima convidou ela pra virmos conhecer o CTG, e eu tinha um colega que trabalhava comigo lá na Veículos que também fazia parte do CTG, era um dos secretários daqui, e ele me disse: - Então vamos lá que eu vou te apresentar pro pessoal lá. E foi aonde eu comecei a conhecer a cultura gaúcha, a tradição da dança (ênfase), porque tem a parte da dança e a parte campeira, onde o pessoal laça, gineteia e coisa assim, e o CTG tem essas duas funções, e eu entrei na parte artística, na parte da dança que é onde eu estou até hoje, há vinte e dois anos já.

O depoimento de Realino indica que a realização desses eventos internos com temática tradicionalista voltados a um público amplo entre os funcionários da empresa de fato teve um papel importante no crescimento do número de pessoas ligadas de forma mais direta ao tradicionalismo na empresa. Pode-se deduzir que conferiram mais publicidade às atividades tradicionalistas entre os funcionários que não faziam parte do grupo, abrindo caminho para que aqueles que tivessem alguma predisposição em participar do CTG assim o fizessem.

Na narrativa de Realino sobre a forma como se dá a adesão ao grupo, percebem-se indícios contundentes da importância que as relações interpessoais, em especial as indicações de amigos e parentes, tiveram para que indivíduos se integrassem ao grupo – ainda que dentro

¹³⁷ Percebe-se um certo conflito quanto à data de realização da primeira Roda de Chimarrão apontada pelo entrevistado. Como a entrevista foi realizada em fins de 2014, naquele ano se comemorou a 31ª edição da Roda de Chimarrão, um evento anual, deve-se levar em conta *que o evento começou em 1985*, quando teve duas edições, conforme apontado pelo outro entrevistado, Adão de Oliveira.

do processo de luta por positivação e negatização de representações identitárias de diferentes grupos, os tradicionalistas, em 1995, ainda portassem certos estigmas dentro do universo simbólico local. Isto pode ser melhor compreendido quando o mesmo entrevistado demonstra que pouco antes de começar a participar de CTG, tinha certa ojeriza pelas representações pertinentes aos tradicionalistas:

Realino: Então eu vesti a primeira bombacha, saí correndo na rua pra ninguém me ver, [...] não quero que ninguém veja. E eu não sabia que aquilo era uma coisa anormal mesmo sendo normal, por que eu também tachava o gaúcho como bombachudo, como boi de bota, coisa assim na época, isso há 25 anos atrás.

Analisando o conjunto de narrativas obtidas através das entrevistas, percebe-se que os participantes do CTG mais envolvidos com as atividades, dispostos a despendem boa parte de seu tempo livre às tarefas inerentes à organização e manutenção do grupo e que participam dele por vários anos são candidatos naturais a ocuparem postos de liderança nos grupos. São os casos dos entrevistados anteriormente citados, Gilmar e Realino. Quando questionado sobre seu envolvimento com a diretoria do CTG, Realino aponta:

Realino: Sim, sempre envolvido, desde que eu entrei, acho que eu fiquei só por um ano apenas ensaiando e ia para casa, daí depois apareceu a oportunidade, fiz parte do departamento jovem do CTG na época, acompanhava e ia nas reuniões da 25ª Região Tradicionalista, de lá para cá eu comecei a fazer parte como coordenador de internada, coordenador de departamento cultural, fui tesoureiro do CTG também, fui vice patrão por sete anos com o patrão Leonel Vargas de Lima, depois fui patrão, e agora estou há quatro anos como vice patrão com o Paulo Brito.

No espaço temporal entre o início da década de 1990 até o ano de 2010, percebe-se um significativo crescimento do número de participantes membros do CTG, aqueles que como citado anteriormente, estão vinculados às atividades de dança. Tal época coincide com o período no qual Realino participa do CTG, visto que desempenhou várias atividades ligadas à coordenação do grupo, seu depoimento é esclarecedor quanto aos motivos que levaram ao incremento no número de membros.

Realino: Quando comecei a fazer parte do CTG, nós tínhamos uma média de, nós tínhamos quatro grupos de danças: mirim, juvenil, adulto e veterana. Não passava de 7, 8, 10 pares por grupo e dali pra cá, a gente ficou um tempo peleando nisso, porque a gente não conseguia crescer, não conseguia evoluir, o CTG era sempre quieto, calminho no canto dele, aí depois de um

certo tempo pra cá, depois que a gente mudou um pouco o nosso pensamento, [...] a gente trocou tudo, trocou instrutor, trocou músico, o CTG começou a crescer, começou a aparecer nos rodeios... Vamos dizer assim, começou a premiar, que é o que todo CTG procura hoje enquanto entidade. Claro que a gente vai para participar, para fazer o melhor que podemos, mas depois que a gente começou a aparecer mais nos eventos aí fora, o pessoal começou a se achegar mais. Hoje nós temos uma invernada com 18 pares. A invernada veterana está com 18 pares. A juvenil, que este ano foi o destaque do CTG, ganhou praticamente todos os rodeios em que a gente foi, está com 15 pares. Mirim estamos com 12 ou 13 pares. A adulta com 17 pares. Então a coisa cresceu bastante. Estamos com 150 dançarinos, fora os acompanhantes, como pais que acompanham os filhos na mirim e coisa assim.

Conforme Realino, o fortalecimento do CTG, através do incremento do número de dançarinos, só foi possível após a liberação de que não funcionários do grupo Randon pudessem participar do CTG. Desde que tal medida foi levada a cabo, ainda na década de 90, os participantes do CTG que são de fato funcionários da Randon tem se mantido em torno de quarenta por cento. Entretanto, a SER Randon exige que a diretoria seja formada apenas por trabalhadores da empresa.

Pode-se depreender do depoimento de Realino e no de Adão, o tipo de atividades à qual o CTG passa a destinar maior atenção: os concursos de danças em rodeios. A participação nos concursos de danças regionalistas assume a partir de fins da década de 1990, um papel central na organização dos departamentos artísticos dos CTG, e boa parte de suas atividades se voltam à obtenção de premiações em tais eventos.

A disputa por estas premiações e a valorização dos CTG dentro do meio tradicionalista em virtude de suas posições nos campeonatos é fruto da consolidação de uma grande estrutura de eventos e atividades vinculadas ao tradicionalismo no estado, sob a supervisão do MTG. O suporte e promoção destas atividades demonstra uma faceta dinâmica do MTG, que baseadas em competições e disputas entre suas entidades associadas, permitem motivação constante para participação dos indivíduos nos CTG e contínuo crescimento e relevância destes espaços. Vejo a contínua menção à importância da participação nestes eventos e atividades por parte deste CTG e dos outros que foram pesquisados, como será visto adiante, um êxito no estabelecimento por parte do MTG de um espaço de relações sociais, erigido em cima de uma tábua de valores específica, que define o posicionamento de diferentes agentes enquanto portadores de determinados recursos. Formou-se um subcampo das manifestações tradicionalistas institucionalizadas do MTG.

5.3 – O CTG Velha Carreta, de funcionários da Fras-le

O segundo CTG de funcionários de grandes empresas caxienses pesquisado foi o Velha Carreta¹³⁸. Sua fundação por um conjunto de funcionários da empresa Fras-le ocorreu em 1984, após alguns meses de articulação e movimentação destes em prol de tal intento.

Quando se contactou a diretoria do GTCN e se estabeleceu conversas a respeito da pesquisa, sobre a necessidade de se obter fontes para análise e de três pessoas para entrevistar que pudessem relatar sobre o início e a continuidade do grupo, o patrão e o vice-patrão encontravam-se em meio à organização da festa de comemoração dos 30 anos de fundação do grupo e haviam recentemente listado o nome de vários participantes importantes do CTG que seriam homenageados na ocasião. Em virtude de tais circunstâncias, houve por parte dos líderes a sugestão de quase uma dezena de indivíduos que poderiam ser entrevistados.

Seguindo o critério anteriormente mencionado, optou-se por três entrevistados cujas experiências com o CTG contemplassem largo período, para que pudessem através da entrevista, constituir narrativas sobre a história do CTG referentes a amplos recortes temporais.

O primeiro entrevistado foi José Antônio de Oliveira, o primeiro patrão do grupo e que assumiu papel central no processo de formação do CTG. José é natural de São Francisco de Paula, nascido em 1946 e passou a residir em Caxias do Sul aos 19 anos de idade. Por três anos trabalhou na Metalúrgica Eberle, em seguida por nove anos na Agrale e em 1978 passou a desempenhar suas atividades profissionais na Fras-le.

À época da fundação do CTG, José trabalhava como encarregado em um setor da fábrica responsável pela produção de embreagens, cargo que correspondente à chefia de um

¹³⁸ O Grupo Tradicionalista de Cultura Nativa Velha Carreta iniciou com o nome de Centro de Tradições Gaúchas Velha Carreta. A troca do nome se deu por ordem da diretoria do Clube Recreativo da Fras-le, que via na nomenclatura de CTG uma equiparação ou sobreposição deste em relação à CRF, ao qual deveria ser hierarquicamente inferior. De qualquer forma, sua estruturação e funcionamento interno são idênticos aos de um CTG.

setor. De acordo com José, no início da década de 1980 começaram as primeiras conversas entre alguns funcionários da empresa para a formação de um CTG¹³⁹.

José: [...] aí então começou aquela saudade das coisas e dentro da empresa a gente se identificava com aquelas pessoas que eram do interior e tinha as mesmas vontades. [...] E um dia eu tava passando na empresa e um colega me falou: – Vamos nós fazer isso aí . E eu respondi: – Mas de que maneira, nós não temos nem um gaiteiro, nem um instrutor pra começar! Mas ele disse: - Não, nós temos. Nós temos o Itamar Silva, que toca muito bem e temos o Teixeira, que era um instrutor, trabalha de instrutor de CTG. Daí eu disse: - Ah, mas daí já começa a mudar de figura. Aí conversamos ali entre essas pessoas que gostavam do gauchismo, e daí eu fui em busca. Minha primeira ideia foi falar com o Abelino Cardoso, que na época era um cara popular, e era patrão de CTG. Daí fui até a Rádio Caxias, que ele trabalhava lá, sabia a hora, daí ele me indicou para falar com o coordenador da 25ª RT, [...] ele me deu as coordenadas, o que eu devia fazer, quais eram os primeiros passos e tal.

José elenca o atavismo como um dos elementos motrizes da formação do grupo tradicionalista entre os funcionários ao apontar em sua narrativa que “*começou aquela saudade das coisas*¹⁴⁰ *e dentro da empresa a gente se identificava com aquelas pessoas que eram do interior e tinha as mesmas vontades*”. A partir disso, ao encontrarem dentro do próprio grupo de interessados indivíduos capazes de assumir posições fundamentais num grupo tradicionalista e contatar as instâncias regionais do MTG, abriram caminho para a fundação do CTG.

José: nós passamos na fábrica, pegando assinaturas pra fazer uma eleição e botar um nome no CTG e eu não tenho assim, certeza, foi anotado alguma coisa mas os caras acabaram perdendo meu caderno lá, mas eram cento e poucas pessoas que estavam envolvidas lá, um número bom. Daí fizemos a

¹³⁹ À época da fundação do CTG Velha Carreta, José de Oliveira era encarregado de setor, o que lhe permitia acessar também um número interessante de pessoas e estabelecer uma rede de relações importante. O amplo acesso a funcionários e a busca por informações sobre como proceder na montagem de um CTG com diferentes personagens do tradicionalismo na cidade, foram sem dúvida elementos importantes para justificar sua posição de primeiro patrão do grupo. Entretanto, embora não tenha revelado na entrevista, acredito que José era visto com bons olhos por parte da diretoria da empresa, na medida em que os diretores à época do Clube Recreativo Fras-le requisitaram-lhe que assumisse como primeiro patrão do grupo quando questionou sobre a possibilidade de se iniciar um grupo tradicionalista vinculado à empresa. Cabe mencionar que José foi eleito operário-padrão da Fras-le no ano de 1987, sendo destaque dentro do informativo bimestral de circulação interna da empresa (Figura 45 do Anexo B). Isto coloca o entrevistado como portador de um capital simbólico importante dentro do campo de trabalho no qual estava inserido.

¹⁴⁰ No diálogo da entrevista que antecede esta resposta, o entrevistado faz menção ao passado e à sua vida juvenil campesina e relata “*a saudade do traje de gaúcho, dos bailões, da convivência entre os gaúchos, daquele chimarrão, aquela pajada, aquela conversa*”, elementos sobre os quais se referem a estas “coisas” citadas neste trecho da narrativa.

eleição pra ver o nome do CTG e os mais votados pra formarem a patronagem do CTG. Primeira patronagem foi eleita direta pelo povo de dentro da fábrica. Mas antes disso, quando a gente estava se organizando, a gente foi falar com o presidente do clube recreativo na época, que era o Gilberto, pra ele ver se a empresa aceitava esse CTG dentro da empresa né, por que a gente não sabia se eles iam aceitar. Aí ele foi lá, falou na reunião de conselho, e os caras disseram que sim, não tinha problema nenhum. Então aí fizemos essa eleição, fizemos uma campanha dentro da fábrica pra arrumar os peões, as pessoas que se interessavam a dançar na invernoada, e em princípio, no início foi só dentro da fábrica. A gente encontrou uma dificuldade grande, tu sabe que a empresa era grande, mas arrumar gente pra dançar assim, até tinham boa vontade, mas nunca tinham dançado em uma invernoada...

Neste trecho da narrativa, considero que o destaque conferido ao caráter democrático da fundação do CTG e ao apoio inicial de um número significativo de funcionários pode desvelar traços gerais da narrativa que fora utilizada na busca em legitimar a reivindicação de formação do grupo junto às instâncias recreativas da empresa. De qualquer forma, o número de mais de cem apoiadores iniciais apontado por José é bastante significativo e o maior entre os CTG pesquisados quando relacionado ao processo de fundação. Justificam um processo relativamente rápido de identificação, formação e homologação junto ao MTG por parte do grupo em comparação com os outros CTG.

O apoio do Clube Recreativo Fras-le (CRF), entidade que congregava as atividades de lazer dos funcionários da empresa, também foi significativo, no sentido de possibilitar a participação em eventos e um espaço físico próprio para o CTG. Questionado se a empresa apoiou na construção do CTG, José aponta que:

José: Ela apoiou, dentro do possível né. Não que ela financiava tudo, mas ela deu uma boa mão, e aí os primeiros trajes que foram feitos para as invernoadas, cada um tirou do seu bolso e depois reembolsou algumas coisas, mas viagens, algumas coisas eles sempre apoiaram. Nós também tínhamos aquele galpão lá na sede. Na época ele era... Hoje ele foi bem remodelado, ele está melhor. O chão era de piso, então até pra fazer um baile era complicado. Mas daí através do CTG, com muita luta conseguimos o assoalho, a pista de dança no caso, que tem que ser de madeira.

Embora houvesse um apoio financeiro interessante por parte da empresa às atividades do CTG e à formação de uma estrutura física adequada para suas atividades principais, isso não significava a participação dos dirigentes da empresa nas atividades do CTG, como ocorria no caso da Randon. Para José, isso se justifica.

José: eles eram convidados, mas assim, em ocasiões muito especiais eles até iam, porque no início nossos ensaios eram dentro da fábrica. Arrumava uma sala aqui, uma sala ali, treinamento. Daí eles não participavam muito. Mas a gente entende por causa do seguinte: a diretoria da empresa, eles não tinham isso no sangue. É a mesma coisa que nós irmos lá para o Rio de Janeiro, chegar lá no Carnaval... Por exemplo, se eu montasse uma empresa lá no Rio de Janeiro, o pessoal lá ia formar um grupo, um bloco de carnaval, eu ia dar apoio porque eu gosto do... mas eu não ia participar, não é meu chão, eu não tenho isso na veia. Eu entendo esse lado. Não se via muito, eles não participavam muito. Eles até davam um apoio financeiro, às vezes com muita luta – a gente sempre achava que merecia mais, sabe como que é, mas eles prestigiaram através do tempo. A prova esta é que, eu até hoje me admiro do galpão que tem lá para ensaio do CTG, na parte de baixo – lá inclusive tem uma galeria com a foto de todos os patrões – imagina só, uma construção um prédio que não sai tão pouco dinheiro assim para construir. Houve um investimento que eles fizeram exclusivo para isso.

Em relação ao prestígio que a diretoria da empresa conferia às atividades do CTG, percebe-se uma leve contradição nos depoimentos de José. Em resposta a um questionamento anterior a este, ele apontou que “*as diretorias mandavam representantes, eles davam valor a isso aí*”. Como a citação direta transcrita acima foi em resposta a uma pergunta posterior e específica, deduzo que o pequeno lapso temporal em meio à intensa lembrança e discussão sobre suas atividades em um grupo tradicionalista do qual parou de participar a pouco menos de 30 anos, permitiu-lhe lembrar dos eventos e reelaborar seus apontamentos sobre o assunto. De qualquer forma, sua conclusão continua a mesma: de que a empresa, através de seus dirigentes, apoiou o movimento, e que a não participação nos eventos não significava falta de suporte, apenas que não comungavam do mesmo “*gosto*”, “*não tinham isto no sangue*”.

Tais apontamentos fazem sentido quando analisamos o direcionamento na construção da narrativa impetrado pelo entrevistado, na medida em que vê na ligação com o passado “campeiro” dos trabalhadores o motivo central da fundação do CTG e da participação das pessoas nestes espaços, algo que não se aplica aos proprietários da empresa, de descendência italiana.

Caberia problematizar sobre a possibilidade de transformação da perspectiva do entrevistado acerca dos eventos, em virtude da construção de sua narrativa basear-se no acesso a memórias submetidas a um amplo interregno temporal, possibilitador de reconstruções e reelaborações na imputação de significados a eventos do passado. Entretanto, ao analisar uma entrevista concedida pelo entrevistado publicada no informativo interno da empresa do terceiro bimestre de 1984, percebe-se uma linha discursiva semelhante à adotada

durante a entrevista para este trabalho. Questionado na ocasião sobre o porquê de “*criar um grupo folclórico gaúcho dentro da empresa*”, apontou:

Como todos nós sabemos, grande parte das pessoas que aqui trabalham são oriundas de regiões vizinhas, como Vacaria, Esmeralda, Bom Jesus, São Francisco de Paula e outras cidades onde os costumes nativos são muito mais difundidos e praticados do que aqui em Caxias, então todos nós temos uma carência muito grande de reviver nossas origens e tradições, por isso a ideia de criar um grupo folclórico aqui dentro, para que possamos manter acesa a chama do tradicionalismo que existe em nós.¹⁴¹

Destaco como a narrativa do entrevistado sobre os motivos da criação do CTG por parte de um grupo de funcionários da empresa coaduna-se com narrativas explicativas sobre o crescimento do movimento na cidade averiguadas no capítulo 4 por parte de líderes tradicionalistas, especialmente visíveis na década de 1990. Considerando que o entrevistado teceu tal relato em 1984, mais de seis anos antes destas narrativas de líderes organizadores da Semana Farroupilha serem publicadas em jornais locais de grande circulação, percebemos que tal criação de sentidos provavelmente teve um importante grau de espontaneidade, e o mesmo demonstrou sensibilidade em perceber e analisar os fenômenos sociais que o cercavam¹⁴². Em outro trecho da entrevista, José aponta mais uma justificativa para a formação do CTG e a necessidade de apoio da empresa às suas atividades, dentro de uma perspectiva de incentivo aos funcionários, motivacional:

José: E mesmo, eu acho que as empresas falam tanto em motivação, e o que que é motivação? É tu apoiar as coisas que o povo gosta. Porque uma empresa, dentro do chão de fábrica, o que move são as pessoas simples e aqui no Rio Grande do Sul, o pessoal não gosta só de CTG, mas é uma coisa que eles gostam.

Com o objetivo de minimizar a rotatividade e aumentar a produtividade da mão de obra, as empresas locais passaram a adotar políticas de gestão empresarial destinadas à valorização dos trabalhadores, tendo como uma de suas linhas de ação principais a realização de investimentos para promoção de atividades de lazer de funcionários em espaços aproximados da empresa. Visando a sua positivação simbólica frente ao corpo de trabalhadores, as empresas tomaram como base um discurso que versa sobre a importância da

¹⁴¹ FRAS-LE. *Informativo Interno*. Boletim 031, ano 07, maio/junho de 1984. Caxias do Sul. Figura 31 do Anexo B.

¹⁴² Deve-se mencionar que todos os participantes da diretoria inicial do CTG, da qual José foi o patrão, tinham sobrenomes não italianos, reforçando o caráter de migrante destes primeiros tradicionalistas.

motivação destes funcionários no desempenho de suas atribuições profissionais, emanado principalmente pelos empresários e funcionários de alto e médio escalão. Neste trecho da narrativa de José, vejo uma apropriação por parte dos trabalhadores deste discurso e um redirecionamento específico, próprio aos seus interesses de ação coletiva.

Embora tivesse um papel central na formação, criação e homologação do CTG, José participou de suas atividades apenas durante o período de sua incumbência como patrão, que foi de dois anos. A partir disso, acompanhou as atividades no CTG de forma afastada, embora tenha apontado em sua narrativa que deveria ter participado mais:

José: [...] sim, só, eu participei do início. Na verdade, eu fui a pessoa que foi atrás – claro que sozinho não se faz nada, peguei uns companheiros para me ajudar – mas quem deu os primeiros passos fui eu mesmo. Fui em busca e como eu tinha começado até me escolheram como patrão, o [...] disse na época que eles aprovavam a criação do CTG mas gostariam que eu começasse como patrão. Mas eu tinha um pouco de dificuldade porque minha família não era muito ligada, minha esposa estava grávida, com alguns problemas aí. Então na verdade eu penso que a minha contribuição foi em ter metido o peito e fundado o CTG juntamente com meus colegas. Eu lembro até hoje e tenho colegas da primeira patronagem que também falam, que eu disse assim: - Eu estou aqui para jogar a primeira semente na terra. Resta saber se vai cair em terra boa ou vai cair numa laje de pedra e vai morrer. Acho que caiu em terra boa porque até hoje existe o grupo.

A narrativa de José aborda com maior detalhamento o processo de formação do CTG, da organização inicial e dos dois primeiros anos de seu funcionamento. Entretanto, devido à sua parca participação na sequência, não avança no período das décadas seguintes. Para analisarmos o processo de construção de uma identidade regional tradicionalista neste espaço após a metade da década de 1980, utilizaremos como subsídio os depoimentos de Alcidino Xavier e Gervásio Padilha. Cabe apontar que à época da entrevista, Alcidino já apresentava idade avançada e relativa distância temporal em relação aos eventos sobre os quais foi entrevistado, o que dificultou a indicação exata das datas de alguns eventos. Entretanto, como Alcidino foi um dos entrevistados com o qual foi estabelecido contato prévio antes da entrevista gravada, algumas datas foram pesquisadas e anotadas pelo entrevistador para disponibilizar no dia da entrevista. Nas datas não precisadas por Alcidino, procurei cruzar com as datas de outros eventos a fim de se aproximar o máximo possível destes dados.

Natural de Casa Branca, distrito da cidade de Bom Jesus, onde nasceu em 1933, Alcidino Xavier de Oliveira mudou-se para Caxias do Sul em 1979, em virtude da pressão da

esposa que queria acompanhar os filhos do casal, que haviam fixado residência em Caxias do Sul.

Alcidino: O que me motivou foram os meus filhos, que precisavam trabalhar e estudar e naquela época em Bom Jesus era difícil fazer essas duas coisas, e aí eles começaram a vir pra cá, veio o mais velho, o segundo, e quando veio a filha, aí a minha mulher ficou querendo vir também por causa da filha. Eu não queria vir morar em Caxias, eu dizia pra eles que não vinha. Mas eles nunca desistiram, sempre me convidaram pra vir. Daí eu vim. A minha mulher, quando veio a filha e ela também começou a querer vir, daí eu tive que concordar com eles e vim.

Em Bom Jesus, onde residiu por 46 anos, Alcidino trabalhava como caseiro¹⁴³ em uma fazenda. Na sua narrativa, Alcidino aponta como viveu a “lida de campo”, algo que dentro das simbologias pertinentes ao tradicionalismo lhe conferia amplo reconhecimento dentro do grupo. Questionado sobre a vida em Bom Jesus, Alcidino apontou que:

Alcidino: Minha vida de campo? Foi boa. Fui criado no campo, lutando com gado, com cavalo – lutei muito com cavalo. Fui domador de potro, mas hoje infelizmente, não consigo mais nem montar num cavalo, mas novo eu fui domador. E minha vida de campo foi muito boa, depois casei, depois de casado fiquei 14 anos na fazenda de Boni.

Após se mudar para Caxias do Sul, Alcidino trabalhou por alguns anos como açougueiro em dois mercados distintos. Na segunda metade da década de 1980, em ano não precisado pelo entrevistado¹⁴⁴, Alcidino passa a trabalhar na função de guarda na Fras-le. Questionado se vivenciava outros espaços tradicionalistas antes de entrar na Fras-le, aponta que:

Alcidino: O tradicionalismo eu tive que abandonar um pouco, logo que vim pra Caxias, que eu lá sempre gostei muito. Inclusive eu fui um dos fundadores do (CTG) Presilha do Rio Grande, lá em Bom Jesus. E lá eu participava sempre do CTG. E aí quando vim para Caxias eu tive que abandonar um pouco por causa dos estudos dos filhos e eu trabalhando. Mas eu tinha o mais novo, que sempre, desde pequeno gostou muito do

¹⁴³ A função de caseiro remete às atividades de um capataz, um responsável por uma fazenda que ali estabelece residência geralmente acompanhado de sua família em edificação distinta à dos proprietários.

¹⁴⁴ Alcidino aponta que quando entrou na Fras-le, passou a participar do recém-fundado GTCN. O entrevistado anterior, que foi patrão nos dois primeiros anos do CTG, 1984 e 1985, não o conheceu. Cruzando com outras informações apontadas pelos entrevistados e pelo próprio Alcidino, pode-se supor que Alcidino passou a trabalhar na Fras-le em 1987.

tradicionalismo. Aí quando fui pra Fras-le, que tinha o CTG recém-fundado, o GTCN Velha Carreta, aí eu entrei lá [...].

Questionado sobre a história do GTCN e sobre a sua participação na entidade, Alcidino aponta em sua narrativa a satisfação no envolvimento com o grupo e sua ação frente a um momento de crise do GTCN, quando o patrão indisps-se com o grupo e as instâncias administrativas da empresa responsáveis pelo GTCN exigiram sua renúncia¹⁴⁵.

Alcidino: Foi, foi muito bom, tive muitos amigos, conheci muita gente, uns que trabalhavam lá, porque o GTCN, na época, só podia participar funcionários da empresa. Quem não fosse funcionário não podia participar. Então eu trabalhei muito lá, inclusive quando saiu um rapaz lá, que deu um problema com ele, que ele teve que abandonar o CTG e ele não queria. Aí o gerente ameaçou ele com o seguinte: - Ou tu faz eleição pro CTG e bota outro patrão ou então tu passa no escritório e pega tuas contas lá. Aí ele se obrigou né, porque se ele não fizesse, de qualquer maneira ele ia perder o emprego e perdia a patronagem porque só podia se fosse funcionário. Aí ele deixou pro capataz. E o capataz queria botar no quadro mural que o CTG tinha falido, que o GTCN Velha Carreta tinha falido. Aí eu disse: - Não, vamos trabalhar, vamos lutar! Aí eu fui no ecônomo da sede campestre, fui falar com ele e falei... Aí ele mandou eu fazer... Como eu era guarda e tudo que é coisa que é proibida na empresa é com o guarda, então o pessoal não olhava muito bem pro guarda... Mas como eu tive sempre lá, tinha bastante amizade lá, aí eu falei com o cara lá e pedi pra ele que eu queria falar com o gerente da CRF pra nós fazermos uma eleição.

Alcidino aponta que marcou um horário para conversar com o gerente do CRF a respeito da importância da manutenção do GTCN. Estabelecida a conversa, o mesmo lhe orientou a requisitar ao ecônomo da sede campestre que providenciasse um churrasco para 40 pessoas envolvidas com o CTG, dentre os quais se formaria um grupo para compor uma nova patronagem. No dia do churrasco, ao final da refeição e com a indefinição de indivíduos dispostos a assumir a liderança do grupo, o gerente da CRF que estava presente no local estabeleceu um processo simples para a escolha imediata de um novo patrão:

Alcidino: Aí disse: - O patrão não pode votar nem ser votado, mas os outros todos são candidatos. Aí começou a perguntar pra um e pra outro. Mas eles queriam muito que eu assumisse porque eu é que tava lutando, por isso é que até hoje eu chego lá a hora que eu quero chegar e me recebem, graças a Deus, muito bem.[...] . Eu saí com 4 votos na frente, como eles queriam muito que eu fosse patrão. Aí votavam pra cá, votavam pra lá, eram 40

¹⁴⁵ Os motivos de tal indisposição com o grupo foram relatados em momento posterior à gravação da entrevista, narrativa da qual não se possui autorização para serem reproduzidos.

peessoas. Aí tinha o tal de Amâncio. O Amâncio me perguntou, tava antes de mim, perguntou pra quem que ele votava, e tinha uma conversa lá que ele tinha vontade de ser patrão. Só na época o negócio do racismo existia muito forte, que hoje está proibido né. [...] Como ele era preto o pessoal ficava... Mas aí ele queria ser o patrão. Aí eu disse pra ele, levantei, pro pessoal ouvir que ele queria ser patrão né, digo: - Amâncio, o teu voto vale pra você e pode votar pra você mesmo, teu voto vale - e ele votou. Aí o pessoal, continuaram a maioria votando para ele. Aí elegeram o Amâncio.

A função de guarda, que exigia turnos de trabalho nos finais de semana, é apontada por Alcidino como o grande impeditivo para que assumisse como patrão, já que estes dois dias correspondem ao principal momento de reuniões, ensaios e bailes do GTCN. Entretanto, o que mais chama a atenção na narrativa supracitada são os reiterados apontamentos em relação ao fato de Amâncio ser negro e como isto era visto como um possível empecilho para que assumisse a posição de patrão do GTCN. Respondendo sobre a patronagem de Amâncio,

Alcidino: É, o Amâncio foi, assumiu e fez uma boa patronagem. Foi um bom patrão, o pessoal lhe queria bem. Pela razão de ser preto né, o pessoal achava que..., como que vai ser um patrão, logo de um CTG? Mas o pessoal respeitava ele, ele manteve a tradição.

Em todas as entrevistas realizadas, a única que contém menções relativas à cor dos indivíduos envolvidos nos eventos e processos históricos discutidos é esta sobre Amâncio. Neste sentido, é importante apontar que os discursos que compõem o ideário tradicionalista sinalizam a sociedade gaúcha como fruto de uma mistura de raças e com forte viés de integração dos diferentes povos que participaram da formação social do estado, tornando o racismo algo abjeto e contrário às suas premissas básicas.

Considero sintomático o fato desta única menção a respeito da questão da cor ter surgido com um entrevistado de idade avançada, cuja narrativa construída na entrevista não se apresentava como algo previamente estruturado, ou que demonstrasse intenção de direcionar seus apontamentos a perspectivas específicas sobre a história destes espaços. Alcidino foi entrevistado em dois momentos, sendo que no primeiro, quando não gerou entrevista gravada e transcrita, não mencionou esta situação com Amâncio.

Acredito que esta *falta de uma* (ou ao menos, *não-perceptível*) predisposição em direcionar suas narrativas de modo a estabelecer um significado específico a variados aspectos da história deste CTG, permitiu que o assunto emergisse na entrevista de Alcidino. Tal circunstância pode ser uma das causas explicativas para o fato de apontamentos sobre o mesmo assunto não surgirem nas narrativas dos outros entrevistados. Além de contrário ao

conjunto de representações do tradicionalismo, o racismo é atualmente malvisto e socialmente rechaçado, e menções a práticas do tipo formariam um relato desagradável sobre a história de espaços que os entrevistados valorizam e procuram positivar.

De acordo com Alcidino, durante o período da gestão de Amâncio, provavelmente na metade da década de 1990, o GTCN Velha Carreta tinha uma média de 100 membros, demonstrando que mesmo após as dificuldades na troca do padrão anterior, continuava com um número interessante de participantes.

O terceiro entrevistado relacionado ao GTCN Velha Carreta foi Gervásio Padilha. Natural de Refugiado, distrito do município de Vacaria e nascido em 1947, Gervásio deslocou-se para Caxias do Sul em 1966, tendo como motivo maior a busca por um “emprego bom”. Realizou cursos de torneiro mecânico em escola técnica do SENAI e logo começou a trabalhar em empresas do setor metal-mecânico, como Eberle e Agrale. Em 1975 entrou na Fras-le, onde desempenhou suas atividades profissionais até 1990.

Gervásio iniciou sua participação em entidades tradicionalistas locais no mesmo ano em que se estabeleceu na cidade, quando começou a participar dos grupos de dança do CTG Rodeio Minuano. Embora trabalhasse na Fras-le quando se iniciaram os primeiros movimentos em prol da fundação de um CTG dos funcionários da empresa, se manteve alheio ao processo por estar ainda envolvido com o outro grupo. Entretanto, relata que o início do CTG tinha um bom número de apoiadores e pessoas disponíveis a participar de suas atividades.

Ao contrário da precisão das afirmações relativas às datas em que iniciou e saiu das empresas em que trabalhou, Gervásio não especificou as datas em relação às suas diferentes formas de participação do GTCN em sua narrativa. Aponta que iniciou “*lá por 1980*”, embora a entidade tenha sido fundada apenas em 1984. Conversando com o entrevistado após o depoimento, chegamos à conclusão que foi alguns poucos anos depois da fundação do CTG, em 1986 ou 1987, que Gervásio começou a participar de suas atividades. Em pouco tempo, tornou-se padrão da entidade.

Gervásio: Quando eu entrei no CTG da Fras-le eu fui convidado para ser padrão porque eu trouxe um conhecimento lá do CTG Rodeio Minuano, de internadas artísticas. Eu até gostava mais de ser coordenador de internadas do que padrão de CTG, mas fiquei de padrão por três anos.

Nesse período inicial, o número de participantes do GTCN era pequeno em comparação com atualmente, mas superior em relação aos CTG de outras empresas. Em processo similar ao apontado no CTG Os Carreiros, do grupo de funcionários das empresas Randon, inicia-se uma diversificação das atividades do CTG com o passar dos anos, englobando funcionários interessados em participar de modalidades novas, o que leva à formação de um piquete de laçadores e novos grupos de danças ligados a diferentes tipos de dança e categorias etárias.

Gervásio: A gente começou com 30 pessoas e quando saí já estávamos em 50, só de participantes do CTG, das internadas. Depois foi aumentando porque a gente criou os piquetes de laçadores de vaca parada, inclusive a gente conseguiu um sucesso muito grande com o piquete, a gente conseguia troféus, bois de dois anos. Depois vendia, pegava o dinheiro e fazia a festa, com toda despesa paga por conta dos prêmios que a gente ganhava.

Em relação ao apoio da empresa para o CTG, Gervásio cita em sua narrativa que a empresa emprestava o salão onde o grupo realizava as festas e bailes nos quais arrecadava dinheiro para comprar as pilchas, bem como custear outras atividades. Também cita que o proprietário da empresa, Francisco Stédile, apoiava financeiramente o grupo em alguns momentos específicos:

Gervásio: No começo não, mas depois eles começaram a dar bastante apoio quando eles viram que as coisas ficavam mais alegres. No caso, até o seu Francisco Stédile abriu uma continha lá para comprar todas as pilchas para a internada mirim, começando desde a camisa até a espora. Seu Francisco Stédile fez isso para nós.

A narrativa de Gervásio demonstra de forma contundente o reconhecimento positivo pelo funcionário do ato do empresário adquirir indumentária para o grupo de dança infantil com a frase “*seu Francisco Stédile fez isso para nós*”, que no contexto da narrativa, finaliza uma ideia de crescente reconhecimento por parte do empresário das atividades do CTG¹⁴⁶. Creio que o trecho destacado da narrativa seja revelador do significado maiúsculo que um gesto favorável ao grupo por parte do empresário adquire para alguns funcionários. Demonstra como os empresários eram tratados por alguns com certa reverência, percebidos

¹⁴⁶ Pôde-se perceber no momento da entrevista mudanças na entonação e na forma de apontar tal informação que impregnaram a fala de maior significância e não podem ser traduzidas de forma integral através desta transliteração

como grandes personalidades locais. Detinham grande capital simbólico, muito em virtude de serem socialmente reconhecidos como portadores dos elementos positivados representativos da italianidade, sendo que atitudes favoráveis aos grupos eram percebidas por tais trabalhadores como um sinal de prestígio.

Nas narrativas de Gervásio e José¹⁴⁷, podemos perceber em variados momentos a importância que os rodeios e concursos assumiram para a crescente popularização destes espaços, para o crescimento dos grupos de dança e do interesse de pessoas de fora da empresa em participar deles. Como Gervásio refere-se ainda a eventos de fins da década de 1980, podemos perceber que tais atividades foram importantes para dinamizar as atividades dos CTG, na medida em que os inserem em um novo campo de relações sociais, como apontado em relação a outros CTG. Sem dúvida, tais atividades permitiram o fortalecimento dos grupos, acarretando em maior alcance social na valorização desta identidade regional.

Gervásio: As festas de rodeio, o pessoal novo começou a gostar, de participar dos concursos, o ENART, que já é uma dança um pouco diferente, mas o pessoal começou a se entrosar nisso aí, e isso aí foi muito bom, pra Caxias do Sul, pra nós como um todo que gosta do meio tradicionalista.

A partir da década de 1990, a adesão ao GTCN Velha Carreta tornou-se possível também a pessoas que não eram funcionárias da empresa Fras-le. Como nos outros CTG pesquisados, alguns anos depois desta medida, apenas entre 30 e 40 por cento dos membros do CTG eram funcionários da empresa, mas o número geral de inscritos aumenta bastante. O GTCN Velha Carreta, quando das entrevistas, era entre os quatro pesquisados aquele com maior número de membros inscritos e um dos maiores de Caxias do Sul, com aproximadamente 400 participantes, segundo informações de seus diretores.

5.4 – O CTG Marco da Tradição, de funcionários da Marcopolo

Nos anos iniciais da década de 1980, reuniões e jantares particulares de um grupo de amigos funcionários da empresa Marcopolo foram os momentos iniciais do que viria a ser o CTG Marco da Tradição, fundado oficialmente em 1987. Por volta de 1986, os membros do grupo passaram a se articular em torno da criação de um CTG vinculado à Associação dos

¹⁴⁷ Em trecho não transcrito anteriormente, José utiliza como exemplo do sucesso do grupo a conquista de prêmios pela participação em diferentes rodeios e concursos de danças.

Funcionários da Marcopolo (AFM), declarando como objetivo a “*divulgação do nome da AFM e proporcionar uma forma de lazer aos seus funcionários*”¹⁴⁸.

A aprovação por parte da AFM à proposta abriu margem para o grupo promover apresentações dentro da empresa, especialmente no refeitório, com o intuito de divulgar o grupo e atrair mais participantes. O grupo inicial, de cinco casais, tornou-se um pouco maior com a divulgação, chegando a oito casais e mais algumas pessoas, como músicos e instrutores de dança.

No mesmo ano se realiza a escolha do nome do CTG, conhecido até então apenas por CTG da Marcopolo, por meio de um concurso no qual todos os funcionários da empresa poderiam participar. O nome Marco da Tradição vence o concurso. O nome Marco faz alusão a “*começo, início de um CTG*”, que “*futuramente se observou que remetia ao nome da empresa*” e tradição porque se destinaria ao culto às “*tradições do Rio Grande do Sul*”.

Deve-se mencionar que as informações até então apontadas tem como fonte uma cronologia produzida pelo CTG e não por entrevistas. Conseqüentemente, considero que deve ser problematizada a informação de que o nome “*Marco*” do CTG foi utilizado pelo seu significado de “*começo, início de um CTG*” e apenas posteriormente à decisão de utilizá-lo se observou sua proximidade com o nome da empresa.

Destaco que os entrevistados mais antigos relacionados ao CTG vinculam-se a ele apenas na década de 1990. A dificuldade em encontrar pessoas que pudessem ser entrevistadas sobre a história inicial do CTG, vinculadas aos eventos da década de 1980, se deve ao falecimento de importantes lideranças iniciais e pelo fato dos grupos de participantes do CTG terem passado por duas rupturas relevantes. O grupo que protagonizou a primeira debandada fundou o CTG Aruá. Na segunda, em 2006, muitos de seus membros, incluindo alguns dos ocupantes de cargos na diretoria, filiaram-se a outro CTG voltado apenas às atividades campeiras, no qual os grupos de dança não existiam. Tal movimento gerou o departamento artístico do CTG Laço da Amizade, fundado em 2006.

Atualmente, o CTG Marco da Tradição está hierarquicamente subordinado à Fundação Marcopolo, instituição responsável pelo gerenciamento das atividades esportivas e de lazer oferecidas aos funcionários desta empresa, que contabiliza nas plantas fabris de Caxias do Sul em torno de oito mil funcionários.

¹⁴⁸ De acordo com histórico interno produzido e disponibilizado pela Fundação Marcopolo.

O acesso aos entrevistados iniciais se deu após questionamentos junto ao patrão do CTG no período das entrevistas, Dérico Pavian, contatado após buscar junto à Fundação Marcopolo indivíduos que pudessem oferecer depoimentos relativos à história do CTG. Dérico apontou que era mais ligado ao departamento campeiro, que não tinha conhecimento das pessoas com maior vinculação à história do CTG e que o patrão anterior a ele, que havia ficado oito anos no cargo, seria alguém que poderia indicar esses nomes.

O patrão anterior a Dérico, Valdoir Oliveira, foi o primeiro entrevistado entre os três vinculados ao CTG, mesmo que tenha sido aquele com experiência mais recente no CTG. Isto ocorreu em virtude da dificuldade em encontrar os outros, e por ter sido com ele que consegui os dados necessários para realizar uma seleção prévia e estabelecer contato com os entrevistados com experiências predecessoras no CTG. Este foi o único CTG em que ordenei as entrevistas desta forma. Nos outros CTG pesquisados, procurei entrevistar inicialmente aqueles com experiência mais antiga no CTG, objetivando melhorar a qualidade dos apontamentos, observações e questionamentos nas entrevistas vindouras através da relação com informações anteriormente disponibilizadas.

Valdoir Alves de Oliveira, nascido em 1964, é natural da cidade de Anita Garibaldi, no interior do estado de Santa Catarina. Deslocou-se para Caxias do Sul em 1990, após alguns parentes já terem se estabelecido na cidade. Agricultor até então, em 1990, em meio a algumas dificuldades enfrentadas na produção rural, Valdoir veio para Caxias visitar a cunhada quando ela o incentivou a trabalhar e se estabelecer na cidade. A mesma desempenhava suas atividades profissionais na Marcopolo, para onde o encaminhou a fim de realizar alguns testes. De acordo com Valdoir, naquela mesma semana ocorreu sua admissão funcional.

Valdoir iniciou na empresa como auxiliar de produção, mas foi trocando de posições dentro da fábrica através da especialização em determinados segmentos, por meio de uma série de cursos que a empresa disponibilizava internamente. No período da entrevista, Valdoir exercia a função de montador eletricitista.

De acordo com sua narrativa, após iniciar carreira na empresa, Valdoir também começou a participar das atividades de lazer voltadas aos funcionários e seus familiares, dentre as quais acaba entrando em contato com o CTG.

Valdoir: A Marcopolo é uma empresa que incentiva bastante atividades esportivas, de tradicionalismo, ela incentiva bastante. Meu filho mais velho, William Felipe, entrou na escolinha de futebol da empresa, que ela tem

também isso daí. Eu acompanhava ele e logo que a gente foi conhecendo mais essa parte da empresa, a gente foi entrando nas atividades que mais gostava. Tinha o Entrevero, uma festa de três dias que a empresa dá para os funcionários. Nesses dias eu sempre ajudava eles a montar acampamento, a fazer comida. O pessoal do CTG era bastante envolvido com essa festa, já tinha o CTG, mas eu não fazia questão de participar. Daí a minha filha, a mais nova que é a Evelyn, quando ela fez seis anos, ela já entrou no CTG, que é com essa idade que entram.

A participação da filha de Valdoir no CTG começou em 1998. Com o passar do tempo, ao levar a filha para os ensaios e apresentações, Valdoir foi convidado a participar do CTG junto com a esposa e, após alguns anos, decide se juntar às invernadas de dança. Valdoir aponta em sua narrativa o estranhamento ao utilizar a pilcha pela primeira vez:

Valdoir: Já fui comprando pilcha, já ia, no começo era tão... pra mim parecia tão difícil usar uma pilcha e coisa e tal e pensava: - Bah, mas eu vou usar pilcha mas não parece que é o que eu quero, mas foi indo, foi indo e...

De acordo com a narrativa construída pelo entrevistado, sua participação nas atividades do CTG ocorre paulatinamente. Na década de 1990, começa ajudando nos eventos que o CTG organizava e passa a participar com mais frequência quando sua filha ingressa na invernada mirim. Entretanto, no ano de 2006, quando Valdoir e sua esposa passam a integrar a invernada veterana do CTG, ocorre uma reviravolta na relação do entrevistado com o tradicionalismo. No mesmo ano, o CTG enfrenta uma debandada de seus integrantes do departamento artístico, que fundaram este departamento junto ao CTG Laço da Amizade. Conforme apontado por Valdoir, além dele e sua família, apenas mais “*seis ou cinco*” pessoas continuaram participando do CTG, que anteriormente tinha aproximadamente 150 membros.¹⁴⁹

Em decorrência desta situação, Valdoir foi alçado à condição de patrão do CTG em setembro de 2006. Em sua narrativa, aponta que apesar do desconhecimento em relação ao tradicionalismo como um todo e mais especificamente quanto às funções que lhe caberiam, permaneceu como patrão por oito anos, conseguindo no período reorganizar os grupos de dança.

¹⁴⁹ Segundo o próximo entrevistado, Antônio de Lima, a ruptura teria ocorrido em virtude da exigência por parte da Fundação Marcopolo de que se aceitasse apenas funcionários da empresa e familiares destes como integrantes do CTG. A rejeição a esta diretriz, que caso acatada implicaria a saída de um grande número de participantes, teria levado a este movimento dos membros de formarem um novo departamento artístico.

Valdoir: Olha, eu entrei de patrão sem conhecer nada e saí assim também (risos)... não sem conhecer. Claro, eu tive muito apoio de toda turma. Eu fui um cara assim... eu acho que fiz uma coisa boa porque, não que eu conhecesse, mas eu pedia muito a opinião pra eles, pra todo mundo eu pedia opinião, vamos fazer isso, aquilo, por que eu não conhecia muito dessa história de tradicionalismo, eu não conhecia muito. E fui batalhando, trazendo pessoas, e convidando e... montamos.... quando eu comecei nós não tínhamos nenhuma internada e eu saí com todas as internadas, mirim, juvenil, adulta e a veterana.

De acordo com a narrativa do entrevistado, a 25ª Região Tradicionalista, instância da estrutura hierárquica do Movimento Tradicionalista Gaúcho imediatamente superior ao CTG, lhe disponibilizou importantes orientações.

Valdoir: Ajudaram, deram instruções, eu sempre pedia bastante, eu sempre pedia apoio pra eles e conversava com eles bastante, uma estrutura bem organizada. Nós, pra fazermos os concursos de prendas e peões internos, a gente ia lá e pedia o apoio para eles e eles apoiavam.

O apoio da 25ª Região Tradicionalista apontado por Valdoir é revelador de como esta instância do MTG optou por dar suporte para manter tais grupos, mesmo que liderados por alguém com pouco reconhecimento sobre o tradicionalismo. Considero que tal postura do MTG evidencia sua busca por disseminar o tradicionalismo, sua identidade regional e seu conjunto de representações mesmo que, em certos casos, implique pouca espontaneidade popular e sem grande aprofundamento e discussão sobre as temáticas de seu ideário.

Na sua narrativa, Valdoir aponta que tomou algumas medidas no sentido de aumentar o número de integrantes do CTG. A principal foi a insistência com a Fundação Marcopolo para que voltasse a permitir a participação de não funcionários da empresa no espaço. Questionado sobre essa composição de funcionários e não funcionários, apontou que:

Valdoir: Era meio a meio, como é agora. Agora também é meio a meio. É porque quem é funcionário às vezes participa de outro CTG e não gosta de participar do CTG da empresa, já está ligado a outras pessoas, então hoje é meio a meio. E pra manter o CTG na época, eu tive que falar para eles: - Olha, pra mim manter o CTG e aumentar seu número de participantes, nós teremos que aceitar pessoas que não sejam funcionários, até porque eles me pediram que aceitássemos só funcionários. Não temos condições. Nós pedíamos pras pessoas e elas diziam que já estavam em outros CTG.¹⁵⁰

¹⁵⁰ No depoimento de Valdoir podemos encontrar um suporte à versão de Antônio, que virá adiante, quando aponta que *eles* (Fundação Marcopolo) haviam lhe pedido que aceitassem apenas funcionários da empresa.

Observa-se nas narrativas de Valdoir e dos outros entrevistados que assumiram posições de liderança nos CTG uma busca permanente pelo aumento do número de participantes destes espaços. Considero que um dos principais motivos para esta linha de ação seja a busca por competitividade na participação dos diferentes concursos de dança e de premiações individuais nos rodeios e variados eventos tradicionalistas. Isto reforça como o estabelecimento deste campo de relações de disputas organizado e regado pelo MTG foi fundamental para aumentar o alcance social destas entidades tradicionalistas, levando intrinsecamente a uma popularização do apego à identidade tradicionalista relacionada aos constructos presentes no ideário do movimento.

Durante a patronagem de Valdoir, os eventos promovidos pelo CTG, bem como o período de inscrições para participação nas invernadas eram publicados através da intranet da empresa e de murais, principais canais de comunicação das ações da Fundação Marcopolo com os funcionários. De acordo com o entrevistado, a divulgação era bem executada, afirmando que “*só não participava do CTG quem não queria*”. Do ponto de vista financeiro, o apoio da empresa às atividades do CTG é reconhecido por Valdoir como fundamental. Ele cita seu próprio exemplo:

Valdoir: Ela sempre apoiou, ela tem as entidades que ela sempre apoia. Tem o CTG, o piquete de laço, o futebol, ela sempre apoiando. Por que é caro, é caríssimo manter um CTG sem apoio. Eu por exemplo, nós éramos em quatro na família. Nossa, o custo é alto, e se a gente não tem uma parte custeada, se tornava bem...

Embora ultrapasse o recorte temporal proposto, cabe apontar que ao fim do mandato de Valdoir, em 2014, o CTG Marco da Tradição já contava com cerca de 200 participantes.

O segundo entrevistado relacionado ao CTG é Antônio Carlos de Back Lima, patrão entre 2005 e 2006. Nascido em 1964 em Vacaria, fixou residência em Caxias do Sul em 1985, na busca por oportunidades profissionais. No mesmo ano iniciou sua trajetória profissional na Marcopolo como montador de acabamento, empresa em que trabalhava até o momento da entrevista como controlador de materiais.

A relação de Antônio com o CTG dos funcionários da empresa não ocorreu logo em seus primeiros anos de atividade profissional, época que coincide com o surgimento do CTG. De fato, o entrevistado passa a frequentar o espaço por volta de 1997, quando lhe convidaram a inscrever sua filha na invernada mirim do CTG que então contava com cerca de 100 participantes.

Antônio: Primeiramente eu entrei por causa dela, como companhia, pra frequentar, sair no final de semana, a gente ter alguma ocupação fora. Aí a gente colocou ela lá com a intenção de que ela aprendesse e a gente também se enturmasse lá com o pessoal. Aí a gente começou a fazer parte de um grupo muito bom, daí começamos a trabalhar na parte das invernadas, coordenação, ajuda com o pessoal, na comissão, e a gente foi gostando tanto que a coisa foi crescendo e crescendo até o dia em que chegou a oportunidade, em que eu tive que entrar para a patronagem.

Na narrativa que constrói, Antônio não mitiga a importância do caráter social que o CTG assume, inclusive apontando que anteriormente ao seu ingresso no CTG, tinha escassa relação com o tradicionalismo. A inserção de Antônio no CTG da empresa em que trabalha é comum a alguns entrevistados, demonstrando como estes grupos angariaram adeptos não apenas por identificarem-se com o modelo identitário e com as representações relacionadas ao tradicionalismo que veiculam, mas por configurarem-se como importantes espaços de sociabilidade. Neste caso, em relação aos funcionários de empresas, apoia-se sobre uma sociabilidade preexistente, fabril, da relação de colegas de trabalho, facilitando a inserção de novos membros. Um demonstrativo da importância que tais espaços assumiam para seus participantes pode ser percebido pela afirmação de Antônio de que a vivência no CTG se destacava como a principal atividade social de seus membros.¹⁵¹ Percebe-se também no depoimento de Antônio como esta vivência no CTG era percebida como algo prazeroso para seus participantes, ao designar que era um “*grupo de muita amizade, muita união, pessoal trabalha, todo mundo tem funções, tarefas, todo mundo ajuda.*”

Antônio passou a fazer parte da “*patronagem*”, como “*agregado das pilchas*”, ou tesoureiro, no ano de 2003. Desempenhou esta função até 2005, quando se tornou patrão do CTG¹⁵². Nesse período, houve um crescimento no número de participantes do grupo, passando de 100 a 120 pessoas em 2003 para 150 entre 2006 e 2007, quando já contava com todas as invernadas completas.

O depoimento de Antônio também traz importantes indícios do suporte financeiro que a empresa oferecia ao grupo através da Fundação Marcopolo:

¹⁵¹ Durante a entrevista, Antônio respondeu de forma afirmativa quando questionado se percebia que a participação no CTG era a principal atividade social dos integrantes deste grupo.

¹⁵² Há um desencontro de datas entre as afirmações retiradas das fontes. Antônio aponta que iniciou como patrão em 2005, o histórico da Fundação Marcopolo aponta 2006 e Valdoir aponta anos anteriores. É uma data difícil de precisar. Suponho que tenha sido antes da debandada apontada por Valdoir.

Antônio: A empresa apoiava com um valor X. Daí o grupo tem que batalhar pra conseguir mais, por que este valor que eles dão, ele não... como que eu vou te explicar? Para o ano todo, o pessoal tem que fazer o baile, o pessoal tem que ajudar a pagar as passagens, o transporte quando nós íamos para fora também tinha que ajudar a pagar. A comida... a entidade entrava, o CTG entrava, a Fundação dava. Aí a gente fazia uma vaquinha para dividir o transporte.

Da mesma forma que entrevistados dos outros CTG pesquisados, Antônio aponta que as instituições da empresa vinculadas às atividades destinadas aos funcionários destinavam um valor fixo importante, mas insuficiente para custear todas as atividades nas quais o grupo se envolvia. Para comporem os valores necessários a todas as despesas, realizavam bailes e festas em que o lucro obtido permanecia com o CTG, ampliando a ajuda de custo às atividades mais onerosas, como viagens para participação de membros em concursos e rodeios.

De acordo com a narrativa de Antônio, o apoio ao CTG Marco da Tradição por parte da empresa não se dava apenas pela via institucional, através da Fundação Marcopolo, mas também por parte de um dos proprietários da empresa, Valter Gomes Pinto¹⁵³.

Antônio: Ele promovia o CTG levando para apresentações na comunidade, como as quermesses. E a gente conseguia mais alunos ali. Foi aonde ele começou a pegar o pessoal de fora, não só o pessoal de dentro da empresa. Tinha o pessoal de fora que daí foram se apegando ao CTG.

O apoio de Valter às atividades do CTG também foi relatado por Valdoir em conversa informal além da entrevista gravada e transcrita. De acordo com Valdoir, Valter Gomes Pinto era amigo pessoal do tradicionalista Paixão Côrtes e pediu para que sua esposa, Marina Côrtes, desenhasse modelos de vestido a serem utilizados pelas integrantes das internadas artísticas do CTG Marco da Tradição. Valdoir também aponta que entre os proprietários da empresa, Valter era aquele que eventualmente visitava as atividades em que o CTG estava incluso.

Da mesma forma que nas narrativas dos entrevistados dos CTG anteriormente mencionados, encontramos nas narrativas de Antônio e Valdoir uma valorização do apoio do empresário às atividades dos tradicionalistas, algo aproximado a uma conferência de prestígio ao grupo por parte de alguém positivado simbolicamente. Destaco que quanto às narrativas

¹⁵³ À época, um dos três principais acionistas e diretores da empresa, junto com Paulo Bellini e José Fernandes Martins.

dos entrevistados deste CTG, as menções se demonstraram menos laudatórias, mais comedidas em comparação àquelas encontradas nas narrativas de participantes de outros CTG pesquisados.

Após o período em que desempenhou a função de patrão, Antônio se afastou do CTG. O final do seu mandato coincide ao período da debandada de integrantes do CTG Marco Tradição para formarem o departamento cultural do CTG Laço da Amizade. Antônio, entretanto, não participou do outro CTG, apontando que apenas visitava o grupo esporadicamente.

A terceira entrevista relativa ao CTG foi também a última entre todas as entrevistas realizadas para elaboração desta pesquisa. Enquanto deparava com dificuldades para marcar um encontro para entrevistar o último indivíduo relacionado a este CTG, percebi uma característica constante no perfil de todos os entrevistados até então: todos eram do sexo masculino, mesmo que o rateio de participantes entre homens e mulheres nestes espaços seja praticamente meio a meio.

Tal prevalescência pode ser explicada por circunstâncias que cercam os CTG pesquisados: foram fundados e são voltados aos trabalhadores vinculados à área da produção fabril metal mecânica de grandes empresas, que no espaço e tempo pesquisados eram em sua esmagadora maioria, um público formado por homens¹⁵⁴ e estão submetidos ao ideário tradicionalista, cujas principais representações concernentes a um tipo ideal do ser gaúcho remete a uma figura masculina.

Entretanto, penso que tais circunstâncias não justificam a ausência total de um depoimento por parte de uma mulher para se pensar a história destes espaços. De fato, é impossível pensar na constituição dos CTG sem a presença feminina, seja pela necessidade básica de formar casais para as invernadas de danças, ou em virtude do caráter familiar que o espaço assume. Considero que por estarem presentes e atuantes com praticamente a mesma proporção numérica que os homens, era necessário dar voz às mulheres, mesmo que isso significasse não seguir o critério anterior de entrevistar pessoas recomendadas pelos dirigentes dos CTG.

¹⁵⁴ Embora sejam espaços caracterizados pela presença de familiares destes trabalhadores tradicionalistas e da necessidade da composição de casais para formação dos grupos de dança, fatores que geram praticamente uma equidade na quantidade de homens e mulheres, deve-se ressaltar que o elo principal entre os participantes destes grupos é a relação de colegas de trabalho, o que os coloca como aqueles que detêm maior capital social e rede de relacionamentos melhor estabelecida nestes espaços. As mulheres iniciam sua participação nestes espaços geralmente na condição de filhas ou esposas destes.

Desta forma, o terceiro depoimento sobre o CTG foi obtido com Bruna de Lima, filha de Antônio e participante de grupos de dança tradicionalistas desde a infância. Nascida em 1991, em Caxias do Sul, Bruna começou a participar do CTG Marco da Tradição com seis anos de idade, influenciada inicialmente pelo seu professor de dança na escola regular, que também era professor no CTG Marco da Tradição. Pelo fato do seu pai ser funcionário da empresa e já ter recebido convites para levar a filha nos grupos de dança mirim, seu pai e sua mãe decidiram por inscrevê-la no grupo do CTG, do qual começaram paulatinamente a participar.

Bruna participou dos grupos de danças do CTG Marco da Tradição até 2007, participando depois do CTG Laço da Amizade e do CTG Rincão da Lealdade. À época da entrevista, participava do CTG Os Carreiros.

Questionada sobre o que a motivou a participar de CTG, Bruna apontou em sua narrativa:

Bruna: [...] o que eu vejo é que quando se inicia pequeno, criança, os pais querem que os filhos cresçam num ambiente familiar, sabendo conviver em grupo e tendo amizades. Quando a gente vai crescendo, o nosso foco vai se voltando mais para a dança, talvez mais para se esforçar, pra buscar algo que a gente quer, como um troféu, essas coisas, mas o que mais motiva mesmo é o sentimento de gostar – além de ser um sentimento cultural, que a gente vem aqui no Rio Grande do Sul sempre tendo muito orgulho de cultivar as tradições – acho que também é mais de tu gostar do que tu está fazendo, como qualquer outro esporte, como qualquer outra coisa que a pessoa gosta e se dedique.

Integrante de uma nova geração de participantes dos CTG em relação aos outros entrevistados, Bruna demonstra como as atividades de declamação e de danças individuais e coletivas, comuns em rodeios e outros eventos, gerou uma nova e importante dinâmica de disputas que reforça a adesão das pessoas a estes espaços, especialmente em relação aos mais jovens. O apego às representações de uma identidade regional sul-rio-grandense mantém-se integrado a estas atividades, seguindo dentro do regimento do MTG a reprodução de representações e discursos através das coreografias, interpretações do cotidiano e eventos da história do Rio Grande do Sul, incorporados às atividades de danças, declamações e trovas. Tais atividades integram também os participantes mais antigos, agindo como um reforço para a manutenção e crescimento do grupo de participantes.

Na narrativa construída durante a entrevista, Bruna menciona a importância do caráter familiar do CTG para a “*formação de uma pessoa*”. Destaco como tal apontamento é

recorrente entre os entrevistados, demonstrando a importância que esta “função social” percebida pelos integrantes dos grupos teve no crescimento de seu número de participantes.

Bruna: Acho que cultivar a amizade em si não é só dentro do CTG, mas acho que ele acaba proporcionando um ambiente familiar, que a gente convive mais com as pessoas lá, mesmo que seja para um compromisso, sejam horas de ensaio, a gente acaba tendo uma convivência maior, com isso a gente acaba criando uma segunda família e talvez criando um ambiente mais propício pra isso, mas não que o CTG seja o único local, mas um local importante, uma influência muito importante pra formação de uma pessoa.

Percebe-se na narrativa de Bruna certa relativização da importância que o CTG assume enquanto espaço de vivência social para os integrantes mais jovens em relação aos outros entrevistados, todos pertencentes a uma geração anterior e oriundos de outras cidades. Vários fatores explicam tal diferença, mas principalmente a falta de relações sociais inerente ao migrante, que tem no ambiente de trabalho um espaço propício para integração e criação de laços sociais novos, levando os CTG a assumirem um papel de grande importância para estas pessoas. Considero também de grande importância para esta relativização dos CTG pelos mais jovens o fato de suas experiências de vida estarem mais próximas a um espaço temporal no qual se observa um fenômeno global de pluralidade identitária. Nele o mesmo indivíduo se associa a diferentes tipos de identidades culturais sem que isso incorra em uma contradição problemática – no caso dos participantes de CTG, a identidades sociais ligadas a elementos rurais e urbanos ao mesmo tempo.

Outro diferencial do depoimento de Bruna em relação aos de outros entrevistados deve-se ao fato dela poder apresentar, sob uma perspectiva feminina, as dinâmicas que envolvem as questões de gênero nos CTG. Quando questionada sobre as diferenças entre homens e mulheres quanto a ocupar cargos de coordenação nos CTG, Bruna aponta que:

Bruna: Sim, ela está na mesma posição que o homem, hoje a patroa do CTG, a função dela, administrativa e coordenadora é tão importante quanto a do patrão, eles trabalham juntos, é uma patronagem, todo mundo trabalha junto, a gente tem a nossa tesoureira que é uma mulher. A gente tem a patroa que está sempre presente com as internadas, não só na questão da dança mas também da administração, a gente tem as nossas mulheres da cozinha que sem elas a gente não comeria nos rodeios e a gente tem a nossa instrutora de dança, a nossa professora de dança, hoje não é só o homem que coordena uma internada, ele tem a ajuda de uma mulher, que é quem dá as diretrizes pras outras mulheres dançarem.

Embora nenhuma mulher tenha sido indicada para ser entrevistada sobre a história dos CTG ou mencionada nas entrevistas como relevante para a formação e manutenção dos grupos, e que tenha encontrado entre os CTG pesquisados apenas duas exercendo funções junto à patronagem, é interessante o depoimento de Bruna no sentido de apontar a importância destas para o funcionamento dos CTG, seja em cargos diretivos ou em tarefas cotidianas. Percebe-se no trecho destacado por duas vezes a menção à palavra “*hoje*”, no sentido de atualmente, procurando demonstrar uma configuração recente desta situação, fruto de uma mudança em relação ao passado destas instituições.

Nas narrativas produzidas pelas outras entrevistas, encontram-se pouquíssimas menções aos papéis desempenhados pelas mulheres. Levando em consideração as circunstâncias intrínsecas à formação destas entidades, como a prevalescência masculina no espaço fabril das empresas em questão e o ideário tradicionalista centrado na figura masculina, não surpreende que na constituição da memória dos entrevistados acessada por meio das narrativas das entrevistas, o espaço dado às mulheres seja exíguo, praticamente acessório.

Ao apontar em sua narrativa que a mulher “*está na mesma posição que o homem*” e citar exemplos neste sentido, considero que a entrevistada visa a desassociar a pecha de machista imputada aos CTG e ao tradicionalismo, algo mencionado com recorrência em análises críticas efetuadas sobre o tradicionalismo em geral. Como ocorrido com outros entrevistados, sua narrativa direciona-se no sentido de estabelecer uma versão com pouca margem para analisar as dissensões e incongruências destes espaços – uma escolha plenamente compreensível, tendo em vista que em tais grupos se encontra sua experiência pessoal e de seus próximos.

5.5 – O CTG Sinuelo, de funcionários da Mundial

Dentre os quatro CTG pesquisados, o Sinuelo é aquele cuja inscrição junto ao MTG é a mais recente entre todos, ocorrida em março de 2003. Entretanto, a formação de um grupo de funcionários voltado a atividades tradicionalistas remete a julho de 1986, quando é formado o Grupo Nativista Sinuelo.

No período compreendido entre 1986 e 2003, o Grupo Nativista Sinuelo¹⁵⁵ passou por momentos de intensificação, interrupção e ressurgimento de suas atividades com grupos de dança. Penso que tal oscilação relacione-se principalmente a uma intensa rotatividade de funcionários, causada pelas dificuldades financeiras enfrentadas no período pelo grupo Eberle, caracterizado pela diversidade na produção de itens relacionados à fundição de metais¹⁵⁶, que foi paulatinamente desmembrado em outras empresas de acionistas majoritários diversificados, como Metalcorte, Grupo Voges e Mundial. Isso incorreu em demissões e readmissões constantes no período, dificultando a formação de grupos duradouros de colegas de trabalho¹⁵⁷. Devido a isto, mesmo que esteja relacionado de forma direta à empresa Mundial, principal herdeira das atividades da Eberle, o CTG compreende funcionários de empresas diferentes, antigamente pertencentes à Eberle.

Já observamos que a Metalúrgica Abramo Eberle era uma das empresas mais antigas de Caxias do Sul, tendo iniciado suas atividades ainda em fins do século XIX e reunindo em seu ápice – décadas de 1940, 1950 e 1960 – aproximadamente uma dezena de milhar de funcionários, dividindo suas operações em várias unidades fabris espalhadas pela cidade. Desta forma, o surgimento de um conjunto de trabalhadores interessados em formar um grupo tradicionalista apenas durante a década de 1980 nesta empresa que continha uma grande massa de trabalhadores durante todo o século XX, junto às informações das datas de formação dos outros CTG de empresas pesquisados, demonstra como podemos localizar com segurança, no último quartel do século XX, a popularização do tradicionalismo na cidade.

Tal informação torna-se ainda mais importante quando recordamos que o principal acionista da empresa em meados do século XX, Júlio Eberle, era próximo de grupos tradicionalistas e com participação relevante nas celebrações da Semana Farroupilha. Considero que a explicação para o não surgimento de um grupo tradicionalista entre os funcionários da empresa em tal época se deve a um conjunto de fatores: o fato dos funcionários da empresa possuírem um perfil social diferenciado, a maioria de descendência italiana, e não de migrantes de regiões próximas de características campeiras, elemento importante e perceptível na formação destes grupos mais recentes; a relativamente baixa

¹⁵⁵ Em relação à lida campeira, a expressão *sinuelo* refere-se ao gado manso que serve como guia do gado bravo, de comportamento arreado. Considero que tal nomenclatura ao CTG faça menção ao caráter de estabelecimento de normas e de civilidade próprio a estes espaços.

¹⁵⁶ Seus itens produzidos concentraram-se em botões de roupas, talheres e motores elétricos.

¹⁵⁷ Mesmo com a troca de proprietários das empresas, percebe-se que foi comum a manutenção dos funcionários inclusive daqueles ligados às posições de chefia e coordenação de alguns setores, o caso dos três entrevistados relacionados a este CTG.

visibilidade conferida ao tradicionalismo pela mídia, alcançando menor positividade no universo simbólico caxiense do que nas décadas de 1980 e 1990; e o caráter razoavelmente elitista do tradicionalismo em Caxias do Sul em suas décadas iniciais, resultando em baixa capilaridade e número reduzidos de CTG.

Os entrevistados relacionados ao CTG foram selecionados de forma similar aos abordados anteriormente. Após estabelecer conversas com a diretoria atual da entidade, foi explicado o tema, os objetivos da pesquisa e a importância de entrevistar três pessoas estreitamente vinculadas ao CTG e com significativo conhecimento de sua história. Os nomes que emergiram rapidamente foram de Zanildo Barbosa do Nascimento, relacionado ao início do grupo nativista e patrão de honra; Roni Martins, primeiro patrão do CTG e que permaneceu na função por seis anos consecutivos; e Gilmar Zillioto, segundo, último e patrão do CTG à época das entrevistas. Devido à sua breve existência e longo tempo de atuação dos entrevistados junto ao CTG, basicamente todo o espaço temporal de existência do CTG esteve sob a liderança de um dos entrevistados.

O primeiro deles, Zanildo Barbosa do Nascimento, esteve envolvido com manifestações tradicionalistas em Caxias do Sul desde o início da década de 1960, quando fixou residência na cidade. Nascido em Tupanciretã, em 1944, ainda na infância Zanildo e sua família se transferiram para Santo Ângelo, principal núcleo urbano da região das Missões. Após concluir o “ginásio”, servir no Exército e desempenhar atividades profissionais mal remuneradas em Santo Ângelo, Zanildo desloca-se para Porto Alegre com o objetivo de se inscrever na seleção para a Brigada Militar, na qual ingressa ainda em 1964. Entre 1964 e 1965, Zanildo fixa residência em Porto Alegre e passa a cursar a Escola de Bombeiros da Brigada Militar. É ainda em Porto Alegre, no departamento tradicionalista de um clube de subtenentes e sargentos, que Zanildo passa a ter contato com o tradicionalismo. Na narrativa construída durante a sua entrevista, Zanildo aponta alguns motivos para a participação nos espaços tradicionalistas:

Zanildo: [...] essas pessoas que vinham do interior para matar a saudade, se direcionavam aos centros de tradições. Porque lá eles viam o quê? Pelo menos uma fotografia de uma carreta, de uma carroça, de um cavalo, e o pessoal falava o linguajar lá de fora, então era uma forma de comunicação, se comunicavam muito mais facilmente, tomavam chimarrão...

Entretanto, aponta que a adesão ao tradicionalismo gerava certa contrariedade:

Zanildo: É, não era tão fácil. Não se usava bombacha, lenço era muito difícil e era só quando ia pra festa. Muita gente ainda nessa época, quando participei ainda em 1965, muita gente ia para o CTG de ônibus, até porque nem todos tinham posses. Então faziam uma sacola, botavam ali as botas, tudo, iam de cola fina. Chegavam lá, iam para o banheiro, trocavam de roupa, botava bombacha, daí quando saíam trocavam tudo de novo... Por quê? Porque não era tão bem aceito, era chamado de grosso. – Olha, lá vai o grosso velho!

A narrativa construída por Zanildo aponta que em 1965, o tradicionalismo apresentava-se como um movimento socialmente setorizado, vinculado aos migrantes das regiões rurais e campesinas do estado que se deslocavam para as cidades. Percebemos que a narrativa do entrevistado compõe um cenário similar daquele relatado por Barbosa Lessa (1985) quando aponta sobre as motivações iniciais para formação de um movimento de resgate da cultura campeira dos habitantes do Rio Grande do Sul.

No início do ano de 1966, após concluir os cursos preparatórios, Zanildo foi transferido para o Corpo de Bombeiros de Caxias do Sul, que havia se tornado de competência do governo estadual. Em pouco tempo, começa a participar dos grupos envolvidos nos eventos comemorativos da Semana Farroupilha desta cidade:

Zanildo: Eu cheguei em 1966, fevereiro. Já em setembro tinha desfile, então eu já tinha feito uns contatos com os de bombacha, né. Aí eu até participei do desfile a cavalo, tinha o desfile a cavalo pelo 20 de setembro da Semana Farroupilha. [...] Na década de 70, eram só os de bombacha. Então tinha, na época que eu cheguei, eles faziam a Ronda Crioula, que era como se chamava, se acendia um lampião e o pessoal montava guarda, os cara de bombacha [...] Então ali me entrosei com um pessoal, os primeiros que eu conheci foram do CTG Rodeio Minuano, depois me entrosei um pouco com o pessoal do Tropeiro do Rio Grande e acabei participando no CTG Paixão Côrtes.

A identificação inicial de Zanildo com “*os de bombacha*” demonstra como em fins da década de 1960, as edições da Semana Farroupilha locais (então denominado Ronda Crioula) já haviam configurado ao tradicionalismo um conjunto de elementos simbólicos suficientemente coerente, representativo e diacrítico, possibilitando que seus portadores fossem reconhecidos e localizáveis em meio a outros grupos sociais urbanos. Tanto quanto em Porto Alegre, o tradicionalismo em Caxias do Sul era um movimento socialmente setorizado, mais contundente entre os migrantes internos, com um passado razoavelmente

vinculado às atividades campeiras. Caxias do Sul contava com quatro CTG¹⁵⁸, responsáveis por praticamente toda a agenda tradicionalista na cidade, como bailes e eventos cívicos. Com exceção dos rituais da Semana Farroupilha, tais eventos tinham um caráter praticamente fechado, restrito aos participantes dos CTG, ao mesmo tempo em que transitar pilchado pelas ruas da cidade gerava xingamentos jocosos. De acordo com Zanildo, tanto em Porto Alegre quanto em Caxias do Sul era necessário “*derrubar algumas barreiras*”:

Zanildo: Porto Alegre, 1965. Nesse período eu e o outro sargento lá, aluno, nós tínhamos um baile em Esteio, nós íamos de ônibus. Ele disse: - Bá, tenho que trocar de roupa. Eu disse: - Não, vamos pilchados! Nós temos que aprender a aguentar o tranco. Se pilchemos e fomos pro baile, de ônibus, todo mundo, só nos dois... A gente foi e voltou. É ali que começa a derrubar algumas barreiras, e outras pessoas começaram a fazer. Hoje andar pilchado na rua é normal, mas na época... Em Caxias, a mesma coisa, ninguém andava pilchado nas ruas, de jeito nenhum e eu ia nos bailes lá, não tinha carro, ia no baile no Paixão (CTG Paixão Côrtes) e voltava de lá do Paixão até o quartel.

A narrativa de Zanildo sobre esses momentos iniciais do tradicionalismo enaltece certo protagonismo por parte destes tradicionalistas mais engajados (dentre os quais se inseria) na busca por valorização social desta identidade. Zanildo foi sargento do Corpo de Bombeiros de Caxias do Sul entre 1966 e 1971, quando assumiu o comando do grupo até 1973. Logo após chegar à cidade, Zanildo passou a cursar o “Clássico”, depois iniciou o curso de bacharelado em Direito, que concluiria em 1974.

Em 1975, Zanildo licenciou-se temporariamente do Corpo de Bombeiros e passou a desempenhar suas atividades profissionais junto a empresas locais de médio e grande porte, como Eberle e a Malharia Kalil Sehbe, prestando assessorias na montagem e execução da segurança patrimonial e física. Na Eberle, Zanildo manteve-se vinculado por décadas e, quando ocorreu o desmembramento da empresa¹⁵⁹, passou a desempenhar suas atividades profissionais na Metalcorte e na sequência, no Grupo Voges. Além da segurança física e patrimonial, Zanildo alternou funções na chefia de setores como Expedição e Almoxarifado.

¹⁵⁸ Como vimos nos capítulos 2 e 3, nesta época os principais CTG da cidade eram o Rincão da Lealdade, o Paixão Côrtes e o Rodeio Minuano. O CTG Tropeiro do Rio Grande se localizava em Santa Lúcia do Piaí, em Água Azul, cujo nome refere-se a um elemento histórico ressignificado já abordado, o padre Cristovão Mendonza, que recebeu em meio aos esforços ideológicos de então o qualificativo de “primeiro tropeiro do Rio Grande”. Este CTG perdurou por apenas alguns anos.

¹⁵⁹ Em 1985, o Grupo Eberle foi adquirido pelo Grupo Zivi-Hércules, criando o grupo Zivi- Hércules- Eberle, que em 2003 tornar-se-ia a Mundial S.A. De fins da década de 1980 até 2003, parte das plantas fabris do grupo e dos funcionários em suas linhas de produção passaram para a Metalcorte e posteriormente, Grupo Voges, o que explica o fato do Grupo Nativista Sinuelo ser frequentado após 2003 por funcionários de dois grupos empresariais distintos.

Como mencionado anteriormente, a vinculação de Zanildo com grupos tradicionalistas em Caxias do Sul remete aos primeiros momentos em que se estabeleceu na cidade, ainda em fins da década de 1960. Participava inicialmente do CTG Paixão Côrtes, até 1974, quando começou a participar do CTG Negrinho do Pastoreio, formado por funcionários da Malharia Kalil Sehbe. Entre 1975 e 1977 foi patrão do CTG, desligando-se de suas atividades após finalizar seu mandato. Alguns anos após a saída de Zanildo da função de patrão, o CTG Negrinho do Pastoreio desvinculou-se das empresas Sehbe.

Em fins da década de 1970, Zanildo passou a coordenar um grupo de danças tradicionalistas, formado por ele, sua esposa e mais seis casais que se apresentavam em diferentes festividades tradicionalistas, bailes ou concursos de dança, chamado *Os Gaudérios*. Zanildo coordenou o grupo até começo dos anos 2000. O grupo era formado por integrantes de diferentes CTG pelos quais Zanildo já havia passado.

Zanildo aponta em sua narrativa que na década de 1970, a aceitação ao tradicionalismo em Caxias do Sul já era maior em relação aos anos anteriores. Uma organização incipiente entre os CTG, o surgimento de programas de rádio vinculados à temática e a realização de um rodeio na cidade são demonstrativos disso.

Zanildo: Nós fazíamos programas de rádio na Rádio Independência, nós fazíamos dois programas de rádio, a gente se reunia com o Cabeleira, nós íamos para a praça de bombacha e tomávamos chimarrão, quer dizer, amansando a turma, isso já a partir de determinada época. Na década de 70 já o pessoal aceitava, essa turma nova, o pessoal se pilchava e ia embora. [...] ainda tinha alguma coisa mas já não era tanto, foi diminuindo, a Semana Farroupilha já não era tão fechada, só para os de bombacha, o pessoal de fora, aquele pessoal que vinha vindo de fora já começaram a participar.

Analisando a narrativa de Zanildo, percebemos como ele identifica além de alguns movimentos em torno do crescimento da aceitação do tradicionalismo na cidade, a chegada contínua de um contingente migratório de pessoas oriundas de cidades do interior do estado, que começaram a participar das atividades vinculadas à Semana Farroupilha, anteriores à intensificação de uma publicidade positiva conferida às representações desta identidade regional tradicionalista pela mídia na década de 1980. Nesse seu relato, é importante destacar como sua narrativa coincide com a análise de fontes nos capítulos 2 e 3, nas quais se percebia que os eventos da Semana Farroupilha prévios à década de 70 eram mais fechados e que, na década de 1970, percebe-se um novo grupo tomando à frente das celebrações da data.

Na década de 1980, Zanildo tinha como principal atividade relacionada ao tradicionalismo as atividades e coordenação do grupo de dança Os Gaudérios. Ao mesmo tempo, ajudou na formação de outros grupos tradicionalistas, como o de funcionários da empresa Eberle, local em que desempenhava suas atividades profissionais.¹⁶⁰

Zanildo: Ah, o grupo da Eberle, na época foi em 1986, os próprios funcionários começaram a se movimentar, então nós começamos o Sinuelo – Grupo Nativista Sinuelo que era da empresa. Todas as empresas tinham: da Marcopolo, a Fras-le com o Velha Carreta, Marcopolo tinha o Marco da Tradição, a Randon tinha Os Carreiros, então nós iniciamos em 86 só com o pessoal da empresa ou filhos, tinha uma gurizadinha, que deviam ter uns 10 ou 12 casais de crianças, e dava ensaio, se firmou, em 1988 nós resolvemos fazer um acampamento – tinha o trabalho, mais esse, mais o grupo de dança – ainda que então resolvemos fazer o Acampamento das Empresas - primeiro acampamento das empresas fizemos lá em cima na sede campestre onde hoje estão construindo a fundição, enfim fizemos lá.

A atuação de Zanildo, junto ao grupo de tradicionalistas de funcionários da Eberle, deu-se anteriormente à sua formatação como um CTG, indo até o início dos anos 2000. Até o período, a empresa apoiava estas atividades cedendo um espaço físico para os encontros semanais para realização dos ensaios e encontros.

Zanildo: Ela dava o espaço, condições, até economicamente contribuía. Depois ali em 1990 deu uma encolhida, pessoal ficou meio amortecido, tentaram levantar e não foi pra frente. Aí no ano 2000, eu tava lá em cima (trabalhando na empresa Voges), aí eles me pediram, que gostariam de reiniciar e não foi fácil reiniciar, eu ia de novo começar com outra turma bem diferente. Aí eu reiniciei ali do lado do Emílio Meyer, fazendo todos os

¹⁶⁰ Na segunda metade da década de 1970, Zanildo é encarregado de montar a segurança física e patrimonial das várias unidades fabris da Eberle espalhadas pela cidade, assumindo a chefia das portarias, da vigilância interna e dos serviços vinculados à prevenção de incêndios. Sem dúvida, tais incumbências lhe colocaram em contato com um grande número de funcionários da empresa. Em 1980, Zanildo passa a ser responsável pelo turno da noite da fábrica de motores e nos anos seguintes, chefia os setores de expedição e almoxarifado das diferentes unidades da empresa. No decorrer da década de 1980 é que inicia a liderança de Zanildo junto ao grupo inicial de tradicionalistas formados por funcionários da empresa. A ampla experiência de Zanildo junto a outros CTG e ao grupo de danças tradicionalistas que liderava lhe credenciavam como um líder natural a dirigir o grupo. O fato de ter passado por diferentes setores da empresa conferia a Zanildo, tal como a Adão, a condição de “nó” dentro de uma ampla rede de relações sociais entre os funcionários tradicionalistas que pretendiam formar um grupo. Porém, vejo no capital simbólico de Zanildo a principal explicação para sua emergência como líder deste grupo. Zanildo já havia sido chefe em vários setores da empresa, tinha ampla vivência junto a diferentes grupos ligados ao tradicionalismo, resultando em ampla rede de contatos neste meio e prática nas danças gauchescas, o que lhe permitia assumir a coordenação dos ensaios destes grupos. Na construção de sua narrativa, o entrevistado não se arroga características positivas como determinantes para sua proeminência nestes grupos, demonstrando uma salutar modéstia. Entretanto, em um momento da entrevista, comenta sobre sua atuação neste grupo e em outro CTG, afirmando “*Eu ajudei nesse da Eberle, ajudei a fundar o Pampa do Rio Grande, pessoal me pediu, eu dei ensaio para eles por dois anos.*”

sábados de manhã, eu tirava para... Daí tiramos pais, depois crianças, até que um dia quase não foi ninguém e disse: Puta merda, isso não vai. Aí consegui alguns casais e daí eu disse: - Bom, pra mim chega, não tenho mais tempo, mas aí o pessoal tocou e hoje está bem.

A narrativa de Zanildo aponta como o estabelecimento de um grupo de tradicionalistas de funcionários da Eberle e das empresas que se formaram após seu desmembramento em 2003 foi marcado por oscilações contínuas. Como apontei anteriormente, considero que a rotatividade de funcionários gerada pelas dificuldades da empresa tenha sido a principal causa disso, junto ao fato de dispor de um universo menor de possíveis participantes do que as outras três empresas citadas anteriormente, pelo número reduzido de funcionários em comparação a estas.

A partir dos anos 2000, Zanildo deixa de participar do grupo, passando o comando para Roni Martins. Quando o grupo associa-se ao MTG em 2003, Zanildo é homenageado como “Patrão de Honra”, quando não mais desempenhava atividades de coordenação e liderança junto ao CTG.

A construção da narrativa de Zanildo é complexa e carregada de um grande número de informações, semelhante à de Adão da Silva. Os dois entrevistados, com experiência como radialistas e com ampla participação em eventos com temática tradicionalista, apresentaram um discurso previamente estruturado quando questionados, algo que embora problematize, não desqualifica as interpretações que podem ser obtidas de suas narrativas. No discurso de ambos, percebe-se uma maior capacidade de dirigir a atenção em suas narrativas a elementos que consideram mais importantes de serem realçados. Enquanto Adão tinha como foco a participação do empresário Raul Randon e o apoio da empresa ao CTG, Zanildo destacava o atavismo, a ligação com o passado como fundantes do tradicionalismo e como os participantes do movimento vêm no decorrer dos anos dispensando pouca atenção ao seu caráter “cultural”. Neste sentido, percebe-se como a elaboração das narrativas dos entrevistados tendo como base suas memórias se faz numa tensão contínua com reflexões do presente, conforme aponta Pollak (1992), conferindo importância a determinados relatos em detrimento de outros.

O segundo entrevistado relacionado ao CTG é Roni Manoel Grendene Martins. Nascido em 1953, na cidade de Bom Jesus, Roni deslocou-se para Caxias do Sul e fixou residência em 1969, em busca de estudos e oportunidades profissionais. Logo que se estabeleceu na cidade, Roni trabalhou no comércio e em 1974 passou a trabalhar na

Metalúrgica Abramo Eberle, como operador de máquinas. Mesmo com as trocas de proprietário e de produção da empresa, transformando-se na Mundial S.A., Roni trabalhava nesta empresa quando foi realizada a entrevista, como chefe do setor de produção.

O contato de Roni com o ideário tradicionalista não iniciou através do CTG da empresa. Na narrativa construída durante a entrevista, Roni menciona sua infância na “*lida campeira*” e sua experiência com um grupo musical como seus primeiros contatos com o ideário tradicionalista.

Roni: Na verdade, desde a infância fui criado no meio, na lida campeira e tal, principalmente na minha região, e quando eu vim para cá, assim que eu tive a oportunidade de começar a participar, iniciava tocando um acordeon, e aí eu iniciei no tradicionalismo, lá em 1975 como músico, e aí foi nascendo um ciclo de amizades, a gente formou um grupo musical, na época era chamado conjunto, e foi evoluindo e tal. Teve uma época em que já tava quase deixando o trabalho de lado pra seguir só realmente a música, devido ao progresso que teve, mas sabe como que é, tu sempre encontra dificuldades, e mais vale um pássaro na mão do que um bando voando. Eu toquei até 1991 e foram 18 anos da minha vida além do trabalho na fábrica, na metalúrgica, no fim de semana como músico.

Roni não participou da formação do grupo tradicionalista na Eberle, processo iniciado em 1986, devido ao seu envolvimento com o conjunto musical. Em 1993, quando já não tinha mais envolvimento profissional com a música, Roni começa a se envolver com o grupo da empresa, pouco atuante à época.

Roni: [...] em 1993 eu já não estava mais atuando como músico, por que era muito corrido o trabalho na empresa mais o grupo, então eu tive que optar, e optei por ficar na empresa, mas pelo fato de gostar do tradicionalismo eu comecei a me envolver e dar palpites. Na época existia o grupo Sinuelo, que era da Eberle, mas estava meio adormecido. Ele foi criado e tal, mas chegou num ponto em que ficou meio parado. E aí por iniciativa do Zanildo do Nascimento, a gente começou a conversar e tal e ele me deu um pialo assim, meio de cutiarra, para que eu liderasse o reinício do Grupo Sinuelo na época, então eu fiquei meio que sem saída, mas tudo bem. Eu nem esperava ter a capacidade pra fazer isso. Mas felizmente, com a ajuda de todo mundo a gente reiniciou e está aí até hoje. Dentro do estar aí até hoje teve uma porção de fases, que foram bastante difíceis, como qualquer coisa na vida, não é muito fácil.

Na narrativa de Roni destacada acima, percebe-se novamente menção às oscilações do grupo tradicionalista, com fases em que quase encerrou suas atividades. O período mais crítico teria ocorrido por volta do ano 2000, que como já apontado dentro do depoimento de

Zanildo, a participação das pessoas no CTG se tornou bastante reduzida, levando Roni a pensar seriamente em deixar a coordenação do grupo.

Roni: Você tem que estar lá todos finais de semana e você precisa ter as pessoas que te ajudam e é um compromisso, não adianta, você faz ou você não faz. Então aí houve uma época que eu estava disposto a de novo fechar a porta, chavear, botar no bolso e devolver pra SER Eberle, que era a responsável por essa parte aí da empresa, cultural. Mas em respeito a dois casais e os seus filhos, no dia em que eu estava lá para bater o martelo, como se diz, eles estavam lá esperando abrir a porta e em respeito a eles não foi feito isso.

Roni aponta esse momento em que apenas dois casais compareceram às atividades como importante para a formação do grupo, na medida em que ali se decidiu por requisitar à SER Eberle, que era a instância da empresa responsável pelas atividades culturais e de lazer dos funcionários, que permitisse a participação de não funcionários no grupo.

Roni: Pessoal se envolvia quando promovia um jantar, um baile e tal , aí okay, faltavam até ingressos, mas o dia a dia, fazer a coisa andar... Então aí é que tá, a partir desse dia, a gente decidiu, conversando com o pessoal da SER Eberle, com a direção ali, em permitir que viessem pessoas de fora da empresa. Aí começou então a nascer a internada mirim, depois veio a juvenil, aí daqui a pouco veio a adulta e aí a gente começou a trabalhar, mas não como CTG. Nós éramos não filiados na época. Aí, por necessidade e por cobrança até do próprio pessoal que participava, que começou a crescer, crescer e crescer, as internadas principalmente, que queriam participar de rodeios, aí a gente se filiou, na 25ª, no MTG e tal, e aí nasceu o CTG Sinuelo.

O registro do CTG Sinuelo junto ao MTG, considerado como em outros centros tradicionalistas a data inaugural da entidade, dá-se em 25 de março de 2003. Roni foi o primeiro patrão, ficando no cargo até 2007, quando ocorre uma nova eleição. Neste período, os grupos de dança do CTG, de diferentes categorias, cresceram em tamanho, e passaram a participar de rodeios e concursos de danças.

Roni foi o patrão do CTG por oito anos, considerando o período em que liderou o grupo quando ainda não estava vinculado ao MTG. De acordo com o entrevistado, dirigir um CTG é uma atividade desgastante, e essa quantidade de tempo à frente da entidade foi suficiente para que desse sua contribuição.

Roni: Enfim, criou-se, nasceu o CTG Sinuelo do qual eu fui patrão durante oito anos, acredito. Porque oito anos? Porque isso é um compromisso, ele é

desgastante, você tem problemas, porque são pessoas, pessoas têm seus problemas, principalmente em se tratando de invernada mirim, porque normalmente os pais levavam as crianças, às vezes desapareciam e você tinha que assumir aquele compromisso com os pequeninos e tal e tinha uma dificuldade em encontrar alguém que se dispusesse a me substituir né, porque sangue novo sempre dá um plus maior nas coisas. E aí então, foi mudando o pessoal da equipe de apoio, até porque você sozinho não faz nada. Se não tem uma boa equipe junto você tá engessado, então dentro dessa equipe o pessoal foi aprendendo, foi se interessando e aí surgiu o novo patrão, que foi o Gilmar Ziliotto.

Um trecho significativo da narrativa construída durante a entrevista de Roni dedica-se ao apontamento das dificuldades envoltas no exercício da liderança de um CTG, bem como na formação de um grupo dirigente, uma “patronagem” que ajude nas tarefas e atividades que envolvem o ambiente. O entrevistado aborda com destaque o esforço que deve ser realizado para a participação e condução efetiva dos grupos, informações que somadas às de outras entrevistas, demonstra como a adesão ao tradicionalismo por meio da participação em CTG demanda tempo e vontade por parte de seus integrantes, subjacente a uma firme aceitação dos conjuntos simbólicos da identidade tradicionalista que, mesmo com a relativização e dúvidas que as atividades de dança podem suscitar como motivadores da participação das pessoas, continua sendo seu ideário basilar.

Também fica implícito na narrativa o cuidado em formar uma nova liderança para a instituição. Na medida em que a SER Eberle exigia que o patrão do CTG fosse um funcionário da empresa, tal cuidado passa a ser central para o patrão, por reconhecer que a atuação daquele que se encontra no cargo influencia diretamente na qualidade das atividades inerentes ao espaço e até na manutenção do grupo.

O terceiro entrevistado, Gilmar Ziliotto, era o patrão da instituição durante a execução das entrevistas, tendo iniciado seu mandato ainda em 2007. Nascido no interior de Vacaria em 1961, Gilmar mudou-se para Caxias do Sul em 1983. Gilmar realizava seus estudos em um seminário, uma escola preparatória para padres em regime de internato, de onde saiu e passou a trabalhar em uma instituição bancária. Pouco tempo depois, em 1985, iniciou na Metalúrgica Abramo Eberle, na área contábil. Desde 1998 desempenha suas atividades profissionais no setor de benefícios e assistência aos funcionários da empresa Mundial.

A relação de Gilmar com o tradicionalismo deu-se inicialmente por meio da música, participando de grupos musicais nativistas formados junto a amigos e seu irmão desde 1985. Atualmente está participando de apenas um grupo. Sua participação junto às atividades de

dança do CTG da empresa iniciou em 2004, quando ele e a esposa decidiram levar os filhos para participar dos grupos de dança do CTG Sinuelo.

Gilmar: Foi em 2004 basicamente que nós pensamos em levar os nossos filhos, eu e minha esposa, e sabíamos já do andamento do CTG Sinuelo dentro da empresa e eu fui basicamente para levar os filhos, tinha uma filha e um filho pequeno, então a gente se aproximou. Até então a gente nem participava muito do tradicionalismo, muito pouco usava-se bombacha, mas como a gente veio do interior, aí nós admirávamos esse trabalho, como é normal do pessoal que vem do interior gostar mais dessa parte de tradicionalismo, e a gente foi também por ver que dentro dos CTG as pessoas são educadas de forma a traçar objetivos e eu via isso também como uma ferramenta de responsabilidade social. Então a gente pensou também em ajudar e apoiar essa parte de tradicionalismo e estamos aí basicamente por trazer os filhos.

Na narrativa construída durante a entrevista, percebemos que Gilmar aponta como justificativa para a participação no CTG algo similar àquilo elencado por Antônio. O funcionário inicia a participação nas atividades do CTG em busca de um espaço para disponibilizar atividades de dança e sociabilidade para os filhos e acaba se integrando junto aos grupos com atividades de sua faixa etária, reforçando como o caráter familiar dos CTG foi um aspecto importante para o contínuo crescimento e alcance social destes espaços. Destaco também como o entrevistado aponta como “*normal do pessoal que vem do interior*” gostar do tradicionalismo, revelando que no contexto da sociedade caxiense, a busca dos trabalhadores de grandes empresas metal-mecânicas não naturais da cidade por atividades vinculadas ao tradicionalismo e a adoção de sua identidade correlata tem se mostrado, a partir das últimas décadas do século XX, como um direcionamento comum, além de que sua repetição por diferentes indivíduos em situação social similar tenha gerado um padrão de ação coletivo e uma estratégia de ação social compartilhada, outro *habitus* dentro de um campo que se forma em torno dos CTG por conta de seus regramentos impostos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Tal conclusão é possível tendo em vista que os depoimentos analisados sinalizam para uma interpretação de que a escolha pela adoção desta identidade se desprenda da caracterização de múltiplas vontades individuais desconexas com motivações amplamente diversas. Observam-se similaridades quanto às intenções, quanto aos capitais sociais dos agentes, quanto às estratégias e quanto aos resultados obtidos destas ações dentro de um espaço social pautado pelo mesmo regramento.

Ainda em 2003, quando da homologação do Sinuelo como CTG, Gilmar começa a participar enquanto tesoureiro do CTG devido à sua posição na Fundação Abramo Eberle¹⁶¹. Em 2005, Gilmar passou para a função de secretário, assumindo a responsabilidade de cuidar das atas e do regramento interno do CTG. Nesse período entre 2003 e 2007, em que o entrevistado anterior, Roni Martins permaneceu como patrão e Gilmar Ziliotto como membro em diferentes cargos da patronagem, algumas medidas foram tomadas para ampliar o número de participantes que, de acordo com os entrevistados, tiveram sua eficácia. Em 2003,

Gilmar: que participavam ativamente não tinha mais que 20 pessoas, e ali eles se reuniam para treinar algumas danças tradicionais, mas aí era uma única invernada, sem observância das normas, das regras, até quanto à idade lá tinha membros de uma família, pai, mãe e os filhos que se reuniam juntos e ensaiavam juntos. Aí a partir desse momento então a gente buscou pessoas dentro da empresa que a gente sabia que gostavam, mas não participavam muito, então a gente foi, entrou em contato com essas pessoas, vendo o real interesse, daí nós elencamos um pouco mais de cem pessoas que tinha esse interesse e a partir daí a gente fez esse registro, se divulgou nos canais de comunicação da empresa e na verdade o CTG era até então de pessoas mais de dentro da empresa que puxavam, mas nunca foi assim só de funcionários, ele sempre foi aberto à comunidade, os funcionários podiam convidar os seus amigos, seus parentes, para participar junto e assim que ele existe até hoje. Os participantes convidam os seus amigos e participam normalmente.

Somando as narrativas de Roni e Gilmar, percebe-se que a participação de não funcionários no Grupo Tradicionalista e depois CTG Sinuelo foi sempre uma questão delicada, à qual aparentemente a SER Eberle e depois a Fundação Abramo Eberle tiveram alguma contrariedade. Tal política de abertura dos CTG ligados a empresas para não funcionários se mostrou necessária nos quatro CTG pesquisados e de acordo com os apontamentos dos entrevistados, foi fundamental para o estabelecimento exitoso de tais grupos. De acordo com Gilmar, por volta do ano de 2010, o número de participantes do CTG já havia crescido bastante, envolvendo aproximadamente 150 pessoas.

Gilmar: mais de 100 dançarinos, entre as cinco invernadas, eu diria que tem uns 120 dançarinos e têm uns outros tantos filiados à entidade Sinuelo que não dançam, que foram dançarinos, ou simpatizam e querem se filiar para participar junto, porque às vezes a gente faz acampamentos, quando tem rodeio, Semana Farroupilha aqui em Caxias, então essas pessoas que são filiadas eles até têm alguma vantagem para entrar lá nos Pavilhões, quem

¹⁶¹ A instância administrativa da empresa responsável pelas atividades de lazer dos funcionários, incluindo o grupo nativista e o CTG, mudou com o passar do tempo. De início chamava-se SER Eberle, depois Fundação Abramo Eberle.

tem a carteirinha não paga o ingresso. Então as pessoas participam conosco e a gente orienta pra que participem junto e essas pessoas são as que nos ajudam nos eventos, não precisa estar dançando, eles participam de outras formas.

O histórico disponibilizado pelo CTG Sinuelo e analisado como fonte para esta pesquisa menciona reiteradas vezes a importância da vinculação do CTG com atividades comunitárias, apontando como uma de suas premissas básicas tratar “*o Tradicionalismo como Instrumento de Inclusão e Promoção Social*”¹⁶². Percebe-se na narrativa de Gilmar a mesma preocupação em mencionar esta linha de ação do CTG quando aponta as diferentes atividades que promovem, algumas abertas à comunidade em geral.

Gilmar: [...] a gente faz curso de dança de salão, de música gaudéria, regionalista, temos umas pessoas internas que estão capacitadas pelo MTG, as pessoas se prepararam e as pessoas do MTG que dão o curso eles dão uma carteirinha de instrutor. Além disso, nós temos quem entra que quer aprender uma outra atividade, nós temos diversas oficinas, temos a oficina de declamação, temos oficina de chula, até tenho o meu filho Rodrigo que dá aula de chula. Esse ano ele aprovou um projeto na Lei de Incentivo à Cultura para dar aula de chula não só na nossa entidade, mas em outras entidades, então ele estendeu o convite para o CTG Negrinho do Pastoreio, Os Carreiros da Randon, então eles estão vindo ensaiar aqui conosco e de forma gratuita. Ele conseguiu aprovar esse projeto, então todas as despesas e custos estão dentro. Aí até pra ele entender que a chula é uma modalidade meio esquecida, então ele tá tentando reativar esse trabalho aí.

A realização destas atividades variadas voltadas à comunidade em geral foi apontada com mais veemência na narrativa de Gilmar. Embora os outros CTG também se envolvam em atividades comunitárias variadas, a ênfase apontada nas narrativas relacionadas a este CTG sobre tal aspecto se sobressaiu, demonstrando a possibilidade de que esta linha de ação seja mais forte nesta instituição. Entretanto, destaco que tal proposta possa conter um indicativo de ação individual na figura de Gilmar, que além de patrão do CTG, é membro da Fundação Abramo Eberle, instância gestora dos benefícios da empresa Mundial. Também destaco a aproximação dos apontamentos dirigidos neste sentido na narrativa construída na entrevista com Gilmar com o discurso apresentado no histórico disponibilizado pelo CTG, o que indica ampla possibilidade de que este último documento tenha sido produzido pelo entrevistado. Soma-se a esta evidência o fato de ter sido produzido em 2013, ano em que Gilmar encontrava-se à frente do CTG.

¹⁶² In: HISTÓRICO do CTG Sinuelo. Caxias do Sul, 2013, 4 páginas.

5.6 Quem somos e como somos vistos: autocaracterização e posicionamento dos CTG e do tradicionalismo em Caxias do Sul em narrativas de participantes de Centros de Tradição Gaúcha de trabalhadores de grandes empresas.

Quando se pretende analisar um determinado fenômeno histórico, conhecer e estabelecer um conjunto interessante de características do grupo de pessoas que nele esteve envolvido é uma tarefa que, se possível de ser realizada, é de grande importância para que se possa gerar interpretações potencialmente explicativas e aproximadas do objeto em questão. Em relação a este trabalho, tornou-se oportuno realizar durante as entrevistas questionamentos sobre quem foram os participantes dos CTG para que se pudesse acessar as narrativas que constroem sobre isto e deduzir quais os interesses que lhes guiam ao propalar determinada perspectiva. A partir da problematização sobre as diferentes versões que apresentaram, pretende-se inferir hipóteses explicativas sobre o fenômeno do crescimento do tradicionalismo nestes espaços pesquisados em Caxias do Sul de forma mais qualificada.

Durante as entrevistas, o questionamento “*Quem participa aqui do CTG?*”, foi o ponto de partida de uma nova linha de diálogo em que perguntas e observações da parte do entrevistador foram realizadas no sentido de buscar detalhar nas narrativas dos entrevistados as caracterizações sobre seus participantes. Tais perguntas foram retomadas em momentos em que outros temas eram discutidos e sumariamente evocavam caracterizações dos participantes, exigindo a realização de novos questionamentos neste sentido para se ampliar as possibilidades de análise das narrativas. Sob um olhar generalizante, pode se afirmar que a caracterização dos sujeitos participantes destes espaços foi um entre outros temas ao qual se pretendeu destinar maior atenção durante as entrevistas.

As narrativas construídas pelos entrevistados apresentaram diferentes versões sobre quem eram os participantes, nas quais juntamente com as caracterizações, emergiram diferentes causas que justificassem determinado perfil. As diferentes versões podem ser agrupadas entre aquelas projetadas por grupos de entrevistados cuja adesão ao tradicionalismo tenha iniciado em diferentes espaços temporais: um grupo relativo à fundação, cujo contato com manifestações tradicionalistas se deu na década de 1980 ou anteriormente e outro grupo cuja adesão se concentrou na década de 1990 em diante.

O primeiro grupo de entrevistados esteve associado à fundação dos CTG pesquisados e apontaram em suas narrativas que os participantes tinham como característica principal o fato de serem naturais de regiões de paisagem campeira, relacionando as atividades ali

desenvolvidas com o tradicionalismo. Suas narrativas convergiram na construção de apontamentos de que eram pessoas vindas “*de fora*”, do “*interior*”, da “*região de campo*”, especialmente de cidades como Bom Jesus, Vacaria, Lagoa Vermelha, Esmeralda, Cambará do Sul, São Francisco de Paula, Uruguaiana e São Gabriel. Podemos apontar os relatos de Adão da Silva, Alcidino Xavier¹⁶³, Antônio de Lima, Roni Martins, José De Oliveira e Zanildo Barbosa do Nascimento como exemplares neste sentido.

Roni: E como isso era com pessoas de fora, normalmente da região de Bom Jesus, Vacaria, Lagoa [Vermelha], e por aí afora, tudo pessoas ligadas dentro do tradicionalismo, da campanha, da lida campeira e tal então com certeza isso veio junto com eles pra cá, e como eles não podiam ir pra lá todos os fins de semana fazer suas festas, eles faziam aqui, então é onde começou a nascer esse tradicionalismo, CTG, encontros...

José: Na verdade assim, falando em todo o pessoal que participou, porque trabalhava na empresa, que deram apoio – não só a patronagem, mas o grupo todo que nem eu te falei, que era umas cento e poucas pessoas – então isso daí é gente que vinha de vários lugares: de São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria, Cambará do Sul, Esmeralda, Lagoa Vermelha e teve muita gente que participou desde o início também que vieram da região da Campanha, da Fronteira, por exemplo: São Borja, São Gabriel, essa gente veio de vários lugares que participaram junto [...]

Zanildo: A maioria era do interior. Dentro do nosso próprio grupo, Os Gaudérios, a única pessoa que era de Caxias era minha esposa, o resto todo mundo de fora, tudo gente de fora. Todos, por exemplo, uns eram de São Francisco, Vacaria, Uruguaiana, Lagoa Vermelha, eu vinha lá das Missões. Nos Centros de Tradições não era diferente, era isso aí, pessoal vindo de fora. Aquilo que eu te disse, o saudosismo fazia com que as pessoas fossem para dentro do CTG para ouvir gaita, declamação falando da terra, porque a declamação sempre fala da terra.

As narrativas destes seis entrevistados, que tiveram participação nos CTG durante seus primeiros anos de existência, são contundentes em apontar que os primeiros a pensar sobre a possibilidade de formarem grupos tradicionalistas e CTG de funcionários das empresas que, no início se restringia a núcleos reduzidos de trabalhadores, eram migrantes originários de cidades do interior do Rio Grande do Sul com cenários econômicos estagnados, principalmente dos Campos de Cima da Serra, próximas a Caxias do Sul. Nesse sentido,

¹⁶³ Quando questionado se o perfil de participantes do GTCN Velha Carreta era formado por pessoas de Caxias do Sul ou de fora, Alcidino respondeu: “De Caxias, filho de Caxias era muito pouco, é, a maioria era de pessoas que vieram do interior por razões de trabalho, no interior não tinha salário fixo, coisa e tal, então muitos vieram, a maioria do interior. De Bom Jesus tinha mais gente também. Então esse pessoal todo vinha, que foi o meu caso, porque os filhos precisavam estudar e trabalhar e lá em Bom Jesus era difícil fazer as duas coisas.”

percebe-se que essas duas identidades, a gaúcha e a étnica italiana são representadas como separadas. Os “gaúchos” seriam, nesses depoimentos, os não descendentes de italianos que procuravam afirmação e valorização de sua identidade dentro de um lugar no qual eram vistos como “vindos de fora”. A exaltação da identidade gaúcha promovida pelos CTG servia justamente para este fim.

Vejo em relação à narrativa destes cinco entrevistados uma aproximação desta caracterização dos sujeitos participantes a características suas, análogas às suas experiências de vida¹⁶⁴. Também destaco como esta caracterização confere valorização no campo das representações pertinentes ao tradicionalismo, associando os primeiros participantes e os próprios entrevistados a valores e práticas de um passado do trabalhador “campeiro”, que contém os principais elementos simbólicos exaltados pelo movimento e sua identidade regional correlata.

Além da valorização simbólica no ideário tradicionalista, deduzo que a associação ao passado na “*lida campeira*” tenha operado como um sinal diacrítico dentro dos grupos de tradicionalistas, na medida em que há um grande número de participantes sem ligação com estas representações positivada. Esta associação, por positivar alguns e outros não, pode ter funcionado como um elemento legitimador da posição de alguns tradicionalistas perante outros na estrutura dos CTG e nas manifestações tradicionalistas como um todo. Cabe destacar que os próceres do movimento, tomados como modelos ideais entre os que se identificavam desta forma desta identidade, elencavam no atavismo ao passado rural as justificativas para o estabelecimento do movimento.

Neste sentido, percebe-se nas narrativas sobre a caracterização dos sujeitos dos grupos tradicionalistas que os entrevistados elencaram como principais justificativas para a adesão ao tradicionalismo a ligação com o passado pastoril. Percebe-se neste sentido os apontamentos de Zanildo Barbosa, ao afirmar que o “*saudosismo fazia com que as pessoas fossem para dentro do CTG para ouvir gaita, declamação falando da terra*”; de José de Oliveira, quando afirma que “*depois de um bom tempo é que a saudade daquelas coisas que a gente vivia começou a aflorar, a saudade dos bailões, da convivência entre os gaúchos, daquele chimarrão, aquela pajada*”; de Roni Martins ao apontar que eram “*tudo pessoas ligadas dentro do tradicionalismo, da campanha, da lida campeira e tal, então com certeza isso veio*

¹⁶⁴ Adão da Silva do distrito caxiense de Criúva, Antônio de Lima de Vacaria, José de Oliveira de São Francisco de Paula, Roni Martins de Bom Jesus e Zanildo Barbosa do Nascimento de Palmeira das Missões.

junto com eles pra cá”; de Adão da Silva, quando afirmou que *“a gente que sai do interior sai com uma característica, principalmente a característica da cultura gaúcha”*.

As expressões *“cultura gaúcha”, “lida campeira”, “saudosismo”, “saudades”,* encontradas nas narrativas dos entrevistados são representativas e recorrentes dentro da justificativa da caracterização dos primeiros sujeitos participantes dos CTG, demonstrando a aproximação a um discurso proferido pelos principais intelectuais do movimento sobre suas causas e pelos líderes tradicionalistas caxienses a partir de 1990. Considero que há a possibilidade de que tais entrevistados tenham se apropriado desta literatura tradicionalista, no momento de construírem as narrativas sobre si e o crescimento do tradicionalismo, observaram de forma consciente ou não, como mais pertinentes os elementos que vinculassem suas experiências de vida e de seus pares às narrativas já presentes, relativas tanto aos líderes iniciais do movimento que assumiram a condição de tipos idealizados, como entre organizadores mais recentes de suas festividades.

A participação dos entrevistados nos CTG pesquisados esteve concentrada em seus períodos iniciais, a maioria na década de 1980, quando as representações relativas a esta identidade tradicionalista não se encontravam em processo de franca valorização na sociedade caxiense e o interesse principal pela participação em CTG vinha de parte de grupos sociais compostos em sua maioria por migrantes. Desta forma, considero que a construção destas narrativas, nas quais encontramos praticamente a mesma caracterização dos sujeitos participantes dos CTG, esteja associada a uma ínfima presença de descendentes de italianos ou de naturais de Caxias do Sul nos momentos iniciais destes grupos.

Nas narrativas de alguns integrantes classificados dentro do primeiro grupo, podemos perceber a menção a uma mudança no perfil dos sujeitos participantes dos CTG a partir da década de 1990. Destaco os relatos de Roni e Adão neste sentido:

Roni: Aquelas pessoas que vieram de fora casaram, tiveram filhos, que aí já são naturais da região. Então eles já começaram a nascer com e ter uma mescla de cultura, uma mistura da cultura italiana com a cultura gaudéria lá e tal, do pessoal lá de fora. Então essa convivência que fez também com que o pessoal daqui começasse a aderir ao movimento

Adão: ...muitos que não tinham ligação nenhuma com o tradicionalismo. Passou a ter com o evento, como curiosidade ou até pelo gosto, mas não como integrantes lá da origem mesmo.

Percebo este apontamento sobre uma mudança na caracterização dos participantes pelos entrevistados por conta de dois motivos diferenciados. Roni parte de uma observação pessoal, relacionada à percepção do fenômeno que relata em familiares e amigos próximos, apontando a formação de famílias de descendentes de italianos com os migrantes oriundos de cidades vizinhas como explicativo para essa inserção de naturais de Caxias do Sul no tradicionalismo e a adoção de sua identidade correlata. Já Adão integra este apontamento dentro da valorização dos eventos promovidos pelo grupo tradicionalista que coordenava com vistas a popularizar o tradicionalismo, reforçando a importância de ações em prol do alcance de um amplo espectro de funcionários, inseridas dentro de uma abordagem agregadora mencionada no subcapítulo anterior sobre suas ações enquanto líder tradicionalista.

As narrativas do segundo grupo de entrevistados convergem para o apontamento de que os sujeitos participantes dos CTG pesquisados eram também originários de Caxias do Sul e de descendência italiana. Este grupo é formado por entrevistados cuja participação teve início na década de 1990 em diante. Destacam-se as menções a “*mesclado*” e “*misturado*” ao referirem-se à naturalidade dos participantes do CTG como de indivíduos nascidos em e fora de Caxias do Sul. Faço alusão às narrativas de Gilmar Bristot, Realino e Gilmar Zillioto:

Gilmar Bristot: Eu acho que tem uma coisa assim, mista, têm italianos têm brasileiros. Eu acho que hoje na verdade não se tem assim, uma coisa – ah, é só italiano ou é só brasileiro – acredito que tenha uma mescla de pessoas, misturado brasileiro com o italiano, então não dá mais para dizer, - ah, você é um italiano.

Realino: Aqui é mesclado, bastante mesclado. Eu acredito que em todas as entidades de Caxias tenha uma mescla muito grande pessoas, de Vacaria nós temos um horror de gente, nós temos bastante gente de Vacaria, da região de Caxias, de outras cidades, tem de Bagé, têm pessoas da fronteira, que vêm morar em Caxias, querem procurar uma entidade.

Gilmar Zillioto: Hoje já está uma mescla maior, alguns anos atrás eram assim pessoas que trabalhavam em empresas, as empresas puxavam essas atividades, e pessoas vindas do interior tinham mais facilidade, mas hoje o que a gente vê [...]. São pessoas que nasceram aqui, são aqui da cidade, porém eles acabam indo lá e gostando também.

Na constituição destas narrativas, percebe-se novamente a aproximação entre as experiências pessoais dos entrevistados com suas perspectivas sobre um fenômeno social mais amplo e abrangente, em especial no relato de Gilmar Bristot. Natural do interior de Caxias do Sul e de descendência italiana, o entrevistado passa a participar de CTG por influência do

sogro e de sua esposa, naturais de Bom Jesus. Deduzo que a construção de uma narrativa em que aponta um fenômeno social correlato à sua experiência pessoal seja fruto da percepção de processos sociais próximos e facilmente identificáveis pelo entrevistado. Deduzo, também, que diferentemente dos anos 1980, nos anos 1990 já não havia mais uma relação de exclusão ou de oposição entre a identidade “gaúcha” como proposta pelos CTG e a identidade étnica italiana. Nos anos 1990, já era possível imaginar-se como participante das duas identidades ao mesmo tempo.

Quanto às narrativas de Realino e Gilmar Zillioto, percebe-se um tom categórico em suas afirmações de que recentemente há uma “*mescla*” entre a presença de naturais e não naturais de Caxias do Sul nos CTG pesquisados. Contextualizando este apontamento dentro de suas narrativas individuais, considero que tal ênfase tenha como objetivo reforçar a noção de tais espaços como agregadores, abertos às diferentes etnias e grupos sociais formadores da sociedade rio-grandense, algo relacionado a um dos principais postulados do discurso tradicionalista.

Juntando as narrativas dos dois grupos de entrevistados e as diferentes versões que formam sobre a caracterização dos sujeitos participantes dos CTG, podemos identificar apontamentos direcionados a uma preponderância maciça dos migrantes como participantes em seus momentos iniciais, mas que a partir da década de 1990, tais espaços começam a ser frequentados por “*italianos*”, “*pessoas da cidade*” e “*daqueles que não tinham ligação nenhuma com o tradicionalismo*”. Tais apontamentos indicam uma percepção por parte dos entrevistados da mudança do perfil dos participantes dos CTG. A presença de pessoas desvinculadas a um passado de trabalhos no meio rural “campeiro” teria se tornado recorrente nestes locais, no decorrer da década de 1990 e nos anos 2000.

Entretanto, considero que tal fenômeno teve abrangência estadual, demonstrando que suas explicações podem ser encontradas além dos processos históricos pertinentes à sociedade de Caxias do Sul. Os eventos tradicionalistas promovidos na década de 1980, a popularização da música nativista e o apoio ao movimento por grandes grupos midiáticos a partir da década de 1990 abriram espaço para a consolidação do tradicionalismo como algo representativo de todos os habitantes do estado do Rio Grande do Sul, possibilitando a popularização do movimento e o aumento do alcance social desta identidade regional. Soma-se a isto a crescente popularização do movimento em Caxias do Sul, com o surgimento de rodeios, programas tradicionalistas nas rádios e maior exposição na mídia, além das narrativas sobre a tensão entre o estado e o governo central, que operaram na legitimação e construção de

representações positivadas do tradicionalismo na sociedade local, paulatinamente abrindo espaço para esta inserção de não migrantes, de indivíduos totalmente desvinculados de um passado pastoril.

De acordo com as narrativas, a presença de naturais de Caxias do Sul, inclusive de descendência italiana, passa a se tornar mais comum a partir da década de 1990, mas a quantidade de pessoas de cidades do interior do estado participando dos CTG se mantém elevada. A narrativa de Realino, referente ao perfil dos participantes num período próximo a 2010, realiza apontamentos interessantes:

Realino: nós temos um horror de gente, nós temos gente de [...] Bagé, tem pessoas da fronteira, que vem morar em Caxias, querem procurar uma entidade, e vão nos rodeios, aparecem nos rodeios, eles vêm, procuram a gente, nós mostramos e levamos para lá e para cá...

Analisando o período ao qual se refere e a região de procedência dos novos participantes, percebemos como os novos fluxos migratórios localizados por Herédia na virada do milênio mantiveram o incremento no número de tradicionalistas na cidade e nos CTG. Os CTG vinculados a empresas, por abrirem a possibilidade de ingresso de pessoas que não fazem parte do corpo de trabalhadores, também continuaram aumentando o número de seus participantes devido a este fenômeno migratório novo, mas de caráter e resultados sociais similares àquele que levou à criação destes espaços.¹⁶⁵

A caracterização do grupo social focado neste capítulo como trabalhadores de grandes empresas metal-mecânicas pode trazer a ideia de homogeneidade quanto ao tipo de atuação profissional exercida nos locais de trabalho destes indivíduos. É importante especificar que a atividade fabril das empresas às quais estão vinculados é razoavelmente diversificada e, devido ao grande número de funcionários que compõem a mão de obra, bem como a necessidade por uma quantidade também elevada de trabalhadores para desenvolver atividades burocráticas e outras diversas, tais empresas possuem ampla variedade de funções e também de renda dentro do quadro de trabalhadores.

Em algumas das entrevistas efetuadas foram realizados questionamentos que objetivavam abordar a posição dos trabalhadores vinculados aos grupos tradicionalistas dentro

¹⁶⁵ É importante mencionar que em conversa com os padrões atuais do GTCN Velha Carreta, que não foram entrevistados nesta pesquisa, outro CTG que atualmente tem um grande número de participantes que não são trabalhadores da empresa, foi relatado a presença maciça de participantes originários de cidades da fronteira como Bagé, Santana do Livramento, Uruguaiana e Dom Pedrito.

do quadro de funcionários da empresa. O espaço para tais indagações ocorreu com alguns entrevistados ligados às atividades fabris, à linha de produção, e não a setores burocráticos e administrativos, que compunham a minoria entre os entrevistados. Questionados se os integrantes dos CTG tinham um perfil profissional similar ao deles, se havia também pessoas de outros setores, ou mesmo componentes da gerência e diretoria, suas narrativas convergiram para o apontamento de que os participantes dos CTG estavam relacionados às atividades fabris:

Gilmar Bristot: Eu acho que era mais a parte de fábrica, chão de fábrica. Dificilmente que eu conhecia assim, no CTG, nas internadas, era mais chão de fábrica sabe. Tinha por exemplo o presidente da SER Randon, aí sim, tinha, mas daí já era um supervisor, um encarregado, aí já era uma pessoa de nível mais alto, mas geralmente, tanto pra patrão como para componentes, era mais chão de fábrica.

Realino: Mas o pessoal que vinham na época aqui, era o funcionário normal da empresa, chão de fábrica, algumas pessoas de escritório, coisa parecida, vinham para cá, até filho de coordenador, de gerente aqui dentro, vinham participar.

Valdoir: Mais de chão de fábrica, mais da fábrica mesmo.

Gervásio: A maioria..., tinha três que trabalhavam comigo junto no setor de manutenção, eu trabalho no torno mecânico e eles, um trabalhava na solda e outro no setor de manutenção.

Algumas características das indústrias metal-mecânicas de Caxias do Sul são importantes de serem apontadas por incidirem no desenvolvimento de um panorama específico de relações de trabalho construídas entre estes trabalhadores e as empresas. Os produtos fabricados nestas empresas possuem uma baixa taxa de automação industrial em comparação com outras indústrias relacionadas à produção de veículos automotores, gerando a necessidade de grande quantidade de mão de obra. A falta desta durante o período de expansão destas indústrias gerou uma taxa relativamente baixa de rotatividade de funcionários, com inúmeros exemplos de trabalhadores vinculados por décadas à mesma empresa (algo comum entre os entrevistados). A relativa escassez da mão de obra por longos

períodos¹⁶⁶ também gerou uma valorização financeira aos trabalhadores, garantida pela legislação trabalhista vigente e pela atuação sindical nas negociações coletivas de aumento salarial anual: o dissídio. Tais elementos foram suficientes para a formação de um cenário de relativa cumplicidade ente trabalhadores e empresa, inclusive de valorização salarial dos trabalhadores fabris mais antigos, relativizando o caráter pejorativo da pecha “*chão de fábrica*” autoimputado pelos entrevistados. Alguns dos entrevistados que praticamente se declaram como funcionários do “*chão de fábrica*”, desempenham suas atividades na empresa há vinte ou trinta anos e progressivamente galgaram funções pouco mais valorizadas. Além disso, por situarem-se em uma sociedade em que o emprego em uma grande indústria significa relativa estabilidade e valorização, e o *ethos* do trabalho perpassa diferentes classes sociais como um elemento positivado, não pode ser considerado como um proletário qualquer. Dentro do universo simbólico local, estão carregados de importantes representações positivadas, principalmente dentro dos grupos sociais nos quais transitam com maior frequência.

A abordagem nas entrevistas sobre a valorização dos CTG dos funcionários das grandes empresas metal-mecânicas na sociedade caxiense nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000 teve como eixo central o questionamento “Os CTG são valorizados aqui em Caxias?” Da mesma forma que em relação aos outros questionamentos centrais das entrevistas, quando as narrativas dirigiam-se a este sentido, outros questionamentos foram realizados dentro do tema, visando a abordá-lo de forma mais aprofundada. Deve-se destacar também que por ser o quarto eixo temático entre as entrevistas, várias narrativas já haviam se direcionado para o apontamento desta valorização em referência ao tradicionalismo na cidade.

O primeiro item comum a todas as narrativas dos entrevistados em relação a esta temática foi o apontamento de que houve uma valorização dos CTG e do tradicionalismo na cidade no decorrer do período temporal analisado. O depoimento de Gilmar Zillio, que congrega argumentos presentes em outras narrativas, é contundente:

¹⁶⁶ Na narrativa de Roni encontramos menção a esta escassez de mão de obra, quando relata sobre a Eberle: “Houve uma época que o crescimento das empresas, tava em ascensão e não tinha mão de obra suficiente na região. E aí então o que que as empresas faziam – pelo menos a empresa em que eu trabalho até hoje. Ela dava até uma premiação, tipo um rancho, ou coisa assim para o funcionário que fosse em algum lugar e trouxesse alguém pra vir trabalhar aqui. Depois a partir do momento em que ingressava na empresa era treinado, dado cursos quando necessário, pra que a empresa pudesse ter funcionários pra atender sua expansão, sua demanda de produção”.

Gilmar: Eu vejo que teve toda uma caminhada, mas hoje ele tá muito mais bem aceito, principalmente aqui na nossa cidade. Caxias do Sul foi considerada há dois anos a Capital Mundial dos CTG, até pela quantidade de pessoas que participam, se não me engano são 106 CTG hoje filiados ao movimento tradicionalista aqui em Caxias. A 25ª Região Tradicionalista é de Caxias do Sul, que abrange Caxias, São Marcos, Farroupilha, Flores da Cunha e Nova Roma do Sul, então ali estão filiados 106 CTG incluindo os piquetes de laço. É a região das 30 regiões do estado que mais tem entidades cadastradas, por isso mereceu o título. Eu vejo aqui na cidade de Caxias, dentro dessa questão ali, que teve uma evolução bem acentuada, nos últimos anos, bastante gente participando, acho que a tendência é que continue isso aí.

O apontamento de Gilmar sobre o título de “*Capital Mundial dos CTG*”, o qual Caxias “*mereceu*”, é evocado na sua narrativa visando a demonstrar uma “*evolução bem acentuada*” do alcance social do tradicionalismo na cidade nas últimas décadas. De fato, o apontamento do entrevistado (bem como de todos os outros) vai ao encontro de um fenômeno social indiscutível para qualquer observador da sociedade caxiense. Entretanto, cabe analisar como o título de “*Capital Mundial dos CTG*” opera como um elemento representacional importante para a construção da narrativa dos entrevistados, tendo em vista que foi amplamente propagado pela mídia e pela 25ª Região Tradicionalista, conforme observaremos no capítulo 6.

Tendo como base o apontamento desta valorização, as narrativas apontam a um conjunto de causas elencadas pelos entrevistados na explicação da ascensão das manifestações tradicionalistas na cidade. Desta forma, pretende-se problematizar neste eixo temático das narrativas as diferentes versões encontradas sobre a valorização destes espaços e do tradicionalismo na sociedade local, analisando as motivações para a apresentação de tais versões, bem como suas diferenças, semelhanças e complementaridade.

As versões apresentadas podem ser agrupadas dentro de duas linhas principais, nas quais os entrevistados fizeram uso de argumentos similares na construção de suas versões: um grupo apontou com maior contundência o apoio por parte de figuras políticas como fundamental para esta valorização; outro, o crescente destaque conferido ao tradicionalismo na mídia, tanto de plataformas de abrangência local como estadual. Em relação às narrativas que apontaram a importância da ação e do incentivo de figuras políticas, destaca-se o relato das entrevistas de Valdoir:

Valdoir: Eu acho que cresceu desde que entraram os últimos prefeitos, como o Sartori, que já gostava bastante do tradicionalismo; que nem o outro

prefeito, o Alceu Barbosa Velho, que gosta, então ele incentivava bastante. O parque dos pavilhões da Festa da Uva, que não tinha nada, foi na época deles que começou isso aí, e daí parece que cresceu mais nessa época, deu mais um crescimento nessa época aí.

Na sua narrativa, Valdoir aponta que algumas obras realizadas durante as gestões de dois prefeitos que “*gostavam bastante do tradicionalismo*” teriam funcionado como incentivos, cujas atividades impulsionaram o movimento tradicionalista como um todo. No mesmo sentido se baseia a narrativa de José de Oliveira:

José: eu acho que uma pessoa que ajudou muito aí foi o Alceu Barbosa Velho. Ele é tradicionalista, veio do interior e na gestão passada, ele era vice-prefeito, aqueles pavilhões lá, aquela cancha coberta foi tudo ele que, foi através dele que saiu. E hoje ele é prefeito e laçador, laça em torneio, isso aí também influencia bastante. E outra coisa, ele não é um cara como a maioria dos patrões de CTG aí que... a maioria não é formado. Ele é um advogado famoso de Caxias do Sul, diz que é um cara que dificilmente perde uma ação e... e aí o que que acontece? Ele tem bastante contato com a imprensa e começa a ajudar.

Considero que esta defesa de ambos entrevistados da importância da Cancha Coberta no Parque da Festa da Uva promovidas por um prefeito ligado ao tradicionalismo só possa ser dirimida através de uma análise mais intrincada da situação. A obra a que se referem, a construção de uma cancha coberta para torneios de laço em área do Parque da Festa da Uva iniciada em 2009, recebeu algumas críticas quando de sua realização, tanto pela sociedade em geral, que defendia o aporte de recursos públicos em outras áreas e criticava a derrubada de árvores no local, como por parte dos moradores de bairros adjacentes ao Parque da Festa da Uva, que reclamaram constantemente do barulho produzido quando ocorriam os torneios referidos ainda de forma provisória. Deduzo que o enfrentamento a esta contrariedade significativa por alguns setores da população caxiense tenha fortalecido o reconhecimento dos tradicionalistas pelos principais proponentes da obra, o prefeito de então, José Ivo Sartori e o vice-prefeito, estreitamente vinculado ao movimento tradicionalista e prefeito quando da ocorrência das entrevistas, Alceu Barbosa Velho.

Outra referência significativa encontrada na narrativa de José é em relação à figura positivada do prefeito na sociedade caxiense, como um “*advogado famoso de Caxias do Sul, diz que é um cara que dificilmente perde uma ação*”. Segundo o entrevistado, isto o coloca em um patamar diferenciado, por não ser “*um cara como a maioria dos patrões de CTG aí que... a maioria não é formado*”. Percebe-se que a importância conferida à figura política que

age em prol dos tradicionalistas se soma à portabilidade de elementos simbólicos positivados na sociedade em geral, como de um profissional bem sucedido e bem situado na sociedade, um legítimo *self-made man*. Torna implícito que a associação de uma figura pública socialmente bem posicionada confira valorização ao tradicionalismo como um todo, demonstrando como seus participantes se percebem, ou percebem seus pares integrantes do movimento como de pessoas mais humildes, que não compõem os estratos sociais mais elitizados da sociedade caxiense e que tal caracterização dos tradicionalistas aja de forma negativa dentro das lutas por legitimação e valorização no imaginário local dos diferentes grupos que compõem a sociedade caxiense.

A análise sobre a crescente importância do tradicionalismo no campo político eleitoral caxiense a partir de 2001 será efetuada no capítulo seguinte. Perceberemos ali como Sartori e Alceu associaram-se ao movimento em sua data festiva de forma mais intensa do que os chefes do executivo caxiense até então e de forma exitosa do ponto de vista do ganho de capital político, como exemplificado na narrativa dos entrevistados.

No final do trecho destacado de sua narrativa, encontra-se uma menção de José sobre o fato desta figura política ter “*bastante contato com a imprensa e (isso) começa a ajudar*”. A menção à importância da imprensa nesta valorização do tradicionalismo e dos CTG na cidade de Caxias do Sul é mais contundente em outros entrevistados, que serão analisados na sequência. Entretanto, registro novamente uma percepção aguçada do entrevistado em relação aos fenômenos sociais circundantes, por analisar várias possibilidades explicativas para este fenômeno.

5.7 A ação da mídia e do Pioneiro frente ao tradicionalismo de acordo com tradicionalistas

A análise empreendida nos capítulos 4 e 6 sobre a visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo jornal Pioneiro, no período da Semana Farroupilha entre 1980 e 2010, é reveladora de como o periódico agiu na promoção desta identidade, tanto no sentido de popularizá-la, como em progressivamente imputar-lhe representações positivadas, especialmente após sua aquisição pelo Grupo RBS, em 1993.

A associação entre o esforço do jornal e o claro crescimento das manifestações ligadas ao tradicionalismo na cidade no mesmo período demonstra como esta ação

empreendida pelo periódico provavelmente foi eficaz em seu intento, ou pelo menos, lhe possibilitou a simpatia em um crescente público consumidor. Deve-se ressaltar que não apenas em relação a este jornal e às plataformas da RBS houve um crescimento da exposição favorável ao tradicionalismo, mas à mídia em geral no estado do Rio Grande do Sul. Portanto, para que possamos analisar com maior acuidade o papel que a mídia e o jornal Pioneiro desempenharam na promoção do tradicionalismo na cidade, é interessante acessarmos as narrativas elaboradas pelos tradicionalistas entrevistados sobre a importância que reconhecem ambos tiveram como promotores do tradicionalismo local.

Tais narrativas fazem parte dos depoimentos obtidos junto a lideranças e participantes dos CTG focados. Dentro da estruturação previamente acertada das entrevistas, como última questão, os doze entrevistados foram questionados acerca da importância/influência que a mídia e o Pioneiro tiveram para o tradicionalismo em Caxias do Sul, se ajudaram na promoção do movimento na cidade.

Dos doze entrevistados relacionados aos CTG pesquisados, nenhum apontou que a mídia não tenha apoiado ou influenciado o crescimento do tradicionalismo, ou que na sua cobertura sobre a temática tenha tratado o movimento com menosprezo. As narrativas dividem-se entre alguns que apontam que a mídia e o jornal poderiam ter apoiado mais, outros que acreditam que começou a dar mais espaço na medida em que o tradicionalismo se popularizou na cidade e um terceiro grupo que menciona a atuação do jornal como importantíssima para divulgação do movimento.

Zanildo Barbosa¹⁶⁷ assinala que esta influência “*foi fraca*”. Aponta rapidamente como participou de programas midiáticos de caráter “*cultural*” sobre o tradicionalismo mas que tiveram pouca audiência, justificando que o “*cultural é complicado*”, que “*não dá audiência*”. Gervásio em sua narrativa designa os programas de rádio como principais promotores do tradicionalismo no que tange à mídia, tecendo elogios à atuação de um radialista local amigo seu e relativizando a importância do jornal Pioneiro. José de Oliveira acredita que a mídia “*até teve alguma influência*” na promoção do tradicionalismo em Caxias do Sul “*mas não acha que fosse tanto*”, salientando que foi “*mais aquele movimento popular que deu certo*”.

¹⁶⁷ Zanildo Barbosa foi o principal dirigente do Grupo Nativista Sinuelo, formado por funcionários da empresa Eberle/Mundial, entre fins da década de 1980 e os anos 2000, sendo que quando da sua filiação junto ao MTG, foi homenageado como patrão de honra. Com participação no movimento tradicionalista desde a década de 1960, nas invernadas e coordenação de grupos de dança e em vários CTG, o entrevistado dirigiu sua atenção a estudos sobre o tradicionalismo, atuando como palestrante e brevemente como radialista.

Cabe apontar que embora sejam aqueles que tenham chegado mais próximos a uma negativa da importância da mídia na ascensão do tradicionalismo, não se encontra nas narrativas dos três entrevistados elementos contundentes de reprovação às suas abordagens e coberturas sobre o movimento. De fato, parece-me que constroem suas narrativas focados em apontar aspectos relacionados tanto às suas experiências pessoais como sobre suas perspectivas próprias do porquê da ascensão do movimento. No caso de Zanildo, sua preocupação com a baixa demanda por programas culturais e certo esvaziamento intelectual na base do movimento e nos próprios CTG; Gervásio, em ressaltar a importância dos programas de rádio vinculados ao tradicionalismo, com menção ao radialista Cabeleira, reconhecido no meio tradicionalista como grande promotor de eventos relacionados à temática; e José, em apontar a espontaneidade popular do movimento, argumentação encontrada com recorrência em suas narrativas.

As narrativas que indicaram a mídia como principal vetor de promoção do tradicionalismo em Caxias do Sul e dos CTG pesquisados foram construídas nas entrevistas de Roni e Bruna:

Roni: Eu ia com a pilcha dentro de uma sacola ou maletinha, alguma coisa por que você ouvia barbaridades na rua. Isso lá tipo por 75, 76, até os anos 80. A partir daí já começou a mudar o pensamento do pessoal, a cultura, aí já começou a quem tava com uma bombacha ou coisa do gênero, já era visto com outros olhos. Tu fazia questão de estar na rua caminhando com a pilcha. Então a mudança foi muito importante. Isso, porque que ocorreu? Porque houve também, da parte da mídia, principalmente da RBS, até pelo momento da criação do Galpão Crioulo, que existe até hoje, esses festivais nativistas, que na época dos anos 80 foi muito forte né, e aí, a partir daí começou a mudar.

Bruna: Teve, com certeza. Desde que eu tinha seis anos e comecei a dançar na mirim, hoje a gente vê no tradicionalismo muito mais pessoas participando, se interessando, e a mídia apoiando mais do que antigamente. Acho que teve uma ascensão, cresceu e as pessoas se interessam mais sim.

Embora os dois entrevistados apontem em suas narrativas a ação da mídia como principal causa da valorização do tradicionalismo em Caxias do Sul, cabe destacar como se referem a períodos diferenciados. Roni aponta que esta projeção midiática do movimento inicia na década de 1980, citando nominalmente o principal grupo midiático do estado como protagonista desta ação. De acordo com sua narrativa, teve impacto suficiente para promover uma intensa valorização dos elementos simbólicos desta identidade regional e de seus portadores, quando aponta a diferença de tratamento ao andar na rua pilchado na década de

1970 e a partir da década de 1980, quando indica que já se “fazia questão de estar na rua caminhando com a pilcha”.

Ao mesmo tempo em que relata sobre a valorização e o crescimento do tradicionalismo em Caxias do Sul, a narrativa de Bruna indica a “mídia apoiando mais que antigamente”. Deve-se considerar que a experiência de Bruna junto ao tradicionalismo começa em 1997, com apenas seis anos, e que sua percepção qualificada do apoio da mídia ao movimento para fins de uma base de comparação deva ter se dado apenas a partir do início da década seguinte. A narrativa de Roni, referindo-se ainda à década de 1980 e à atuação da RBS, apontando nominalmente a importância do Galpão Crioulo, iniciado em 1982, refere-se a programas televisivos de alcance estadual, que também exerceram influência sobre a população local na positividade das representações do tradicionalismo. A narrativa de Bruna foi construída referente a outro momento histórico, em que esta atuação da mídia regional já tinha iniciado e positivado o tradicionalismo até certo grau. Provavelmente, o apoio a mais que *antigamente* ao qual a entrevistada se refere se deve à atuação da mídia local impressa, que de forma crescente e positivada conferiu publicidade ao tradicionalismo em Caxias do Sul, como apontado nos capítulos 4 e 6 desta tese.

A maior parte dos entrevistados assinalou em suas narrativas que o Pioneiro teve um papel importante na difusão do tradicionalismo, embora alguns apontem que o jornal tenha assumido tal linha de ação com certo senso de oportunismo comercial, acompanhando o crescimento das manifestações e de um intrínseco público consumidor destas notícias:

Antônio: Sim, hoje bem mais. A mídia está ajudando bem mais hoje. [...] hoje a mídia dá um apoio muito grande. E tempo atrás talvez não pela época mesmo, tava tudo muito no início, tinha um público menor, hoje são outros tempos.

Bruna: Acho que eles acompanharam a evolução também. Eles viram que o tradicionalismo ganhou muito espaço na nossa cidade, com isso eles também estenderam o trabalho da mídia. [...]. A gente tem também o apoio do Pioneiro, [...] mas acredito que sim, a mídia se expandiu junto com a tradição, foram acompanhando. Quanto mais eles falarem melhor.

Com opinião similar à de Antônio e Bruna, Roni Martins vê na atuação do jornal um importante apoio para o aumento dos adeptos a esta identidade tradicionalista, sem descartar esse caráter comercial do periódico. Questionado se o jornal desempenhou papel importante na promoção do tradicionalismo na cidade, apontou:

Roni: Sem dúvida. O jornal Pioneiro, ele começou, quando ele... Por que a imprensa é assim né, quando ela nota que a coisa dá ibope (sic), é importante, ela segue, vai pelo mesmo caminho. Então quando começou a surgir estes movimentos, festivais, etc., quando a Semana Farroupilha começou a crescer aqui na região, e hoje é uma das maiores, o jornal Pioneiro fez muita matéria, incentivou, divulgou, enfim, isso também ajudou muito a região a tomar conhecimento e até ter motivação, as pessoas liam, se motivavam e iam, participavam e tal dos movimentos que eram feitos aí, começou os rodeios aqui também.

Outros entrevistados responderam ao questionamento de forma simples, apontando a influência do jornal para o crescimento do tradicionalismo na cidade como “importante”, ou “importantíssima”, sem apontar o porquê de tal afirmação e encaminhando suas narrativas para apontamentos diversos à pergunta efetuada. Tais narrativas foram comuns com entrevistados que possuíam uma narrativa mais engessada, um discurso formatado a respeito dos assuntos abordados na entrevista.

Sobre o impacto que a mídia teve na construção de representações positivadas do tradicionalismo e na ampliação de sua base social, Gilmar Bristot traz uma das narrativas mais reveladoras. Oriundo de regiões coloniais do interior de Caxias do Sul e descendente de imigrantes italianos, mesmo antes de ser questionado a respeito da influência da mídia e do jornal Pioneiro na promoção do tradicionalismo em Caxias do Sul, apontou como uma das causas principais para o crescimento desta identidade as projeções propaladas pela mídia.

Gilmar: Eu acho que teve uma época em que os meios de comunicação mostravam muito a questão de que um povo tem que ter uma herança, tem que ter uma tradição, uma cultura, acho que a partir dali é que começou a se ver melhor o tradicionalismo, do que realmente o Rio Grande tinha de bom, de cultura. Acho que teve nesse período o envolvimento de pessoas de alta, de superiores, de prefeitos, vereadores, deputados, que acho que buscaram isso e tentaram trazer a tona. Acho que foi isso que motivou a mostrar o que realmente o Rio Grande tinha de cultura. [...] houve uma época, não me lembro qual época, em que se ouvia falar nesta questão de cultura. Se falava muito que o Nordeste tinha aquela cultura, então eu acho que o Rio Grande começou a perceber isso aí mesmo, até porque o Rio Grande teve uma guerra onde tinha o lenço vermelho, o lenço branco, e maragatos e chimangos, e tudo isso, acho que ajudou bastante, a tentar reviver aquela coisa né, acho que foi muito interessante isso aí. [...] o Pioneiro ajudou bastante e o Pioneiro ainda ajuda bastante nesta questão de cultura e mostrar o que acontece em relação a isso em Caxias.

Ao analisarmos sua narrativa e o perfil social de Gilmar (que ao contrário de quase todos os outros entrevistados, não é oriundo de regiões campeiras), podemos perceber como o Pioneiro e a mídia em geral operaram com eficácia na positivação e popularização das

representações referentes ao tradicionalismo para indivíduos que não tivessem desde jovens experiência com elementos do “*ethos* do gaúcho ideal” propalados pelo tradicionalismo. A experiência pessoal de Gilmar em relação a esta identidade regional pode ser um exemplo individual de um movimento mais amplo e abrangente, demonstrativo de como os meios de comunicação de massa atingiram com impacto amplos espectros populacionais, tornando-se mais um fator explicativo da presença não apenas de migrantes recentes a Caxias do Sul nos CTG, mas também de descendentes de imigrantes italianos.

CAPÍTULO 6 – NOVOS SENTIDOS PARA A ITALIANIDADE E O TRADICIONALISMO EM CAXIAS DO SUL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: BUSCA PELA MULTICULTURALIDADE, SINCRETISMO DE NARRATIVAS, PASTEURIZAÇÃO DE POLÊMICAS E CAMPO POLÍTICO

Observamos que as construções de sentidos referentes às identidades sociais da italianidade e regional tradicionalista no universo simbólico da sociedade caxiense nos anos de 1980 a 2000, foram marcadas pela emergência e consolidação de narrativas explicativas do momento de crise econômica que grassava no país e atingia com intensidade também o estado e a cidade. A responsabilização ao governo federal pelo momento difícil utilizava-se e preservava as ideias-força destes dois modelos identitários, com ressignificações de elementos de seus repertórios de representações: a Revolução Farroupilha como um modelo exemplar na luta contra as injustiças perpetradas contra o Rio Grande do Sul pelo governo central, e a capacidade de superação de adversidades marcante dos italianos desde seu estabelecimento na RCI, junto à noção de que o progresso local tenha ocorrido alheio às vicissitudes da política econômica nacional.

Embora afastadas do que a historiografia qualificada apontava quando eram projetadas, é inegável que tais narrativas tiveram grande projeção e impacto naquele recorte temporal. Mesmo que sua aceitação não pode ser quantificada pelos mecanismos de pesquisa histórica de que dispomos, podemos assinalar que foram repetidamente utilizadas e difundidas pela mídia.

No recorte temporal deste capítulo, entre os anos 2006 e 2012 sobre a italianidade e 2001 a 2010 sobre o tradicionalismo, a projeção destas narrativas paulatinamente perderam força até não aparecerem mais nas fontes. Embora ainda fossem reiteradas no início desta década, a partir de seus meados perdem projeção, indicando um novo período de crescimento econômico em nível nacional, que da mesma forma quando da ocorrência da crise, atingia também o estado e a cidade. Este novo cenário tornaram aquelas narrativas desnecessárias na contínua construção de sentidos das identidades sociais.

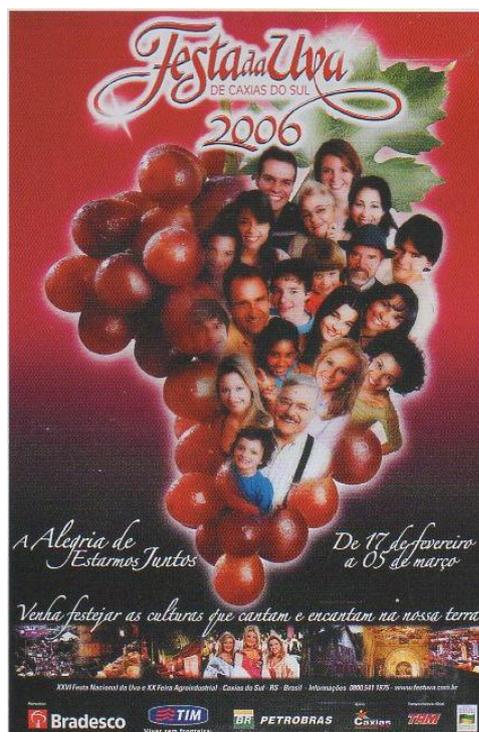
O que perceberemos com mais intensidade neste novo recorte temporal quanto às identidades sociais, objeto desta tese, é um novo conjunto de sentidos e narrativas que as validam, como referentes a uma valorização da pluralidade étnica do estado para a formação da cultura gauchesca – mesmo que seus principais símbolos continuem atrelados a uma cultura material campeira de fins do século XIX – e à pluralidade étnica em Caxias do Sul, ainda que percebamos a centralidade da italianidade no cenário local.

Percebemos uma tentativa de gerar sentidos novos e modernizantes, porém que se manterá superficial. Tais sentidos “pluriétnicos”, se levados com afinco na formação de narrativas, poderiam ser conflitivos com a manutenção de valores, símbolos e narrativas centrais nestas duas identidades, que se mantiveram intocáveis. A projeção superficial destes sentidos multiculturais foi temporalmente bem circunscrita, algo que tem sido característico nas nuances conferidas a estas duas identidades de acordo com as conjunturas históricas.

Em relação ao tradicionalismo, perceberemos também a manutenção de sentidos sincréticos formados na dialética entre as narrativas desmistificadoras e as laudatórias, gerando uma nova narrativa pasteurizada, avessa a polêmicas, cujo conteúdo servirá de substrato para os esforços propagandísticos e pedagógicos sobre esta identidade observados por parte da mídia local. Através desta mesma mídia, observaremos a crescente importância do movimento no campo político eleitoral local, com os principais candidatos a prefeito direcionando seus esforços na conquista de um eleitorado identificado com o tradicionalismo.

6.1 A repaginação multiétnica nas edições da Festa da Uva entre 2006 e 2012: uma Caxias multicultural, mas nem tanto

A Festa da Uva de 2006 teve como lema “A alegria de estarmos juntos”, pautando a importância de vários grupos sociais na construção histórica de Caxias do Sul além dos imigrantes italianos e seus descendentes. Foi até então a festa que teve como maior enfoque a atenção a variadas etnias que compõem Caxias do Sul, propondo pela primeira vez uma posituação não meramente acessória de grupos caxienses além dos portadores da italianidade.



**FIGURA 23 - CARTAZ DA EDIÇÃO DE 2006 DA FESTA DA UVA.
(ERBES, 2012, P. 309)**

É importante frisar que a Festa da Uva já vinha há algumas décadas incorporando em seus espaços performativos relativa visibilidade a outros grupos sociais caxienses não portadores da italianidade. Destaco como exemplo que, na década de 1970, grupos organizados tradicionalistas chegaram a formar uma subcomissão tradicionalista dentro da comissão organizadora, tendo desfilado com carros que apontavam a “hospitalidade” do gaúcho, simbolizada através da cuia do chimarrão. Também em 1989, quando da ocorrência de manifestações, é apontado que os grupos que jogaram uvas podres frente ao palco de autoridades o fizeram enquanto ocorria a passagem do carro alegórico que simbolizava a “integração com outras raças”¹⁶⁸.

Com base nas informações recolhidas através das diversas fontes históricas que embasam esta pesquisa, considero que as discussões acerca da importância de destinar maior atenção a outros grupos sociais na Festa da Uva se deva a um processo histórico de maior duração, portanto não passível de uma análise mais circunscrita apenas a esta edição de 2006. A gestão de Pepe Vargas, à frente da prefeitura por dois mandatos, inseriu com mais força

¹⁶⁸ Sem que tal protesto tivesse qualquer relação de contrariedade específica a este carro. Os viticultores intencionavam jogar as uvas podres no momento em que as autoridades se sentassem no palco, de acordo com as fontes históricas pesquisadas.

essa narrativa perante o conjunto de sentidos que podiam ser abordados na festa, como percebemos anteriormente pela menção em seu discurso na abertura da edição de 2000, quando cita a festa como uma construção de “*todas as etnias*”, bem como o do presidente da comissão, Ricardo Golin, que sublinha a importância de “*todos os caxienses*” para a festa sem citações mais específicas aos imigrantes de italianos e seus descendentes.

Como considerei anteriormente, vejo que a impingência mais contundente deste sentido pluriétnico da cidade por parte daquela gestão municipal se deveu por uma percepção da crescente importância *demográfica* de uma população de não italianos em Caxias do Sul e sem a devida correspondência *simbólica*, ainda na campanha eleitoral, como exemplificado através da pesquisa de Gonçalves (2016) com subsídios dos estrategistas da campanha do candidato.

Esta crescente atenção aos não italianos, por parte dos organizadores da Festa da Uva anterior à edição de 2006, fica evidente no editorial do periódico Gazeta de Caxias de 24 de fevereiro de 2006, sendo que o diretor do jornal, Odir Frizzo, participou da comissão comunitária em edições da Festa da Uva durante a administração de Pepe e pontuou como tal debate já vinha ocorrendo anteriormente:

A Gazeta de Caxias vinha contestando esse elitismo étnico da Festa da Uva já há algum tempo. Ainda no ano de 2004, em entrevista, a então Secretária Municipal da Cultura, Tadiane Tronca, lançou ao debate a expressão “pluricultural”, o que acabou por se refletir positivamente na construção do evento. (A ALEGRIA DE... 2006, p. 2)

Lembro que a eleição municipal de 2004 em Caxias do Sul foi vencida por José Ivo Sartori do PMDB, liderando uma coalizão de partidos de direita e centro-direita que haviam formado a oposição à gestão de Pepe Vargas, em uma contenda decidida no segundo turno e novamente bastante acirrada, contra a candidata do PT, Marisa Formolo, ex-vice-prefeita de Pepe e apoiada por ele. Sartori, bastante vinculado às representações da italianidade e conhecido popularmente como “gringo”, foi o prefeito municipal durante as edições de 2006, 2008, 2010 e 2012, por ter sido reeleito na disputa ao executivo municipal de 2008.

É importante ponderar que, quando menciono que a pecha de “pluralidade étnica” na performatização da Festa da Uva tenha vindo de discussões e disputas que se estendem há algum período e agudizadas nas edições anteriores a 2006, tomo como base a análise das fontes históricas que apontam em tal sentido. A organização da Festa da Uva por meio de uma comissão “comunitária” de certa forma dilui o poder de imposição de representações do grupo

político que dirige o executivo municipal, sem contar a indispensável atenção que a direção da festa deve ter quando projeta suas diretrizes em cada edição, para mantê-la legítima no imaginário social caxiense e obviamente associada a outras representações muito fortes e atuantes na sociedade local. Postas tais considerações, parto para o outro extremo, lembrando que também não se deve menosprezar o papel que o executivo municipal, acionista majoritário da Festiva S.A., possui nesta comissão, que ainda conta com a participação de lideranças empresariais e de intelectuais vinculados à Universidade de Caxias do Sul. Portanto, deve-se considerar que tal narrativa, ou melhor, que a percepção da importância de se projetá-la por meio da Festa da Uva, vinha ganhando força nesta elite local que planejava a festa.

O fato desta guinada “pluriétnica” da Festa da Uva ter ocorrido com veemência no governo de um prefeito cuja representação principal fosse a de “gringo” pode parecer irônico a um olhar superficial, mas se deve atentar a um intrincado jogo de posições identitárias. Além do cuidado com o devido processo histórico que acompanhou a crescente predisposição por tal tema em seus operadores ideológicos de bastidores, percebemos a recorrência de uma linha de ação comum nas disputas identitárias por visibilidade em Caxias do Sul. Quando há uma intensa positividade de uma identidade (no caso várias) que não seja a italianidade ou quando esta perde espaço para outras (algo inexorável), isto é feito por meio da chancela de uma figura portadora de amplo capital simbólico desta identidade e amplamente legitimada socialmente, como é o caso de Sartori.

Percebemos isto no que tange à construção das identidades de grupos caxienses nos capítulos 2 e 5, quando analisamos a proeminência de dois importantes personagens da italianidade, Júlio Eberle e Raul Randon, em diferentes espaços temporais, operando na projeção do regionalismo tradicionalista. Desta forma, o fato de ter sido na gestão de Sartori que ocorreu esta tentativa de impor uma pecha de “multiétnica” a Caxias do Sul por meio da Festa da Uva, nos demonstra como a italianidade seguiu enquanto conjunto de representações centrais no imaginário local, tornando necessário que uma figura amplamente reconhecida socialmente como portadora qualificada de suas representações esteja no poder quando há uma relativização de sua centralidade. Tentando compor uma metáfora que auxilie na explicação, podemos comparar a um jogo de futebol sem árbitro, com um conjunto de regras frágeis e minimamente reconhecidas pelos jogadores, no qual há uma equipe que sempre é vitoriosa por conta de seus jogadores serem mais fortes, habilidosos e principalmente, confiantes. Portadores de capitais e recursos fundamentais neste jogo, tem uma vitória

assegurada em todas as partidas, mesmo que possa sofrer um ou outro gol de vez em quando. Para aqueles que observam à distância ou de forma desatenta, há um jogo praticado, talvez até aparentemente disputado. Para quem dele participa ou analisa com mais cuidado, sabe-se que há apenas um resultado possível.

A alegoria aos jogadores serem fortes e habilidosos como capital importante no futebol refere-se à importância que reside no fato da italianidade estar associada às ideias-força do campo econômico caxiense, o que considero que seja o principal fator explicativo de sua centralidade no imaginário local. Quanto a “confiantes”, por estarem socialmente legitimados pela projeção de narrativas locais como portadores dos principais atributos sociais.

O viés pluriétnico da festa trouxe ampla repercussão favorável na mídia local, conforme podemos perceber abaixo:

A Festa da Uva de 2006, em sua XXVI edição, tem uma característica diferente e altamente importante para sua própria evolução: a atenção que está sendo dada à característica pluricultural do município de Caxias do Sul. Por muito tempo o evento ressaltou apenas a saga e o vigor da imigração italiana para o Rio Grande do Sul, fomentando então de certa forma uma espécie de elite migratória, polarizando entre Brasil e Itália a história da construção da cidade.[...]

O atual Secretário de Cultura, José Clemente Pozenato, faz questão de se rotular como um homem “pluricultural”. Pois é justamente isso que fará a Festa da Uva de 2006, um evento de unificação de culturas e etnias, como faz questão de ressaltar o presidente da Festa Nacional da Uva, Gelson Palavro: “A Alegria de Estarmos Juntos é o tema da Festa Nacional da Uva de 2006. Uma justa homenagem a todos que ajudaram a moldar a imagem de Caxias do Sul sob o signo da pluralidade cultural.[...]Com este tema todos os descendentes de outras etnias: o índio, o negro, o português, o alemão e as demais raças são recebidas com carinho, na maior festa tipicamente italiana do sul do país”. É um avanço considerável, portanto o reconhecimento da participação de outras etnias. Há evidentemente a necessidade de se fortalecer o marketing do evento quando se fala de uma cultura tipicamente italiana, mas é necessário lembrar que o evento Festa da Uva foi idealizado por um descendente de portugueses, Joaquim Pedro Lisboa, portanto, reconheça-se suas origens. Quando insere-se a palavra “pluriculturalismo” na divulgação do evento, está se reconhecendo que o progresso de Caxias do Sul não é propriedade exclusiva dos descendentes de origem italiana. Ponto para a tolerância cultural, a integração entre as raças e o avanço. Em festa, Caxias do Sul e a Festa da Uva passam a ser exemplo para o mundo que ainda se digladiava nos boçais preconceitos entre norte-americanos, ingleses e muçulmanos, orientais e ocidentais, católicos ou protestantes, e assim por diante. Justamente, por isso, a festa da Uva de 2006 dá um passo à frente não apenas como uma feira comercial, mas como um bom exemplo de tolerância e diálogo entre as diversas raças que formam a cultura geral do planeta. Por

isso é importante realmente neste momento de exemplo de reconhecimento e paz celebrar a “alegria de estarmos juntos”. (A ALEGRIA DE... 2006, p. 2)

A importância granjeada a outras etnias, no sentido da valorização dos não italianos como também importantes para o desenvolvimento de Caxias do Sul neste editorial foi a mais acentuada entre as encontradas na pesquisa das fontes históricas. É digna de nota também a expressão “*elite migratória*” para se referir à incumbência historicamente conferida aos italianos sobre o desenvolvimento local em contraposição ao silenciamento de outras etnias.

Tal valorização desta temática, por parte do periódico, torna-se ainda mais contundente quando comparamos com os discursos na abertura da festa e notas de autoridades. A própria fala de Gelson Palavro, presidente da Festa da Uva nesta edição e reproduzida no editorial acima, já é marcada por um tom mais brando de qualificação desses “outros”, quando aponta que “*ajudaram a moldar a imagem*” da cidade e que tais etnias e raças “*são recebidas com carinho na maior festa tipicamente italiana do sul do país*”. Em nota assinada, Sartori adota um tom mais elogioso aos imigrantes:

Esta é uma história que já fez 130 anos. Seu alicerce, sólido, foi a determinação do imigrante. Estes imigrantes e seus filhos, aliados a luso-brasileiros e a gente das mais variadas etnias, construíram a economia de Caxias do Sul e da Serra Gaúcha. Mas ao lado disso construíram também uma cultura com traços que a diferenciam de outras do território nacional. É uma cultura brasileira, sim, mas com um rosto peculiar, com diferenças que enriquecem este País. [...] Diante de tudo isto, a celebração que ora se inicia em mais uma edição da Festa da Uva, significa o reconhecimento ao trabalho do imigrante. Do imigrante que se associou ao índio, ao negro, ao luso, ao alemão, ao polonês e a todas as outras etnias para erguer esta nação a qual temos tanto orgulho. (SARTORI, 2006, p. 3)

Destaco como o prefeito municipal, personificação do campo político dos valores da italianidade, centraliza as representações míticas sobre os imigrantes de italianos e seus descendentes calcadas nas ideias-força do trabalho e progresso na Festa da Uva, tratando os membros destas outras etnias como “*aliados*” e “*associados*”. Seu discurso é revelador de como em um dos espaços mais salientes de projeção de narrativas da Festa da Uva, do discurso de políticos reproduzidos na mídia, a associação ao trabalho e ao progresso ainda recai sobre os portadores da italianidade, mesmo na edição da festa entre as analisadas nesta pesquisa em que mais se procurou positivar outras etnias. Com isto, evidencia-se que estes dois valores centrais, que formam o núcleo duro do sistema de representações da italianidade, não estão abertos e disponíveis a outros grupos sociais. Neste campo de disputas simbólicas

identitárias, voltando à metáfora do jogo, não há possibilidade de vitórias ou mesmo empates para a equipe dos “outsiders”.

Luiz Inácio Lula da Silva também participou da abertura desta edição em 2006. Com maior popularidade do que na edição de dois anos atrás, encaminharia neste ano uma reeleição tranquila, que embora vencida em segundo turno, foi marcada pela maior vantagem obtida até então de um candidato presidencial sobre o segundo colocado. Em seu discurso, percebemos a reiteração da importância simbólica das empresas Randon e Marcopolo no imaginário local, uma construção que perdura já há décadas, quando citou que “*uma cidade que ao entrar numa feira se encontra dois monstros sagrados como a Randon e Marcopolo, ficamos imaginando do que esta cidade e estado são capazes*”. Em relação ao alinhamento junto ao caráter multiétnico desta edição da festa, na impingência de representações à sociedade caxiense, abriu mais margem a interpretações de que tais valências valham a todos caxienses, apontando: “*Sempre que venho a Caxias do Sul, como na Festa da Uva de 2004, destaco a força da diversidade cultural, da pujança empreendedora e da capacidade de trabalho de homens e mulheres da Serra Gaúcha.*” (LULA LIBERA... 2006, p. 13).

A dissertação de mestrado de Ana Lia Dal Pont Branchi *A etnização em Caxias do Sul: a construção da narrativa da “diversidade” no desfile da Festa Nacional da Uva de 2014*, citada no capítulo 1, aponta como as lideranças locais de associações de outras etnias e que participaram dos desfiles alegóricos perceberam nesta edição de 2006 uma significativa mudança estratégica da organização da festa no sentido de positivar outros grupos além da italianidade. A análise histórica de periódicos e discursos de autoridades volta-se a um espaço privilegiado de construção e projeção de representações, no qual os operadores ideológicos demonstram como se dá este jogo identitário via manejo e imputação de representações. Destaco que a guinada “*pluriétnica*” desta edição de 2006 foi arrojada, mas como em outras repaginações significativas de um sistema de representações, ocorrem ao mesmo passo em que se efetua um grande esforço em manter operantes e legitimadas as representações mais centrais destes sistemas. Na legitimação das ideias-força no contexto, como foi o caso do trabalho e progresso vinculados aos imigrantes italianos, automaticamente se legitima as novas representações, como de uma Caxias “*pluriétnica*” ou “*multicultural*”, mas ainda sem conferir a estes “*outsiders*” a positivação simbólica em representações relativas ao campo econômico de forma decisiva, aquele que possui maior capacidade de reposicionar agentes e grupos em uma sociedade.

A edição de 2008 teve como lema “*Uma vez imigrante, para sempre brasileiro*”, também abrindo margem para uma interpretação de um viés da festa com menor centralidade na exaltação da italianidade. O cartaz da festa desta edição tinha como imagem de fundo uma marca d’água similar ao casal retratado no Monumento ao Imigrante, com o homem segurando uma bandeira do Brasil e a mulher uma cesta cheia de cachos de uva, uma referência ao simbolismo do monumento, de reconciliação dos locais com o governo brasileiro ainda na década de 1950 e alinhado ao tema da edição.

O presidente Lula não veio para a abertura da festa e enviou como representante sua principal ministra, Dilma Rousseff, que já estava sendo preparada com sua sucessora política para concorrer na eleição ao governo federal em 2010. Seguindo algo já percebido com menor contundência nas edições anteriores, não se percebe menções à “superação de adversidades” ou do “progresso mesmo que em face de dificuldades”. Considero que isso correspondia ao fato do país e da cidade experienciarem então um ciclo de crescimento econômico que, em relação à Festa da Uva, poderia ser percebido pelos investimentos em melhorias na infraestrutura dos pavilhões e na conclusão de novo Centro de Eventos da Festa da Uva, uma nova estrutura dentro do parque mais adequada para a realização das feiras industriais e comerciais com expositores que ali ocorrem fora do calendário da Festa da Uva. Através de uma grande miríade de shows e eventos paralelos à festa, os organizadores projetavam um público visitante que superasse a marca inédita de um milhão de pessoas, número que ao final se aproximou (ERBES, 2012, pg. 268).

Embora em números absolutos possa ser apontada como uma das maiores festas até então, a construção de sentidos da edição anterior ainda reverberava na mídia local, coadunada com uma pasteurização que uma “brasilidade” agora central propunha à festa. Tal narrativa de brasilidade era endossada pelo título de “Capital Brasileira da Cultura”, conquistado pela cidade em um concurso bienal de projeção pequena disputado com outras cidades de médio porte, mas que foi continuamente propagandeado pela Administração Municipal caxiense no período, durante as diversas atividades de cunho cultural que estavam sob sua alçada, como a organização da Semana Farroupilha, Carnaval, Feira do Livro, etc. No que tange à Festa da Uva desta edição, percebemos como a mídia local embarcou na projeção deste sentido:

Está em cena a vigésima sétima edição da Festa da Uva de Caxias do Sul. É certamente o momento cultural mais expressivo da cidade que atualmente é a Capital Brasileira da Cultura. O esforço cada vez maior de agregar tradições

e manter culturas torna a festa um evento de real colorido.[...] A Festa da Uva segue com a força econômica da região. A miscigenação destas culturas vivas na Região da Serra, com suas predominâncias e tradições, formam uma nação de brasileiros que preservam suas raízes e ainda amam suas origens. (OLÍMPIADA COLONIAL... 2008, p. 10)

As menções às “*culturas vivas*” na região deve ser interpretada junto com o editorial publicado no dia de abertura da Festa da Uva, quando a Gazeta de Caxias citou os “*descendentes de italianos, alemães, portugueses, holandeses, afrodescendentes e outras etnias que vivem e fazem o município se tornarem brasileiros dignos*” (A FESTA... 2008, p. 2)

Ressalto que esta “brasilidade” aventada nesta edição de 2008 se diferencia da percebida nas edições da Festa da Uva das décadas de 1950, 1960 e 1970. É muito mais casuística, uma representação pinçada de forma oportuna no arcabouço de significados disponíveis e alinhada a outras representações para impulsionar ainda mais o título que a cidade havia conquistado, ao qual pretendia também conferir projeção e legitimidade, utilizando-se da Festa da Uva para tal. Veio a calhar por ter ocorrido em uma conjuntura histórica na qual o crescimento econômico silenciava as narrativas já propaladas que culpavam o governo federal pela crise econômica, como percebemos nas décadas de 1980 e 1990.

Na edição de 2010 da Festa da Uva, podemos perceber que a repaginação pluriétnica de 2006 havia sido um salto muito arrojado dentro do sistema de representações local, ou um ponto fora de curva quando analisamos historicamente a centralidade conferida à italianidade. Embora esta faceta tenha sido mantida nos desfiles alegóricos das edições posteriores a 2006 e em 2008, encontramos ainda uma reverberação de seus sentidos por parte da mídia. Em 2010, tal qualificativo a respeito da sociedade caxiense não encontra eco na mídia ou nos principais representantes do campo político.

O tema desta 28ª Festa da Uva foi construído em torno de homenagens ao centenário da chegada da linha do trem em Caxias do Sul, com o lema “*Nos trilhos da História, a estação da colheita*”. Nem o presidente Lula, nem ministros representantes de seu governo vieram para a abertura da festa, cuja autoridade de maior destaque foi a governadora do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius. Atento a esta nuance, Gelson Palavro, presidente da comissão organizadora da edição, mencionou em seu discurso “*a importância do trabalho das mulheres na história da cidade, citando como exemplo Gigia Bandera, reconhecida empreendedora que impulsionou desde 1886 o desenvolvimento industrial da região.*” (HISTÓRIA E SABOR... 2010, p. 10).

José Ivo Sartori destacou com mais ênfase a “*importância do trabalho dos imigrantes que chegaram há 135 anos com a roupa do corpo e cheios de valores espirituais e sonhos, onde trabalharam duro e suaram muito*” (HISTÓRIA E SABOR... 2010, p. 10). Em relação ao lema da festa, o mesmo também citou a importância do trem para o desenvolvimento econômico da cidade, afirmando que “*pelos trilhos da história foram plantadas sementes de progresso e desenvolvimento, que fazem a Caxias de hoje.*” (ERBES, 2012, pg. 286). Sartori concentrou seus esforços na reprodução dos sentidos mais comuns sobre italianidade e mais surpreendente, sem menções a outras culturas, etnias, povos ou raças no seu discurso neste momento de culminância da Festa da Uva. É possível que tenha mencionado outras etnias em outros momentos da festa, e a importância desses continuou performatizada no desfile alegórico com visibilidade maior do que nas edições anteriores a 2004, mas sem a centralidade que a italianidade voltou a desfrutar de forma reinante.

As menções citadas não apresentam novidades quanto ao tipo de representações reproduzidas ou trazidas à tona dentro de um determinado contexto histórico. O que pode merecer algum destaque é a pobreza de repertório nas narrativas de José Ivo Sartori. Lembro que, por ser fortemente vinculado à italianidade devido ao seu sotaque, por utilizar de expressões em *talian* para conversar com populares, comparecer continuamente em jantares e almoços de comunidades do interior da cidade marcadas por características de uma italianidade rural, Sartori não necessitava de uma ampla capacidade discursiva ou de manejo de representações, no sentido de operar ideologicamente com a italianidade. Já estava socialmente legitimado como portador desta identidade, na condição de sua mais importante personificação política. Inclusive, será com esta pecha que se candidatará a governador do estado em 2014 e vencerá a eleição, sem desconsiderar que, assim como Pepe Vargas, finalizou seu mandato de prefeito com altos índices de aprovação.

Por fim, é importante destacar que na análise dos periódicos de 2010 não encontramos apontamentos sobre esta faceta “pluriétnica” de Caxias do Sul e de sua festa tão celebrada em 2006, tampouco aproximações nesse sentido, tornando nítido o arrefecimento deste esforço. Se em 2006 era pertinente questionar que os não italianos não tinham sido positivados socialmente com a pecha central do trabalho com a mesma intensidade que os descendentes de italianos, nas edições seguintes, fecharam-se ainda mais os espaços para o reconhecimento simbólico aos “*outros*” neste evento culminante da cidade.

6.2 Visibilidade e espaço publicitário no tradicionalismo através dos periódicos em Caxias do Sul entre 2001 e 2010

Se entre os anos de 1980 e 2000 observamos um grande crescimento da visibilidade conferida ao tradicionalismo nos periódicos caxienses durante a cobertura da Semana Farroupilha, entre 2001 e 2010 esta publicidade se manterá elevada em todo o recorte temporal e, em níveis superiores, quando comparados aos fins da década de 1990, época que apresentou uma exposição do tema em níveis até então não vistos.

As linhas editoriais dos periódicos pesquisados já foram abordadas no capítulo 4. É importante citar que vários jornais menores não foram mais encontrados, sugerindo que deixaram de circular. Percebemos neste novo espaço temporal a continuidade da centralidade do Pioneiro entre a mídia local, com um número de publicações com a temática do tradicionalismo muito superior aos dos outros somados, conforme percebemos na tabela 5. Também se destaca como outro periódico local que não abordava o tradicionalismo com recorrência, o Correio Riograndense, passa a fazê-lo, com apenas dois anos em todo o período em que não dedicou atenção à Semana Farroupilha.

Tabela 5 - Menções ao regionalismo gaúcho em jornais caxienses de 2001 a 2010

JORNAL	ÉPOCA DE TIRAGEM	CIRCULAÇÃO	Páginas com menções por ano								TOTAL DE MENÇÕES			
			2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008		2009	2010	
Atlântico Notícias	1998 a 2003	semanal	1	0	0									1
Correio Riograndense	1941 a 2013	mensal	7	4	2	0	5	0	1	4	5	2		30
Folha do Sul	2000 a 2001	diária	1											1
Gazeta de Caxias	1997 a 2009	semanal	5	7	1	5	7	0	9	1	1			36
Jornal dos Bairros	1993 a 2009	mensal	1	3	0	3	0	1	4	1	2			15
Pioneiro	1948 a 2010	diária	50	38	56	41	63	66	53	49	43	44		503
Ponto Inicial	2001 a 2009	semanal	0	1	1	4	4	1	2	1	2			16
Tempo Todo	2002 a 2009	semanal		3	1	3	3	1	2	5	4			22
Uno Fato	1997 a 2009	quinzenal	0	2	0	0	0	0	0	1	0			3

KIELING JUNIOR (2021)

Da mesma forma que no espaço temporal de 1980 e 2000, considero importante traçar, neste novo recorte uma análise da evolução da visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo Pioneiro, para que possamos visualizar com mais facilidade como a crescente projeção do tradicionalismo no periódico coadunou-se com seu esforço pedagógico e propagandístico ao movimento. Em praticamente todos os anos foram publicadas seções especiais sobre esta identidade, conforme podemos perceber na Tabela 6, as quais continham matérias e reportagens em que tais esforços estavam colocados sob a forma de textos e imagens.

Também é importante citar o crescimento da exposição de fotos e manchetes com apelo favorável ao evento nas capas e contracapas do periódico, em números que superam o cenário final do recorte temporal anterior analisado, no qual já percebíamos um crescimento desta exposição.

Tabela 6 – Visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo Pioneiro por seção do jornal de 2001 a 2010

Visibilidade conferida ao tradicionalismo pelo Pioneiro por seção de do jornal										
Período	Notícias	Capa	Coluna	Anúncio comercial	Editorial	Charge	Seção Especial	TOTAL	Total de páginas	%
2001	13	6		12	1		18	50	482	10,4
2002	21	6		10	1			38	516	7,4
2003	19	4	8	18	2	1	4	56	352	10,8
2004	21	8	2	8	0	1	1	41	428	9,6
2005	26	7	7	20	1	1	1	63	404	15,6
2006	30	10	5	14	2	1	4	66	416	15,9
2007	13	9	9	7	1	0	14	53	434	12,2
2008	14	10	8	8		1	8	49	392	12,5
2009	9	10	3	6	2	1	12	43	340	12,7
2010	16	9	5	5	0	3	6	44	388	11,3
Total	182	79	47	108	10	9	68	503	4152	xxxxx

KIELING JÚNIOR (2021)

Gráfico 4 - Menções ao tradicionalismo encontradas em capas e contracapas do jornal Pioneiro de 2001 a 2010.



KIELING JÚNIOR (2021)

O número total de menções encontradas frente ao número total de páginas pesquisadas também apresentou um crescimento da elevada exposição do tradicionalismo quando comparadas ao período anterior, analisado no capítulo 4. Não percebemos grandes variações entre as exposições conferidas ao assunto em cada ano, sinalizando para uma longa manutenção de uma linha de ação do periódico frente a esta identidade social. Portanto, é interessante compararmos estes dados dos gráficos e tabelas com os mesmo expostos no capítulo 4, que nos permite perceber com maior propriedade esta grande publicidade conferida ao movimento nesta década, e que começa a crescer de forma decisiva a partir de 1993, quando o jornal se torna propriedade da RBS.

Gráfico 5 - Total de páginas pesquisadas e total de menções encontradas e analisadas no jornal Pioneiro de 2001 a 2010

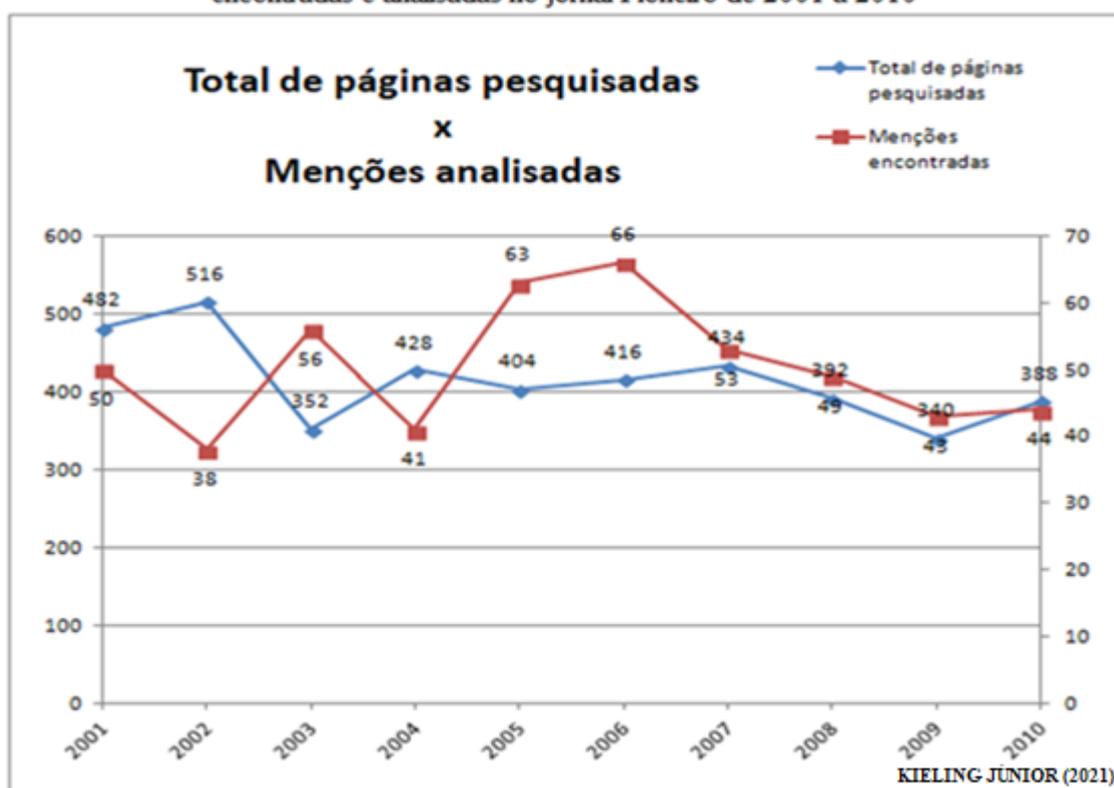


Gráfico 6 - Porcentual de páginas com menções ao tradicionalismo perante o total de páginas pesquisadas do jornal Pioneiro de 2001 a 2010



Voltando à tabela 6, podemos também perceber o grande número de anúncios comerciais que as edições do Pioneiro passaram a publicar com mensagens publicitárias alusivas à identidade regional gaúcha. Referiam-se minoritariamente a lojas de produtos gauchescos, cursos de danças e majoritariamente a anúncios das comemorações da Semana Farroupilha e de grandes empresas¹⁶⁹. Destacam-se neste âmbito também os diferentes anúncios institucionais do Grupo RBS, que desenvolveu uma série de campanhas publicitárias promovendo a Semana Farroupilha através de suas diferentes plataformas, incluindo neste íterim, o próprio Pioneiro.

Os anúncios institucionais do Grupo RBS foram classificados dentro da tipificação de anúncios comerciais devido à sua semelhança imagética e de diagramação com outros anúncios comerciais de grandes redes varejistas, o que acarreta em similar impacto valorativo desta identidade perante o público do jornal. Também são reveladores da função pedagógica que a própria mídia se arroga em relação ao tradicionalismo e à Semana Farroupilha.

A análise do conteúdo dos anúncios comerciais será efetuada aqui e não no próximo subcapítulo destinado à análise da construção de sentidos dos conteúdos publicados sobre o tradicionalismo pelo fato de serem pagos, trazidos por agentes externos aos periódicos e por

¹⁶⁹ Ver Anexo A – Figura 27.

vezes comum ao Pioneiro e a alguns jornais menores (com exceção dos institucionais da RBS), o que afasta a necessidade de coligir dados entre os periódicos em sua análise.

O ano de 2004 é o primeiro em que encontramos estes anúncios. Foram publicados em oito dias próximos e na Semana Farroupilha de 2004, patrocinados pelas empresas Renner, Zaffari e Vivo, além da CEEE e do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A partir de 2005, os anúncios são também patrocinados pela RBS, junto a outras empresas privadas, de economia mista e do próprio governo do estado. Neste ano foram oito publicações do tipo, ocupando páginas completas com imagens de gaúchos a cavalo e frases do tipo: “*A Semana Farroupilha é muito especial para os gaúchos. A programação da RBS também tem que ser*”¹⁷⁰; também jovens tomando chimarrão e a frase: “*Você é muito mais apegado às tradições do que imagina*”.

No ano de 2006, os 10 anúncios publicados deste tipo tinham como lema “Sou fã do Rio Grande” e as imagens recorrentes alternavam-se entre homens pilchados em uma roda de chimarrão a um jovem realizando manobras com um skate com as cores da bandeira do estado. Em 2007, além da RBS, duas empresas estatais e o próprio governo do estado patrocinaram a campanha, com o lema “*Como é grande meu amor pelo Rio Grande*”. Com um pequeno texto sobre as várias formas dos gaúchos expressarem seu amor pelo Rio Grande, apontava que “*O importante é viver intensamente essa paixão. Participe das comemorações da Semana Farroupilha*”. Em 2008, uma campanha com mensagens similares às do ano anterior, também com apelo afetivo, mesmos patrocinadores e uso de um coração como imagem principal.

Nas figuras 32, 33, 34, 35 e 36 do Anexo A encontramos diferentes exemplares destas campanhas, que se destacam pela pouca textualização e amplos recursos imagéticos, operando a valorização das representações concernentes à identidade regionalista sul-rio-grandense por meio do reforço visual de determinados símbolos gauchescos¹⁷¹.

Percebe-se através das imagens e mensagens utilizadas nestas publicações uma clara tentativa de se aproveitar da popularização de determinados elementos simbólicos tradicionalistas, com vistas a atingir variados segmentos sociais e de relacioná-los às comemorações da Semana Farroupilha, levadas a cabo pelo Grupo RBS junto ao governo estadual e outras empresas sediadas no estado. No âmbito desta pesquisa, em relação ao

¹⁷⁰ Esta frase promocional de uma campanha promovida pelo Grupo RBS vai diretamente ao encontro dos apontamentos anteriormente citados de Nilda Jacks (2003).

¹⁷¹ Campos, cavaleiros, bandeiras do estado, chimarrão, churrasco, entre outros.

público leitor destas mensagens no jornal Pioneiro, podemos concluir que a contínua disseminação destas representações é mais um indicativo do apelo que contém perante o grande público e como atuam no reforço da positividade destas representações, enquanto próprias de um *ethos* dos habitantes do estado.

Ao analisarmos o esforço de valorizar os mitos e símbolos materiais gauchescos por meio destas propagandas, devemos levar em consideração que partem de materiais produzidos por consultorias e agências de marketing, publicidade e propaganda contratadas pelas empresas demarcadas ou pelos setores próprios desta área nestas empresas, não pelos jornais. Os produtores de propagandas formam um importante setor profissional de manejo e construção de sentidos e, se há dúvidas em considerá-los como operadores ideológicos, são ao menos minimamente capazes de compreender o conjunto de sentidos que orbitam no imaginário social e passíveis de serem utilizados para compor suas peças publicitárias, além de possuírem dados suficientes para saberem se fazer uso ou não destas temáticas regionalistas em momentos próximos à sua data máxima podem acarretar maior adesão aos produtos que propagandeiam. Portanto, é importante afirmar que a crescente imposição destas simbologias nas ações de marketing das empresas reflete a progressiva amplitude do tradicionalismo no corpo social local. Em uma ação de mão dupla, tanto demonstra como há mais apelo popular por estas narrativas, símbolos e sentidos como os reforça, na medida em que são uníssona e cuidadosamente e positivadas.¹⁷²

6.3 A Capital Mundial dos Centros de Tradição Gaúcha:, esforço propagandístico e pedagógico da mídia sobre o tradicionalismo e sua inserção decisiva no campo político em Caxias do Sul entre os anos 2001 e 2010.

A exemplo da lógica que guiou a segmentação proposta entre os capítulos desta tese, a divisão da análise de construção de narrativas entre os capítulos 4 e 6, dentro dos recortes temporais de 1980 a 2000 e 2001 a 2010, respectivamente, tentou respeitar o descarte de algumas narrativas e a ascensão de outras em um determinado espaço temporal, sem considerar uma ruptura significativa quanto à projeção daquelas amplamente reiteradas e

¹⁷² Destaco que os anúncios comerciais são remissivos a empresas que atuam na venda de produtos ou serviços que atendem a um amplo espectro de consumidores, com variável poder aquisitivo, como supermercados, celulares, eletroeletrônicos e não a nichos específicos de demandas, o que nos sinaliza para o fato de que o mercado publicitário considera que esta identidade social remete a diferentes estratos e recortes sociais.

levemente ressignificadas no imaginário local, sendo o mesmo caso quanto aos esforços propagandísticos e pedagógicos observados na década de 1990.

Sendo assim, aponto que no recorte de 2001 a 2010 perceberemos ainda alguma relevância das narrativas sobre a tensão na relação federativa entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, sentidos laudatórios à Revolução Farroupilha, reforços de uma autenticidade ou maior legitimidade do tradicionalismo local, narrativas explicativas sobre o crescimento do tradicionalismo na cidade e um espaço pequeno para projeção das críticas desmistificadoras ao movimento. Haverá um incremento de publicidade em relação às duas décadas anteriores sobre narrativas sintéticas entre os tons desmistificatórios e os laudatórios, sobre o fato de Caxias do Sul ser a “*Capital Mundial dos CTG*” ou “*Capital do Tradicionalismo*”, e de uma produtiva “mistura” entre tradicionalismo e italianidade, conjugada aos esforços de apresentar a cidade como multicultural/pluriétnica que já visualizamos sobre a Festa da Uva no período. Os esforços propagandísticos e pedagógicos dos meios midiáticos, em especial do Pioneiro, tornar-se-ão ainda mais contundentes, bem como a relevância desta identidade regional no campo político.

Iniciando pela manutenção da narrativa de tensão entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, ou das mazelas sofridas pelo primeiro por conta do segundo, deve-se destacar que serão apontadas por apenas um periódico, o Gazeta de Caxias. Embora já tenhamos analisado o porquê do Pioneiro ter aberto mão deste discurso em 1999, deve-se destacar que os outros periódicos não trouxeram tal sentido à tona entre 2001 e 2010, o que não significa que o fato da RBS ter abandonado tal linha seja suficiente para arrastar outras mídias menores para a mesma linha de ação (embora tivesse força significativa para impor certas pautas). Considero que a atenuação da crise econômica na década de 1990 já tenha afastado tal narrativa de outros jornais, verificada pela última vez em um periódico que não o Pioneiro nem a Gazeta de Caxias em 1991, em charge do Folha de Hoje. Com a melhora do cenário econômico em nível nacional durante a década de 2000, marcada pelas maiores taxas de crescimento anual do PIB no período da Nova República junto à manutenção de uma crise fiscal aguda do governo estadual, tal narrativa perdeu seus principais substratos factuais e, conseqüentemente, fôlego no imaginário coletivo. A sua reiteração isolada nos editoriais do Gazeta de Caxias em 2001, 2002, 2004 e 2005, durante a Semana Farroupilha, sinaliza um posicionamento mais particular, com certo alcance pela sua projeção intrínseca por partir de um periódico. Em 2001, foi repetido o mesmo texto do editorial do ano de 2000, utilizando-se inclusive do mesmo título, “*Brasileiros por opção*”.

Em 2002, aponta que este “*20 de setembro seria um momento ideal para nossos governantes refletissem de que o Brasil não pode mais ficar nesta cruel dependência que só traz fome, miséria e desemprego*” e que “*assim como os gaúchos fizeram há 167 anos, está na hora de se dar um basta a esta exploração vergonhosa e injusta*” (O EXEMPLO... 2002, p. 2). Em 2004, após novamente tratar sobre a injusta relação que historicamente caracterizou a relação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, assinala que seria absurdo “*uma nova revolução, mas considerando as distâncias do eixo central e a força que tem o estado, muitas vezes obrigado a sustentar estados mais pobres, não seria a necessário relembrar o velho espírito gaúcho e cobrar com um pouco mais de rigor o que nos é de direito?*” (UMA PÁTRIA... 2004, p. 2). Em 2005, após tecer críticas aos políticos envolvidos no caso do “Mensalão”, opera uma mescla de sentidos entre as intenções dos farroupilhas e uma “*grande nação*”: “*Que desta dor farroupilha que estava na alma daqueles que quiseram fazer deste estado gaúcho uma nação, nasça o desejo de fazer deste grande Brasil uma grande nação*” (SEM VENCEDOR... 2005, p. 2).

Relativamente estranha, esta textualização do periódico aponta para um arrefecimento do tom “*nós contra eles*” que foi a grande tônica nesta narrativa perpetrada pelos periódicos e que marcou com contundência as décadas de 1980 e de 1990. Reforço o apontamento de que sua perda de espaço provavelmente se deva ao início de um período de crescimento econômico significativo que se acentuou justamente a partir de 2005 e perdurou até o fim do recorte temporal da pesquisa. Nestes cinco anos, não encontraremos mais exemplos desta narrativa nos periódicos pesquisados.

Outro arrefecimento de narrativa perceptível no período se refere ao tom laudatório conferido aos eventos e personagens da Revolução Farroupilha, símbolo máximo tradicionalista. Considero que isso se deva, por parte da mídia, devido à manutenção do tom crítico e problematizador que passou a dominar o debate sobre o assunto no meio acadêmico, setor com ampla legitimidade perante a sociedade em relação à produção de sentidos sobre eventos históricos. Deve-se considerar que tal legitimidade social da academia não foi suficientemente forte aos olhos desta mesma (como nunca é) para impor seus sentidos sobre o assunto como a mesma poderia desejar ou supor, na medida em que contraria a mitologia erigida sobre um assunto tão caro a uma identidade social que no decorrer destas décadas alcançou grande popularidade e também constituiu importante legitimidade no imaginário coletivo. Nesta disputa de narrativas conflitivas entre dois vetores socialmente legitimados, perceberemos o arrefecimento de ambas, tanto as laudatórias à Revolução Farroupilha, como

as que procuram desmistificá-la, resultando na emergência de alguns sentidos sincréticos. Vejo nisto um posicionamento estratégico da mídia, visando a não se indispor com os dois lados e dando espaço para operadores ideológicos que tragam novas narrativas para continuar abordando um tema que não podia ser silenciado devido à sua grande popularidade, o que explica também seus esforços por um tom pedagógico sobre os símbolos materiais desta identidade e um esforço propagandístico voltado ao tradicionalismo, mas não mais aos seus símbolos polêmicos.

Sobre isto, percebemos apenas dois textos pautados por um tom laudatório aos farroupilhas. Um em 2004, em coluna publicada na página de editoriais do periódico Tempo Todo e assinado pelo então governador do estado, Germano Rigotto. Não há menções nos textos a narrativas rebatidas pela historiografia, como a brasilidade dos farrapos, ou uma unidade de toda a província em torno deles contra o Império, que já observamos com reiteração em outras conjunturas históricas. Comparando com estas textualizações já destacadas, adota um tom laudatório mais comedido:

Mais do que uma expressão do nosso civismo, elevar as cores do pavilhão riograndense demonstra a confiança que devemos preservar nos ideais que nortearam aquela que foi a mais importante revolução contra a opressão do Império. Uma luta que manteve vivas as ideias liberais, federalistas e republicanas, transformando-se na República Rio Grandense. (RIGOTTO, 2004, p. 2)

O outro texto com tom laudatório encontra-se no ano de 2010, no Correio Riograndense, em uma notícia curta sobre o desfile da Semana Farroupilha com foto de cavalarianos no centro de Caxias do Sul. Apontando que a Semana Farroupilha deste ano comemorava os “175 anos da Revolução Farroupilha”, exaltou a importância destas comemorações pelo “evento resgatar a história e as tradições gaúchas. É sempre motivo para recordar as façanhas dos revolucionários na histórica Guerra dos farrapos, empreendida pelos gaúchos e selada a paz com o Tratado de Poncho Verde, 1845, entre os gaúchos e o governo imperial do Brasil. (FESTA FARROUPILHA... 2010, p. 2)

Da mesma forma que no texto de Rigotto em 2004, não percebemos as hipérboles de narrativas anteriores à década de 1980. O fato do tom de ambos os textos ser muito mais brando do que antes das críticas desmistificadoras acadêmicas, bem como ser encontrado em apenas dois textos dentro do amplo leque de análise de fontes, ressalta como esta narrativa acadêmica em longo prazo ganhou espaço no imaginário coletivo. Não descarto a

possibilidade de que tenha passado despercebida em um ou outro texto dentro do amplo conjunto de fontes analisadas no recorte temporal, e considero muito possível que o tom laudatório sobre os revoltosos farroupilha tenha se mantido forte em outros espaços midiáticos, como os radiofônicos. Nos periódicos pesquisados, entretanto, a primeira década do século XXI sinaliza para um forte declínio da projeção destas narrativas.

Quanto à visibilidade das produções com tom desmistificatório, percebe-se que se manteve no mesmo nível das duas décadas anteriores, ou seja, baixo. O maior e mais denso texto com este tom foi publicado pelo Correio Riograndense no ano de 2001, sob o título “Mito do gaúcho”, em matéria com mais três páginas de autoria de Moacyr Flores e eivada dos principais pressupostos das narrativas acadêmicas de então, muitos dos quais válidos neste campo até a atualidade. Devido à longa textualização e o possível prejuízo de sua compreensão em relação ao eixo da matéria em retirar pequenos excertos, cito o subtítulo, que sinaliza com acurácia seu tom:

A lenda dourada do cavaleiro gaúcho, como herói formador do Rio Grande do Sul, surgiu com a literatura romântica no final do século XIX. Mas a construção do mito do gaúcho é recente e envolve pessoas de etnias diferentes. A transformação de todo sul-rio-grandense, mesmo o da cidade, em gaúcho, teria sido uma resposta ao movimento modernista. Na avaliação de Moacyr Flores, mestre e doutor em história pela PUC-RS, professor aposentado da UFRGS e efetivo da PUC-RS, escritor e conferencista, o gauchismo nada mais é do que “um fator antagônico em decorrência da urbanização da sociedade, que trouxe rupturas morais, mudanças nas relações familiares, competição econômica...” No texto publicado a seguir ele conclui: o mito sobrevive alimentado pela mídia e por interesses econômicos. (MITO DO GAÚCHO... 2001, p. 9)

É importante destacar como as credenciais acadêmicas do autor do texto são ressaltadas, fazendo uso da legitimidade perante o imaginário social que a academia confere aos seus porta-vozes. Neste caso, considero que o fato de Moacyr Flores ser um historiador gaúcho reconhecido e com trajetória nas duas principais universidades do estado tenha sido um fator importante para lhe conferir amplo espaço no jornal, na medida em que a matéria perpassou quatro páginas, formando quase uma “seção especial” crítica, permitindo também o tom pesado em direção à “desmistificação” dos principais postulados tradicionalistas e mais ainda, apontá-lo como um “*mito alimentado pela mídia*”.

O único texto com tom crítico ao tradicionalismo publicado pelo Pioneiro nesta década saiu em 2004, na seção de artigos, local destinado para textos sobre um assunto determinado redigido por indivíduos alheios ao corpo profissional do jornal. De título “*Revolta burguesa*”,

foi assinado pelo professor de história Marcelo Caon e trouxe em seu curto espaço a problematização de vários aspectos que a crítica desmistificatória já vinha apontando sobre a Revolução Farroupilha. Ao seu final, através do uso de questionamentos retóricos, aponta que a luta pelo pacto federativo, trazida reiteradamente ao debate durante a Semana Farroupilha nos últimos anos, “*nos foi retirado por um gaúcho, em 1937, quando no cargo de Presidente da República – e vejam só, muitos insistem em tê-lo como herói dos pobres.*” Na sequência, aponta que “*será um ótimo momento para a reflexão, para quem não sente dor ao fazê-lo. Mas vá lá, quem não o quiser fazer pelo menos pode aproveitar o feriado e continuar no sono da desinformação*” (CAON, 2004, p. 2)

No Gazeta de Caxias de 2007, em coluna assinada pelo também professor de história André Campos, percebe-se tom similar, com foco destinado a apontar a importância de tratar a Revolução Farroupilha como um “*revolta liberal*”, e que os farroupilhas não pretendiam “*revolucionar e transformar a sociedade*”, apenas se “*livrar dos desmandos políticos do centro do país*” (CAMPOS, 2007, p. 9). Logo em seguida parte para uma análise dos motivos econômicos dos revoltosos, sem o apelo para a reflexão trazido no exemplo anterior.

O fato das publicações das narrativas desmistificadoras partirem de artigos aleatórios, colunas ou matérias assinadas revela como os periódicos foram cuidadosos quanto à exposição do tema, com divulgação em espaços nos quais não são diretamente responsáveis pelo texto e com avisos disso em todos eles. Nos editoriais, não se visualizou esta narrativa a partir de 2001, nem que fosse para rebatê-la em seguida, como na década anterior. Percebendo que foram três publicações desta narrativa em três mídias diferentes, gera-se uma média de uma por década por jornal, o que é muito pouco. É ainda mais gritante no caso do Pioneiro, um jornal maior, com mais páginas e espaço para publicações, único de circulação diária e que, se contabilizarmos todo o recorte temporal deste subcapítulo, teve mais de oitenta edições analisadas. Mesmo assim, apresentou apenas uma menção do tipo, e a menor em espaço de visualização e de produção textual entre as três.

Com relação às narrativas sincréticas entre o tom crítico e o tom laudatório, encontram-se de forma mais localizada a partir de meados da década de 2000, e tem como vetor principal um personagem do tradicionalismo local que vimos emergir ainda nas polêmicas sobre a realização da Semana Farroupilha no Parque Cinquentenário, Manoelito Savaris. O primeiro texto neste tom foi encontrado em 2007, no editorial do periódico Tempo Todo de 27 de setembro de 2007, no qual o autor do texto cita alguns apontamentos de Savaris, designado como historiador, em palestra que proferiu na CIC.

A irmandade gaúcha não está no sangue que corre nas veias, mas na cultura, num modo de pensar e de agir, costurado por diferentes gerações de índios, portugueses, espanhóis, negros, mestiços, alemães, italianos e poloneses, desde as reduções jesuíticas até os dias de hoje. Como disse o historiador Manoelito Savaris, em brilhante palestra na CIC esta semana, o gaúcho sempre brigou por poder e ideologia e, como ocorreu com outros povos ao longo da história universal, sempre liderado pelas elites. (REFLEXÕES PARA... 2007, p. 2)

Os apontamentos de Savaris relatados no editorial apontam para o reconhecimento de um caráter multiétnico dos riograndenses, bem como de que a Revolução Farroupilha teve como eixo propulsor fatores comuns a outras tantas revoltas de caráter autonomista na “*história universal*”. Embora pareçam apontamentos óbvios à luz da historiografia mais qualificada sobre o tema, lembrando a grande miríade de narrativas que já contemplamos no decorrer desses quase sessenta anos de análise, parece inacreditável estarmos diante da fala de um líder tradicionalista e presidente do Instituto Gaúcho de Folclore e Tradição. Chama a atenção o fato de Savaris praticamente retirar a aura sagrada dos valores mitificados da Revolução Farroupilha ao trazê-la para o chão comum das revoltas autonomistas por conta de suas características aproximadas a movimentos similares de inúmeros povos em inúmeras épocas.

No editorial do ano seguinte do periódico, percebemos tom similar a esse de 2007, mas também com o editorial do Pioneiro de 1985 citado no capítulo 4. O diretor do Tempo Todo em 2007 e 2008 é o mesmo editor-chefe do Pioneiro de 1985, Paulo Cancian, o que nos sugere que foi o redator dos dois textos. Nota-se a similaridade específica deste editorial com o de 1985 do Pioneiro principalmente por reconhecer alguma validade nos postulados dos “*estudiosos*”, bem como por apontar no sentido de que esta impulsão materialista dos farroupilhas à luta deveria ser sopesada, num mesmo tom sincrético.

Num planeta em que o capital redistribuiu os mapas de dominação, que passou a adotar a atuação em blocos econômicos para fortalecer o poder de barganha, o povo do Rio Grande içou bandeiras, veste pilcha completa ou parcial e até fala mais alto para reverenciar um movimento separatista. Nós contra o mundo. Nós contra a opressão de um governo que não reconhecia a riqueza gerada nos pampas. Que menosprezava o quinhão que nos era devido. Claro, há uma corrente de estudiosos que atribui a reação da gauchada aos interesses de estancieiros, os capitalistas da época. Mesmo admitindo a racionalidade de tal juízo, é impossível deixar de reconhecer que todo o orgulho que brota do peito do gaúcho tem sua razão de ser. (A DATA... 2008, p. 2)

Outra narrativa sincrética que emerge com alguma visibilidade nesta década é a relativa a um caráter “pluriétnico” do tradicionalismo, mas num tom mais abrangente do que a “mistura positiva” entre italianos e tradicionalistas que já havíamos observado partindo de Sadi Bortolon em fins da década passada. No desfile farroupilha de 2004, CTG apresentaram diferentes performances. O Velha Carreta, dos funcionários da Fras-le, segundo o Pioneiro, enfatizou a “*defesa dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade*” e “*contou com integrantes de todas raças, como índios, alemães, italianos, poloneses, portugueses e representantes de outras etnias*” (ATÉ SOB... 2004, p. 6). É importante lembrar que as discussões sobre uma Caxias do Sul pluriétnica já vinham ganhando corpo na comissão organizadora da Festa da Uva desde 2002, conforme assinalado anteriormente, o que demonstra que esta era uma valência que orbitava no imaginário local, e performatizada por um CTG em um dos espaços de culminância do tradicionalismo na cidade.

Em 2005, em entrevista ao Correio Riograndense, encontramos a valorização às múltiplas etnias nas narrativas de Savaris, então na condição de presidente do MTG. O periódico aponta em notícia que “*o gaúcho, na avaliação de pesquisadores e de especialistas do tema, entre eles Manoelito Savaris, presidente do MTG, só se completou na sua cultura e na sua formação étnica-social no início do século passado*”, quando “*houve grande influência de outras etnias, notadamente dos italianos, alemães e açorianos*”, o que explicaria a “*identificação de descendentes de imigrantes italianos e alemães*” ao movimento. (INFLUÊNCIA DE... 2005, p. 10)

Comparando-se com a menção à palestra de Savaris de 2007, percebemos uma mesma linha de construção de sentidos por parte deste líder tradicionalista nos anos próximos aos meados desta década. Há um conjunto de similaridades com os apontamentos de Sadi sobre o tradicionalismo em Caxias do Sul, sobre a “mescla” de italianos e gaúchos dos Campos de Cima da Serra, na medida em que ambos refutam um símbolo enraizado no sistema de representações tradicionalista, de autenticidade campeira, vinculada ao tipo ideal de gaúcho da região da Campanha de fins do século XIX e elemento central dentro das simbologias desta identidade social. Considero que tanto Sadi quanto Savaris, ao ocuparem postos de liderança no MTG, viram a necessidade de construir ou redirecionar estes sentidos explicativos perante uma miríade de tradicionalistas de diferentes etnias, cada um de acordo com suas experiências mais próximas, tendo Sadi passado a reiterar um sentido positivado de mescla entre italianos e gaúchos e Savaris voltado a uma valorização pluriétnica, por seu cargo com maior

abrangência em nível estadual e que o tenham feito mesmo que diminuindo a potência simbólica de algumas representações até então muito caras aos tradicionalistas. Se a aderência a uma narrativa mais agregadora em termos étnicos por parte de ambos ou de um e outro se deva a um cálculo utilitarista visando a um discurso que os aproximasse de lideranças tradicionalistas destas novas etnias afastadas da ideia do “gaúcho campeiro” ou a uma sincera percepção e convencimento da importância destes, é impossível avaliar com precisão. Vejo na manutenção de um discurso similar por vários anos da parte de Sadi, entre fins do século XX e início do XXI, uma sinalização deste segundo sentido e o mesmo quanto a Savaris, por sempre ter exposto a mesma narrativa quando entrevistado.

No espaço temporal entre 2001 e 2010, há também um crescimento da exposição de matérias com tom pedagógico sobre o tradicionalismo por parte do Pioneiro, algo que já se observava com contundência no final da década de 1990. Sem querer delongar em sua exposição por não acarretar em uma construção de sentidos significativa, mas sim um esforço por parte do periódico a favor do movimento perceptível nos veículos midiáticos da RBS e já apontado por outros autores, como Jacks (1992), Felippi (2006), Ferreira (2012) e Ronsini (2004), destacarei de forma breve quais esforços que tiveram maior visibilidade em suas páginas.

Na edição de 19 de setembro de 2001, menciona o conjunto de regras de um CTG, relativas principalmente ao padrão de comportamento adequado de “peões e prendas”, destacando novamente que as prendas devem seguir “*a regra de ouro dos bailes tradicionalistas: não dar carão, ou seja, jamais recusar convite para uma dança*” (FESTA DE... 2001, p. 4), além de um pequeno glossário para diferenciar os tipos de festas campeiras “*quando receber um convite*”. Em 2002, o Pioneiro aborda em matéria os principais aspectos de funcionamento de um CTG. Entrevista Sadi Bortolon na condição de coordenador da 25ª RT com questões sobre os trâmites para abrir um e apresenta um vocabulário explicativo sobre elementos de um CTG. (MAIOR NÚMER... 2002, p. 4).

No ano de 2003, ocupou duas páginas da edição de 17 de setembro para apontar com fotos e textos sobre trabalhadores de diversos espaços que vão aos seus locais de trabalho pilchados durante a Semana Farroupilha, e de que forma tal atitude vinha ganhando adeptos (p. 6). Em 11 de setembro de 2004, extensa matéria sobre os tipos de roupas gauchescas necessárias a fim de “*curtir os bailes gaudérios*” e os custos para adquiri-las ou alugá-las (p. 4). Por fim, destaco no ano de 2009, a edição do dia 19 de setembro, com matéria de grande visibilidade e mencionada na capa da edição com manchete de título “*Quanto custa ser*

gaúcho", contendo uma lista com comparação de preços sobre diferentes acessórios diacríticos gauchescos. (MÊS DE... 2004, p. 4).

A quantificação das menções encontradas sobre o tradicionalismo no Pioneiro no subcapítulo anterior tem como tipificação a seção do periódico no qual foi encontrada. Se houvesse uma tipificação pelo tipo de narrativa que carrega ou esforço que projeta, adianto que a partir dos anos 2000, haveria uma enorme vantagem numérica das menções relacionadas aos esforços pedagógicos e propagandísticos sobre as de outros tipos. Quanto às de cunho pedagógico, menciono que ocorreram, com repetições de assuntos das matérias, ano após ano, tratando de receitas de churrasco, carreteiro, dicas e instruções para fazer chimarrão, bem como sobre as roupas, acessórios e comportamentos adequados dos participantes de CTG. As matérias não eram simplesmente copiadas em seus conteúdos de um ano para outro, mas reiteravam temas de tal forma que levam a caracterizá-las como um projeto, pautado por um esforço contínuo. Chama a atenção o fato desta linha de ação não ser direcionada por um interesse comercial aparente. Quando são mencionados os tipos de produtos ou roupas, não encontramos necessariamente propagandas ou menções a estas lojas. Denota muito mais um compromisso ideológico da RBS com o tradicionalismo, cujos motivos foram apurados por Nilda Jacks (2003), e com efeitos provavelmente impactantes para a popularização do evento.

Outro aspecto importante que fica claro neste recorte temporal é o fato de o tradicionalismo se tornar, por conta também de seu caráter comemorativo sazonal, uma espécie de identidade social disponibilizada no “supermercado cultural”, como nos sugere Stuart Hall (2006). Se o contexto de globalização e consumismo de fins da década de 1940 trouxe um choque cultural que impulsionou o grupo do 35 CTG a formar um movimento que fortaleceu uma identidade regional, 50 anos depois, esta identidade regional gaúcha é “consumível” por meio da aquisição de acessórios e produtos diacríticos. Dela se pode usufruir em um espaço de tempo determinado em que é realçada no imaginário coletivo, largá-la de mão por um período de quase um ano e retomá-la no próximo, ou quando esporadicamente convidado para um evento do tipo. Embora seja impossível qualquer projeção numérica ou percentual sobre o nível de aproximação e relação com o tradicionalismo da parte de seus portadores, é inegável que “tradicionalistas esporádicos” representem uma fração significativa dos adeptos de suas atividades e, que tal participação nesse nível só é possível graças ao contexto de comercialização das identidades experimentado em fins do século XX e em grau ainda maior no início do XXI.

Similar ao esforço pedagógico, percebemos também a maximização de um apelo propagandístico sobre o tradicionalismo nesta década pelo Pioneiro, e em que pese o caráter subjetivo desta percepção, com uso de tons e acenos emotivos similares aos utilizados perante as edições da Festa da Uva. O tom apelativo não se concentra em notícias, editoriais e colunas e estes dois últimos espaços do jornal, nesta década, não possuem menções ao tradicionalismo significativas. Percebe-se tal apelo nas seções especiais, nos cadernos culturais e nas imagens das capas e contracapas junto às manchetes com chamadas para estas seções especiais. Também se percebe um esvaziamento de produção de narrativas, restando uma espécie de propaganda do “tradicionalismo pelo tradicionalismo”, sem uma inter-relação aos seus aspectos históricos, pois polêmicos, e nem pautado pela tensão com o governo central, pois a narrativa perdeu substrato fático. Em certo sentido, o crescimento do esforço propagandístico do Pioneiro é a outra face da moeda de um declínio da projeção das narrativas que tinham em anos anteriores significativo grau de aceitação social e presença no debate público.

Portanto, este tom apelativo vai se concentrar no uso de imagens e chamadas para as comemorações da Semana Farroupilha, além das seções especiais. Se nestas seções especiais o tom propagandístico se misturava com o pedagógico, visando a informar sobre possíveis linhas de ação para ser portador desta identidade regional tradicionalista, as imagens, por estarem nas capas e contracapas junto com as manchetes chamativas, aparentam uma finalidade de exercer comoção no leitor, ou atraí-lo com maior eficácia através desta visualização primária do jornal, induzindo-o para a leitura da matéria em suas páginas.

As imagens selecionadas e expostas como exemplo trazem um pequeno conjunto daquelas tendências que se perceberam representativas quanto ao leque analisado de mais de 80 edições do Pioneiro nesta década. Não pretendo realizar uma abordagem analítica imagética, o que exigiria um referencial teórico específico e, como as imagens anteriores deste trabalho, visam a apenas trazer a quem lê a possibilidade de compartilhar elementos visuais observados pelo pesquisador. Procura-se trazer nesta pequena seleção apenas alguns traços mais comuns, como a reiteração do uso de imagens de símbolos tradicionalistas com bebês e crianças¹⁷³, chamadas para grupos sociais específicos, como jovens tradicionalistas, e as manchetes curtas e convidativas ou emotivas, como “*Amor farrapo*”¹⁷⁴, “*Amor à cultura*

¹⁷³ Ver Anexo A – Figura 37.

¹⁷⁴ Ver Anexo A – Figura 38.

desde a infância”¹⁷⁵, *“Pátria gaúcha em festa”*¹⁷⁶, *“A tradição te espera”*¹⁷⁷ e *“O baile é minha balada”*¹⁷⁸. Ressalto como a maioria dos líderes tradicionalistas dos CTG de empresas, entrevistados no capítulo 5, apontaram em suas narrativas que o periódico de fato promoveu o tradicionalismo, o que nos permite inferir um sentido importante. Esta promoção foi tão significativa, a ponto de obliterar uma possível narrativa sobre o tema de *nós contra todos*, comuns a grupos em ascensão simbólica em um determinado universo social.

A exemplo das décadas anteriores, entre 2001 e 2010, também foram projetadas narrativas visando a explicar o crescimento do movimento tradicionalista em Caxias do Sul. Na edição de 17 de setembro de 2001 do *Pioneiro*, em seção especial, o fato de Caxias do Sul ser a cidade com maior número de CTG do estado ganha destaque e percebemos no texto da matéria como trazia estranhamento em uma cidade até então pautada de forma central pela italianidade, quando é mencionado o número de entidades tradicionalistas como *“uma contradição, diante da colonização italiana do município”*. Em seguida, parte para uma explicação *“dentro de uma perspectiva histórica”*:

A adesão ao movimento foi a forma de o imigrante buscar aceitação e afirmar a sua identidade, perdendo a condição de estrangeiro”, afirma a antropóloga Maria Clara Mocellin. Nos nove municípios da 25ª Região Tradicionalista de Caxias do Sul (RT), são 86 CTG.

Se o que incentivou o desenvolvimento do tradicionalismo na região foi a necessidade, o que o mantém aceso é a busca por um ambiente sadio. “É o único lugar de lazer em que a família fica unida, a filha dança com o pai e o avô”, argumenta o coordenador da 25ª RT de Caxias, Sadi Bortolon. (REGRAS MUDAM... 2001, p. 4)

Mocellin é a mesma autora do importante estudo *Trajetórias em rede* (2008), com referências sobre a italianidade que embasaram aspectos centrais desta tese. Em relação ao seu apontamento sobre os fatores explicativos do crescimento do tradicionalismo na cidade acima exposto, deve-se fazer um pequeno destaque. Sua linha de argumentação encontra eco nos escritos anteriormente citados de Oliven (1992), Biase (2009) e de outros autores que, em fins da década de 80 e começo da de 90, apontaram o crescimento do tradicionalismo nas regiões de colonização alemã e italiana como uma forma dos imigrantes e seus descendentes integrarem-se à sociedade gaúcha hegemônica. Embora seja reconhecida a validade de tais

¹⁷⁵ Ver Anexo A – Figura 39.

¹⁷⁶ Ver Anexo A – Figura 40.

¹⁷⁷ Ver Anexo A – Figura 41.

¹⁷⁸ Ver Anexo A – Figura 42

apontamentos, ressaltando que se referem a fenômenos sociais do início do século XX. Considerando o que já observamos até esta parte da pesquisa, resta evidente que a apropriação dos imigrantes italianos e seus descendentes de símbolos materiais da elite gaúcha, no início do século, não explica o crescimento vultoso da popularidade do tradicionalismo em Caxias do Sul a partir da década de 1980, e que tal se deve a outros fatores mais próximos das narrativas das próprias lideranças do movimento, em destaque para o fenômeno migratório da região dos Campos de Cima da Serra, além de outros não abordado por eles, como a ação midiática.

Neste caso, chama a atenção a distância entre a academia e a sociedade que a ela cabe analisar. Os escritos de Oliven ganharam amplo destaque neste meio a partir da década de 1990 e de certa forma, impuseram-se como uma narrativa dominante até para contextos nos quais o autor dedicou atenção analítica menor, como é o caso da RCI. Se considerarmos que as primeiras narrativas de Sadi Bortolon sobre o crescimento do movimento dedicando-o ao fenômeno migratório já haviam sido publicadas na mídia em 1992, temos um intervalo de pelo menos 10 anos de distância entre esta publicação de uma explicação pouco mais factível sobre o fenômeno e a reiteração de uma narrativa acadêmica de pouca densidade para a realidade em questão. Humildemente, reconhecendo que toda tentativa de abstração de uma realidade social já nasce limitada - inclusive esta tese - e salientando a importância dos pressupostos construídos tanto por Oliven como Mocellin, que ofereceram subsídios fundamentais para o escopo deste trabalho, o dado trazido nesta edição do Pioneiro traz a obrigação de apontar que a academia, um campo altamente institucionalizado com pretensões de objetividade científica é, por vezes, guiada por narrativas, o que abre a possibilidade de estar mais distante de elementos de um “real concreto” explicativos da sociedade do que os indivíduos que vivem vinculados a estes contextos e intrinsecamente, criam sentidos explicativos sobre tal.

No editorial de 20 de setembro de 2002 do Gazeta de Caxias, é mencionado o fato de a cidade ser a que tem maior número de CTG no estado, além de uma estimativa de que 60% da população seja de descendência lusa. Em seguida, deslinda para um tom profético sobre a grandeza numérica da população do município:

Hoje, eles fazem parte da história de Caxias ao lado de descendentes de italianos, havendo, inclusive, uma miscigenação cada vez maior em laços matrimoniais criando uma raça forte, sadia, dinâmica, trabalhadora e inteligente que deverá impulsionar Caxias, nos próximos anos, ao seu grande

destino, que é tornar-se a maior cidade do Rio Grande do Sul. (O EXEMPLO DOS... 2002, p. 2)

Os dados utilizados pelo autor do editorial são idênticos aos apontados por Sadi Bortolon nas reiteradas entrevistas que concedeu ao periódico, sugerindo que o editor se aproveitou deles. A estimativa de que a população caxiense seja 60 por cento formada por descendentes de lusos foi utilizada por Sadi nestas entrevistas em anos anteriores sem qualquer citação da origem deste dado, e agora trazido como “*estimativas*” pelo editorial da Gazeta. A similaridade estende-se à valorização da mescla entre italianos e gaúchos também já apontada por Sadi. Chama a atenção a visão sobre o “*grande destino*” do município, de tornar-se a maior cidade do estado, um apontamento esdrúxulo mais pela sua intenção quase infantil de grandeza do que pela concreta possibilidade de vir a ocorrer.

Se conseguimos localizar em Sadi Bortolon o líder tradicionalista que projetou com mais contundência esta narrativa de explicação sobre o crescimento do tradicionalismo na cidade na década de 1990, nos anos 2000 perceberemos como ela começa a se espalhar. Em notícia publicada em 23 de setembro de 2004 no periódico Tempo Todo, o presidente da comissão organizadora da Semana Farroupilha, José Laerte Castilhos, destaca como os “*caxienses estão cada vez mais voltados às suas raízes, principalmente com a constante migração da população campeira de municípios vizinhos*”. Em seguida, aponta que “*há algum tempo, se alguém estivesse pilchado e andando pelas ruas sofria chacota. Hoje a situação mudou, as pessoas valorizam mais a nossa própria cultura*”. (DESFILE ENCERRA... 2004, p. 12)

O dado trazido por Castilhos sobre a chacota sofrida pelos tradicionalistas no passado se coaduna com informações analisadas no capítulo 4 e narrativas dos entrevistados analisadas no capítulo 5. Embora possa sugerir a formação de uma narrativa sobre esta “*dificuldade superada*”, não se pode desconsiderar o dado de que partiram de diferentes indivíduos sem relação entre si, bem como de que obteve pouquíssimo espaço na mídia, dificultando sua popularização e um caráter de compartilhamento entre os membros de um grupo que caracterizam o estabelecimento de uma narrativa em um imaginário social. Pode-se entrar também quanto a este tema na discussão anterior entre o “*real concreto*” e as interpretações mais descoladas deste mesmo “*real*” que amparam uma narrativa. Reitero, tal como anteriormente, que a construção de uma narrativa parte de um alinhamento de certos sentidos com um fim explicativo determinado, sem que estes sentidos devam ser considerados como necessariamente distantes dos fatos. Devido ao que já foi apontado nas linhas anteriores

deste parágrafo, considero que havia um contexto social de ojeriza aos tradicionalistas em décadas passadas, que eram alvos de deboches, e que tal situação tenha sido amenizada pela crescente popularidade e positividade desta identidade no imaginário social local.

Na edição de 15 de setembro de 2009, o Pioneiro aborda em longa matéria de título “*A Semana Cresceu*” o fenômeno do crescimento do tradicionalismo e cita o número de público de suas atividades em 250 mil pessoas. Sem uma construção de sentidos explicativos bem elaborada, mais focada em apontar uma evolução dos números e dos espaços pelos quais a Semana Farroupilha foi comemorada, a matéria utiliza de imagens de um bebê gaudério, um criança gaudéria e um adulto gaudério para demonstrar os “*gaudérios em evolução*”, fazendo uso dos mesmos tons pedagógicos e propagandísticos que passaram nesta década a atravessar a maioria das reportagens que realizava sobre o movimento. (A SEMANA CRESCEU... 2009, p. 22)

Isto pode ser percebido também em uma construção de sentidos que podemos adjetivar como nova, presente a partir de 2001, e refere-se aos qualificativos de “*Capital Mundial dos CTG*” ou “*Capital Nacional do Tradicionalismo*” a Caxias do Sul, sem desconsiderar que já havia algumas menções sobre o número destacado de CTG da cidade ainda em fins da década passada e no ano de 2000. Na contracapa da edição de 17 de setembro de 2001, percebemos isto em manchete com foto e legenda, que aponta Caxias do Sul como “*A mais gaudéria das querências gaúchas*”, citando que a cidade possui “*74 CTG que reúnem mais de 80 mil adeptos do tradicionalismo*”.

Na edição do periódico do dia 17 de setembro de 2002, nova foto na contracapa com um baile de crianças em um CTG com a manchete “*Caxias, a mais gaudéria das cidades*”, com a legenda da foto marcada pelo reiterado tom apelativo, apontando que “*engana-se quem pensa que cidades da fronteira como Bagé e Alegrete têm mais de centros de tradições gaúchas do que Caxias do Sul, onde existem 82 CTG.*” Na página 4 desta edição, com o subtítulo “*Fenômeno Tradicionalista*”, publica uma reportagem com entrevista de Sadi Bortolon que novamente aponta uma “*mescla de raças*” que “*criou a cultura local de liderança, natural entre a população. Por isso, o grande número de CTG na cidade. Todos querem ser patrões*”. (MAIOR NÚMERO... 2002, p. 4)

Nos outros periódicos tal informação sobre o grande número de CTG não passou despercebida, sendo mencionada a partir de 2005 pelo Correio Riograndense nas reportagens sobre o tradicionalismo local. É importante destacar que esta informação por si só, sobre o grande número de CTG na cidade pode até ser geradora de uma manchete impactante, mas

necessita de uma textualização que a complemente, no que geralmente acarretou a sua complementação com uma narrativa explicativa sobre o fenômeno, as quais já foram abordadas quanto aos seus traços gerais. Neste âmbito, podemos apontar uma complementaridade desta nova e importante representação a narrativas preexistentes no sistema de representações local sobre o tradicionalismo.

Estas três menções que foram selecionadas para exemplificar este sentido contemplam uma pequena parte dentre um amplo leque de menções analisadas. O que leva ao destaque destas é a força de sua projeção, as duas primeiras no principal periódico local e a terceira em outro menor. A partir de meados da década de 2000, tal representação será reiterada nos periódicos, como também em materiais de propagandas da 25ª RT, que passa a tratar a cidade como a “*Capital Mundial do Tradicionalismo*”.¹⁷⁹

A grande e crescente popularidade de uma identidade regional tradicionalista em Caxias do Sul, no decorrer do recorte temporal deste subcapítulo, gerou impactos cada vez mais significativos no campo político local. Considerando que isto já havia surgido ainda em fins da década de 1970, com alguns vereadores debatendo sob esses termos em sessões do poder legislativo e tenha retomado com força na década de 1990, considerando as duas vitórias eleitorais de Pepe Vargas utilizando em campanha simbologias relativas ao gauchismo como demonstrou Gonçalves (2016) e, a aparição de prefeitos e alguns vereadores pilchados durante a Semana Farroupilha. A década dos anos 2000 não é a primeira na qual veremos esta penetração das questões relativas a esta identidade no cenário eleitoral. Mas sem sombra de dúvidas, é aquela na qual isto ficou mais proeminente.

A visibilidade conferida pelos jornais locais a esta relação entre política e tradicionalismo aumentou de forma decisiva no período, acompanhando a popularização das comemorações da Semana Farroupilha, agora divididas entre o Acampamento Farroupilha no mesmo parque onde ocorre a Festa da Uva e o desfile farroupilha, que ocorre na Rua Sinimbu, central e palco dos principais desfiles caxienses. Se em 2001 o acampamento e o desfile registravam públicos próximos a 100 mil pessoas, em 2010 as estimativas apontavam números superiores a 250 mil, demonstrando um incremento muito significativo do apelo que o tradicionalismo tinha angariado na sociedade local.

No período entre os anos de 2001 a 2003, as menções sobre o tradicionalismo e políticos foram exíguas. Em 2002, o Pioneiro menciona em sua coluna de política apenas um

¹⁷⁹ Na página inicial do site da 25ª RT tal título tem destaque central. Em: <http://25rt.com.br/>. Acessado em 21/01/2021.

pequeno texto e registro fotográfico de um vereador, a vice-prefeita e Sadi Bortolon fazendo campanha eleitoral em uma praça ao mesmo tempo em que ocorriam os desfiles da Semana Farroupilha, estando eles pilchados e a vice-prefeita com uma cuia na mão (COMEMORAÇÃO FARROUPILHA... 2002, p. 31), na medida em que no ano de 2002 houve eleições para cargos do governo estadual e federal. Em 2003, há a menção de sessão solene da Câmara de Vereadores na qual houve a entrega da Medalha Honeyde Bertussi¹⁸⁰ e que “a maioria dos vereadores esteve vestida à caráter, a começar pelo presidente Vinícius Ribeiro” (PORTEIRA DA TRADIÇÃO... 2003, p. 31).

No ano de 2004, a Semana Farroupilha ocorreu a poucos dias do primeiro turno da eleição municipal, com a disputa principal travada entre José Ivo Sartori (PMDB) e Marisa Formolo (PT). Ele, deputado federal; ela vice-prefeita de Pepe Vargas, no seu primeiro mandato. O vice-prefeito na chapa de Sartori foi Alceu Barbosa Velho (PDT), advogado e vereador na legislatura entre 1997 e 2000. Alceu Barbosa Velho é natural de Bom Jesus, cidade da região dos Campos de Cima da Serra, participante de CTG, competidor de torneios de laço e bastante vinculado ao tradicionalismo. Podemos perceber a importância dada à portabilidade desta identidade social por Alceu Barbosa Velho quando Sartori proferiu discurso em um jantar com simpatizantes: “- *Juntos, vamos trabalhar para tornar as coisas mais leves, mais suaves – definiu. Em seguida, elogiou “a bravura, a grandeza, a humildade e a simplicidade do gaúcho” em saudação ao seu vice e emendou propostas na área da saúde.*” (VERSATILIDADE NA AGENDA... 2004, p. 26)

Neste discurso, percebemos a importância conferida pelo cabeça de chapa ao seu vice, o que não foi encontrado nos relatos dos discursos dos outros candidatos nesta reportagem de uma página inteira na edição de segunda-feira, que tratou das atividades do final de semana dos candidatos. Considero que a exemplo da campanha de Pepe Vargas em 1996 e 2000, que percebeu duas identidades sociais mais populares na cidade e operou sua propaganda eleitoral de forma a criar laços e identificação com ambas, Sartori tenha percebido que estava muito vinculado à italianidade e necessitava de uma figura que detivesse capital simbólico com esta parcela da sociedade caxiense ligada ao tradicionalismo. O perfil de Alceu – político em

¹⁸⁰ A medalha Honeyde Bertussi é uma homenagem anual conferida por uma comissão de vereadores a um grupo de quatro tradicionalistas no período próximo à Semana Farroupilha. O nome da Medalha refere-se ao músico local já abordado no capítulo 2, que junto com seu irmão participou de programas radiofônicos com música e temática gauchesca prévios aos primeiros CTG na cidade. Honeyde e seu irmão tiveram profícua carreira musical, interrompida com a morte de Honeyde em 1996. A entrega desta medalha enquanto homenagem foi criada pela Câmara de Vereadores de Caxias do Sul em 1998.

ascensão de um partido com grande número de filiados em Caxias do Sul, reconhecido como um advogado qualificado e tradicionalista – encaixava-se às suas necessidades, evidenciado pelo fato de mencioná-lo em seus discursos como “*gaúcho*”, abrindo espaço para criação de laços de identificação e proximidade com estes.

Sartori e Alceu saíram vitoriosos da eleição de 2004. A partir de então, perceberemos uma grande presença de ambos nos eventos da Semana Farroupilha, e visibilidade aos dois nestes espaços por parte dos periódicos. Em 2005, por exemplo, a prefeitura instalou espaços de atendimento de algumas secretarias municipais no Acampamento Farroupilha, como o “Galpão da Habitação”, sendo que a Câmara de Vereadores destinou espaço de seu prédio para exibição de “*adereços e objetos que fazem referência à cultura tradicionalista*” (CHIMARRÃO COM... 2005, p. 12). Anos depois, a Câmara passaria também a participar do Acampamento Farroupilha anualmente.

No mesmo ano, o Pioneiro entrevistaria alguns tradicionalistas de lados políticos opostos sobre esta relação entre tradicionalismo e política com crescente visibilidade no cenário local. Além de Sadi Bortolon (que havia sido candidato a vereador pelo PT), o Secretário Municipal de Habitação, Francisco Rech, que atendia no galpão do acampamento frisou a importância do cuidado com “*políticos oportunistas que defendem a tradição, e mais tarde saem de cena*”, “*embora tenha os bem-intencionados*”. Alceu Barbosa Velho, o único entrevistado com foto no meio da matéria e pilchado, pontuou que “*nem todo tradicionalista precisa ser político, mas todo político precisa ser um pouco tradicionalista*” (CHIMARRÃO COM... 2005, p. 12)¹⁸¹. Em outra notícia sobre os desfiles Farroupilha deste ano, o jornal Ponto Inicial não destacou em sua foto algum momento do desfile ou do público que o assistia, mas apenas Sartori e Alceu pilchados tomando chimarrão no setor da arquibancada destinado às autoridades.

No ano de 2006, um protesto por parte da União das Associações de Bairros (UAB), durante o desfile Farroupilha, concentrou a atenção da mídia na cobertura do evento. A UAB entrou de “penetra” no desfile, pois não teria sido autorizada pela organização do evento. O Pioneiro entrevistou Alceu, que desde o ano passado ocupava o cargo de presidente da comissão organizadora da Semana Farroupilha, estava no palco das autoridades e se virou de costas para o desfile quando a UAB passou. Estes fizeram o mesmo quando passaram neste setor das arquibancadas.

¹⁸¹ Ver Anexo A – Figura 43

“- Esses caras vêm esculhambar, então têm que ignorá-los. O propósito deles é aparecer. Isso é uma palhaçada, um despautério, nem tenho como explicar minha indignação” - esbravejou o vice-prefeito. Segundo Alceu, o veto à UAB ocorreu porque o pedido foi feito de última hora, na terça-feira à tarde¹⁸². Além disso, o presidente da comissão salientou que para integrar o evento, a UAB deveria estar caracterizada. “- Olha a Liga Carnavalesca, por exemplo. Falaram com a gente antes, e desfilaram pilchados”. (UAB PROTESTA... 2006, p. 34)

O Jornal dos Bairros, publicado pela UAB, trouxe a sua versão dos fatos, apontando que foram notificados “*um dia antes do desfile de que não participariam*”. Em tom de desagravo, o presidente da UAB, Afonso Nery, afirmou que:

“o desfile deveria apresentar todas as nuances da construção da cultura gaúcha. A UAB fez isto com maestria, pois mostrou que ainda hoje, o que faz o gaúcho é cultivar a pluralidade das culturas” justifica Nery ao citar a ala das odaliscas, os jovens representados pelo PROCAP e a valorização da mulher através das prendas Mais Belas Comunitárias. E principalmente a luta contra a opressão de quem imagina que as manifestações populares podem ser tuteladas, tal qual o Império tentou fazer com os Farrapos durante a Revolução”. (ASSIM SE FAZ... 2006, p. 5)

Essa polêmica de 2006 chama a atenção por demonstrar que o desfile Farroupilha tornou-se um espaço de culminância de performances e de luta por visibilidade de grupos. Sinaliza também para uma institucionalização do evento, quando percebemos a exigência da organização para que os participantes do desfile estivessem pilchados, e a defesa do presidente comunitário de que três grupos heterogêneos e de difícil vinculação com os símbolos gauchescos representassem a entidade. Também demonstra Alceu Barbosa em posição de destaque na Semana Farroupilha, em cargo no qual associa seu capital simbólico como portador desta identidade ao seu capital político como vice-prefeito. No ano seguinte, a UAB voltou a participar do desfile Farroupilha, sem atritos com a organização do evento publicizados pela mídia.

Em 2007, na entrega da Medalha Honeyde Bertussi pela Câmara de Vereadores (ano no qual Zanildo do Nascimento foi homenageado), percebemos uma narrativa importante de Alceu, quando confere ao tradicionalismo peso fundamental por um título que a cidade havia recebido e que seria bastante explorado pela Administração Municipal.

¹⁸² O desfile deste ano seria na quarta-feira, dia 20 de setembro de 2006.

“Já o representante do Poder Executivo, Vice-Prefeito Alceu Barbosa Velho, agradeceu o trabalho dos tradicionalistas. “Eu não tenho dúvida nenhuma que este tradicionalismo, do qual os senhores são protagonistas, foi decisivo na conquista do título de Capital da Cultura que Caxias acaba de receber”, avaliou”. (CÂMARA ENTREGA... 2007, p. 5)

O fato da cidade ter ganho o título de Capital Brasileira da Cultura e de Alceu conferir aos tradicionalistas também o mérito por isto demonstra uma operação ideológica interessante. O título traz uma representação nova e que positiva a sociedade caxiense como um todo. Reconhecendo que há diferentes grupos identitários presentes na sociedade, Alceu trata logo de granjear méritos sobre esta valência para o grupo que representa, do qual já podia ser apontado como liderança e principal portador de seus elementos simbólicos no imaginário local.

A eleição municipal de 2008 levou de novo os candidatos ao Acampamento Farroupilha. Com Sartori e Alceu concorrendo à reeleição com um ampla coligação de mais de 20 partidos, Pepe Vargas aliou-se com partidos menores de esquerda e compôs sua chapa com Abigail Pereira, do PC do B, também próxima do movimento tradicionalista. Esta eleição, a última sob a qual a análise de periódicos desta pesquisa incidiu, exhibe de forma cristalina como o tradicionalismo ganhou um espaço central na política eleitoral da cidade, no que se deve considerar além de seu crescente alcance social, a sua proximidade com o calendário eleitoral.

Na edição de 22 de setembro de 2008, o Pioneiro abordou a visita dos dois candidatos com seus vices ao Acampamento Farroupilha sob o título “*A peleia de Pepe e Sartori*”, em extensa matéria com fotos das duas chapas nestes locais e sobre suas interações com os tradicionalistas lá presentes. Quatro dias antes desse, o mesmo periódico publicou uma charge, com Sartori e Pepe discutindo qual era mais gaudério, confirmando através do estranhamento – um dos eixos centrais da produção humorística – um comportamento inédito por parte dos principais candidatos de um pleito na cidade até então. (A PELEIA DE... 2008, p. 18-19)



FIGURA 24 - CHARGE PUBLICADA NO JORNAL PIONEIRO EM 18 DE SETEMBRO DE 2008, IRONIZANDO A APROXIMAÇÃO DE PEPE E SARTORI À IDENTIDADE REGIONAL GAÚCHA, COM OS DOIS DISCUTINDO QUAL SERIA MAIS "GAUDÉRIO". (PIONEIRO, 2008, P. 3)

Em publicação do dia 20 de setembro deste ano, outra extensa matéria envolvendo a política eleitoral local com o tradicionalismo, mas com os vices em específico. O Pioneiro propôs a ambos a realização de um “*Vestibular gauchesco*”, que o realizaram, com questões preparadas por Manoelito Savaris e depois, traçaram uma pequena “*lista de favoritos*” sobre a tradição gaúcha.

Embora deva se considerar que obviamente tal “*vestibular*” ocorreu com relativa descontração, como uma brincadeira proposta pelo periódico aos dois vices de perfil identitário similar, tal linha de ação de um periódico caxiense frente a candidatos ao executivo municipal, não faria o menor sentido há algumas décadas atrás. Considero este exemplo o mais significativo em demonstrar como o tradicionalismo atingiu grande popularidade na cidade e, principalmente, fazendo uso da figura lúdica de um vestibular, atingiu grande legitimidade no imaginário coletivo, chegando ao ponto de testar o conhecimento sobre o assunto dos candidatos a vice mais competitivos ao executivo municipal. Reconheço o tom descontraído de tal assertiva, mas imaginemos que um ou ambos candidatos fossem mal avaliados no teste. Esta informação chegaria a ser publicada? De qualquer forma, segundo a reportagem, os dois candidatos “*acertaram a maioria do teste*” (VESTIBULAR GAUCHESCO... 2008, p. 22-23).

Outro personagem político importante no cenário local nesta década e ligado ao tradicionalismo é Assis Melo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos durante todo o período entre 2001 e 2010. Iniciou no sindicato como diretor de base a partir de 1987 e foi

galgando postos até atingir a presidência. Nesta eleição de 2008, foi eleito vereador com o maior número de votos na cidade e em 2010, deputado federal. Na edição de 20 de setembro de 2009 do *Pioneiro*, na seção sobre política, uma matéria “*Representação política para Bom Jesus*”, com foto de Assis pilchado, aponta como também viveu o processo migratório de vários tradicionalistas locais:

“Mais um político pilchado agora é o vereador e candidato à Câmara Assis Melo (PCdoB, de relógio) que teve encontro com participantes da 11ª edição da Cavalgada da Semana Farroupilha de Bom Jesus.

Do encontro, participou também o prefeito de Bom Jesus, José Paulo de Almeida (PMDB). O prefeito disse para os cerca de 50 cavaleiros presentes que gostaria de ter dois representantes de Bom Jesus eleitos: Alceu Barbosa Velho (PDT) para a Assembleia e Assis Melo para a Câmara.

- Temos condições de eleger dois bom-jesuenses. Em 97 anos, nunca tivemos um deputado federal – disse Almeida a Assis Melo.

Assis nasceu em Monte Alegre dos Campos, então distrito de Vacaria. Porém sua certidão foi registrada em Bom Jesus.” (REPRESENTAÇÃO POLÍTICA... 2010, p. 8)

Tanto Alceu quanto Assis, os dois políticos tradicionalistas de maior destaque na cidade em 2010, são originários dos Campos de Cima da Serra, denotando o já reiterado perfil social que caracterizou o crescimento do tradicionalismo na cidade a partir de 1980.

Em 2010, além de Assis ser eleito deputado federal, Alceu se elegeu deputado estadual, materializando o sonho do prefeito de Bom Jesus. Em 2012, na eleição municipal, Alceu foi o candidato à cabeça de chapa da mesma ampla coligação de Sartori, e ganhou a eleição municipal ainda em primeiro turno. Embora escape alguns anos do recorte temporal desta pesquisa, é importante apontar que a vitória eleitoral de Alceu tem um peso simbólico importantíssimo na sociedade caxiense, por ser de fato o primeiro prefeito fortemente vinculado à identidade regional tradicionalista.

É importante assinalar que antes de concorrer a prefeito e ganhar a eleição com relativa tranquilidade, Alceu entrou no campo político caxiense com força por meio de uma figura portadora dos bens simbólicos da italianidade, provavelmente o principal portador desta identidade no campo político, José Ivo Sartori. Da mesma forma que uma aproximação entre Joaquim Pedro Lisboa e Julio Eberle, principal portador dos bens simbólicos da italianidade ainda em fins da década de 1950, gerou maior espaço para esta identidade regional no imaginário social da cidade, ou entre Adão da Silva e Raul Randon, a partir da década de 1980, também conferiu maior amplitude e positividade para o tradicionalismo entre os funcionários da empresa.

Evidencia-se que há um certo padrão em momentos fulcrais de crescimento do tradicionalismo. Como se, em Caxias do Sul, fosse necessário gravitar em torno de uma figura amplamente legitimada socialmente e portadora da italianidade para que se pudesse angariar esta legitimidade e propor um crescimento de outra identidade social. Uma ação estratégica que se repete no decorrer das décadas, sob diferentes conjunturas históricas e com resultados similares.

CONCLUSÕES

Pesquisar a construção de duas identidades sociais em um universo simbólico razoavelmente amplo por um período de sessenta anos, inevitavelmente, requer a escolha de quais elementos serão priorizados na análise.

Elencar o que seria prioritário ocorreu em meio à pesquisa e análise das fontes históricas. Percebi que a criação e as ressignificações de representações, bem como o realinhamento de sentidos sobre estas identidades sociais em diferentes conjunturas históricas tiveram uma centralidade fundamental em manter a relevância social destas duas, na medida em que foi através da construção de tais nuances que se visava a legitimá-las, além de permitir que passassem a fazer sentido e serem adotadas, neste caso mais referente ao tradicionalismo, por grupos sociais novos. Foi esta contínua construção de narrativas o fator que mais gerou efeitos sobre a organização dos espaços performativos destas duas identidades, sobre a produção de seus símbolos materiais, sobre a organização de seus grupos e suas relações com os campos político e econômico da sociedade caxiense.

Pelo que observamos até aqui, pode-se afirmar que a manutenção do vigor destas duas identidades sociais em um período caracterizado por tantas transformações como entre 1950 e 2010 se deu praticamente por meio de uma luta por poder, disputada de forma bastante cuidadosa por seus operadores ideológicos. Ao mesmo tempo em que se adaptaram a novas demandas e a intervenções externas, incorporando novas representações e ressignificando algumas, não abandonaram um conjunto central de representações diacríticas, que continuaram operando na demarcação das “fronteiras” com outras identidades sociais, mantendo alguma coerência nas narrativas de seus mitos principais.

Tratar desta forma rápida e genérica as construções identitárias que observamos nos capítulos anteriores pode parecer algo um tanto asséptico ou superficial. De fato, não podemos abrir mão de observar o caráter humano e social destas construções, na medida em que conseguimos identificar a ação de importantes agentes e as estratégias que executaram para a contínua positivação e legitimidade destas identidades sociais no imaginário social caxiense.

Isto nos remete novamente aos elementos que foram priorizados na análise. Se foi notado que a luta por legitimidade destas identidades no imaginário foi algo central para ambas, foi no âmbito desta luta que se decidiu focar a análise, priorizando fontes históricas

concentradas na produção da mídia impressa local em dias de festas e datas comemorativas destas duas identidades, por trazerem narrativas e discursos de operadores ideológicos importantes destes modelos identitários. As entrevistas de líderes tradicionalistas também trouxe para análise um conjunto importante de narrativas, permitindo-nos observar como pretendiam retratar o surgimento e manutenção dos grupos, bem como possibilitou analisar alinhamento ou distância às representações propaladas nos meios midiáticos.

Nas narrativas dos periódicos sobre estas duas identidades, encontramos diferentes vieses que demonstraram como a produção destas representações identitárias atendiam interesses dos jornais de aproximação com os sentidos que as elites políticas e econômicas locais e estaduais visavam a impingir a estas identidades.

Os outros tipos de fontes históricas analisadas, como documentos e materiais imagéticos dos CTG e da 25ª RT, livros sobre a Festa da Uva e seus cartazes e álbuns comemorativos sobre a imigração italiana também foram importantes para a construção desta tese. Quanto aos materiais dos CTG e da 25ª, foram importantes na demonstração de seus discursos voltados ao seu público interno, bem como às suas relações de poder. Os materiais sobre a Festa da Uva e sobre os 75 anos da imigração italiana permitiram analisar com maior cuidado a construção de narrativas sobre a italianidade.

No primeiro capítulo, o olhar sobre uma bibliografia acadêmica que abarcasse variados estudos sobre as duas identidades procurou dar conta do “estado da arte”, trazendo um conjunto de análises sobre a construção da italianidade e do tradicionalismo a partir das quais se lançou à investigação desta tese. Alguns destes trabalhos foram novamente citados no decorrer dos capítulos, demonstrando sua pertinência ou aproximação com o objeto, enquanto outros foram apontados com o intuito de exporem por si sob quais premissas analíticas se analisariam tais identidades.

Os capítulos seguintes abordaram a construção destas duas identidades de forma temporal, com uma segmentação que procurou respeitar as influências que receberam por conta das diferentes conjunturas históricas. No capítulo 2, a análise inicial de uma configuração da italianidade por meio da Festa da Uva e uma breve contextualização econômica e política da sociedade caxiense nas décadas de 1930 e 1940 se fizeram necessárias para abordar de forma mais qualificada a Festa da Uva de 1950, bem como a comemoração dos 75 anos do início da imigração italiana. Tal contexto resultou em uma construção de sentidos sobre a italianidade que visava a demarcar uma relativa “brasilidade”, fulcral na reaproximação com o governo central após o afastamento resultante dos efeitos da

Campanha de Nacionalização na cidade. Com isto, ganhou impulso a construção do Monumento ao Imigrante, carregado de simbolismos alusivos à posituação da relação entre os imigrantes e o Brasil, bem como a vinda do presidente Eurico Gaspar Dutra para a inauguração da Festa da Uva, marcado por discursos de várias autoridades que reforçavam esta relação.

A inauguração do Monumento ao Imigrante foi um momento de “cicatrização de feridas” abertas durante a Campanha de Nacionalização. Embora esta inauguração do monumento se coloque como uma homenagem “da nação brasileira ao imigrante”, ocorreu em período próximo à constituição do tradicionalismo gaúcho, o que abriu espaço não apenas para um reatamento de relações das elites locais com as nacionais, mas também para com o sistema político, institucional e cultural do Rio Grande do Sul.

As próximas edições da Festa da Uva nesta década continuariam tendo como função primária a exaltação desta italianidade, com o bojo central de suas representações ancoradas nos elementos trabalho e empreendedorismo como qualificativos de seus portadores e explicativos do progresso econômico local. A valência de trabalhadores implicaria em praticamente todos os portadores da italianidade, enquanto que o trabalho junto ao empreendedorismo se destinaria mais especificamente à elite econômica. Cabe apontar que tal clivagem não era realizada de forma objetiva e nítida, considerando obviamente que se muitos portadores desta identidade fossem empreendedores, não haveria trabalhadores suficientes para compor a mão de obra local. Tal adjetivação aos empresários ocorria de maneira sutil, praticamente genérica, quando eram associados ao progresso/desenvolvimento econômico, ou quando se citava alguma empresa.

Se esta representação de relativa “brasileidade” de início da década de 1950 surgiu como um sentido necessário durante a reaproximação com o governo central, com o passar do tempo ela seria levemente ressignificada, atenuada para uma narrativa cujo eixo central de sentidos seria algo próximo a “trabalho e progresso em prol do Brasil”. Isso permitiu aos imigrantes e seus descendentes estabelecerem as “fronteiras” desta etnicidade, preservando suas representações diacríticas e demarcadoras. No período, a italianidade enquanto identidade social concernente à maioria da população caxiense, já apresentava um arcabouço significativo de representações, realçadas e ressignificadas mediante diferentes intenções.

Quanto a uma identidade regional tradicionalista, podemos perceber que não começa a ganhar projeção localmente apenas por conta do tradicionalismo, movimento ainda incipiente em fins da década de 1940. As primeiras manifestações contundentes da aceitação de uma

identidade regional na cidade em moldes próximos ao que viria a ser o tradicionalismo ocorreu pelos meios radiofônicos locais, iniciando-se poucos anos antes da década de 1950, através da música e programas remissivos à vida campeira que se mantiveram por anos com algum sucesso na grade de programação. Isso sinaliza que havia audiência e recepção do público favorável a elementos desta identidade em Caxias do Sul no período. Se sua audiência se concentrava aos que não eram portadores da italianidade, nos “lusos-brasileiros” ou se também possuía aceitação significativa também entre os “italianos”, é impossível dizer (embora acredite que tenha grande possibilidade da segunda alternativa ser bastante viável). O que as fontes nos indicam é que seus promotores neste meio eram lusos de classe média, inclusive com algum destaque na sociedade local, como é o caso de Joaquim Pedro Lisboa.

Localmente reconhecido como “pai” da Festa da Uva, Lisboa possuía bom trânsito entre a elite local e era um dos sócios da primeira rádio local, a Rádio Caxias. Como os programas que dirigia e participava com temática gauchesca na rádio se iniciaram em 1948, mesmo ano em que é fundado o 35 CTG em Porto Alegre, não se pode determinar que tenham surgido por sua influência. Considero muito provável que seu substrato de sentidos identitários de caráter regional remeta a um gauchismo prévio ao tradicionalismo, já estabelecido no imaginário rio-grandense. Entretanto, em fins de 1953, Lisboa tomaria à frente na criação do primeiro CTG da cidade, o Rincão da Lealdade, demonstrando que ainda com poucos anos de existência, o tradicionalismo já conseguia oferecer um modelo de organização para grupos em torno das representações desta identidade regional que passaria paulatinamente a pautar.

A primeira nominata da “patronagem” do CTG nos aponta que, pelo menos seu corpo diretivo, era formado por lusos. É um indicativo de que os ímpetus que movimentaram os rapazes do 35 CTG seriam similares aos dos fundadores do Rincão da Lealdade: migrantes internos que se dirigem aos núcleos urbanos e formam grupos tendo como base o saudosismo a uma passado campeiro. O que haveria de diferença remete ao fato da maioria da sociedade caxiense possuir uma identidade étnica legitimada no seu universo simbólico, algo que direcionou de forma decisiva as ações destes tradicionalistas na cidade.

Ainda nesta década de 1950 podemos perceber vários exemplos disso. A aproximação de Lisboa com Júlio Eberle, principal personagem local portador dos atributos da italianidade, gerou dividendos em relação ao tradicionalismo, a partir da criação de símbolos e performatizações que ligavam valores da italianidade com as comemorações máximas do tradicionalismo, como observamos no caso “Candieiro Eberle”. Considero que Lisboa, que

conhecia como poucos os “atalhos” para construir representações e operar sentidos no imaginário local, agiu desta forma visando a positivar o tradicionalismo no meio local.

Além da proximidade com Júlio Eberle em torno do candieiro, esse período foi também marcado por outras homenagens a empresários portadores da italianidade, como a nomeação de museus e bibliotecas destes CTG, ou de imagens, como observamos no capítulo 2. A reiteração desta estratégia por parte de líderes tradicionalistas demonstra de forma inequívoca que procuravam se associar a portadores destacados da italianidade, ao mesmo passo que também sinaliza sobre a centralidade da italianidade neste imaginário. Operadores ideológicos locais importantes, como é o caso de Lisboa, perceberam que a única saída para esta positivação passava pela proximidade com a italianidade, atitude repetida por outros líderes de outros espaços tradicionalistas. Para os empresários, seria mais um caminho de positivação e de estabelecimento de laços sociais.

Merece destaque também no período a busca por legitimação das manifestações tradicionalistas na cidade através de vinculações com elementos históricos ligados ao território municipal, observado na construção da representação de Cristovão de Mendonza como o “*primeiro tropeiro do Rio Grande*”. Tais esforços manter-se-ão em décadas posteriores e perceberemos inclusive a ligação com elementos históricos da italianidade. Mais uma estratégia executada por líderes tradicionalistas visando à validação e à positivação de sua identidade social no imaginário caxiense.

Abordando o período entre o início da ditadura militar até fins da década de 1970, o capítulo 3 trouxe em sua análise de fontes a demonstração da força que ganhou a construção de um sentido “patriótico” a estas duas identidades. Quanto à construção da italianidade, esta mesma análise de fontes nos permitiu perceber como os empresários locais utilizavam a Festa da Uva para promoverem as representações das quais são portadores ao mesmo passo em que elogiavam os presidentes visitantes, procurando se aproximar do centro do poder político nacional. Isto era claramente perceptível através das notas pagas que publicavam nos jornais, uma característica deste período em específico.

O caso de Júlio Eberle chama a atenção. Se em 1961 utilizava as comemorações da Semana Farroupilha para elogiar a ação de Leonel Brizola frente à Campanha da Legalidade e se aproximar do cunhado do presidente da República, em 1965 recepcionava em sua casa o primeiro presidente da ditadura militar, Humberto Castelo Branco, por conta de sua visita à Festa da Uva, líder do regime que forçou Brizola e seu cunhado João Goulart ao exílio. Ainda

neste ano, Júlio Eberle receberia uma homenagem do governo federal e as comemorações locais ocorreriam no CTG Rincão da Lealdade, que lhe granjearia outra homenagem.

Quando observamos sob uma ampla escala temporal a construção destas identidades, marcadas por trocas de sentidos através do abandono de alguns e do fomento a outros, podemos pensar que há um caráter “oportunista” neste processo, similar à ação dos empresários locais na busca por proximidade com o poder político central. Sem querer incorrer no significado negativo da expressão, penso que “pragmática” sirva como um adjetivo que qualifica melhor tanto estas construções identitárias, na busca por legitimidade, quanto à ação dos empresários, no acesso a facilidades para a reprodução do capital. Considerando os vetores ideológicos que pautam a maioria do empresariado nacional, admito que no primeiro contato com as fontes, os elogios de Júlio Eberle a Leonel Brizola em 1961 causaram certa surpresa.

A construção de sentidos sobre a italianidade no período não encontrou modificações muito acentuadas em relação ao anterior. Se na década de 1950 até meados de 1960 o eixo axiomático de suas narrativas girava em torno de “trabalho e progresso para o Brasil”, pode-se dizer que neste novo período se substituiu a expressão “Brasil” por “pátria”. Em relação ao tradicionalismo tal período gerou mais impactos, por alguns anos marcando as comemorações da Semana Farroupilha em torno de elementos com símbolos nacionais, como acender a chama na unidade local do exército e homenagear falecidos na luta da Guerra do Paraguai. Sobre as performances destas duas edições da Semana Farroupilha que ocorreram em fins da década de 1960, período mais duro do regime, percebo tentativas de passar uma mensagem de primazia do nacional perante o regional, neste sentido, não deixando margens para quaisquer interpretações de que uma identidade regional pudesse se sobrepor à centralidade do patriotismo de então, erigido como valor central pela ditadura.

As fontes analisadas sobre estas edições não permitem apontar se tais performances tiveram como mentor intelectual o comandante da unidade local do exército ou líderes tradicionalistas. É possível que tenham partido destes últimos, conhecedores da necessidade momentânea de criar uma teatralização que refletisse esta primazia do nacional perante o regional. Lembro que Joaquim Lisboa participou de uma destas comemorações e que um dos diretores do Rincão da Lealdade, que era o principal CTG caxiense, construiu carreira política na Arena. O período repressor desfavorecia contrariedades às vontades dos militares, mas provavelmente os tradicionalistas não viam problemas em tal situação, tendo em vista que a

“brasilidade e o patriotismo” do Rio Grande do Sul sempre foi uma representação central ao MTG.

Na primeira metade da década de 1970, perceberemos novos vínculos do movimento tradicionalista com a italianidade. Eventos em espaços tradicionalistas fizeram parte da grade de programação da Festa da Uva e carros alegóricos tradicionalistas passaram a compor seu desfile temático.

Dentro do contexto geral de atividades da Festa da Uva, tais manifestações possuem uma importância periférica. Iniciaram-se com um carro em 1972 e apresentam três na edição de 1975, em meio a mais de 42 carros desfilaram em ambas as edições. De qualquer forma, demonstrou que daquela vez, as representações da identidade regional tradicionalista estavam adentrando em espaços performáticos da italianidade, e não mais o contrário. Se podemos considerar que a proximidade com empresários símbolos da italianidade nas décadas de 1950 e 1960 emprestou legitimidade a esta identidade regional gaúcha emergente na cidade, a sua performatização em espaços antes exclusivos da italianidade é uma chance de que conquistaram alguma legitimidade, mesmo que sua visibilidade tenha sido reduzida.

Se na primeira metade da década de 1970 o tradicionalismo conquistou espaço em meio à principal celebração da italianidade, há uma espécie de reconhecimento tácito por parte das fontes analisadas de que as celebrações sobre a Semana Farroupilha na cidade perderam vitalidade. A cidade possuía cinco CTG, sendo que um deles fecharia nos anos seguintes. Considero que tal engessamento se deveu a uma troca de lideranças. Aquele grupo mais proeminente em torno dos fundadores do Rincão da Lealdade foram perdendo espaço, inclusive pela idade avançada, por outros grupos de líderes tradicionalistas dos outros CTG locais, com menos trânsito entre as elites caxienses, conseguindo menos espaço na mídia. Estas novas lideranças que passaram a propor novas formas de comemoração da Semana Farroupilha, apresentavam-se através de uma valência central em uma identidade social fundamentada na “tradição”. Seriam “autênticos”.

Isso sinaliza que nos anos anteriores, o movimento local provavelmente era visto pelos novos líderes como menos “autêntico”, “campeiro” e “gauchesco” e mais elitizado. A busca do novo grupo por promover um Acampamento Farroupilha, espaço em que montaram barracas durante a Semana Farroupilha e procuram reproduzir aspectos da vida campeira, reforça tal possibilidade. Teatralizar uma vida simplória em acampamentos um tanto precários, sem acesso a banheiros como foi nesta primeira edição, seria algo realizado por tradicionalistas urbanizados de classe média e próximos à elite local? O provável não a esta

pergunta demonstra como esta “autenticidade” foi performatizada por estas novas lideranças através do primeiro Acampamento Farroupilha no Parque Cinquentenário, que só viria a se repetir com frequência na década de 1990.

A crise econômica que atingiu o país a partir de 1975 passaria a ser publicizada e debatida com mais veemência nos anos 80, objeto de análise do capítulo quatro. Encontramos alguns indícios de descontentamentos com a situação na análise das fontes ainda relativas aos fins da década de 1970, mas os discursos sobre a crise passam a impactar com mais contundência a construção identitária da italianidade e do tradicionalismo nos primeiros anos da década de 1980. É o mesmo período no qual se começa a observar os efeitos de uma crítica à centralidade e burocratização do MTG, enquanto controlador dos símbolos gauchescos, que marcam a ascensão do nativismo e das narrativas desmistificadoras sobre o tradicionalismo originadas no meio acadêmico.

Se poderíamos imaginar que este novo movimento que opera em torno de uma identidade regional gaúcha junto a esta nova narrativa que ataca as principais representações erigidas em torno do tradicionalismo trariam um enfraquecimento a ele, percebemos que de fato ocorre justamente o contrário. A década de 1980 se caracteriza por um grande crescimento do vigor do movimento tradicionalista, com o crescimento do número de CTG e de associados em geral, não apenas em Caxias do Sul, como observado pelas fontes analisadas, mas também a nível estadual, como apontado por Oliven (1992).

Considero que as causas para tal crescimento se devam a três fatores centrais: a intensificação da migração do campo para cidade, trazendo um grande grupo de pessoas desvinculadas dos repertórios de sentidos dos espaços urbanos e que encontravam, na identidade regional gaúcha, um pertencimento a um modelo identitário que lhe garantia reconhecimento social, além da possibilidade de participar ou criar grupos tradicionalistas e vínculos sociais; o crescente apoio da mídia estadual a esta identidade, tanto da parte de conglomerados midiáticos com abrangência estadual como de mídias de menor alcance, especialmente a radiofônica; e não menos importante, a narrativa sobre a crise econômica que atingia a todos, mas de forma mais contundente, os próprios migrantes internos, culpando o governo federal pela situação e trazendo à tona representações arraigadas no repertório simbólico desta identidade, como da constante luta por autonomia dos gaúchos frente a um governo central promotor de injustiças através do exemplo da Revolução Farroupilha.

Vejo nestes três fatores, que operaram de forma articulada durante quase todos os anos 80 até meados da década de 1990, os motivos justificantes para o incremento do

tradicionalismo. É importante destacar que embora o fenômeno migratório tenha trazido pessoas suscetíveis à aceitação desta identidade às cidades e a mídia operou sua positivação, a narrativa sobre a tensão entre o estado e o Brasil carregava de sentidos positivados esta aceitação de uma identidade de forma “mágica”, pois não declaradamente empurrava as pessoas para sua adoção. Gerava um inconformismo por conta do estado supostamente ser vilipendiado que resultaria na adoção e defesa de seus símbolos. Como tal narrativa circulava com força no debate público, agia não apenas sobre os tradicionalistas, mas sobre praticamente toda a população do estado, positivando a defesa da simbologia remissiva aos gaúchos como uma forma de resistência, uma brava resiliência frente a novas injustiças cometidas por um vilão facilmente identificado.

A força desta narrativa foi tamanha que atingiu de forma direta a construção de representações sobre a italianidade no mesmo período. Se por um lado observamos uma recuperação dos sentidos de “superação de adversidades”, que seriam característicos dos italianos e seus descendentes desde os primeiros momentos em que se estabeleceram na região e importantes para vencerem as dificuldades de então, há também o aproveitamento desta narrativa da crise entre o estado e o Brasil, da grande contribuição que é dada ao governo central, mas que não retorna em obras e que este apenas criaria crises e dificuldades para a região que se “desenvolve praticamente sozinha”.

Na introdução desta tese consta uma breve exposição sobre a formação histórica de Caxias do Sul. Percebemos que a historiografia aponta como o estabelecimento da linha férrea em 1910 e a inclusão da cidade no traçado da BR-116 ocorreram por meio da aproximação da elite econômica local a dirigentes políticos estaduais e nacionais, demonstrando a inconsistência fática desta narrativa. Tais obras na área de transportes foram fundamentais para o desenvolvimento econômico da cidade, gerando efeitos a longo prazo. Poderíamos imaginar que as duas grandes empresas locais voltadas ao setor metal mecânico, que já empregavam milhares de funcionários nesta década de 1980, teriam surgido ainda enquanto pequenas oficinas e se desenvolvido de forma crescente se na cidade não passasse uma das principais rodovias nacionais?

Percebemos desta forma como a criação destas narrativas atendiam também os interesses da elite econômica local, pois a isentava de responsabilidades sobre as dificuldades do momento. Explicava perante o imaginário que a economia passava por um momento difícil mesmo tendo localmente como dirigentes os portadores máximos da valência empreendedorismo e promotores do progresso, já que a culpa da crise seria de outros. Tal

narrativa preservava atributos diacríticos identitários da elite local, mantendo-os positivados mesmo frente a um conjunto de fatos que poderiam gerar questionamentos. E quanto aos portadores da italianidade desprovidos de grandes capitais, restava a resiliência, espelhando-se na “superação de adversidades” modelar dos primeiros imigrantes.

Se no capítulo quatro observamos o impacto das narrativas propaladas pela mídia nas duas décadas finais do século XX para a construção da italianidade e do tradicionalismo, no capítulo cinco pudemos averiguar de forma mais pormenorizada sobre a formação de grupos tradicionalistas entre funcionários de grandes empresas caxienses. Na análise dos quatro CTG pesquisados, puderam-se perceber alguns dados em comum a todos: iniciaram suas atividades na década de 1980 e a maioria como grupo nativista, o que nos leva a considerar que foram influenciados pelas conjunturas de seu período histórico no qual “nativismo” significava um distanciamento dos ditames do MTG e, depois de alguns anos, com o incremento das atividades e do tamanho dos grupos de dança, inscreveram-se junto ao MTG a fim de participar de rodeios e concursos, demonstrando a importância da formação deste campo de disputas dentro do movimento; tiveram como fundadores migrantes que se dirigiram a Caxias do Sul por motivos profissionais; obtiveram suporte financeiro das empresas nas quais seus participantes trabalhavam, demonstrando como elas agiram com o intuito de fortalecer o vínculo do trabalhador para reter a mão de obra já treinada em suas linhas de produção, evitando perdas com a rotatividade de funcionários.

Foram constatadas também algumas diferenças nas relações sociais ocorrentes nestes espaços, sendo a principal, o fato de que em alguns CTG, a participação dos empresários em suas atividades e sua relação com os tradicionalistas foi mais intensa e contínua que em outros. Quanto a isso, vejo como uma importante associação tanto para os tradicionalistas quanto para os empresários. Percebi entre os CTG pesquisados, que naqueles em que o empresário demonstrou alguma predisposição maior em apoiar o espaço e suas atividades, foi recebido de forma amplamente favorável pelos tradicionalistas, sinalizando como percebiam que o apoio mais contundente significava no âmbito da sociedade caxiense uma conferência significativa de prestígio. Para os empresários, mais uma forma de ampliar seu respaldo, admiração e capital social frente aos funcionários, elementos que, em se tratando de um universo cercado pelas relações de trabalho, são importantíssimos para a figura patronal.

A partir de tais interpretações, podem-se inferir várias hipóteses explicativas sobre a ascensão do tradicionalismo entre estes funcionários metalúrgicos. Caxias do Sul, cidade de amplo desenvolvimento industrial e polo de atração de migrantes de cidades do interior do

estado, principalmente da região dos Campos de Cima da Serra, tem no *ethos* do trabalho um dos principais elementos de seu ideário coletivo. Entretanto, tais valores são atribuídos na sociedade local a um grupo específico, os descendentes de imigrantes italianos, através de uma construção identitária étnica que perpassou todo o século XX e encontrava-se de forma especialmente tenaz entre as décadas de 1960 e 1980.

Os migrantes de cidades do interior do estado, trabalhadores do setor secundário na cidade, especialmente nas grandes empresas metal-mecânicas durante as décadas de 1970 e 1980, eram o outro contrastivo na formulação da italianidade, como apontam Mocellin (2008) e Kanaan (2008), o que lhes conferia pouca valorização social, ignorando-se o fato de serem importantes agentes produtores em um dos principais setores da economia local. Distantes das representações e das tábuas de valores que os situavam socialmente em suas sociedades predecessoras, sob um plano geral, os migrantes têm no trabalho um dos poucos elementos que lhe poderiam atribuir características valorativas. Entretanto, na medida em que a italianidade concentra praticamente o monopólio das representações valorativas do trabalho em Caxias do Sul e possui um caráter excludente (necessita-se de ascendência italiana para se qualificar como portador desta identidade e de seus atributos), estes trabalhadores tinham pouca margem de ação para positivarem-se.

Considero que a década de 1980, marcada por uma forte valorização e popularização das representações relativas à identidade regional tradicionalista, tenha aberto uma possibilidade ímpar para tais migrantes associarem-se a um conjunto de representações valorativas, que lhe colocariam em uma nova posição na luta por positividade dentro do universo simbólico da sociedade caxiense. Vejo este aspecto, aliado ao tempo necessário para se formar uma crescente rede de relações sociais, o motivo para que tais grupos e CTG tenham surgido na década de 1980, embora a maioria dos fundadores destes espaços estivesse em Caxias do Sul desde fins da década de 1970.

Também se deve considerar a associação dos tradicionalistas com os proprietários das empresas em que trabalhavam como um esforço na busca por legitimação dentro da sociedade caxiense. Ao associarem-se com estas figuras públicas, modelos exemplares dos atributos valorativos da italianidade, os tradicionalistas posicionam-se de forma interessante perante as representações que envolvem o *ethos* do trabalho, demonstrando que são prestigiados e reconhecidos socialmente pelos principais representantes de tais atributos. Novamente, percebemos uma estratégia de ação de grupos tradicionalistas na busca por legitimidade no imaginário caxiense através da aproximação com personalidades simbólicas da italianidade.

Neste sentido, cabe mencionar como a construção desta identidade serviu aos interesses tanto dos operários quanto dos patrões. Para os operários, pois essa identidade de trabalhador, de "peão", passa, em sua versão tradicionalista, de ser uma identidade desvalorizada para uma valorizada. Para os capitalistas, os "patrões", agem como um reforço em garantir o enquadramento dos trabalhadores às dinâmicas locais de relações de trabalho¹⁸³.

Chama a atenção a crescente presença de descendentes de italianos nestes espaços, principalmente após o início da década de 1990. Isso evidencia a sedimentação no imaginário local dos elementos positivados desta identidade social e de seu caráter abrangente e agregador, que perpassava todos os grupos étnicos do estado, esforço operado principalmente pela mídia estadual após 1980 e local após 1993. Se não era possível para os migrantes internos tornarem-se portadores da italianidade, foi possível aos descendentes de italianos portarem a identidade tradicionalista. Isto acontecia com pouca intensidade nas décadas anteriores, mas percebemos através das narrativas dos entrevistados e de outras lideranças tradicionalistas locais que a partir de 1990 se tornaria mais comum. Esta presença crescente de descendentes de italianos nestes espaços é reveladora do contínuo arrefecimento da contrastividade étnica operada pela italianidade, sem que uma possível dupla identificação ou manifestação de duas ou mais identidades incorresse em contradição insolúvel. Também se deve considerar que as narrativas destes trabalhadores ressaltaram a importância do caráter familiar dos CTG para promover o ingresso de pessoas que não se vinculavam a um estereótipo próprio aos trabalhadores do meio rural que as representações do movimento veiculavam.

Dentro deste capítulo também foram apontadas as perspectivas sobre a valorização do tradicionalismo na cidade, encontradas nas narrativas produzidas durante as entrevistas. Enquanto alguns entrevistados apontaram a importância da mídia como principal força motriz de uma intensa popularização e aceitação do tradicionalismo na sociedade local, outros apontaram o suporte por parte de figuras políticas locais ao movimento.

Este último apontamento que surgiu nas narrativas dos entrevistados nos remete ao espaço temporal abordado no capítulo seis. A construção de narrativas sobre o tradicionalismo

¹⁸³ Embora completamente relacionadas ao espaço de trabalho destes funcionários, as interpretações sobre os processos históricos abordados não se destinaram especificamente às lutas trabalhistas pelo fato de não terem sido apontadas em momento algum pelas fontes. Considero que o estabelecimento de uma identidade tradicionalista entre estes funcionários tenha relação com uma positividade social identitária, operada através de várias estratégias e linhas de ação, mas não esteja precisamente vinculada com uma pauta de reivindicação trabalhista, considerando que estes CTG são parcialmente financiados pela empresa. Percebe-se uma separação bem demarcada entre estes campos.

por meio dos periódicos analisados na primeira década de século XXI foi marcada pelo tom pedagógico junto a um esforço propagandístico sobre esta identidade. As representações mais comuns a períodos anteriores, como as relativas à tensão entre o estado e o Brasil, ao caráter patriótico da Revolução Farroupilha e à heroicização de suas figuras foram deixadas de lado considerando uma possível síntese com os estudos desmistificatórios sobre o tema que provinham do campo acadêmico, gerando um tradicionalismo “asséptico”, avesso a possíveis polêmicas. Considero que nessa conjuntura de forma mais acentuada que na década anterior, a identidade regional tradicionalista adquire de forma mais contundente a feição de uma “celebração móvel”, como nos sugere Hall (2006) sobre as identidades sociais na pós-modernidade. Passível de ser usufruída em seus momentos de celebração, concentrados anualmente nas comemorações da Semana Farroupilha e deixada de lado por seus portadores em outros momentos nos quais podem vir a adotar outras identidades sociais que lhes sejam convenientes.

Nesse contexto, a identidade regional tradicionalista atinge grande popularidade na sociedade caxiense. O grande número de CTG torna a cidade a “Capital Mundial dos CTG”, e as comemorações da Semana Farroupilha passam a concentrar centenas de milhares de participantes em cada edição. Tamanho crescimento das comemorações desta identidade e de seus espaços sociais geram narrativas explicativas sobre tal, formuladas por seus líderes desde as décadas finais do século XX e passam a ser publicadas nesta mídia, demonstrando como eram surpreendentes no imaginário local, ainda centralizado na italianidade.

O crescimento do lastro social desta identidade não passou despercebido do campo político. Se ainda em fins da década de 1970 notamos algumas figuras do poder legislativo girando em torno desta identidade, a partir da década de 1990 percebemos como candidatos ao executivo, que nos seus cálculos políticos devem ponderar o tamanho dos grupos sociais dignos de se aproximarem para conquistar dividendos eleitorais sem desconsiderar outros, passam a se utilizar da aproximação com o tradicionalismo para garantir maior proximidade ao eleitorado. Tal constatação ocorre nesse período com as campanhas vitoriosas de Pepe Vargas em 1996 e 2000, conforme observado no trabalho de Gonçalves (2016). Nas eleições municipais de 2004 e 2008, as campanhas ao executivo também se aproximam com contundência dos tradicionalistas, sendo vitoriosa em 2004 a chapa formada por um político local notório portador da italianidade, José Ivo Sartori, tendo como vice Alceu Barbosa Velho, reconhecido portador da identidade tradicionalista. Em 2008, quando concorrem à reeleição tendo como adversário principal Pepe Vargas, este também tinha como vice alguém

ligada ao tradicionalismo, Abigail Pereira, que se submete a um “vestibular gauchesco” junto ao concorrente tradicionalista ao mesmo posto. Junto a isso, não podemos desconsiderar a crescente aproximação de vereadores com esta identidade, inclusive criando espaços de atendimento no Acampamento Farroupilha durante esta década.

Tais fatos são suficientes para percebermos como as campanhas eleitorais das principais figuras políticas locais passaram a orbitar ao redor destas duas identidades sociais. Embora fuja do recorte temporal desta tese, é importante ressaltar que Alceu Barbosa Velho seria eleito em 2012 em primeiro turno com relativa facilidade sobre seus adversários, demonstrando de forma decisiva a força desta identidade tradicionalista no imaginário local. Porém, não devemos desconsiderar que esteve por um período de quase¹⁸⁴ dois mandatos e passou por duas campanhas eleitorais como vice de um prefeito portador da italianidade. Num fenômeno similar ao que percebemos em outras conjunturas com outros agentes, um portador da identidade tradicionalista conquistou legitimidade no imaginário local se associando a uma figura amplamente reconhecida com os atributos da italianidade. O que o diferencia é conseguir conquistar o posto máximo de seu campo local de relações, o cargo de prefeito.

Quanto à italianidade, observamos através da análise da edição de 2006 da Festa da Uva uma importante repaginação das representações ali construídas, com seus operadores ideológicos utilizando a festa para projetar a pecha de multiétnica a Caxias do Sul, abrindo espaço em seu desfile para representantes de diferentes etnias que formam a sociedade caxiense. Nos discursos de autoridades relacionados ao evento, encontramos um tom mais ameno, realçando a importância dos “outros”, mas ainda centralizado nas valências da italianidade. Nas edições seguintes analisadas, 2008 e 2010, percebemos de forma nítida como tal esforço foi circunscrito à edição anterior, e a valorização da italianidade retoma com força como axioma central da festa. Mesmo que a cidade tenha sido premiada em 2007 (para usufruir em 2008) do título de “Capital Brasileira da Cultura” por uma ONG de mesmo nome, e que isto tenha sido amplamente utilizado pela propaganda municipal para gerar representações de uma sociedade local plural, a análise das edições de 2008 e 2010 demonstraram como a Festa da Uva se manteve como um espaço de projeção central da italianidade, mesmo que tenha mantido alguma projeção a estas outras etnias.

Relembrando que desde a década de 1970 participam de seus desfiles carros alegóricos remissivos aos gaúchos e à sua identidade social correlata, podemos considerar que a Festa da

¹⁸⁴ Na metade do segundo mandato como vice-prefeito, em 2010, Alceu concorreu a deputado estadual e se elegeu, abrindo mão do mandato para concorrer a prefeito em 2012 e vencendo a eleição.

Uva confere certa visibilidade a outras identidades sociais presentes na sociedade caxiense, porém de forma periférica. Se a edição de 2006 foi anômala neste sentido, inclusive gerando expectativas positivas destes grupos de não descendentes de italianos, como aponta Branchi (2014), penso que suas mudanças ocorrem de forma tênue, trazendo os “outros” ao seu principal espaço de teatralização visando a manter a legitimidade da Festa como representativa de todos os caxienses, mas devido à centralidade que confere à italianidade, reitera sua primazia no imaginário social local.

Esta retomada dos apontamentos principais da tese se reveste de importância por apresentar a análise dos diferentes campos, das estratégias de ação coletiva e das movimentações de agentes durante o processo histórico de construção das duas identidades objetos da tese, com o intuito de pormenorizar o “jogo” que estabeleceram na busca por legitimidade. Isto de certa forma humaniza algumas conclusões que podem ser auferidas quando olhadas sob um prisma mais distante e minimiza os riscos de apresentá-las de forma mecanicista.

É importante destacar que as fontes analisadas nesta tese foram construídas com o objetivo de apresentar uma narrativa vitoriosa destas identidades, quase sempre procurando destacar o crescimento de sua aceitação social e a vitalidade de suas manifestações. Não houve espaço para fracassos ou insatisfações com essas versões identitárias que estavam sendo construídas. Considero que este tema abra possibilidade de pesquisa futura.

Partindo destas ponderações, podemos observar que a construção das identidades sociais abordadas nesta tese foi pautada por forte pragmatismo. As diferentes adaptações que geraram ressignificações de sentidos, abandono de algumas representações e realce de outras, ocorreram devido às ações de seus operadores ideológicos perante a necessidade de mantê-las legitimadas em uma sociedade em contínua transformação, sinalizando para a importância da interferência que diferentes campos das relações humanas exercem sobre as construções identitárias. Estas transformações de sentidos de acordo com as conjunturas históricas demonstram transformações inusitadas em um curto espaço de tempo, como o fato do tradicionalismo adotar um forte tom de brasilidade na década de 1970 e na década seguinte, por conta do contexto de crise econômica, servir de substrato para realçar a tensão entre o estado e o Brasil, ou quanto à italianidade, em pautar-se inicialmente pela aproximação a representações do governo fascista italiano e depois da elite econômica local lucrar com o esforço de guerra contra este próprio governo, passar a reforçar a importância do vínculo dos imigrantes com o Brasil.

As mudanças de sentidos e a criação de representações nestas identidades foram efetuadas por sujeitos históricos e foi possível identificar alguns através da análise das fontes. Entretanto, percebemos que, na enorme maioria das vezes, as manifestações dos operadores ideológicos se pautaram pela repetição de narrativas e reforço de representações centrais e poucas vezes propuseram a criação de representações novas ou um realinhamento de sentidos. Isso retrata uma necessidade um tanto óbvia, de que as representações com alguma importância no imaginário social possuem relativa estabilidade, pois são socialmente significativas e inevitavelmente reproduzidas.

A criação de representações ou a proposição de novos sentidos e narrativas valorativas a uma identidade social requer uma habilidade maior dos operadores ideológicos. Exige atenção aos possíveis conflitos com outros sentidos, narrativas e representações já estabelecidos, bem como uma antecipação a possíveis críticas ou contrariedades de determinados grupos sociais. Percebemos que os operadores ideológicos mais eficazes agiam já considerando estas possíveis contrariedades, evitando debates que poderiam colocar em disputa a legitimidade dos sentidos que visavam construir.

As ações dos operadores ideológicos nos leva a refletir sobre a quantidade de estratégias de ação social identificadas nesta tese. De fato, foram várias, mas percebo uma central que parece unir os dois campos que se criaram em torno da construção destas duas identidades. A “gravitação” de tradicionalistas em torno de personificações da italianidade objetivando à legitimidade social e conquistando-a.

Esta estratégia foi percebida na relação entre Joaquim Lisboa e Júlio Eberle, Adão da Silva e Raul Randon, Alceu Barbosa Velho e José Ivo Sartori. O mais intrigante é que remetem a campos diferentes, sendo os dois primeiros como pertencentes à elite local, os outros dois ao mundo do trabalho e Alceu e Sartori uma relação no campo político. Campos diferentes, agentes com capitais diversos, conjunturas históricas díspares, mas uma mesma estratégia operando e encontrando resultados similares.

Se uma estratégia de ação social requer um campo, aparentemente temos uma estratégia bem formatada com estes três exemplos. Penso que devemos direcionar nosso olhar para a possível formação de dois campos erigidos em torno destas duas identidades.

Considero que esta identidade regional tradicionalista, que viu uma crescente capilarização de espaços, porém controlados, regrados com a estrita regulamentação do MTG, traçando leis internas inclusive para performances aceitas em datas comemorativas com presença de autoridades políticas e, posteriormente criou um subcampo de disputas em torno

dos concursos de dança, tenha indiscutivelmente criado um campo bem formatado na sociedade caxiense em torno desta identidade.

Quanto à italianidade, se não há um campo tão bem formatado quanto o da identidade regionalista, há uma interessante união de grupos de campos diversos em seu entorno, que tem na Festa da Uva seu principal espaço de projeção de representações. Esse conjunto seria formado por produtores culturais, intelectuais locais de um campo sobre a temática da imigração italiana (Mocellin, 2008), empresários e políticos, cuja ação coletiva mantém certa coesão de sentidos sobre esta identidade e sua devida performatização através dos eventos da festa, quando são chamados para compor sua comissão organizadora em suas diferentes edições.

Se tomarmos como exemplo o primeiro caso, da relação de Joaquim Lisboa com Júlio Eberle e sua materialização simbólica em torno do candieiro, aproximação depois mimetizada com a adoção de nomes de empresários italianos em espaços de CTG, verificamos que um líder tradicionalista com amplo trânsito social aproxima-se do principal portador da italianidade visando à positivação simbólica. O faz pois percebe que esta italianidade é a identidade mais legitimada no imaginário local, e Júlio sua principal personificação. Trazê-lo para performatizações transferiria parte de seu capital simbólico para os tradicionalistas, rechaçaria contrariedades, diminutivos, deboches, pois ganhariam alguma legitimidade com isso.

O que percebemos na relação entre os membros do CTG Os Carreiros, de funcionários da empresa Randon, liderados por Adão Silva não difere muito. Embora Adão não possuísse o capital simbólico de “pai” da Festa da Uva que certamente ajudou na aproximação de Lisboa com Eberle, possuía bom relacionamento com o proprietário da empresa e era atendido por este quanto às reivindicações por ajuda de custo às atividades do grupo. A participação de Raul Randon nestas atividades tradicionalistas traria reconhecimento ao grupo, até algum destaque por meio de notícias e novamente, legitimidade social. Na transição do século XX para o XXI, quando passa a participar de algumas atividades com este grupo, Raul Randon é a personificação principal da italianidade, mesmo posto de *role model* de Júlio Eberle nas décadas de 1950 e 1960. E perceberemos que da mesma forma que na situação anterior, isto traria positivação e maior legitimidade aos tradicionalistas, pelo que as fontes nos sinalizaram.

No campo político, pode-se dizer que algo muito similar ocorre na relação entre Alceu e Sartori. Candidato a vice, Alceu era apresentado com destaque por Sartori nas campanhas de

2004 e 2008 como “gaúcho”, demonstrando a centralidade que esta identidade assumia no cenário eleitoral e, ao concorrer ao posto de prefeito em 2012, Alceu contaria com o apoio de Sartori. Há outro conjunto de fatores que realça uma continuidade entre os dois, como a aliança do mesmo bloco de partidos pela terceira vez consecutiva, demonstrando pertencerem à mesma força política. Entretanto, é inegável que novamente percebemos uma liderança tradicionalista ganhar legitimidade na sociedade caxiense através da aproximação a um “gringo”.

Penso que isto denote uma estratégia de agentes inseridos no campo da identidade regional tradicionalista local, na medida em que há elementos suficientes para considerarmos que exista esse campo. E como percebemos nesta tese, agem impulsionados por uma das forças motrizes características dos movimentos identitários, que é a busca de legitimação. Agentes deste campo, com perfis diversificados, perceberam, em diferentes conjunturas históricas, uma continuidade na sociedade caxiense nos sessenta anos analisados nesta tese: a grande legitimidade da italianidade e dos atributos diacríticos de seus portadores no imaginário local, e como a aproximação com seus personagens centrais poderia trazer capital simbólico para estes tradicionalistas. Além da eficiência em propor elementos representativos que levaram a uma aceitação dos “de baixo”, um reconhecimento que levou à sua popularização e legitimação social, ela concentrava representações caras à elite econômica. Se o campo econômico tem maior capacidade de impor sua estruturação a outros campos das relações sociais, a italianidade e seus atributos permanecem centrais nesta sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul, 1864-1962*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1963.

ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho: história e mitificação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. O gaúcho na tradição reordenada. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXI, n.2, p. 107-116, dezembro, 1995

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV.

ÁLBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Revista da Globo, 1950.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

AZEVEDO, Thales de. *Os Italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de campo*. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

_____. *Italianos e gaúchos*. Rio de Janeiro/ Brasília, Catedra/INL, 1975

_____. “Materiais para o estudo da aculturação de italianos no Rio Grande do Sul.” In: *II Reunião Brasileira de Antropologia*, Salvador: Universidade da Bahia, 1957

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras* (1969). In: POUTIGNAT, Phlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. *Assim Vivem os Italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Leach, Edmund et. Alli. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENEDUZI, Luís Fernando. Quando o passado dá lucro: os espaços de memória enquanto espaços privilegiados para o turismo histórico. In: *La memoria histórica e sus configuraciones temáticas: una aproximación interdisciplinaria*. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, p. 485-502. 2013.

BENEDUZI, Luís Fernando. Conquista da terra e civilização do gentio: o fenômeno imigratório italiano no Rio Grande do Sul. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.271-294, jan./dez. 2005.

BENEDUZI, Luís Fernando. *Mal di Paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’eu (1884 – 1925)*. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIASE, Alessia de. *Vénitiens dans la pampa: anthropologie d’une double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*. Paris: L’Hamattan, 2009.

BIASE, Alessia de. Ficções arquitetônicas para a construção da realidade. In: *Horizontes Antropologicos*. Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 179-188. 2001.

BLOCH, Marc Léopold Benjamin. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 10.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre *The logic of practice*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1990.

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Löic. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BRAGA, Kenny; SOUZA, João B. de; DIONE, Cleber; BONES, Elmar (coords.) Leonel Brizola: Perfil, discursos, depoimentos. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS, 2004.

BRANCHI, Ana Lia Dal Pont. *A Etnização em Caxias do Sul: a construção da narrativa da “diversidade no desfile da Festa Nacional da Uva de 2014*. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul, 2015. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul.

BRANDALISE, Carla. Camisas-Verdes: o integralismo no Sul do Brasil. In: *Acervo*. Rio de Janeiro v. 10, nº 2 p. 17 – 36. 1997.

BRANDALISE, Carla. O fascismo extra-europeu: o caso do integralismo no Rio Grande do Sul. In: Capítulos de História do Rio Grande do Sul. GRIJÓ, Luiz Alberto, KUHN, Fábio, GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, NEUMANN, Eduardo Santos (orgs). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol II. São Paulo: Paz e Terra. 1999
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982
- CERVA, Ana Carine. *Construção, reconstrução e disputa pela memória coletiva e identidade étnica nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul: distrito caxiense de Vila Seca*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto Alegre, 2014. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. *La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia.; Livraria do Globo, 1925.
- COHEN, Abner. The Lesson of Ethnicity [1974]. In: SOLLORS, Werner (ed.). *Theories of ethnicity: a classical reader*. New York: New York University Press, 1996.
- CORTELETTI, Rafael. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- COSTA, Rovílio e outros. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradição*. Porto Alegre: EST, 1975.
- COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984, 3ª edição.
- COUGO JÚNIOR, Francisco Alcides. *Canta meu povo: uma interpretação histórica sobre a produção musical de Teixeira (1959-1985)*. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sérgio (orgs.). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- DALMORO, Marlon. *Campereando mercados: práticas de resistência e cidadania mediadas pelo mercado na cultura gaúcha*. Tese (Doutorado em Administração). Porto Alegre, 2013.

Escola de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DARWIN, Charles. *Diary (1831-1836) of the voyage of H.M.S Beagle*. Cambridge: The University Press, 1933.

DE LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p.136 a 153.

DEL RÉ, Mateus Cavalheiro. *Jornalismo de bombacha: a introdução e a consolidação do tradicionalismo em Passo Fundo pelas páginas do jornal O Nacional na década de 1950*. Dissertação (Mestrado em História). Passo Fundo. 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade de Passo Fundo.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: *Dossiê – Tempo e Narrativa*, v. 6. Associação Brasileira de História Oral., 2003.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

ERBES, Luiz Carlos. *Festa da Uva: a alma de um povo*. Caxias do Sul, RS: Ed. Maneco, 2012.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Porto Alegre, 2006. Faculdade dos Meios de Comunicação Social. Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FERREIRA, Priscila. *A Conquista do Oeste/RBS TV: memória e identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira*. Dissertação (Mestrado em História). Santa Maria, 2012. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Maria.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: *Revista Brasileira de História*. v. 24, nº 47. São Paulo, 2004

FONSECA, Juarez & EITELVEIN, Gilmar. “Aiatolás da Tradição: apontamentos para uma história natural”. Zero Hora, 14 de junho de 1986, Cultura, p. 8.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais/MEC, 1967.

GAMBIN, Aline. *O regional na comunicação publicitária: o posicionamento identitário da marca Polar*. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul, 2014. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul.

GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1977.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Litório: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. “Leituras da Imigração”; in DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Anais do IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

GIRON, Loraine Slomp. “Identidade: região e valores”; in GIRON, Loraine S.; RADÜNZ, Roberto (orgs.). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

GIRON, Loraine Slomp. *Presença africana na serra gaúcha: subsídios*. Porto Alegre: Suliani, 2009

GLAZER, Nathan, MOYNIHAN, Daniel P. (ed.) *Ethnicity, Theory and Experience*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1975.

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1983.

_____. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê!, 1989.

_____. *Bento Gonçalves: herói ladrão*. Santa Maria: LGR Arte Gráficas, 1983.

_____. *Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GOMES, Fabrício Romani. *Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade ética, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Porto Alegre: Associados, 2009.

GONÇALVES, Silvana Teresinha Tomazzoni. *O gaúcho e o colono : variações de um discurso mítico nas eleições municipais de 1996 e 2000 em Caxias do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul, 2016. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul.

GUAZZELLI, Cesar A. B. Matrero, guerreiro, peão campeiro: aspectos da construção literária do gaúcho. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Ateliê, 2002, p. 108-136.

GUAZZELLI, Cesar A. B. História e Fronteira nas Fronteiras da Literatura: João Simões Lopes Neto e “Lendas do Sul”

GUTFREIND, Ieda. *A Construção de uma Identidade: a historiografia sul rio-grandense de 1925 a 1975*. São Paulo, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASSELSTROM, Agnêia Luciana Lopes de Siqueira. A Influência de aspectos da cultura gaúcha na constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). São Leopoldo, 2011. Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Universidade Estadual do Mato Grosso.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti O mito do imigrante no imaginário da cultura. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, RS, v.4, n.8, p. 245-256, jul. 2005.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; CÂMARA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS DE CAXIAS DO SUL. *Memória & identidade: CIC*. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2007.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: cem anos de história*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; MOCELLIN, Maria Clara. (orgs.). *Migrações internas e suas dinâmicas: o caso de Caxias do Sul*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1997.

HOBBSAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOWES NETO, Guilherme. *De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Santa Maria, 2009. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria.

JACKS, Nilda. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Erus, 1979.

FONSECA, Juarez, & EITELVEIN, Gilmar. *Aiatolás da tradição: apontamentos para uma história natural*. Zero Hora, 14 de junho de 1986, Cultura, p. 8.

KANAAN, Beatriz Rodrigues. *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. Porto Alegre, 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KIRST, Marcos Fernando. *Rádio Caxias : 70 anos de voz e identidade*. Caxias do Sul, EDUCS, 2017.

KLEIN, Cleci Eulália Favaro. *De “Bairro Lusitano” a “Zona Tronca”*: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911 – 1931). Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984

KONFLANZ, Celso. *A moderna tradição gaúcha: um estudo sociológico sobre o tradicionalismo gaúcho*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Porto Alegre, 2013. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

KOUCHER, Ademir Barbosa. *Migrações no Rio Grande do Sul: os novos cenários da desconcentração espacial urbana-regional*. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. [Dissertação de Mestrado]

LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres Construtores de Riqueza*. Caxias do Sul e Porto Alegre: EST, 1981.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994

LEAL, Ondina Fachel. Do etnografado ao etnografável: “o Sul” como área cultural. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 3, n. 7, p. 201-214, nov. 1997.

LEAL, Ondina Fachel. Identidade cultural e identidade de gênero em uma narrativa mítica: quando ser gaúcho é ser homem. In: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 43, nº 1, 2012, p. 43 – 49.

LESSA, Luís Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul - 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MACIEL, Maria Eunice. A atualização do passado. In.: Félix, Loiva Otero, RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. *RS: 200 anos: definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2002, p. 191.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. *Bailões, é disto que o Povo Gosta*: análise de uma prática cultural de classes populares no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1984. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

MARTÍN-BARBERO, Jesús . Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Revista Dia-Logos de la Comunicación*. México: FELAFACS, n. 64, p. 8-23, 2002

MARX, Irton. *Vai nascer um novo país*: república do pampa gaúcho, união dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul, RS: Excelsior, 1990.

MOCELLIN, Maria Clara. *Trajetórias em rede*: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. Campinas, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas.

MURARI, Luciana. A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-riograndense. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 17, nº 32, p. 159-183, 2010.

NEDEL, Letícia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília, 2005. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina. In: *XI Encontro da ANPOCS*. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/11-encontro-anual-da-anpocs/gt-12/gt10-7/6373-lelianunes-movimento/file>. Acesso em: 2 mar. 2018.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

OLIVEN, Ruben G. *A parte e o Todo*: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORO, Ari Pedro. "Mi son Talian" Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. in: L.A. de Boni (org.) *A presença italiana no Brasil*. v.III, Porto Alegre, 1996. EST, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli

OURIQUE, João Luis Pereira. A visão patriarcal na cultura regionalista gaúcha: “morocha” e “morocha não”. In: *Chasqui*, v. 43, nº 2, 2014, p. 73 – 83.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993 [1978]

PASSOS, Alvoní Adão Prux dos. *Uma leitura acerca das interações culturais presentes na formação do distrito de Criúva no município de Caxias do Sul*. Dissertação (Mestrado em História). Caxias do Sul, 2016. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional. Universidade de Caxias do Sul.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. In: *Ensaio FEE*. Vol. 14, nº. 2, 1993.

POEGERE, Elias Ricardo. *A construção da identidade na Região Colonial Italiana : o processo de modernização e urbanização como fator de memória e esquecimento do Frigorífico Rizzo, em Caxias do Sul – 1938 a 1960*. Dissertação (Mestrado em História). Caxias do Sul, 2016. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional. Universidade de Caxias do Sul.

POLLAK, Michael e HEINICH, Natalie. El testimonio. In: POLLAK, Michael. *Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones limite*. La Plata/Buenos Aires: Al Margen, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

POSENATO, Júlio (org.). *Antônio Prado: Cidade Histórica*. Porto Alegre: Arte & Cultura. 1989.

POZENATO, Kenia M. M. e GIRON, Loraine Slomp. Identidade: cultura e memória. In: *Métis: história & cultura* – v. 6, n. 12, p. 137-151, jul./dez. 2007.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

PRATS, Llorenç. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

RIBAS, João Vicente. *A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo*. Dissertação (Mestrado em História). Passo Fundo. 2008. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade de Passo Fundo.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Festa e Identidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RONSINI, Veneza Mayora. *Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul – RS*. Rio de Janeiro, 2004. Tese

(Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Adriana Fraga da. "*Meu avô era tropeiro!*": *identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS)*. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre, 2009. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SILVA, Ana Celina Figueira da. *Rio Grande do Sul, entre a crise e a grandeza: a luta pelo governo do estado em 1994*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Porto Alegre, 2003. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Ed. da USP, 1968.

SOARES, Laís Góis. Turismo de Galpão: uma etnografia sobre o acolhimento do fenômeno do turismo, nos festejos/festivais tradicionalistas, em Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre, 2014. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues Soares. Rio Grande do Sul – do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-85). In BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo, RS: Méritos, 2007-2009. v. 4, p. 291 a 311.

SOUZA, Carla Monteiro de. Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. In: *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 199-207, junho 2006.

SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1969-1973. 3 v

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Funarte, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. La construction des peuples: racisme, nationalisme, ethnicité. In: BALIBAR, E., _____. *Race, Nation, Classe: Les identités ambiguës*. Paris: La Découverte, 1988. p. 95-116;

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

WEBER, Regina. "O Avanço dos Italianos". *História em Revista*; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.

ZADINELLO, Alessandro Luchini. *O discurso publicitário regional: uma análise das referências de gauchismo em anúncios veiculados no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Porto Alegre, 2015. Faculdade dos Meios de Comunicação Social. Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ZALLA, Jocelito. *O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ZANINI, Maria Catarina. Escrever, publicar e memorar: a literatura produzida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. In: *História Unisinos* – v. 18, n. 2, p. 378 – 391, maio/agosto de 2014.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; PEREIRA, João Baptista Borges. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região e Santa Maria-RS*. 2002. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FONTES PESQUISADAS

Arquivos e bibliotecas consultadas

Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul.

Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSa).

Seção de Periódicos da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer.

Depoimentos

BERTOLDI, José Realino. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

BRISTOT, Gilmar. Caxias do Sul, janeiro de 2015.

LIMA, Antônio Carlos de Back. Caxias do Sul, fevereiro de 2015.

LIMA, Bruna de. Caxias do Sul, fevereiro de 2015.

MARTINS, Roni Manoel Grendene. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

NASCIMENTO, Zanildo Barbosa. Caxias do Sul, novembro de 2014.

OLIVEIRA, Alcidino Xavier de. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

OLIVEIRA, José Antônio de. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

OLIVEIRA, Valdoir Alves de. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

PADILHA, Gervásio. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

SILVA, Adão da. Caxias do Sul, dezembro de 2014.

ZILLIOTTO, Gilmar. Caxias do Sul, janeiro de 2015.

Documentos sem autoria

HISTÓRICO do CTG Sinuelo. Caxias do Sul, 2013, 4 páginas.

HISTÓRICO do CTG Marco da Tradição. Caxias do Sul, 2006, 53 páginas.

Informativos das empresas

FRAS-LE. Informativo Interno. Boletim 031, ano 07, maio/junho de 1984. Caxias do Sul, 1984.

FRAS-LE. Informativo Interno. Boletim 050, ano 10, julho/agosto 1987. Caxias do Sul

SER RANDON. Informativo da gestão 2002/2003. Caxias do Sul, 2003.

SER RANDON. Informativo da gestão 2008. Caxias do Sul, 2008.

SER RANDON. Informativo da 7ª Cavalgada Raul Anselmo Randon. Caxias do Sul, 2014.

Artigos e matérias de jornais

20 DE SETEMBRO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 26 set. 1959, p.3

A ALEGRIA DE ESTARMOS JUNTOS. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul, 24 fev. 2006, p. 2.

A DATA FARROUPILHA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. **Tempo Todo**, Caxias do Sul, 25 set. 2008, p. 2.

A FESTA DA UVA SEM LULA. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul, 29 fev. 2008, p. 2

A INSPIRAÇÃO FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1985, p. 4.

A ORDEM É RETORNAR ÀS ORIGENS E FAZER A FESTA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 15 fev. 1991, p. 13.

A PELEIA DE PEPE E SARTORI. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 2008, p. 18-19.

A POLÊMICA EM TORNO DA SEMANA FARROUPILHA NO PARQUE CINQUENTENÁRIO. **O Pellegrino**, Caxias do Sul, set. 1994, p. 12.

A SEMANA CRESCEU. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 15 set. 2009, p. 22.

A SEMANA DO GAÚCHO EM CAXIAS DO SUL. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1957.

AINDA PERMANECE VIVA A LEGENDA FARROUPILHA. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 26 set. 1970, p. 1.

ALVES, Jorge Pereira. Reculutando pelo Rio Grande. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1957, p. 2.

APOTEOSE AO TRABALHO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 fev. 1969, p. 11.

ASSIM SE FAZ O GAÚCHO. **Jornal dos Bairros**, Caxias do Sul, set. 2006, p. 5.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE CAXIAS DO SUL. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 fev. 1969, p. 3.

ATÉ SOB NEBLINA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 2004, p. 6.

ATENÇÃO SEGMENTADA NA DISPUTA PELOS VOTOS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 13 set. 2000, p. 8.

ATRAÇÕES EM PENCA NA SEMANA FARROUPILHA. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, 20 set. 1991, p. 1.

AUSÊNCIA DE SARNEY: POLÍTICOS CULPAM ORGANIZADORES. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 fev. 1989, p. 11.

BRASILEIROS POR OPÇÃO. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul, 22 set. 2000, p. 2.

- BRIZOLA, Leonel de Moura. **Saudação**. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 25 fev. 1961, p. 1.
- CADORIN, Adílzio. Um povo só conquista a sua liberdade se enfrentar aqueles que o oprimem. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 24 set. 1977, p. 6.
- CÂMARA ENTREGA MEDALHA HONEYDE BERTUSSI. *Gazeta de Caxias*, Caxias do Sul, 28 set. 2007, p. 5.
- CAMPOS, André. Rio Grande do Sul contra o Império. *Gazeta de Caxias*, Caxias do Sul, 28 set. de 2007, p. 9.
- CAON, Marcelo. Revolta burguesa. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 16 set. 2004, p. 2.
- CARINHOSAMENTE RECEBIDO EM CAXIAS DO SUL O PRESIDENTE DA REPÚBLICA JÂNIO QUADROS. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 28 fev. 1958, p. 1.
- CARTA ABERTA AO PRESIDENTE JOÃO. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 17 fev. 1984, p. 4.
- CAVALGADA ABRE COMEMORAÇÕES FARROUPILHAS. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 14 set. 1992, p. 23.
- CAXIAS COMEMORA EXPRESSIVAMENTE A PASSAGEM DA DATA FARROUPILHA. *Ecos do Mundo*, Caxias do Sul, 21 set. 1963, p. 1.
- CAXIAS DO SUL HONRADA COM A VISITA DO CR, JÂNIO QUADROS E JOÃO GOULART. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 25 fev. 1958, p. 3.
- CAXIAS DO SUL PRESTOU SIGNIFICATIVA HOMENAGEM AO SR. JÚLIO EBERLE. *Boletim Eberle*, Caxias do Sul, mai. 1965, p. 8-11.
- CAXIAS TEM O MAIOR NÚMERO DE CENTRO DE TRADIÇÕES DO ESTADO. *Gazeta de Caxias*, Caxias do Sul, 22 set. 2000, p. 8.
- CAXIAS, A MAIS GAUDÉRIA DAS CIDADES. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 17 set. 2002, contracapa.
- CENTRO DA INDÚSTRIA FABRIL DE CAXIAS DO SUL. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 22 fev. 1969, p. 3.
- CHAMA CHEGA AO PARQUE. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 13 set. 1993, p. 3.
- CHAMA CRIOLA JÁ ESTÁ NO PARQUE. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 15 set. 1994, p. 2.
- CHAMA DA TRADIÇÃO. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 19 set. 1970, p. 6.
- CHAMA FARROUPILHA CLAREIA A MEMÓRIA SOCIAL GAÚCHA. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 16 set. 1992, p. 12.
- CHARLA. *Época*, Caxias do Sul, 23 out. 1955, p. não identificada.
- CHIMARRÃO COM POLÍTICA. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 17 set. 2005, p. 12.

CHIMARRÃO É RITUAL GAÚCHO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 1997, p. 12

COLLARES, Alceu. Festa do povo. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 25 fev. 1994, p. 41.

COMEÇA A SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 12 set. 1994, p. 3.

COMEMORAÇÃO FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 fev. 2002, p. 31.

COMEMORAÇÕES DA SEMANA FARROUPILHA DEVEM ATRAIR MAIS DE 20 MIL PESSOAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 13 set. 1989, p. 21.

COMEMORAÇÕES TRADICIONALISTAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1963, p. 2.

COMENTA-SE. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 26 set. 1970, p. 5.

COMISSÃO EXECUTIVA DA FESTA DA UVA DE 1969. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 fev. 1969, p. 5.

CONDIGNAMENTE COMEMORADA EM CAXIAS DO SUL A EPOPEIA FARROUPILHA. **Boletim Eberle**, Caxias do Sul, set. 1961, p. 2 – 7.

CYRO MARTINS DESMISTIFICA O GAÚCHO, **Jornal de Caxias**, Caxias do Sul, 22 set. 1979, p. 12

DE BOMBACHA E CHIMARRÃO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1984, p. 4.

DE VOLTA A POLÊMICA SOBRE O USO DO PARQUE. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, 15 set. 1994, p. 4.

DESCONTRAÇÃO TRADICIONALISTA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1999, p. 10.

DESFILE É PALCO DE PANFLETAGEM. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 set. 1994, p. 24.

DESFILE ENCERRA PROGRAMAÇÃO. **Tempo Todo**, Caxias do Sul, 23 set. 2004, p. 12.

DOCUMENTO DOS VITICULTORES A FIGUEIREDO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 fev. 1981, p. 18.

DUAS SEMANAS SOB O REINADO DA UVA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 fev. 2000, p. 3.

E A NOSSA TRADIÇÃO COMO VAI? **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 set 1979, p. 52.

EM ÁGUA AZUL, ONDE FOI TRUCIDADO O PRIMEIRO TROPEIRO DO R.G.S., FOI ACESA A CHAMA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 24 set. 1960, p. 12.

ENTREVISTA SADI CAMARGO BORTOLON. **Gazeta de Caxias**, 17 set. 1999, contracapa.

EVOCANDO OS FARRAPOS CAXIAS FESTEJOU A TRADIÇÃO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 set. 1971, p. 4.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE GENERAL EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 fev. 1972, p. 2

FARRAPOS E BRASILEIROS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1993, p. 6.

FARRAPOS E O MITO DA LIBERDADE. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 19 set. 1979, p. 10.

FESTA DA UVA, FESTA NACIONAL. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 1 mar. 1958, p. 3.

FESTA ENCERRA SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1994, p. 3.

FESTA EXALTA VINDIMA E APEGO ÀS TRADIÇÕES. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 fev. 2000, p. 1.

FESTA FARROUPILHA. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 22 set. 2010, p. 2.

FLORES, Moacyr. Tradicionalismo gaúcho mantém seus costumes. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 14 set. 1988, p. 10.

FREITAS, Décio. O não ao centralismo. “Federação ou Morte”. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 26 set. 1984, p. 6.

FUNDADO O CTG MIRIM DO GRUPO ESCOLAR DA ZONA MICHELON. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 24 set. 1966, p. 17.

GARDELIN, Mário. Bem-vinda, Anita Garibaldi. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 set. 1982, p. 4.

GARDELIN, Mário. Semana Tradicionalista. **Caxias Magazine**, 17 set. 1960, p. 3.

GOVERNADOR ABRE A FESTA DA UVA E EXALTA A CORAGEM DO IMIGRANTE ITALIANO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 fev. 1989, p. 28.

HENRICHS, Renato. Brecha na Campanha. **Pioneiro**, Caxias do Sul. Seção Mirante. 21 set. 2000, p. 31.

HENRICHS, Renato. Contra os obstáculos. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 28 fev. 1998, p. 8.

HENRICHS, Renato. A América que nós fizemos. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 23 fev. 1996, p. 8.

HISTÓRIA E SABOR CELEBRAM UVA. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 24 fev. 2010, p. 10.

HOJE INÍCIO DA SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 1960, p.1.

HOSPITALIDADE CAXIENSE. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 25 fev. 1994, p. 6.

IDEAIS RENOVADOS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1999, p. 6.

INFLUÊNCIA DE OUTRAS ETNIAS FAVORECEM IDENTIFICAÇÃO. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 14 set. 2005, p. 10.

INICIA PROGRAMAÇÃO DA SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 set. 1989, p. 41.

INICIA-SE HOJE A VIII FESTA DA UVA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 1 mar. 1958, p.1.

IOPPI, José Flávio. XIV Festa Nacional da Uva e VIII Feira Agro Industrial. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 fev. 1978, p. 3

RODRIGUES, Jimmy. A guerra dos estancieiros. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1985, p. 4.

LULA LIBERA R\$200 MILHÕES PARA O SETOR VITIVINÍCOLA. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul. 24 fev. 2006, p. 13.

MACHADO, André. A Odisséia Farroupilha. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 23 set. 1972, p. 10.

MAIOR NÚMERO DE CTGS DO ESTADO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 fev. 2002, p. 4.

MANO, Arno Domingues. Salve 20 de Setembro. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 set. 1956, p. 11.

MENDES, Paulo. Revolução Farroupilha e a mitologia rio-grandense. **Pioneiro**, Caxias do Sul. Caderno Sete Dias. 19 set. 1987, p. 4.

MÊS DE PEÕES E PRENDAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 11 set. 2004, p. 4.

MITO DO GAÚCHO. **Correio Riograndense**, 19 set. 2001, p. 9.

MOSCHEN, Marilena. **Um desfecho imprevisível**. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 set. 1983, p. 4.

NA DATA FARROUPILHA, BERTUSSI LEMBRA ESPÍRITO GAÚCHO. **Jornal de Caxias**, Caxias do Sul, 24 set. 1977, p. 6.

NATIVISMO DE HOJE ATÉ SEXTA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1982, p. 12.

NEGAR A DANÇA FOGE À TRADIÇÃO. **Pioneiro**, 16 set. 2000, p. 38.

NICHELE, Alberto. O Governador não falará mais sozinho. **Panorama**, Caxias do Sul, 25 jul. 1962, p. não identificada.

NO TRABALHO A RIGOR. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 2003, p. 6.

O CENÁRIO ESTÁ PRONTO: COMEÇA HOJE A GRANDE FESTA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 fev. 1969, p.1.

O COLORIDO DAS TRADIÇÕES. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1993, contracapa.

O CRESCIMENTO TRADICIONALISTA. **Correio dos Bairros**, Caxias do Sul, out. 1995, p. 18.

O EXEMPLO DOS FARROUPILHAS. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul, 20 set. 2002, p. 2.

O PRESIDENTE EM CAXIAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 24 fev. 1996, p. 6.

O QUE É O “35 CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1952, p. 9.

O RIO GRANDE E OS NOVOS DESAFIOS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 set. 1998, p. 14.

OBRIGADO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 15 fev. 1975, p. 3.

OLÍMPIADA COLONIAL TEM SEU FINAL NO LARGO DA CATEDRAL. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul. 28 fev. 2008, p. 10.

OS CONSTRUTORES DE CAXIAS DO SUL. **Boletim Eberle**, Caxias do Sul, set. 1959, p. 7

OS EMPRESÁRIOS E AS NOSSAS PREOCUPAÇÕES. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 mar. 1981, p. 4.

OS NOVOS FARRAPOS. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 18 set. 1985, p. 8.

PALAVRO, Gelson. A pluralidade da Festa. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul. 24 fev. 2006, p. 2.

PÁRA O TRABALHO: INICIA-SE A GRANDE FESTA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 fev. 1972, p. 1.

PARALELAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 12 set. 1987, p. 3.

PARALELAS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 1986, p. 9.

PARQUE CINQUENTENÁRIO, PORTEIRA DO TRADICIONALISMO. **O Pellegrino**, Caxias do Sul, nov. 1991, p. 2.

PEREIRA, Xiru. Semana Farroupilha em Caxias. **Folha de Caxias**, Caxias do Sul. 23 set. 1989, p. 2.

PINTO, Alfredo Lavra. Os Bravos da Revolução de 1835. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 set. 1953, p. 3.

PIONEIRO, 23021996, pg.6)

PODER E PRESTÍGIO NA FESTA DA UVA 2004. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul, 20 fev. 2004, p. 2.

PORTEIRA DA TRADIÇÃO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 2003, p. 31.

POVO TRIBUTOU CALOROSA RECEPÇÃO A CASTELO BRANCO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 mar. 1965, p. 1 – 4.

PRAÇA JOÃO PESSOA FOI O PALCO DA SEMANA FARROUPILHA. **O Pellegrino**, Caxias do Sul, set. 1988, p. 1.

PREMIAÇÃO DA PERSISTÊNCIA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 16 fev. 2002, p. 2.

PROGRAMA COMEMORATIVO DO DIA 20 DE SETEMBRO E DA SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 set. 1968, p. 5.

PROSA CAMPEIRA PARA EMBALAR A SAUDADE. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1996, p. 16.

QUANTO CUSTA SER GAÚCHO. **Pioneiro**, Caxias do Sul. 19 set. 2009, p. 18.

REFLEXÕES PARA UM FERIADO FARROUPILHA. **Tempo Todo**, Caxias do Sul, 27 set. 2007, p. 2.

REGRAS MUDAM MAS TRADIÇÃO SE MANTÉM. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 2001, p. 4.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA PARA BOM JESUS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 2010, p. 8.

RESPEITO E HOSPITALIDADE. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 fev. 1986, p. 4

REVOLUÇÃO FARROUPILHA SERÁ COMEMORADA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1969, p. 3.

RIGOTTO, Germano. A força dos ideais farroupilhas. **Tempo Todo**, Caxias do Sul, 23 set. 2004, p. 2.

RIO GRANDE DO SUL COMEMORA A SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1969, p. 1.

RODRIGUES, Jimmy. As Lendas – O Negrinho do Pastoreio. . **Pioneiro**, Caxias do Sul, 16 set. 1967, p. 24

SARNEY ABRE A FESTA DA UVA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 fev. 1986, p. 1.

SARTORI, José Ivo. Festa de Todos e Para Todos. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul. 24 fev. 2006, p. 3.

SEM VENCEDOR E VENCIDO. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul. 23 set. 2005, p. 2.

SEMANA FARROUPILHA ATRAI 50 MIL PESSOAS. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, 21 set. 1992, p. 1.

SEMANA FARROUPILHA É FESTEJADA EM ÁGUA AZUL. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 19 set. 1990, p. 7.

SEMANA FARROUPILHA LOTA PARQUE CINQUENTENÁRIO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1992, p. 19.

SEMANA FARROUPILHA VAI SER MODIFICADA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 set. 1973, p. 10.

SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 1975, p. 9.

SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 17 set. 1980, p. 4.

SEMANA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 25 set. 1965, p. 1.

SENHOR PRESIDENTE. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 23 fev. 1996, p. 6.

SERÁ COMEMORADA AMANHÃ A DATA FARROUPILHA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 set. 1965, p. 1.

SERAFINI FILHO, Mansueto de Castro. Festa do Trabalho. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 fev. 1978, p.5

SERAFINI FILHO, Mansueto. Mensagem. **Correio Riograndense**, 26 set. 1970, p. 6.

TEMPOS MODERNOS TEM NOVOS FARRAPOS. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, 21 set. 1992, p. 2.

TRADIÇÃO E ECOLOGIA PRESENTES NA COMEMORAÇÃO FARROUPILHA. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, 17 set. 1990, p. 4.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE NOS TRAJES. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1997, p. 31

TRADIÇÃO ESTÁ EM DECADÊNCIA. **Jornal de Caxias**, 22 set. 1973, p. 1.

TRADICIONALISMO GAÚCHO NA FESTA DA UVA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 08 mar. 1969, p. 3.

TRADICIONALISMO RIO GRANDENSE. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1980, p. 4.

TRADICIONALISMO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 19 set. 1964, p. 2.

TRADICIONALISTAS DESTACAM SEMANA GAÚCHA. **Correio Riograndense**, 15 set. 1976, p. 6.

TRADICIONALISTAS LOTAM PARQUE. **Folha de Hoje**, Caxias do Sul, 21 set. 1992, p. 6.

TRADIÇÕES NA SERRA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1996, p. 6.

TRANSCORRE HOJE DATA FARROUPILHA. **Jornal de Caxias**, Caxias do Sul. 20 set. 1975, p. não identificada.

- UAB PROTESTA NA SINIMBU. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 2006, p. 34.
- UM ANO DE COMEMORAÇÕES NO SESQUICENTENÁRIO FARROUPILHA. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 19 set. 1984, p. 7.
- UM DESFECHO IMPREVISÍVEL. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 14 set. 1983, p. 4.
- UMA FESTA MERECEIDA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 fev. 1989, p. 2.
- UMA INSTITUIÇÃO NACIONAL. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 24 fev. 1996, p. 8
- UMA PÁTRIA DE GAÚCHOS. **Gazeta de Caxias**, Caxias do Sul, 24 set. 2004, p. 2.
- UNIDOS PELA TRADIÇÃO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 set. 1997, p. 8.
- VERONESE, Gaudêncio. A Chama Viva da Tradição. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 1968, p. 5.
- VERSATILIDADE NA AGENDA. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 2004, p. 26.
- VESTIBULAR GAUCHESCO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 set. 2008, p. 22-23.
- ZAMBECCARI, ROSSETI E ANZANO NA GUERRA DOS FARRAPOS. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 21 set. 1977, p. 7.
- ZORZI, Benedito. Dignificação do trabalho. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 fev. 1986, p. 4.

ANEXO A

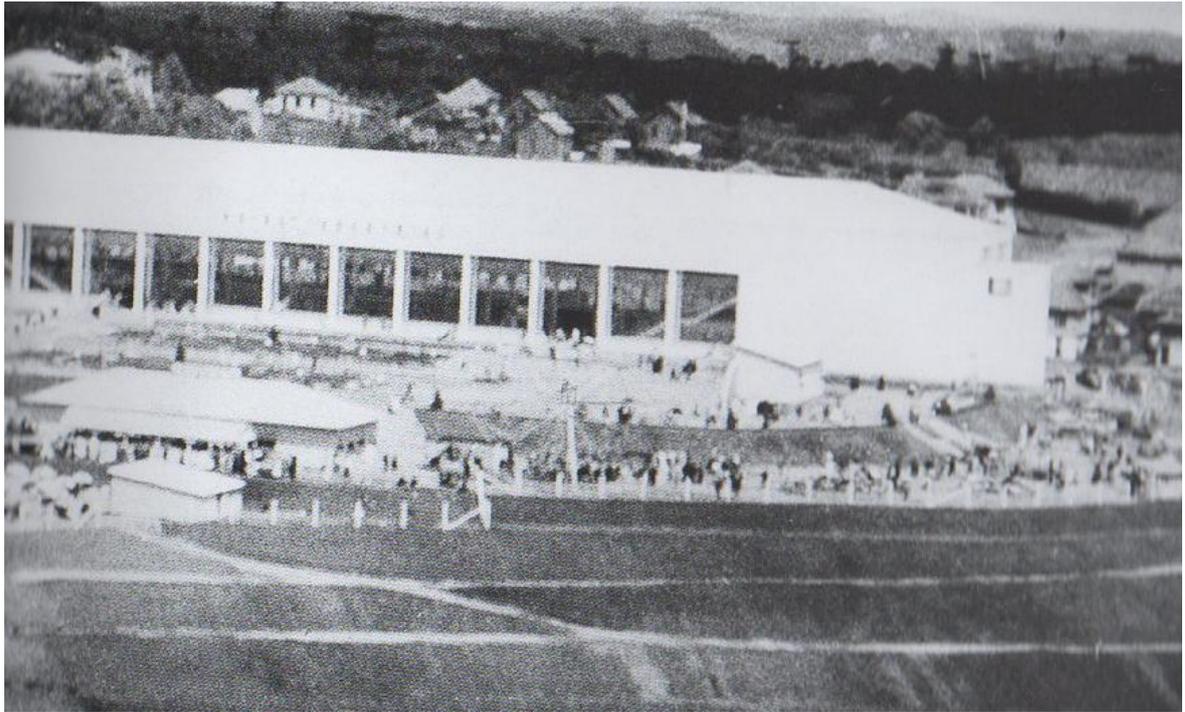


FIGURA 23 - PARQUE DE EXPOSIÇÕES DA FESTA DA UVA EM 1950, ATUAL PRÉDIO DA PREFEITURA MUNICIPAL (ERBES, 2012 , p. 73)



FIGURA 24 - PAINEL DE ALDO LOCATELLI NO CENTRO ADMINISTRATIVO DE CAXIAS DO SUL.

ÊSTE JORNAL

O PIONEIRO surge no cenário jornalístico como que atendendo a um imperativo de consciências construtivas, empenhadas em dar, a Caxias do Sul e a toda a zona agrícola do Estado, um jornal á altura do passado, do presente e do futuro.

O que visaram, preliminarmente, os cincoenta e quatro quotistas, que formam a editora deste jornal foi fazer um JORNAL.

Um jornal não é uma aventura passageira, onde se reúnem colaborações, notícias e anúncios, destinados a encher papel, que depois será vendido por alguns tostões. Um jornal não são folhas impressas, mas sim um repositório de leituras destinadas a atender pessoas humanas, naquilo que elas possuem de mais nobre; seu espírito, sua cultura, sua ansia de indagação. Por isto, antes de mais nada, um jornal deve ter uma orientação, uma finalidade, uma alma, um pensamento. E não será jornal aquele que não atentar, em sua formação, para estes elevados objetivos.

Mas, antes de tudo isto, é necessário que o jornal possua suficiência técnica para que todos aqueles louváveis propósitos possam ser alcançados. Ter belos ideais sem possuir instrumento para divulgá-los, é como um veículo sem força motor. Dai o esplêndido esforço que constitui a instalação das oficinas gráficas de O PIONEIRO. Constituem elas um verdadeiro milagre para toda esta zona, pois poucos, muito poucos, acreditavam ser possível instalar maquinário como a Gráfica Nordeste Ltda., está fazendo nesta cidade de Caxias do Sul. A Intertype é algo que, há três mêses, quase ninguém acreditava ser possível conseguir para a «Pérola das Colônias».

LUIZ COMPAGNONI

No entanto, ela ai está, alvo da admiração de quantos a visitam.

Surge, agora, este jornal e, para muitos, representa êle uma verdadeira surpresa. Acostumados com a generalidade da tradição desta zona em matéria de jornalismo, acreditavam que appareceria um órgão anêmico de formato e de ideias.

As oficinas de O PIONEIRO estão capacitadas para editar um jornal diário. Com esta afirmação o leitor poderá avaliar a extensão e a capacidade técnica que representam suas oficinas gráficas.

Caxias do Sul e a zona nordestina do Estado precisavam de um empreendimento desta natureza. Há problemas comuns a esta zona que necessitam de um órgão para sua defesa. Um órgão que tenha a capacidade de fazer esta defesa. Um órgão que, também pelo seu aspecto gráfico tenha a virtude de se impor no conceito publico, canalizando opiniões, atualmente tão dispersas e descontroladas, devido, em grande parte, á ausencia de um JORNAL.

Possuimos homens cultos e técnicos. No entanto, poucos escrevem, por não existir um jornal com capacidade técnica. O mesmo podemos dizer com os discursos, aulas, conferências, que são proferidos nesta cidade e nesta zona.

Muita coisa poderíamos ainda dizer sôbre a excepcional importancia que representa este empreendimento, o que faremos em edições subsequentes.

O PIONEIRO, diante de todas estas circunstancias, está fadado a desempenhar importante papel.

Estamos certos que os caxienses e os que vivem na zona agrícola do Rio Grande saberão apreciar devidamente o esforço que constitui esta iniciativa.

FIGURA 25 - TEXTO DA PRIMEIRA EDIÇÃO COM INFORMAÇÕES SOBRE A COMPOSIÇÃO SOCIETÁRIA DA GRÁFICA NORDESTE LTDA. (PIONEIRO, 4 NOV. 1948, P. 4)

TRADICIONALISTAS FESTEJARAM A REVOLUÇÃO FARROUPILHA



Presença constante nas solenidades foi Mansueto Serafini. Na foto, falando com Aldo Mendes, Coordenador local do CTG.



Um bom churrasco e um excelente chimarrão, feitos a capricho, ate sobram no Acampamento

Sob a coordenação do Serviço Municipal de Turismo, também neste ano Caxias do Sul comemorou festivamente a sua Semana Farroupilha. A Chama da Tradição foi inflamada na Praça Ruy Barbosa, e conduzida aos CTGs por um grupo de cavaleiros. Em todos os centros, à noite, houve ronda, com a presença de autoridades e conferencistas, que abordaram aspectos da vida gaúcha e evocaram a história do "Decênio Heróico."

Sábado e domingo, os gaúchos acamparam nos pavilhões da Festa da Uva, onde churrasquearam, cantaram, dançaram e, confraternizaram. Cada centro armou sua barraca, recebeu a visita das autoridades e se fez presente com uma série de iniciativas de grande aceitação popular. O acampamento gaúcho não foi sequer privado de um posto de vendas de rapadura.

Mansueto Serafini Filho fez-se presente as solenidades, por si ou através de representação. Neste ano, a Câmara de Vereadores designou diversas comissões que participaram das solenidades internas dos CTGs.

O tradicionalismo merece todo apoio. Trata-se de uma das forças mais poderosas a serviço do turismo e do amor ao solo



Um grupo de fortes tradicionalistas, aguardando a hora do assado, e falando de outros tempos.



As mais representativas personalidades do tradicionalismo estavam presentes



Um bom churrasco também é feito com alegria.



Os grupos de danças espontaneamente surgiam, ao som de uma acordeona.

III RODEIO CRIOULO

Segundo informações prestadas pelo patrão do CTG "Trapeiros do Rio Grande", o III Rodeio Crioulo Nacional de Caxias do Sul já tem data marcada: de 4 a 8 de Janeiro de 1978. "Ainda não tivemos oportunidade de escolher o local", informou Abelino Gomes Cardoso, coordenador e presidente das solenidades. "Estamos mantendo os entendimentos necessários a fim de que o III Rodeio se realize num local excelente, de modo que possam participar dele numerosos visitantes". Abelino Gomes Cardoso mostra-se realmente

entusiasmado com a perspectiva: "Os Rodeios realizados anteriormente coroaram-se do mais absoluto êxito. Eles se transformaram numa excelente promoção de Caxias do Sul e trouxeram numerosos turistas. Além disso, as coisas do pago foram exaltadas e promovidas. O próximo rodeio, com a experiência que possuíamos, vai ter o mesmo resultado e com muito maior brilho. Vamos dar ampla publicidade e mais uma vez ficará claro que o tradicionalismo tem muito a fazer em prol de nossa cidade e da nossa região."



Hoje é dia de ligar do seu Vivo e dizer: como é bom ser gaúcho.

10x juro zero

Ativado apenas em lojas Colombo

Câmera digital



- **MEMÓRIA TEMPORAL**
- Câmara digital com gravação de vídeo
- Vivo 300 livros
- **MEMÓRIA GRANDE**
- Vivo viz
- Display colorido

NOKIA 6255 VIVO PÓS
 a vista 899,00 | 10x juro zero **89,90**



- Alarma vibratório
- Agenda 99 páginas
- Display azul
- **MEMÓRIA GRANDE**

MOTOROLA C210 VIVO PÓS
 a vista 99,00 | 10x juro zero **9,90**

MOTOROLA C210 VIVO PRÉ
 a vista 199,00 | 10x juro zero **19,90**



- **MEMÓRIA GRANDE**
- Vivo viz
- Display colorido
- **MEMÓRIA**
- **MEMÓRIA** viva

LG 4170 CHAMP VIVO PÓS
 a vista 349,00 | 10x juro zero **34,90**

LG 4170 CHAMP VIVO PRÉ
 a vista 699,00 | 10x juro zero **69,90**



- Agenda 200 páginas
- Livro polifônico
- Alarma vibratório
- **MEMÓRIA** **MEMÓRIA**
- Vivo viz

NOKIA 2112 VIVO PÓS
 a vista 99,00 | 10x juro zero **9,90**

NOKIA 2112 VIVO PRÉ
 a vista 299,00 | 10x juro zero **29,90**



- Livro de agendas
- Agenda com 100 páginas
- Livro polifônico
- **MEMÓRIA** **MEMÓRIA**

SAMSUNG LIGHT VIVO PÓS
 a vista 99,00 | 10x juro zero **9,90**

SAMSUNG LIGHT VIVO PRÉ
 a vista 299,00 | 10x juro zero **29,90**

Oferta válida de 01 a 30/09/2005 no momento da compra e ativado somente no estado do Rio Grande do Sul. Cobro após a entrega. 10x (10 parcelas) de 10x a juro zero no crédito ou no cartão de crédito somente para os produtos apresentados nesta condição. Disponível em 10 lojas por produto. Oferta vinculada à programação especial de 12 meses (juros à vista convencionais). Limite de 1 aparelho por 04.

vivo

bom ser gaúcho



lojas Colombo
o lado bom da vida.

FIGURA 27. JORNAL PIONEIRO., 20 DE SET. DE 2005, P. 5.

O que faz o gaúcho não é só a querência.

As fronteiras do Rio Grande passam pelo pampa, serra, litoral e chegam até a cidade. E em todos esses lugares, a bravura é a nossa marca. Bravura que herdamos dos muitos povos que escolheram essa terra. De nossos antepassados que percorreram todo o Estado lutando para defender o seu povo. E hoje essa bravura continua se manifestando na nossa família e no nosso trabalho. Pois onde houver um gaúcho, o legado dos Farrapos ainda vive, correndo nas veias e marcado na memória.

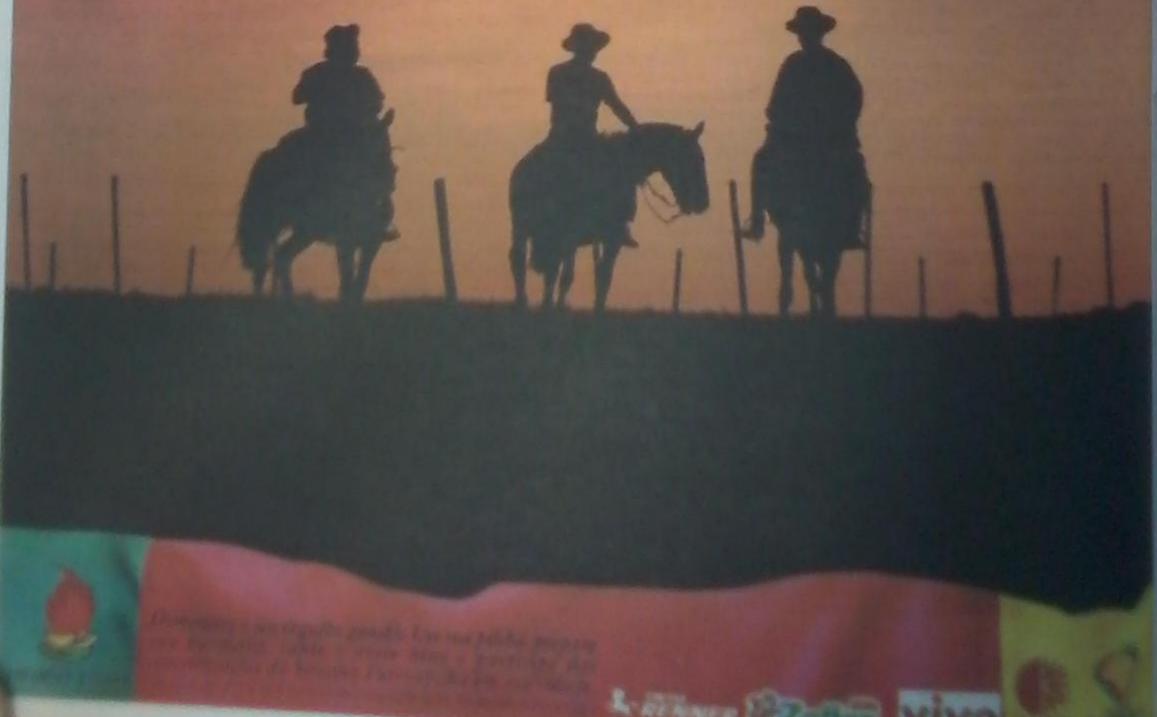


FIGURA 32. JORNAL PIONEIRO, 20 DE SET. DE 2004, P. 12

MONTE-PECOLA, 20 DE SETEMBRO DE 2007

**COMO É GRANDE
O MEU AMOR PELO
RIO GRANDE.**



Todo mundo tem um jeito de mostrar seu orgulho de ser gaúcho. Pode ser um adesivo no carro, uma bandeira pendurada na janela de casa ou até mesmo sair às ruas carregando térmica e chimarrão. O importante é viver intensamente essa paixão.

PARTICIPE DAS COMEMORAÇÕES DA SEMANA FARROUPILHA.

Grupo **FBS** **COPEL** **Banrisul** **GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL**



FIGURA 33. JORNAL PIONEIRO, 20 DE SET. DE 2007. P 19.



O gaúcho gosta de manter sempre acesas suas tradições.



Participe das comemorações da Semana Farroupilha e mostre todo o seu orgulho de ser gaúcho. Dia 20 de setembro, às 9 horas, grande desfile na Avenida Perimetral em Porto Alegre.



Você é muito mais apegado às tradições do que imagina.

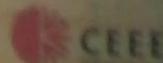
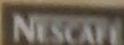
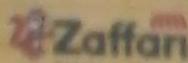


FIGURA 34. JORNAL PIONEIRO, 17 DE SET. DE 2005. P. 17.

O AMOR POR NOSSA TERRA ESTÁ SEMPRE SE RENOVANDO.



CADA UM TEM UM JEITO DE MOSTRAR QUE É FÃ DO RIO GRANDE. INVENTE O SEU.

O que caracteriza o gaúcho não são apenas suas roupas e costumes. São, principalmente, valores de igualdade e justiça que herdamos dos bravos farroupilhas. Um espírito guerreiro que trazemos para o nosso dia-a-dia, lutando por um lugar melhor para os nossos filhos, amando a nossa terra e recebendo de braços abertos quem nela chega. Hoje é dia de sair para rua, participar das comemorações e mostrar todo o seu amor pelo nosso Estado.

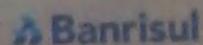
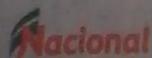


FIGURA 35. JORNAL PIONEIRO, 20 DE SET. DE 2006, P. 23.

UMA SEMANA PARA COMEMORAR
O QUE A GENTE SENTE TODOS OS DIAS:
ORGULHO DE SER GAÚCHO.



CADA UM TEM UM JEITO DE MOSTRAR QUE É FÃ DO RIO GRANDE. INVENTE O SEU.

Como reconhecer um gaúcho de verdade? Se você pensar num sujeito todo pilchado, montado num cavalo, você acertou. Mas se olhar com atenção, vai ver também que cada um tem o seu jeito de ser gaúcho e de mostrar que ama o Rio Grande. E o adorno no cinto, o botom na lapela ou numa roda de chimarrão no apartamento de alguém da turma. Para ser um verdadeiro gaúcho, nem precisa ser nascido por aqui. Basta levar o Rio Grande no coração.

*Participe das comemorações da Semana Farroupilha.
Dia 20 de setembro, às 9 horas, grande desfile na Av. Perimetral em Porto Alegre.*

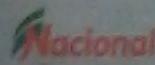
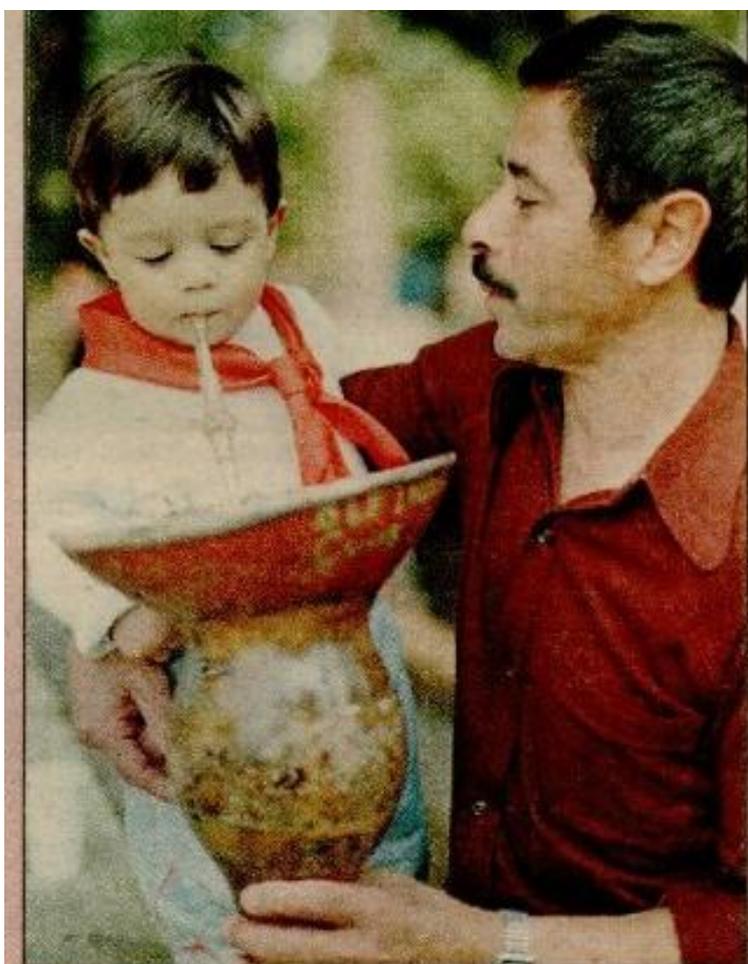


FIGURA 36. JORNAL PIONEIRO. 16 DE SET. DE 2006, P. 22.



Caxias do Sul: a atração de hoje é o desfile dos tradicionalistas

Gosto pelo chimarrão começa desde criança

FIGURA 37. JORNAL PIONEIRO, 20 SET. 2001, CONTRACAPA.



FIGURA 38 - JORNAL PIONEIRO, 12 SET. 2005, CONTRACAPA.



FIGURA 39 – JORNAL PIONEIRO, 20 SET. 2004, CONTRACAPA.



FIGURA 40 – JORNAL PIONEIRO, 20 SET. 2007, CAPA.

SEMANA FARROUPILHA

A tradição te espera

Comença nesta fim de semana o período de sete dias esperado por uma massa ocidentais e apimentada de gaúchos, a Semana Farroupilha.

Haverá programação em diversos pontos da região, profusos dividida entre atrações artísticas e tradicionais, as duas principais vertentes culturais do tradicionalismo.

Para muita gente gaúcha, a cultura da tradição independe de calendário. José Cláudio Belarmino (abaixo) ainda preside por Farroupilha em qualquer época do ano.

— No início, não é que não existisse no momento. Hoje, não tem quem não que celebra no cidade —
 — E, em Curitiba, a festa de semana inteira. Sábado se passou comemora.



NÃO PERCA

-  O baile oficial
-  O show de Marengo
-  O Galpão Crioulo
-  As provas campeiras

Páginas 20 e 21

FIGURA 41- JORNAL PIONEIRO, 13 SET. 2008, CAPA.



FIGURA 42 – JORNAL PIONEIRO, 18 SET. 2009, SEÇÃO ESPECIAL, P.2



12 SÁBADO E DOMINGO, 17 E 18 DE SETEMBRO DE 2005

Revolução Farrroupilha marcou, no início do Século 19, posição do Estado perante o país

Chimarrão com política

Combatividade é traço marcante do tradicionalismo

VANIA ESPERON

www.pioneiro.com.br

Caxias do Sul - A luta pela adoção do regime republicano no Rio Grande do Sul na primeira metade do Século 19 demarcou a força política do Estado perante o país. A situação dos farrapos em contestação ao governo imperial em 1835, na análise do ex-coordenador da 25ª Região Tradicionalista (RT) e ex-candidato a vereador pelo PT, Sadi Camargo, reforça a proximidade entre política e tradicionalismo.

- A Revolução Farrroupilha foi um movimento político que surgiu com a atuação do general Bento Gonçalves em meados de outubro de 1835, na análise do ex-coordenador da 25ª Região Tradicionalista (RT) e ex-candidato a vereador pelo PT, Sadi Camargo, reforça a proximidade entre política e tradicionalismo.

- Não havia pontos, pontos de saúde e nem médicos suficientes. O excesso de impostos e o custo da mão-de-obra dificultavam a industrialização e o comércio de charque nas fazendas. Os políticos criavam greves através os presidentes de Província. Essas causas provocaram a revolução. Não queríamos nos separar do país. Lutávamos para sermos brasileiros - enfatiza o petista.

O espírito político e combativo, opina Camargo, está presente no meio gaúcho. Ele afirma, no entanto, que é preciso tomar cuidado com partidários oportunistas. Segundo ele, há políticos que defendem a tradi-

Visite

Galpão de Habitação

Espaço empregado no pavilhão 2 de Festejo de Uva durante a Semana Farrroupilha. No local, as pessoas podem se inscrever para o Programa de Arrendamento Residencial (PAR).

Galpão Farrapo

A Câmara de Vereadores decretou uma parte do espaço cultural (1ª subcota) com adega e objetos que fazem referência à cultura tradicionalista. Ele também está sendo usado para notas de circulação. Para conhecer, basta visitar o Legislativo (Rua Alfredo Chaves, 1303, bairro Exposição).

ção, mas há também os que surgem repentinamente apenas para marcar presença.

Agregado de Obras da 25ª RT, ex-parlamentar e atual secretário municipal de Habitação, Francisco Rech (PP) atua no campo tradicionalista desde 1990, antes do ingresso na militância partidária. Ele concorda que há políticos e dirigentes que visam a interesses e, mais tarde, saem de cena, mas destaca os bem intencionados.

- Quem é tradicionalista de verdade permanece - confia Rech, sem medo de ostentar lenço, bombacha e filosofia de vida gaúchesca,

mas há também os que surgem repentinamente apenas para marcar presença.

Agregado de Obras da 25ª RT, ex-parlamentar e atual secretário municipal de Habitação, Francisco Rech (PP) atua no campo tradicionalista desde 1990, antes do ingresso na militância partidária. Ele concorda que há políticos e dirigentes que visam a interesses e, mais tarde, saem de cena, mas destaca os bem intencionados.

- Quem é tradicionalista de verdade permanece - confia Rech, sem medo de ostentar lenço, bombacha e filosofia de vida gaúchesca,

PIONEIRO CIDADES

Ideais de ética

Na Câmara de Vereadores castrense, o tradicionalismo ganha atenção especial neste período do ano. Além da presença na programação da Semana Farrroupilha, a Casa montou um Galpão Farrapo no Espaço Cultural. O local, de estilo rústico e decorado com objetos gaúchos, como farradeiras e prelegos, tem sido ponto de bate-papo, de rodadas de chimarrão e de incentivo à cultura gaúcheria. No comando da Casa, o vereador Francisco Spandorello (PSDB) vê o Estado como um dos poucos a cultivar originalmente seus costumes e a levar a política a sério.

- O Rio Grande sempre foi afeito aos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Aqui se cultiva o folclore, o nativismo, a música, o gosto pelo cavalo. Isso contagia o homem urbano. Caxias, por exemplo, apresenta o maior número de CTGs e pacotes de laje-ditas - afirma o tucano.

Para Spandorello, o tradicionalismo traduz ideais pormeados pela ética.

- Raramente você vê políticos gaúchos em irregularidades. Pode haver divergências, mas você não os vê metidos em corrupção. No meio tradicionalista, não há cor, raça, partido. Cada um tem uma opção partidária, mas no movimento, somos todos iguais.

Orgulho da origem campeira

ANTES DE sustentar seus ideais político-partidários, o vice-prefeito Alcino Barbosa Velho (PDT), 48 anos, já era fiel apreciador da cultura gaúcha. É o negócio sem de barça, recorda o petista, cuja família sempre levou o tradicionalismo a sério. Nasceu em São José dos Ausentes, ele não nega as raízes, pelo contrário, faz questão de perpetuá-las.

Sobre a união da cultura farrroupilha com a gaúcha:

- Nem todo mundo conhece a história do Rio Grande do Sul. Mas quem conhece sabe que a cultura gaúcha é muito rica e muito tradicionalista.

Presidente da comissão organizadora da Semana Farrroupilha, Barbosa Velho integra a Seleção de Laje de Caxias do Sul. Na bagagem, sobram troféus e conhecimentos:

- Para fazer me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

me visto a rigor é preciso cultivar a tradição à o usando a de -

Mostre o seu orgulho de ser gaúcho.

Participe das comemorações da Semana Farrroupilha e mostre todo o seu orgulho de ser gaúcho. Dia 18 de setembro, às 19h, o gaúcho estará na Avenida Francisco de Paula, 1303.

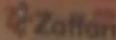


FIGURA 43 - JORNAL PIONEIRO, 17 SET. 2005, P. 12

ANEXO B

O Tradicionalismo na Randon



Em 1980, um grupo de funcionários que se identificavam com as tradições gaúchas, seja pela dança, seja pela lida campeira, começaram a reunir-se nas dependências da empresa e a realizar algumas apresentações artísticas para os colegas no refeitório procurando, difundir e congregar a cultura tradicionalista.

Degavarito, como diz o gaúcho o tradicionalismo foi se difundindo, tomando forma e, em 1985, um grupo de funcionários resolve "pedir licença", ou melhor, como diz o Adão da Silva: "num pedido de Peão para Patrão, nos foi concedida a oportunidade, pelo Sr. Raul Anselmo Randon, de organizarmos um evento que pudesse ser compartilhado por todos que assim o desejassem." Foi aí que surgiu a Prisma.

havia churrasco farto, arroz carreteiro e feijoada, além, é claro, do chimarrão durante o dia inteiro. A integração crescia a cada nova Roda, reunindo cada vez mais funcionários e familiares, até que, em 1998, a Sede campestre passa a abrigar o evento, pois aproximadamente 2.500 pessoas participavam, e a gincana, gineteada, shows artísticos e jogos nas barracas necessitavam de um espaço para abrigar todos esse eventos.

Atualmente o CTG "Os Carreiros" pertence à 25ª Região Tradicionalista e participa da Semana Farroupilha, Acampamento Crioulo, Acampamento das empresas com C.T.G.s de Rodeios, Festivais Tradicionalistas, trazendo premiações e elevando o nome da S.E.R. Randon e de todos aqueles que a compõem o CTG também desenvolvem atividades de cunho social, como arrecadação e distribuição de alimentos, fraldas, brinquedos a entidades assistenciais da cidade.

Mas nem só de Roda de Chimarrão vive o tradicionalismo Randon. São realizados acampamentos campeiros, piquetes de laço, invernadas, grupos de dança, tudo organizado em parceria com o CTG "Os Carreiros". Embora fundado no ano de 1992, o movimento tradicionalista existe nas empresas Randon desde 1988, quando alguns funcionários começaram a realizar apresentações artísticas nas dependências da fábrica e dela participavam funcionários e familiares, apresentando trovas, danças e cantorias. Ao longo das

Atualmente o CTG "Os Carreiros" pertence à 25ª Região Tradicionalista e participa da Semana Farroupilha, Acampamento Crioulo, Acampamento das empresas com C.T.G.s de Rodeios, Festivais Tradicionalistas, trazendo premiações e elevando o nome da S.E.R. Randon e de todos aqueles que a compõem o CTG também desenvolvem atividades de cunho social, como arrecadação e distribuição de alimentos, fraldas, brinquedos a entidades assistenciais da cidade.

Nos dias 15 e 16 de novembro deste ano realizou-se nas dependências da sede campestre da S.E.R. Randon o 1º Rodeio Artístico e Cultural CTG "Os Carreiros", evento que validava a 6ª etapa do Festival Nacional da Cultura Gaúcha. Participaram do evento 30 entidades tradicionalistas, com a apresentação de mais de 400 artistas amadores que, através da dança, do canto, da chula, da música e da poesia, cultuaram a história e as tradições do povo riograndense, provando que a cultura gaúcha está mais viva do que nunca. O Evento foi realizado a partir do apoio das empresas Randon e da Lei de incentivo à cultura municipal e coordenado pelo Padre Leonel Vargas de Lima.

FIGURA 28: SER RANDON. INFORMATIVO DA GESTÃO 2002/2003. CAXIAS DO SUL, 2003.



FIGURA 29 - PLACAS ALUSIVAS À FUNDAÇÃO DO GALPÃO VELHA CARRETA, ESTRUTURA FÍSICA QUE ABRIGA AS ATIVIDADES DO CTG OS CARRETEIROS.

*“Parabéns Patrão Raul,
 pelo marco de existência,
 aprendemos com o senhor,
 ter coragem e persistência.
 Obrigado pelo legado,
 deste amor pela Querência”*

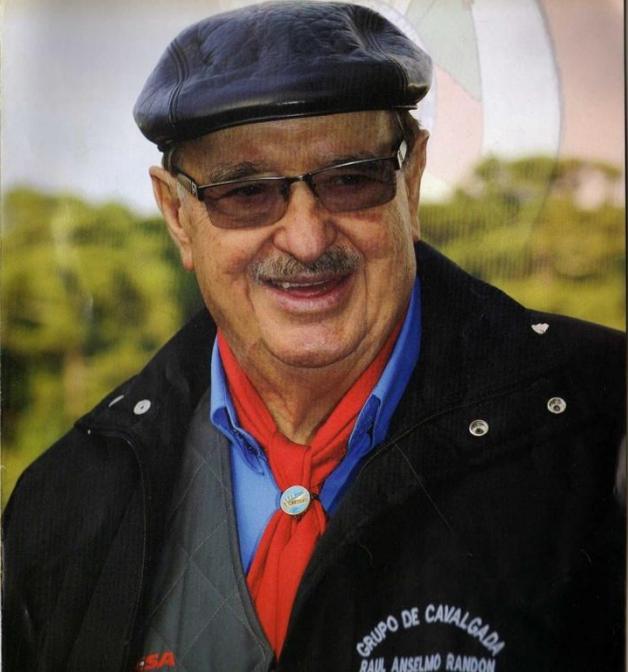
Adão Silva.

Regulamento de acordo com as normas do
 MTG e 25ª RT.
 Percurso: 18km.

Contatos: 3209.2694 - SER Randon | CRF
 9696.3110 - Raul Teles

7ª Cavalgada

Raul Anselmo Randon



7ª Cavalgada

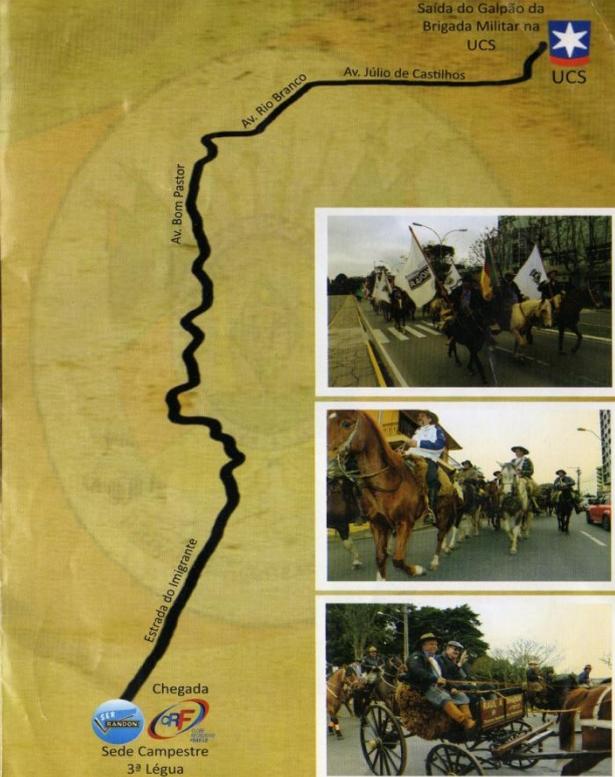
Raul Anselmo Randon

Programação
02 de agosto de 2014.

08h - Recepção dos Cavalheiros
 08h15min - Organização das bandeiras
 08h30min - Saída do Galpão da Brigada Militar na UCS.

Na chegada, bênção dos Cavalheiros e **Almoço.**

Importante: Acesso a Sede Campestre será restrito aos cavalheiros e equipe de apoio.



Saída do Galpão da Brigada Militar na UCS

UCS

Av. Júlio de Castilhos

Av. Rio Branco

Av. Bom Pastor

Estrada do Imigrante

Chegada

Sede Campestre
3ª Légua








FIGURA 30: SER RANDON. INFORMATIVO DA 7ª CAVALGADA RAUL ANSELMO RANDON. CAXIAS DO SUL, 2014.

SURGE O C.T.G. "VELHA CARRETA"

Com o objetivo de difundir a nossa cultura nativa, além de levar a mensagem gaúcha a todos quantos queiram ouvir e participar, surge dentro da Fras-le o grupo folclórico do C.T.G. Velha Carreta.

Para saber mais detalhes sobre este grupo, fomos ouvir o nosso colega José A. Oliveira, patrão do C.T.G. Velha Carreta.

Informativo Fras-le - Patrão, porque criar um grupo folclórico gaúcho dentro da empresa?

José A. Oliveira - Como todos nós sabemos, grande parte das pessoas que aqui trabalham são oriundas de regiões vizinhas, como Vacaria, Esmeralda, Bom Jesus, São Francisco de Paula e outras cidades onde os costumes nativos são muito mais difundidos e praticados do que aqui em Caxias, então todos nós temos uma carência muito grande de reviver as nossas origens e as nossas tradições, por isso a idéia de criar um grupo folclórico aqui dentro, para que possamos manter acesa a chama do tradicionalismo que existe em nós.

Informativo Fras-le - Como funcionará o Grupo?

Patrão Oliveira - A diretoria do C.T.G. atualmente está assim constituída: José A. Oliveira - Patrão; Adair C. Alves - 1º vice; Raul R. S. dos Santos, 2º vice; Itamar Silva - 1º secretário; Valdemar Castilhos, 2º secretário; Celso O. do Prado, 1º tesoureiro e Alceu Homem, 2º tesoureiro, e o nosso pensamento é formar uma invernada artística só com pessoas da Fras-le, para que possamos divulgar não só a nossa música mas, também, a nossa empresa.

Informativo Fras-le - Por que o nome de Velha Carreta?

Patrão Oliveira - Bem, porque já existe o símbolo em nossa sede em Forqueta, mas o principal é devido a importância do que a carreta representou e ainda representa na vida de todos nós.

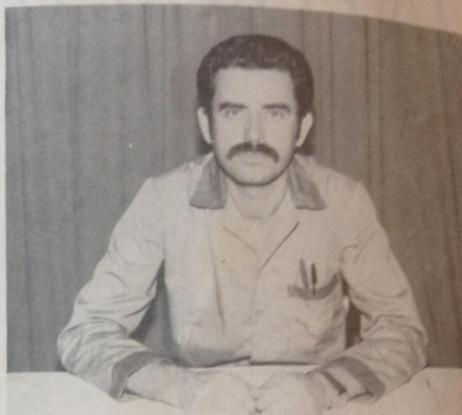
Informativo Fras-le - O que mais o grupo pretende fazer?

Patrão Oliveira - Nós temos muitas idéias que precisam de tempo para serem postas em prática, mas uma coisa que nós pretendemos realizar seguidamente em nossa sede em Forqueta é uma Tertúlia, onde os nossos talentos aqui da empresa possam comparecer e demonstrar através da música, da trova, da declamação, enfim, através de outras expressões o talento artístico que nós sabemos que muitas pessoas possuem, mas que por falta de oportunidade fica oprimido dentro da gente. Também pretendemos realizar durante as tertúlias, carreiros, churrascos e até alguns bailes.

Informativo Fras-le - Mais alguma coisa Patrão?

Patrão Oliveira - Gostaria apenas de conchamar a todos os nossos colegas para que venham participar conosco, através de sugestões e participando das atividades que serão desenvolvidas.

Os interessados em participar da invernada artística devem procurar a diretoria acima citada.



Patrão José A. Oliveira



Diretoria do C.T.G

FIGURA 31: FRAS-LE. INFORMATIVO INTERNO. BOLETIM 031, ANO 07, MAIO/JUNHO DE 1984. CAXIAS DO SUL, 1984



FIGURA 44 - MOLDURAS ALUSIVAS AOS PATRÕES (INCLUINDO O PATRÃO DE HONRA) DO CTG OS CARRETEIROS, EM ANTE-SALA DO GALPÃO VELHA CARRETA.

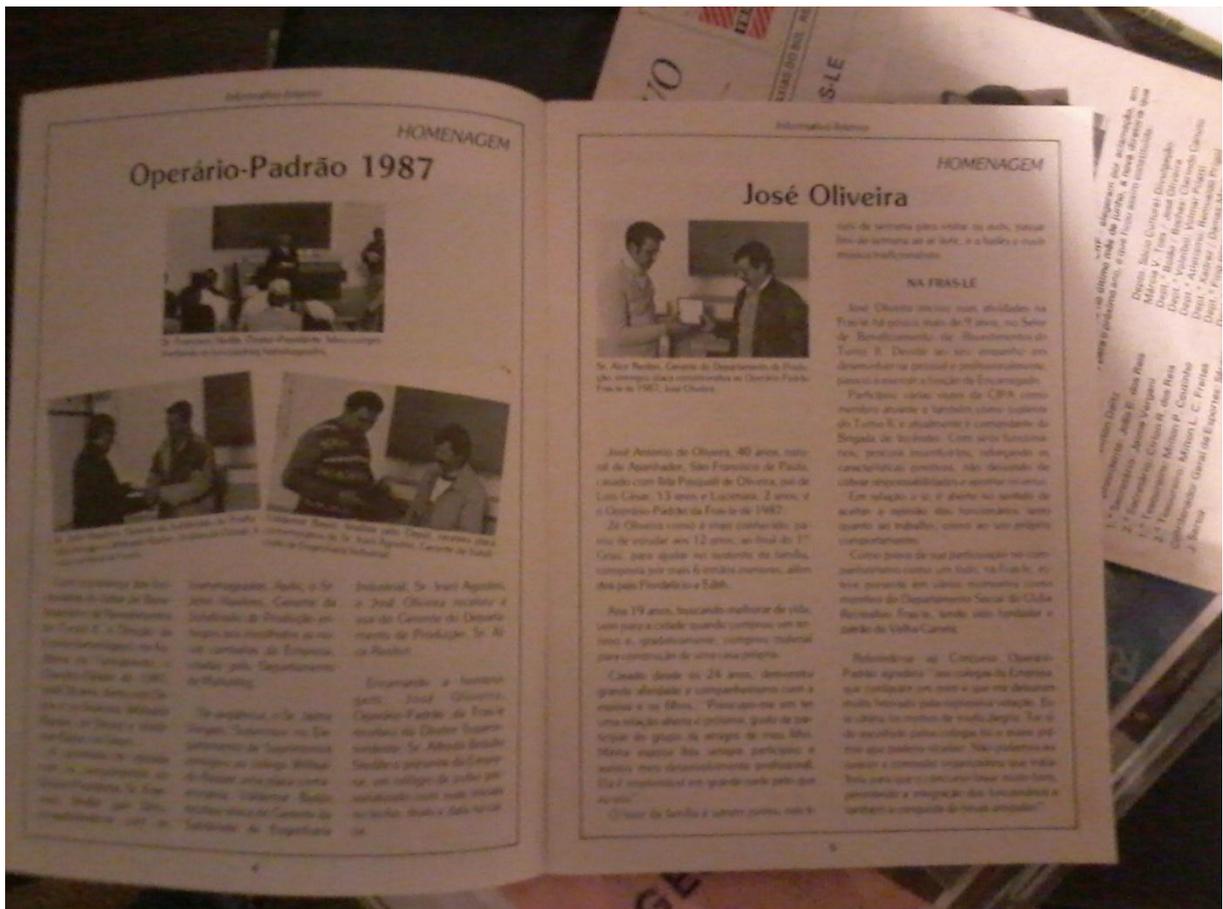


FIGURA 45 – FRAS-LE. INFORMATIVO INTERNO. BOLETIM 050, ANO 10, JULHO/AGOSTO 1987.
CAXIAS DO SUL